

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA**

TADINEI DANIEL JACUMASSO

**Atitudes, representações e políticas linguísticas: lugares que a língua espanhola ocupa no
imaginário de paranaenses**

**SÃO PAULO
2018**

TADINEI DANIEL JACUMASSO

Atitudes, representações e políticas linguísticas: lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário de paranaenses

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

De acordo:

A handwritten signature in purple ink, appearing to read 'A. Fanjul', with a long horizontal stroke underneath.

**SÃO PAULO
2018**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

J12a Jacumasso, Tadinei Daniel
Atitudes, representações e políticas linguísticas:
lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário de
paranaenses / Tadinei Daniel Jacumasso ; orientador
Adrián Pablo Fanjul. - São Paulo, 2018.
493 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola
e Hispano-Americana.

1. CH 791. 2. CH 791.19. 3. CH 791.23. I. Fanjul,
Adrián Pablo, orient. II. Título.

JACUMASSO, T. D. **Atitudes, representações e políticas linguísticas**: lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário de paranaenses. 2018. 493 p. Tese (Doutorado em Letras – Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovado em: 08/12/2017

Banca Examinadora

Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra. Neide Therezinha Maia González

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra. Fernanda dos Santos Castelano Rodrigues

Instituição: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Xoán Carlos Lagares Diez

Instituição: Universidade Federal Fluminense – UFF

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra. Cibele Krause Lemke

Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

Julgamento: Aprovado

À minha filha Betina, que encheu de vida a minha rotina de escritor de tese. Ao meu filho Matias, que está por vir ao mundo nos dias em que esta tese será defendida. E à mãe deles também.

À minha noninha, que onde estiver deve estar orgulhosa do seu neto. Dela tenho, entre tantas lembranças, a de ter me ensinado as primeiras letras.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul, por ter me aceitado como seu orientando e por ter me permitido escolher caminhos para serem trilhados. Sua orientação foi precisa, inspiradora, eficiente e merecedora dos mais altos elogios. É um orgulho para mim ter sido orientado pelo senhor.

Aos membros da banca: Prof. Dr. Xoán Lagares, por ter me recebido tão bem na Universidade Federal Fluminense (UFF), na sua disciplina, que serviu de base para a fundamentação teórica deste trabalho e pelas valiosas contribuições no momento da Banca de Qualificação. Profa. Dra. Neide González, por ter acompanhado este trabalho desde a arguição do projeto, pela generosidade que lhe é peculiar e pelas inestimáveis sugestões e indagações na ocasião da Banca de Qualificação. Profa. Dra. Cibele Krause Lemke, amiga e colega de trabalho, por ter me ensinado os primeiros passos da pesquisa científica, quando foi minha orientadora na graduação, e por ser uma interlocutora constante, incentivadora e parceira de projetos e de lutas.

Aos colegas da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), especialmente aos do Departamento de Letras de Irati, por permitirem que eu me afastasse das atividades e me dedicasse à qualificação docente nesses últimos quatro anos.

Aos colegas da Universidade de São Paulo (USP), da UFF e da Universidad Nacional de Córdoba (UNC), que dialogaram comigo sobre temas do Doutorado e de outras ordens.

Aos servidores técnicos da USP, especialmente aos do Departamento de Letras Modernas (DLM), por fazerem que toda a tramitação documental ocorresse, e aos servidores dos restaurantes (bandejão) e do Conjunto Residencial da USP (CRUSP), que me “deram” comida e pouso quando estive em São Paulo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro para realizar, em 2015, uma missão de estudos (Doutorado Sanduíche) na UNC, em Córdoba, na Argentina. Aqui cabe um agradecimento especial à professora Maria Teresa Toniolo, que foi minha tutora durante o período que estudei naquele país.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de estudos durante três anos e meio.

À querida amiga Wilma Rigolon, por ter me ajudado a dar os primeiros passos em São Paulo.

À Virginia Unamuno, por ter me ajudado a construir uma interrogação que mais tarde deu lugar a um projeto de pesquisa que deu origem a esta tese.

Ao meu sogro Genoel e à minha sogra Fátima, que em diversos momentos abdicaram de seus afazeres para que eu pudesse me dedicar ao Doutorado. O suporte de vocês foi fundamental para a conclusão deste estudo.

Aos meus pais Tadeu e Nadir, que desde sempre me incentivaram e me proporcionaram condições para a realização dos meus estudos. Obrigado por me permitirem estar ausente sem nunca reclamar por isso.

À minha cãopanheira Paçoca, que foi privada de tantos passeios e parceira de muitas madrugadas nesse período de estudos.

À minha esposa Marielli, que está sempre junto comigo, torcendo e incentivando. Obrigado pela interlocução diária, pela ajuda constante e por cuidar de mim e da nossa família nesses últimos quatro anos.

Aos amigos e familiares, aos que ajudaram de alguma forma, e aos que não atrapalharam. Especialmente à minha madrinha, que sempre me incentivou.

Aos informantes por terem aceitado contribuir com esta pesquisa. Sem vocês não haveria esta tese. Também aos servidores técnicos das escolas e dos Núcleos Regionais de Educação (NRE's) por intermediarem a minha entrada nas escolas.

A Deus, por ter me ajudado a tomar as decisões adequadas em cada etapa da pesquisa e por ter me protegido no vai-e-vem das viagens, por terra, céu e mar.

Têm coisas que tem seu valor
Avaliado em quilates, em cifras e fins
Em cifras e fins...
E outras não têm o apreço
Nem pagam o preço que valem pra mim.
(MARENCO, 2005).

RESUMO

JACUMASSO, T. D. **Atitudes, representações e políticas linguísticas:** lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário de paranaenses. 2018. 493 p. Tese (Doutorado em Letras – Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta tese focaliza lugares que ocupa a língua espanhola em relação a outras línguas no imaginário de paranaenses vinculados a três escolas localizadas em Irati, Foz do Iguaçu e Curitiba. Trata-se de uma pesquisa sobre atitudes, representações e políticas linguísticas que adota como instrumentos para a composição do *corpus* questionários e entrevistas com informantes variados, a saber: alunos, pais de alunos, professores e gestores da educação. A pesquisa se apoia em estudos como os de Lambert (1967), Calvet (2004) e Petitjean (2009), para fundamentar as questões de atitudes e representações linguísticas, em estudos como os de Cooper (1997), Calvet (2007) e Hamel (2013), para tratar das noções de políticas linguísticas, e em pesquisas como as de Picanço (2003) e Rodrigues, F. (2012), para apresentar um panorama da inserção do espanhol no currículo escolar brasileiro e paranaense. Os resultados desta investigação apontam que há uma certa relativização no que diz respeito à representação da facilidade do espanhol para o brasileiro, motivada principalmente pelos efeitos da escolarização do espanhol, ocorrida nas últimas duas décadas; verificou-se, também, por meio das atitudes e representações dos informantes, que o inglês aparece como uma língua que serve para “tudo”, que é a língua da ciência e que os paranaenses possuem pouco conhecimento dessa língua, o que faz com que haja necessidade de mensuração sobre o tamanho do seu saber; observou-se, além disso, na amostra pesquisada, um movimento que tende a negar uma realidade linguística existente no Estado do Paraná e, por outra parte, uma reafirmação de uma suposta diversidade que, obviamente, não é condizente com o real. Conclui-se, portanto, que a língua espanhola ocupa lugares diferentes, como, por exemplo: i) lugar de língua de leitura numa comparação com o inglês, que ocupa um lugar imaginário de língua para a comunicação oral; ii) lugar de língua internacional, necessária e equiparada ao inglês em algumas condições; iii) lugar de língua possível para o brasileiro, preferida em diversas situações comunicativas e indispensável em outras quando não se pode usar o português.

Palavras-chave: Atitudes e representações linguísticas. Políticas linguísticas. Língua espanhola. Paraná.

RESUMEM

JACUMASSO, T. D. **Actitudes, representaciones y políticas lingüísticas:** lugares que la lengua española ocupa en el imaginario de paranaenses. 2018. 493 p. Tese (Doutorado em Letras – Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta tesis se centra en lugares que ocupa la lengua española en relación a otras lenguas en el imaginario de paranaenses vinculados a tres escuelas ubicadas en Irati, Foz do Iguaçu y Curitiba. Se trata de una investigación sobre actitudes, representaciones y políticas lingüísticas que adopta como instrumentos para la composición del *corpus* cuestionarios y entrevistas con informantes variados, a saber: alumnos, padres de alumnos, profesores y gestores de la educación. La pesquisa se apoya en estudios como los de Lambert (1967), Calvet (2004) y Petitjean (2009), para fundamentar las cuestiones de actitudes y representaciones lingüísticas, en estudios como los de Cooper (1997), Calvet (2007) y Hamel (2013), para tratar de las nociones de políticas lingüísticas, y en pesquisas como las de Picanço (2003) y Rodrigues, F. (2012), para presentar un panorama de la inserción del español en el currículo escolar brasileño y paranaense. Los resultados de esta investigación apuntan que hay una cierta relativización en lo que se refiere a la representación de la facilidad del español para el brasileño, motivada principalmente por los efectos de la escolarización del español, ocurrida en las últimas dos décadas; se verificó, también, por medio de las actitudes y representaciones de los informantes, que el inglés aparece como una lengua que sirve para “todo”, que es la lengua de la ciencia y que los paranaenses poseen poco conocimiento de esa lengua, lo que hace con que haya necesidad de mensuración sobre el tamaño de su saber; se observó, además, en la muestra pesquisada, un movimiento que tiende a negar una realidad lingüística existente en el Estado de Paraná y, por otra parte, una reafirmación de una supuesta diversidad que, obviamente, no condice con el real. Se concluye, por lo tanto, que la lengua española ocupa lugares diferentes, como, por ejemplo: i) lugar de lengua de lectura en una comparación con el inglés, que ocupa un lugar imaginario de lengua para la comunicación oral; ii) lugar de lengua internacional, necesaria y equiparada al inglés en algunas condiciones; iii) lugar de lengua posible para el brasileño, preferida en diversas situaciones comunicativas e indispensable en otras cuando no se puede usar el portugués.

Palabras-clave: Actitudes y representaciones lingüísticas. Políticas lingüísticas. Lengua española. Paraná.

ABSTRACT

JACUMASSO, T. D. **Attitudes, representations, and language policies: the places of the Spanish language in the imaginary of paranaenses.** 2018. 493 p. Tese (Doutorado em Letras – Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This dissertation focuses on the places occupied by the Spanish language in relation to other languages in the imageries of Paranaenses linked to three schools, located in Irati, Foz do Iguaçu and Curitiba. It is a study about the attitudes, representations and language policies which adopts as instruments for the composition of its *corpus* questionnaires and interviews with various informants, that is: students, students' parents, teachers and educational managers. The research is based on studies such as Lambert's (1967), Calvet's (2004) and Petitjean's (2009) to support the questions of attitudes and linguistic representations, on studies such as Cooper's (1997), Calvet's (2007) and Hamel's (2013) to deal with the notions of language policies and on research such as Picanço's (2003) and F. Rodrigues's (2012) to present a panorama of the insertion of Spanish in the Brazilian and Paranaense school curriculum. The results of this investigation point out to a certain relativization in what regards the representation of how easy Spanish is to Brazilians, motivated especially by the effects of teaching Spanish at schools, which occurred in the last two decades; it has also been verified, by means of the attitudes and representations of informants, that English is seen as a language which will help with "everything", that it is the language of science and that Paranaenses have little knowledge of this language, which creates a necessity for measuring the extent of their knowledge; it has also been observed, in the sample studied, a movement which tends to negate a linguistic reality existing in the State of Paraná and, on the other hand, a reaffirmation of a supposed diversity which, obviously, is not consistent with reality. It is concluded, therefore, that the Spanish language occupies different places, such as: i) a place of reading language in a comparison with English, which occupies an imaginary place of language for oral communication; ii) a place of international language, necessary and equivalent to English in some situations; iii) a place of possible language for Brazilians, preferred in different communicative situations and indispensable in others when Portuguese cannot be used.

Keywords: Attitudes and linguistic representations. Language policies. Spanish language. Paraná.

LISTA DE MAPA

Mapa 1 – Localização dos três municípios paranaenses onde estão as escolas pesquisadas.....	76

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Casa da Memória Étnica de Gonçalves Júnior.....	78
Fotografia 2 – Igreja Católica Ucraniana	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Resultados referentes ao item 1 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	92
Gráfico 2 –	Resultados referentes ao item 2 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	93
Gráfico 3 –	Resultados referentes ao item 3 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	94
Gráfico 4 –	Resultados referentes ao item 4 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	95
Gráfico 5 –	Resultados referentes ao item 5 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	96
Gráfico 6 –	Resultados referentes ao item 6 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	97
Gráfico 7 –	Resultados referentes aos itens 7, 8 e 9 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	99
Gráfico 8 –	Resultados referentes aos itens 10, 11 e 12 dos alunos de Foz do Iguaçu..	100
Gráfico 9 –	Resultados referentes ao item 19 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	101
Gráfico 10 –	Resultados referentes ao item 33 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	102
Gráfico 11 –	Resultados referentes ao item 1 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	103
Gráfico 12 –	Resultados referentes ao item 4 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	104
Gráfico 13 –	Resultados referentes ao item 5 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	105
Gráfico 14 –	Resultados referentes ao item 6 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	106
Gráfico 15 –	Resultados referentes ao item 7 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	107
Gráfico 16 –	Resultados referentes ao item 8 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	108
Gráfico 17 –	Resultados referentes ao item 9 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	109
Gráfico 18 –	Resultados referentes aos itens 11, 12 e 13 dos adultos de Foz do Iguaçu.	110
Gráfico 19 –	Resultados referentes aos itens 14, 15 e 16 dos adultos de Foz do Iguaçu.	112
Gráfico 20 –	Resultados referentes ao item 33 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	113
Gráfico 21 –	Resultados referentes ao item 1 dos alunos de Irati.....	114
Gráfico 22 –	Resultados referentes ao item 2 dos alunos de Irati.....	115
Gráfico 23 –	Resultados referentes ao item 3 dos alunos de Irati.....	115
Gráfico 24 –	Resultados referentes ao item 4 dos alunos de Irati.....	117
Gráfico 25 –	Resultados referentes ao item 5 dos alunos de Irati.....	117
Gráfico 26 –	Resultados referentes ao item 6 dos alunos de Irati.....	118
Gráfico 27 –	Resultados referentes aos itens 7, 8 e 9 dos alunos de Irati.....	120
Gráfico 28 –	Resultados referentes aos itens 10, 11 e 12 dos alunos de Irati.....	121
Gráfico 29 –	Resultados referentes ao item 19 dos alunos de Irati.....	122
Gráfico 30 –	Resultados referentes ao item 33 dos alunos de Irati.....	123
Gráfico 31 –	Resultados referentes ao item 1 dos adultos de Irati.....	124
Gráfico 32 –	Resultados referentes ao item 4 dos adultos de Irati.....	125
Gráfico 33 –	Resultados referentes ao item 5 dos adultos de Irati.....	126

Gráfico 34 –	Resultados referentes ao item 6 dos adultos de Irati.....	126
Gráfico 35 –	Resultados referentes ao item 7 dos adultos de Irati.....	128
Gráfico 36 –	Resultados referentes ao item 8 dos adultos de Irati.....	128
Gráfico 37 –	Resultados referentes ao item 9 dos adultos de Irati.....	129
Gráfico 38 –	Resultados referentes aos itens 11, 12 e 13 dos adultos de Irati.....	130
Gráfico 39 –	Resultados referentes aos itens 14, 15 e 16 dos adultos de Irati.....	131
Gráfico 40 –	Resultados referentes ao item 33 dos adultos de Irati.....	132
Gráfico 41 –	Resultados referentes ao item 1 dos alunos de Curitiba.....	133
Gráfico 42 –	Resultados referentes ao item 2 dos alunos de Curitiba.....	134
Gráfico 43 –	Resultados referentes ao item 3 dos alunos de Curitiba.....	135
Gráfico 44 –	Resultados referentes ao item 4 dos alunos de Curitiba.....	136
Gráfico 45 –	Resultados referentes aos itens 5 e 6 dos alunos de Curitiba.....	137
Gráfico 46 –	Resultados referentes aos itens 7 e 8 dos alunos de Curitiba.....	138
Gráfico 47 –	Resultados referentes aos itens 11 e 12 dos alunos de Curitiba.....	139
Gráfico 48 –	Resultados referentes ao item 25 dos alunos de Curitiba.....	140
Gráfico 49 –	Resultados referentes ao item 1 dos adultos de Curitiba.....	141
Gráfico 50 –	Resultados referentes ao item 5 dos adultos de Curitiba.....	142
Gráfico 51 –	Resultados referentes ao item 6 dos adultos de Curitiba.....	142
Gráfico 52 –	Resultados referentes ao item 7 dos adultos de Curitiba.....	143
Gráfico 53 –	Resultados referentes ao item 8 dos adultos de Curitiba.....	144
Gráfico 54 –	Resultados referentes aos itens 10 e 11 dos adultos de Curitiba.	145
Gráfico 55 –	Resultados referentes aos itens 12 e 13 dos adultos de Curitiba.....	146
Gráfico 56 –	Resultados referentes ao item 26 dos adultos de Curitiba.....	146
Gráfico 57 –	Percentuais das línguas estrangeiras escolhidas no vestibular da UNICENTRO de 2017.....	160
Gráfico 58 –	Número de indicações dos alunos de Curitiba.....	161
Gráfico 59 –	Número de indicações dos alunos de Foz do Iguaçu.....	161
Gráfico 60 –	Número de indicações dos alunos de Irati.....	162
Gráfico 61 –	Número de indicações dos pais dos adultos.....	162
Gráfico 62 –	Percentuais gerais de todos os grupos de informantes.....	175
Gráfico 63 –	Número de indicações de países para aprender uma língua estrangeira.....	187
Gráfico 64 –	Número de indicações de países para aprender uma língua estrangeira somente do grupo dos professores de espanhol.....	189
Gráfico 65 –	Número de indicações sobre a presença do guarani.....	191
Gráfico 66 –	Número de indicações sobre a presença do ucraniano.....	191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Municípios e suas respectivas línguas cooficializadas.....	62
Quadro 2 –	Informantes que responderam aos questionários por escola.....	67
Quadro 3 –	Informantes que responderam questionários <i>on line</i>	70
Quadro 4 –	Informantes que participaram das entrevistas por escola.....	72
Quadro 5 –	Composição dos códigos dos grupos de informantes.....	83
Quadro 6 –	Resultado referente aos itens 1, 2 e 3 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	94
Quadro 7 –	Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos alunos de Foz do Iguaçu.....	97
Quadro 8 –	Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	106
Quadro 9 –	Resultado referente aos itens 7, 8 e 9 dos adultos de Foz do Iguaçu.....	109
Quadro 10 –	Resultado referente aos itens 1, 2 e 3 dos alunos de Irati.....	113
Quadro 11 –	Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos alunos de Irati.....	118
Quadro 12 –	Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos adultos de Irati.....	127
Quadro 13 –	Resultado referente aos itens 7, 8 e 9 dos adultos de Irati.....	129
Quadro 14 –	Resultado referente aos itens 1 e 2 dos alunos de Curitiba.....	134
Quadro 15 –	Resultado referente aos itens 3 e 4 dos alunos de Curitiba.....	136
Quadro 16 –	Resultado referente aos itens 5 e 6 dos adultos de Curitiba.....	143
Quadro 17 –	Resultado referente aos itens 7 e 8 dos adultos de Curitiba.....	144

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
AOLP90	Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
APEEPR	Associação de Professores de Espanhol do Estado do Paraná
BBVA	Banco Bilbao Vizcaya Argentaria
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD-ROM	Compact Disc Read-Only Memory
CELEM	Centro de Línguas Estrangeiras Modernas
CE-PR	Conselho Estadual de Educação
COMEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONICET	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas
COPESBRA	Comissão Permanente de Acompanhamento da Implantação do Espanhol no Sistema Educativo Brasileiro
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DECOMP	Departamento de Ciência da Computação
DLM	Departamento de Línguas Modernas
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
FFLCH	Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
HD	Disco Rígido
IILP	Instituto Internacional da Língua Portuguesa
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NEES	Núcleo de Estudos Eslavos
NRE	Núcleo Regional de Educação
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PB	Português Brasileiro
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Português Europeu
PEIBF	Programa de Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira
PEIF	Programa Escolas Interculturais de Fronteira
PFI	Paraná Fala Inglês
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPP	Plano Político Pedagógico
PROUNI	Programa Universidade para Todos
RAE	Real Academia Española
SEED-PR	Secretaria da Educação do Paraná
SEE-SP	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCLE's	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UBA	Universidad de Buenos Aires
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNE	União Nacional de Estudantes
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
Motivações pessoais para a realização deste trabalho	24
Organização do texto.....	26
 CAPÍTULO 1 ENTRE LEIS, LÍNGUAS E REFORMAS: HISTÓRICO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS E LINGUÍSTICAS NO BRASIL	 29
1.1 A inserção do espanhol nas escolas brasileiras e paranaenses	31
 CAPÍTULO 2 ATITUDES, REPRESENTAÇÕES E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS	 43
2.1 Contextualização e conceitos de atitudes e representações linguísticas	43
2.2 Noções de políticas linguísticas.....	52
2.3 Políticas linguísticas para o português, o espanhol, o inglês e as línguas minorizadas	55
 CAPÍTULO 3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	 67
3.1 Descrição dos instrumentos	67
3.1.1 Questionário.....	67
3.1.2 Roteiro de entrevistas.....	70
3.2 Convenções para a transcrição das entrevistas	73
3.3 Metodologia para a análise dos dados	74
3.4 Armazenamento dos materiais	75
3.5 A escolha e a descrição das escolas.....	75
3.5.1 Colégio Estadual Gonçalves Júnior	77
3.5.2 Colégio Estadual Sol de Maio	79
3.5.3 Colégio Estadual Barão do Rio Branco	80
3.6 Os informantes.....	80
3.6.1 Alunos regularmente matriculados no Ensino Médio.....	81
3.6.2 Pais e mães de alunos matriculados no Ensino Médio	82
3.6.3 Professores	82
3.6.4 Gestores	82
3.7 A tramitação do projeto de pesquisa e os percalços desse caminho	83

CAPÍTULOS 4 DESCRIÇÃO DE DADOS QUANTITATIVOS	89
4.1 Lugares do espanhol na fronteira – descrição dos resultados – grupo de informantes: alunos	91
4.2 Lugares do espanhol na fronteira – descrição dos resultados – grupo de informantes: pais de alunos, professores e diretora da escola.....	102
4.3 Lugares do espanhol no Centro-sul – descrição dos resultados – grupo de informantes: alunos	113
4.4 Lugares do espanhol no Centro-sul – descrição dos resultados – grupo de informantes: pais de alunos, professores e diretora da escola.....	123
4.5 Lugares do espanhol na capital – descrição dos resultados – grupo de informantes: alunos	132
4.6 Lugares do espanhol na capital – descrição dos resultados – grupo de informantes: pais de alunos, professores e diretora da escola.....	140
Palavras finais do capítulo	147
CAPÍTULO 5 ANÁLISE DOS DADOS – LUGARES DAS LÍNGUAS NO PARANÁ.151	
5.1 Relativização da facilidade do espanhol: proximidade não significa facilidade.....	152
5.1.1 Fatos político-linguísticos que influem no <i>status</i> do espanhol no Brasil	163
5.2 O espanhol como língua de leitura e o inglês como língua de comunicação oral	168
5.3 Para a saúde, o espanhol. Para a ciência, o inglês: lugares diferentes para línguas diferentes	174
5.4 Sei pouco, mas ele é bom pra tudo: representações sobre o inglês	180
5.5 O mundo de portas abertas: diversidade de escolhas linguísticas	186
5.6 Os lugares das línguas em situação de minorização	189
5.7 Representações sobre o plurilinguismo paranaense.....	196
Palavras finais do capítulo	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
REFERÊNCIAS	211
ANEXOS – CADERNO DA TESE	221
ANEXO A – Roteiro de entrevista	221

ANEXO B – Modelo de questionário – Irati – alunos.....	223
ANEXO C – Modelo de questionário – Foz do Iguaçu – Alunos	231
ANEXO D – Modelo de questionário – Curitiba – Alunos.....	239
ANEXO E – Modelo de questionário – Irati – adultos.....	245
ANEXO F – Modelo de questionário – Foz do Iguaçu – adultos	253
ANEXO G – Modelo de questionário – Curitiba – adultos	261
ANEXO H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Entrevista.....	267
ANEXO I – Termo de Assentimento para criança e adolescente - Alunos	269
ANEXO J – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Questionário - Adultos ...	271
ANEXO K – Modelo de convite enviado aos pais.....	273
ANEXOS – CD-ROM.....	275
ANEXO L – Transcrições das entrevistas.....	276
ANEXO M – Resultados dos questionários.....	343

INTRODUÇÃO

O leitor encontrará nesta tese os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo central estudar atitudes, representações e políticas linguísticas, com a finalidade principal de investigar que lugares ocupa a língua espanhola em relação a outras línguas no imaginário de paranaenses. O *corpus* foi constituído por respostas dadas por informantes vinculados a três escolas públicas localizadas em regiões diferentes do Estado do Paraná.

A problemática que apresentamos como espinha dorsal do trabalho é a de indagar como uma língua estrangeira, no caso, a espanhola, que não constitui diretamente parte do plurilinguismo histórico brasileiro, se insere nas práticas sociolinguísticas dos falantes paranaenses e nas representações sociais sobre a diversidade linguística. Em outros termos, investigamos, por meio da aplicação de questionários e entrevistas, que lugares ocupa a língua espanhola em relação a outras línguas no imaginário de agentes que, de alguma forma, se aproximam dessa língua na escola e na sociedade.

Delimitamos, inicialmente, como espaço para investigar as atitudes e representações linguísticas, três escolas situadas geograficamente de modo estratégico para a nossa pesquisa, a saber: i) uma escola da região Centro-Sul do Paraná, localizada na zona rural¹ do município de Irati, numa comunidade chamada Gonçalves Júnior; ii) uma escola localizada na região fronteira do Estado, na cidade de Foz do Iguaçu e; iii) uma escola situada em Curitiba, a capital do Paraná.

No primeiro caso (escola rural), o problema gira em torno de indagar lugares que a língua espanhola pode ter num contexto sociolinguisticamente complexo em que há outra(s) língua(s) em disputa, alguma(s) delas ainda faladas pelos membros da comunidade, o que implica, às vezes, num apelo de se incluir no currículo da escola local a língua ucraniana, por exemplo, por ser essa língua um dos elementos culturais que caracterizam aquela comunidade e aquele grupo de falantes, haja vista que se trata de uma comunidade conhecida como de imigração.

Na segunda escola (a fronteira), o problema ganha contornos em volta da proximidade geográfica que (des)une brasileiros, paraguaios e argentinos, por exemplo, de modo que isso é algo que historicamente tem sido usado como argumento favorável para tentar incluir o

¹ Na região Centro-Sul do Paraná, ainda há municípios com características mais rurais que urbanas. Alguns estudos sociolinguísticos têm apontado para o progressivo desaparecimento dessas comunidades rurais, em alguns casos essas comunidades acabam sendo incorporadas às cidades, em outros, o êxodo rural tem deixado nessas comunidades apenas as gerações mais velhas.

espanhol no currículo das escolas brasileiras. Não são poucos os casos de escolas brasileiras de fronteira que recebem alunos de outros países hispanos e que se apresentam como contextos interessantes de se verificar, por meio das atitudes e representações linguísticas desses falantes, sobretudo daqueles atores que estão vinculados à escola, que lugares ocupa o espanhol nesse contexto².

Na terceira escola (a da capital), a problemática que se põe em tela é o lugar que ocupa a língua espanhola em relação a outras línguas numa escola urbana de uma grande cidade brasileira, local onde concorrem discursos de línguas mais valorizadas internacionalmente, língua franca, língua de negócios, perspectivas de viagens internacionais etc.

Trata-se, portanto, de um estudo sociolinguístico que passa por questões de políticas linguísticas, atitudes e representações em torno do plurilinguismo, com especial atenção para o *status* das línguas. Em termos de contextualização, são apresentados alguns aspectos gerais da situação sociolinguística histórica do Brasil e, em particular, do Estado do Paraná. Nessa perspectiva, o estudo trata, por exemplo, das línguas em situação de minorização, da representação do inglês como língua internacional e língua estrangeira nas escolas brasileiras, do contato geográfico entre as línguas e seus falantes, assim como da inserção do espanhol como língua estrangeira no currículo escolar brasileiro.

Cabe ressaltar que não se trata de fazer um estudo comparativo entre as três escolas. A proposta do trabalho está vinculada a dar conta de pesquisar, sobretudo, as atitudes e representações sobre as línguas em contextos diferentes, e poder conhecer e refletir sobre as práticas institucionais que ali se produzem, em diferentes ordens.

Optamos, nesta tese, por trabalhar com os termos *atitudes* e *representações* linguísticas um ao lado do outro. Essa decisão foi tomada porque entendemos que o nosso estudo não versa apenas sobre atitudes e também não trata somente de representações. Além disso, é cabível observar que não entendemos que esses são termos sinônimos, e que podem ser usados indistintamente. No segundo capítulo desta tese, discorreremos de modo mais amplo e com referências sobre o uso dos dois termos lado a lado. De forma resumida, observamos que as atitudes estão mais no plano das reações imediatas a determinados estímulos, e se localizam no nível das disposições para o agir espontâneo, na nossa pesquisa mais vinculadas às respostas objetivas e imediatas, dadas aos itens dos questionários, e as representações linguísticas estão menos vinculadas a um comportamento imediato, espontâneo, elas são mais discursivas e

² Em Dalinghaus (2009), por exemplo, há uma descrição interessante acerca dos brasiguaios em escolas de Ponta Porã, MS.

complexas, são ideias que ajudam a construir uma realidade social, surgem da interação, possuem um núcleo mais ou menos compartilhado pelos membros da comunidade, e estão apresentadas, no nosso estudo, mais relacionadas às entrevistas. Do nosso ponto de vista, por estarem numa dimensão qualitativa, as entrevistas se desenvolvem numa superfície discursiva mais rica. Já os questionários servem inicialmente para mapear as atitudes linguísticas.

O objetivo principal da nossa pesquisa foi investigar que lugares ocupa a língua espanhola em relação a outras línguas por meio de atitudes e representações linguísticas de informantes paranaenses que, direta ou indiretamente, se envolvem com essa língua nas escolas no Estado do Paraná. Para atingir o objetivo central, fixamos alguns objetivos específicos, como: i) investigar como se comportariam essas pessoas se fossem hipoteticamente legisladoras autorizadas pelo Estado a tomar decisões político-linguísticas; ii) indagar o que fariam os informantes diante de supostas situações em que seu interlocutor não soubesse falar português; iii) averiguar se os lugares dados ao espanhol e às outras línguas são diferentes no nível da oralidade e da leitura; iv) pesquisar se a representação sobre o plurilinguismo paranaense está vinculada a atitudes favoráveis à conservação de línguas em situação de minorização; v) analisar se a proximidade entre o português e o espanhol se traduz em representação de facilidade na compreensão e na aprendizagem da língua espanhola para os paranaenses.

Ao longo do trabalho, fomos construindo algumas hipóteses sobre os lugares que ocupa a língua espanhola no imaginário dos paranaenses. Entre as primeiras hipóteses construídas, imaginamos que as atitudes e representações dos informantes tenderiam a mostrar que o lugar que ocupa essa língua não é de destaque em relação a outras línguas nos contextos e moldes em que propusemos a pesquisa. Acreditamos também que não haveria um lugar significativo para o espanhol em relação às línguas de imigração (ucraniano, polonês, alemão e italiano, por exemplo) presentes na comunidade rural onde se localiza uma das escolas, justamente porque nos imaginários poderia rondar um desejo de reavivamento das memórias imigrantes e da conservação de elementos culturais herdados de outras gerações. Ademais, pressupomos que não haveria um lugar de destaque no contexto de fronteira (porque nesse lugar provavelmente o português será muito mais valorizado, e ali apareceriam muitas variáveis relacionadas às atitudes e representações, sejam os possíveis estereótipos que pesam sobre os paraguaios e/ou brasiguaios, e sobre língua espanhola, por consequência). Além disso, colocamos como hipótese inicial que não haveria lugar de destaque para o espanhol no contexto da escola de Curitiba. Tratava-se, como se pode perceber, de hipóteses um tanto quanto vagas, pois tratar de língua de *destaque* é algo complexo. A maioria dessas hipóteses não se confirmou, como explicitaremos na ocasião das análises presentes no capítulo 5. Pelo contrário, observamos que

os lugares que ocupa a língua espanhola não são tão menores assim como pressupunhamos. Num segundo momento, construímos hipóteses mais específicas já baseados em alguns dados empíricos. Nesse caso, essas hipóteses foram se confirmando, mesmo que parcialmente, e estão discutidas nas sete partes que compõem o último capítulo desta tese. Mas o que cabe ser ressaltado é que a “hipótese central” que pressupunha *um* lugar para o espanhol foi sendo abandonada porque concluímos que não há um lugar, no singular, para essa língua e, sim, *lugares* diferentes que são atribuídos em relação a outras línguas, que também ocupam lugares diversos.

Motivações pessoais para a realização deste trabalho

Toda pesquisa tem sua história de nascimento e a história da minha pesquisa de Doutorado será contada em primeira pessoa do singular, porque me parece que esta seção da introdução seja um espaço adequado para isso, uma vez que trato de motivações individuais. Nas outras partes da introdução e da tese, opto pelo uso da primeira pessoa do plural.

O primeiro contato mais sistemático que tive com os estudos de atitudes linguísticas foi ao final de 2008, quando cursava o Mestrado em Letras, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), de Cascavel. Na ocasião, fiz um curso com a professora Vanderci de Andrade Aguilera (docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL)), que compunha as atividades relacionadas à sua estadia na naquela universidade como professora visitante³. Todo o conhecimento dialetológico e geolinguístico apresentado pela professora Vanderci naquela disciplina, assim como acerca das crenças e das atitudes linguísticas, fez com que eu ficasse interessado em trilhar os caminhos da pesquisa nessa área. Já pensava, naquela época, durante as aulas e enquanto lia os textos indicados, que se um dia tivesse a oportunidade de fazer um Doutorado, aqueles temas me agradariam para desenvolver um estudo. Além disso, durante todo o período do Mestrado, eu pensava que no Doutorado eu deveria fazer uma pesquisa na área de espanhol, ou que envolvesse essa língua de alguma forma, haja vista que o projeto

³ O nome do projeto coordenado pela professora Vanderci de Andrade Aguilera e financiado pela Fundação Araucária era: *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato no interior paranaense*. A minha participação nesse projeto consistiu na aplicação de questionários e realização de entrevistas em Irati - Paraná. O objetivo do governo estadual paranaense, à época, ao financiar esse programa, era incentivar a realização de visitas de curta ou média duração de pesquisadores, preferencialmente estrangeiros, cuja formação e experiência profissional representassem uma contribuição inovadora aos cursos de pós-graduação *stricto sensu* e à consolidação de grupos de pesquisa sediados no Estado do Paraná. Merece destaque negativo o fato de o governo paranaense, após 2008, não ter aberto mais nenhum edital desse programa.

inicial do Mestrado previa uma aproximação aos estudos hispânicos e, por alguns motivos, ele não foi desenvolvido, dando lugar a um projeto que tratou de questões relacionadas à preservação da língua e da cultura ucraniana em Irati - Paraná.

Na minha dissertação de Mestrado (JACUMASSO, 2009), há um capítulo dedicado às crenças e atitudes linguísticas, e hoje posso reconhecer que há algumas fragilidades naquela parte do estudo, pois a pesquisa não focou especificamente as crenças e as atitudes e, portanto, não adotou uma metodologia específica para a coleta e a análise dos dados condizentes com essa temática. De qualquer forma, as reflexões feitas naquele momento e as leituras dos principais referenciais teóricos serviram para que houvesse uma aproximação maior com essa área da Sociolinguística, que certamente se refletem na execução deste trabalho.

Com esta condição em mente, a de fazer uma pesquisa de Doutorado envolvendo a língua espanhola, motivo mais do que justo para um professor e pesquisador de espanhol, iniciei um longo processo de leitura de editais de seleção e currículos de possíveis orientadores. No final de 2012, concorri a uma vaga em três processos seletivos e com projetos diferentes para entrar no Doutorado (Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)), os três sem sucesso. No primeiro semestre de 2013, disputei a uma vaga na Universidade de São Paulo (USP), no Programa de Pós-Graduação em Letras – Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, no Departamento de Letras Modernas (DLM), da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e também não obtive êxito. Logo após essa reprovação, fui dando precisão e consistência ao projeto, que apresentei na seleção de Doutorado do segundo semestre de 2013, na USP, e que aqui se apresenta desenvolvido na forma de tese de Doutorado.

Algumas ideias gerais para uma primeira versão do projeto de pesquisa (que mais tarde foram reformuladas e aprofundadas) nasceram de uma conversa informal com a professora Virginia Unamuno, da Universidad de Buenos Aires (UBA) e do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), na sua casa em Buenos Aires, numa manhã ensolarada de um sábado de inverno argentino. Ali surgiu a primeira interrogação que depois foi sendo lapidada: como o espanhol, uma língua não constitutiva diretamente do plurilinguismo brasileiro, se insere no imaginário das pessoas?

Ainda em tom de contextualização do estudo, apresento os motivos de ter escolhido realizar a pesquisa no Paraná. Um deles é que nasci e sempre vivi neste Estado. Além disso, o Paraná, localizado na região Sul do Brasil, apresenta-se como um lugar com significativa diversidade linguística e cultural, decorrente de processos migratórios do final do século XIX e início do século XX, sobretudo de alemães, italianos, poloneses e ucranianos. Contribui com

essa diversidade o fato de o Paraná fazer divisa com países que têm como língua oficial o espanhol e o guarani. Trata-se, portanto, de um contexto linguisticamente complexo no que se refere ao contato entre línguas de imigração, línguas de contato fronteiriço, línguas estrangeiras modernas ensinadas na escola e a língua portuguesa, a língua oficial do Brasil.

Para finalizar esta parte, devo expor que a minha relação com a diversidade linguística vem desde que era criança e comecei a entender que as pessoas falam de maneira diferente. Nasci numa comunidade rural de Irati chamada Rio do Couro e lá vivi até os meus quinze anos. Essa comunidade, essencialmente agrícola, é constituída na sua maioria por famílias de descendentes de imigrantes italianos, inclusive a minha. As comunidades vizinhas ao Rio do Couro são formadas, sobretudo, por descendentes de imigrantes eslavos, principalmente poloneses e ucranianos. A escola do Rio do Couro recebe também alunos de diversas comunidades vizinhas e é possível que tenha sido ali, na escola, nos primeiros anos da vida estudantil, que o contato com crianças que falavam diferente de mim tenha me despertado a curiosidade em relação às línguas e aos modos de falar das pessoas.

Como se pode imaginar, quando deixei a roça e passei a morar na cidade, sofri preconceito linguístico porque eu falava diferente dos que viviam na cidade (diga-se de passagem: uma cidade pequena do interior do Paraná). Passei por um processo de acomodação linguística, sem perder, naturalmente, alguns traços que me acompanham até hoje. Esses traços linguísticos chamaram e chamam a atenção de muitas pessoas com quem converso, inclusive nos ambientes acadêmicos que circulei durante os estudos do Doutorado, por exemplo. Essa condição de ser percebido enquanto alguém que fala diferente, principalmente quando saio de Irati, me fez também estar sempre atento aos modos que os outros falam, como organizam as suas argumentações, e como as pessoas estão sempre dispostas a emitir juízos de valor sobre as línguas e os modos de falar. Concluo, diante disso, que o meu jeito caipira de falar me proporcionou e me proporciona muito mais ganhos do que perdas.

Organização do texto

Esta tese está organizada na sua estrutura expositiva da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresentamos alguns aspectos históricos da inserção do espanhol nas escolas brasileiras e paranaenses. Trata-se de um capítulo que se pretende panorâmico, no qual estão resumidos alguns fatos político-linguísticos que ocorreram em determinados períodos históricos e políticos em relação às línguas no sistema de ensino regular brasileiro. As

argumentações contidas nesse capítulo estão amparadas sobretudo nos trabalhos de Picanço (2003), que desenvolve suas análises sobre a história, a memória e o ensino do espanhol no Paraná entre os anos de 1942 e 1990, e de Rodrigues, F. (2012), que ao analisar o arquivo legislativo e jurídico brasileiro constata um “processo de desoficialização” das disciplinas de línguas estrangeiras nas escolas.

No segundo capítulo, exibimos o referencial teórico sobre atitudes, representações e políticas linguísticas que dá sustentação ao estudo. Nessa seção, tentamos explicar alguns conceitos e apresentar alguns trabalhos que servem de referência para as pesquisas nessa área da ciência linguística, entre os quais podemos citar Lambert (1967), Cooper (1997), Calvet (2007). Discorremos também sobre noções de políticas linguísticas e explicitamos algumas ações político-linguísticas em relação às línguas espanhola, inglesa, portuguesa e em situação de minorização.

No terceiro capítulo, detalhamos os aspectos metodológicos que percorremos para a realização desta pesquisa. Ali o leitor encontrará a descrição dos instrumentos e dos procedimentos adotados para a realização do estudo, assim como um detalhamento da tramitação do projeto na Secretaria da Educação do Paraná (SEED-PR) e no Comitê de Ética em Pesquisa (COMEP), a descrição das escolas e dos informantes, a metodologia para transcrição das entrevistas e para análise dos dados, além do armazenamento do material produzido no trabalho de campo.

No quarto capítulo, apresentamos uma descrição dos resultados obtidos na parte quantitativa da amostra. Seleccionamos alguns itens dos questionários para descrevermos, especialmente os dados quantitativos da amostra advindos das respostas dos informantes vinculados às três escolas. Nessa seção, argumentamos acerca da necessidade de ampliação do *corpus* para tentarmos, com os resultados das entrevistas, atingirmos os objetivos da pesquisa.

No quinto capítulo, o leitor encontrará as análises do *corpus* da pesquisa. É neste capítulo que se apresenta o que há de novidade, é onde cotejamos dados empíricos com iniciativas político-linguísticas e analisamos as atitudes e representações que nos conduziram a mostrar alguns lugares das línguas no imaginário dos paranaenses. Esses lugares estão discutidos em sete partes temáticas que compõe o capítulo.

Para concluir, apresentamos as considerações finais. Nelas há uma tentativa de fazer com que o leitor entenda que as partes do trabalho estão interligadas e que uma depende da outra, ou seja, cada parte é componente de um todo que se pretende coeso. As conclusões apresentadas ao final não são definitivas. Elas decorrem daquilo que as nossas leituras e as nossas experiências nos fizeram ver ao analisar o *corpus*.

Tentamos colocar nesta tese aquilo que julgamos indispensável, evitando o enchimento de páginas com, por exemplo, resenhas desnecessárias de estudos já devidamente explorados. Sendo assim, incluímos apenas questões históricas que julgamos relevantes para contextualizarmos o nosso trabalho e operamos com conceitos fundamentais para sustentarmos a nossa argumentação.

CAPÍTULO 1 ENTRE LEIS, LÍNGUAS E REFORMAS: HISTÓRICO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS E LINGUÍSTICAS NO BRASIL

Neste capítulo, apresentamos um panorama resumido dos estudos antecedentes vinculados à inserção das línguas, e principalmente do espanhol, nas escolas brasileiras e paranaenses. Mesmo sendo um histórico, esta não é uma parte da tese neutra e/ou isenta de uma orientação político-linguística. Isso porque quando acionamos alguns e deixamos outros estudos, documentos, legislações e conceitos de lado, esse é um gesto determinado por motivações político-linguísticas que conta, em certa medida, sobre as nossas opções acadêmicas e científicas. Diante disso, os elementos teóricos e históricos que discutimos e as interpretações que fazemos adiante são resultados de reflexões que nos acompanham e que foram sendo construídas ao longo da nossa trajetória como pesquisador e como observador das políticas linguísticas e das relações entre as línguas.

Quando alertamos para o fato de que não há isenção e/ou neutralidade mesmo num capítulo que trata de questões históricas, estamos baseados numa premissa fundamental de que as políticas linguísticas se inserem e se desenvolvem em meio a relações de poder, e disso decorre que há sempre espaços e forças simbólicas em disputa, seja para, por exemplo, promover uma língua ou para diminuir o seu prestígio. Nesse sentido, é que justificamos a inserção de aspectos da contextualização sócio-histórica da educação brasileira apresentada a seguir. Em nossa opinião, não haveria como tratar as políticas linguísticas atuais no Brasil e os espaços que são dados às línguas sem que houvesse, minimamente, uma descrição de alguns fatos políticos recentes pelos quais o sistema de ensino brasileiro passou.

Acreditamos, ademais, que há necessidade de apresentarmos este histórico para compreendermos melhor o lugar que as línguas podem ocupar no imaginário dos brasileiros e dos paranaenses, com especial atenção para a língua espanhola, de modo que assim possamos atingir o objetivo principal do nosso trabalho, já descrito anteriormente na introdução da tese.

Para uma apresentação que se pretende panorâmica, não é possível aprofundar as análises das especificidades de cada fato. Mesmo assim, a inclusão deste item se justifica porque é necessário conhecer minimamente o percurso histórico da educação e, em decorrência disso, analisar como foram e são conduzidas as políticas linguísticas no Brasil. Trata-se, portanto, de uma exposição de alguns fatos político-linguísticos que nos ajudam a entender o presente em que as línguas se encontram em território nacional. Seguindo Rajagopalan (2006, p. 22), entendemos que o aspecto político do ensino e da inserção de línguas nunca deve ser deixado de lado:

Sem negar a importância das contribuições advindas da Linguística e das demais disciplinas acadêmicas, é preciso não esquecer que o ensino de línguas deve ater-se às demandas impostas pelas relações políticas nas quais se encontra o país, tanto no âmbito interno quanto na esfera externa.

Apesar de sabermos que a popularização do ensino regular no Brasil ocorreu somente a partir do século passado, especialmente na sua segunda metade, algumas ações educacionais tiveram início com os jesuítas, quando foram encarregados, por ordem do rei de Portugal, D. João III, de ensinarem o português aos índios e aos filhos dos colonizadores que aqui habitavam⁴. Embora não se possa dizer que havia um sistema de ensino, em termos político-linguísticos esse é um dado que merece ser citado. Daquele ponto em diante, apoiados em Fausto (1995), observamos que o que se sucedeu, de fato, seja no período colonial ou imperial, foram vários períodos de exploração e de estagnação nas mais diversas áreas da vida brasileira, seja em termos educacionais, culturais, econômicos, sociais, políticos etc.

O período da Primeira República, que compreende o final do século XIX e o início do século XX, nos conta a história, foi marcado por grandes transformações no Brasil, que ocorreram em meio a conflitos políticos. É naquela época que foram dados os primeiros passos em direção à expansão da alfabetização do povo. Criaram-se novas estruturas físicas que abrigariam novas escolas e houve preocupação⁵ quanto à qualidade do ensino. Em 1924, foi fundada, por Heitor Lira, a Associação Brasileira de Educação (ABE), que era composta por professores, educadores, políticos, intelectuais da época, jornalistas, entre outros, e cujo objetivo era “institucionalizar a discussão dos problemas da escolarização, em âmbito nacional” (NAGLE, 1974, p. 123). Essa discussão se dava em conferências, debates, congressos, seminários, entre outros espaços. A respeito das transformações na área da educação no período da Primeira República, Ledesma (2010, p. 59) esclarece que:

as reformas da educação da primeira República traduziram todas as nuances das discussões em torno de um país recém saído do jugo português e que ainda buscava sua identidade, se inserindo nas transformações histórico-sociais que ocorriam nesse período. Se as reformas editadas pelo Governo Federal giravam em torno da centralização e descentralização da educação, o ciclo das reformas educacionais estaduais, levadas adiante pelos jovens intelectuais

⁴ Não é objetivo central desta exposição explicar os limites geográficos que hoje definem as terras brasileiras e suas fronteiras com outros países, além de não ser nosso propósito situar os períodos históricos em que se ensinou a língua geral, o latim, o português, entre outras, no período colonial.

⁵ O fato de ter havido preocupação não quer dizer que houve significativas melhoras na qualidade do ensino no Brasil.

brasileiros, voltaram-se para as ideias renovadoras sobre o ensino, difundidas pela e na ABE.

Pelo que se depreende das palavras da autora, é possível dizer que houve mudanças significativas no que tange às reformas elaboradas na educação brasileira no período da primeira república. Em cada estado brasileiro, foram criadas políticas de incentivo à alfabetização, principalmente baseadas nos moldes da Escola Nova⁶. No entanto, os resultados foram elementares do ponto de vista de oportunizar uma educação de qualidade ao povo brasileiro, algo que ainda não ocorreu até a metade da segunda década deste século, apesar de (e que bom que isso ocorreu) ter havido no final do século passado uma democratização no acesso à educação no Brasil.

No que diz respeito às línguas, nesse período, conforme Rodrigues, F. (2012), há que se considerar que o Decreto nº 981, de 1890, inclui os estudos de uma língua estrangeira (francês) já no ensino primário. No ensino secundário, as línguas decretadas eram, por ordem de aparição no documento: “português, latim, grego, francês, inglês e alemão” (RODRIGUES, F., 2012, p. 55).

Na educação, o que marca o período da época de Getúlio Vargas é a Reforma Francisco Campos, por meio do Decreto nº 19.890, de 1931, que passa a ser a primeira legislação nacional decretada pelo Governo Federal à qual se subordinam os estados, ou seja, inicia-se aí o processo de centralização das determinações no sistema de ensino brasileiro. Outro fato significativo da época foi o *Manifesto dos Pioneiros*. Os intelectuais da época lideraram esse movimento que colocava, principalmente, o foco no aluno e não somente no professor, além de defenderem a educação pública e de qualidade. A vida econômica do país passava por um processo de profundas transformações, principalmente relacionadas à industrialização e à urbanização. Com a saída de Getúlio Vargas do poder, foi criado o Conselho Nacional de Educação, que estabelecia normas para a educação superior e secundária no Brasil.

1.1 A inserção do espanhol nas escolas brasileiras e paranaenses

⁶ A Escola Nova era “uma escola adequada ao meio social, a escola socializada, vinculada à sociedade democrática cooperativa, que oferecia educação integral da personalidade. Essa escola seria função e dever públicos, escola para todos, portanto comum e única (mas não unitária, como queriam os marxistas, por exemplo), leiga, gratuita e obrigatória, descentralizada e múltipla, com recursos próprios, ou seja, com autonomia técnica, administrativa e financeira, resultando em uma organização escolar única, mas seletiva, de acordo com o princípio liberal das aptidões naturais (e não econômicos)” (HILSDORF, 2006, p. 96).

No que diz respeito às línguas, esse período passa a ser particularmente importante para a inserção da língua espanhola no currículo das escolas brasileiras. Até aqui, fizemos um apanhado panorâmico a respeito das línguas e de alguns aspectos sócio-históricos relativos ao período. A partir de agora, passamos a descrever alguns momentos históricos significativos da inserção do espanhol no currículo das escolas brasileiras. Para tanto, baseamo-nos principalmente em Picanço (2003), quem faz um estudo sobre a história, a memória e o ensino do espanhol no Paraná entre os anos de 1942 e 1990. Segundo essa autora, o espanhol ocupa o lugar do alemão no currículo escolar:

como língua de um povo que se identifica pelos signos de sua história e de sua literatura, o espanhol estava em condições de figurar como componente curricular obrigatório ao lado do francês e do inglês, pois tinha todos os atributos necessários para substituir o alemão como disciplina escolar: um idioma europeu, com literatura consagrada mundialmente e pertencente a uma nação que servia de modelo em seu amor à história da pátria. Pelo menos é esta a ideia que encontramos nos programas oficiais e que perpassa a maior parte dos livros didáticos de espanhol publicados no Brasil entre 1943 e 1969 (PICANÇO, 2003, p. 33, grifo da autora).

Essa exposição da autora vem logo após a descrição feita por ela sobre o fechamento das escolas de imigrantes, especialmente as de alemães, ocorrida no período do governo de Getúlio Vargas. O fechamento dessas escolas de imigrantes fazia parte do “ideal patriótico” que buscava a “união nacional”. Nesse momento, se intensifica o processo de valorização da língua portuguesa em detrimento de outras línguas faladas em território brasileiro. Ganha força, nessa época, a representação de que, no Brasil, a única língua falada é o português. A argumentação sobre os atributos necessários usados na época para a inclusão do espanhol no currículo merece destaque. Não se tratava de uma língua “ameaçadora” para o povo brasileiro, pois ela era a língua de um povo “pacífico e patriótico”. Vale também fazer uma menção ao fato de ser um idioma europeu, sinal de prestígio e de modelo a ser seguido, sinônimo de ascensão social.

O ano de 1942 marca o início da introdução do espanhol no currículo escolar brasileiro e paranaense. Foi por meio do Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942, que a língua espanhola passa a figurar na legislação brasileira como uma das línguas estrangeiras a ser ofertada de maneira obrigatória aos alunos matriculados no curso secundário. De forma resumida, Picanço (2003, p. 185) conta como foi a inserção do espanhol no sistema de ensino brasileiro:

O espanhol será valorizado, na década de 40, por questões estratégicas do governo brasileiro e interesses sem necessariamente corresponder a uma

tendência mundial. Nesse período, a Espanha estava encerrada em si mesma assim como os países hispano-americanos. Os Estados Unidos, ao contrário, estavam em franca expansão criando as condições para que o inglês começasse a suplantir o francês em importância nas relações internacionais.

Rodrigues, F. (2012, p. 75) também comenta que a inserção do espanhol vai na contramão do modelo de ensino vigente à época.

Acreditamos que a entrada dessa nova língua opera justamente no sentido oposto ao que teria um modelo de ensino instrumental e profissionalizante, já que o espanhol não se vinculava imaginariamente, naquele contexto, a nenhuma das áreas de conhecimento relacionadas aos cursos clássico ou científico. E note-se também que sua inserção não se deu no ciclo ginasial, etapa em que uma formação geral era a mais privilegiada e da qual fazem parte, como obrigatórias, as demais “línguas vivas estrangeiras” presentes nesse currículo – francês e inglês – além do latim.

Com base nessas duas últimas referências acima, teceremos alguns comentários sem os quais não poderíamos avançar. Notamos que a inserção do espanhol no sistema de ensino brasileiro segue o mesmo padrão de desencontros político-educacionais que antecederam essa inserção, isto é, o espanhol já inicia sua caminhada oficial na educação brasileira seguindo um caminho contrário ao das tendências vigentes à época. Talvez seja por isso, ou esse parece ser um elemento importante, que até hoje lutamos para romper alguns limites impostos para a ascensão e valorização dessa língua enquanto disciplina escolar, sem contar que as décadas seguintes à legislação de 1942 foram de total apagamento para o espanhol enquanto disciplina curricular. Um dos elementos que contribuiu, à época, para a inclusão do espanhol no sistema de ensino brasileiro foi o poderio do mercado editorial espanhol (da Espanha, principalmente). Inclusive, diga-se de passagem, as editoras espanholas seguem sendo, na segunda década do século XXI, uma potência mundial e representam cifras generosas para a economia daquele país⁷. Essa nossa afirmação se baseia nas palavras de Picanço (2003, p. 36):

Outro fator que poderia explicar a opção pelo espanhol, ao lado do francês e do inglês, no âmbito acadêmico, seria a demanda pelo ensino da língua resultante da facilidade de encontrar livros em espanhol, não só de literatura

⁷ Em notícia *on line* publicada recentemente (julho de 2017) pelo jornal espanhol *La Vanguardia*, lemos no título de uma de suas matérias: “El mercado editorial consolida su recuperación y crece por tercer año seguido” e o subtítulo do texto anuncia o seguinte: “El año pasado se produjo un aumento del 2,7 %, hasta los 2.317,20 millones de euros”. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/cultura/20170713/424094425615/el-mercado-editorial-consolida-su-recuperacion-y-crece-por-tercer-ano-seguido.html>>. Acesso em: 24 set. 2017. Os dados utilizados pelo jornal foram extraídos da *Análisis del Mercado Editorial en España: Comercio Interior y Exterior*, um estudo da *Federación de Gremios de Editores de España*.

mas também de outras áreas do conhecimento, já que, no Brasil, o mercado editorial começa a se aquecer a partir da década de 40. [...] Como a Espanha tinha um mercado editorial em expansão, a possibilidade de importação de livros nessa área era grande⁸.

Esses fatos que estão sendo apresentados acerca da inserção do espanhol são ações tipicamente político-linguísticas, sobre os quais foram sendo construídos os argumentos que sustentaram as decisões em diferentes épocas. Entre outros argumentos, percebemos que o espanhol era ideal para o momento histórico vivido no Brasil nos anos quarenta.

A língua espanhola, na década de 40, como área do conhecimento acadêmico ou como disciplina escolar, veio responder a duas demandas bem delineadas: servia muito bem à expectativa de erudição das classes dirigentes, ao mesmo tempo que representava, para o governo, um modelo de patriotismo e respeito às tradições e história nacionais. Isso tudo sem correr o risco (percebido na valorização de algumas culturas como a alemã, a italiana e a japonesa) de perder espaço na formação de novas gerações de brasileiros (PICANÇO, 2003, p. 37-38).

Devemos destacar novamente a preocupação do governo brasileiro com os núcleos de imigrantes que se fixaram em terras brasileiras, especialmente no Sul do país. De acordo com Silveira e Rodrigues (2015), a primeira campanha de nacionalização do ensino ocorreu ao longo das duas primeiras décadas do século XX e agiu no sentido de tornar obrigatório o ensino de língua portuguesa. Nessa mesma perspectiva nacionalista, durante o Estado Novo (1937-1945), a principal política linguística do Estado Brasileiro foi o apagamento dessas línguas de imigrantes. Para Oliveira (2009, p. 22), durante o Estado novo, sobretudo entre 1941 e 1945,

o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas, instaurando uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas.

Essa política deixou marcas profundas nos imigrantes e nos seus descendentes. Deles foram roubados os direitos a usarem as suas línguas em troca de uma ideologia de que só poderiam alcançar alguma ascensão social se aprendessem o português, a língua nacional. Não

⁸ Aqui cabe uma observação: esse mercado editorial espanhol a que a autora se refere está basicamente relacionado às editoras espanholas que se instalaram, principalmente, em países como Argentina, México, Uruguai, Venezuela. A Espanha, nessa época, passava por um dos seus piores momentos econômico e político, e lá, por exemplo, havia um mercado ilegal de livros que eram editados na América Latina.

são raros os depoimentos de descendentes de imigrantes nos quais afirmam que de tanto sofrerem repressão por falarem línguas que não eram o português, esses imigrantes decidiram não ensinar a seus filhos as línguas trazidas de além-mar (JACUMASSO, 2009; SCHNEIDER, 2007; HILGEMANN, 2004, por exemplo). Ainda vale dizer que muitas escolas de imigrantes alemães, italianos, poloneses, ucranianos etc. foram proibidas de funcionar porque representavam risco ao “ideal nacionalista”. Para Oliveira e Altenhofen (2011, p. 192),

o estado Novo (1937-1945), aproveitando as turbulências pré-Segunda Guerra Mundial e os interesses das classes dominantes na época, marcou um dos momentos mais intensos de repressão às línguas *alóctones*, através do processo que ficou conhecido como *nacionalização do ensino* e que pretendeu selar o destino das línguas de imigração no Brasil (grifos do autor).

Com relação aos processos de unificação e apagamento das diferenças culturais e linguísticas, Sané (2002, p. 59) argumenta que “as políticas de unificação de uma nação sempre se deram por processos longos de conquistas violentas e com a supressão forçada das diferenças culturais”.

Picanço (2003), ao justificar o recorte temporal do seu trabalho, resume como se dava a oferta das línguas estrangeiras na escola secundária.

Esse recorte se justifica primeiro pelo fato de ter sido na reforma de 1942 que o espanhol foi introduzido no currículo da escola secundária. Até aquela data as línguas geralmente ofertadas eram o francês, o inglês e o alemão. Em segundo lugar, o período acaba na década de 90, porque é neste momento que, após longos períodos de uma ausência quase total nas escolas do Estado, o espanhol volta a ser ofertado como opção ao inglês e passa a ter preferência sobre o francês, o alemão e o italiano, consolidando-se como disciplina escolar (PICANÇO, 2003, p. 18).

Celada (2002) também se refere a dois períodos importantes do espanhol na escola secundária brasileira. O primeiro diz respeito à sua inclusão, em 1942, e o segundo culmina no seu reaparecimento na última década do século XX.

A língua espanhola apareceu, por primeira vez, como disciplina de ensino obrigatório no currículo da escola secundária na década de 40. Permaneceu nessa condição durante um período que não chegou a completar vinte anos, sendo de um ano letivo o tempo total destinado a seu estudo, com uma carga horária de duas horas semanais. Depois disso, salvo iniciativas oficiais localizadas (sobretudo nos estados do Sul e fronteiriços, além do estado do Rio de Janeiro), só no último decênio do século XX seria alvo de um projeto que ainda [...] aguarda para ser implementado (CELADA, 2002, p. 54-55).

Quando discorremos sobre reaparecimento, estamos referindo-nos ao período em que o espanhol ficou desaparecido das escolas brasileiras. Como é possível perceber nas palavras da autora, o espanhol não chegou a completar vinte anos como disciplina curricular. Isso porque no início dos anos sessenta, com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1961, as línguas estrangeiras deixaram de figurar no currículo das escolas. Nesse momento histórico, as línguas estrangeiras passaram a assumir um caráter extracurricular, optativo, que deve estar fora do currículo das escolas. Dessa política decorre a criação dos Centros de Línguas Estrangeiras, espaços criados para regulamentar/apaziguar aquilo que poderia/deveria ser contemplado no currículo escolar. De acordo com Rodrigues, F., (2012, p. 88),

observamos que a textualidade da LDB de 1961 opera um apagamento sobre as línguas estrangeiras que habitavam o espaço escolar até aquele momento por meio da exclusão absoluta desse sintagma na materialidade da lei. Do ponto de vista com que analisamos esse gesto, acreditamos que ele aponta para um *processo de desoficialização* das disciplinas de línguas estrangeiras por parte das instâncias governamentais que regulamentam os currículos das escolas brasileiras (grifo da autora).

Esse processo de *desoficialização do espanhol* permanece até o início dos anos noventa, como podemos perceber nas palavras de Picanço (2003, p. 185):

A língua de Cervantes não consegue encontrar eco no mundo para continuar a ser ensinada nas escolas e praticamente desaparece nas décadas de 60 e 70, no Brasil. Volta a configurar-se como disciplina escolar somente no final dos anos 80, e, acompanhando uma tendência mundial de valorização do idioma, alavancado no caso brasileiro pela criação do Mercosul, o espanhol consolida-se, na década de 90, como alternativa ao inglês curricular, sem conseguir suplantá-lo.

Seguindo aquela nossa proposta inicial de apresentar um histórico político-linguístico sobre o ensino de línguas no Brasil, discutimos aqui alguns fatos que ocorreram nesse período pré e pós-aprovação da LDB de 1961. Durante treze anos foram discutidos os termos da lei e nela se privilegiou, por exemplo: o direito à educação primária gratuita a todos e o dever do Estado nesse processo. Outro fato que marca a lei de 1961 é a abertura para a participação da iniciativa privada na oferta de ensino em todos os níveis, desde que a legislação vigente fosse respeitada. Em decorrência dessa abertura, foi estabelecido o primeiro e duradouro conflito da educação pública *versus* educação privada. De acordo com Ledesma (2010, p. 90), “há um visível retrocesso no princípio da gratuidade do ensino oficial, já que as escolas públicas, mantidas por fundações, estavam autorizadas a cobrar mensalidades”.

Ghiraldelli Jr. (1990, p. 117) também critica a referida lei, afirmando que “a Lei, que ficou treze anos no Congresso, e que inicialmente destinava-se a um país pouco urbanizado, acabou sendo aprovada para um Brasil industrializado e com necessidades educacionais que o Parlamento não soube perceber”. Outro ponto a ser destacado em virtude dos termos aprovados na primeira lei proposta para regular a educação no Brasil foi o descontentamento dos movimentos de base popular, que não acreditavam que a escola pública alcançaria resultados positivos. Um desses movimentos resultou na criação da União Nacional de Estudantes (UNE), entidade responsável por articular diversas discussões e manifestos que culminaram em ganhos históricos para a educação brasileira.

Entre outras ações, o governo ditatorial (1964-1985) se posicionou contra os movimentos populares, colocando, por exemplo, a UNE na condição de ilegalidade, pois ela representava o movimento estudantil considerado de esquerda e lutava por reformas na educação. Em 1968, foi criado o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão vinculado ao Ministério de Educação e Cultura (MEC), a fim de garantir as condições de financiamento da educação nos níveis fundamental, médio e superior.

Nesse período, outras duas legislações foram aprovadas: a LDB de 1971 e a Resolução nº 58, de 1976. Segundo Rodrigues, F., (2012, p. 93),

apesar de a LDB de 1971 retomar a menção ao “ensino de línguas estrangeiras” em sua textualidade, são pequenas (se é que existem verdadeiramente) as diferenças entre o que prescreve essa legislação e o que havia sido colocado pela LDB de 1961, em que se promoveu o apagamento das línguas estrangeiras na textualidade jurídica.

No que diz respeito à resolução de 1976, de forma resumida, a mesma autora conclui que essa legislação, por especificar na sua textualidade “língua estrangeira moderna”, favorece a adoção do inglês como a língua “que cumpre esses requisitos [língua veicular ocidental e língua instrumentalizada] necessários para habitar o espaço escolar, ainda que a legislação não a especifique como tal” (RODRIGUES, F., 2012, p. 95).

Feita essa breve exposição, voltamos a tratar da inserção do espanhol no currículo das escolas brasileiras na última década do século XX. Não é sem motivo que a maioria dos estudos cita a criação do MERCOSUL como um marco divisório na valorização do espanhol no Brasil. Houve, de fato, nesse momento, um movimento que buscava (e continua buscando) a integração

regional, com argumentos⁹ diversos, entre eles o de que o Brasil é o único país da América do Sul cuja língua oficial não é o espanhol. Outro argumento que circulou (e ainda circula) no Brasil é o de que o espanhol é a segunda língua nas relações comerciais no mundo. O fato é que o Tratado de Assunção, de 1991, que culminou na criação do MERCOSUL, representa verdadeiramente o início de um processo que culmina na aprovação da Lei do Espanhol (Lei nº 11.161), em 2005. Nossa opinião é a de que essa lei (agora revogada) foi o principal fato político-linguístico da história recente no que diz respeito à inserção do espanhol nos currículos das escolas do Brasil. Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) se menciona claramente que

Mais de uma vez o Espanhol esteve presente como disciplina em nossas escolas, porém essa nunca esteve tão claramente associada a um gesto marcado de forma inequívoca por um objetivo cultural, político e econômico, uma vez que a LDB prevê a possibilidade de oferta de mais de uma língua estrangeira, sem nenhuma outra especificação (BRASIL, 2006, p. 127).

O contexto da aprovação da Lei do Espanhol foi descrito em vários estudos, mas os que, na nossa interpretação, merecem destaque são o de Rodrigues, F., (2012) e os de González (2009; 2010; 2012), pois alertam para o fato de que essa lei serviu também a propósitos diferentes dos que almejavam a integração regional do Brasil com os seus vizinhos. Nas palavras de González (2010, p. 26),

a Lei 11.161, que além de tudo apresenta imprecisões e ambiguidades, trouxe consigo problemas, disputas, mas também abriu espaços para discussões e tomadas de posição que poderão, a médio e longo prazo, trazer benefícios para o ensino do espanhol e para a educação no Brasil.

Em termos de contextualização histórica, em 1988, com a promulgação da Constituição da República, o Brasil passa por um processo de democratização. Em decorrência disso, e depois de passado o período de turbulência econômica e política do início dos anos 1990, têm início no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), já com a estabilidade da moeda nacional, os programas assistenciais a favor dos menos favorecidos. Ainda, no governo FHC, cabe mencionar a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394, em 1996, com a participação de vários segmentos da sociedade e a instituição do Fundo de Manutenção e

⁹ Esses argumentos apesar de terem sido muito usados por diversas pessoas no Brasil (professores, pesquisadores, jornalistas, políticos, entre outros), foram argumentos usados muitas vezes por “não integrantes” desse contexto. Por exemplo, a Espanha usou muito esses argumentos para tentar “vender” o espanhol (e todos os “produtos” vinculados ao seu ensino) para o brasileiro.

Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF). Além disso, objetivando a construção de um marco de referência para a educação em nosso país, em 1998, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para a educação básica.

Sobre a LDB nº 9394, lei que regulamentava a educação no Brasil, Paraquett (2006, p. 129) expõe que

Em 1996, assina-se a atual LDB, que fala em plurilinguismo e sugere a escolha de mais de uma língua estrangeira pela comunidade escolar. A assinatura da nova lei vai levar muitas escolas, em particular as da rede privada, a adotarem o Espanhol em seus programas, fazendo com que essa língua estrangeira não seja, apenas, um diferencial em projetos pedagógicos menos conservadores.

O que se pode destacar é que nos anos noventa do século passado, havia uma tentativa de integração regional dos países vizinhos ao nosso, os quais, assim como o Brasil, passavam por uma crise econômica e estavam dispostos (ou não) a olharem uns para os outros, o que, até então, pouco havia sido feito na história latino-americana. Houve, também, nesse período, significativo investimento financeiro de grandes empresas multinacionais espanholas no Brasil, ou seja, vários elementos convergiram para uma política de valorização do espanhol, culminando na aprovação da Lei nº 11.161/2005.

A respeito dos reflexos da referida lei, Lagares (2013a, p. 187-188) expõe o seguinte:

A lei rompia com a tradição estabelecida pelas sucessivas diretrizes da educação brasileira em torno da indeterminação da língua estrangeira a ser ensinada, nas escolas de Ensino Médio, estabelecendo a obrigatoriedade de oferta do espanhol, sem que nenhuma medida adicional fosse tomada para fazer efetiva essa disposição, em termos, por exemplo, de facilitar a contratação de professorado por parte das administrações públicas que deviam implantá-la.

O que se notou, logo após a aprovação da Lei do Espanhol, foi uma série de sucessivos desencontros entre o MEC e as Secretarias Estaduais de Educação. Foram firmados acordos das mais diversas índoles e com objetivos diversificados, especialmente no que concerne à formação de recursos humanos necessários para o cumprimento da lei. Sobre isso, Paraquett (2006, p. 133) assinala

Destaquemos o que teria dito o embaixador Ricardo Conde: “A Espanha irá ajudar com todos os meios materiais, mas o mais importante será contribuir com a formação de professores”. Comparemos com esta outra frase: “os governos brasileiro e espanhol estão em negociação para converter parte da dívida com o país europeu em formação e capacitação de professores”. Ora, o embaixador da Espanha se refere ao acordo que já havia estabelecido com o

governo brasileiro. Há, nitidamente, um acordo entre governos que desconsiderou o papel que o MEC tem na figura das suas universidades e das faculdades que funcionam em nosso país sob sua responsabilidade legal. Emitir diplomas ou formar professores é competência do MEC brasileiro e não do espanhol. E o que nos parece mais sério é envolver essa negociação com o pagamento de dívidas.

Não aprofundaremos a discussão em torno dos efeitos e desdobramentos da lei porque entendemos que isso já foi feito de modo significativo¹⁰ e essa temática será novamente explorada no capítulo 5 quando procederemos às análises dos dados qualitativos da amostra. Um exemplo de política linguística “desencontrada” foi o acordo (denominado OYE) firmado entre a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP), o Instituto Cervantes e o Banco Santander/Portal Universia, cujo objetivo era promover, por meio de um curso a distância, a formação de docentes do quadro permanente da rede estadual, de qualquer área de formação, para atuarem como professores de espanhol. Como mostra Fanjul (2010), o acordo sofreu alterações e não prosperou. Ainda vale mencionar, como exemplo de reações a esse tipo de acordo, as diversas manifestações das associações de professores de espanhol dos estados, especialmente a criação da Comissão Permanente de Acompanhamento da Implantação do Espanhol no Sistema Educativo Brasileiro (COPESBRA) e a Carta de BH, de 2008, redigida no encerramento do V Congresso Brasileiro de Hispanistas e I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas, realizados em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e que apresenta “um breve diagnóstico da situação do ensino do espanhol no Brasil, tendo em vista o que dispõe a Lei nº 11.161 de 5 de agosto de 2005, bem como propor sugestões no que se refere à formação (inicial e continuada) de professores dessa área”. Ainda, se solicita na referida Carta medidas urgentes, como as apresentadas a seguir:

Urge, portanto, que o Estado (nação) e os estados da federação: incentivem, apóiem e promovam concursos; disponham de um quadro claro, nem inflado nem subestimado, das reais necessidades de mão-de-obra, tanto nas instituições formadoras quanto nas escolas de Ensino Médio; identifiquem a situação em que se encontram aqueles professores já legalmente habilitados, porém atuando em outras áreas ou trabalhando de forma precária; definam o espaço de que deverá dispor a disciplina de Língua Espanhola, tanto do ponto de vista físico, quanto na grade curricular, para oferecer essas aulas que, em conformidade com os documentos oficiais e na forma da lei, deverão estar integradas à totalidade das disciplinas para alcançar os fins educacionais previstos (CARTA DE BH, 2008, s/p).

¹⁰ Citamos, por exemplo, um livro publicado recentemente pela Editora Viva Voz (FALE/UFMG), que traz um panorama de como tem sido a inserção do espanhol em diversos estados brasileiros nos últimos dez anos. BARROS, Cristiano; COSTA, Elzimar; GALVÃO, Janaina. *Dez anos da “Lei do Espanhol” (2005-2015)*. Belo Horizonte: Viva Voz, 2016.

Para finalizar o percurso histórico, o passado mais recente mostra, no governo Lula (2003-2010), a manutenção dos programas assistenciais criados pelo seu antecessor e a criação de outros tantos. O FUNDEF foi ampliado e tornou-se o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), abrangendo também a educação de jovens e adultos e a educação infantil, não contempladas anteriormente. Ademais, vale citar algumas outras mudanças no sistema de ensino atual, a saber: a implantação da escola fundamental de nove anos; a oferta de bolsas de estudo integrais e parciais para alunos do ensino superior matriculados em faculdades privadas, por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI). A oferta de vagas nas universidades federais por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU). O último ponto a ser destacado é o investimento no ensino a distância. Foi criada a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que em Parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) atua, principalmente, na formação inicial e continuada de professores e alunos.

Já no governo de Dilma Rousseff, em 2011, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) incluiu a produção e a distribuição gratuita para alunos e professores de escolas públicas de educação básica do livro didático para as disciplinas de línguas estrangeiras (espanhol e inglês). Essa inclusão é significativa do ponto de vista de que se abriu um espaço que antes era negado às línguas estrangeiras na escola, em especial para a língua espanhola que, na maioria das vezes, foi preterida em relação a outras línguas.

Para finalizar essa exposição, apresentamos o mais recente (e não o derradeiro, esperamos) gesto político-linguístico envolvendo a língua espanhola no Brasil. Trata-se da edição, de autoria do presidente Michel Temer, que governa o país após um claro golpe de Estado¹¹, da Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, que foi convertida na Lei nº 13.415, e promulgada em 16 de fevereiro de 2017, que reforma o Ensino Médio, alterando e revogando leis vigentes. No caso do espanhol, foi revogada a Lei nº 11.161/2005, que previa a obrigatoriedade da sua oferta e colocada essa língua na condição de optativa, conforme determina o Art. 3º, no seu 4º parágrafo: “Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino”. Diante disso, aguardemos os próximos

¹¹ Na coletânea organizada por Jinkings, Doria e Cleto (2016), há diversos textos que nos dão materialidade suficiente para afirmarmos, sem TEMER, que se tratou de um golpe parlamentar, midiático, político etc.

gestos políticos em relação às línguas e, quem sabe, assim esperamos, que sejam mais animadores para o ensino do espanhol no Brasil, haja vista que, pelo apresentado acima, neste capítulo, as políticas linguísticas para o espanhol (e para as outras línguas estrangeiras) foram momentâneas e circunstanciais, uma vez que não existe sobre esse tema um programa de Estado claro e explicitado.

CAPÍTULO 2 ATITUDES, REPRESENTAÇÕES E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Explicamos inicialmente a junção desses três termos/temas que dão origem ao título do capítulo. No nosso entendimento, como esclareceremos na seção 2.1, as políticas linguísticas não são apenas planejamento e, sendo assim, acreditamos que as atitudes e as representações constituem gestos de políticas linguísticas¹². Como já foi anunciado anteriormente na introdução desta tese, optamos por usar o par *atitudes e representações* ao mesmo tempo porque entendemos que nosso trabalho versa sobre as duas coisas, uma vez que adota metodologia com elementos quantitativos (questionários), numa parte, e com características qualitativas (entrevistas), na outra. Além disso, entendemos que as atitudes e as representações estão constantemente agindo sobre as práticas. No entanto, para não cairmos em anacronismos, em alguns casos, trataremos de um ou do outro termo individualmente, como fazemos a seguir na contextualização histórica de um dos principais estudos sobre atitudes linguísticas. Nesse caso, não poderíamos discorrer sobre representação linguística.

2.1 Contextualização e conceitos de atitudes e representações linguísticas

Quando se faz uma revisão da literatura acerca das atitudes linguísticas, inevitavelmente o pioneiro trabalho de Wallace Lambert (1967) e seus colaboradores, realizado em Montreal, nos anos 1960, na área da Psicologia Social, deve estar presente. Nele, os autores investigaram as atitudes linguísticas de jovens universitários canadenses falantes bilíngues de inglês e francês. O método de investigação utilizado para aquele estudo foi o indireto, de modo que os informantes não sabiam explicitamente o objetivo da pesquisa. A técnica usada para aquelas medições ficou conhecida como técnica dos falsos pares, ou pares ocultos (*matched guise*). Originalmente, essa técnica consistiu em gravar falantes bilíngues que dominassem as duas línguas sobre as quais se pretendia investigar as atitudes linguísticas.

Essas gravações eram ouvidas por informantes (juízes ou jurados), também bilíngues, que emitiam julgamentos pensando que eram as vozes de duas pessoas diferentes. O que se

¹² Nesta tese, optamos por não usar o termo *Gltopolítica*, acunhado por Guespin e Marcellesi (1986), apesar de sabermos que ele tem sido amplamente usado como sinônimo de *Política linguística* e parece ser um conceito mais abrangente do que *Política linguística*. Arnoux (2011, p. 43) define assim o termo gltopolítica: “o estudo das intervenções no espaço público da linguagem e das ideologias que ativam e sobre as que incidem, associando-as com posições sociais e indagando nos modos em que participam no questionamento, instauração, reprodução ou transformação de entidades políticas, relações sociais e estruturas de poder tanto no âmbito local ou nacional como regional ou planetário” (tradução nossa).

pedia aos juízes era que descrevessem/avaliassem, numa escala de *muito a muito pouco*, os falantes donos das vozes do ponto de vista da beleza física, da religiosidade, da inteligência, da confiabilidade, da simpatia, do caráter, entre outros. No fundo, pensavam que estavam emitindo julgamentos sobre a voz das pessoas, mas estavam emitindo pareceres sobre as línguas.

Os resultados dessa investigação pioneira mostraram uma atitude positiva dos anglófonos e dos francófonos para com as vozes quando liam textos em inglês. Chama a atenção, nesse estudo, o fato de os francófonos valorizarem positivamente aos que leram os textos em inglês e terem uma atitude mais negativa que os anglófonos em relação às gravações feitas em francês. Concluíram os autores que, no Canadá, o inglês e seus falantes gozavam de um prestígio e pesava sobre o francês e seus falantes um estigma. Para Labov (2008, p. 176),

o princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão.

É relevante esclarecermos que os estudos sobre as atitudes linguísticas ou representações linguísticas têm sua base nos trabalhos sobre representações sociais, especialmente oriundos da Psicologia Social, cujo autor exponencial é Serge Moscovici. De acordo com Pereira e Costa (2012), esse autor fundamenta sua orientação teórica reformulando o conceito de “representação coletiva”, do sociólogo francês de finais do século XIX Émile Durkheim (1973). Costumeiramente se relata que um dos objetos de estudo na área da Psicologia Social são os papéis que as crenças, os estereótipos, os preconceitos e as identidades exercem no comportamento linguístico dos sujeitos. Para essa disciplina, as atitudes e as representações constituem um complexo fenômeno psicológico que se reveste de grande significado social.

Historicamente, talvez por ter nascido numa área do conhecimento e ter sido mais desenvolvida em outra, não há consenso entre os estudiosos, principalmente os linguistas, acerca de uma definição precisa daquilo que se entende por atitude linguística ou por representação linguística. Para Gueunier (1997 apud CALVET, 2004, p. 163), “durante muito tempo a noción de representación lingüística se confundiu coa de actitude”¹³. Para Lafontaine (1997 apud CALVET, 2004, p. 162), “o termo *atitude* lingüística se emprega de xeito paralelo

¹³ “durante muito tempo a noção de representação linguística se confundiu com a de atitude” (GUEUNIER, 1997 apud CALVET, 2004, p. 163, tradução nossa).

e sen unha verdadeira matización do significado, como *representación*, *norma subxetiva*, *avaliación subxetiva*, *xuízo* e *opinión*, para designar calquera fenómeno ou carácter epilingüístico que teña relación coa lingua”¹⁴. O propio Calvet (2002), ao referir-se à técnica utilizada por Lambert (1967) para medir as atitudes dos canadenses, usa os termos atitudes ou representações. Lemos no texto de Calvet (2002, p. 66) o seguinte: “essa técnica, desenvolvida no campo da psicologia social, foi depois utilizada por linguistas, permitindo destacar atitudes ou representações linguísticas”.

Em alguns casos, o conceito de atitude está relacionado à consciência linguística, em outros se aproxima de questões como (des)prestígio linguístico e, também, esse conceito se vincula à apreciação avaliativa. A esse respeito, Martínez (2008, p. 230) assinala que

por un lado, hablaríamos de conciencia lingüística (la disposición sobre el propio sistema, sobre otros o sobre la particular relación que se establece entre diferentes lenguas); también se apuntan cuestiones de prestigio, nociones socioculturales, económicas e incluso políticas que trascienden al sistema y que afectan a quienes lo usan, propios o extraños; en última instancia, Fasold (1984) reconoce que la propia actitud con respecto de una lengua conlleva ineludiblemente una valoración sobre su supervivencia.¹⁵

Para Pereira e Costa (2012, p. 172),

É importante salientar que uma representação favorável a respeito de uma determinada língua pode, por exemplo, fazer com que, em situações de contato linguístico, predomine o uso desta em detrimento de outra qualquer, ou que o seu ensino-aprendizado seja mais eficaz, podendo até mesmo interferir em uma dada política linguística.

Nas palavras das autoras se evidencia a importância que se deve dar às representações sobre as línguas, haja vista que elas agem como norteadoras das escolhas que os falantes fazem. Essas escolhas podem ser traduzidas por práticas e políticas linguísticas, que estão implicadas por representações. Entre outros postulados, Moscovici (1989 apud PETITJEAN, 2009, p. 34)

¹⁴ “o termo *atitude* linguística se emprega como sinônimo e sem uma verdadeira matização do significado, como *representação*, *norma subjetiva*, *avaliação subjetiva*, *juízo* e *opinião*, para designar qualquer fenômeno ou caráter epilingüístico que tenha relação com a língua” (LAFONTAINE, 1997 apud CALVET, 2004, p. 162, tradução nossa, itálico do autor).

¹⁵ “por um lado, falaríamos de consciência linguística (a disposição sobre o próprio sistema, sobre outros ou sobre a particular relação que se estabelece entre diferentes línguas); também se apontam questões de prestígio, noções socioculturais, econômicas e inclusive políticas que transcendem ao sistema e que afetam a quem o usa, próprios ou alheios; em última instância, Fasold (1984) reconhece que a própria atitude com respeito a uma língua comporta inevitavelmente uma valoração sobre sua supervivência” (MARTÍNEZ, 2008, p. 230, tradução nossa).

afirma que as práticas e as representações se relacionam interacionalmente, de tal sorte que determinam e são determinadas entre si, simultaneamente. Para Flament (2001 apud PETITJEAN, 2009, p. 32), “une représentation ne peut se concevoir sans référence aux pratiques qui sont liées – qui parfois sont la seule manifestation de certains de ses aspects qui en sont parties constituantes”¹⁶. Vale a pena ainda mencionar que, com base em Petitjean (2009), cremos que as representações se transformam lentamente, assim como as mudanças sociais. Para que haja mudanças, é necessário que mude o núcleo da estrutura social e não apenas os elementos periféricos dessa estrutura.

No caso da nossa investigação, que se localiza em contextos complexos linguisticamente, as representações sobre as línguas podem ajudar a fortalecer as tomadas de decisão, seja no sentido de o aluno escolher qual língua estrangeira gostaria de aprender na escola ou em outro país, seja no sentido de dar preferência a uma ou outra língua quando é convidado a refletir sobre em qual língua gostaria de ouvir uma palestra, por exemplo. Além disso, as representações linguísticas ajudam a determinar os valores e o *status* que são atribuídos pelos falantes às suas e às outras línguas. Para Moore (2004 apud PETITJEAN, 2009, p. 40), as representações linguísticas são “les images et les conceptions que les acteurs sociaux se font d’une langue, de ce que sont ses normes, ses caractéristiques, son status au regard d’autres langues”¹⁷. Como se pode notar, pelo que vimos apresentando, apesar de ainda não termos qualificado as políticas linguísticas, essas estão relacionadas mutuamente com as atitudes e representações linguísticas.

Retomando as definições de atitude linguística, uma bastante difundida diz respeito à avaliação ou manifestação de sujeitos em relação à(s) língua(s) e ao uso que se faz dessa(s) língua(s) na sociedade. Em termos mais comuns, uma atitude se aproxima a gostar (ou não) de determinados temas, grupos de pessoas, características pessoais e comunidades, elementos culturais e, obviamente línguas, dialetos e modos de falar. Essas avaliações se baseiam em estereótipos assentados em ideologias, que agem num grupo, comunidade ou país. Em vista disso, é possível antecipar que não há um fundamento científico para determinar o porquê de uma atitude, mas há uma conjuntura de coletivos sociais e representações que o determinam e que são permeados por preconceitos, crenças, imaginários, estereótipos etc. No que diz respeito

¹⁶ “uma representação não pode ser concebida sem referência às práticas que lhe estão relacionadas – que às vezes são a única manifestação de alguns aspectos de que são partes constituintes” (FLAMENT, 2001 apud PETITJEAN, 2009, p. 32, tradução nossa).

¹⁷ “as imagens e as concepções que os atores sociais fazem de uma língua, do que são suas normas, suas características, o seu status em relação a outras línguas” (MOORE, 2004 apud PETITJEAN, 2009, p. 40, tradução nossa).

ao conceito de imaginário, e com o qual operamos, Canut (1995 apud CALVET, 2004, p. 161) afirma que é o “conjunto de normas avaliativas subjetivas que caracterizam as representações dos sujeitos sobre as línguas e as práticas linguísticas, salientable a través dos discursos epilingüísticos. Considera a relación persoal que o suxeito mantén coa língua”¹⁸.

No que diz respeito aos estereótipos¹⁹, uma definição que nos parece pertinente é a seguinte: “o estereótipo é o conjunto de informações e crenças relacionadas a categorias de objetos, reelaboradas em uma imagem coerente e constante, em condição de sustentar e reproduzir o preconceito diante dos objetos” (MAZZARA, 1999, p. 14). Notamos nas palavras do autor que o estereótipo e o preconceito estão atrelados, de maneira que, conforme Simão (2014, p. 245), “o primeiro compõe o núcleo cognitivo do segundo”. Ainda de acordo com Simão (2014, p. 245, baseada em AMOSSY & PIERROT, 1997/2001), “o estereótipo atravessa a questão da opinião e do sentido comum, da relação com o outro e da categorização, e permite que estudemos as interações sociais, a relação dos discursos com os imaginários sociais e, em termos mais abrangentes, a relação entre linguagem e sociedade”. No fundo, de alguma forma, quando colocamos os participantes da pesquisa em situações de emissão de pareceres sobre os lugares das línguas, estamos trabalhando também com estereótipos.

Os estereótipos servem, além disso, segundo Simão (2014, p. 245 fundamentada em TAJFEL, 1972) para “transformar diferenças menos claras em diferenças mais nítidas, ou então criar diferenças onde elas não existem”. De certa forma, os estereótipos simplificam o mundo social, tão complexo, e proporcionam “uma espécie de roteiro a ser acionado para o funcionamento das interações” (SIMÃO, 2014, p. 245).

Voltando a tratar das atitudes linguísticas, para López Morales (1993), elas só podem ser positivas, de aceitação, e negativas, de negação, ou seja, não existem atitudes neutras. Para Moreno Fernández (1998, p. 179), “una actitud lingüística favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente o que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra”²⁰. O referido autor expõe que uma atitude favorável ou

¹⁸ “conjunto de normas avaliativas subjetivas que caracterizam as representações dos sujeitos sobre as línguas e as práticas linguísticas, destacável através dos discursos epilingüísticos. Considera a relação pessoal que o sujeito mantém com a língua” (CANUT, 1995 apud CALVET, 2004, p. 161, tradução nossa).

¹⁹ Para Calvet (2004, p. 181), “os estereótipos não são uma coisa nova e sem dúvida sempre acompanharam os contatos entre os povos”. O autor cita um conhecido provérbio que se remonta ao século XVII e que mistura homens e línguas: “o alemão hurra, o inglês chora, o francês canta, o italiano representa uma farsa e o espanhol fala” (tradução nossa).

²⁰ “uma atitude linguística favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente ou que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179, tradução nossa).

positiva pode fazer com que uma mudança linguística ocorra mais rapidamente ou que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais produtivo. Por outro lado, uma atitude desfavorável ou negativa pode fazer com que uma língua seja deixada de lado, além de impedir a difusão de uma variante ou que ocorra uma mudança linguística. Para o autor, a atitude é a manifestação de um falante sobre a sua língua ou sobre a língua dos outros, assim como quanto ao uso das línguas.

Assim como Martínez (2008), citado anteriormente, Moreno Fernández (1998, p. 181) também menciona que uma das bases que sustentam as atitudes linguísticas é a consciência linguística. Nas palavras do autor,

los hablantes saben que ciertos hechos lingüísticos tienen consecuencias sociales, saben que su variante de habla puede ser considerada positiva o negativamente, saben que pueden elegir otras lenguas u otras variantes en función de sus objetivos y a su vez tienen opiniones sobre las lenguas y sus hablantes, así como sobre el prestigio que esas lenguas y variantes tienen y aportan a sus hablantes.²¹

De acordo com Lambert e Lambert (1966, p. 77), a atitude é “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Além disso, na composição das atitudes estão as crenças, os pensamentos, os sentimentos e as reações. É na e pela junção desses e de outros componentes que se forma uma atitude. Silva-Corvalán (2001, p. 67) afirma que “el estudio de las actitudes subjetivas hacia la lengua es, pues, en cierta medida un estudio de los estereotipos lingüísticos”²². Simão (2014), apoiada no conceito de estereótipo presente em Lippman (1966/1972), assinala em seu estudo que se não houvesse os estereótipos, o homem seria

incapaz de perceber a totalidade do meio no qual vive direta e objetivamente. O que ele vê é uma projeção da realidade ou uma representação desta, criada, em maior ou menor grau, a partir de sua própria percepção. Esse recurso é resultado de um processo de simplificação cognitiva, uma vez que o meio, em sua totalidade, é demasiado grande e complexo para ser apreendido em sua completude (SIMÃO, 2014, p. 245).

²¹ “os falantes sabem que certos fatos linguísticos têm consequências sociais, sabem que sua variante de fala pode ser considerada positiva ou negativamente, sabem que podem eleger outras línguas ou outras variantes em função de seus objetivos e ao mesmo tempo têm opiniões sobre as línguas e seus falantes, assim como sobre o prestígio que essas línguas e variantes têm e aportam a seus falantes” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181, tradução nossa).

²² “o estudo das atitudes subjetivas em relação à língua é, pois, em certa medida um estudo dos estereótipos linguísticos” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 67, tradução nossa).

Como assinalamos anteriormente, há uma relação estreita entre atitude e estereótipo. Ademais, é necessário mencionar que atitude também está relacionada a preconceito. Allport (1977, p. 27) contribui com a temática afirmando que “una adecuada definición del prejuicio contiene dos ingredientes esenciales. Tiene que haber una actitud favorable o desfavorable, y debe estar vinculada a una creencia excesivamente generalizada (y por lo tanto errónea)”²³. Segundo o referido autor, as discussões acerca de preconceitos, estereótipos, crenças e atitudes não devem ser isoladas, pois, são conceitos que estão relacionados de tal forma que não se pode discutir um e deixar o(s) outro(s) de lado. No que diz respeito à relação entre preconceito e estereótipo, vale a pena expor, também, que,

os estereótipos são também as componentes cognitivas mais importantes dos preconceitos (cf. Gamella, 1996, p. 313), que se prefiguram como orientações individuais, ainda que socialmente moldadas, e que se podem concretizar em condutas. Ou seja, os preconceitos implicam não só uma representação negativa (reação cognitiva), como também respostas emocionais negativas, em termos comportamentais (internas ao sujeito e que podem ser publicamente exteriorizáveis), por parte de quem os constrói e manifesta. Os preconceitos têm três componentes: a cognitiva, a afetiva e a comportamental. Confere-se aqui especial destaque não só à componente cognitiva e estereotipada (crenças sobre determinados atributos), mas também à dimensão de caráter afetivo e avaliativo (avaliações negativas e sentimentos de hostilidade). Representar ou representar-se constitui um ato de pensamento pelo qual um sujeito se relaciona com um objeto (cf. Jodelet, 1994, p. 37) e interage (SIMÃO, 2014, p. 245).

Ainda no que tange aos estereótipos, Silva-Corvalán (2001, p. 108) afirma que “la tendencia a estereotipar, es decir, a percibir y ordenar el mundo objetivo en términos de categorías sin excepciones, es típica de los seres humanos”²⁴. Na mesma linha de raciocínio, a referida autora conclui que os estereótipos não são positivos nem negativos, porém, necessários. De igual monta, van Dijk (2008, p. 213) acena que os estereótipos são “representaciones mentales de las experiencias personales que se van almacenando a partir de acciones, hechos o situaciones específicas”²⁵. Nesse sentido, é possível afirmar que as pessoas estão sempre aptas a estereotipar e colocar determinados grupos de pessoas ou línguas ou culturas em

²³ “uma adequada definição do preconceito contém dois ingredientes essenciais. Tem que haver uma atitude favorável ou desfavorável, e deve estar vinculada a uma crença excessivamente generalizada (e portanto errónea)” (ALLPORT, 1977, p. 27, tradução nossa).

²⁴ “a tendência a estereotipar, isto é, a perceber e ordenar o mundo objetivo em termos de categorias sem exceções, é típica dos seres humanos” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 108, tradução nossa).

²⁵ “representações mentais das experiências pessoais que se vão armazenando a partir de ações, fatos ou situações específicas” (VAN DIJK, 2008, p. 213, tradução nossa).

compartimentos subjetivos que vão sendo criados ao passo que se conhecem outras culturas, modos de ser e fazer de outras pessoas e grupos.

Diante do exposto, parece-nos pertinente apresentar nesta tese uma proposta de união e delimitação daquilo que entendemos como atitudes linguísticas e como representações linguísticas. Essa tentativa de delimitação, a nosso ver, se faz necessária porque, a partir de leituras recentes (PETITJEAN, 2009; CALVET, 2004), por exemplo, tem nos parecido mais adequado, por um lado, discorrermos sobre representações linguísticas, uma vez que esse termo parece abrir espaço, segundo os contornos dados ao nosso trabalho, para uma discussão mais ampla, além da simples reação que fazem os informantes ao serem indagados acerca de algum aspecto linguístico ou de alguma língua, por exemplo. Por outro lado, não podemos deixar de assinalar que trabalhamos com as atitudes linguísticas e isso fica claro na formatação que demos aos questionários de pesquisa e em alguns itens da própria entrevista, buscando nos participantes uma reação imediata a determinadas situações semi-hipotéticas. Para Calvet (2004), a linguística adaptou e aproveitou as metodologias das pesquisas sobre atitudes linguísticas (até então da área da Psicologia Social) para o desenvolvimento de estudos sobre, primeiramente, insegurança linguística e, depois, representações linguísticas. Gueunier (1997, p. 247 apud RODRIGUES, L., 2012, p. 363) explica que

Se representações e atitudes linguísticas têm em comum o traço epilinguístico que as diferencia das práticas linguísticas e das análises metalinguísticas, elas se distinguem teoricamente pelo caráter menos ativo (menos orientado em direção a um comportamento), mais discursivo e mais figurativo das representações.

Nesse sentido, pensando que esses termos carecem de uma conformação/categorização quanto aos seus usos no nosso estudo, apresentamos, resumidamente e em contraposição, os possíveis limites com os quais trabalhamos, a saber: as atitudes linguísticas estão mais orientadas para o comportamento que se manifesta por meio de uma reação imediata, elas estão no limiar da ação e são reações subjetivas prévias ao comportamento. As representações linguísticas, por serem ou parecerem mais complexas que as atitudes linguísticas, nos permitem fazer hipóteses observando o discurso para além da reação a um estímulo. Ademais, as representações nos permitem explorar como os falantes pensam as práticas, como se situam em relação a outros falantes e a outras práticas linguísticas, e como situam a sua língua em relação a outras línguas. Nessa perspectiva, não se olha para um “sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e

discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas no mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20).

Ao partirmos de uma concepção de falante que se relaciona com o mundo e com todos os desdobramentos que isso lhe sugere, não podemos realizar um estudo que considere apenas uma reação imediata, mesmo que derivada de uma representação, por isso, pensamos em realizar entrevistas com os falantes para explorar numa plataforma discursiva mais rica o que pensam essas pessoas sobre as línguas e que lugar dão a elas, como organizam o seu discurso e quais representações estão agindo no seu comportamento. Nesse caso, as representações linguísticas se adéquam mais a uma perspectiva vinculada a um falante heterogêneo, que negocia significados constantemente nas interações e que também reage avaliativamente quando é solicitado. Se queremos saber que lugar ocupa uma língua (no caso, a espanhola) no imaginário²⁶ de um grupo de falantes (nesta pesquisa, paranaenses), devemos levar em conta o maior número possível de aspectos que compõem a heterogeneidade desse grupo, de modo que esses aspectos podem ser contemplados por meio do estudo das representações linguísticas. No entanto, o que há de mais concreto é a atitude, a reação imediata. A opção assinalada no questionário objetivo é a materialização da atitude. É como se a atitude fosse a ponta final, e está fundada na representação. Mas, não podemos esquecer, as atitudes podem contribuir para a construção de políticas linguísticas e, por isso, não se encerram por si só.

Devemos salientar, ademais, que não objetivamos categorizar as atitudes e as representações linguísticas de modo estanque, haja vista que essas categorias passaram e passam por processos de transformações e delimitações ao longo do tempo e do espaço, de forma que “as categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 28). Sendo assim, como observamos anteriormente, pensamos que as relações que os falantes estabelecem entre as suas línguas e as línguas dos outros podem ser compreendidas por meio das pesquisas sobre as atitudes e as representações linguísticas. Desse modo, investigar as atitudes e as representações linguísticas torna-se fundamental para interrogar como as línguas alcançam mais ou menos prestígio, por que se adotam tais metodologias de ensino, além de tentar compreender os processos que ajudam a revitalizar as línguas ou a regredir o seu uso²⁷.

²⁶ Canut (1996 apud CALVET, 2004, p. 161-162) define imaginário linguístico como sinônimo de representação linguística, quando menciona que “o estudo das representações dos falantes (ou o estudo do imaginário linguístico) [...]” (tradução nossa).

²⁷ Para uma visão geral acerca dos primeiros trabalhos desenvolvidos no Brasil sobre atitudes linguísticas, sugerimos a leitura da tese de Doutorado de Botassini (2013). Além disso, para uma

E para finalizar esta seção, é necessário aclarar como as representações se relacionam com os imaginários linguísticos das pessoas. Para tanto, apoiamo-nos em Rodrigues, L. (2012, p. 365), quando assinala que:

Se as noções de representação ou de imaginário linguísticos designam o conjunto das imagens que os locutores associam às línguas que praticam, quer se trate de valor, de estética, de ideologia, de sentimento normativo ou, mais largamente, metalinguístico, pergunta-se: em que essas noções se diferenciam? A resposta parece vir precisamente dos termos “subjetivas” e “sujeito” presentes nas duas definições acima descritas e que parecem dar ao imaginário linguístico um caráter de individualidade e à representação, um caráter coletivo.

As representações linguísticas são então constituídas pelo conjunto das imagens, das posições ideológicas, das crenças que têm os grupos sociais a respeito das línguas e das práticas linguísticas, suas e dos outros. Elas correspondem a tudo aquilo que os locutores dizem ou pensam das línguas que falam (ou da maneira como falam) ou das que os outros falam (ou do modo como falam). Reiteramos aqui o uso das expressões “grupo social”, “locutores” com o intuito de reforçar o caráter coletivo, grupal, social das representações.

É o imaginário linguístico, por sua vez, que vai muitas vezes determinar a escolha por parte de um indivíduo de uma língua estrangeira a ser aprendida. Uma posição política anticapitalista e antiamericana pode levar a uma rejeição em aprender inglês e, quem sabe, uma simpatia pela língua árabe. Da mesma forma o romantismo das imagens das gôndolas de Veneza ou o estereótipo do glamour e da sofisticação podem estimular alguém a procurar por cursos de italiano ou de francês, respectivamente.

Como se nota, há que se ter cuidado para não confundir os conceitos, embora estejam bastante relacionados. Devemos observar, também, que esses temas (atitudes, representações, estereótipos, imaginários etc.) apresentados acima, alguns com conceituações mais definidas, a depender da área em que são abordados, podem ser usados com significados que podem divergir, especialmente em virtude do objeto de análise.

2.2 Noções de políticas linguísticas

Que o poder decida sobre as línguas não é uma atividade recente da humanidade. Pelo contrário, desde muito antes de pesquisadores cunharem o termo *política linguística* já se tentava normatizar as línguas, definir seu *status* social, escolher uma em detrimento de outras, criar suas ferramentas de produção escrita (manuais, gramáticas, dicionários etc.) e, não se pode

aproximação às diversas definições de atitudes linguísticas, seus componentes, como se formam, como se medem, entre outros, indicamos também a leitura da tese de Balthazar (2016).

duvidar, já se havia percebido que as línguas são vigorosos instrumentos de poder. No entanto, conforme Calvet (2007), foi só no século passado, na sua segunda metade, que o termo ou a disciplina política linguística passa a fazer parte das preocupações e publicações científicas no ambiente acadêmico. Um dos pesquisadores pioneiros nessa área foi Einar Haugen (1959), responsável pela inclusão do termo *language planning* (traduzido ao português como planificação ou planejamento linguístico), quando apresentou resultados de seus estudos sobre questões linguísticas na Noruega. Outro autor que merece ser citado como representativo é Heinz Kloss (1969), cujo trabalho serve de referência nessa área de estudo. Esse autor estabelece pela primeira vez a distinção entre planejamento de *corpus* e planejamento de *status*. O primeiro diz respeito à intervenção nas formas da língua, na ortografia etc., e o segundo se refere às funções sociais da língua, seu prestígio em relação a outras línguas, por exemplo.

No Brasil, por exemplo, onde historicamente se privilegiou os estudos variacionistas, não faz mais de três décadas que os estudos sobre políticas linguísticas se iniciaram de forma consistente sua trajetória de lutas por um espaço na área da sociolinguística. Isso não quer dizer que não se fez política linguística aqui desde a chegada dos portugueses. Como publicações que são referências no meio acadêmico brasileiro, devemos citar a tradução para o português do trabalho de Calvet (2007), as coletâneas organizadas por Orlandi (1988; 2007), Nicolaidese *et al.* (2013), Fanjul e Castela (2011), entre outros artigos e capítulos de livros. Além disso, há um número especial (n. 32) da revista Gragoatá, organizado por Savedra e Lagares (2012) dedicado aos estudos sobre políticas linguísticas.

É necessário observarmos que o conceito de política linguística é bastante heterogêneo, com definições variadas e que foram sendo ampliadas e modificadas ao longo dos anos. De forma resumida, a maioria desses conceitos adota na sua base uma noção clássica de política linguística: de um lado estão as políticas linguísticas e de outro está o planejamento linguístico. De acordo com Calvet (2007, p. 11), política linguística é a “determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade” e o planejamento linguístico consiste na implementação dessas políticas. Fica claro que são dois eixos que se inter-relacionam e um é dependente do outro. De acordo com o autor, na maior parte dos casos, as políticas linguísticas são iniciativa do Estado ou de uma entidade que disponha no seio do Estado de certa autonomia política. No Brasil, não há uma entidade oficial responsável direta e exclusivamente pelo tratamento das políticas linguísticas, como ocorre em outros países, por exemplo²⁸. Ainda, o

²⁸ O caso da Espanha é um exemplo particular de órgãos atuantes em políticas linguísticas, como a Real Academia Espanhola e o Instituto Cervantes, responsáveis pela difusão da língua espanhola no mundo.

autor acena que “qualquer grupo pode elaborar uma política linguística [...] mas apenas o Estado tem o poder e os meios de passar ao estágio do planejamento, de pôr em prática suas escolhas políticas” (CALVET, 2007, p. 20-21). Para Lagorio (2011, p. 28),

el debate sobre Políticas Lingüísticas debe incluir, no solamente los discursos legales, sino, principalmente las prácticas sociales cotidianas que implican actitudes, decisiones en relación a las lenguas, en el micro universo cotidiano, es decir, no solamente las prescripciones normativas de carácter legislativo.²⁹

Assim como a política e o planejamento linguísticos estão imbricados, na visão de Calvet (2007), o planejamento de *corpus* da língua e o planejamento de *status* da língua também estão relacionados entre si e um interfere no outro. Em linhas gerais, planejar o *corpus* de uma língua é tratar da sua matéria em si, dos seus instrumentos, ferramentas ou plataformas linguísticas, como a criação de dicionários, de gramáticas, de acordos ortográficos, entre outros. Planejar o *status* de uma língua é interferir nas funções e nas designações das línguas. De certo modo, é atribuir valores às línguas e determinar em que espaços institucionais elas podem habitar legalmente.

Robert Cooper (1997) chama o planejamento de *corpus* de planejamento formal da língua e o planejamento de *status* de planejamento funcional da língua. O autor ainda acrescenta na sua análise o planejamento da aquisição da língua. Nosso interesse, neste estudo, é pelo segundo tipo de planejamento, o funcional. Segundo Cooper (1997, p. 122), “se denomina planejamento funcional da língua às atividades deliberadas a influir na distribuição de funções entre as línguas de uma comunidade”. Como se nota, há uma abrangência nessa definição do autor, abrindo possibilidade para diversos caminhos a serem explorados. No nosso caso, o caminho é indagar e discutir as atitudes e representações linguísticas sobre o lugar que as línguas têm no imaginários dos informantes da pesquisa. Como mencionamos anteriormente, historicamente, os povos atribuíram e atribuem valor às suas línguas e às línguas dos outros. Esse valor não é estável, ele foi e vai mudando com o passar do tempo. Assim, algumas línguas ganham lugar de destaque e outras são desprestigiadas. De acordo com Cooper (1997, p. 122), “assim como as línguas mudam com o tempo, mudam as funções que cumprem em determinadas sociedades”. Lagares (2013b apoiado em CALVET, 1999) contribui com essa

²⁹ “o debate sobre Políticas Linguísticas deve incluir, não somente os discursos legais, senão, principalmente as práticas sociais cotidianas que implicam atitudes, decisões em relação às línguas, no micro universo cotidiano, isto é, não somente as prescrições normativas de caráter legislativo” (LAGORIO, 2011, p. 28, tradução nossa).

discussão ao evidenciar que socialmente as línguas têm pesos diferentes no sistema linguístico mundial. Para ele,

Resulta evidente, portanto, que, do ponto de vista social, não todas as línguas têm o mesmo valor, nem o mesmo *peso* no sistema linguístico mundial. E isso não depende apenas do número de falantes que as utilizam, mas de diversos critérios relacionados à presença da língua no mundo, nos mais variados âmbitos de uso (LAGARES, 2013b, p. 387, *itálico do autor*).

Esse *status* linguístico é resultado de políticas adotadas institucionalmente ou no seio de uma comunidade. Para Cooper (1997, p. 122): “talvez a maioria das mudanças da distribuição de funções entre as línguas de uma comunidade ocorra de forma espontânea. Não obstante, alguns são resultado do planejamento”. No caso da inclusão ou exclusão das línguas na matriz curricular das escolas, por exemplo, essa distribuição de funções fica a cargo, na maioria dos casos, dos órgãos institucionais, como o Ministério da Educação, as Secretarias Estaduais de Educação, os Núcleos Regionais de Educação e, mais diretamente, as direções das escolas. São eles, na figura dos seus gestores, que determinam, por exemplo, quais línguas estrangeiras seus alunos devem estudar.

Na próxima seção, apresentaremos inicialmente um pequeno resumo do estudo de Calvet (1999), que trata de um modelo gravitacional das línguas, para a partir desse modelo refletirmos sobre os lugares que as línguas espanhola, portuguesa, inglesa e as minorizadas ocupam entre elas e em relação ao inglês, a língua hipercentral.

2.3 Políticas linguísticas para o português, o espanhol, o inglês e as línguas minorizadas

Como faltam critérios técnicos e específicos para que ocorra atribuição de valor às línguas, ela é oriunda das crenças e das ideologias dos sujeitos envolvidos no processo. A depender da posição e das forças desses sujeitos no jogo das relações de poder, as línguas vão sendo colocadas em pódios linguísticos. Para tentar medir o peso e o valor das línguas no mundo, Calvet (1999) faz referência a um modelo gravitacional, no qual as línguas se ligam entre si por meio dos sujeitos bilíngues. Nesse modelo, cujo objetivo é situar a organização das relações entre as línguas no mundo, algumas línguas supercentrais giram em torno de uma língua hipercentral, o inglês. Entre essas línguas supercentrais estão o português, o espanhol, o alemão, o francês, entre outras. Gravitam em torno das línguas supercentrais algumas centenas

de línguas centrais (por exemplo, em volta do francês gravitam o bambará, o bretão, o wolof etc), e à volta das línguas centrais gravitam milhares de línguas periféricas.

Os indicadores usados para se medir os pesos das línguas são, por exemplo: número de falantes, quantidade de prêmios Nobel de Literatura, número de artigos na Wikipédia, índice de penetração da internet, entre outros. Como se pode perceber, analisando os indicadores, não se trata de um modelo estático, pois há uma dinâmica na relação entre as línguas e esses indicadores sofrem alterações constantemente. Por exemplo, se nesse modelo o inglês é apresentado como hipercentral, esta situação pode evoluir ou apresentar-se de maneira diferente, de acordo com o contexto e ao longo do tempo.

A partir desse modelo gravitacional de Calvet (1999), passamos a tratar especificamente das línguas com que trabalhamos no nosso estudo, sobretudo fazendo referência às ideologias linguísticas. Hanks (2008) questiona a padronização sobre o uso de determinadas línguas e sobre a valorização de algumas em detrimento de outras. Segundo ele, há uma censura aos modos de falar daqueles que não se adaptam ao padrão pré-estabelecido. A língua inglesa, nesse caso, seria esse padrão. Conforme o referido autor, “falar uma língua não é dominar um código, mas agir num mundo que é tacitamente aceito. A padronização e a legitimação sancionam determinadas maneiras de falar, recompensando umas, porém silenciando outras. Seu efeito é intimidar e censurar o discurso sem o uso de quaisquer atos visíveis de intimidação ou censura” (HANKS, 2008, p. 52). Um bom exemplo dessa censura pode ser percebido na comunidade científica, uma vez que a maioria das publicações com relevante fator de impacto é feita em língua inglesa. Ou seja, quem não sabe essa língua, não acessa esse conhecimento especializado.

A tão conhecida e discutida globalização assume um papel relevante em relação à padronização sobre o uso de determinadas línguas e sobre a valorização de uma e não de outra(s), pois interfere nas mudanças dos padrões tradicionais da sociedade. Vares (2002, p. 24) afirma que a globalização promove a “uniformização do gosto” e assinala que “a cultura que temos hoje diante de nós é a cultura da moda e a progressiva destruição das linguagens regionais e específicas para o surgimento de um único idioma universal – que, obviamente, não é o Esperanto”. O autor ainda continua pontuando que há na atualidade uma “crise da cultura contemporânea” e que “não é correto buscar uma identidade em que desapareçam as particularidades. O universal só pode ser compreendido na medida em que o singular permanece” (VARES, 2002, p. 25). De fato, essa uniformização pelo gosto, pela cultura que está na moda, serve para o apagamento das minorias linguísticas.

Um outro tema que merece ser explicitado são as ideologias. Sobre esse assunto, citamos duas definições que nos parecem adequadas e que nos servirão de apoio para as análises posteriores. A primeira definição trata somente de ideologia, sem especificação, e está baseada em Althusser:

De acordo com Althusser, é pela ideologia que funcionam os Aparelhos Ideológicos do Estado (o aparelho ideológico religioso, o escolar, seja ele público ou particular, o familiar, o jurídico, o político, o sindical, o da imprensa, o cultural, dentre outros), os quais, diferentemente do aparelho repressivo do Estado, que funciona pela violência, funcionam silenciosamente inculcando no indivíduo, desde a sua mais precoce infância, uma quantidade de “saberes” englobados pela ideologia dominante. Dessa forma, explica-se a origem e a manutenção das ideologias existentes em uma formação social pelo ponto de vista da luta de classes (SIMÃO, 2008, p. 55).

Na segunda definição há uma especificação: são ideologias linguísticas e foi definida assim por Del Valle (2007, p. 20):

sistemas de ideas que articulan nociones del lenguaje, las lenguas, el habla y/o la comunicación con formaciones culturales, políticas y/o sociales específicas. Aunque pertenecen al ámbito de las ideas y se pueden concebir como marcos cognitivos que ligan coherentemente el lenguaje con un orden extralingüístico, naturalizándolo y normalizándolo, también hay que señalar que se producen y reproducen en el ámbito material de las prácticas lingüísticas y metalingüísticas, de entre las cuales presentan para nosotros interés especial las que exhiben un alto grado de institucionalización.³⁰

Woolard (2007), ao discutir as ideologias e os conceitos de autenticidade e de anonimato, traz uma importante contribuição para nos ajudar a refletir sobre o lugar que as línguas ocupam, especialmente o lugar de destaque ocupado pela língua inglesa. Para essa autora,

Los estudios sociolingüísticos nos muestran cómo la ideología del anonimato permite consolidar la hegemonía ejercida por las lenguas mayoritarias. Al decir hegemonía, quiero decir que estas lenguas consiguen lo que Raymond Williams (1977) llamó la saturación de la consciencia, la cual permite

³⁰ “sistemas de ideias que articulam noções de linguagem, as línguas, a fala e/ou a comunicação com formações culturais, políticas e/ou sociais específicas. Ainda que pertençam ao âmbito das ideias e se possam conceber como marcos cognitivos que ligam coerentemente a linguagem com uma ordem extralinguística, naturalizando-o e normalizando-o, também há que destacar que se produzem e reproduzem no âmbito material das práticas linguísticas e metalinguísticas, dentre as quais apresentam para nós interesse especial as que exibem um alto grau de institucionalização” (DEL VALLE, 2007, p. 20, tradução nossa).

naturalizar su posición dominante y situarla más allá de cualquier cuestionamiento.³¹ (WOOLARD, 2007, p. 133-134).

No Brasil, por exemplo, essa naturalização do lugar dado ao inglês se evidencia nos discursos institucionais, nos programas de incentivo à aprendizagem de línguas estrangeiras, nas publicações científicas, entre outros. Woolard (2007, p. 134-135), sobre o *status* adquirido pelas línguas, assinala que as pessoas

[...] imaginam como um atributo natural da autoridade (ou, no caso do inglês, como o feliz resultado da obra da mão invisível do mercado). Poderíamos dizer que o processo é uma sorte de “branqueamento linguístico” feito pelas instituições da legitimidade. Sob o poder persuasivo das escolas e os meios de comunicação, as pessoas chegam a aceitar o poder da língua como algo natural e inerente à própria língua.

Esse poder conferido à língua inglesa parece, em muitos casos, que é inerente à língua, como se ele não fosse resultado de políticas linguísticas (não apenas tomadas no âmbito do Estado) que fizeram e fazem como que se atribua ao inglês todo esse prestígio. Hamel (2013, p. 337) menciona que “a suposta supremacia intrínseca do inglês carece então de toda base objetiva, mas opera como um constructo ideológico muito poderoso em nossos países”. A falta de base objetiva a que se refere o autor diz respeito a não se ter critérios e elementos que possam conferir objetivamente mais ou menos valor a uma língua. A riqueza ou a pobreza de uma língua está no campo da subjetividade, e se manifesta também por meio das atitudes e representações dos falantes.

De acordo com Damiana (2011, p. 885), quando se refere a questões relacionadas ao poder e à supremacia da língua inglesa como língua estrangeira no Brasil, esse fenômeno da supervalorização dessa língua ocorre “Graças a Legitimação e Reificação do status adquirido pela língua inglesa, bem como pelos países em que a mesma é a língua mãe, tal crença passa a fazer parte do coletivo, um pressuposto compartilhado em larga escala”. Nossa reflexão, nesse momento, objetiva a questionar essa naturalização do inglês como essencial para o sucesso nas mais diversas áreas da sociedade. A respeito dessa vinculação entre a língua inglesa e a certeza do sucesso, Damiana (2011) afirma que

³¹ “Os estudos sociolinguísticos nos mostram como a ideologia do anonimato permite consolidar a hegemonia exercida pelas línguas majoritárias. Ao dizer hegemonia, quero dizer que estas línguas conseguem o que Raymond Williams (1977) chamou a saturação da consciência, a qual permite naturalizar sua posição dominante e situá-la acima de qualquer questionamento”. (WOOLARD, 2007, p. 133-134, tradução nossa).

Tornou-se hábito crer nessa falácia [a do sucesso] graças aos status dos países envolvidos, cuja língua inglesa é a língua mãe. Os países chamados de primeiro mundo representam um sucesso ideológico ainda maior do que o “simples” sucesso profissional cotidiano. Não basta conquistar um bom trabalho, um bom salário. Dissemina-se a necessidade das roupas mais caras, das inúmeras viagens executivas, dos mais atuais equipamentos eletrônicos. E, além da contaminação por esse ideal, ocorre a subsequente, que é a crença de que tal ideal só pode ser alcançado mediante a proficiência do indivíduo na língua inglesa, por ser através de seu uso que “todas as portas podem ser abertas” (DAMIANA, 2011, p. 884).

Hamel (2013), um defensor do plurilinguismo, ao tratar do monopólio do inglês no campo das ciências e do ensino superior, especialmente no que diz respeito à publicação de trabalhos científicos, apresenta três razões fundamentais para a conservação do espanhol e do português, além de outras línguas, nesse campo. Segundo o autor,

1. A redução da diversidade a uma só língua na produção de modelos, temas e estratégias de investigação levaria, desde uma perspectiva ecológica, a um empobrecimento arriscado do próprio desenvolvimento científico, especialmente nas ciências sociais e humanas.
2. A imposição total do inglês reforçaria ainda mais as assimetrias já existentes, tanto nas condições de acesso à ciência internacional como na produção e circulação da ciência e tecnologia próprias. Se levarmos em conta o valor da ciência como meio de produção, prejudicaria a médio e longo prazo o desenvolvimento da própria economia dos países que abandonam esses espaços.
3. Como consequência da crescente hegemonia do inglês, a academia e os profissionais anglo-saxões se tornam cada vez mais monolíngues na sua competência linguística real, mas ainda mais na prática de seus membros que já não levam em conta o que se trabalha e publica em outras línguas (HAMEL, 2013, p. 325).

Essas preocupações do autor no que diz respeito à reserva natural de um lugar de destaque para o inglês coadunam com a nossa preocupação. Entendemos que não é salutar privilegiar um língua em detrimento de outras línguas no campo da ciência, por exemplo. Essa reserva naturalizada, de nosso ponto de vista, traz mais prejuízos do que ganhos para a maioria dos que se envolvem no processo. Prejuízos porque se abandona um plurilinguismo em favor de um monopólio anglófono. E como se sabe, essa reserva é resultado de políticas linguísticas, como assinalamos anteriormente, pois ao restringir a uma língua ou ao permitir outras, as instituições regulamentam os espaços nos quais as línguas podem circular. Nessa perspectiva, Mariani (2003) argumenta que

O estabelecimento de regras para a efetiva utilização de uma língua ou para o silenciamento de outra organiza simultaneamente os espaços institucionais por onde as línguas circulam e o modo como elas circulam. Nessa medida,

buscando domesticar o trânsito da heterogeneidade lingüística, uma política lingüística regulamenta a língua com que os sujeitos vão fazer a história significar e, ao mesmo tempo, serão significados por essa mesma história. (MARIANI, 2003, p. 78).

Seguindo essa mesma perspectiva de exame das políticas linguísticas, vale a pena destacar que nas universidades brasileiras, especialmente nas ciências naturais e exatas, o monopólio linguístico conferido ao inglês é parte de um processo “naturalizado” que culmina numa série de outros desdobramentos, como, por exemplo, a escolha por escrever e publicar em inglês e em revistas internacionais os resultados das pesquisas, a exigência de proficiência em inglês para ingressar ou permanecer nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros, assim como incluir na lista de países preferenciais para intercâmbio dos seus alunos aqueles países cuja língua de comunicação seja a inglesa.

No que se refere à língua espanhola, essa assume, atualmente, conforme Hamel (2004), quatro fronteiras territoriais e metafóricas da identidade linguística: língua dominante, dominada, fronteira e internacional. Esses quatro eixos ou fronteiras identitárias são resultados dos contatos e conflitos históricos pelos quais passou/passa a língua espanhola, em que pese hoje haver mais falantes monolíngues do espanhol que bilíngues.

No caso de língua dominante, a sua expansão no continente americano é um caso talvez nunca visto antes na história das línguas. Foi a língua de um grande império que dominou simbólica e territorialmente uma grande região do continente. Seu poderio se assentou, dominou e fez sucumbir centenas de línguas indígenas.

Em relação ao espanhol como língua dominada, sua penetração nos Estados Unidos da América (EUA) como língua de imigração e sem *status* oficial é um caso que merece destaque. Naquele país, que conta com mais de trinta milhões de falantes de espanhol, há uma clara política que “se centra por razones estratégicas bien definidas en el combate del español en los ámbitos de prestigio, sobre todo en la educación, la academia y en otras instituciones públicas, reforzando una política monolingüe de Estado”³² (HAMEL, 2004, s/p.).

No que diz respeito ao espanhol como língua de fronteira, ele vive situações diferentes na América Latina e na Europa. Para Hamel (2004, s/p.) “estas fronteras, otrora demarcaciones claras de identidades lingüísticas nacionales, se comienzan a desplazar y diluir en el continente

³² “se centra por razões estratégicas bem definidas no combate do espanhol nos âmbitos de prestígio, sobretudo na educação, na academia e em outras instituições públicas, reforçando uma política monolíngue de Estado” (HAMEL, 2004, s/p, tradução nossa).

americano, mientras se refuerzan en España”³³. O que tem feito com que ocorra essa diluição (ainda elementar) das fronteiras no continente americano são as tentativas de integração regional entre os países hispanos e o Brasil, com aumento de intercâmbios linguísticos e culturais entre os países vizinhos.

No caso de língua internacional, os argumentos a favor do espanhol sempre estão relacionados a posições geográficas dos seus países, ao número de falantes, ao número de países onde é língua oficial, aos vários órgãos internacionais onde é língua oficial e de trabalho, aos indicadores de crescimento, entre tantos outros números citados com recorrência nos discursos de promoção do espanhol como língua internacional. Como argumentos desfavoráveis, quando se quer citá-los, esses têm a ver com questões econômicas. Para Hamel (2004, s/p.), “la producción económica conjunta de los países hispanos permanece endeble, su comercio es disperso y ninguno de sus países miembros pertenece al círculo de los Estados líderes en el mundo”³⁴. Argumentos como o de “pátria comum” são recorrentes no sentido de se criar/valorizar o conceito de “pan-hispanismo” e de se forjar uma “unidade linguística” a favor da internacionalização da língua espanhola.

No que diz respeito às políticas para a língua portuguesa, Oliveira (2013) resume em três fases a geopolítica recente dos países de língua portuguesa. São elas:

1. Ditadura, modernização conservadora, guerra colonial, descolonização no âmbito da Guerra Fria (1930-1974);
2. O longo processo de transição para uma normalização democrática e uma superação dos aspectos mais crassos da desigualdade oriunda do modelo econômico adotado nos séculos anteriores, com diferentes datas nos diferentes países (1974-2004);
3. Integração, como coagentes, a um mundo multipolar. Deslocamento parcial dos tradicionais centros de poder, ampliação e globalização das relações internacionais, com melhor posicionamento dos países de língua portuguesa, maior democratização interna e melhor acesso aos serviços cidadãos, com ampliação das classes médias (OLIVEIRA, 2013, p. 61-62).

É nessas últimas duas fases que ocorrem as políticas linguísticas mais significativas do passado recente, que destacaremos aqui, a saber: a criação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), em 1989; a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

³³ “estas fronteiras, outrora demarcações claras de identidades linguísticas nacionais, começam a se deslocar e a se diluir no continente americano, enquanto se reforçam na Espanha” (HAMEL, 2004, s/p., tradução nossa).

³⁴ “a produção econômica conjunta dos países hispanos permanece frágil, seu comércio é disperso e nenhum de seus países membros pertence ao círculo dos Estados líderes no mundo” (HAMEL, 2004, s/p., tradução nossa).

(CPLP), em 1996; o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP90), que começou a ser implantado em 2009³⁵. Esses fatos político-linguísticos citados, entre outros, derivam de uma política que busca a expansão e valorização da língua portuguesa, ou seja, se trata de um planejamento funcional da língua. Para escapar um pouco dos números (tantos países, tantos milhões de falantes etc.) relativos ao português, tão usuais quando se quer mostrar o valor e o poderio de uma língua, optamos por citar novamente Oliveira (2013, p. 62) quando discorre sobre os fatores que promoveram um maior interesse pelos países da CPLP após 2004: “ampliou-se o letramento da população, a inserção dos países na sociedade internacional, o crescimento da classe média, criando uma produção e um consumo cultural mais sofisticados, mais viagens ao exterior e maior acesso à internet”.

Na mesma perspectiva de análise, no caso das políticas para as línguas em situação de minorização³⁶, vale citar a cooficialização de onze línguas diferentes distribuídas em dezessete municípios, pertencentes a sete estados brasileiros, conforme dados apresentados no livro *Leis e línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades* (MORELLO, 2015). A seguir, apresentamos as línguas e os respectivos municípios:

Quadro 1 – Municípios e suas respectivas línguas cooficializadas.

Municípios (17)	Línguas cooficializadas (11)
São Gabriel da Cachoeira (AM)	nheengatu,
	tukano
	baniwa
Serafina Corrêa (RS) Bento Gonçalves (RS) Flores da Cunha (RS)	talian
Bonfim (RO)	wapixana
Catá (RO)	macuxi
Santa Maria do Jetibá (ES)	pomerano

³⁵ De acordo com Oliveira (2013, p. 54), “o AOLP90 marca o início de um modelo novo de gestão da língua – internacional, convergente, multilateral e comunitário, no sentido de que realizado no espaço dos países da CPLP”.

³⁶ Preferimos usar os termos *línguas em situação de minorização* ou *línguas minorizadas* porque entendemos que não são *línguas minoritárias*, termo comumente mais empregado nos trabalhos sociolinguísticos. Sobre isso, Ponso (2017, p. 193-194) explica que “a minorização (termo usado em profusão na literatura sociolinguística hispânica sobre a situação do catalão, galego, valenciano etc) não depende do número de falantes, mas do status de que goza a língua. Também pode acontecer de haver línguas majoritárias minorizadas, pois, embora usadas pela maioria das respectivas populações, não gozam de estatuto de oficialidade, por exemplo”.

Domingos Martins (ES) Pancas (ES) Laranja da Terra (ES) Vila Pavão (ES) Canguçu (RS)	
Pomorode(SC)	alemão
Tocantínia (TO)	akwê-xerente
Tacuru (MS)	guarani
Antônio Carlos (SC) Santa Maria do Herval (RS)	hunsrückisch

Fonte: Autoria própria. Adaptado de Morello (2015).

Essas iniciativas político-linguísticas de cooficialização de línguas representam uma atividade de valorização dessas e de outras línguas em situação de minorização. Cabe lembrar que tanto as línguas indígenas como as línguas de imigração sofreram práticas repressivas ao longo da história no Brasil. Essas repressões (ainda presentes) podem desencadear processos de legitimação de preconceitos e de menosprezo para com os falantes, e podem levar (quase sempre levam) ao abandono progressivo dessas línguas. Sobre essas práticas repressivas, Payer (2006), no seu estudo sobre os italianos no Estado do Espírito Santo, conclui que elas tiveram efeitos nocivos para a memória das línguas de imigrantes no Brasil. Para a autora, “a representação preponderante da memória linguístico-discursiva ligada à história dos imigrantes, no interdiscurso atual da sociedade brasileira (...) é a que consiste em alojá-la em um domínio discursivo interpretado como lugar dos sentidos passados” (PAYER, 2006, p. 199).

Um caso particular que merece apreciação são as políticas para as línguas de fronteira. No Brasil, o contato fronteiriço entre o português e o espanhol é notório. Para não nos alongarmos muito, optamos por citar dois exemplos de políticas linguísticas recentes adotadas na fronteira brasileira. Um deles é a criação, em 2010, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), no município paranaense de Foz do Iguaçu. Essa universidade foi concebida, conforme consta no Art. 2º da Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010, com o objetivo de:

ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o

intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul – MERCOSUL (BRASIL, 2010).

Nos incisos II e IV do Art. 14 dessa mesma Lei, que tratam da seleção de professores e alunos, respectivamente, fica explícito o caráter bilíngue a que se propunha a universidade na sua concepção:

II - a seleção dos professores será aberta a candidatos dos diversos países da região, e o processo seletivo será feito **tanto em língua portuguesa como em língua espanhola**, versando sobre temas e abordagens que garantam concorrência em igualdade de condições entre candidatos dos países da região;

IV - a seleção dos alunos será aberta a candidatos dos diversos países da região, e o processo seletivo será feito **tanto em língua portuguesa como em língua espanhola**, versando sobre temas e abordagens que garantam concorrência em igualdade de condições entre candidatos dos países da região (BRASIL, 2010, negrito nosso).

Outro fato de política linguística recente presente na fronteira brasileira com países hispano-americanos é a criação, em 2005, do Programa de Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira (PEIBF)³⁷, cujo objetivo é promover o intercâmbio entre professores dos países do MERCOSUL e a integração de estudantes e professores brasileiros com os alunos e professores dos países vizinhos. De acordo com Pereira (2014, p. 11),

A criação do PEIBF faz parte de um momento da história da relação entre Brasil e Argentina que busca através de diversas iniciativas uma maior integração, sobretudo do ponto de vista econômico. A Fronteira passa a ser vista então com um território específico onde interações são facilitadas, propiciando fluxos de diversas ordens e não mais como uma linha que limita os dois países. O bilinguismo aparece como elemento facilitador dessa integração; a questão linguística aparece assim de forma importante na fronteira.

Sobre a integração regional no Sul do continente, Arnoux (2011, p 53) acentua que

las lenguas están bien posicionadas para cumplir un papel en la construcción de nuevas subjetividades sensibles a las problemáticas sociales contemporáneas. No será la búsqueda ilusoria de una comunidad lingüística homogénea sino diversas articulaciones, con variadas modalidades, de las lenguas de la región cuyo conocimiento deberá estimularse no solo a partir del sistema educativo sino también de los medios, las prácticas profesionales y

³⁷ Atualmente o programa é chamado de Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF).

artísticas, los emprendimientos empresariales, las actividades científicas y tecnológicas.³⁸

Apresentamos acima iniciativas com vistas à integração regional dos países latino-americanos, com especial atenção para a relação entre a língua portuguesa e a língua espanhola na fronteira. Um pouco mais acima, tratamos das questões relacionadas à cooficialização de línguas em situações de minorização, sejam elas indígenas ou de imigrantes, em vários municípios brasileiros. Um pouco antes disso, fizemos referência a alguns fatos político-linguísticos relacionados à língua portuguesa com vistas à sua promoção e difusão no mundo contemporâneo. Anteriormente a isso, expusemos os constructos com os quais lidam os falantes da língua espanhola, seja como língua dominante ou dominada, fronteira ou internacional.

O que desencadeou essas breves apresentações dessas políticas linguísticas relacionadas a essas línguas e nesses contextos, especificamente, foi a exposição do modelo gravitacional das línguas (CALVET, 2007), que se alinha, conforme vimos discutindo, ao planejamento funcional das línguas, e, por isso, nossa intenção foi a de apresentar um quadro das línguas com as quais trabalhamos neste estudo. Não podemos nos esquecer que essas iniciativas e gestos políticos relacionados às línguas são motivados por ideologias linguísticas, algumas bem nítidas, outras nem tanto.

Diante do exposto, o que fica claro, em que pese à tendência de se naturalizar a língua inglesa como universal e essencial para o mundo atual, há políticas que buscam a integração regional dos países latino-americanos. Há também intentos político-linguísticos de valorização das línguas que não gozam de prestígio para além dos falantes dessas línguas. Sendo assim, teríamos exemplos e argumentos para assegurar que as políticas linguísticas para todos os casos com os quais trabalhamos nesta pesquisa avançaram e seguem avançando.

³⁸ “as línguas estão bem posicionadas para cumprir um papel na construção de novas subjetividades sensíveis às problemáticas sociais contemporâneas. Não será a busca ilusória de uma comunidade linguística homogênea senão diversas articulações, com variadas modalidades, das línguas da região cujo conhecimento deverá estimular-se não somente a partir do sistema educativo mas também dos meios, as práticas profissionais e artísticas, os empreendimentos empresariais, as atividades científicas e tecnológicas” (ARNOUX, 2011, p 53, tradução nossa).

Em branco³⁹

³⁹ Algumas páginas estão em branco para que haja compatibilidade no número de páginas entre a versão digital e a versão impressa desta tese, e para atender a normatização vigente, que estabelece que os capítulos não podem iniciar no verso da página na versão escrita.

CAPÍTULO 3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

A realização de um estudo que envolve seres humanos e coleta de dados por meio de pesquisa de campo é sempre desafiadora, mesmo que o pesquisador já possua experiência na tarefa de entrevistar pessoas e de aplicar questionários, como é o nosso caso. A fim de atingir o objetivo central da pesquisa, que é de investigar e discutir atitudes e representações linguísticas em torno da língua espanhola em relação a outras línguas no meio escolar paranaense, determinamos alguns itens metodológicos que serão detalhados a seguir.

A organização estrutural desta metodologia está assim exposta: o primeiro item a ser tratado neste capítulo é a descrição dos instrumentos utilizados para a constituição do *corpus* da pesquisa. O segundo tópico aborda as convenções para a transcrição das entrevistas. O terceiro tema diz respeito à metodologia adotada para a análise dos dados. O quarto assunto versa sobre o armazenamento dos materiais que não podem ser anexados à tese por motivo de sigilo, como os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE's) assinados pelos informantes e os áudios das entrevistas, e, de volume, como os questionários impressos e respondidos pelos informantes. O quinto item tem a ver com a escolha e a descrição das três escolas. A sexta parte desta metodologia contempla a descrição dos grupos de informantes. O último tópico tem a ver com a tramitação do projeto de pesquisa para aprovação juntos aos órgãos reguladores e os percalços encontrados pelo caminho.

3.1 Descrição dos instrumentos

Numa pesquisa na área da Sociolinguística, a escolha dos instrumentos para a coleta de dados é uma das partes mais importantes. Isso porque é a partir da elaboração dos itens⁴⁰ que se pode chegar a atingir o objetivo do estudo. No nosso caso, o uso de instrumentos com possibilidades de se obter dados quantitativos e qualitativos nos permitiu constituir um *corpus* amplo e diversificado.

3.1.1 Questionário

⁴⁰ Seguindo uma terminologia do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) no que se refere a testes como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo, utilizamos a expressão “item” para designar as perguntas contidas no questionário. Resolvemos usar este termo considerando que em alguns casos não se trata de perguntas, e sim, de afirmações, sobre as quais os informantes deveriam assinalar a sua concordância ou discordância.

Os questionários (anexos B a G) foram elaborados a partir de uma seleção de itens originais que versavam sobre os lugares das línguas no imaginário dos paranaenses vinculados às escolas que serão apresentadas na sequência. Foram inseridos itens com afirmações semi-hipotéticas, ou seja, situações com possibilidade de ocorrerem, algumas com pouquíssima chance, outras com mais possibilidade. No questionário para os alunos, houve rotação dos itens e das opções de resposta, isto é, o mesmo questionário foi colocado em três formatos diferentes, de modo que, por exemplo, o item 12 do questionário no formato 1 estava como item 28 no formato 3. A aparição das línguas nas opções de resposta também sofreu rotação. Por exemplo, no questionário de formato 1, no item 15, a sequência era esta: alemão, guarani, polonês, espanhol, italiano, inglês. Já no formato 2, esse mesmo item aparecia como item 9 e a sequência das línguas era esta: polonês, alemão, espanhol, inglês, guarani, italiano. O motivo dessas rotações foi o de evitar a cópia de respostas entre os alunos e para não induzir o informante a alguma opção ao ver sempre a mesma sequência de línguas.

Em Foz do Iguaçu, além do inglês e do espanhol, o guarani figurou entre as opções de resposta quando o tema dizia respeito às línguas. Em Irati, foi priorizada a língua ucraniana, além do inglês e do espanhol, nas opções de resposta. Em Curitiba, não houve priorização de inclusão de línguas nas alternativas a serem assinaladas. O alemão, o italiano e o francês estavam presentes, além do inglês e do espanhol, como opção de resposta nos três questionários.

Os questionários respondidos pelos pais de alunos, professores e gestores das três escolas são diferentes daqueles dos alunos. A diferença consiste basicamente em que no questionário dos alunos, nos itens 01 a 06, quem supostamente pretende propor a substituição de línguas é o/a diretor/a da escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação (NRE). Já no questionário aplicado aos outros grupos de informantes, quem supostamente pretende propor a substituição é o/a secretário/a estadual de educação do Paraná, e tal substituição se aplicaria a todas as escolas do Estado (itens 04 a 09). Outra diferença nos questionários é a hipotética situação de a sua escola (no caso dos alunos) e o Estado do Paraná (no caso dos pais de alunos, professores e gestores) terem sido contemplados com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente, cujo palestrante não fala português. Nessa proposição, teriam que escolher qual a língua deveria ser usada na(s) conferência(s). De modo geral, esse é o tipo de diferença entre os questionários, que podem ser visualizados integralmente nos anexos B, C, D, E, F, G desta tese.

Após terem sido agendadas as datas e os horários com os diretores das escolas, apresentamo-nos nas respectivas secretarias das escolas e fomos conduzidos até as salas de aula para a aplicação dos questionários. Inicialmente, informamos aos alunos do que se tratava a

pesquisa e todos os procedimentos éticos e de sigilo, assim como da não obrigatoriedade da sua participação. Fizemos a leitura do Termo de Assentimento para criança e adolescente (anexo J) e pedimos a assinatura dos alunos, que receberam uma cópia assinada por nós do referido termo. Assim, procederam às respostas dos questionários na sua forma impressa. Além disso, convidamos os professores que estavam ministrando aula na ocasião da nossa presença para que respondessem ao questionário específico para eles. Também aproveitamos os intervalos entre as aulas e o horário de hora-atividade para pedir que outros professores e os diretores respondessem ao questionário. O tempo médio usado para responder foi de quinze minutos.

Após a entrega dos questionários respondidos, interrogamos os alunos se eles poderiam levar para casa um questionário para que seus pais o respondessem e se poderiam devolver no dia seguinte. Os alunos que se manifestaram favoravelmente levaram consigo também duas cópias do TCLE, sendo que uma delas deveria ser devolvida assinada pelos pais juntamente com o questionário respondido. Nos dois dias seguintes, retornamos às escolas para recolher os questionários respondidos pelos pais e para aplicar mais questionários aos professores.

As respostas dos questionários impressos foram passadas para um formulário do *Google Docs*. Assim, os registros estão protegidos e podem ser acessados pelo pesquisador em qualquer lugar. O próprio formulário *on line* gera os gráficos e os percentuais, mas como a qualidade dos gráficos é reduzida, tivemos que gerar os gráficos a partir do Excel.

Os informantes das três escolas que responderam aos questionários estão assim divididos:

Quadro 2 - Informantes que responderam aos questionários por escola.

Grupos/escolas	Irati	Foz do Iguaçu	Curitiba	Total
Alunos	55	96	94	245
Professores	7	7	10	24
Diretor	1	1	1	3
Pais de alunos	7	15	7	29
Total	70	119	112	301

Fonte: Autoria própria.

Além dos grupos de sujeitos vinculados às três escolas, houve aplicação de questionários *on line* a outros dois grupos de informantes, que não precisariam, necessariamente, estar vinculados a essas escolas. Esses dois grupos são os chefes dos NRE's e os professores de espanhol do Estado do Paraná. O contato com eles foi feito da seguinte forma: para os chefes

de NRE's enviamos via e-mail institucional a solicitação para participação na pesquisa. Após um primeiro envio, em março de 2017, apenas dez dos trinta e dois chefes responderam ao questionário. Em junho, reenviamos o questionário aos que não haviam respondido e fizemos contato telefônico. Dessa forma, outros dezenove responderam ao questionário, totalizando vinte e nove informantes. No caso dos professores de espanhol, o questionário foi enviado, em março, via e-mail da Associação de Professores de Espanhol do Estado do Paraná (APEEPR), sendo que vinte e dois responderam ao questionário e, em junho, fizemos novas solicitações aos técnicos dos NRE's responsáveis pelas línguas estrangeiras, para que enviassem o formulário aos professores de espanhol e, dessa forma, mais nove participaram, totalizando trinta e um informantes.

Quadro 3 – Informantes que responderam questionários *on line*.

Chefes de NRE	Professores de espanhol do Paraná	Total
29	31	60

Fonte: Autoria própria.

Os questionários que foram respondidos pelos professores de espanhol e pelos chefes dos trinta e dois NRE's do Paraná apresentam trinta e quatro itens. Na primeira página do formulário *on line*, há o TCLE, para informações gerais e para que os informantes assinalassem que concordam com os termos da pesquisa. As únicas diferenças entre o questionário aplicado aos professores de espanhol e aos chefes dos NRE's estão na parte introdutória (ficha social) e consistem em perguntar aos professores se atuam na rede pública ou privada, algo que não foi perguntado aos chefes dos NRE's. A outra diferença está na parte em que perguntamos aos professores a que NRE estão vinculados e perguntamos aos chefes qual o NRE que está sob sua responsabilidade.

Tivemos um total de trezentos e sessenta e um informantes que responderam ao questionário proposto.

3.1.2 Roteiro de entrevistas

A realização de entrevistas na nossa pesquisa tem a ver com as diferenças entre atitudes e representações, conforme expusemos no capítulo anterior. Partimos de uma compreensão de que as atitudes estão na ordem do agir espontâneo, são reações subjetivas motivadas por algum estímulo, no nosso caso, relacionadas aos questionários objetivos. No que se refere às

representações linguísticas, com base em Petitjean (2009), essas têm uma natureza mais complexa e dinâmica em comparação às atitudes. As representações se constroem na interação social, possuem um núcleo que tende a ser compartilhado pelo grupo social e podem ser contraditórias no sentido de que uma mesma pessoa numa mesma interação pode explicitar diversas representações sobre o mesmo objeto. No nosso caso, por essas características apresentadas, as representações linguísticas estão vinculadas sobretudo às entrevistas com os informantes. Partimos de uma concepção de entrevista proposta por Rocha, Daher e Sant’Anna (2004, p. 01), que concebe a entrevista como um “dispositivo de produção de textos a partir de uma ótica discursiva – produção situada sócio-historicamente, prática linguageira que se define por uma dada configuração enunciativa que a singulariza”.

Os procedimentos para a realização das entrevistas foram os seguintes: fizemos contato com a direção dos três colégios para informarmos que procederíamos a mais uma fase da pesquisa, agora com a realização das entrevistas. Antes de irmos às escolas, explicamos novamente aos diretores do que se tratava a pesquisa e todos concordaram em nos receber. Dedicamos uma semana para cada escola, conforme agenda definida com as direções. A primeira escola onde realizamos as entrevistas foi a escola rural, em Irati. A segunda foi a de Foz do Iguaçu e a última foi a de Curitiba. Os alunos foram escolhidos pela direção e pela equipe pedagógica de cada escola. Os professores foram convidados a participar da pesquisa respeitando sua disponibilidade de tempo na escola, sempre em horário de hora-atividade. Os pais foram convidados via convite (anexo K), que foi encaminhado por meio de seus filhos, alunos do colégio, e esses compareceram no colégio para a concessão da entrevista, ou seja, todas as entrevistas foram feitas nas dependências das três escolas.

Os informantes foram convidados e participaram espontaneamente das entrevistas. Essas tiveram um tempo médio de vinte e cinco minutos. A entrevista que teve o menor tempo foi de oito minutos e onze segundos e a que teve maior tempo foi de trinta e oito minutos e trinta e três segundos. O tempo total das entrevistas, após edição, foi de oito horas e trinta minutos. As entrevistas foram gravadas em gravador digital da marca Sony, modelo ICD-PX440, com áudio no formato MP3. A transcrição dos áudios resultou em sessenta e sete páginas.

No total, foram realizadas vinte e nove entrevistas, conforme apresentamos a seguir:

Quadro 4 – Informantes que participaram das entrevistas por escola.

Grupos/escolas	Irati	Foz do Iguaçu	Curitiba	Total
Alunos	4	4	4	12
Professores	2	3	3	8
Diretor	1	1	1	3
Mães de alunos	2	2	2	6
Total	9	10	10	29

Fonte: Autoria própria.

Pedimos à direção que indicasse quatro alunos, sendo desses duas alunas e dois alunos. Esse foi o único grupo de sujeitos para o qual colocamos como critério essa divisão por sexo⁴¹. É necessário aclararmos que inicialmente havíamos delimitado que entrevistariamos apenas dois professores por colégio. No entanto, na escola de Foz do Iguaçu, uma das entrevistadas não atuava, no primeiro semestre de 2017, como professora do Ensino Médio regular, e sim em cursos técnicos e no Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM)⁴² daquele colégio. Essa informação só fomos ter durante a entrevista. Na escola de Curitiba, uma das entrevistadas ouviu a entrevista que fizemos anteriormente com outra professora, pois usamos para o nosso trabalho um espaço coletivo dos docentes daquele colégio, sendo assim, metodologicamente, há uma diferença nesse caso, pois é possível que ela tenha organizado diferentemente de outros entrevistados as suas respostas, pois já conhecia previamente as perguntas. Isso não quer dizer que ela daria respostas diferentes das que ela deu, mas vale, nesse caso, essa observação. Diante desses dois casos relatados, optamos por fazer uma entrevista “a mais” em cada escola e também decidimos por validar essas duas entrevistas, haja vista que não entendemos que isso seria um problema metodológico.

Os professores das três escolas que concederam entrevistas atuam como professores das seguintes disciplinas: artes, espanhol, filosofia, inglês, geografia, matemática e química. As áreas de formação dos três diretores são: espanhol, física e inglês. Chamou a nossa atenção o fato de apenas mães de alunos terem aceitado o convite para conceder entrevistas, ou seja, nenhum pai esteve presente nessa fase da pesquisa.

⁴¹ Alguns estudos usam o termo *sexo*, outros usam o termo *gênero*, outros usam a combinação dos dois *sexo/gênero*. No nosso caso, preferimos usar apenas o termo *sexo*, indicando feminino e masculino.

⁴² O CELEM do Paraná foi um dos primeiros centros de línguas criados no país, em 1986, e se diferencia de outros centros de línguas no seu funcionamento, no estatuto, no custeio das suas despesas e nas justificativas para a sua criação, por exemplo.

O roteiro de entrevistas (anexo A) foi construído com base em Daher (1998), que prevê a distinção entre objetivos da entrevista e objetivos da pesquisa, de modo que para a entrevista é necessário que o pesquisador estabeleça objetivos, problemas, hipóteses e, finalmente, perguntas a serem efetivamente dirigidas ao informante. O roteiro de entrevistas possui catorze itens pautados que davam margem a respostas abertas. Consistia, por exemplo, em elucidar algumas atitudes linguísticas que foram mapeadas por meio dos questionários e que não ficaram muito claras nos resultados da amostra quantitativa. As entrevistas tinham como objetivo central produzir material discursivo qualitativo que nos indicasse pistas para investigar as atitudes e representações sobre os lugares dados às línguas pelo informantes.

3.2 Convenções para a transcrição das entrevistas

Uma vez realizadas as entrevistas, procedemos às edições necessárias dos áudios. Essas edições consistiram basicamente na exclusão de informações que pudessem identificar claramente os informantes, como nomes de pessoas, por exemplo, e os próprios nomes dos entrevistados, que porventura nos descuidamos e mencionamos durante a entrevista. Houve exclusões também de desvios temáticos, com assuntos aleatórios e que julgamos pouco úteis para o nosso estudo. Além disso, tentamos excluir ruídos e melhorar a qualidade dos áudios para facilitar o processo de transcrição.

A metodologia utilizada para a transcrição dos áudios consistiu em transcrever literalmente as falas, com alguns pequenos ajustes, conforme exemplificados a seguir: quando o informante disse: “eu tava esperando”, transcrevemos como: “eu estava esperando”. Outro exemplo: “acabô saindo da grade”, transcrevemos como: “acabou saindo da grade”. Outro exemplo: “eu não sô muito de estudá línguas”, transcrevemos como: “eu não sou muito de estudar línguas”. Ademais, vale informar que as palavras escritas integralmente com letras maiúsculas são inserções do pesquisador durante a entrevista, como no exemplo a seguir: “também o espanhol e inglês eu acho que as duas são, né, são muito importante. SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO: eu não sei, a proposta do governo é o inglês, né”. Isso significa que, durante a fala da entrevistada, fizemos uma pergunta relativa ao que ela achava sobre a reforma do Ensino Médio.

A ordem de aparição das entrevistas no anexo das transcrições (anexo L) foi a ordem de realização das entrevistas, exceto no caso de um docente da escola rural, que concedeu entrevista depois da realização das entrevistas em Foz do Iguaçu e Curitiba.

3.3 Metodologia para a análise dos dados

Como se pode notar, pela amplitude da pesquisa, tivemos que selecionar aquilo que nos chamou mais a atenção para fazer as análises. No total, participaram da pesquisa trezentos e oitenta e oito informantes. Apenas dois informantes participaram em duas etapas da pesquisa, respondendo ao questionário e concedendo entrevista, que são os diretores da escola de Foz do Iguaçu e de Curitiba. Tomamos o cuidado para não entrevistar docentes, pais de alunos e alunos que já haviam respondido ao questionário.

Pelo que conhecemos das limitações e alcances, dos prós e contras, acerca da adoção de métodos específicos e escalas de valor para medir atitudes e representações linguísticas, como a “escala Likert”, o “método do diferencial semântico”, o dos “falsos pares”, por exemplo, alguns com abordagens diretas e outros com abordagens indiretas dos temas que se queria investigar, decidimos não adotar nenhum desses métodos e nem escalas já utilizadas. O que fizemos foi nos inspirar em estudos que indagaram atitudes e representações e que produziram resultados consistentes sem o uso desses métodos.

Dessa forma, partimos da observação de regularidades de construções nos enunciados dos informantes presentes nas entrevistas. À medida que líamos e relíamos as transcrições, fomos localizando e marcando repetições nos modos de argumentar e de dar ênfase às línguas. Um segundo passo foi compor um quadro geral com aquilo que encontramos de forma mais reiterada. Nesse quadro, elencamos alguns temas importantes que poderiam ensejar uma reflexão. Alguns desses temas constituem as análises desenvolvidas neste trabalho, outros foram sendo excluídos ao passo que não davam margem para uma argumentação que trouxesse novidade ao nosso estudo.

Numa fase seguinte, iniciamos um processo mais “fino” de análise, especialmente dedicado a desvendar as repetições nos enunciados dos informantes. Uma nova aproximação às transcrições objetivou comparar regularidades ou dissonâncias entre os itens da entrevista, como exposto, por exemplo, na terceira parte do capítulo 5, quando constatamos que, para uma consulta médica ou odontológica, o espanhol se apresenta como indispensável se ela não pode ser em português e, para a ciência (usamos o exemplo de uma suposta palestra), o inglês detém um espaço considerável. Numa última etapa, nos dedicamos a buscar nos resultados dos questionários percentuais que corroborassem as discussões feitas a partir das regularidades encontradas nos enunciados das entrevistas.

Do nosso ponto de vista, esse caminho que adotamos para analisar os dados foi adequado para atingirmos o objetivo central da pesquisa. No entanto, isso não quer dizer que a

medição de atitudes e representações linguísticas seja tarefa das mais fáceis. Vandermeeren (2005 apud Kaufmann, 2011, p. 128) nos alerta que “(...) ambos os sociopsicólogos e sociolinguistas devem encarar o fato de que a quantificação de atitudes [e representações] ainda acarreta problemas conceituais e metodológicos. O próprio conceito de atitude e, em especial, a relação entre atitude e comportamento são sem dúvida questões controversas”. Diante dessas dificuldades, seguimos o conselho de Lambert e Lambert (1975, p. 103) no sentido de que devemos ser “extremamente inventivos para inferir a existência e as características de uma atitude [e das representações]”, justamente porque “as atitudes [e as representações] de um indivíduo não serão manifestadas clara e abertamente ao pesquisador; elas chegam, muitas vezes, camufladas, desviadas, encharcadas de preconceito ou cheias de orgulho” (BALTHAZAR, 2016, p. 44).

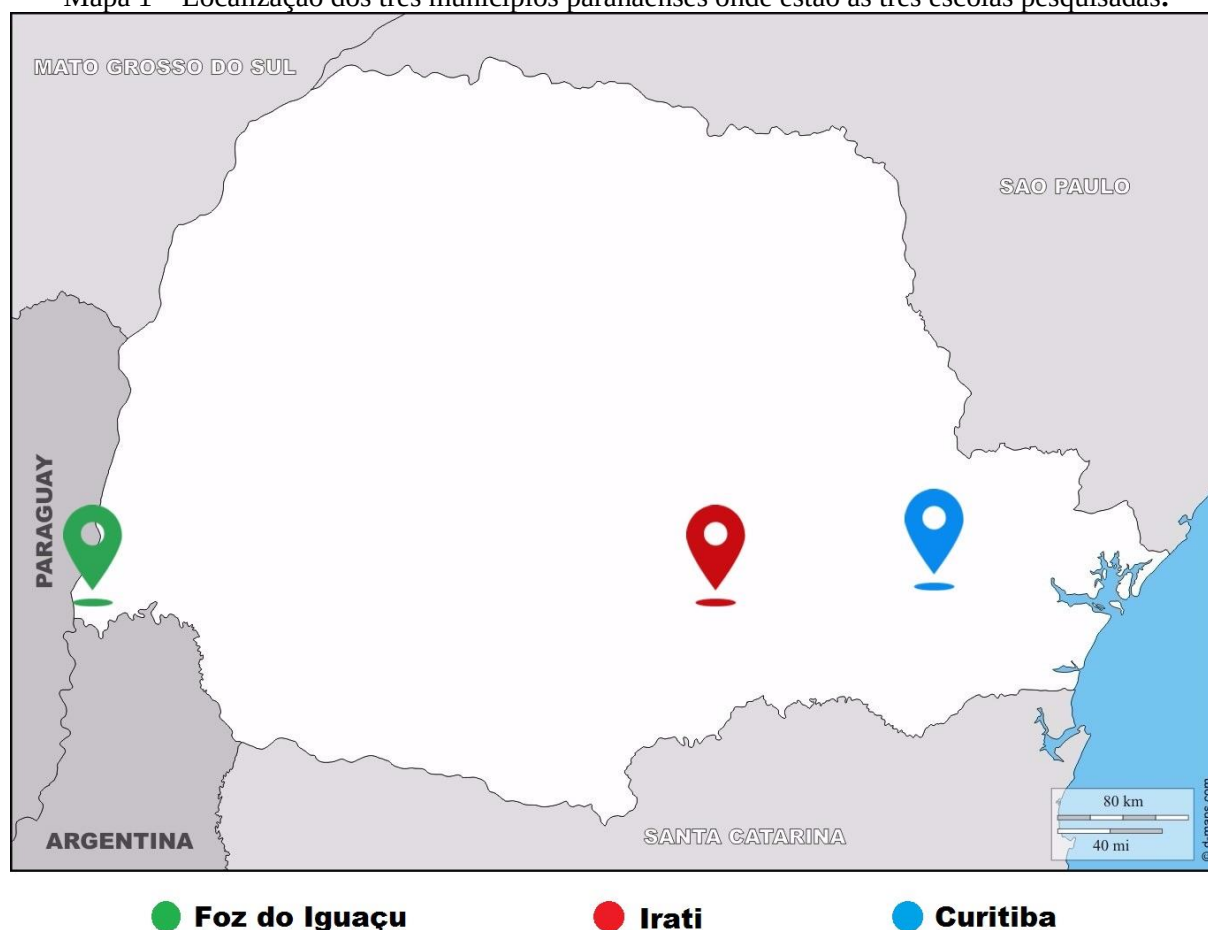
3.4 Armazenamento dos materiais

Os questionários impressos respondidos pelos informantes estão armazenados na residência do pesquisador. Devido ao volume significativo de material impresso, em torno de 1.800 páginas, optamos por não digitalizar todos esses questionários e colocá-los num *Compact Disc Read-Only Memory* (CD-ROM), por exemplo. Ao invés de digitalizarmos os questionários impressos, optamos por transpô-los para o meio digital através da inserção das respostas de cada questionário individualmente em formulários do *Google Docs*. Além disso, disponibilizamos no anexo M (CD-ROM) desta tese todos gráficos e os respectivos percentuais dos questionários de todos os grupos de informantes. Cabe lembrar que dois grupos de informantes responderam os questionários na sua forma *on line*, que são os chefes de NRE's e os professores de espanhol. Os áudios das entrevistas estão guardados em meios digitais, como Disco Rígido (HD) externo e Notebook do pesquisador. As transcrições dos áudios estão no anexo L (CD-ROM). A documentação assinada pelos órgãos reguladores, especialmente a SEED-PR e o COMEP, que autorizou a nossa inserção nas escolas para realizarmos a pesquisa e os TCLE's impressos e assinados por todos os informantes, tanto dos questionários quanto das entrevistas, estão sob a posse do pesquisador e armazenados na sua residência.

3.5 A escolha e a descrição das escolas

Inicialmente, pensávamos em fazer uma descrição traçando um perfil sociolinguístico das escolas, mas isso não se tornou produtivo ao passo que em duas das três escolas não encontramos elementos adicionais ao fato de serem escolas urbanas e que recebem alunos de diversos bairros das suas respectivas cidades. O perfil dessas duas escolas urbanas, a de Foz do Iguaçu e a de Curitiba, e de tantas outras escolas localizadas nas cidades brasileiras, não é repleto de particularidades que se possam observar no curto período de tempo que estivemos presencialmente nas escolas. Já na escola rural, entendemos que vale a pena expor alguns dados que achamos pertinentes. Na sequência, citaremos alguns aspectos das três escolas que julgamos mais relevantes. Antes, porém, apresentamos um mapa do Estado do Paraná com destaque para a localização dos três municípios onde se situam as três escolas do nosso estudo.

Mapa 1 – Localização dos três municípios paranaenses onde estão as três escolas pesquisadas.



Fonte: d-maps.com⁴³. Adaptado.

⁴³ Disponível em: <http://d-maps.com/carte.php?num_car=10808&lang=en>. Acesso em: 26 set. 2017.

3.5.1 Colégio Estadual Gonçalves Júnior

Em Irati, fizemos uma consulta via telefone junto ao NRE para saber quais escolas rurais ofertavam espanhol na matriz curricular do Ensino Médio. Entre as poucas opções apresentadas, escolhemos o Colégio Estadual Gonçalves Júnior, por suas particularidades descritas adiante. O colégio teve sua autorização para funcionamento da Educação Fundamental em 1985, por meio da RES. nº 5609. A autorização para o funcionamento do Ensino Médio ocorreu em 2009, por meio da RES. nº 2385⁴⁴. Atualmente, no colégio estudam cento e cinquenta e sete alunos, divididos em nove turmas. Desses, sessenta e seis são alunos do Ensino Médio, divididos em três turmas.

Esse colégio está localizado na zona rural, a 16 km do centro da cidade de Irati - Paraná. O colégio leva o nome do distrito onde está localizado, e foi dado esse nome em homenagem ao engenheiro Joaquim Ferreira Gonçalves Júnior, responsável por demarcar as terras onde os imigrantes se instalaram. Os primeiros imigrantes a se instalarem no distrito foram os holandeses, em 1908, e depois os alemães, em 1909. Nos anos seguintes chegaram grandes levas de imigrantes eslavos, poloneses e ucranianos (ORREDA, 1999). De acordo com Orreda (1999, p. 33), “em 1912 a população da Colônia foi estimada em 283 famílias com 1358 habitantes”. Hoje, na comunidade residem aproximadamente 60 famílias. Farah, Guil e Philippi (2008, p. 36-37) mencionam que

a comunidade entrou em declínio econômico a partir da década de 1950, com a queda na produção da batata. Em seguida veio a baixa na produção de trigo devido à praga dos pulgões. Com a construção da indústria Moageira na cidade de Irati, nessa mesma época, os moinhos de Gonçalves Júnior foram obrigados a fechar, obedecendo à política econômica da época.

A principal atividade econômica dos moradores da comunidade de Gonçalves Júnior, e de outras comunidades vizinhas, é a agricultura, sobretudo o cultivo de fumo. A população local é constituída basicamente por descendentes de alemães, ucranianos e poloneses, que em muitos casos, conservam vários elementos culturais dos seus antepassados, inclusive a língua.

Uma das curiosidades do distrito é ter recebido o presidente da República, Afonso Pena, em 2 de abril de 1909. Outra é o fato de ter tido um cinema no povoado (FARAH, GUIL & PHILIPPI, 2008). Há quem diga que um pouco da história de Irati pode ser conhecido se

⁴⁴ Consulta feita na página web da SEED-PR. Disponível em: <<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/escola/atos/atosOficiaisAut.xhtml>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

conhecemos a história de Gonçalves Júnior, especialmente no que diz respeito às construções antigas e aos traços culturais dos imigrantes. Algo que chama a atenção é o número de igrejas localizadas próximas umas das outras. São quatro: Senhor Bom Pastor (evangélica luterana), Santo Estanislau (polonesa), São Pedro e São Paulo (ucraniana ortodoxa) e São Pedro e São Paulo (rito católico-ucraniano). Isso mostra, em parte, a religiosidade dos moradores dessa comunidade.

Farah, Guil e Philippi (2008, p. 38) afirmam que

a primeira professora oficial do povoado foi Olímpia Amaral Gruber, nomeada em 1915. Em 1937 foi inaugurado o Grupo Escolar de Gonçalves Júnior, construído com a madeira do antigo Grupo Escolar de Irati. Em 1996 a escola foi reconstruída em alvenaria e municipalizada, recebendo o nome de Escola Municipal dos Colonizadores.

Ao lado do colégio de Gonçalves Júnior está a Casa da Memória Étnica de Gonçalves Júnior, onde funciona o museu local e a biblioteca. Essa obra era a casa de uma família da comunidade que foi transportada até o centro do distrito e restaurada. Essa construção retrata a arquitetura típica e guarda objetos do cotidiano utilizados no início do século passado.

Fotografia 1 – Casa da Memória Étnica de Gonçalves Júnior⁴⁵



Fonte: Assessoria de comunicação da Prefeitura Municipal de Irati.

⁴⁵ Esta construção abriga o museu local, cujo acervo é constituído por utensílios e ferramentas agrícolas usados pelos imigrantes e seus descendentes. Ao fundo se pode notar a cobertura da quadra de esportes do colégio onde realizamos a pesquisa.

Fotografia 2 – Igreja Católica Ucraniana⁴⁶

Fonte: Assessoria de comunicação da Prefeitura Municipal de Irati.

3.5.2 Colégio Estadual Sol de Maio

Em Foz do Iguaçu, fizemos uma consulta na página web da Secretaria Estadual de Educação, e no link do NRE de Foz do Iguaçu pesquisamos os colégios com maior número de alunos no Ensino Médio e que ofertavam a língua espanhola na sua matriz curricular. Mandamos um e-mail para as secretarias desses colégios e manifestamos nossa intenção de fazer a pesquisa nessas escolas. Após alguns retornos, definimos o Colégio Estadual Sol de Maio como o representante dessa região. Ele atendia ao critério básico de ter o espanhol na matriz curricular do Ensino Médio e sentimos, naquele momento, que a direção estava disposta a contribuir com o nosso estudo. O número de alunos matriculados no Ensino Médio também nos serviu de parâmetro para incluir o colégio na nossa pesquisa.

Esse colégio está localizado no Conjunto Residencial Sol de Maio, que fica no Bairro Três Lagoas, a vinte minutos do centro da cidade de Foz do Iguaçu. Os funcionários do colégio não souberam nos informar se há algum motivo especial para a escolha do nome do colégio, apenas que é em função do local onde está situado.

A escola teve sua autorização para funcionamento do Ensino Fundamental e do Médio em 2002, por meio da RES. nº 185⁴⁷. Atualmente, no colégio estudam mil, cento e quarenta e

⁴⁶ A igreja é um dos cartões postais de Gonçalves Júnior. Destaque para a arquitetura eslava.

⁴⁷ Consulta feita na página web da SEED-PR. Disponível em: <<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/escola/atos/atosOficiaisAut.xhtml>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

quatro alunos, divididos em quarenta e oito turmas. Desses, quatrocentos e três são alunos do Ensino Médio, divididos em quinze turmas.

3.5.3 Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Em Curitiba, fizemos um contato informal, pessoalmente, num evento acadêmico, com o presidente da APEEPR, para que ele, se possível, indicasse um colégio da capital paranaense para que pudéssemos desenvolver a nossa pesquisa. Ele sugeriu, de imediato, o Colégio Barão do Rio Branco, no qual ele atuava⁴⁸ à época. Esse colégio está localizado no centro da cidade de Curitiba e teve sua autorização para funcionamento da Educação Fundamental em 1975, por meio da RES. nº 1363. A autorização para o funcionamento do Ensino Médio ocorreu em 1994, por meio da RES. nº 6289⁴⁹. Atualmente, no colégio estudam trezentos e sessenta e sete alunos, divididos em doze turmas. Desses, cento e noventa e seis são alunos do Ensino Médio, divididos em seis turmas. O nome do colégio é em homenagem ao diplomata, geógrafo, advogado e historiador brasileiro José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco.

3.6 Os informantes

Como é tradição nos estudos sociolinguísticos, preferimos usar o termo *informante* para designar as pessoas que participaram da pesquisa, seja concedendo entrevista ou respondendo questionário. Para Tarallo (2005, p. 86), informante é o “nome dado ao falante que faz parte da amostra; sujeito da análise”. A delimitação e os critérios de inclusão de informantes foram elaborados considerando que tínhamos como objetivo pesquisar os lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário dos paranaenses. Para isso, delimitamos três contextos localizados geograficamente em regiões diferentes do Estado do Paraná, descritos acima. Definimos, também, quem seriam os paranaenses (nativos ou que estivessem ocupando essa posição por estarem residindo no Paraná) a serem investigados.

Baseados em De Swaan (2001 apud SOUZA, 2017, p. 284) para quem “el sistema educacional es el principal responsable por la difusión de las lenguas, sin embargo, él no actúa

⁴⁸ Antes de iniciarmos a pesquisa nesse colégio, o presidente da APEEPR se afastou das atividades docentes para cursar Mestrado em uma instituição de ensino superior paranaense. Sendo assim, nas vezes que estivemos no colégio, não o encontramos.

⁴⁹ Consulta feita na página web da SEED-PR. Disponível em: <<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/escola/atos/atosOficiaisAut.xhtml>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

independientemente del contexto político, económico y cultural, que modela la jerarquía e interfiere en la decisión sobre el aprendizaje de las lenguas”⁵⁰, e em Lagorio (2011, p. 27), para quem

la actividad escolar (...) es uno de los espacios fundamentales en que despliega el arsenal ideológico no solo en relación a las lenguas – sea en la defensa estratégica de la lengua escogida como oficial, sea en la enseñanza de segundas lenguas de otros Estados, sino también en el silencio en torno a lenguas que hicieron parte de la configuración histórica de las sociedades y que se encuentran en situación de riesgo.⁵¹

Partimos de uma premissa de que a escola é um lugar legítimo (e legitimado) para ser o ponto de partida na escolha dos participantes. Optamos por sujeitos de pesquisa variados, todos com algum vínculo com a escola, que estão apresentados a seguir.

3.6.1 Alunos regularmente matriculados no Ensino Médio

Essa escolha se deu considerando que na maioria das escolas paranaenses, nos últimos anos da Educação Fundamental, esses alunos tiveram a língua inglesa como disciplina de língua estrangeira. Em vista disso, como no Ensino Médio eles estão estudando a língua espanhola como língua estrangeira, critério esse definido por nós, e a língua materna deles é a língua portuguesa, trata-se de um grupo de informantes já com possibilidade de emitir parecer, mesmo que de maneira indireta, sobre os lugares das línguas na escola e na sua vida cotidiana. Trata-se, também, de um grupo de sujeitos do qual se espera, por serem os principais interessados na sua formação, um posicionamento crítico quanto à oferta de línguas no currículo de sua escola, assim como de outras disciplinas. Se isso não bastasse, a inclusão de jovens na pesquisa é justificada pela participação deles nas mais diversas atividades de interação, principalmente aquelas promovidas pelas redes sociais e mediadas por aparelhos eletrônicos como computadores e telefones celulares.

⁵⁰ “o sistema educacional é o principal responsável pela difusão das línguas, porém, ele não atua independentemente do contexto político, econômico e cultural, que modela a hierarquia e interfere na decisão sobre a aprendizagem das línguas” (DE SWAAN, 2001 apud SOUZA, 2017, p. 284, tradução nossa).

⁵¹ “a atividade escolar (...) é um dos espaços fundamentais em que expõe o arsenal ideológico não somente em relação às línguas – seja na defesa estratégica da língua escolhida como oficial, seja no ensino de segundas línguas de outros Estados, senão também no silêncio em torno de línguas que fizeram parte da configuração histórica das sociedades e que se encontram em situação de risco” (LAGORIO, 2011, p. 27, tradução nossa).

3.6.2 Pais e mães de alunos matriculados no Ensino Médio

Esse grupo de sujeitos é representativo do ponto de vista de que faz parte da comunidade escolar e, portanto, tem espaço para discutir os rumos que quer para a escola e a educação dos seus filhos. Além disso, quando colocado comparativamente com os alunos, notam-se aí duas gerações marcadas, sobretudo, por acesso ao conhecimento e à informação diferentes.

3.6.3 Professores

3.6.3.1 de língua espanhola

A inclusão desse grupo de participantes se justifica porque eles são, em certa medida, os responsáveis por despertar nos alunos uma visão crítica acerca das línguas e sua importância no mundo.

3.6.3.2 de outras disciplinas

A definição pela inclusão desse grupo de informantes se deu considerando que queríamos ouvir a voz de outros profissionais da educação, os quais não estivessem diretamente envolvidos com as línguas na escola, mas que estão, também, envolvidos nas discussões e organização do Plano Político Pedagógico (PPP), na escolha do que será ofertado aos alunos etc.

3.6.4 Gestores

3.6.4.1 diretores das escolas

São eles que conduzem as discussões (quando elas ocorrem) sobre a inclusão e retirada das línguas estrangeiras no currículo das escolas.

3.6.4.2 chefes de NRE

São os gestores responsáveis por fomentar políticas educacionais na área de abrangência do seu NRE. Esse é um grupo de informantes particularmente interessante porque ocupam um

cargo de confiança por indicação política. Nem sempre são pessoas com formação na área de educação. Entendemos que os chefes dos NRE's representam a voz do Estado e, por isso, são os transmissores das decisões que ocorrem na SEED-PR aos diretores das escolas. Portanto, devem estar alinhados aos discursos e políticas estaduais, sob o risco de perderem seus cargos, por exemplo. Conforme consta no site de cada NRE:

Ao Chefe do Núcleo Regional de Educação compete divulgar e zelar pelo cumprimento da legislação, regulamentos, normas e diretrizes relativos à educação e serviços administrativos, bem como representar oficialmente a Secretaria de Estado da Educação perante as autoridades, órgãos federais, estaduais, municipais e junto às instituições culturais, profissionais, científicas e associativas ou corporações particulares, quando solicitado⁵².

Quadro 5 - Composição dos códigos dos grupos de informantes.

COMPOSIÇÃO DOS CÓDIGOS DOS GRUPOS DE INFORMANTES			
D = Diretor	P = Professor	M = Mãe de aluno	A = Aluno
E = Escola	C = Capital	R = Rural	F = Fronteira

Fonte: Autoria própria.

3.7 A tramitação do projeto de pesquisa e os percalços desse caminho

O que apresentaremos adiante é um pouco do que enfrentamos durante a tramitação do projeto de pesquisa para aprovação e a realização do nosso trabalho de investigação, que ocorreu a partir do segundo semestre de 2015 e se encerrou no primeiro semestre de 2017.

Passamos agora a citar alguns percalços que interferiram diretamente no andamento da coleta de dados. Antes mesmo de definirmos quais escolas participariam da pesquisa, iniciamos o processo de compilação dos documentos necessários para submeter o projeto à avaliação do COMEP, prática esta que tem sido exigida em pesquisas que envolvem seres humanos. Entre esses documentos, é solicitado ao pesquisador uma carta de anuência/autorização do responsável pela instituição onde se realizará a pesquisa. E aí surgiu o primeiro dos percalços.

Num primeiro envio da documentação, quando da conferência dos documentos mínimos exigidos, constatou-se no COMEP a falta dessas cartas de anuência/autorização dos responsáveis pelas instituições onde se realizaria a pesquisa. Naquele primeiro momento, não havia uma definição sobre quais escolas participariam do estudo. Também não se podia ter

⁵² Disponível em: <<http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=112>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

certeza de quantos participantes teríamos em cada escola, ou seja, havia um número mínimo de participantes necessário definido por nós para atender o critério de representatividade de cada grupo de participantes. Por exemplo, se numa determinada escola houvesse duzentos alunos e desses apenas quarenta aceitassem participar do estudo, teríamos que buscar outros participantes em outra escola e, assim, alterar alguns dados metodológicos do projeto, pois havíamos estipulado um número mínimo de cinquenta alunos.

Quando apresentamos essa limitação ao relator do COMEP, recebemos a orientação de tentar conseguir essas cartas de anuência/autorização junto aos chefes dos NRE's sob os quais as possíveis três escolas estariam subordinadas, pois assim poderíamos escolher qualquer escola e até mais de uma de cada NRE. Diante disso, iniciamos um longo processo de fazer contatos com as secretarias dos NRE's para intermediarem a assinatura da carta de anuência/autorização. No Paraná, na maioria dos casos, os chefes de NRE são pessoas indicadas por alguma liderança política local, ou seja, não são funcionários públicos de carreira e, portanto, não estão a serviço exclusivo daquele órgão.

Conseguimos as cartas assinadas pelos chefes dos NRE's de Irati e Foz do Iguaçu e as enviamos novamente ao COMEP para uma segunda apreciação. Não conseguimos a carta do NRE de Curitiba. Lá (no NRE de Curitiba) nos informaram que deveríamos formalizar um pedido, via ofício, e encaminhar vários documentos, entre eles o projeto de pesquisa. Toda essa documentação passaria pela SEED-PR, para análise, que encaminharia para a Superintendência de Educação do Estado, para emissão de parecer, e esses pareceres tramitariam até o chefe do NRE de Curitiba, que julgaria se deveria assinar a carta de anuência/autorização. Optamos por não fazer todo esse trâmite, naquele momento⁵³, uma vez que isso poderia demorar muito tempo, segundo a informação inicial que tivemos naquele órgão. Explicamos, via Plataforma Brasil, toda essa situação ao relator do COMEP e, mesmo assim, a decisão tomada foi a de não aprovar o projeto naquele momento.

A essa altura, as três escolas já estavam definidas e, assim, optamos por entrar em contato com a direção da escola de Curitiba e pedir essa carta de anuência/autorização. O problema (para nós, diga-se de passagem) é que estava ocorrendo, nos últimos meses de 2015, um Processo de Consulta à Comunidade Escolar para Direção de Escola (eleição), ou seja, as escolas paranaenses estavam passando por um processo eleitoral para escolha de seus diretores cuja votação ocorreu no dia 03 de dezembro daquele ano. Essa eleição aparentemente não seria

⁵³ Como relatado a seguir, em 2016, tivemos, sim, que fazer todo esse trâmite da documentação para a aprovação do projeto de pesquisa.

um empecilho para a realização da nossa pesquisa de campo, no entanto ela interferiu no andamento da coleta de dados, como expusemos acima, uma vez que, no caso da escola de Curitiba, houve manifestação expressa (por e-mail) de que deveríamos fazer um novo contato com a direção da escola a partir do dia 04 de dezembro, data que já se saberia o resultado das eleições e o diretor pleiteava a permanência no cargo. Depois dessa data, a equipe pedagógica poderia avaliar a possibilidade da realização (ou não) da pesquisa na escola.

Como essa nova espera implicaria em obter uma nova apreciação do COMEP somente em 2016, optamos, baseados numa sugestão da secretária do COMEP, por retirar do projeto de pesquisa tudo aquilo que envolvesse questões metodológicas relacionadas à escola de Curitiba. Assim, na sequência, quando conseguíssemos a carta de anuência/autorização do diretor da escola, faríamos uma emenda no projeto e incluiríamos novamente tudo aquilo que envolvesse a escola de Curitiba. Foi o que fizemos e o projeto foi, enfim, aprovado no COMEP. Sendo assim, em dezembro de 2015, iniciamos a coleta de dados nas escolas de Irati e Foz do Iguaçu.

No início de 2016, em fevereiro, fizemos um novo contato com o diretor da escola de Curitiba, reeleito no final de 2015, que nos informou que nosso projeto seria avaliado pela equipe pedagógica. A avaliação da equipe pedagógica sobre aceitar ou não a realização da pesquisa na escola ocorreu em virtude de o corpo docente ter se queixado de uma pesquisa realizada por um doutorando em Medicina, que investigava questões de gênero na escola e acabou causando problemas⁵⁴. A equipe pedagógica se reuniu em 04 de abril de 2016 para deliberar sobre o nosso pedido. A decisão foi aprovar o desenvolvimento da pesquisa na escola, no entanto, nesse ínterim, a SEED-PR publicou a Resolução nº. 973, em 22 de março de 2016, que institui os procedimentos de solicitação para realização de pesquisa científica nas unidades vinculadas à Secretaria de Estado da Educação, ou seja, deveríamos fazer um novo trâmite para a nossa inserção na escola de Curitiba. Esse trâmite envolvia a submissão, via protocolo, de vários documentos para a SEED-PR, e se não mandássemos tudo, o processo nem seria analisado. O processo foi protocolado no dia 26 de abril de 2016 e tramitou internamente por vários setores (SEED/IRI/PTG > SEED/IRI/ENS > SEED/PTG > SEED/DPTECAA > SEED/DEB/CH > SEED/DPTECAA > SEED/SUED > SEED/PTG > SEED/IRI/PTG). Nesse período, recebemos telefonemas e e-mails de técnicos da SEED-PR perguntando, por exemplo, os nomes das escolas nas quais faríamos a pesquisa, pedindo/sugerindo alteração no

⁵⁴ Essa informação foi repassada pela secretária da escola após nosso contato para saber por que, em 29 de março de 2016, ainda não havia uma posição formal acerca da autorização para a realização da pesquisa.

questionário (deixar de usar o nome dos cargos dos gestores – diretor, chefe de NRE e Secretário de Educação – para usar somente o termo *Comunidade escolar*).

Isso pode ser interpretado como uma tentativa de “isentar” e/ou de não associar os atores oficiais das decisões. Mas o e-mail mais curioso tem um tom de defesa, isto é, o técnico da SEED-PR cita a Lei nº 11.161/2015 e indica que o Paraná atende essa legislação, baseado na Deliberação 06/09, do Conselho Estadual de Educação (CEE-PR), que trata da Implantação do Ensino da Língua Espanhola no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, ou seja, demonstrou que já estavam/estariam preparados para qualquer questionamento e já sinalizou, com isso, que não adianta criticar o não cumprimento da Lei do Espanhol, pois no Paraná foi criada uma legislação específica para atender a legislação federal. Outro pedido da SEED-PR dizia respeito à entrega de declarações dos diretores das três escolas, nas quais devem afirmar que estão cientes e que concordam com a realização da pesquisa na sua escola. Questionamos o motivo de tais declarações, se quem autoriza é a SEED-PR e não o diretor da escola (foi justamente por isso que criaram essa normativa: para se ter um controle central de quem faz pesquisa nas escolas paranaenses). A resposta foi que sem as declarações o processo não seguiria o trâmite. Pior que isso, é que entre os documentos solicitados para a submissão, não constava/consta nos termos da resolução o envio desse tipo de documento. Há uma contradição nisso: a SEED-PR autoriza somente se o diretor autorizar e o diretor autoriza somente se a SEED-PR autorizar.

Diante desse imbróglio, não nos restou outra opção a não ser entrar em contato com os diretores das três escolas, explicar toda a situação e pedir uma declaração de que estavam cientes e que concordavam com a realização da nossa pesquisa. Após a obtenção desses documentos, os enviamos para a SEED-PR para apreciação “final”. Em 12 de julho de 2016, recebemos o comunicado de que a pesquisa havia sido aprovada e que o processo estava sendo encaminhado para o NRE de Irati para nossa ciência. No entanto, numa folha de despacho, nos foram solicitadas manifestações dos chefes dos NRE’s de Foz do Iguaçu, de Curitiba e de Irati sobre a realização da pesquisa. Em virtude da documentação exigida para submissão do projeto ao COMEP, já tínhamos esses documentos fornecidos pelos NRE’s de Foz do Iguaçu e de Irati, só faltava o de Curitiba. Entramos em contato novamente com esse NRE e conseguimos esse último documento. E para quem pensou que assim acabaria a “saga”, ainda faltava remeter o “remendo/emenda” ao COMEP, ou seja, encaminhar os documentos necessários para a alteração no projeto de pesquisa, agora já com a inclusão da escola de Curitiba. Foi o que fizemos: solicitamos uma emenda na Plataforma Brasil, alteramos os dados, enviamos um novo projeto já com as alterações necessárias, e essas foram apreciadas e aprovadas na reunião do COMEP ocorrida no dia 20 de setembro de 2016.

Julgamos pertinente relatar neste texto essa experiência acerca da tramitação do projeto de pesquisa na SEED-PR e no Comitê de Ética porque não concordamos com os protocolos e práticas vigentes. Isso não significa que somos contrários a que os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos sejam apreciados por um comitê de ética ou por um órgão gestor da educação. O que pretendemos, e por isso colocamos textualmente numa tese de Doutorado, é contribuir para que outros pesquisadores reflitam sobre a decisão de submeter ou não seus projetos de pesquisa a esses órgãos, haja vista que cabe a ele, ao pesquisador, a decisão final pela submissão e a responsabilidade pela execução da pesquisa.

Conforme prevê a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas que envolvem seres humanos devem ser apreciadas e aprovadas por um comitê de ética em pesquisa. O problema disso é que os comitês de ética em pesquisa no Brasil, na maioria dos casos, são constituídos e administrados por pesquisadores da área da Biologia, da Farmácia, entre outras vinculadas à área da saúde. E por consequência, os protocolos, critérios e normas estão vinculados a essa área do conhecimento, que possui metodologias e procedimentos significativamente diferentes dos estudos relacionados às ciências humanas e sociais, por exemplo.

No nosso caso, embora já tivéssemos um pouco de conhecimento acerca dos trâmites do COMEP, justamente por haver submetido outros projetos, especialmente o da pesquisa realizada no Mestrado, o processo de aprovação foi bastante moroso. Diante disso, para uma pesquisa que disponha de pouco tempo, levando em conta todo o relato acima, fica praticamente inviável a submissão dos documentos para apreciação desses órgãos.

CAPÍTULOS 4 DESCRIÇÃO DE DADOS QUANTITATIVOS

O tema geral deste capítulo se alinha ao objetivo principal da pesquisa, que é o de investigar as atitudes e representações de paranaenses para indagar que lugares a língua espanhola ocupa em relação a outras línguas no imaginário desses informantes. Aqui o leitor encontrará uma descrição dos resultados quantitativos da primeira amostra que coletamos. O critério para a inclusão/exclusão de itens neste capítulo considerou dois aspectos: por um lado, incluir somente itens que não estão apresentados e discutidos no quinto capítulo desta tese, porque julgamos que naquela seção eles produziram mais possibilidade de análise e de argumentação; por outro lado, decidimos não incluir os itens que pediam para os informantes acenarem se concordam ou discordam sobre as afirmações que versavam acerca do prestígio das línguas, como neste exemplo: “Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o inglês”. Para o estabelecimento desse critério de exclusão levamos em conta uma possível incompreensão da consigna do item por parte dos informantes, pois não está evidente em relação a que as línguas teriam prestígio. Nos comentários finais de um dos questionários, um informante (professor da escola da capital) escreveu o seguinte: “*O termo prestígio em algumas questões ficou um pouco vago. Qual é o sentido? A importância que as pessoas dão ao idioma? Facilidade de comunicação? Status? Hierarquia social?*”. Comentários como esse contribuíram para a adoção desse critério de exclusão.

Tentamos agrupar alguns itens em blocos temáticos porque entendemos que desta maneira eles permitiriam uma melhor visualização dos resultados. Ademais, a fim de conseguirmos certa objetividade, mantivemos a mesma estrutura expositiva dos resultados dos diferentes grupos de informantes e das diferentes escolas. A ordem de aparecimento dos itens nesta descrição é mesma contida nos questionários de cada grupo de informantes. Cabe destacar que nos itens em que havia possibilidade de assinalar mais de uma opção de resposta e os informantes assim o fizeram, essas marcações foram computadas e o item validado. Questionários com alguns itens sem resposta também foram incluídos na amostra.

Como se trata de um capítulo descritivo, não há nele uma construção analítica substancial com argumentação acerca dos números que são apresentados. Apesar de em alguns casos tecermos comentários sobre os percentuais produzidos pelas respostas dos informantes, nossas conclusões sobre esses percentuais não nos conduziram a examinar precisamente os lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário de paranaenses. A parte quantitativa do *corpus* serviu para, por exemplo, nos dar pistas de alguns lugares que as línguas poderiam ocupar no Paraná e de quais os temas deveríamos privilegiar na elaboração do roteiro de

entrevistas e nas entrevistas propriamente ditas. Desse modo, anunciamos que é no próximo capítulo, na ocasião em que analisamos os resultados das entrevistas, que tratamos mais substancialmente sobre atitudes e representações linguísticas.

A organização estrutural deste capítulo está assim composta: na primeira parte, apresentaremos os resultados referentes às respostas dadas pelos alunos de Foz do Iguaçu e, na segunda parte, estão as respostas dadas pelos informantes adultos de Foz do Iguaçu (pais de alunos, professores e a diretora da escola). Na terceira parte, descreveremos os resultados concernentes às respostas dadas pelos alunos de Irati e, na quarta parte, estão as respostas dadas pelos informantes adultos de Irati. Na quinta parte, mostraremos os resultados no que diz respeito às respostas produzidas pelos alunos de Curitiba e, na sexta parte, estão as respostas dadas pelos informantes adultos de Curitiba. Apesar de termos trabalhado, por exemplo, com resultados separados por escola e de fazermos comparações entre as línguas, não se trata de um estudo comparativo entre as três escolas e entre os grupos de informantes.

Nossa decisão de agrupar os três grupos de informantes adultos (pais de alunos, professores e diretor de escola) ocorreu porque julgamos que se analisássemos dados quantitativos de um número muito reduzido de informantes, como é o caso dos diretores das escolas (apenas três, um por escola), essas análises teriam uma característica mais qualitativa do que quantitativa. Pensamos, também, e isto nos parece mais importante, que não seria produtivo agruparmos as respostas dos professores com as dos diretores e isolarmos o grupo dos pais de alunos porque, desde o início da confecção do projeto de pesquisa, tentamos dar consistência à argumentação de que deveriam ser informantes que tivessem, de certo modo, algum vínculo com a escola, ou seja, seria incoerente, no momento das análises, tratar os pais de alunos como “os de fora da escola”.

Neste capítulo, privilegiamos a descrição dos seguintes itens de todos os grupos de informantes e das três escolas:

- a) os itens que investigavam sobre quais línguas os informantes estudam (no caso dos alunos) ou conhecem (no caso dos adultos) e quais gostariam de estudar (alunos) ou conhecer (adultos);
- b) os itens que consistiam na proposição de substituição de línguas na escola;
- c) os itens que tratavam de colocar os informantes numa situação de seu computador estar inesperadamente numa língua estrangeira;

d) os itens que solicitavam que os informantes tomassem uma decisão se ao ligar a sua TV para assistir a uma partida de futebol fossem surpreendidos com a narração em outra língua que não a portuguesa⁵⁵.

Ao final deste capítulo, faremos algumas considerações gerais acerca da parte quantitativa da amostra, especialmente os destacados acima, e discorreremos sobre a necessidade de incluirmos entrevistas na pesquisa, ou seja, a necessidade de ampliarmos o *corpus*. A seguir, iniciamos a descrição dos resultados apresentando os dados dos alunos da escola de fronteira.

4.1 Lugares do espanhol na fronteira – descrição dos resultados – grupo de informantes: alunos⁵⁶

Na escola Sol de Maio, localizada em Foz do Iguaçu, foram aplicados noventa e seis questionários, em quatro turmas do Ensino Médio. Esses questionários foram respondidos por quarenta e quatro meninos (46,8%) e por cinquenta meninas (53,2%). Em dois questionários não havia a indicação de sexo. A idade média desses jovens é de quinze anos (40%). O sexo e a idade não constituíram objeto de análise, apenas compuseram a ficha social para observarmos se não havia muita desproporção entre os informantes no tocante ao sexo e para aferir uma média de idade comum entre alunos do Ensino Médio, que é de catorze a dezoito anos.

O primeiro bloco de itens a ser analisado diz respeito a uma situação semi-hipotética de substituição das aulas de língua espanhola por aulas de língua guarani, língua inglesa e língua portuguesa (itens 1, 2 e 3)⁵⁷, ou seja, se hipotetizava a exclusão do espanhol e a inclusão de uma dessas outras línguas no seu lugar. Os resultados mostraram uma atitude favorável à manutenção das aulas de espanhol se a língua a substituí-la fosse o guarani. Quarenta

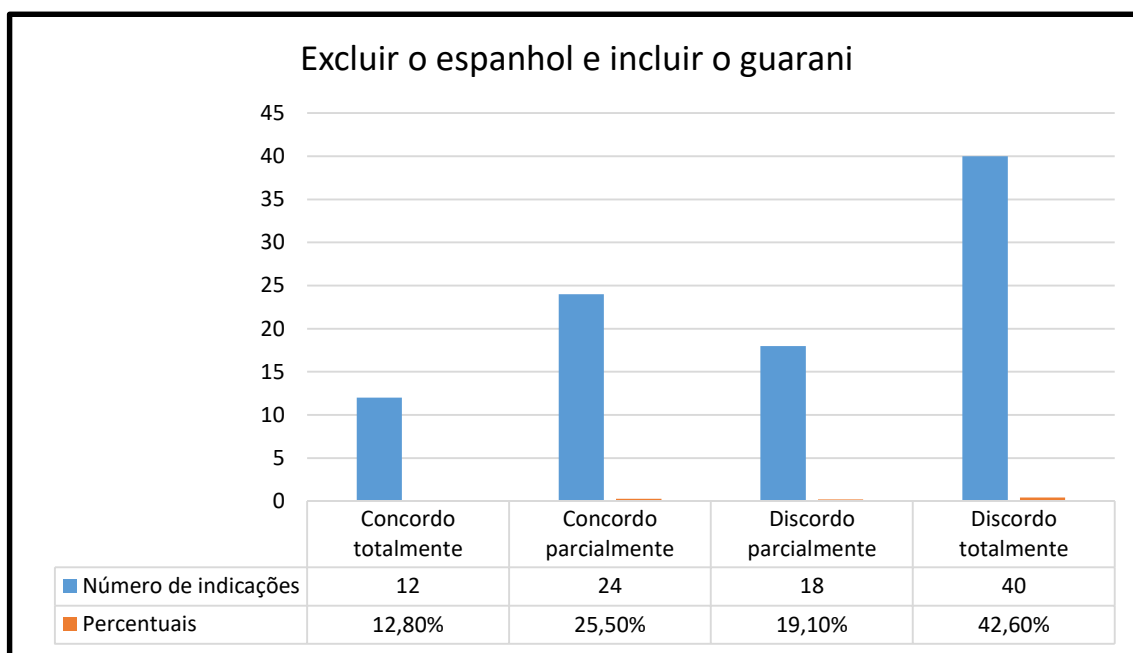
⁵⁵ Apesar de serem parecidos esses itens, um deles consistia em perguntar o que os informantes fariam se a narração da partida de futebol do seu time preferido fosse em espanhol, inglês, ucraniano ou guarani. As opções de resposta variavam entre: a) tento assistir assim mesmo e compreender a narração; b) procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português; deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens e; d) desligo a televisão. O outro item também tratava de uma suposta partida de futebol na televisão, mas se diferenciava porque neste item era pedido para os informantes escolherem a língua estrangeira de preferência para assistir ao jogo da Seleção Brasileira de Futebol.

⁵⁶ Nesta seção e na próxima (dos alunos e dos adultos, respectivamente), apresentamos em nota de rodapé inserida a partir dos títulos dos gráficos os enunciados dos itens correspondentes para otimizar a leitura, de modo que o leitor não precise recorrer aos anexos da tese para ver o enunciado do item na íntegra. Nas seções seguintes, pensamos que não há necessidades dessas notas de rodapé.

⁵⁷ Como mencionado no capítulo anterior, na metodologia da pesquisa, para o mesmo questionário havia três formatos, com rotação na ordem de apresentação dos itens e das opções de resposta. Essa numeração que colocamos para análise corresponde à numeração do formato 1.

informantes (42,6%) discordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Dezoito informantes (19,1%) discordaram parcialmente. Apenas doze informantes (12,8%) concordaram totalmente com a substituição e vinte e quatro (25,5%) concordaram parcialmente.

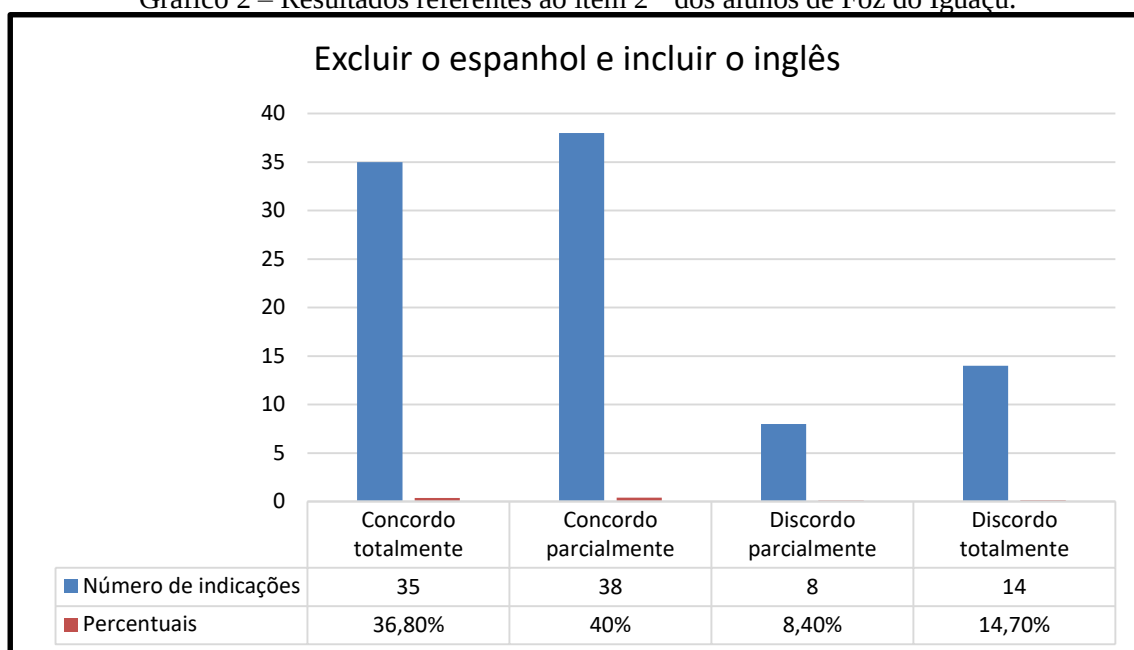
Gráfico 1 – Resultados referentes ao item 1⁵⁸ dos alunos de Foz do Iguaçu.



Fonte: Autoria própria.

Quando a situação posta para análise dos alunos era a substituição das aulas de espanhol por aulas de inglês, a atitude foi favorável à mudança: trinta e cinco (36,8%) concordaram totalmente e trinta e oito informantes (40%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de catorze (14,7%) que discordaram totalmente e oito (8,4%) discordaram parcialmente.

⁵⁸ Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

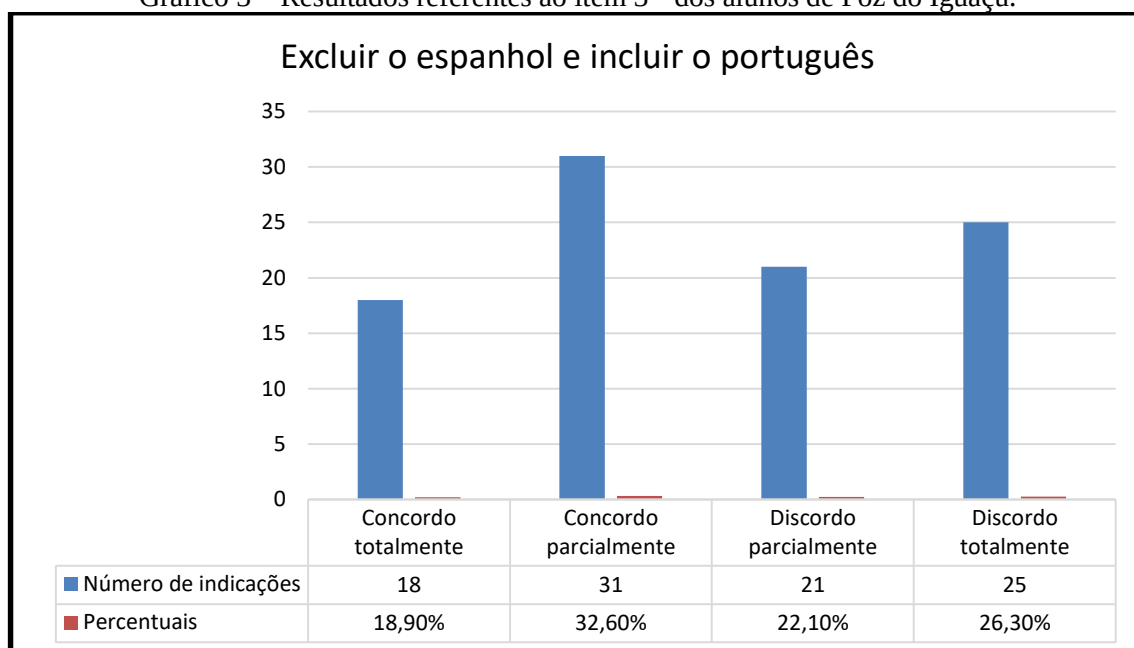
Gráfico 2 – Resultados referentes ao item 2⁵⁹ dos alunos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

Quando o cenário posto para avaliação dos informantes era a substituição das aulas de espanhol por aulas de português, a atitude foi negativa: vinte e cinco (26,3%) discordaram totalmente e vinte e um informantes (22,1%) discordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude positiva quanto a essa substituição foram dezoito (18,9%) que concordaram totalmente e trinta e um (32,6%) concordaram parcialmente.

No gráfico a seguir, apresentamos os resultados do item que propunha a exclusão do espanhol e a inclusão de mais aulas de português no seu lugar.

⁵⁹ Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Gráfico 3 – Resultados referentes ao item 3⁶⁰ dos alunos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

A análise que fazemos desses resultados é a de que ao guarani é dado o lugar de “marginalidade”⁶¹. No que tange à atitude favorável à exclusão do espanhol e à inclusão do inglês no seu lugar, inicialmente poderíamos supor que se trata de uma valorização da língua que é considerada a “mais importante” nas relações comerciais internacionais, entre tantos outros argumentos que se criaram a favor do inglês e que detalhamos no capítulo quinto desta tese. Porém, como veremos mais adiante, essa análise inicial será revista. No que diz respeito à inserção do português no lugar do espanhol, os números mostraram que para os alunos essa não seria uma boa troca. O primeiro bloco de itens gerou o quadro apresentado a seguir, sendo que houve duas tendências comparativamente favoráveis para o espanhol, e uma desfavorável.

Quadro 6 – Resultado referente aos itens 1, 2 e 3 dos alunos de Foz do Iguaçu.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o espanhol e incluir o guarani		X
Excluir o espanhol e incluir o inglês	X	
Excluir o espanhol e incluir o português		X

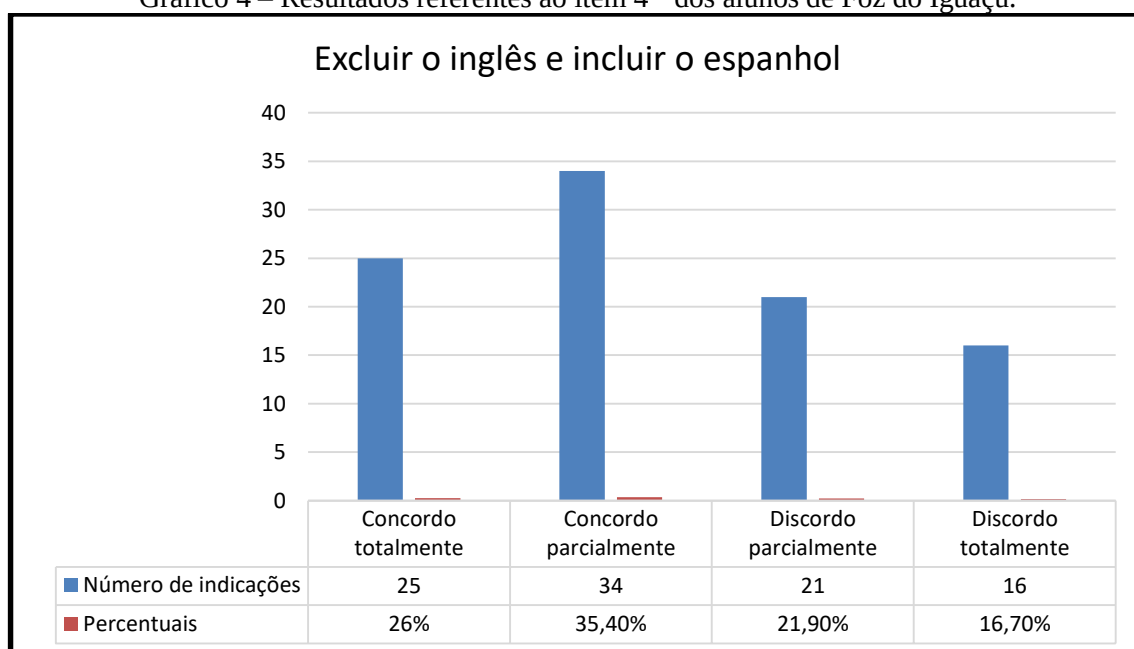
Fonte: Autoria própria.

⁶⁰ Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

⁶¹ Todas as vezes que usamos os termos “marginal”, “marginalizadas” etc. estamos nos referindo a “excluída”, “desprestigiadas” etc.

O segundo bloco de itens a ser analisado diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua inglesa por aulas de língua espanhola, língua guarani e língua portuguesa (itens 4, 5 e 6), ou seja, se cogitava a exclusão do inglês e a inclusão de uma dessas outras línguas no seu lugar. Os resultados mostraram uma atitude favorável à exclusão das aulas de inglês se a língua a substituí-la fosse o espanhol. Vinte e cinco informantes (26%) concordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Trinta e quatro informantes (35,4%) concordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à manutenção do inglês foram dezesseis informantes (16,7%) que discordaram totalmente com a substituição e vinte e um (21,9%) que discordaram parcialmente.

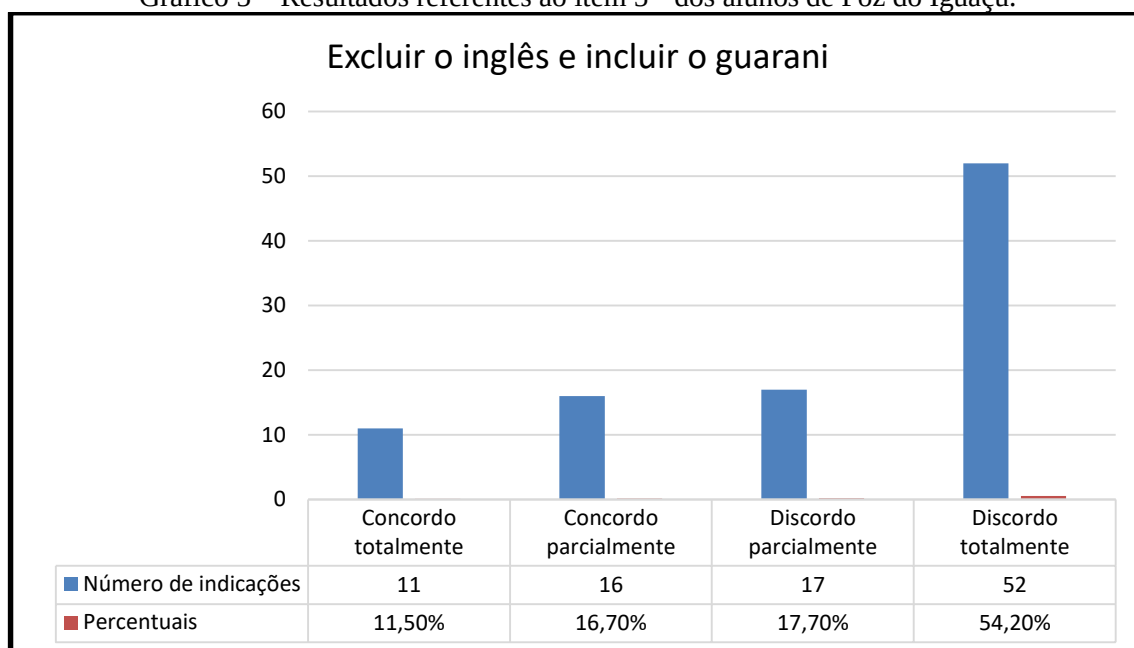
Gráfico 4 – Resultados referentes ao item 4⁶² dos alunos de Foz do Iguaçu.



Fonte: Autoria própria.

Quando a colocamos para análise dos alunos uma situação em que se supunha a substituição das aulas de inglês por aulas de guarani, a atitude foi desfavorável à substituição: apenas onze informantes (11,5%) concordaram totalmente e dezesseis informantes (16%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram cinquenta e dois (54,2%) que discordaram totalmente e dezessete (17,7%) discordaram parcialmente.

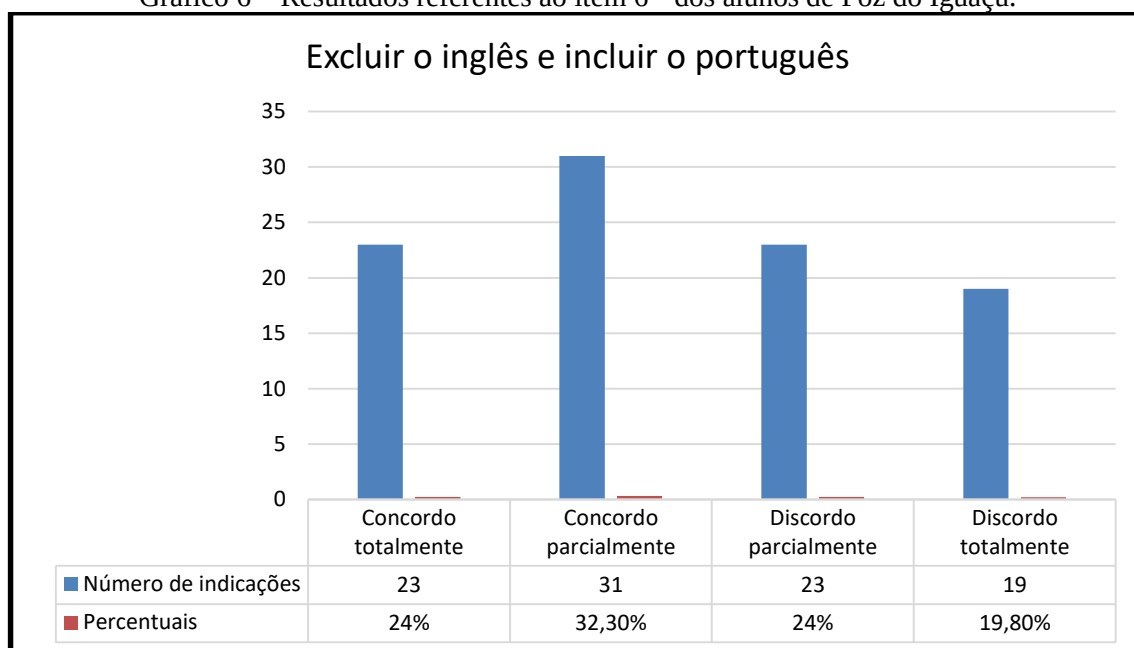
⁶² Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Gráfico 5 – Resultados referentes ao item 5⁶³ dos alunos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

Quando hipotetizamos a substituição das aulas de inglês por aulas de português, a atitude foi favorável à substituição: vinte e três informantes (24%) concordaram totalmente e trinta e um informantes (32,3%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de dezenove (19,8%) que discordaram totalmente e vinte e três (24%) que discordaram parcialmente.

⁶³ Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Gráfico 6 – Resultados referentes ao item 6⁶⁴ dos alunos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

No quadro 7, apresentado na sequência, visualizamos um resumo dos números obtidos com base no bloco de itens 4, 5 e 6.

Quadro 7 – Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos alunos de Foz do Iguaçu.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o inglês e incluir o espanhol	X	
Excluir o inglês e incluir o guarani		X
Excluir o inglês e incluir o português	X	

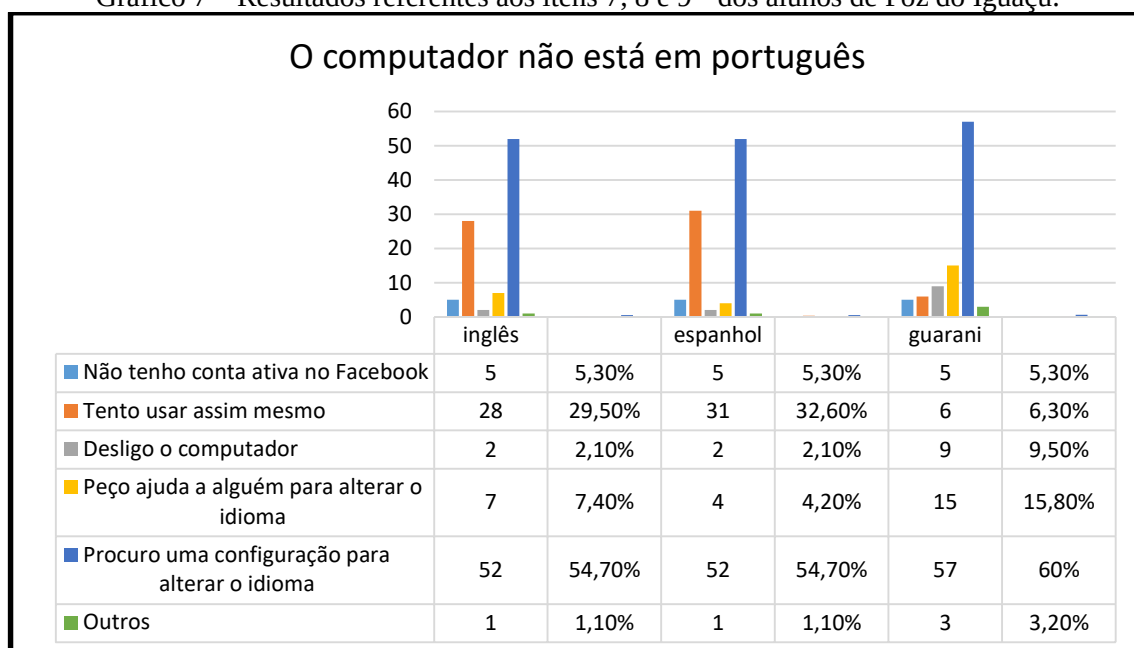
Fonte: Autoria própria.

Uma análise inicial mostra uma contradição. Quando há uma proposta de substituir o espanhol pelo inglês e vice-versa, a atitude foi positiva. Essa mudança pode estar relacionada à insatisfação dos alunos para com as aulas de língua estrangeira, tão desprestigiadas no currículo escolar ao longo dos tempos, como pudemos mostrar no capítulo 1, quando fizemos uma apresentação resumida das políticas linguísticas e da história das línguas estrangeiras no sistema

⁶⁴ Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição? de Foz do Iguaçu por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

escolar brasileiro. Além disso, há que se observar que as atitudes e representações podem ser contraditórias. O que se pode notar com a análise desses seis itens é a confirmação de uma hipótese prévia, a de que o guarani não ocupa lugar de destaque no imaginário dos paranaenses fronteiriços (usando apenas essa análise desses itens e de apenas um grupo de informantes). Obviamente que faltam outras análises, de outros itens, de outros informantes (pais, professores e gestores) e das entrevistas, que estão apresentadas no próximo capítulo. Outro dado interessante é que o português não teria lugar de destaque diante do espanhol, pois os informantes preferem que as aulas de espanhol sejam mantidas. Já diante do inglês, nessa proposta, o português teria destaque, pois pareceu pertinente para os alunos a exclusão das aulas de inglês e a inclusão de mais aulas de português na matriz curricular da escola.

O próximo bloco de itens analisados corresponde aos itens 7, 8 e 9. A situação colocada para a avaliação dos informantes é a seguinte: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês (item 7), espanhol (item 8) e guarani (item 9). Qual a sua atitude diante dessa situação? Nos três itens houve a indicação de que cinco (5,3%) dos informantes não têm conta ativa no Facebook. Vinte e oito informantes (29,5%) tentariam usar o Facebook se ele estivesse em inglês. Trinta e um informantes (32,6%) tentariam usar se ele estivesse em espanhol e apenas seis informantes (6,3%) tentariam usar se ele estivesse em guarani. Dois informantes (2,1%) desligariam o computador se o Facebook estivesse em inglês e espanhol e nove informantes (9,5%) desligariam o computador se o Facebook estivesse em guarani. Sete informantes (7,4%) pediriam ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em inglês. Quatro informantes (4,2%) pediriam ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em espanhol e quinze informantes (15,8%) pediriam ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em guarani. Cinquenta e dois informantes (54,7%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em inglês e espanhol. Cinquenta e sete informantes (60%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em guarani.

Gráfico 7 – Resultados referentes aos itens 7, 8 e 9⁶⁵ dos alunos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

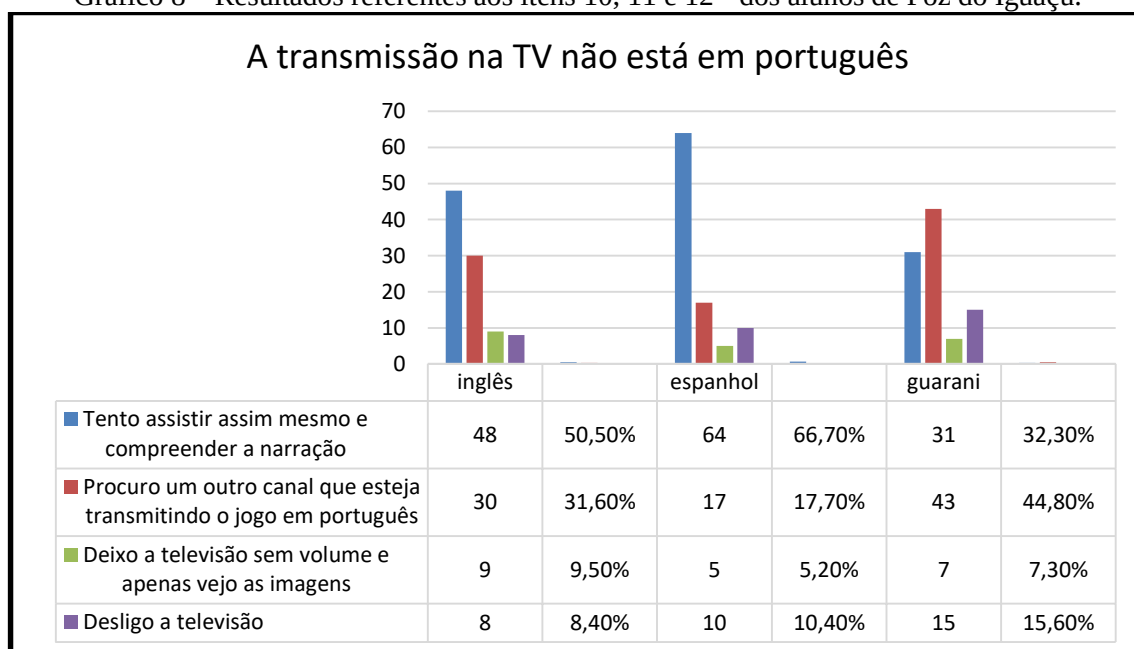
O que se pode analisar é que são praticamente inexistentes as diferenças nos percentuais entre o inglês e o espanhol, embora se possam visualizar números mais favoráveis ao espanhol numa comparação simples com o inglês. No que concerne ao guarani, os números mostram pouca disposição dos informantes a usar a rede social se o idioma fosse o guarani, e um número grande proporcionalmente de informantes que desligaria o computador se esse fosse o idioma que aparecesse na sua tela. Esses resultados reforçam a nossa análise de que ao guarani é dado um lugar “marginal” na fronteira brasileira.

Dando prosseguimento à descrição dos dados, trabalhamos agora com o bloco concernente aos itens 10, 11 e 12. A situação hipotética apresentada para o julgamento dos informantes consistia em perguntar o que eles fariam se ligassem a televisão para ver uma partida de futebol do seu time preferido e a narração fosse feita numa língua estrangeira. Quarenta e oito informantes (50,5%) assinalaram que tentariam assistir ao jogo em inglês e compreender a narração. Já em espanhol, o número aumenta para sessenta e quatro (66,7%) e em guarani apenas trinta e um informantes (32,3%) tentariam assistir ao jogo nesse idioma. Trinta informantes (32,6%) procurariam outro canal que estivesse transmitindo o jogo em português se a narração fosse em inglês, e dezessete (17,7%) se a narração estivesse sendo feita em espanhol. Agora se a narração fosse em guarani, aí seriam quarenta e três (44,8%) que

⁶⁵ Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês (item 7), espanhol (item 8), guarani (item 9). Qual a sua atitude diante dessa situação?

procurariam um canal que estivesse transmitindo o jogo em português. Nove informantes (9,5%) deixariam a televisão sem som e apenas veriam as imagens se a narração fosse em inglês. Esse número de informantes cai para cinco (5,2%) se a narração fosse em espanhol e, se fosse em guarani, seriam sete informantes (7,3%). Oito informantes (8,4%) desligariam a televisão se a narração fosse em inglês. Esse número aumenta para dez (10,4%) se fosse em espanhol e subiria para quinze (15,6%) se fosse em guarani. Vejamos o gráfico a seguir com a disposição dos números.

Gráfico 8 – Resultados referentes aos itens 10, 11 e 12⁶⁶ dos alunos de Foz do Iguaçu.



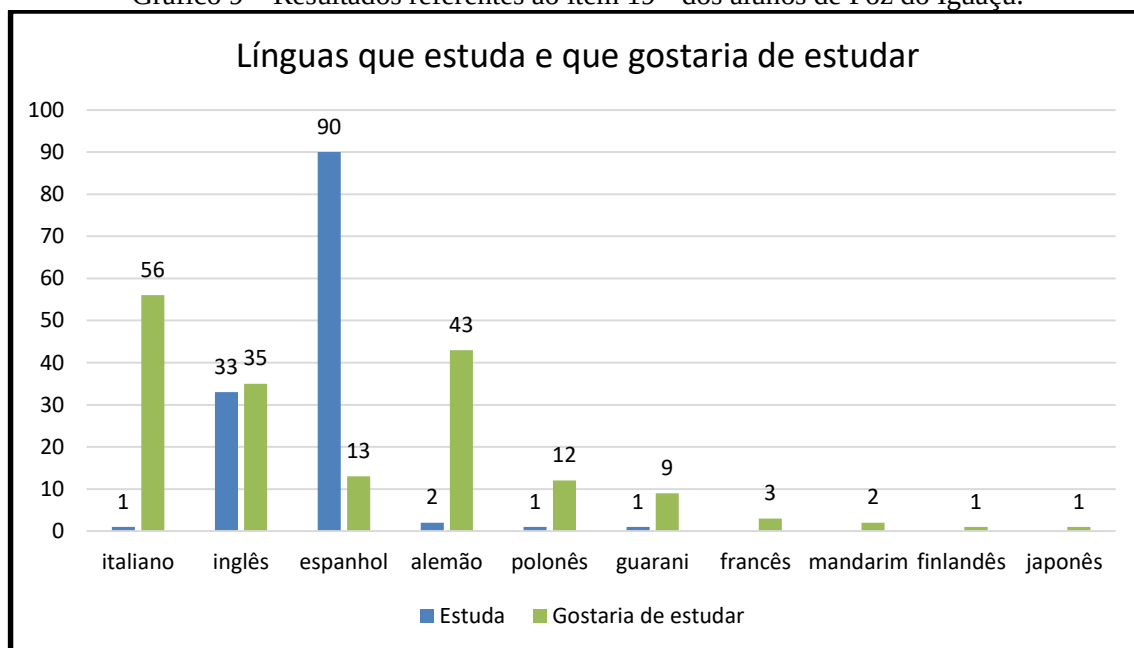
Fonte: Autoria própria.

Nossa análise, com base nos números apresentados, é a de que mais uma vez o guarani “corre por fora”, ou seja, ele é colocado na “marginalidade” e não tem espaço no imaginário dos informantes pesquisados. Além disso, há pré-disposição maior para assistir ao jogo em espanhol do que em inglês, por exemplo. Assim, podemos analisar mais uma vez como atitude positiva a favor do espanhol, decorrente, possivelmente, de uma imagem construída de que o espanhol é mais facilmente compreensível do que o inglês, imagem essa que será discutida no próximo capítulo. Nossa análise inicial se direciona a mostrar que o espanhol ocupa um lugar de destaque nesse bloco de itens.

⁶⁶ Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa (item 10), língua espanhola (item 11), guarani (item 12). Qual a sua atitude diante dessa situação?

O item 19 tratava de verificar qual(is) língua(s) estrangeira(s) os alunos estudam atualmente na sua escola e qual(is) língua(s) estrangeira(s) eles gostariam de estudar. Seguem alguns destaques necessários: embora o total de respondentes seja de noventa e seis alunos, não foram todos que marcaram que estudam espanhol. Não há como verificar essa incongruência, pois se esperava que todos assinalassem que são estudantes de espanhol. Um resultado que merece nossa atenção é o elevado número de informantes que gostaria de estudar italiano. Outro resultado que confirma uma avaliação que fizemos anteriormente é a de pouco interesse em aprender o guarani. Chama a nossa atenção também o número elevado de informantes que teriam vontade de aprender a língua alemã, com 45,3%, como se pode visualizar no próximo gráfico.

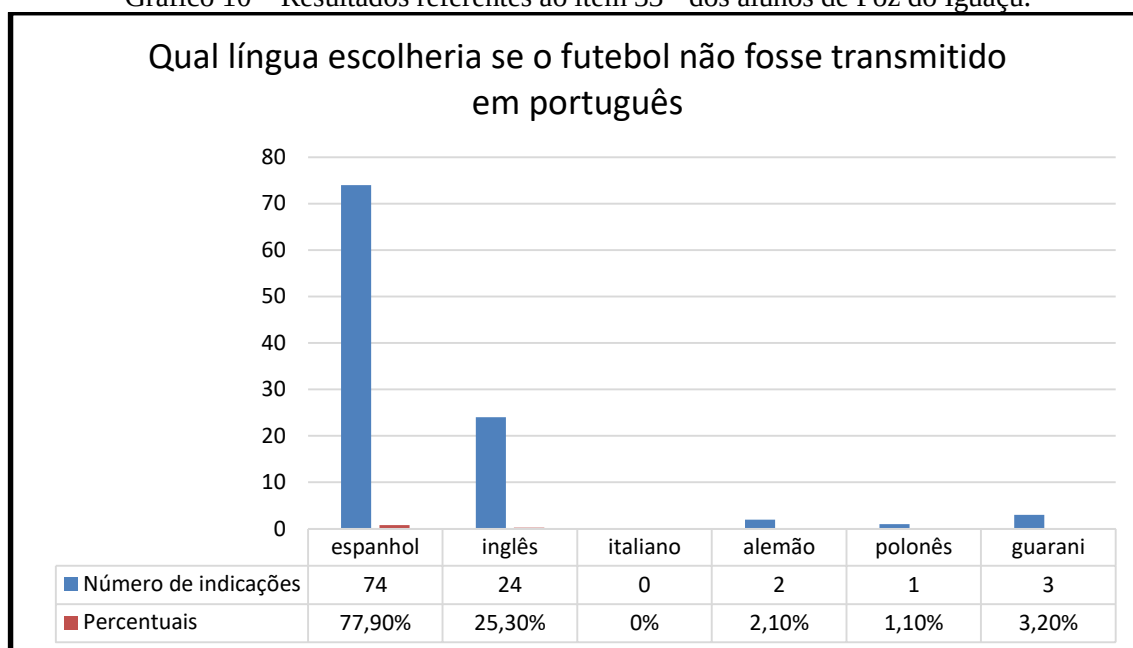
Gráfico 9 – Resultados referentes ao item 19⁶⁷ dos alunos de Foz do Iguaçu.



Fonte: Autoria própria.

O último item do questionário propunha pensar sobre uma situação de ouvir a transmissão de uma partida da Seleção Brasileira de Futebol. No gráfico abaixo, apresentamos os resultados.

⁶⁷ Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você estuda atualmente na sua escola e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de estudar que não tem aqui na escola? Pode marcar mais de uma resposta.

Gráfico 10 – Resultados referentes ao item 33⁶⁸ dos alunos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

Nesse item, os números favoráveis ao espanhol são expressivos, uma vez mais da metade dos informantes indica que escolheria a língua espanhola para ver o jogo de futebol da Seleção Brasileira. Esclarecemos, do nosso ponto de vista, que é comum essa escolha em se tratando de falantes do português. Ademais, chama a nossa atenção o fato de que aqui aparecem três menções ao guarani. De certa forma, esses resultados serão retomados nas análises feitas no capítulo 5.

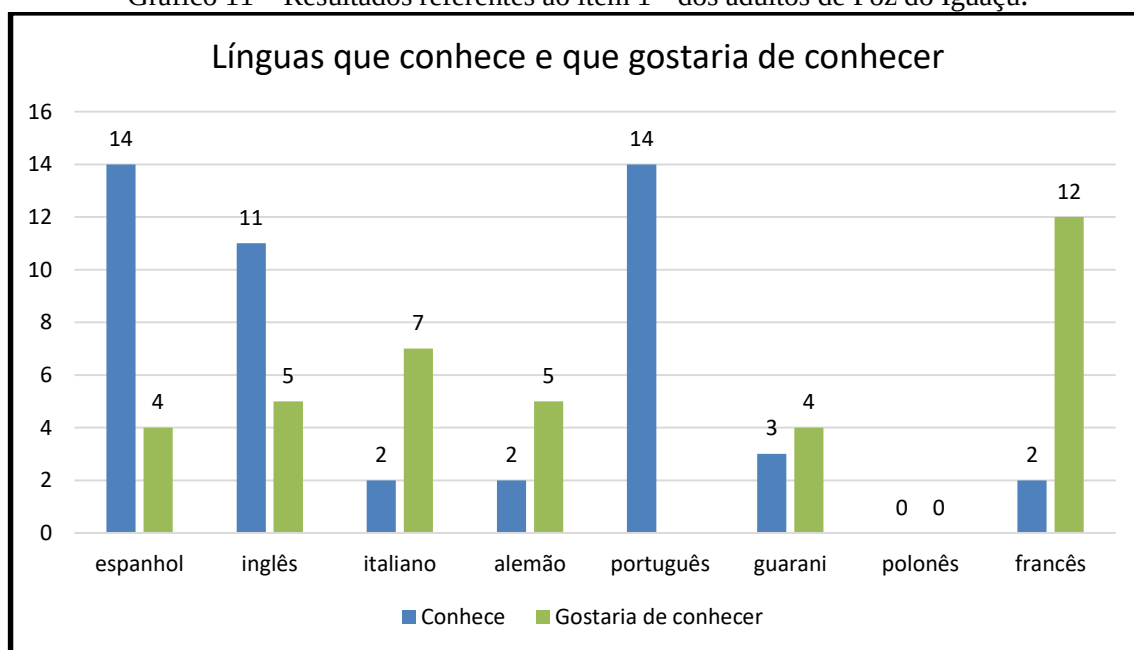
4.2 Lugares do espanhol na fronteira – descrição dos resultados – grupo de informantes: pais de alunos, professores e diretora da escola

Passamos agora a descrever os resultados obtidos com a aplicação do questionário aos pais de alunos, professores e diretora da escola Sol de Maio, localizada em Foz do Iguaçu. No total, foram vinte e três informantes, sendo quinze pais de alunos, a diretora da escola, um professor de espanhol e seis professores de outras disciplinas. Esses grupos de alunos são chamados na nossa pesquisa de adultos.

⁶⁸ Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

O primeiro item do questionário consistia na interrogação de qual(is) língua(s) estrangeira(s) os informantes conhecem e qual(is) língua(s) estrangeira(s) eles gostariam de conhecer. Havia possibilidade de marcar mais de uma opção nesse item. Os resultados foram os seguintes:

Gráfico 11 – Resultados referentes ao item 1⁶⁹ dos adultos de Foz do Iguaçu.



Fonte: Autoria própria.

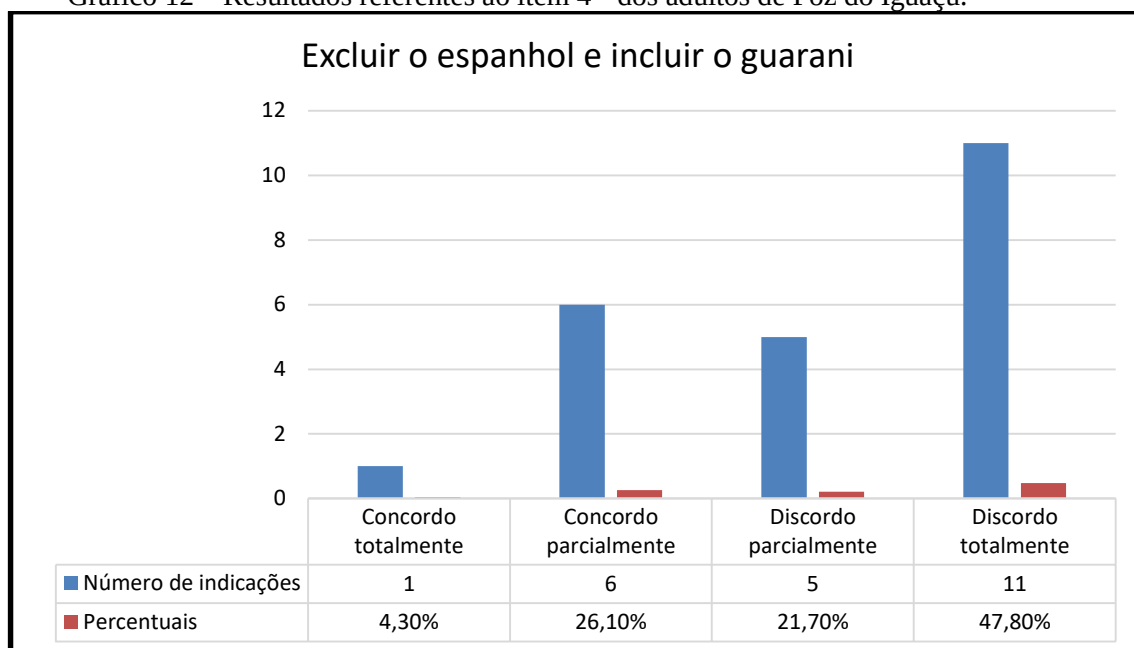
Merece destaque o número de informantes que gostaria de conhecer a língua francesa. Aliás, diga-se de passagem, percebemos comparativamente uma tendência de os grupos de adultos valorizarem mais o francês que os grupos de alunos. Outro dado que nos chamou atenção é o de que apenas catorze informantes mencionaram que conhecem o português. Esse número reduzido deve estar relacionado à recorrente ideia de que “o brasileiro não sabe português”, aludindo esse saber ao conhecimento das estruturas gramaticais escritas. No próximo capítulo faremos referência a essa representação.

O primeiro bloco de itens a ser analisado desses grupos de informantes diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua espanhola por aulas de língua guarani, língua inglesa e língua portuguesa (itens 4, 5 e 6), ou seja, se propunha a possibilidade da exclusão do espanhol e a inclusão de uma dessas outras línguas no seu lugar. Os resultados mostraram uma atitude negativa à exclusão das aulas de espanhol se a língua a substituí-la fosse

⁶⁹ Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção por coluna.

o guarani. Onze informantes (47,8%) discordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Cinco informantes (21,7%) discordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à substituição do espanhol foram um informante (4,3%) que concordou totalmente com a substituição e seis (26,1%) que concordaram parcialmente.

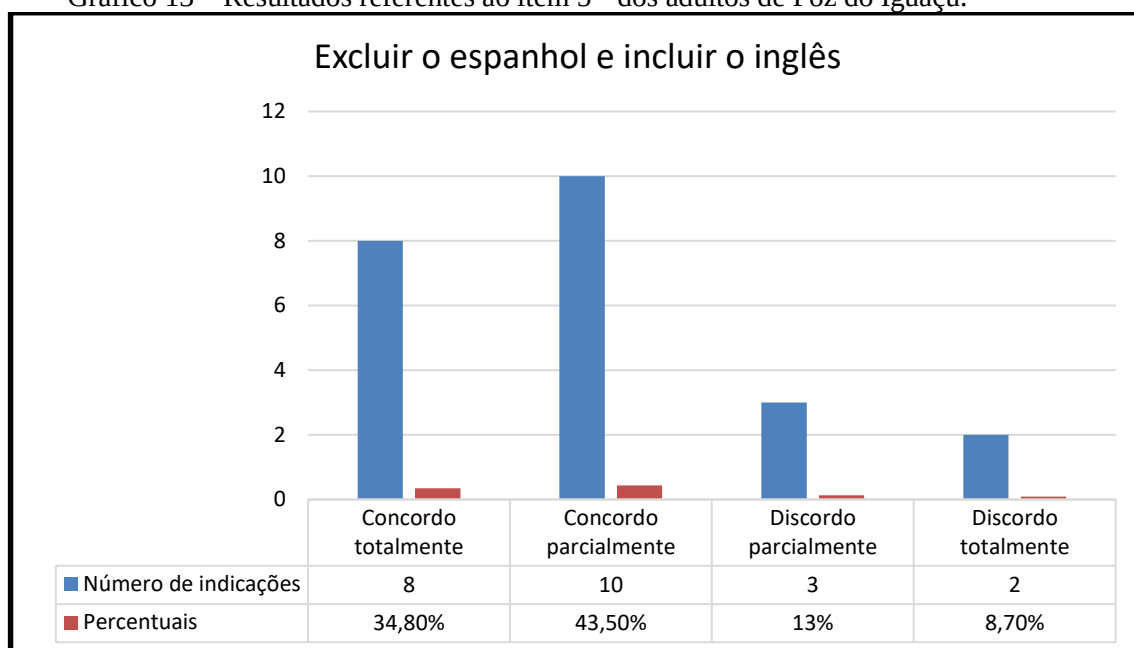
Gráfico 12 – Resultados referentes ao item 4⁷⁰ dos adultos de Foz do Iguaçu.



Fonte: Autoria própria.

No item que se cogitava hipoteticamente a substituição das aulas de espanhol por aulas de inglês, a atitude foi favorável à substituição: oito informantes (34,8%) concordaram totalmente e dez informantes (43,5%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram dois (8,7%) que discordaram totalmente e três (13%) discordaram parcialmente, como se pode observar no gráfico a seguir.

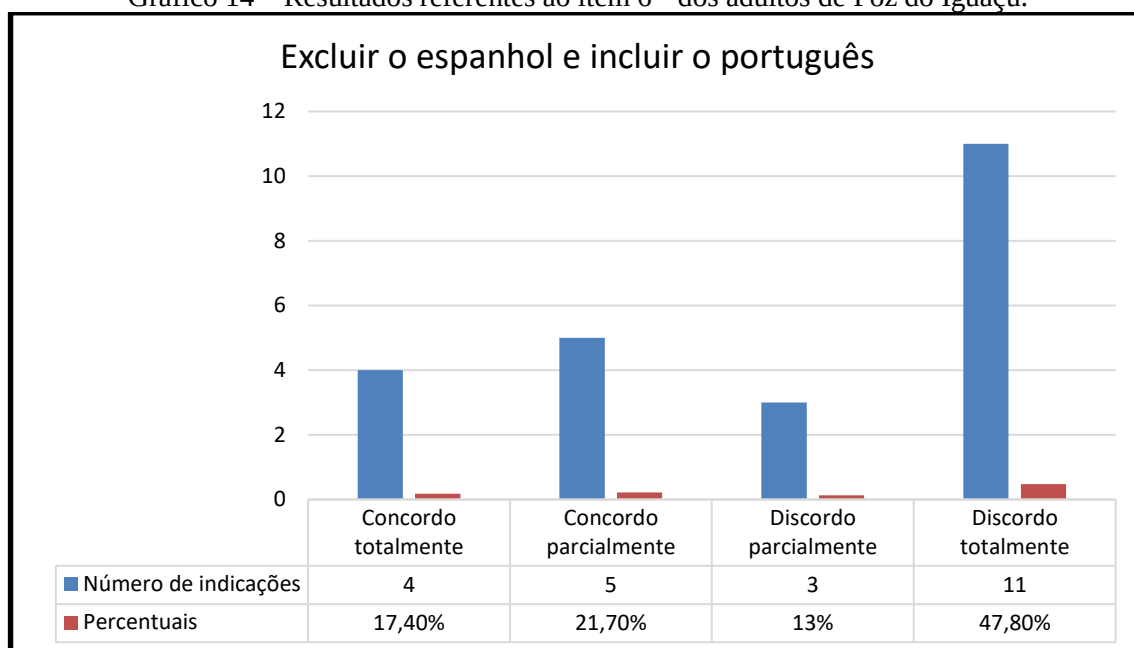
⁷⁰ Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Gráfico 13 – Resultados referentes ao item 5⁷¹ dos adultos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

Na ocasião em que pedimos para os informantes manifestarem sua opinião sobre a substituição das aulas de espanhol por aulas de português, a atitude foi contrária à substituição. Os resultados mostraram que onze informantes (47,8%) discordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Três informantes (13%) discordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à substituição do espanhol foram quatro informantes (17,4%) que discordaram totalmente com a substituição e cinco informantes (21,7%) que discordaram parcialmente. Observemos a seguir a disposição desses números.

⁷¹ Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Gráfico 14 – Resultados referentes ao item 6⁷² dos adultos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

A análise que fazemos desses resultados é a de que, assim como nas análises dos questionários dos alunos, ao guarani é dado o lugar de “marginalidade”. No que tange à atitude favorável à exclusão do espanhol e à inclusão do inglês no seu lugar, isso também ocorreu nas respostas dos alunos. Notamos também que para esse grupo de informantes não seria uma boa troca a exclusão das aulas de espanhol e no seu lugar a inclusão de aulas de português. O resultado das análises desse primeiro bloco de itens mostrou uma certa sincronia entre as respostas dos alunos e as respostas de seus pais, professores e diretora da escola. Como se pode notar no quadro abaixo, houve duas tendências comparativamente desfavoráveis para o espanhol, e uma favorável.

Quadro 8 – Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos adultos de Foz do Iguaçu.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o espanhol e incluir o guarani		X
Excluir o espanhol e incluir o inglês	X	
Excluir o espanhol e incluir o português		X

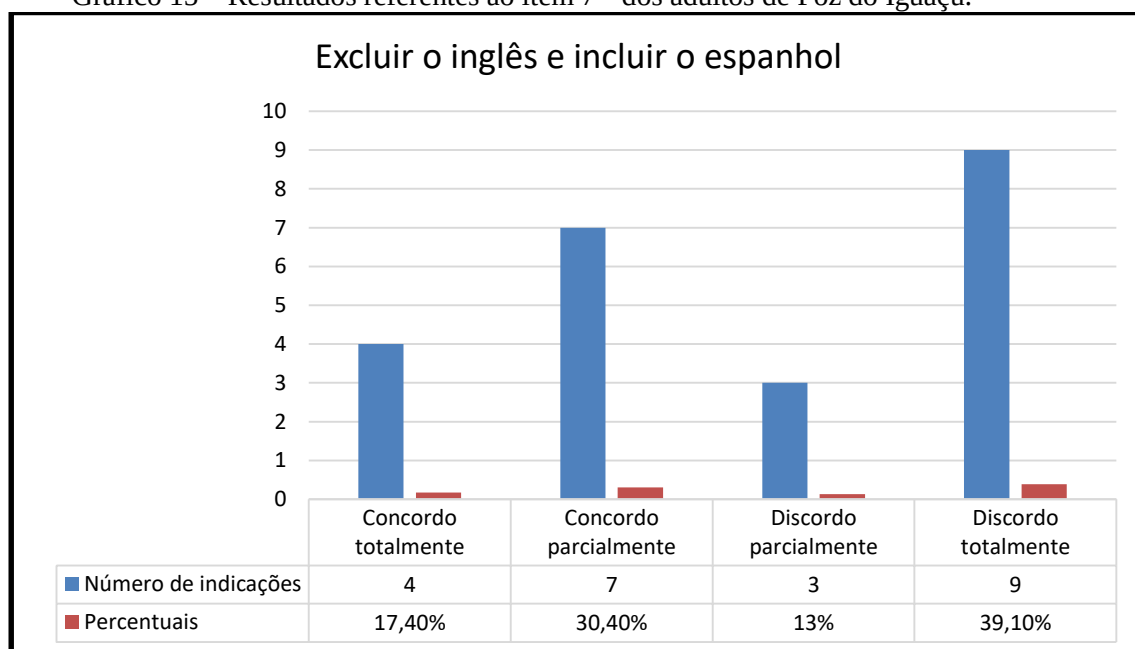
Fonte: Autoria própria.

⁷² Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Na sequência, apresentamos os resultados acerca da proposição de exclusão do inglês e a inclusão de outras línguas no seu lugar. Os números mostraram uma atitude favorável à manutenção das aulas de inglês em todos os casos.

Quanto à possível proposição de excluir o inglês e incluir o espanhol no seu lugar, quatro informantes (17,4%) concordaram totalmente, sete informantes (30,4%) concordaram parcialmente, três informantes (13%) discordaram parcialmente e nove informantes (39,1%) discordaram totalmente, como se nota na ilustração abaixo.

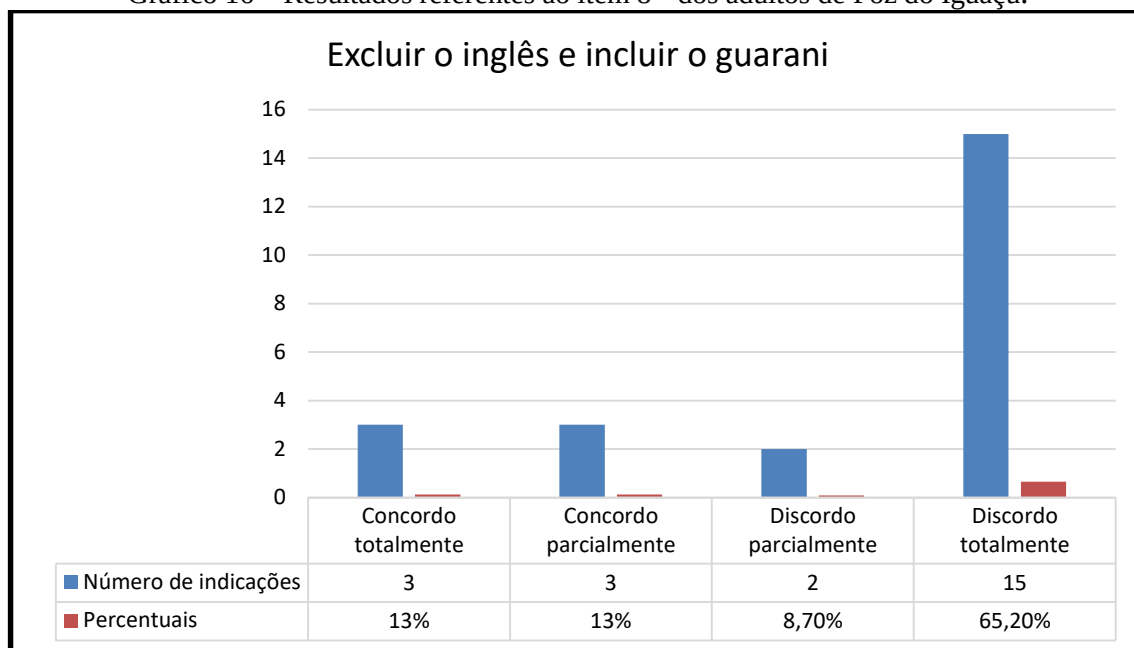
Gráfico 15 – Resultados referentes ao item 7⁷³ dos adultos de Foz do Iguaçu.



Fonte: Autoria própria.

No que concerne à proposição de excluir o inglês e incluir o guarani no seu lugar, três informantes (13%) concordaram totalmente, três informantes (13%) concordaram parcialmente, dois informantes (8,7%) discordaram parcialmente e quinze informantes (65,2%) discordaram totalmente. Os números estão dispostos no gráfico a seguir.

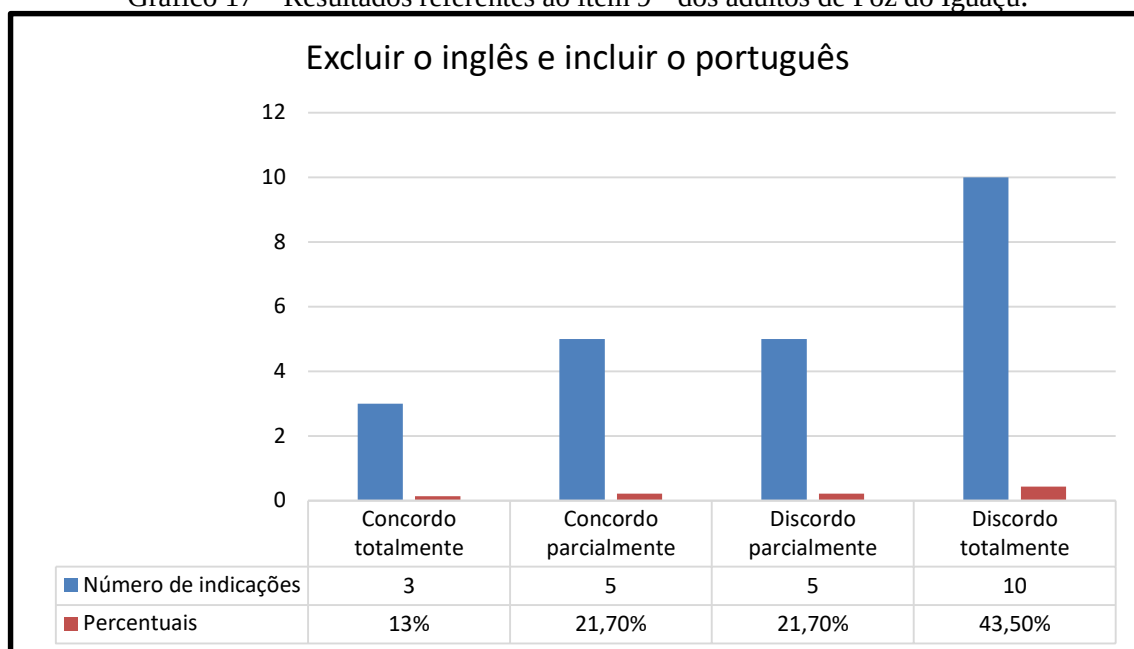
⁷³ Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Gráfico 16 – Resultados referentes ao item 8⁷⁴ dos adultos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

Quanto à possível proposição de excluir o inglês e incluir o português no seu lugar, três informantes (13%) concordaram totalmente, cinco informantes (21,7%) concordaram parcialmente, cinco informantes (21,7%) discordaram parcialmente e dez informantes (43,5%) discordaram totalmente. No próximo gráfico encontramos a ilustração desses resultados.

⁷⁴ Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

Gráfico 17 – Resultados referentes ao item 9⁷⁵ dos adultos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

A seguir, apresentamos o quadro com os resultados referentes aos itens 7, 8 e 9.

Quadro 9 – Resultado referente aos itens 7, 8 e 9 dos adultos de Foz do Iguaçu.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o inglês e incluir o espanhol		X
Excluir o inglês e incluir o guarani		X
Excluir o inglês e incluir o português		X

Fonte: Autoria própria.

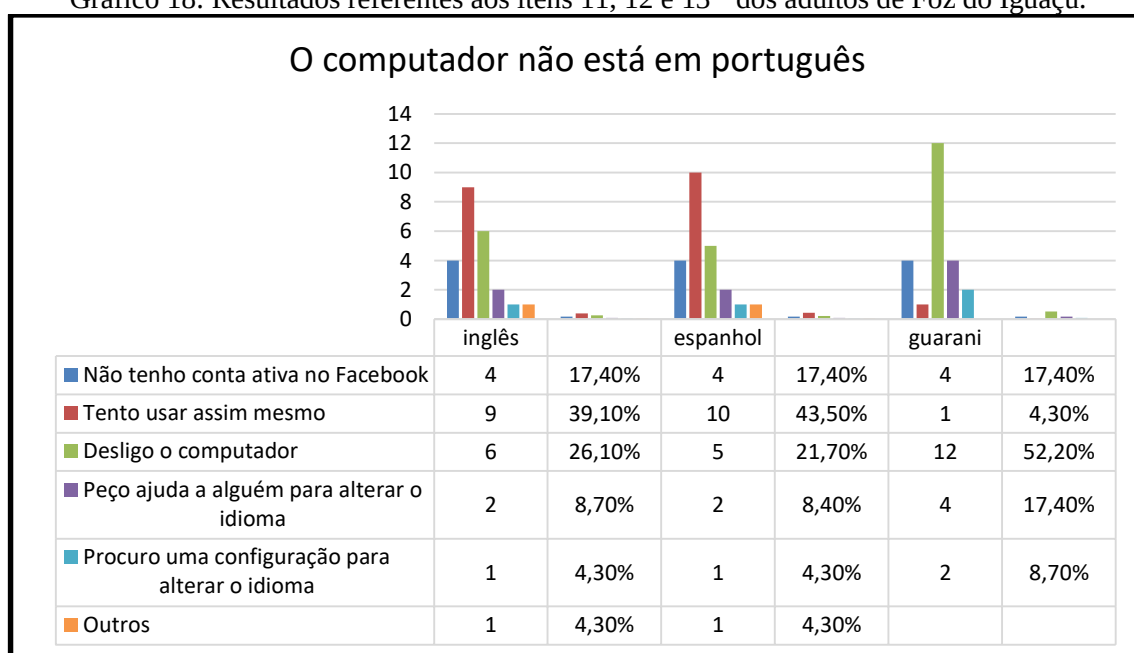
Como se pode observar, o público adulto manifesta uma atitude favorável à manutenção das aulas de inglês no currículo das escolas paranaenses. Em nenhuma das três proposições houve concordância para a inclusão de outra língua no lugar do inglês. Esses resultados coadunam com a representação de que a língua inglesa é a língua “universal”, que com ela se pode ir a qualquer lugar sem dificuldades para comunicar-se.

Os itens 11, 12 e 13 constituem o próximo bloco que descreveremos os seus resultados. A temática é a mesma apresentada nos itens 7, 8 e 9 do questionário dos alunos, já exposto anteriormente: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês

⁷⁵ Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(item 11), espanhol (item 12) e guarani (item 13). Qual a sua atitude diante dessa situação? Nos três itens houve a indicação de que quatro informantes (5,3%) não têm conta ativa no Facebook. Nove informantes (39,1%) tentariam usar o Facebook se ele estivesse em inglês. Dez informantes (43,5%) tentariam usar se ele estivesse em espanhol e apenas um informante (4,3%) tentaria usar se ele estivesse em guarani. Um informante (4,3%) desligaria o computador se o Facebook estivesse em inglês e espanhol e dois informantes (8,7%) desligariam o computador se o Facebook estivesse em guarani. Dois informantes (8,7%) pediriam ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em inglês e em espanhol. Quatro informantes (17,4%) pediriam ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em guarani. Seis informantes (26,1%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em inglês e cinco informantes (21,7%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em espanhol. Doze informantes (52,2%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em guarani. Esses números estão ilustrados no gráfico abaixo.

Gráfico 18: Resultados referentes aos itens 11, 12 e 13⁷⁶ dos adultos de Foz do Iguaçu.



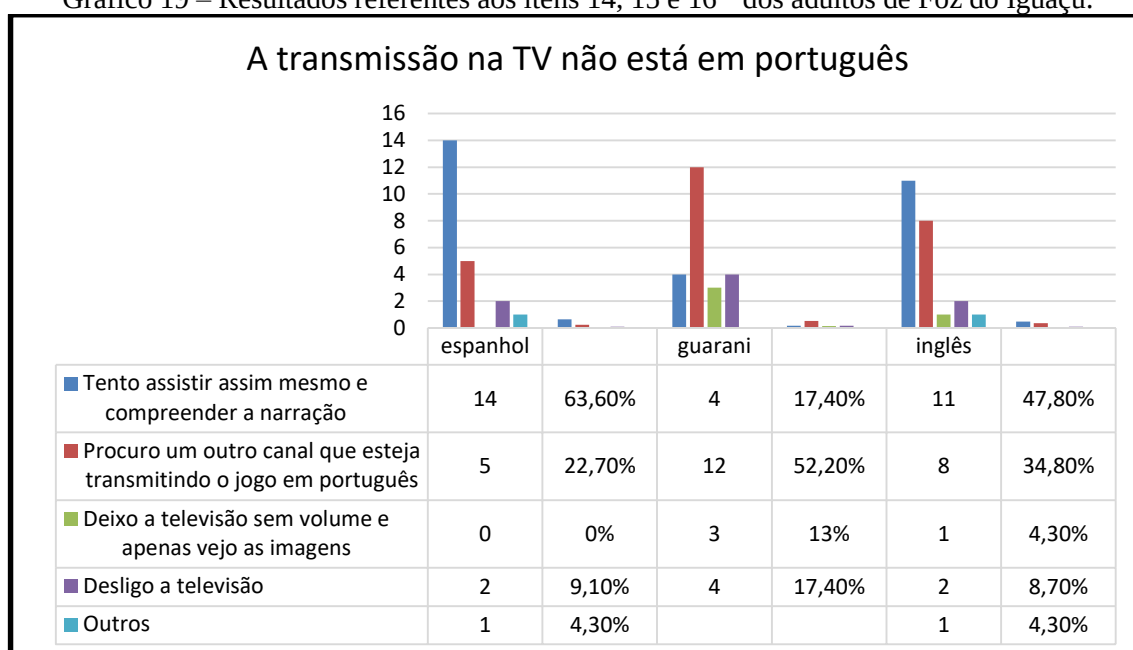
Fonte: Autoria própria.

O que se pode comentar é que são praticamente inexistentes as diferenças nos percentuais entre o inglês e o espanhol, embora se possam visualizar números mais favoráveis

⁷⁶ Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês (item 11), espanhol (item 12), guarani (item 13). Qual a sua atitude diante dessa situação?

ao espanhol numa comparação simples com o inglês. No que concerne ao guarani, os números mostram pouca disposição dos informantes a usar a rede social se o idioma fosse o guarani. Esses resultados reforçam a nossa análise de que ao guarani é dado um lugar desprestigiado na fronteira paranaense do Brasil com o Paraguai. Esses resultados são muito parecidos aos dos alunos.

O próximo bloco de itens descritos se refere aos itens 14, 15 e 16, que tratam de uma suposta transmissão de um jogo de futebol do seu time favorito. Os resultados foram os seguintes: catorze informantes (63,6%) tentariam assistir ao jogo em espanhol e compreender a narração. Já em guarani, o número diminui para quatro informantes (17,4%) e em inglês são onze informantes (47,8%) que tentariam assistir ao jogo nesse idioma. Cinco informantes (22,7%) procurariam outro canal que estivesse transmitindo o jogo em português se a narração fosse em espanhol e doze (52,2%) se a narração estivesse sendo feita em guarani. Agora se a narração fosse em inglês, aí seriam oito informantes (34,8%) que procurariam um canal que estivesse transmitindo o jogo em português. Não houve indicação de deixar a televisão sem som e apenas ver as imagens se a narração fosse em espanhol. Três informantes (3%) deixariam a televisão sem som e apenas veriam as imagens se a narração fosse em guarani e apenas um informante (4,3%) deixaria a televisão sem som e apenas veria as imagens se a narração fosse em inglês. Dois informantes (8,7%) desligariam a televisão se a narração fosse em inglês ou em espanhol e quatro informantes (17,4%) desligariam a televisão se a narração fosse em guarani. Vejamos no gráfico a seguir esses números.

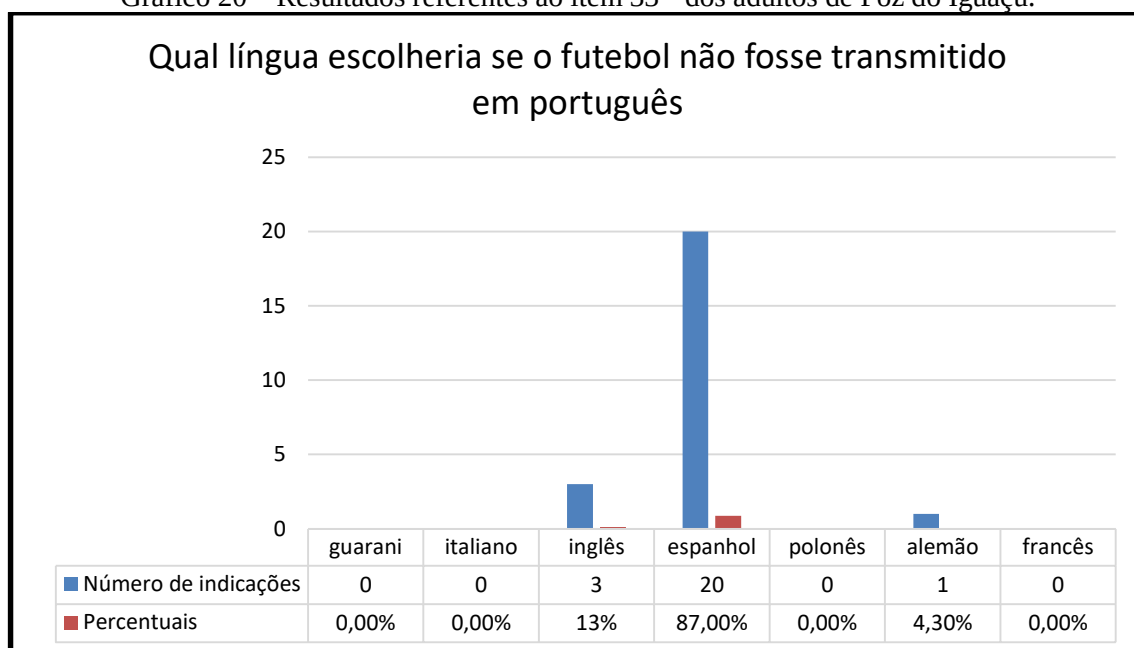
Gráfico 19 – Resultados referentes aos itens 14, 15 e 16⁷⁷ dos adultos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

Nossa análise, com base nos números apresentados, é a de que mais uma vez o guarani “corre por fora”, ou seja, assim como ocorreu nas escolhas dos alunos, ele é colocado na condição de “língua sem prestígio” e não tem espaço no imaginário desse grupo de informantes. Além disso, possivelmente em função da aparente facilidade na compreensão, há pré-disposição maior para assistir ao jogo em espanhol do que em inglês, por exemplo, assim podemos analisar mais uma vez como atitude positiva a favor do espanhol.

Para finalizar esse conjunto de análises, passamos agora a descrever os resultados obtidos no item 33, o último do questionário, que dizia respeito à escolha de uma outra língua na impossibilidade de não se ter o português para assistir a uma partida de futebol. Os resultados estão apresentados no gráfico 20, a seguir:

⁷⁷ Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola (item 14), língua guarani (item 15), língua inglesa (item 16). Qual a sua atitude diante dessa situação?

Gráfico 20 – Resultados referentes ao item 33⁷⁸ dos adultos de Foz do Iguaçu.

Fonte: Autoria própria.

O espanhol recebe um número expressivo de indicações e, para não sermos incoerentes, atribuímos essa expressividade à proximidade linguística entre o português e o espanhol. Proximidade essa que em muitos casos é confundida com facilidade. Como não pretendemos abordar neste capítulo as argumentações que estão no capítulo 5, nos limitamos a descrever os resultados.

4.3 Lugares do espanhol no Centro-sul – descrição dos resultados – grupo de informantes: alunos

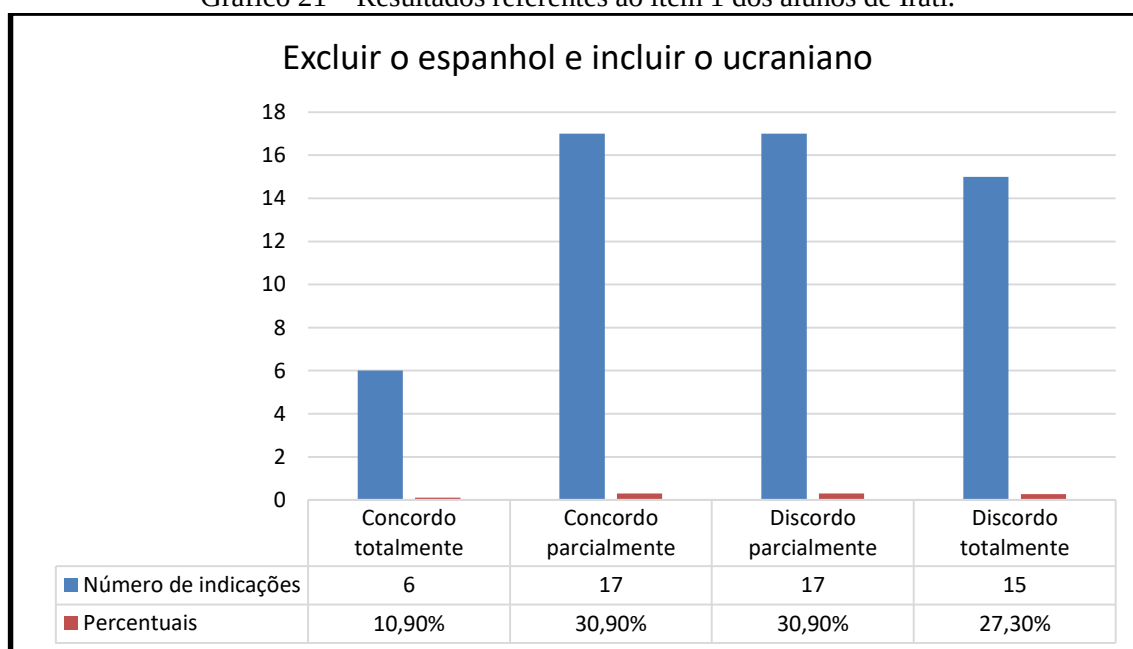
No Colégio Estadual Gonçalves Júnior, localizado no Distrito de Gonçalves Júnior, na zona rural do município de Irati, foram aplicados cinquenta e cinco questionários, em três turmas do Ensino Médio. Esses questionários foram respondidos por vinte e um meninos (38,2%) e por trinta e quatro meninas (61,8%). A idade média desses jovens é de quinze (36,4%) e dezesseis anos (40%).

O primeiro bloco de itens a ser analisado diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua espanhola por aulas de língua ucraniana, língua inglesa e língua

⁷⁸ Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

portuguesa (itens 1, 2 e 3), ou seja, se propunha a exclusão do espanhol e a inclusão de uma dessas outras línguas no seu lugar. Os resultados mostraram uma atitude favorável à manutenção das aulas de espanhol se a língua a substituí-la fosse o ucraniano. Quinze informantes (27,3%) discordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Dezesete informantes (30,9%) discordaram parcialmente. Apenas seis informantes (10,9%) concordaram totalmente com a substituição e dezessete (30,9%) concordaram parcialmente.

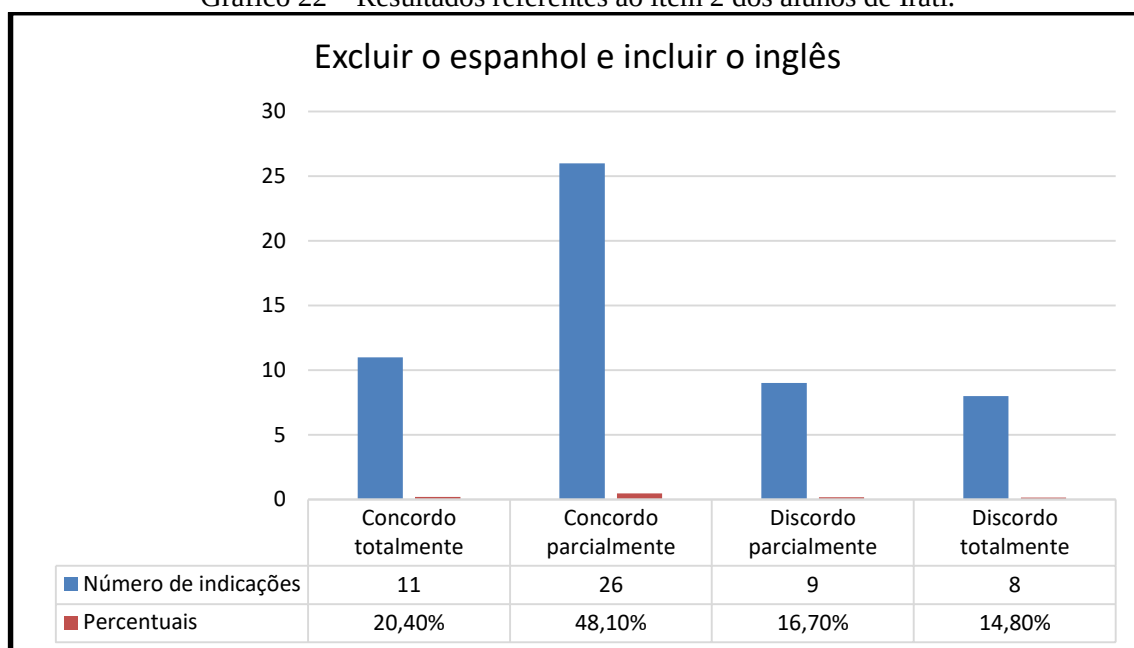
Gráfico 21 – Resultados referentes ao item 1 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Ao analisarmos os resultados dos questionários dos alunos no que se refere à proposição de substituição das aulas de espanhol por aulas de inglês, percebemos que a atitude foi favorável à substituição, pois onze informantes (20,4%) concordaram totalmente e vinte e seis informantes (48,1%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de oito (14,8%) que discordaram totalmente e nove (16,7%) discordaram parcialmente.

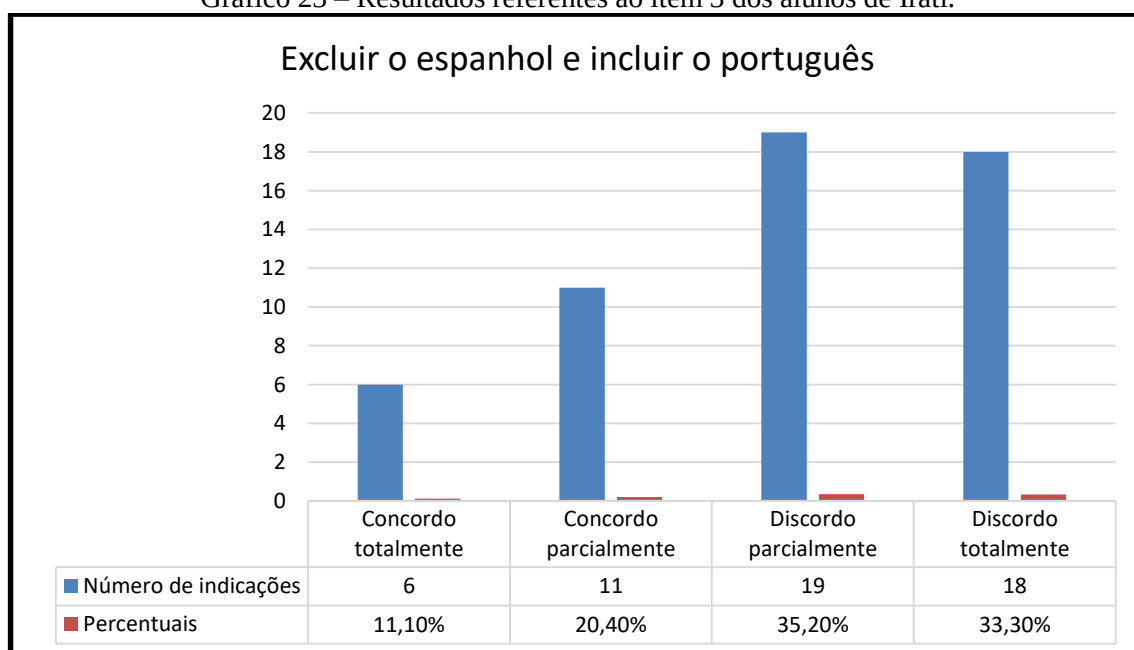
Gráfico 22 – Resultados referentes ao item 2 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Quando a situação posta era a substituição das aulas de espanhol por aulas de português, a atitude foi negativa: dezoito informantes (33,3%) discordaram totalmente e dezenove informantes (35,2%) discordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude positiva quanto a essa substituição foram de seis (11,1%) que concordaram totalmente e onze (20,4%) concordaram parcialmente.

Gráfico 23 – Resultados referentes ao item 3 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

A análise que fazemos desses resultados é a de que ao ucraniano é dado o lugar de “marginalidade”, assim como ocorreu com o guarani no caso das análises de Foz do Iguaçu. No que tange à atitude favorável à exclusão do espanhol e à inclusão do inglês no seu lugar, inicialmente poderíamos supor que se trata de uma valorização da língua que é considerada a mais importante nas relações comerciais internacionais, entre tantos outros argumentos que se criaram a favor do inglês, como dito anteriormente. No entanto, posteriormente os números não corroboram essa nossa análise inicial, da mesma forma que ocorreu quando analisamos os questionários dos alunos da escola da fronteira. A respeito da proposição de inserção do português no lugar do espanhol, os números mostraram que para os alunos essa não seria uma boa troca. O primeiro bloco de itens gerou o quadro apresentado a seguir, sendo duas tendências comparativamente favoráveis para o espanhol, e uma desfavorável.

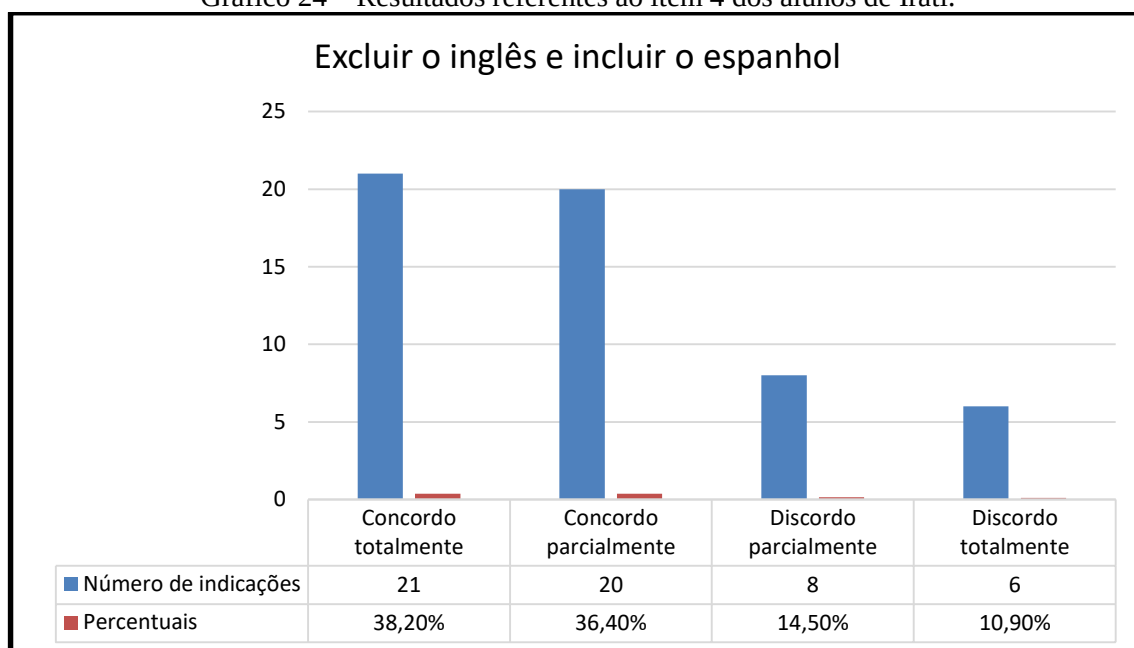
Quadro 10 – Resultado referente aos itens 1, 2 e 3 dos alunos de Irati.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o espanhol e incluir o ucraniano		X
Excluir o espanhol e incluir o inglês	X	
Excluir o espanhol e incluir o português		X

Fonte: Autoria própria.

O segundo bloco de itens que descrevemos aqui diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua inglesa por aulas de língua espanhola, língua ucraniana e língua portuguesa (itens 4, 5 e 6), ou seja, propusemos a exclusão do inglês e a inclusão de uma dessas outras línguas no seu lugar. Os resultados mostraram uma atitude favorável à exclusão das aulas de inglês se a língua a substituí-la fosse o espanhol. Vinte e um informantes (38,2%) concordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Vinte informantes (36,4%) concordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à manutenção do inglês foram seis informantes (10,9%) que discordaram totalmente com a substituição e oito informantes (14,5%) que discordaram parcialmente.

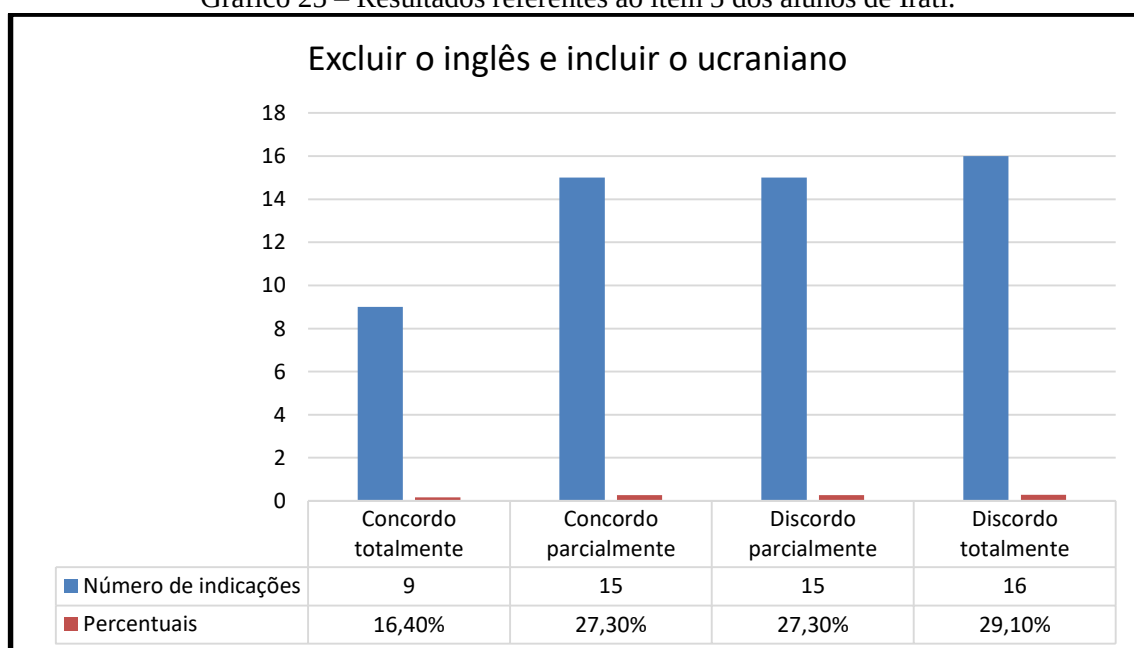
Gráfico 24 – Resultados referentes ao item 4 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Quando apresentamos a situação referente à substituição das aulas de inglês por aulas de ucraniano, a atitude dos alunos foi desfavorável a essa substituição: nove informantes (16,4%) concordaram totalmente e quinze informantes (27,3%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de dezesseis (29,1%) que discordaram totalmente e quinze (27,3%) discordaram parcialmente.

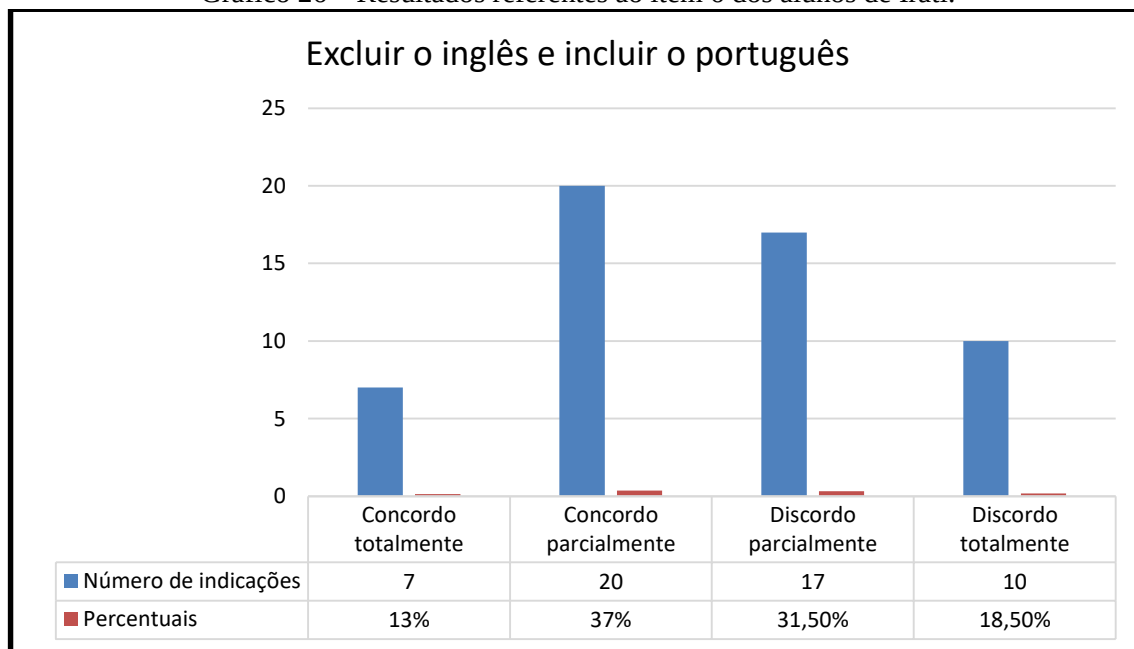
Gráfico 25 – Resultados referentes ao item 5 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

O item seguinte propunha a substituição das aulas de inglês por aulas de português, e o resultado mostrou uma atitude desfavorável a essa hipotética substituição: sete informantes (13%) concordaram totalmente e vinte informantes (37%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de dez (18,5%) que discordaram totalmente e dezessete (31,5%) que discordaram parcialmente.

Gráfico 26 – Resultados referentes ao item 6 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Na sequência, apresentamos o quadro com o resumo dos números obtidos com base no bloco de itens 4, 5 e 6.

Quadro 11 – Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos alunos de Irati.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o inglês e incluir o espanhol	X	
Excluir o inglês e incluir o ucraniano		X
Excluir o inglês e incluir o português		X

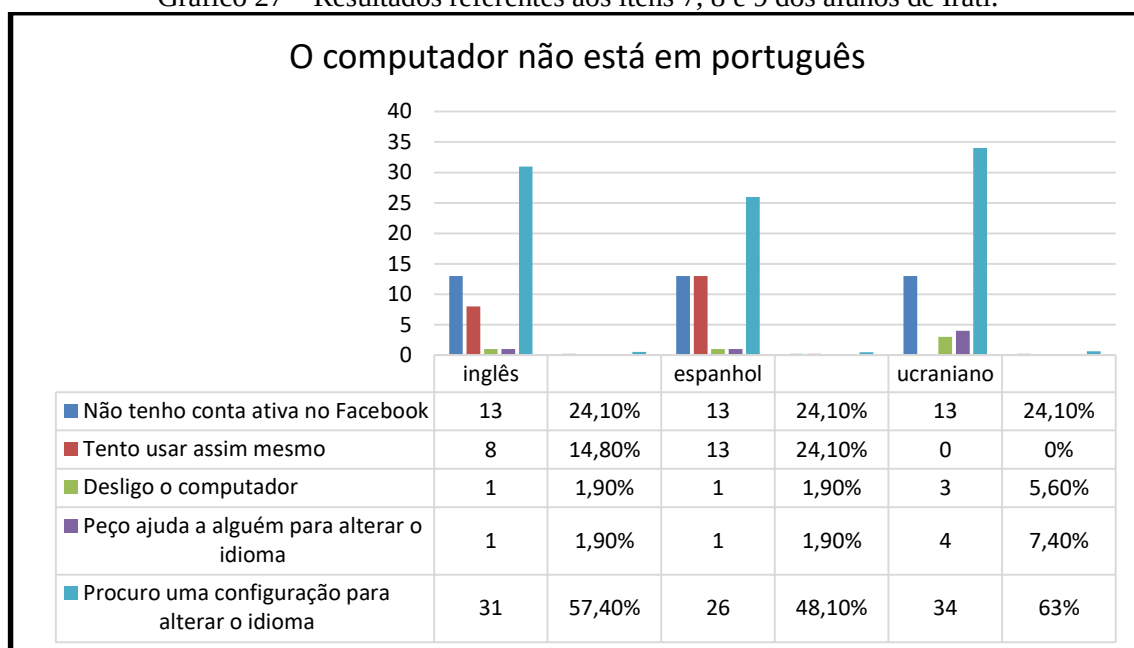
Fonte: Autoria própria.

Uma comparação simples mostrou que os resultados referentes a esse bloco de itens são parecidos aos resultados obtidos na escola fronteiriça. Ademais, é possível afirmar que há, com base numa análise prévia, uma contradição. Ao propormos substituir o espanhol pelo inglês e vice-versa, a atitude dos alunos foi positiva. Como mencionamos anteriormente, o que pode

justificar essa contradição é uma possível insatisfação para com as aulas de língua estrangeira, tão “marginalizadas” no currículo escolar ao longo dos tempos, como pudemos mostrar no capítulo 1 e nas análises que faremos no capítulo 5. O que se pode notar com a análise desses seis itens é a confirmação de uma hipótese prévia, a de que o ucraniano (assim como o guarani em Foz do Iguaçu) não ocupa lugar de destaque no imaginário dos paranaenses iratienses. Outro dado interessante é que o português não teria lugar de destaque diante do espanhol e do inglês, pois os informantes preferem que as aulas de espanhol e de inglês sejam mantidas.

O próximo bloco de itens analisados diz respeito aos itens 7, 8 e 9. Nos três itens o tema girava em torno de o informante ligar o seu computador e não encontrar a língua portuguesa na página da anteriormente mencionada rede social. Houve a indicação de que treze (24,1%) informantes não têm conta ativa no Facebook. Merece destacarmos que o número de alunos que não tem conta ativa é quase o triplo do número de alunos que não tem conta ativa no Facebook na escola da fronteira, e o número de informantes da fronteira é quase o dobro do da zona rural. Atribuímos esse dado ao fato de a escola de Irati estar localizada na zona rural do município, onde o acesso à internet é bastante limitado, praticamente inexistente. Seguindo a descrição dos resultados desse item, temos o seguinte: oito informantes (14,8%) tentariam usar o Facebook se ele estivesse em inglês. Treze informantes (24,1%) tentariam usar se ele estivesse em espanhol e nenhum informante (0%) tentaria usar se ele estivesse em ucraniano. Um informante (1,9%) desligaria o computador se o Facebook estivesse em inglês e espanhol e três informantes (5,6%) desligariam o computador se o Facebook estivesse em ucraniano. Um informante (1,9%) pediria ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em inglês e espanhol. Quatro informantes (7,4%) pediriam ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em ucraniano. Trinta e um informantes (57,4%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em inglês. Vinte e seis informantes (48,1%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em espanhol e trinta e quatro informantes (63%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em ucraniano.

Gráfico 27 – Resultados referentes aos itens 7, 8 e 9 dos alunos de Irati.



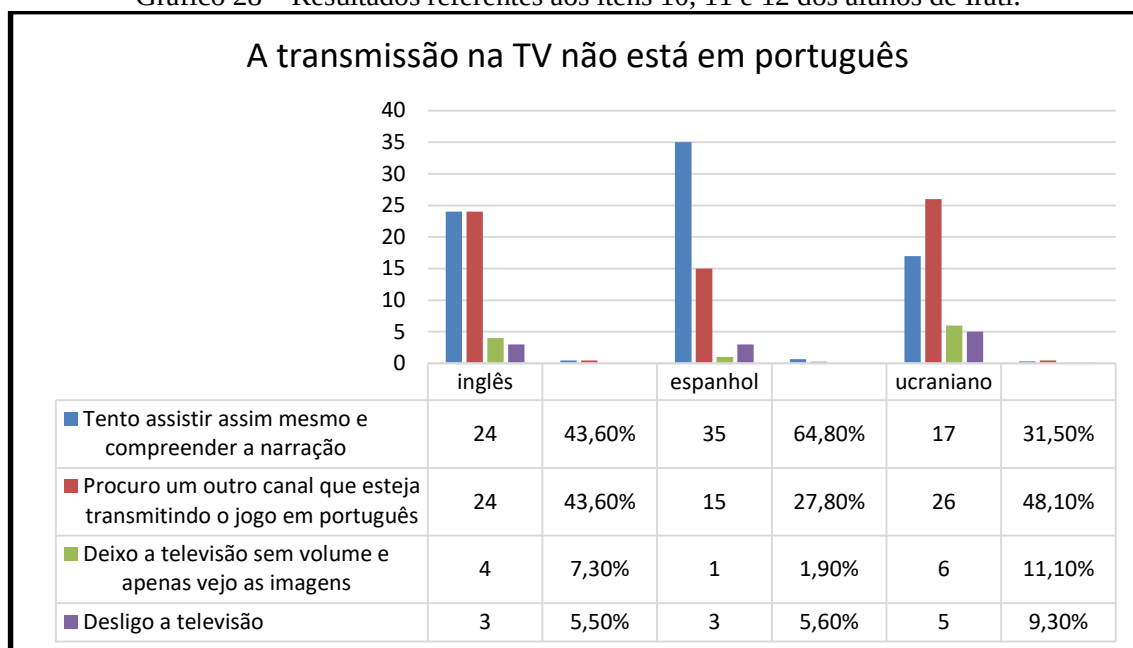
Fonte: Autoria própria.

Diante desses números, o que se pode analisar é que são poucas as diferenças nos percentuais entre o inglês e o espanhol, algo parecido com o que ocorreu na escola Sol de Maio, embora se possam visualizar números mais favoráveis ao espanhol numa comparação simples com o inglês, principalmente porque há uma disposição maior para usar o computador mesmo que nele aparecesse como língua o espanhol. Retomamos aqui uma possível explicação para esse dado: é bastante difundida a crença de que o espanhol é de fácil compreensão para os brasileiros. Essa representação (ou a relativização dela) será discutida no próximo capítulo. No que concerne ao ucraniano, os números mostram pouca disposição dos informantes a usar a rede social se o idioma fosse o ucraniano. Esses resultados reforçam a nossa análise de que ao ucraniano é dado um lugar “marginal”, conforme assinalado anteriormente.

O bloco de itens analisados a seguir é concernente aos itens 10, 11 e 12. Nele tratamos de uma suposta transmissão de uma partida de futebol do time favorito em língua estrangeira. Vinte e quatro informantes (43,6%) tentariam assistir ao jogo em inglês e compreender a narração. Já em espanhol, o número aumenta para trinta e cinco (64,8%) e em ucraniano são dezessete informantes (32,3%) que tentariam assistir ao jogo nesse idioma. Vinte e quatro informantes (43,6%) procurariam outro canal que estivesse transmitindo o jogo em português se a narração fosse em inglês, quinze (27,8%) se a narração estivesse sendo feita em espanhol e vinte e seis informantes (48,1%) se a narração fosse em ucraniano. Quatro informantes (7,3%) deixariam a televisão sem som e apenas veriam as imagens se a narração fosse em inglês. Esse

número de informantes diminui para um (1,9%) se a narração fosse em espanhol e, se fosse em ucraniano, seriam seis informantes (11,1%). Três informantes (5,5%) desligariam a televisão se a narração fosse em inglês ou em espanhol. Esse número aumenta para cinco (9,3%) se fosse em ucraniano.

Gráfico 28 – Resultados referentes aos itens 10, 11 e 12 dos alunos de Irati.



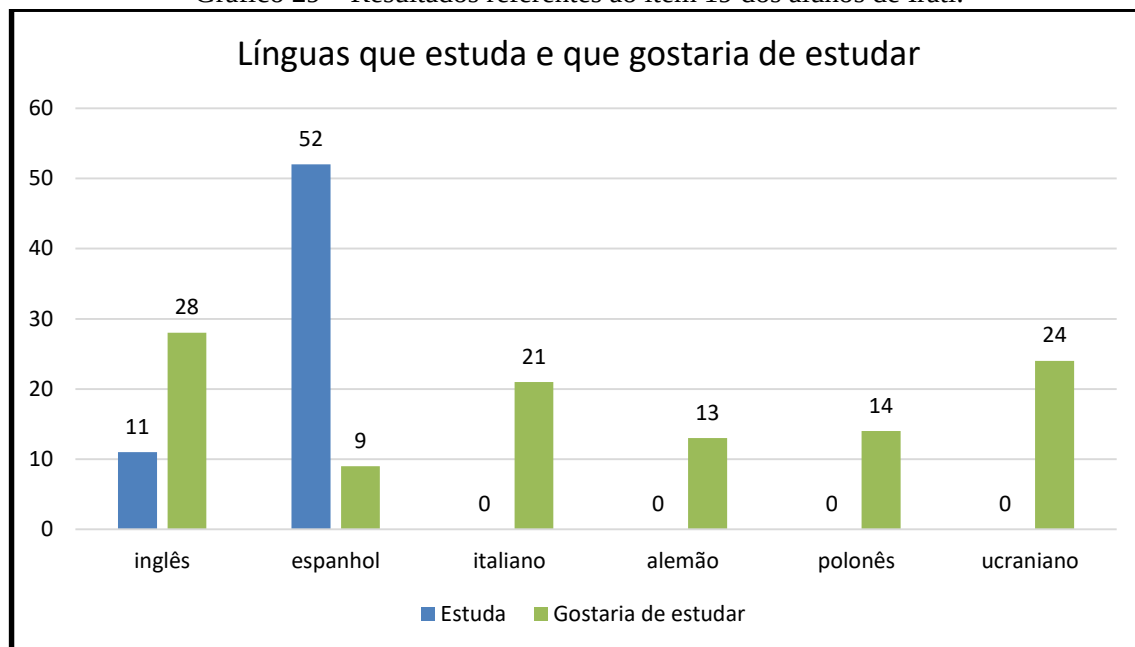
Fonte: Autoria própria.

Analizamos, com base nos números apresentados, que mais uma vez o ucraniano, assim como ocorreu nas análises anteriores, recebe um lugar minorizado no imaginário dos informantes. Além disso, há pré-disposição maior para assistir ao jogo em espanhol do que em inglês, por exemplo, assim podemos analisar mais uma vez como atitude positiva a favor do espanhol. Como já exposto acima, tendemos a crer que essa postura decorre da crença de que a língua espanhola é facilmente compreensível para os falantes de português.

O item 19 tratava de verificar qual(is) língua(s) estrangeira(s) os alunos estudam atualmente na sua escola e qual(is) língua(s) estrangeira(s) eles gostariam de estudar. Alguns destaques necessários: embora o total de informantes seja de cinquenta e cinco, não foram todos que marcaram que estudam espanhol, algo que ocorreu também na escola de fronteira. No entanto, na escola rural os resultados são diferentes dos obtidos na escola Sol de Maio no que diz respeito à vontade de aprender o guarani, pois na escola iratiense foram vinte e quatro informantes (43,6%) que manifestaram sua vontade de aprender ucraniano, já na escola de Foz

do Iguaçu foram apenas nove (9,5%) informantes que manifestaram vontade de aprender o guarani.

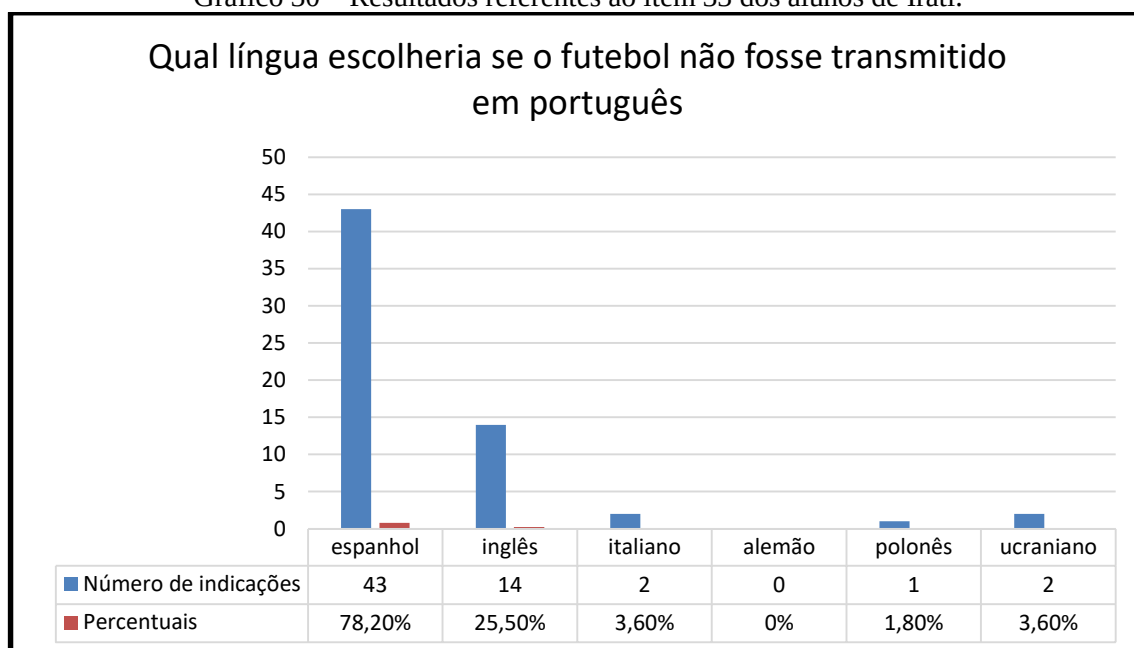
Gráfico 29 – Resultados referentes ao item 19 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Para concluir esta parte de descrição dos questionários dos alunos de Irati, expomos os resultados advindos do item que fazia referência a uma suposta transmissão de uma partida de futebol da Seleção Brasileira de Futebol em língua estrangeira, e colocava os informantes para manifestarem sua escolha.

Gráfico 30 – Resultados referentes ao item 33 dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

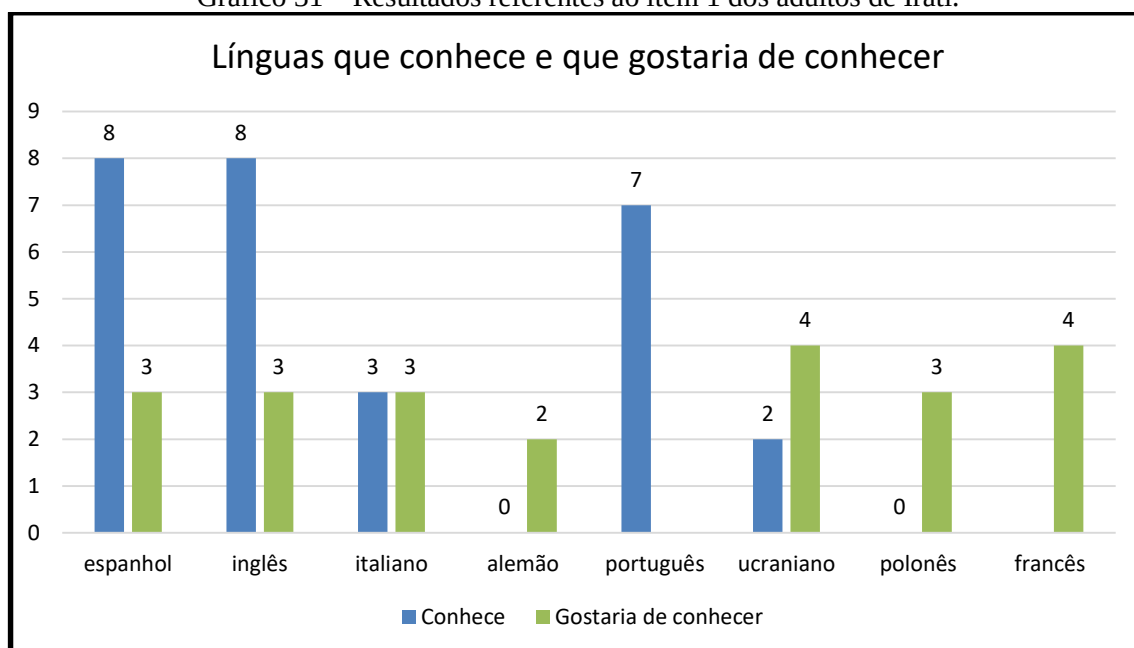
Neste item, assim como no que o antecedeu, os números favoráveis ao espanhol são mais expressivos e as possíveis explicações para tal também não poderiam ser diferentes das que expusemos anteriormente. O que se pode considerar é que na comparação entre as línguas minorizadas, há uma lugar um pouco mais destacável para o ucraniano do que para o guarani.

4.4 Lugares do espanhol no Centro-sul – descrição dos resultados – grupo de informantes: pais de alunos, professores e diretora da escola

Este grupo de informantes que apresentaremos as análises dos seus questionários diz respeito aos pais de alunos, professores e diretora da escola de Gonçalves Júnior. No total, foram quinze informantes, sendo sete pais ou mães de alunos, a diretora da escola, um professor de espanhol e seis professores de outras disciplinas.

Assim como no questionário dos adultos de Foz do Iguaçu, o item que inaugurava o questionário versava sobre qual(is) língua(s) estrangeira(s) os informantes conhecem e qual(is) língua(s) estrangeira(s) eles gostariam de conhecer. Os resultados foram os seguintes:

Gráfico 31 – Resultados referentes ao item 1 dos adultos de Irati.

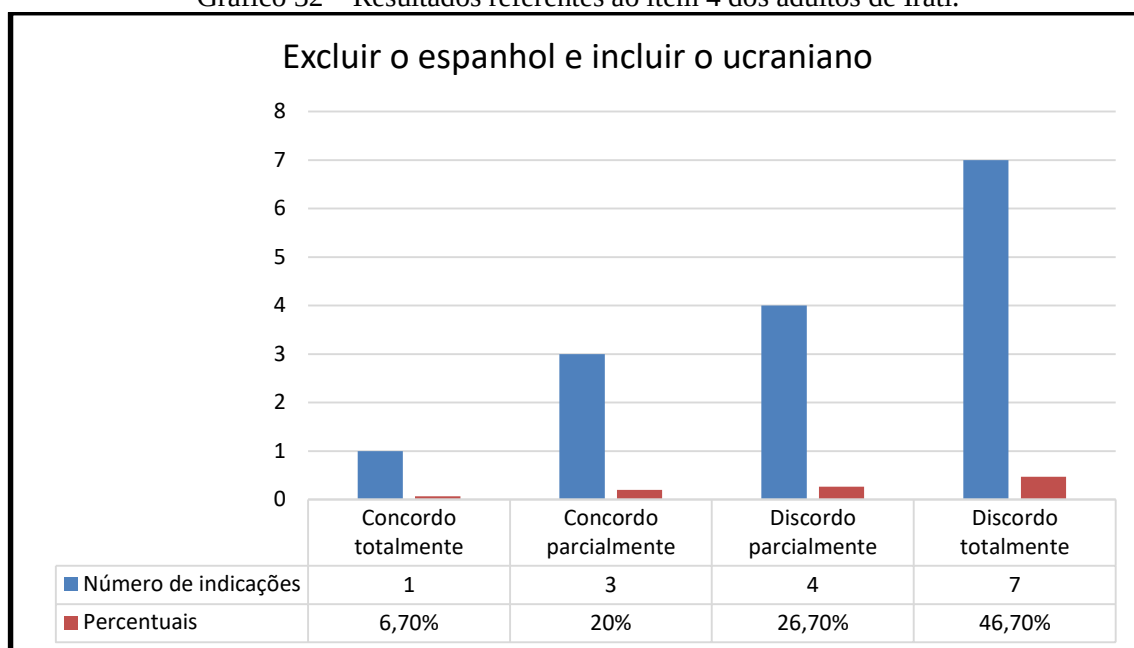


Fonte: Autoria própria.

Inicialmente, vale fazer referência ao número reduzido de informantes que disse conhecer a língua portuguesa. Isso se explica, em parte, porque se pensa, de modo geral, que conhecer a língua é ser conhecedor de suas regras gramaticais, é falar “corretamente”, entre outras crenças. No próximo capítulo discutiremos um pouco sobre essa representação de que o brasileiro não sabe português.

O primeiro bloco de itens a ser analisado deste grupo de informantes diz respeito a uma situação semi-hipotética de substituição das aulas de língua espanhola por aulas de língua ucraniana, língua inglesa e língua portuguesa (itens 4, 5 e 6), ou seja, perguntamos acerca da possível exclusão do espanhol e a inclusão de uma dessas outras línguas no seu lugar. Os resultados mostraram uma atitude negativa à exclusão das aulas de espanhol se a língua a substituí-la fosse o ucraniano. Sete informantes (46,7%) discordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Quatro informantes (26,7%) discordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à substituição do espanhol foram um informante (6,7%) que concordou totalmente com a substituição e três (20%) que concordaram parcialmente.

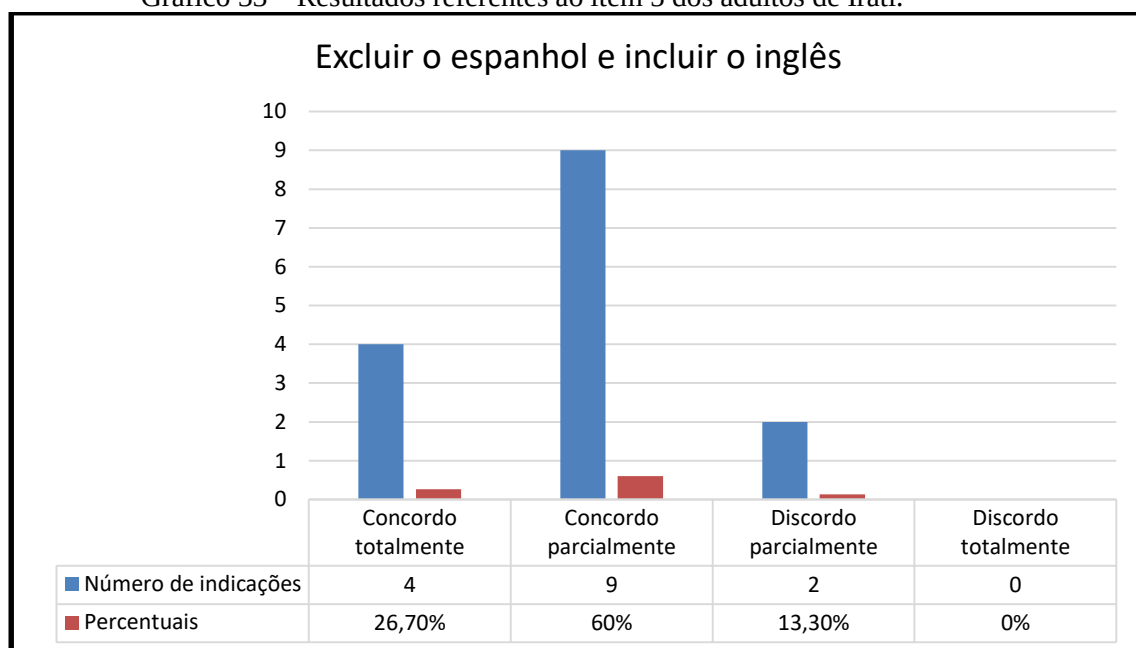
Gráfico 32 – Resultados referentes ao item 4 dos adultos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

No caso de uma suposta substituição das aulas de espanhol por aulas de inglês, a atitude foi favorável à substituição. Os números obtidos são estes: quatro informantes (26,7%) concordaram totalmente e nove informantes (60%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de dois (13,3%) que discordaram parcialmente. Ninguém discordou totalmente, nem a professora de espanhol. Nesse caso, se esperava que pelo menos a professora de espanhol manifestasse uma posição contrária à suposta extinção das suas aulas naquela escola.

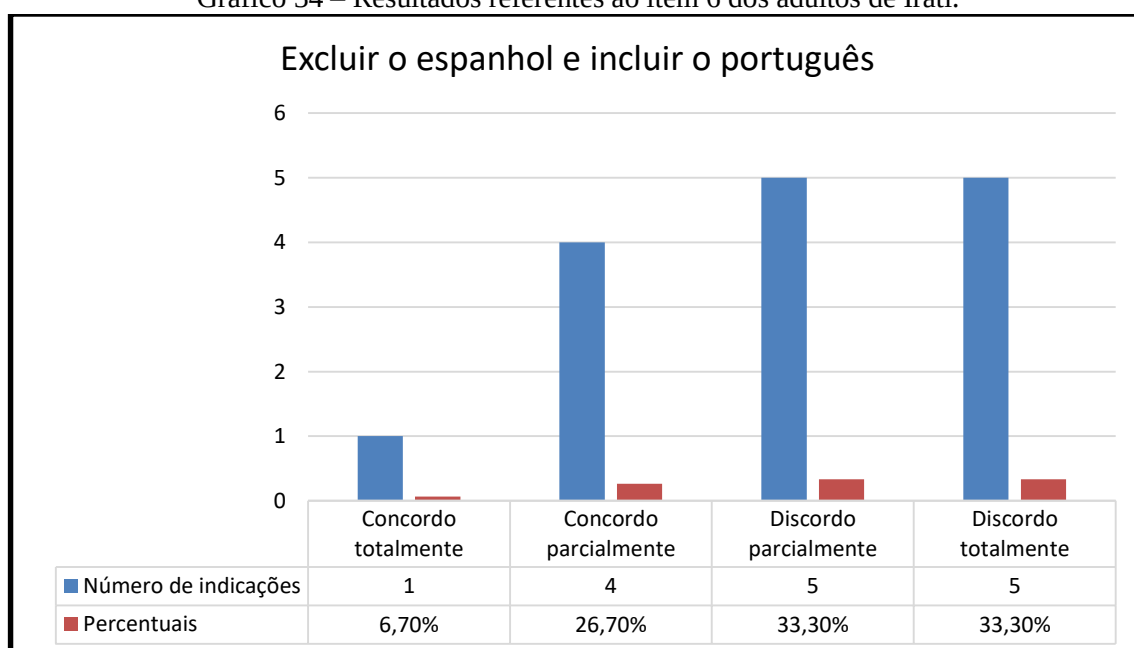
Gráfico 33 – Resultados referentes ao item 5 dos adultos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

No item que previa a substituição das aulas de espanhol por aulas de português, a atitude foi contrária à substituição. Os resultados mostraram que cinco informantes (33,3%) discordaram totalmente quanto a essa possível substituição, número igual ao de informantes que discordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à substituição do espanhol foram um informante (6,7%) que discordou totalmente com a substituição e quatro informantes (26,7%) que discordaram parcialmente.

Gráfico 34 – Resultados referentes ao item 6 dos adultos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

A análise que fazemos desses resultados é a de que, assim como nas análises dos questionários dos alunos, ao ucraniano é dado o lugar de “marginalidade”. No que tange à atitude favorável à exclusão do espanhol e à inclusão do inglês no seu lugar, isso também ocorreu nas respostas dos alunos. Notamos também que para esse grupo de informantes não seria uma boa troca a exclusão das aulas de espanhol e no seu lugar a inclusão de aulas de português. O resultado das análises desse primeiro bloco de itens mostrou uma certa sincronia entre as respostas dos alunos e as respostas de seus pais, dos professores e da diretora da escola. Como se pode notar no quadro abaixo, houve duas tendências comparativamente favoráveis para o espanhol, e uma desfavorável.

Quadro 12 – Resultado referente aos itens 4, 5 e 6 dos adultos de Irati.

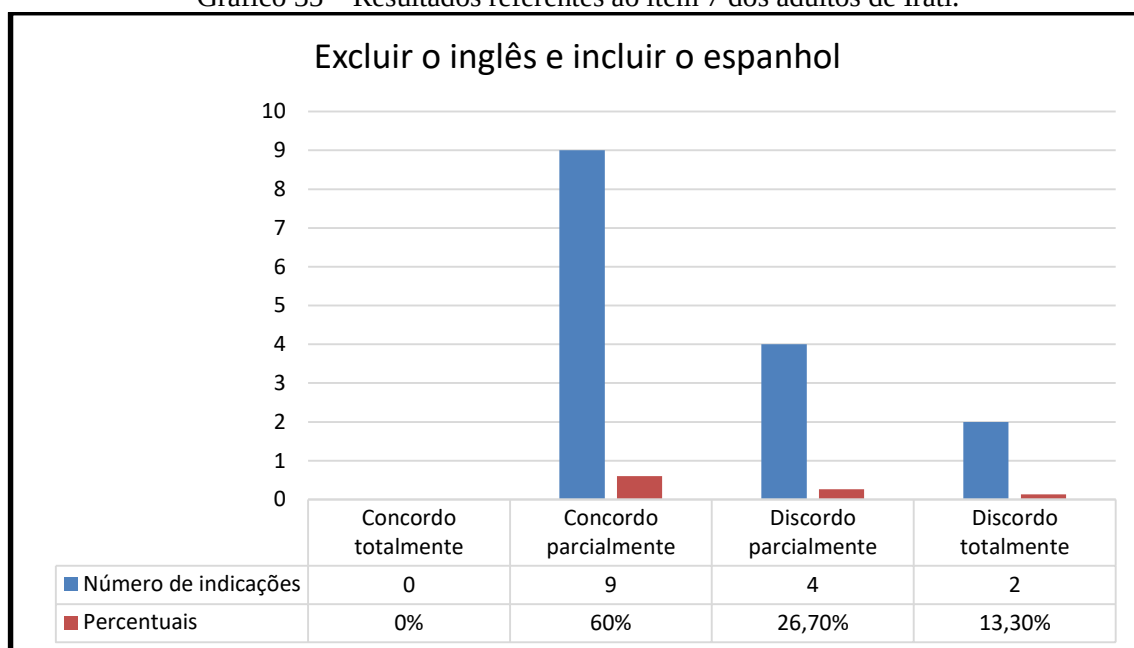
Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o espanhol e incluir o guarani		X
Excluir o espanhol e incluir o inglês	X	
Excluir o espanhol e incluir o português		X

Fonte: Autoria própria.

O segundo bloco de itens a ser descrito diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua inglesa por aulas de língua espanhola, língua ucraniana e língua portuguesa (itens 7, 8 e 9, respectivamente).

No que tange à possível proposição de excluir o inglês e incluir o espanhol no seu lugar, nenhum informante (0%) concordou totalmente, nove informantes (60%) concordaram parcialmente, quatro informantes (26,7%) discordaram parcialmente e dois informantes (13,3%) discordaram totalmente.

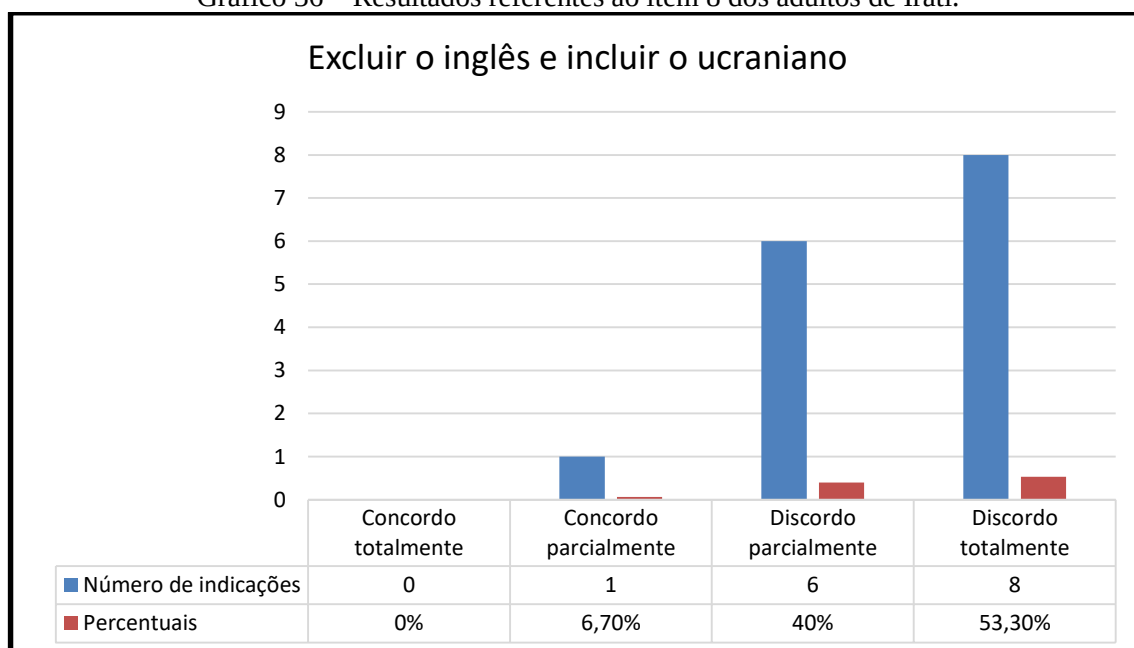
Gráfico 35 – Resultados referentes ao item 7 dos adultos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

No que se refere à proposição de excluir o inglês e incluir o ucraniano no seu lugar, nenhum informante (0%) concordou totalmente, um informante (6,7%) concordou parcialmente, seis informantes (40%) discordaram parcialmente e oito informantes (53,3%) discordaram totalmente.

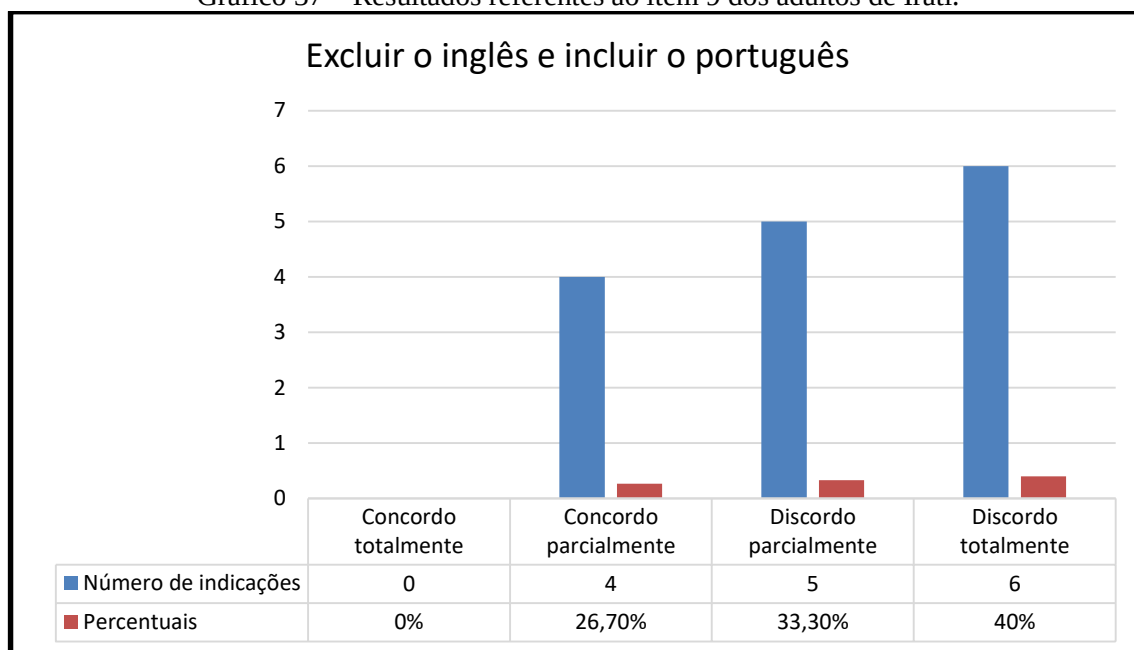
Gráfico 36 – Resultados referentes ao item 8 dos adultos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Acerca da possível exclusão do inglês e da inclusão do português no seu lugar, nenhum informante (0%) concordou totalmente, quatro informantes (26,7%) concordaram parcialmente, cinco informantes (33,3%) discordaram parcialmente e seis informantes (40%) discordaram totalmente.

Gráfico 37 – Resultados referentes ao item 9 dos adultos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Na sequência, apresentamos um quadro com os resultados referentes aos itens 7, 8 e 9

Quadro 13 – Resultado referente aos itens 7, 8 e 9 dos adultos de Irati.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o inglês e incluir o espanhol		X
Excluir o inglês e incluir o ucraniano		X
Excluir o inglês e incluir o português		X

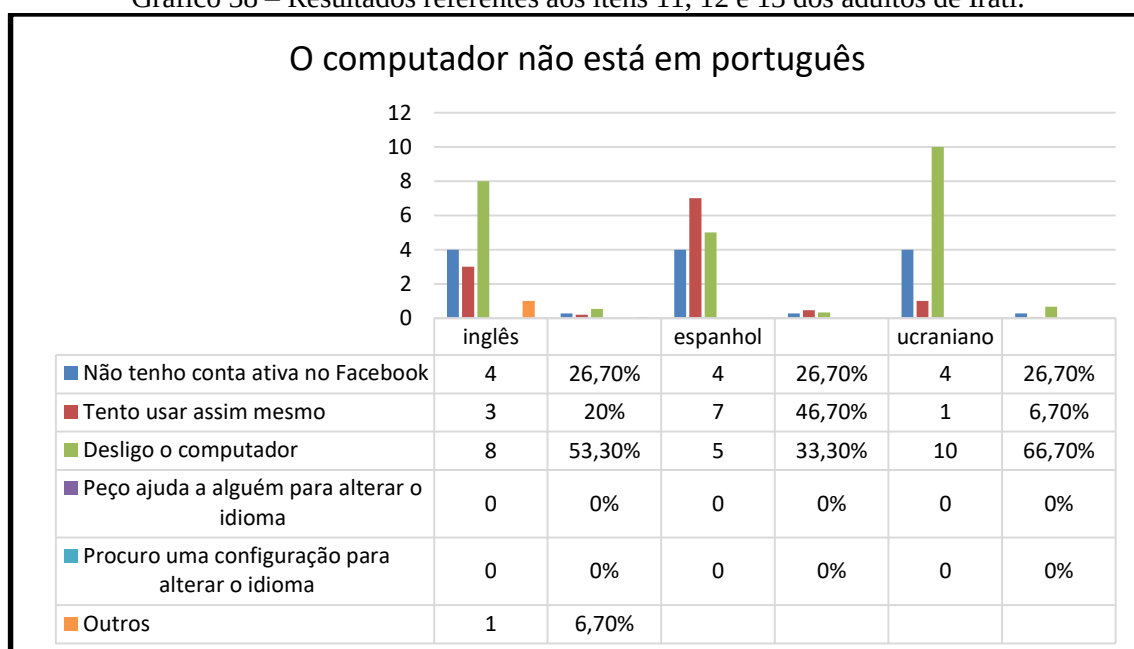
Fonte: Autoria própria.

Como se pode observar nesses resultados, as atitudes dos adultos de Irati são favoráveis ao inglês. Em nenhuma das três proposições houve concordância no sentido de excluir a língua inglesa da matriz curricular da escola.

O próximo bloco de itens que descreveremos é correspondente aos itens 11, 12 e 13, e neles indagamos sobre o que fariam os informantes num suposto cenário de ligar o seu computador e não poder acessar o Facebook em português. Nos três itens houve a indicação de

que quatro informantes (26,7%) não têm conta ativa no Facebook. Três informantes (20%) tentariam usar a rede social se ela estivesse em inglês. Sete informantes (46,7%) tentariam usar se ela estivesse em espanhol e apenas um informante (6,7%) tentaria usar se ela estivesse em ucraniano. Oito informantes (53,3%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em inglês e cinco informantes (33,3%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em espanhol. Dez informantes (66,7%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em ucraniano. Ninguém assinalou que desligaria o computador, assim como ninguém assinalou que pediria ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook não estivesse em português.

Gráfico 38 – Resultados referentes aos itens 11, 12 e 13 dos adultos de Irati.



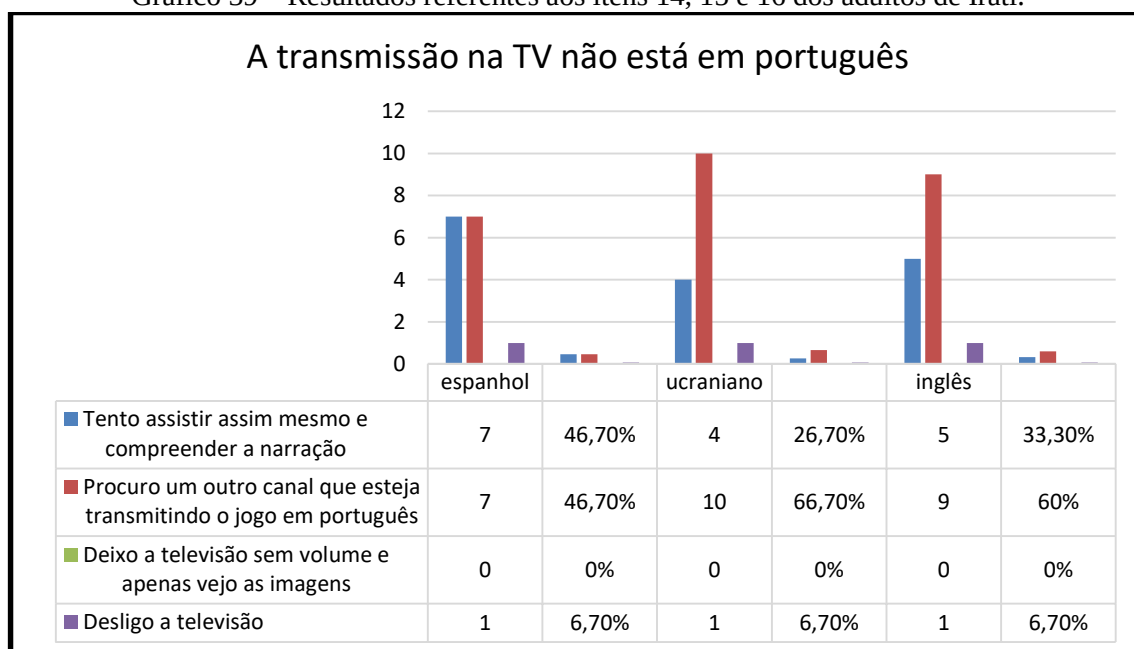
Fonte: Autoria própria.

O que se pode observar é que há números mais favoráveis ao espanhol numa comparação simples com o inglês. No que concerne ao ucraniano, os números mostram pouca disposição dos informantes a usar a rede social se o idioma desse fosse o idioma presente na tela do computador. Apenas um informante tentaria usar a rede social em ucraniano. Esses resultados são muito parecidos aos dos alunos e reforçam a nossa hipótese de que ao ucraniano é dado um lugar “marginal” no Centro-sul do Paraná.

Os itens 14, 15 e 16 compõem o seguinte bloco de descrição. Neles abordamos a temática da partida de futebol do seu time favorito. Sete informantes (46,7%) tentariam assistir ao jogo em espanhol e compreender a narração. Já em ucraniano, o número diminui para quatro

informantes (26,7%) e em inglês são cinco informantes (33,3%) que tentariam assistir ao jogo nesse idioma. Sete informantes (46,7%) procurariam outro canal que estivesse transmitindo o jogo em português se a narração fosse em espanhol e dez (66,7%) se a narração estivesse sendo feita em ucraniano. Agora se a narração fosse em inglês, aí seriam nove informantes (60%) que procurariam um canal que estivesse transmitindo o jogo em português. Não houve indicação de deixar a televisão sem som e apenas ver as imagens em nenhum dos casos. Um informante (6,7%) desligaria a televisão se a narração fosse em inglês ou em espanhol ou em ucraniano.

Gráfico 39 – Resultados referentes aos itens 14, 15 e 16 dos adultos de Irati.

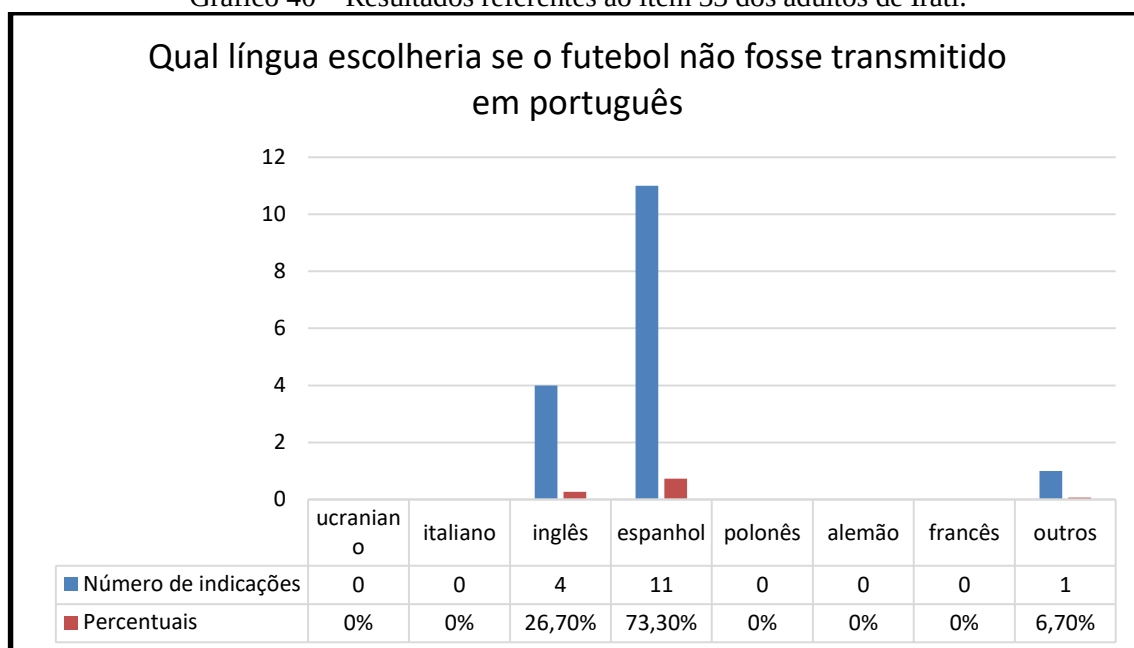


Fonte: Autoria própria.

Como já assinalamos anteriormente, esses números reforçam a nossa observação de que o ucraniano é colocado na “marginalidade” e não tem espaço de relevância no imaginário dos informantes. Percebemos também aqui que há pré-disposição maior para assistir ao jogo em espanhol do que em inglês, por exemplo, corroborando as apreciações anteriores de que há uma tendência a preferir o espanhol em detrimento de outra língua justamente porque se crê que nessa língua haverá mais facilidade na compreensão.

Em tom de conclusão desta parte, apresentamos os números de indicações e os percentuais advindos do item que mencionava a respeito do jogo de futebol da Seleção Brasileira de Futebol na televisão.

Gráfico 40 – Resultados referentes ao item 33 dos adultos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Nesse item, os números favoráveis ao espanhol são mais expressivos do que no item anterior. Como já acenamos anteriormente, esses resultados podem advir da crença de que o espanhol possibilita uma compreensão sem grandes esforços por parte dos falantes de português.

O que se pode perceber, até agora, é que somente os dados quantitativos não permitem chegar a uma conclusão sobre os lugares do espanhol em relação a outras línguas no Paraná. O que tentamos fazer acima foi dar pistas de possíveis análises, mas para construirmos uma argumentação mais consistente e analítica, entendemos que é pertinente fazer outras análises baseadas em dados qualitativos acerca dos lugares que as línguas ocupam no imaginário dos informantes e tentar explicar as possíveis motivações das quais elas decorrem.

4.5 Lugares do espanhol na capital – descrição dos resultados – grupo de informantes: alunos

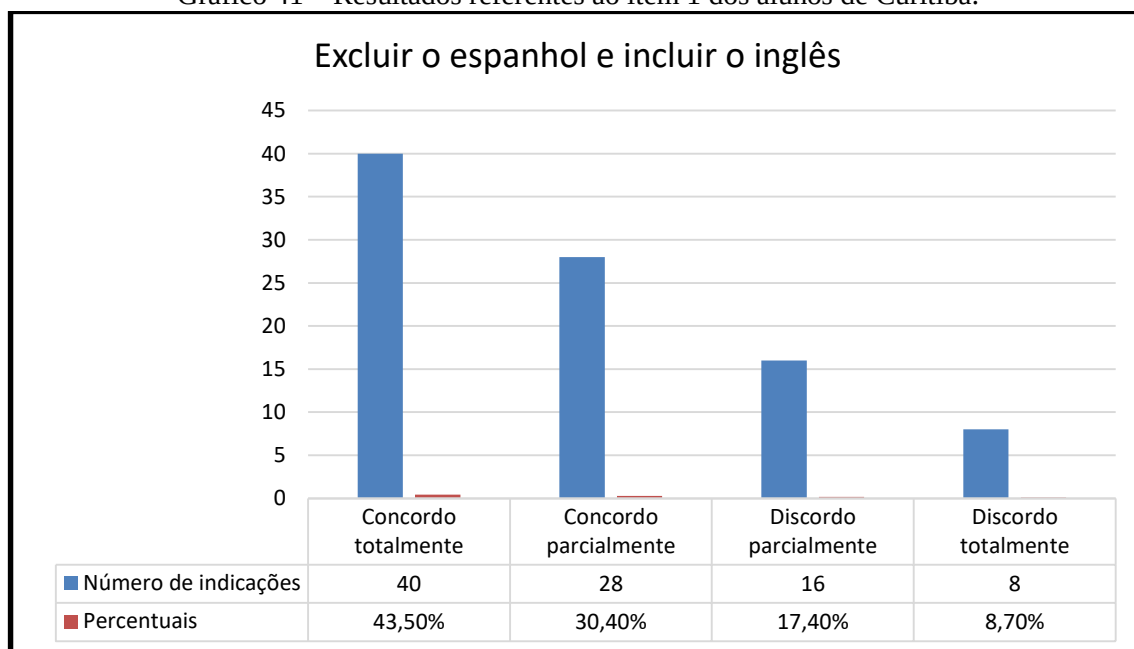
Antes de iniciarmos a apresentação dos resultados advindos da escola estadual Barão do Rio Branco, localizada em Curitiba, devemos esclarecer que os questionários para os informantes dessa escola foram aplicados em dezembro de 2016, um ano após a aplicação dos questionários nas outras duas escolas. Essa diferença temporal ocorreu devido a que estávamos aguardando a autorização para o nosso ingresso na escola, conforme descrevemos no capítulo

3 desta tese. Além disso, essa foi uma das mais de mil escolas ocupadas pelos estudantes no segundo semestre de 2016, em protesto às medidas do então presidente interino Michel Temer.

Nessa escola, foram aplicados noventa e quatro questionários, em quatro turmas do Ensino Médio. Esses questionários foram respondidos por quarenta e oito meninos (52,7%) e por quarenta e três meninas (47,3%). Em três questionários não havia a indicação de sexo. A idade média desses jovens é de dezessete anos (32,3%), um pouco superior à média de idade dos alunos das outras duas escolas. Cabe assinalar que os questionários respondidos pelos informantes vinculados a essa escola não apresentavam itens específicos relativos a línguas em situação de minorização, como fizemos com a inclusão do ucraniano na escola de Irati e com o guarani na escola de Foz do Iguaçu.

O primeiro bloco de itens a ser analisado diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua espanhola por aulas de língua inglesa e língua portuguesa (itens 1 e 2). Os resultados mostraram uma atitude favorável à substituição das aulas de espanhol se a língua a substituí-la fosse o inglês. Quarenta informantes (43,5%) concordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Vinte e oito informantes (30,4%) concordaram parcialmente. Apenas dezesseis informantes (17,4%) discordaram totalmente com a substituição e oito informantes (8,7%) discordaram parcialmente.

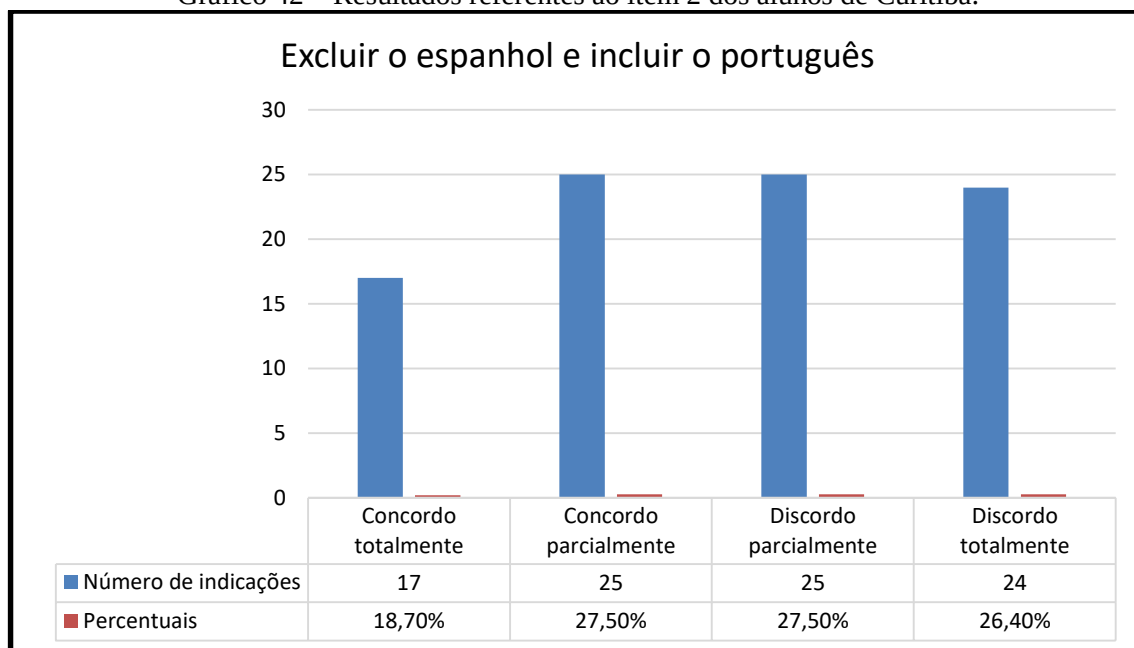
Gráfico 41 – Resultados referentes ao item 1 dos alunos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

Na suposta substituição das aulas de espanhol por aulas de português, a atitude foi ligeiramente negativa: vinte e quatro (26,4%) discordaram totalmente e vinte e cinco informantes (27,5%) discordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude positiva quanto a essa substituição foram dezessete (18,7%) que concordaram totalmente e vinte e cinco (27,5%) concordaram parcialmente.

Gráfico 42 – Resultados referentes ao item 2 dos alunos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

No que tange à atitude favorável à exclusão do espanhol e à inclusão do inglês no seu lugar, poderíamos usar o mesmo argumento apresentado anteriormente: existe uma representação vigente de que o inglês é uma língua universal etc. No que diz respeito à inserção do português no lugar do espanhol, os números mostraram que para os alunos essa não seria uma boa troca. Houve praticamente empate numérico. O primeiro bloco de itens gerou o quadro apresentado a seguir, sendo que houve uma tendência comparativamente favorável para o espanhol, e uma desfavorável.

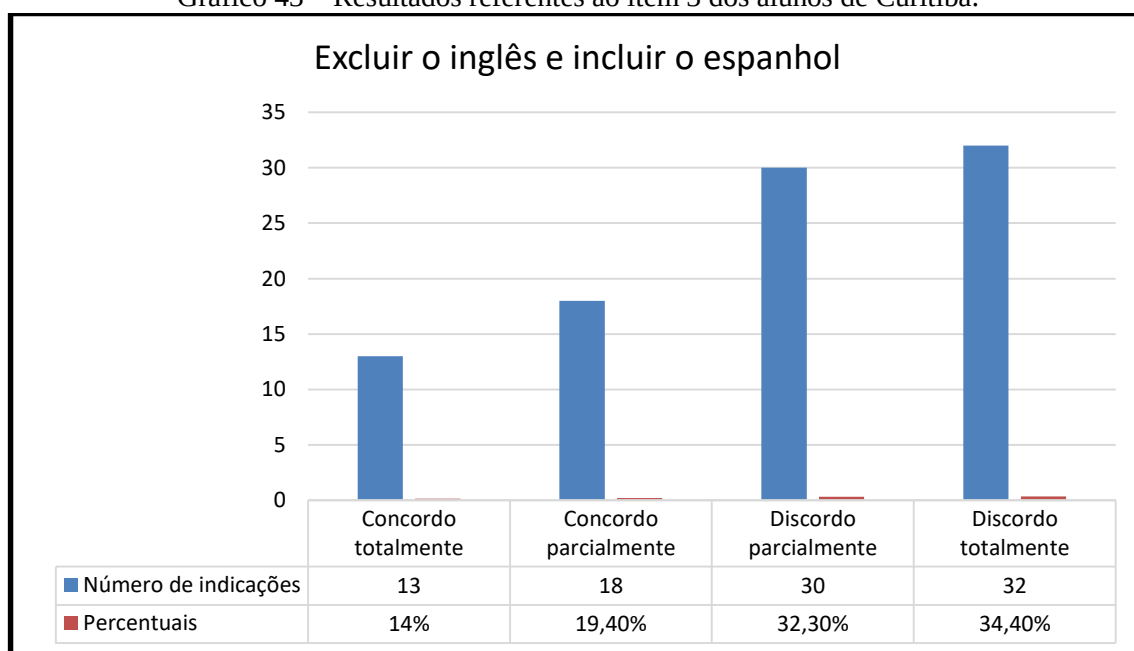
Quadro 14 – Resultado referente aos itens 1 e 2 dos alunos de Curitiba.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o espanhol e incluir o inglês	X	
Excluir o espanhol e incluir o português		X

Fonte: Autoria própria.

O segundo bloco de itens a ser analisado diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua inglesa por aulas de língua espanhola e língua portuguesa (itens 3 e 4), ou seja, se cogitava a exclusão do inglês e a inclusão de uma dessas outras línguas no seu lugar. Os resultados mostraram uma atitude desfavorável à exclusão das aulas de inglês se a língua a substituí-la fosse o espanhol e também se fosse o português. Treze informantes (14%) concordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Dezoito informantes (19,4%) concordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à manutenção do inglês foram trinta e dois informantes (34,4%) que discordaram totalmente com a substituição e trinta (32,3%) que discordaram parcialmente.

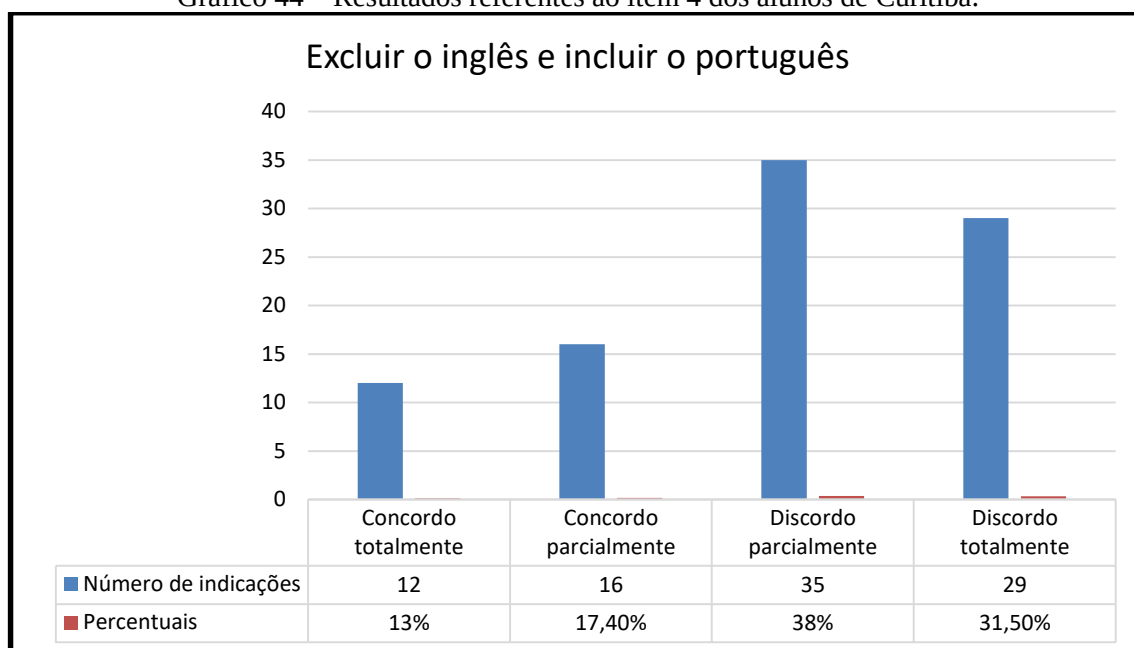
Gráfico 43 – Resultados referentes ao item 3 dos alunos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

Quando hipotetizamos a substituição das aulas de inglês por aulas de português, a atitude foi desfavorável à substituição: doze informantes (13%) concordaram totalmente e dezesseis informantes (17,4%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de vinte e nove (31,5%) que discordaram totalmente e trinta e cinco (38%) que discordaram parcialmente.

Gráfico 44 – Resultados referentes ao item 4 dos alunos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

A seguir, apresentamos o quadro com o resumo dos números obtidos com base no bloco de itens 3 e 4.

Quadro 15 – Resultado referente aos itens 3 e 4 dos alunos de Curitiba.

Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o inglês e incluir o espanhol		X
Excluir o inglês e incluir o português		X

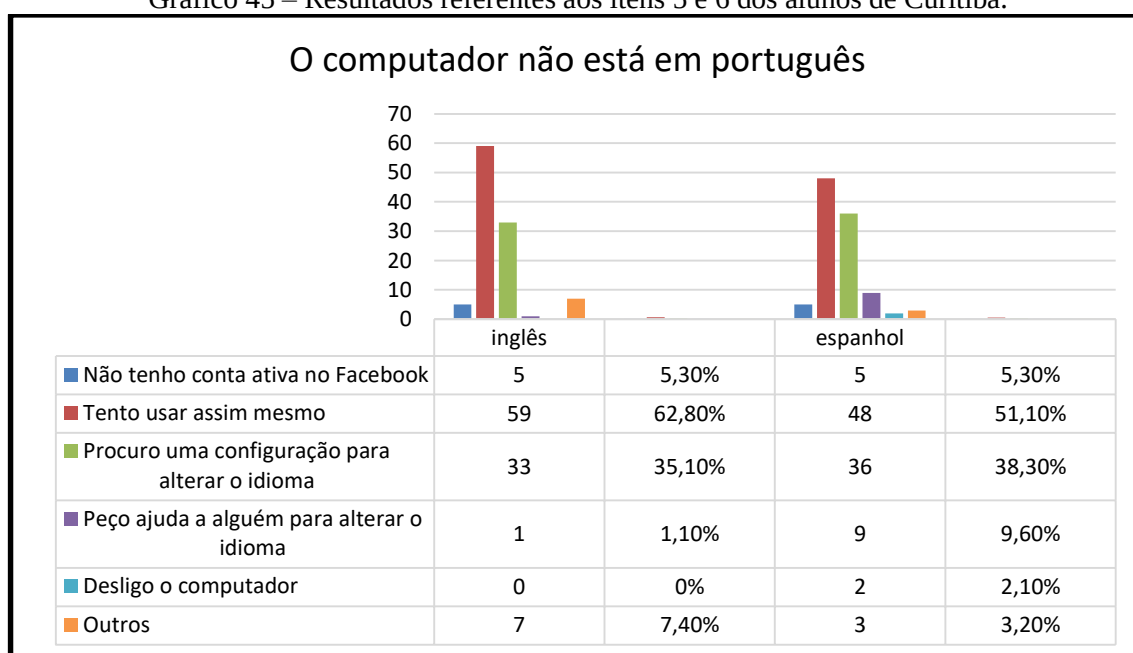
Fonte: Autoria própria.

A análise desse bloco de itens mostra o lugar de destaque dado à língua inglesa, na medida em que houve uma tendência a valorizar mais essa língua e a não dar lugar às outras línguas colocadas em comparação. Essa tendência a valorizar mais o inglês do que o espanhol na capital do Estado em comparação às outras cidades foi uma das hipóteses apresentadas quando delimitamos os três contextos que fariam parte da pesquisa. Mas somente essa explicação não basta. Aqui especificamente devemos destacar que as atitudes dos alunos diante de supostas substituições de aulas podem ter levado em conta o momento em que se realizou essa etapa da pesquisa, isto é, os questionários foram respondidos logo após a desocupação da escola. Fazia parte das discussões dos alunos a proposta de reforma do Ensino Médio que previa, entre outras mudanças, a substituição das aulas de espanhol por aulas de língua inglesa.

Nesse caso, as situações apresentadas nos questionários não eram tão hipotéticas como para os alunos das outras duas escolas.

O bloco seguinte de itens descritos se refere aos itens 5 e 6, cujo tema é a falta da língua portuguesa para navegar na página do Facebook. Nos dois itens houve a indicação de que cinco informantes (5,3%) não têm conta ativa no Facebook. Cinquenta e nove informantes (62,8%) tentariam usar o Facebook se ele estivesse em inglês e quarenta e oito informantes (51,1%) tentariam usar se ele estivesse em espanhol. Trinta e três informantes (35,1%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em inglês e trinta e seis (38,3%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em espanhol. Um informante (1,1%) pediria ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em inglês e nove informantes (9,6%) pediriam ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se o Facebook estivesse em espanhol. Nenhum informante desligaria o computador se o Facebook estivesse em inglês e dois informantes (2,1%) desligariam o computador se o Facebook estivesse em espanhol.

Gráfico 45 – Resultados referentes aos itens 5 e 6 dos alunos de Curitiba.

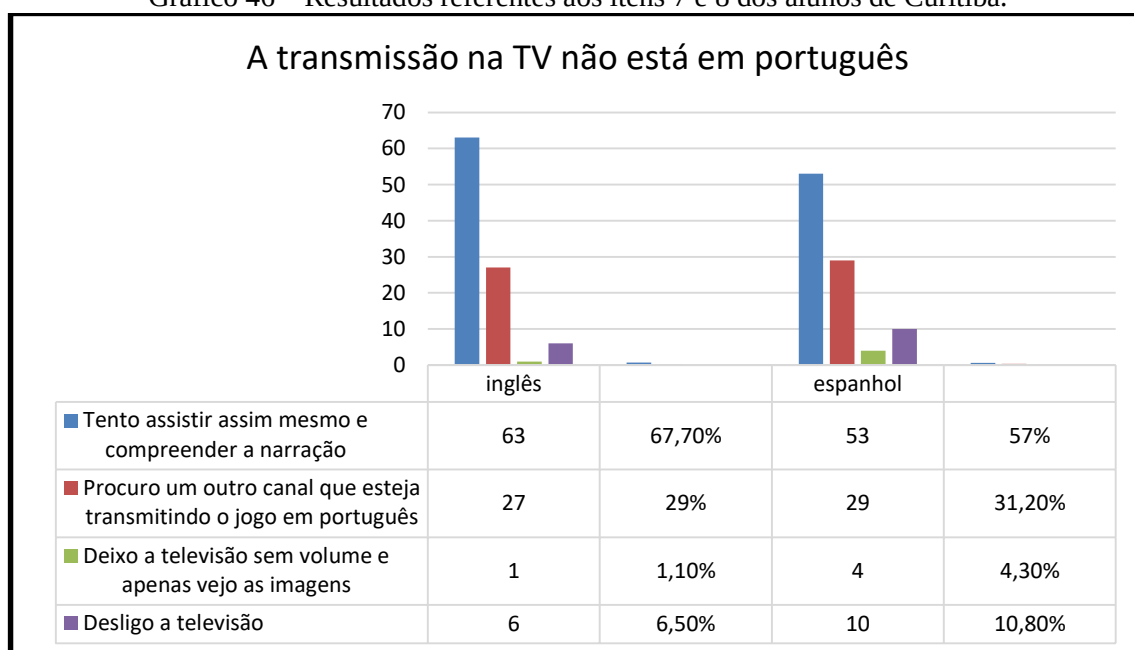


Fonte: Autoria própria.

O que se pode notar é que são praticamente inexistentes as diferenças nos percentuais entre o inglês e o espanhol, embora se possam visualizar números mais favoráveis ao inglês numa comparação simples com o espanhol.

O próximo bloco de itens analisados diz respeito aos itens 7 e 8. Pesquisamos como se comportariam os informantes diante de uma suposta dificuldade de compreensão linguística, caso ligassem sua televisão para assistir a uma partida de futebol do seu time e a programação não estivesse sendo transmitida em português. Sessenta e três informantes (67,7%) tentariam assistir ao jogo em inglês e compreender a narração. Já em espanhol, o número diminui para cinquenta e três (57%). Vinte e sete informantes (29%) procurariam outro canal que estivesse transmitindo o jogo em português se a narração fosse em inglês e vinte e nove (31,2%) se a narração estivesse sendo feita em espanhol. Um informante (1,1%) deixaria a televisão sem som e apenas veriam as imagens se a narração fosse em inglês. Esse número de informantes sobe para quatro (4,3%) se a narração fosse em espanhol. Seis informantes (6,5%) desligariam a televisão se a narração fosse em inglês. Esse número aumenta para dez (10,8%) se fosse em espanhol.

Gráfico 46 – Resultados referentes aos itens 7 e 8 dos alunos de Curitiba.

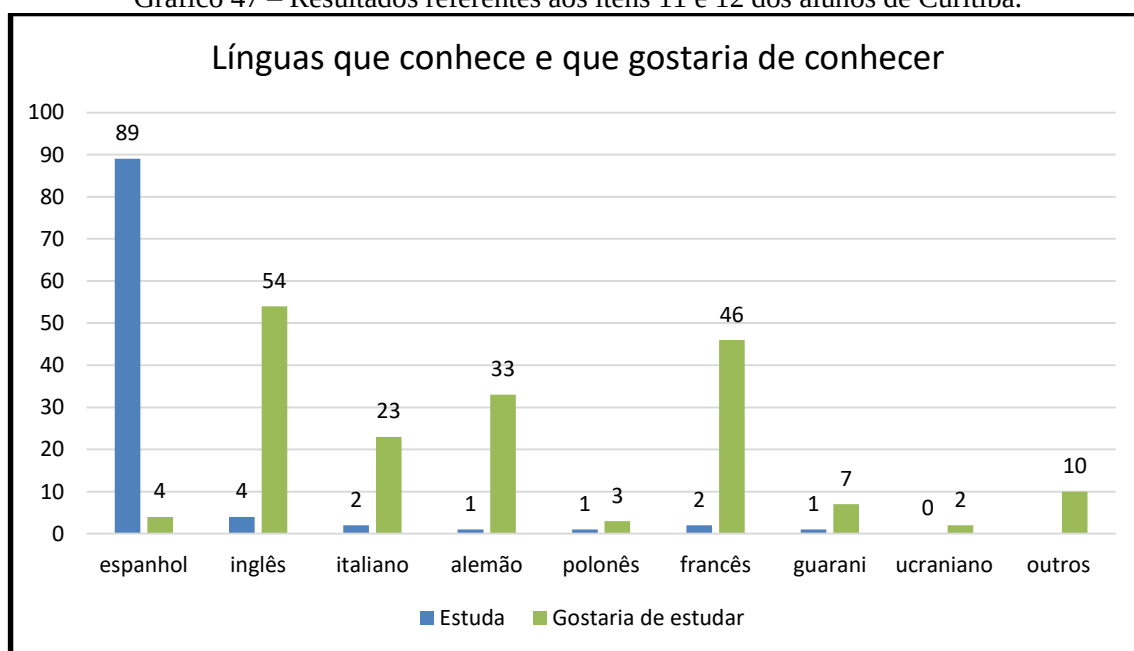


Fonte: Autoria própria.

Nossa análise, com base nos números apresentados, é a de que há uma pré-disposição maior para assistir ao jogo em inglês do que em espanhol, por exemplo. Assim, podemos entender como atitude positiva a favor do inglês. Esse resultado, de certa maneira, nos surpreende, especialmente se compararmos com os resultados advindos dos outros alunos das outras duas escolas.

O item 11 tratava de verificar qual(is) língua(s) estrangeira(s) os alunos estudam atualmente na sua escola e o item 12 indagava sobre qual(is) língua(s) estrangeira(s) eles gostariam de estudar. Assim como ocorreu nos resultados dos dados das outras escolas, embora o total de respondentes seja de noventa e quatro, não foram todos que marcaram que estudam espanhol. Como dito anteriormente, não há como verificar essa incongruência, pois se esperava que todos assinalassem que são estudantes de espanhol. Outro resultado que merece nossa atenção é o elevado número de informantes que gostaria de estudar francês, com quarenta e seis indicações (49,5%).

Gráfico 47 – Resultados referentes aos itens 11 e 12 dos alunos de Curitiba.

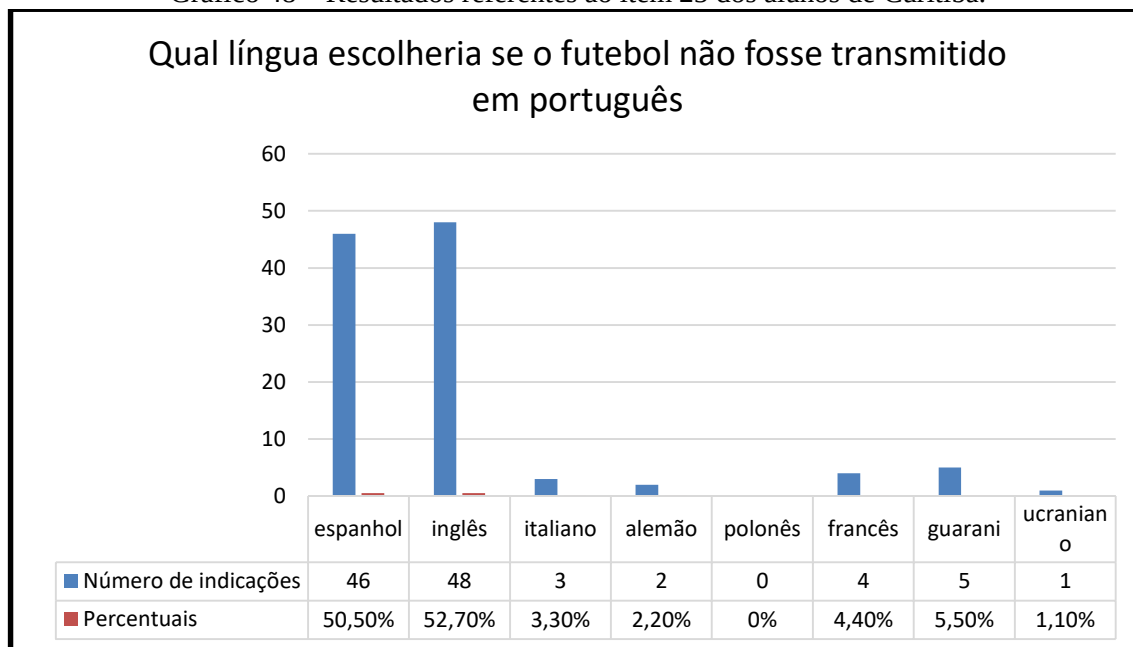


Fonte: Autoria própria.

Diante desses números apresentados no gráfico acima, é válido chamar a atenção para o elevado número de alunos que gostaria de estudar inglês em comparação aos que gostariam de estudar espanhol. Esses resultados destoaram significativamente dos que vimos apresentando anteriormente. Nesse caso, poderíamos argumentar partindo de dois pontos de vista: por um lado, esses números reforçam a tendência a querer que a língua estrangeira seja substituída por outra, como demonstraram os resultados das outras duas escolas. Por outro, podem estar agindo sobre essas atitudes as discussões acerca dos lugares das línguas nas escolas, motivadas pelo contexto político-educacional vigente na época da aplicação dos questionários.

Apresentamos a seguir os resultados do item que sugeria hipoteticamente uma transmissão de uma partida de futebol do Brasil numa língua estrangeira.

Gráfico 48 – Resultados referentes ao item 25 dos alunos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

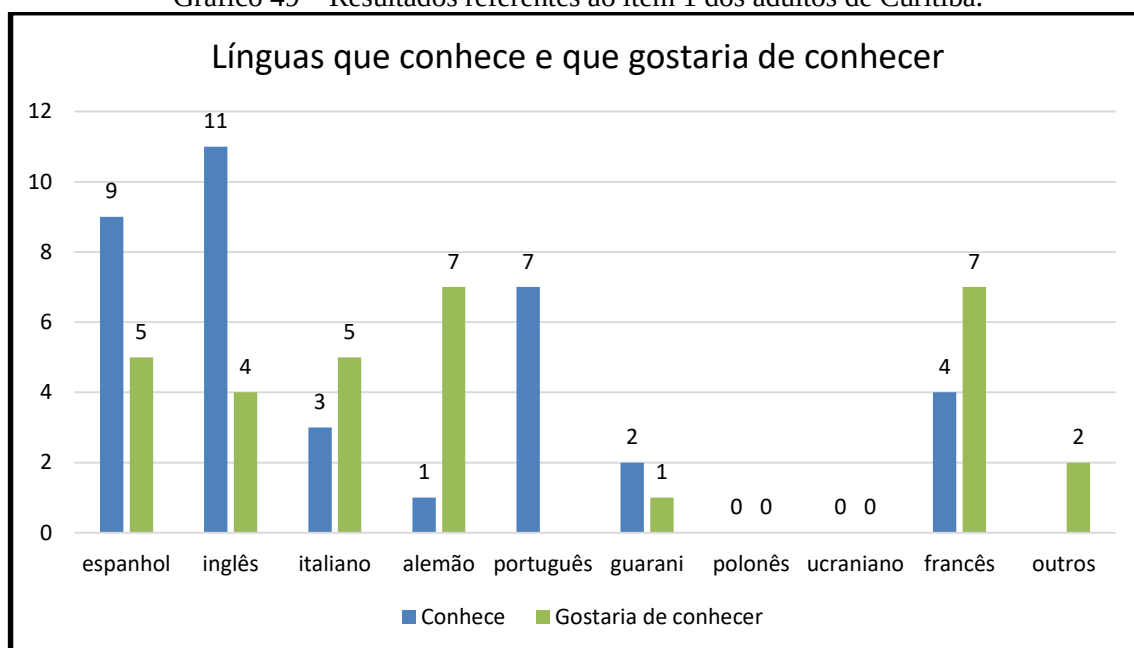
No último item, uma vez mais, os números mostraram que no imaginário dos alunos o inglês tem um lugar maior que o das outras línguas comparativamente apresentadas. Esses resultados também diferiram dos números das outras duas escolas, sendo que em Curitiba a preferência é pelo inglês na suposição oferecida aos alunos.

4.6 Lugares do espanhol na capital – descrição dos resultados – grupo de informantes: pais de alunos, professores e diretora da escola

Passamos agora a analisar os resultados obtidos com a aplicação do questionário aos pais de alunos, professores e diretor da escola Barão do Rio Branco, localizada em Curitiba. No total, foram dezoito informantes, sendo sete pais ou mães de alunos, o diretor da escola, um professor de espanhol e nove professores de outras disciplinas.

O primeiro item do questionário consistia na interrogação de qual(is) língua(s) estrangeira(s) os informantes conhecem e qual(is) língua(s) estrangeira(s) eles gostariam de conhecer. Havia possibilidade de marcar mais de uma opção neste item. Os resultados foram os seguintes:

Gráfico 49 – Resultados referentes ao item 1 dos adultos de Curitiba.

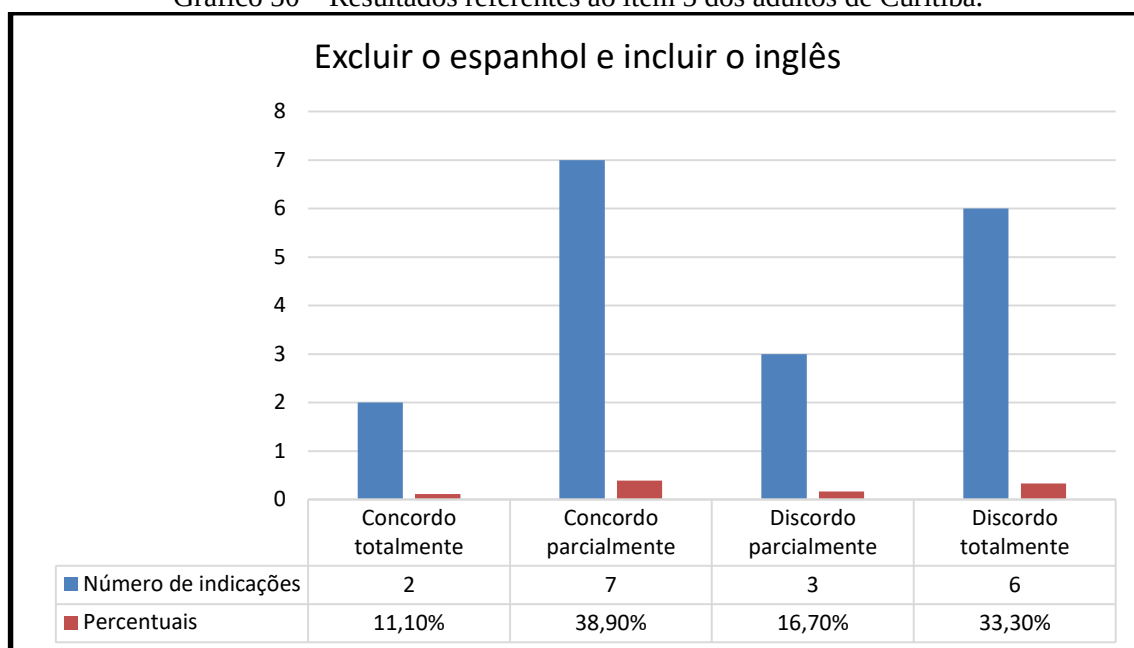


Fonte: Autoria própria.

Merece destaque o número alto proporcionalmente de informantes que gostaria de conhecer a língua francesa e a língua alemã. Outro dado que nos chamou atenção é o de que apenas sete informantes mencionaram que conhecem o português. Esse dado decorre, provavelmente, da representação de que o brasileiro não sabe falar português, como já destacado anteriormente. Outro dado que merece ser levantado é a inexistência de indicações para o polonês e para o ucraniano, ficando “atrás”, por exemplo, do guarani.

O primeiro bloco de itens a ser descrito deste grupo de informantes diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua espanhola por aulas de língua inglesa e língua portuguesa (itens 5 e 6). No item que se supunha a substituição das aulas de espanhol por aulas de inglês, não há como afirmar a preferência dos informantes, ou seja, consideramos que houve um empate nos números: dois informantes (11,1%) concordaram totalmente e sete informantes (38,9%) concordaram parcialmente. Os informantes que mostraram uma atitude negativa quanto a essa substituição foram de seis (33,3%) que discordaram totalmente e três (16,7%) discordaram parcialmente.

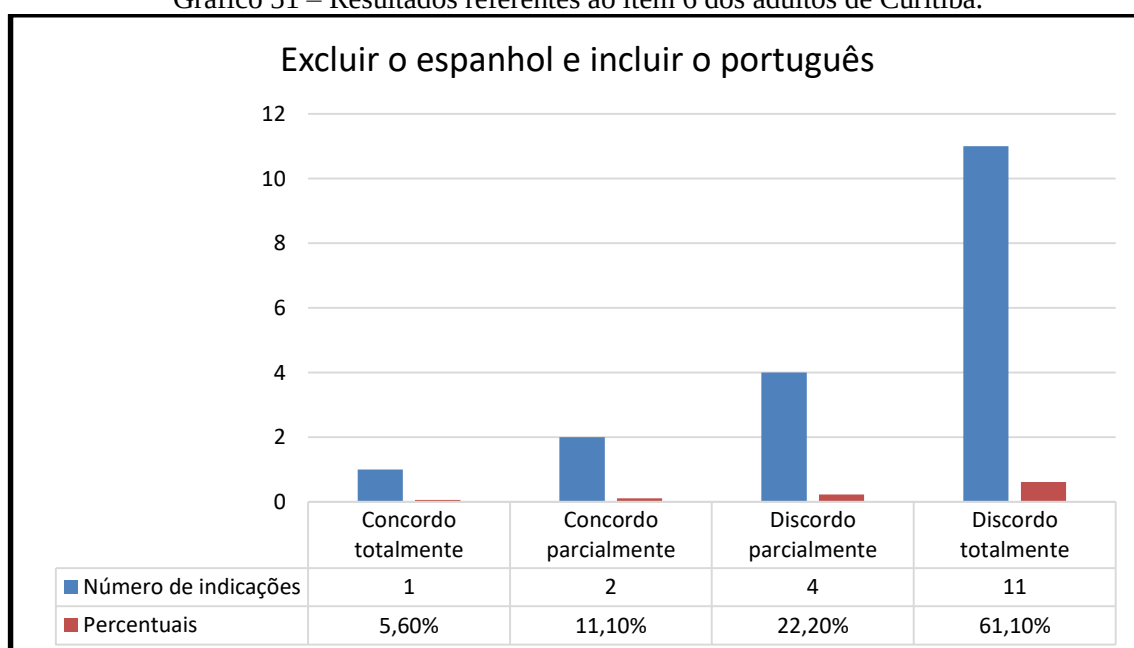
Gráfico 50 – Resultados referentes ao item 5 dos adultos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

Quando a interrogação era acerca da substituição das aulas de espanhol por aulas de português, a atitude foi contrária à substituição. Os resultados mostraram que onze informantes (61,1%) discordaram totalmente quanto a essa possível substituição. Quatro informantes (22,2%) discordaram parcialmente. Os que manifestaram atitude favorável à substituição do espanhol foram um informante (5,6%) que concordou totalmente com a substituição e dois informantes (11,1%) que concordaram parcialmente.

Gráfico 51 – Resultados referentes ao item 6 dos adultos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

A análise que fazemos desses resultados é a de que, no que tange à exclusão do espanhol e à inclusão do inglês no seu lugar, os números são muito parecidos, não sendo possível, portanto, afirmar se há uma tendência favorável à substituição ou não. No que diz respeito à exclusão do espanhol e inserção do português no seu lugar, os números mostraram que os informantes não concordam com essa mudança. Como se pode notar no quadro abaixo, houve, comparativamente, um empate e uma tendência desfavorável para o espanhol.

Quadro 16 – Resultado referente aos itens 5 e 6 dos adultos de Curitiba.

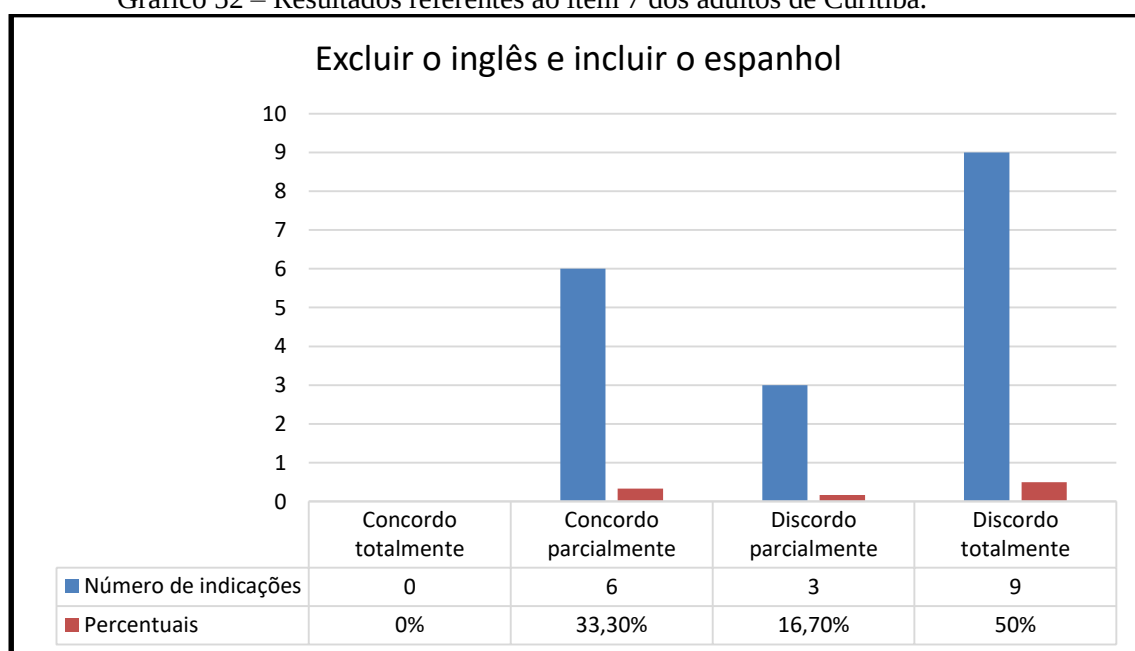
Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o espanhol e incluir o inglês	X	X
Excluir o espanhol e incluir o português		X

Fonte: Autoria própria.

O outro bloco de itens que descrevemos aqui diz respeito a uma situação hipotética de substituição das aulas de língua inglesa por aulas de língua espanhola e língua portuguesa (itens 7 e 8, respectivamente). Os resultados mostraram uma atitude favorável à manutenção das aulas de inglês nos dois casos.

Quanto à possível proposição de excluir o inglês e incluir o espanhol no seu lugar, nenhum informante (0%) concordou totalmente, seis informantes (33,3%) concordaram parcialmente, três informantes (16,7%) discordaram parcialmente e nove informantes (50%) discordaram totalmente, conforme se pode observar no gráfico a seguir.

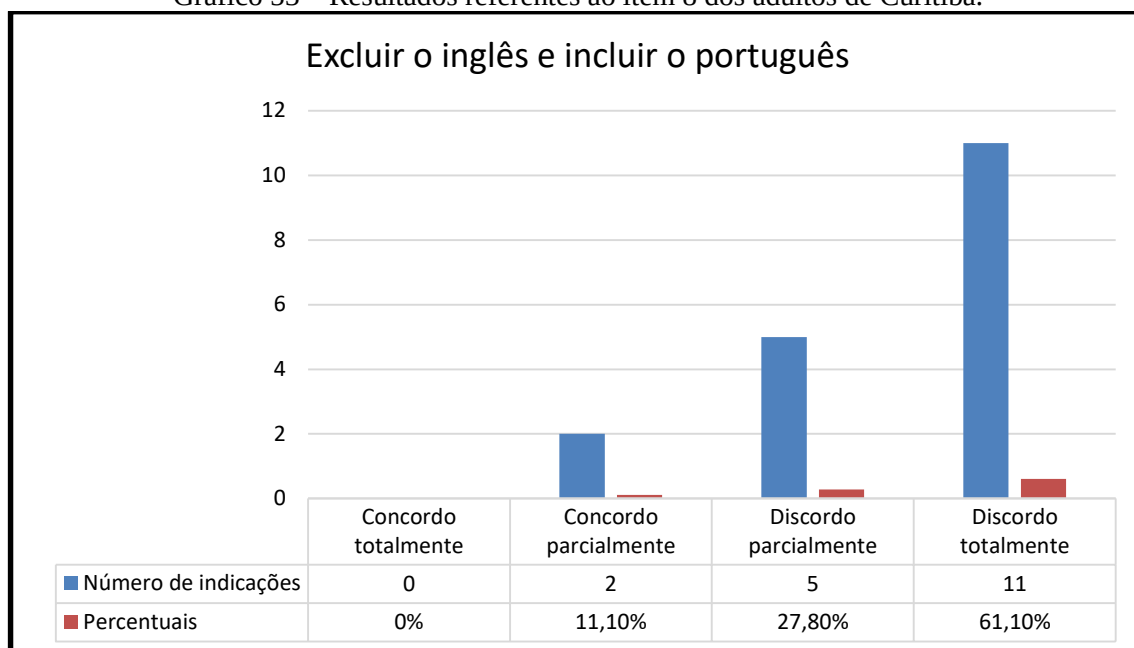
Gráfico 52 – Resultados referentes ao item 7 dos adultos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

No que tange à possível proposição de excluir o inglês e incluir o português no seu lugar, nenhum informante (0%) concordou totalmente, dois informantes (11,1%) concordaram parcialmente, cinco informantes (27,8%) discordaram parcialmente e onze informantes (61,1%) discordaram totalmente.

Gráfico 53 – Resultados referentes ao item 8 dos adultos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

A seguir, apresentamos o quadro com os resultados referentes aos itens 7 e 8.

Quadro 17 – Resultado referente aos itens 7 e 8 dos adultos de Curitiba.

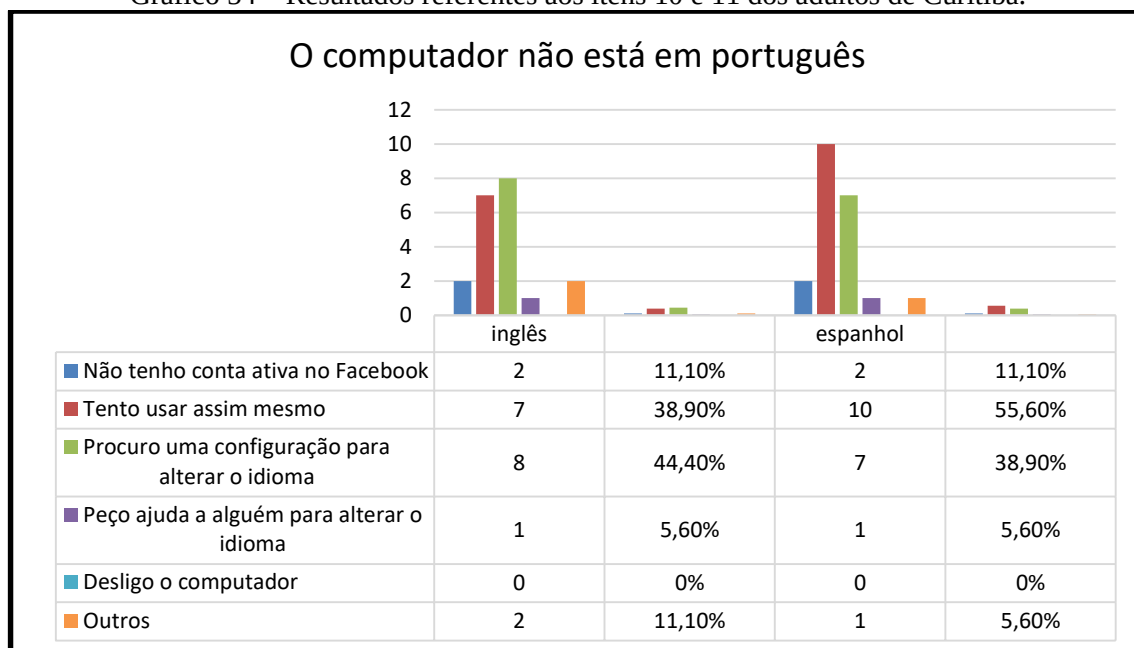
Possível proposição	SIM	NÃO
Excluir o inglês e incluir o espanhol		X
Excluir o inglês e incluir o português		X

Fonte: Autoria própria.

Os resultados dos itens 10 e 11 são os próximos a serem descritos. Por meio deles, indagamos que atitudes os informantes teriam se ao ligar o seu computador se deparassem com a falta da língua portuguesa na tela para navegar na página do Facebook. Nos dois itens houve a indicação de que dois informantes (11,1%) não têm conta ativa nessa rede social. Sete informantes (38,9%) tentariam usar o Facebook se ele estivesse em inglês e dez informantes (55,6%) tentariam usar se ele estivesse em espanhol. Nenhum informante (0%) desligaria o

computador se o Facebook estivesse em inglês e espanhol. Um informante (5,6%) pediria ajuda a outra pessoa para alterar o idioma se essa rede social estivesse em inglês e em espanhol. Oito informantes (44,4%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em inglês e sete informantes (38,9%) procurariam uma configuração no computador para alterar o idioma se ele estivesse em espanhol.

Gráfico 54 – Resultados referentes aos itens 10 e 11 dos adultos de Curitiba.

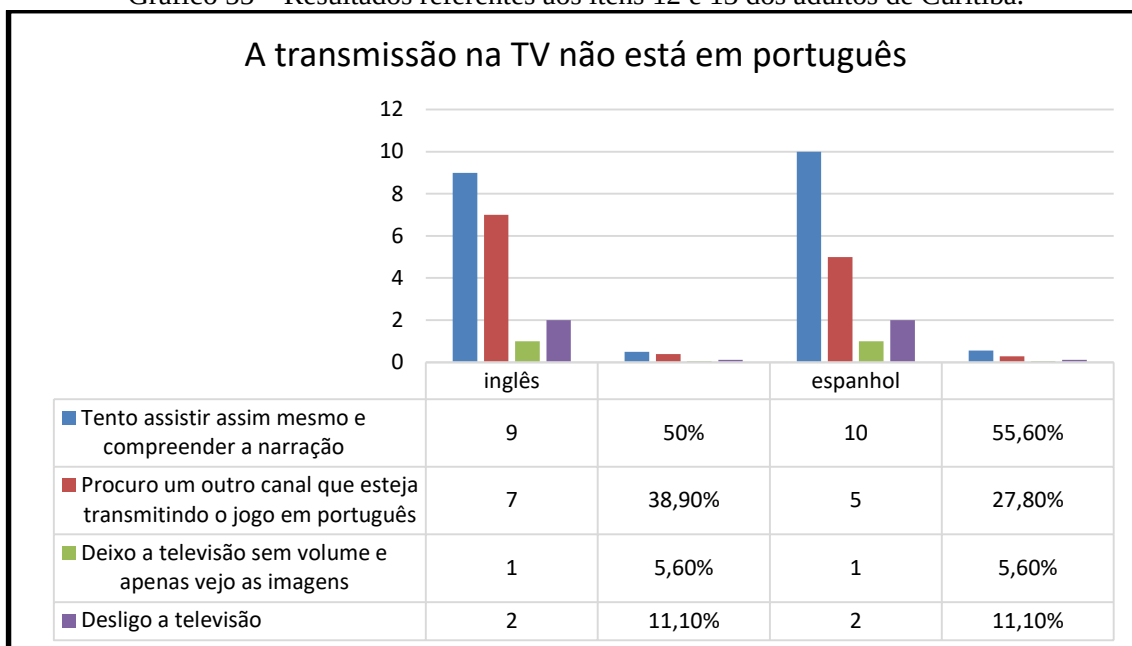


Fonte: Autoria própria.

O que se pode analisar é que são praticamente inexistentes as diferenças nos percentuais entre o inglês e o espanhol. Esses resultados são muito parecidos aos dos alunos nesse bloco de itens.

O próximos itens dizem respeito ao 12 e ao 13 cujo tema era a partida de futebol do time preferido. Os resultados são os seguintes: dez informantes (55,6%) tentariam assistir ao jogo de futebol em espanhol e compreender a narração e em inglês são nove informantes (50%) que tentariam assistir ao jogo nesse idioma. Cinco informantes (27,8%) procurariam outro canal que estivesse transmitindo o jogo em português se a narração fosse em espanhol e sete (38,9%) se a narração estivesse sendo feita em inglês. Um informante (5,6%) deixaria a televisão sem som e apenas veria as imagens se a narração fosse em espanhol ou em inglês. Dois informantes (11,1%) desligariam a televisão se a narração fosse em inglês ou em espanhol.

Gráfico 55 – Resultados referentes aos itens 12 e 13 dos adultos de Curitiba.

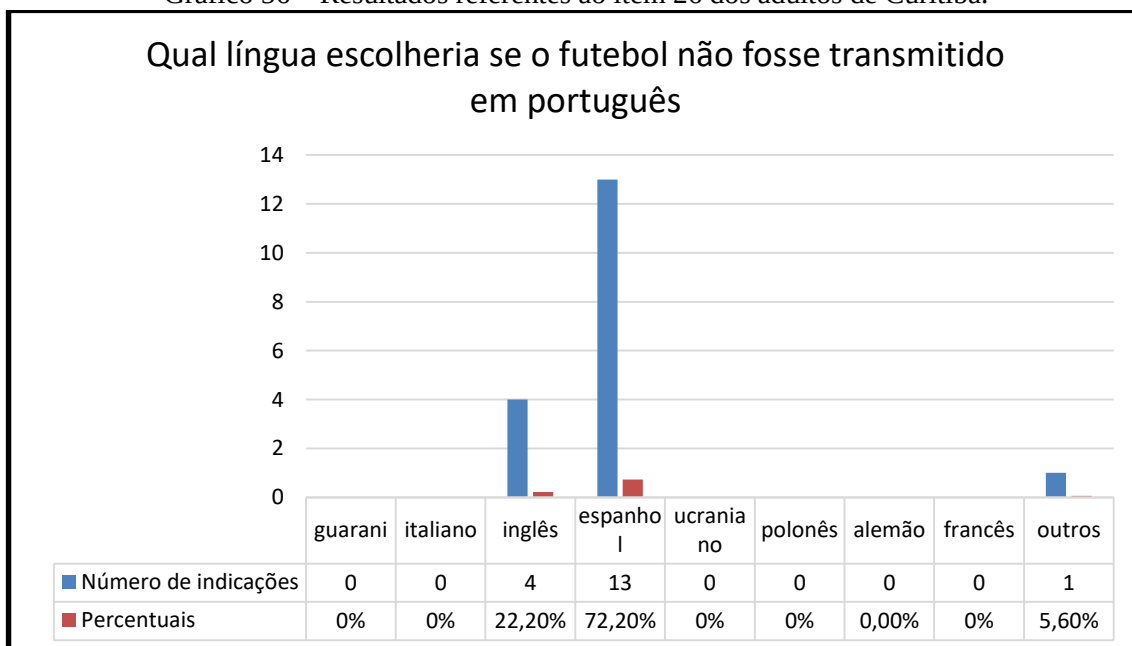


Fonte: Autoria própria.

Nossa análise, com base nos números apresentados, é de que não há diferença significativa na comparação entre as línguas.

A título de conclusão desta seção, apresentamos os números obtidos com o item que pedia para os informantes escolherem uma língua estrangeira para assistirem a uma partida de futebol da Seleção Brasileira.

Gráfico 56 – Resultados referentes ao item 26 dos adultos de Curitiba.



Fonte: Autoria própria.

Neste item, os números favoráveis ao espanhol são expressivos se comparados aos do inglês. Devemos comentar, para concluir, que não percebemos diferenças significativas entre os grupos de informantes adultos das três escolas. As diferenças mais contundentes foram percebidas nos resultados dos alunos, de modo que na escola de Curitiba o inglês recebeu comparativamente o maior número de indicações a seu favor. Atribuímos a essa manifestação de atitude positiva ao inglês o contexto político-educacional que vigente à época da aplicação dos questionários na escola da capital.

Palavras finais do capítulo

Nesta seção, é necessário mencionar novamente que as descrições apresentadas anteriormente se pautaram na exposição dos resultados e não tinham como propósito central analisar detidamente os números a fim de concluir que lugares os informantes dão às línguas. Tentamos, com inúmeras repetições, estamos cientes disso, dar um lugar no nosso estudo à amostra quantitativa, de modo que os dados expostos neste capítulo indicassem os temas que estão abordadas no capítulo seguinte.

Nesta parte, além disso, teceremos brevemente alguns comentários sobre os resultados dos quatro tipos de itens descritos neste capítulo.

a) os itens que investigavam sobre quais línguas os informantes estudam (no caso dos alunos) ou conhecem (no caso dos adultos) e quais gostariam de estudar (alunos) e de conhecer (adultos).

A análise que fazemos dos resultados desses itens nos permite observar que há tendência a querer aprender o inglês, com números ligeiramente mais expressivos para essa língua em comparação com as outras línguas. Especialmente os adultos manifestam através dos seus números disposições para aprender o francês, o alemão e o italiano, algo que ocorre pouco com os alunos. Cabe mencionar que um número significativo de informantes não assinalou que conhece a língua portuguesa, provavelmente motivados pela falsa ideia de que o brasileiro não sabe falar português. Como já anunciamos anteriormente, essa temática será apresentada no próximo capítulo.

b) os itens que consistiam na proposição de substituição de línguas na escola.

As respostas a esses itens mostraram contradições significativas. Majoritariamente nos questionários dos alunos, percebemos uma tendência a querer que o espanhol substitua o inglês e vice-versa. Do nosso ponto de vista, esses resultados mostram que há certa insatisfação por

parte dos alunos com o ensino de línguas estrangeiras na escola. Além disso, o conjunto desses itens mostrou resultados que nos levam a concluir previamente que há pouca valorização para as línguas em situação de minorização (guarani e ucraniano, especificamente). A discussão dessa temática tem um lugar reservado no próximo capítulo. No que tange à proposição de excluir as línguas estrangeiras e incluir mais aulas de português no seu lugar, concluímos que há uma tendência a não querer que haja essa substituição. Sobre essa proposição, especificamente, é necessário esclarecer que o item pode ter sido mal elaborado, ou pode ter sido mal interpretado pelos informantes, uma vez que o português já está no currículo das escolas, ou seja, seria uma ampliação da carga-horária, e isso pode não ter ficado muito claro.

Além disso, percebemos uma diferença significativa entre os resultados dos alunos que responderam o questionário no final de 2015 (alunos de Irati e de Foz do Iguaçu) e os que responderam no final de 2016 (alunos de Curitiba). Em 2016, após a proposta de reforma do Ensino Médio, o inglês recebeu manifestações comparativamente mais favoráveis do que em 2015.

c) os itens que tratavam de colocar os informantes numa situação de seu computador estar inesperadamente numa língua estrangeira;

Os números resultantes desses itens são muito parecidos entre o inglês e o espanhol, com ligeira tendência a preferir que o computador estivesse em espanhol. O que determinou essa nossa interpretação se baseia no quantitativo de indicações para a alternativa “tenta usar assim mesmo”. Uma das possíveis explicações para esses resultados é a proximidade entre o português e o espanhol. Nesse caso, entendemos que é “normal” que o brasileiro prefira ler em espanhol do que em inglês, por exemplo. Nessa análise, cabe um parêntese: o grupo de alunos da escola de Curitiba, contrariamente a todos os outros grupos de informantes, tende a preferir que o computador esteja em inglês, segundo os percentuais obtidos. No capítulo seguinte, há uma discussão mais aprofundada sobre a tendência a relacionar imaginariamente o espanhol com situações de leitura.

d) os itens que solicitavam que os informantes tomassem uma decisão se ao ligar a sua TV para assistir a uma partida de futebol fossem surpreendidos com a narração em outra língua que não a portuguesa.

Esses itens nos indicaram que há números bastante favoráveis ao espanhol, isto é, depreendemos diante dos percentuais obtidos que os informantes preferem que, na impossibilidade de assistir a uma partida da Seleção Brasileira de Futebol ou do seu time preferido, a narração do jogo seja feita em espanhol. O que determinou chegarmos a essa conclusão foi o número de indicações assinaladas na alternativa: tento assistir assim mesmo e

compreender a narração, e nas escolhas pelo espanhol na impossibilidade da narração ser feita em português. Mais uma vez atribuímos esses resultados à tendência de o brasileiro preferir o espanhol, nessa situação, devido à proximidade entre o português e o espanhol. Diferentemente de todos os outros grupos de informantes, os alunos da escola de Curitiba acenaram que prefeririam o inglês nessa situação proposta.

Com base no exposto, julgamos necessário aclarar que os resultados apresentados anteriormente mostraram a necessidade de uma análise mais qualitativa e por isso a entrevista foi o caminho escolhido. Como se pode notar, em muitos casos, não foi possível concluir se os informantes manifestavam, por exemplo, atitudes positivas ou negativas e se davam lugares de destaque às línguas ou se as preteriam. Pelo descrito, no máximo foi possível tratar comparativamente de números favoráveis e desfavoráveis a essa ou aquela língua, de disposições para valorização disso ou daquilo, e de tendências a favor de uma ou de outra língua. O que se pode concluir, sim, foi que ao guarani e ao ucraniano os informantes dão lugares “marginais”, periféricos, como já havíamos inicialmente previsto como uma das hipóteses do projeto de pesquisa. Já em relação ao inglês e ao espanhol, a maioria dos resultados mostraram comparativamente lugares semelhantes às duas línguas.

Diante disso, o caminho a seguir foi a realização de entrevistas, para ampliarmos o *corpus* e para termos novos elementos para análise. Os resultados (ou a falta deles) da parte quantitativa da pesquisa nos mostraram os temas aos quais deveríamos dar mais atenção na elaboração das entrevistas. Foi o que fizemos e os resultados serão apresentados no capítulo que está a seguir.

CAPÍTULO 5 ANÁLISE DOS DADOS – LUGARES DAS LÍNGUAS NO PARANÁ

Neste capítulo, trataremos de analisar o *corpus* da pesquisa constituído de enunciados dos informantes⁷⁹ que concederam as entrevistas e de respostas obtidas por meio dos questionários. Como explicamos na parte metodológica deste trabalho, foram realizadas vinte e nove entrevistas com informantes vinculados a três escolas públicas paranaenses e aplicados trezentos e sessenta e um questionários. O fio condutor que dá sentido de unidade entre as partes da tese e deste capítulo em especial são as atitudes e as representações linguísticas no que diz respeito aos lugares atribuídos às línguas no Paraná. A costura desse fio condutor é amarrada e sustentada com exemplos de fatos político-linguísticos.

Partimos de uma noção que entende que “[as atitudes e] as representacións están constituídas polo conxunto das imaxes, das posicións ideolóxicas, das crenzas que teñen os falantes con respecto ás línguas en contacto e das prácticas lingüísticas, as súas e as dos outros”⁸⁰ (CALVET, 2004, p. 167). Nessa perspectiva, entendemos que como as representações e as atitudes dizem respeito a avaliações de valores socialmente compartilhados, elas expressam a opinião das pessoas e não fatos “reais”, por isso, elas não são submetidas a critérios comprobatórios. Sendo assim, não buscamos analisar as atitudes e as representações para examinar verdades ou mentiras, apenas a sua própria existência. Além disso, estamos convictos de que as atitudes e representações dos informantes constituem gestos de política linguística.

Este capítulo está dividido em sete partes. São elas: 1) Relativização da facilidade do espanhol: proximidade não significa facilidade; 2) O espanhol como língua de leitura e o inglês como língua de comunicação oral; 3) Para a saúde, o espanhol. Para a ciência, o inglês: lugares diferentes para diferentes línguas; 4) Sei pouco, mas ele é bom pra tudo: representações sobre o inglês; 5) O mundo de portas abertas: diversidade de escolhas linguísticas; 6) O lugar das línguas em situação de minorização e; 7) Representações sobre o plurilinguismo paranaense. Antes de passarmos à primeira parte, para otimizar a leitura do texto, além de termos incluído no capítulo da metodologia, incluímos aqui também um quadro com a composição dos códigos dos grupos de informantes.

⁷⁹ No capítulo 3, quando apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, explicamos o porquê do uso do termo *informantes* e os seus respectivos grupos. Além disso, incluímos um quadro com as siglas correspondentes a cada grupo de informantes.

⁸⁰ “as representações estão constituídas pelo conjunto das imagens, das posições ideológicas, das crenças que têm os falantes a respeito das línguas em contato e das práticas linguísticas, as suas e as dos outros” (CALVET, 2004, p. 167, tradução nossa).

Quadro 5 – Composição dos códigos dos grupos de informantes.

COMPOSIÇÃO DOS CÓDIGOS DOS GRUPOS DE INFORMANTES			
D = Diretor	E = Escola	M = Mãe de aluno ⁸¹	A = Aluno
P = Professor	C = Capital	R = Rural	F = Fronteira

Fonte: Autoria própria.

5.1 Relativização da facilidade do espanhol: proximidade não significa facilidade

A história do português e do espanhol está intimamente relacionada e, no meio acadêmico, dizer que as duas línguas são parecidas não causa nenhuma estranheza. Sendo assim, em que pese não faltarem exemplos de enunciados relativos à facilidade do espanhol para os informantes pesquisados, compete-nos analisar alguns enunciados cuja relativização da facilidade mostra uma noção mais aproximada da realidade, menos simplista, ingênua, distorcida, no que se refere à proximidade entre o português e o espanhol. A seguir⁸², apresentamos estes enunciados:

PEr - você tenta o espanhol, o espanhol fica meio estranho .
MEc - só que assim, é mais fácil e não é , porque tem palavras que não têm sentido nenhum em relação ao nosso, não tem ligação, né, então ele se torna, às vezes, um pouquinho mais difícil .
DEr - por ser muito parecida com o português, mas muitas vezes eu falo pra eles: engana, cuidado! , né.
PEf - Confunde , mas acredito que ajude também.
AEc - eu acho que acaba confundindo em algumas coisas.
AEc - Às vezes pode ajudar e pode piorar , né, também.
PEc - talvez o aluno pode ter esse pensamento, que é mais fácil assimilar, mas não é tão fácil, a língua espanhola ela é complexa como a nossa também é, nós temos os tempos verbais, eles também têm vários tempos verbais, né, então eu não vejo dessa forma, que é mais fácil.
PEc - o espanhol é parecido, mas não tanto .

⁸¹ No caso das entrevistas, não tivemos nenhum *pai de aluno* que participou da pesquisa.

⁸² Os enunciados dos informantes estão dispostos em formato de tabela para uma melhor visualização, no entanto preferimos não nominar essas tabelas como fizemos com outros elementos ilustrativos, gráficos e quadros, por exemplo.

PEr - o espanhol, se bem que, às vezes, o espanhol é traiçoeiro , certas palavras não são aquilo que a gente pensa.
MEf - Então a gente fala que o espanhol é mais fácil, mas na verdade ele não é mais fácil .
MEf - você acha que sabe, mas você não sabe, na verdade, você fica perdido igual .
PEc - embora assim eu já tive um professor que era peruano e não é tão fácil também você entender.
PEc - o que não ajuda a aprender o espanhol infelizmente é a nossa língua, porque o nosso estudante, ele não sabe a própria língua, então a partir do momento que eu não sei a minha língua, eu vou ter dificuldade numa segunda (cita o exemplo de <i>muy e mucho</i>). Eles têm dificuldade no espanhol porque não sabem o português.

Os enunciados expostos acima evidenciam as preocupações dos informantes no que diz respeito à representação de que não é necessário o brasileiro estudar espanhol porque essa língua é muito parecida com o português e tendo boa vontade já basta para a comunicação. Nas palavras de Celada (2008, p. 3): “la imagen que ha predominado en Brasil históricamente ha sido la de la transparencia entre las lenguas y esta transparencia no ha implicado confusión”⁸³. Essa proximidade linguística em muitos casos foi confundida com facilidade e esteve associada a uma “sensação de competência espontânea” (CELADA, 2002) e a um reducionismo da língua espanhola. A esse respeito, González (2010, p. 28) afirma que

Esse reducionismo a que fazemos menção se traduz em idealizações, em representações, em estereótipos de todo tipo, quando não de preconceitos, a respeito da língua (parecida com a nossa, fácil, de estudo dispensável...), na sua enorme variedade, muitas vezes apagada ou rechaçada, e de seus falantes. Todos eles circulam livremente pela imprensa, aparecem em diversas falas e muitas vezes povoam os próprios materiais produzidos para o ensino do espanhol.

Essa representação de que o espanhol é fácil, transparente, de que é uma língua espelhada, de que uma (espanhola) é a versão mal falada da outra (portuguesa) e vice-versa, entre outros, é resultado de uma “espécie de inércia histórica” (CELADA, 2008) e que recentemente vem sendo explicitada por uma série de estudos que vêm demonstrando que o funcionamento das duas línguas não é tão igual como se pensa. Citamos alguns desses estudos

⁸³ “a imagem que predominou no Brasil historicamente tem sido a da transparência entre as línguas e esta transparência não tem implicado confusão” (CELADA, 2008, p. 3, tradução nossa).

que trataram dessa temática: *la justa medida de una cercanía* (KULIKOWSKI & GONZÁLEZ, 1999), a proximidade e os aspectos contrastivos entre essas línguas (FANJUL, 2002), a inversa assimetria entre as duas línguas (GONZÁLEZ, 2008), as descontinuidades e a memória na relação dessas línguas (CELADA, 2008), entre tantos outros. De certa forma, mesmo não sendo o principal elemento que fez modificar as representações sobre o espanhol, justamente porque têm um alcance limitado devido à sua circulação apenas no ambiente acadêmico, do nosso ponto de vista, esses estudos incidiram indiretamente para deslocar as representações acerca dessa língua no Brasil. É provável que essas noções de língua e de proximidade linguística entre o português e o espanhol tratadas nesses textos citados anteriormente tenham sido levadas ao conhecimento dos professores de espanhol que atuam nas escolas investigadas e, por consequência, tenham chegado aos seus alunos.

A análise que fazemos de enunciados que qualificam a língua espanhola como “complexa”, “enganadora”, “traíçoeira”, “estranha” e “difícil”, assim como a noção de “confusão” permite-nos inferir que estão agindo sobre esses enunciados uma representação mais fiel e condizente com as práticas linguísticas observadas por esses informantes a partir de suas vivências cotidianas relacionadas ao uso das línguas, ou seja, não são gratuitas essas percepções de que há uma complexidade e diferença no funcionamento das línguas espanhola e portuguesa. O seguinte enunciado exemplifica a não transparência entre o espanhol e o português:

AEf - No *shopping*, por exemplo, aqui de Foz, entrou uns argentinos lá e eu estava numa loja lá dentro lá e (inaudível), não a senhora tem que ficar na fila, porque eles estavam cortando a fila, porque não tinha nenhuma indicação, tinha indicações, mas em português e os argentinos não estavam entendendo e eles cortaram a fila e teve que vir segurança pra afastar eles e tal e eu estava junto com a minha mãe nesse dia, só que eu não sabia explicar pra eles como é que tinham que fazer. Minha mãe já explicou na hora. Foi muito rápido o que ela falou e os argentinos compreenderam e agradeceram ela, né, e foram certinho na fila e aguardaram, e os seguranças, assim, ficaram de cara, né, principalmente eu fiquei de cara, numa loja grande como é, né, e não ter funcionário adequado falando fluentemente o espanhol, né, principalmente o inglês, né.

O episódio narrado acima pelo aluno é ilustrativo sob o ponto de vista da relativa falta de transparência entre as línguas portuguesa e espanhola. Além disso, o fato de o informante ter ficado “de cara” porque um estabelecimento comercial como aquele não possuía

funcionários preparados para aquela situação, mostra que há esta expectativa, especialmente na fronteira do país, de profissionais bilíngues, que saibam atender ao público em mais de uma língua. Isto é, está evidente que o informante manifesta uma representação de que caberia ao espanhol um lugar de maior destaque nas competências linguísticas dos profissionais que atuam naquele shopping.

Nesse processo de relativizar a facilidade do espanhol para o brasileiro, o uso de construções adversativas merece também ser explicitado. A conjunção adversativa *mas* aparece com bastante frequência, como nestes exemplos: “*você acha que sabe, **mas** você não sabe*”, “*que é mais fácil assimilar, **mas** não é*”, “*o espanhol é parecido, **mas** não tanto*” e em “*Confunde, **mas** acredito que ajude também*”. Ademais, são vários os casos em que se acionam dois polos contrários no eixo da argumentação para, por um lado, não descartar a proximidade entre as duas línguas e, por outro, assinalar que apesar da proximidade, o espanhol é diferente do português, como em “*pode **ajudar** e pode **piorar***”, e também nas seguintes contraposições: “***ajuda, mas confunde***”, “***fácil, mas engana***”, entre outros. Essas maneiras de relativizar a facilidade do espanhol também são expressadas na forma de alertar para possíveis embaraços, como em: “*engana, cuidado!*”, “*na verdade, você fica perdido igual*”.

Alguns enunciados dos informantes nos chamaram a atenção por atribuírem ao espanhol um lugar igual ao do inglês. É verdade que algumas representações se mostram um tanto quanto incoerentes com a realidade das práticas linguísticas, como neste enunciado:

AEC - tirando o português, o inglês e o espanhol, porque são as três línguas mais faladas no mundo, assim, digamos, são basicamente as línguas universais. Onde você for, o português não é tanto, mas o inglês e o espanhol, onde você for se você falar inglês ou espanhol, o pessoal vai entender, o pessoal vai responder, então tipo seriam esses três.

Está manifestada nas palavras do aluno uma representação um pouco extremada quando inclui o português numa sequência de línguas “universais”. É claro que há também uma relativização, quando o informante diz que “*o português não é tanto*”, apesar de esse aluno concluir que “*seriam esses três*”. Mas o que é saliente nesse enunciado é a representação de um lugar dado ao espanhol igual ao lugar dado ao inglês, com a especificação de um lugar universal, mais falado no mundo e, portanto, “*onde você for se você falar inglês ou espanhol, o pessoal vai entender, o pessoal vai responder*”.

Dessa forma, pelo que vimos mostrando, o que percebemos na nossa amostra é uma menor ingenuidade em relação à representação sobre a facilidade para o brasileiro de

compreender e aprender espanhol se compararmos com estudos de duas décadas atrás, por exemplo, que demonstravam representações associadas à facilidade de aprendizagem e compreensão dessa língua. Nesse sentido, entendemos que isso ocorre por dois motivos: em primeiro lugar, porque essa representação sobre o espanhol está dita em função da necessidade de aprendizagem, quando antigamente era uma afirmação para justificar uma não necessidade de aprendizagem. Em segundo lugar, porque essa percepção dos informantes se limita à compreensão, não à produção oral. São raros, praticamente inexistentes, os casos em que se mencione que seja fácil falar espanhol, talvez porque se atribua a essa língua um lugar de leitura, como veremos mais adiante.

Além disso, e o que julgamos mais importante, são os **efeitos da escolarização** do espanhol presentes nas respostas dos informantes, colocando lado a lado o inglês e o espanhol como “línguas necessárias” e desconstruindo a imagem de que não há necessidade de o brasileiro estudar espanhol para comunicar-se nessa língua. Nesse sentido, os enunciados mostram um panorama ideológico significativamente diferente do que se via nos trabalhos produzidos antes da implantação do espanhol nas escolas, implantação essa que teve seus melhores momentos a partir de 2005 e que se manteve, em certa medida, e apesar das dificuldades, estável por aproximadamente uma década.

Especialmente nas indagações sobre quais línguas são ensinadas nas escolas paranaenses e acerca de quais línguas devem ser ensinadas, surgiu um número expressivo de respostas que dão ao espanhol um lugar que talvez era impensável no início deste século, justamente, quem sabe, pela ausência do espanhol nas escolas, como dito neste enunciado de uma mãe de aluno da escola rural (MEr): “*antes era mais o inglês*”. Como se sabe, a inserção do espanhol na escola pública brasileira foi sendo construída a passos lentos, com superação de obstáculos, conquistas e retrocessos, como foi descrito no capítulo 1 desta tese.

Ademais, nos chamou a atenção a abundância de respostas favoráveis ao espanhol, quando pedimos que os informantes elencassem, por ordem de prioridade, quais línguas são as mais importantes para sua comunicação através dos computadores. É possível mencionar que, mesmo o inglês aparecendo com mais frequência nas respostas, o espanhol ocupa no imaginário dos paranaenses um lugar que era impensado duas décadas atrás. Nessa parte cabe um parêntese para esclarecer que os informantes não sabiam que o entrevistador é professor de espanhol, portanto todas as respostas foram dadas sem que se colocasse uma língua em destaque e sem que houvesse identificação da formação do pesquisador. Essa informação vale tanto para as respostas obtidas nas entrevistas como nos questionários.

Na sequência, citamos outros enunciados que colocam o espanhol e o inglês paralelamente com a mesma importância. Estes enunciados foram motivados pelo item que pedia aos informantes para opinarem sobre o quadro de distribuição e oferta das línguas nas escolas paranaenses.

PEc - eu acredito que duas, né, no ensino obrigatório, que é o espanhol e o inglês ou o espanhol ou inglês, né, eu acredito que sejam duas.
PEc - eu acho que desde o início as duas, tanto o inglês quanto o espanhol, isso, porque é, querendo ou não, hoje são duas línguas que é, super necessárias, em todo lugar que você vai você sempre tem as duas opções, se você vai viajar, mesmo que seja dentro do teu país, né, você vai olhar as placas de aeroportos, por exemplo, tem as duas opções, né, então eu acho que tinha que ter as duas desde a base mesmo.
DEr - então oferecer uma e em contra-turno outra, né, pra ele ter mais chances, oportunidades, também o espanhol e inglês eu acho que as duas são, né, são muito importante.
AEr - Eu acho que deveria ser o inglês, o espanhol. Eu acho que as duas só, que a gente ocupa bastante.
AEr- Acho que tinha que ter inglês e espanhol à noite, pra todo mundo.
MEr - O inglês e o espanhol principalmente, né, é essas duas mais que eu acho.
PEr - além do espanhol e do inglês, que são línguas necessárias.
PEf - se vai colocar as duas, espanhol e inglês, coloca de tal a tal ano espanhol e de tal a tal ano inglês, ou optativa, agora sem, não dá,
MEf - Acho que é importante as duas. Ah, eu acho interessante tanto uma como a outra. O espanhol é muito bom pra gente aqui, né, por essa região, porque o Paraguai e a Argentina, tudo aqui é espanhol e o inglês também.
AEf - ah, essas línguas [espanhol e inglês] eu acho que está bom, porque são meio que principais, ultimamente são as que mais faladas, daí eles estão querendo preparar os alunos pra saber um pouco.

Como se pode notar nos enunciados acima, existe uma representação de paralelismo entre o inglês e o espanhol, ou seja, lugares “equiparáveis” atribuídos a essas duas línguas. Na nossa opinião, e é o que estamos tentando demonstrar ao longo dessas análises, estão agindo sobre esses enunciados o processo de escolarização do espanhol no Brasil, ou seja, aparecem aí

os efeitos das políticas linguísticas, sobretudo daquelas adotadas pelos governos, como exemplificado neste enunciado proferido por um professor da escola rural (PEr): “*Se torna mais por causa da oferta do governo, porque daí os alunos já têm essa oferta, né, e hoje vários países que também estão utilizando o espanhol*”. Um outro caso em que se manifesta o efeito recente da escolarização do espanhol foi dito por uma mãe de aluno da escola rural (MEr). Segundo ela, “*o espanhol, né, que entrou agora também né*”. Notamos que há essa percepção por parte da informante de que há uma outra língua na escola do seu filho, que é recente essa entrada na matriz curricular, mas que já faz parte do cenário escolar.

Ainda para ilustrar essa questão do espanhol no contexto escolar, um professor da escola rural (PEr) faz o seguinte comentário: “[o espanhol] *por vir sendo trabalhado*”. Observemos que esse enunciado faz menção ao trabalho “*sendo trabalhado*” como atividade profissional, entendido aqui por nós como algo regular, com todas as prerrogativas inerentes a algo que tem lugar, que não é apenas passageiro. Dessa forma, esses enunciados nos ajudam a argumentar a respeito do lugar que ocupava o espanhol e do lugar que ele ocupa atualmente.

Nesse sentido, merece ser grifado novamente o fato de que a representação do espanhol como língua fácil deu lugar à representação do espanhol como língua que requer aprendizagem e/ou que ocasiona aprendizagens, ou seja, é uma língua que está ligada à expectativa de aprendizagem e não como uma língua que dispensa sua aprendizagem⁸⁴. Vejamos a seguir três enunciados que ilustram nossa afirmação:

AEf - lendo aquilo ali em espanhol eu acho que eu posso entender mais, compreender mais, né, e com isso facilita mais a minha aprendizagem.
AEf - ah, aí é fácil pra entender, eu usaria um pouco para aprender um pouco mais , né, que eu estou fazendo curso.
DEr - sempre a gente diz, né, veja aquela língua que vocês vão se sair melhor, né, que vocês dominam mais, que tenha mais facilidade, porque de repente vocês (inaudível), isso pode ajudar, se você conseguir entender o espanhol ou uma língua, vai ajudar, né, então eles, a maioria, acho que todos, 100%, fazem adesão ao espanhol, por essa semelhança, né, da língua.

⁸⁴ Apesar de estar evidente essa representação sobre o espanhol como língua de aprendizagem, está presente também uma *expectativa* de facilidade, que, de acordo com a nossa análise, não pode ser confundida com *certeza* de facilidade. Essa expectativa de facilidade se mostra também em oscilações como: “fácil, mas nem tanto” e em “ajuda, mas não ajuda”, conforme mencionamos anteriormente.

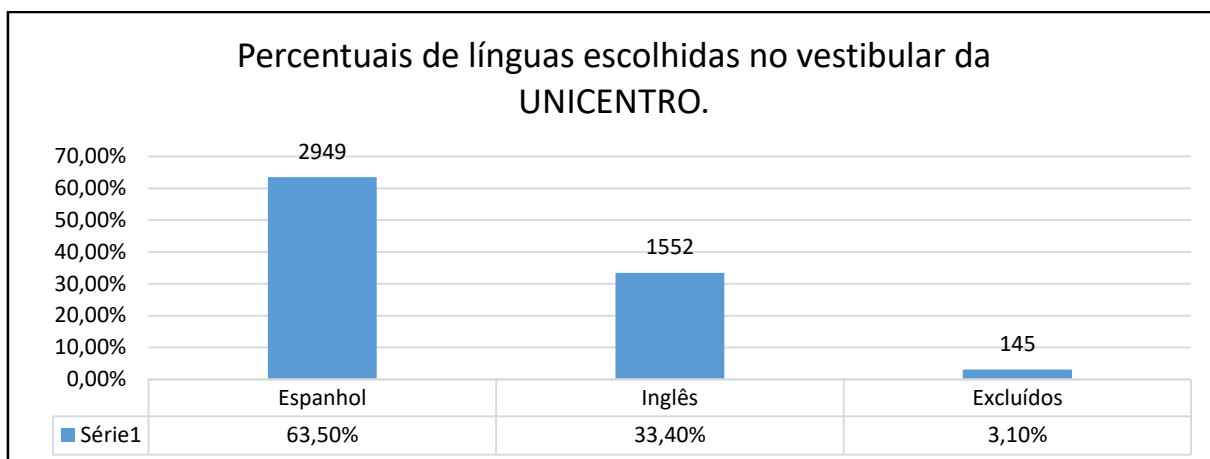
Os dois primeiros enunciados são resultados das respostas dadas a este questionamento: Em qual língua está configurado o seu computador? O que você faria se tivesse que usar outra língua ao invés dessa [do português] no seu computador? Esses enunciados tratam de vincular claramente o espanhol a um espaço de aprendizagem, como em “*facilita mais a minha aprendizagem*”, “*aprender um pouco mais*” e “*eu estou fazendo curso*”, ou seja, não se pensa prontamente em mudar nas configurações do computador o idioma para o português. Pelo contrário, se busca um entendimento daquilo que está escrito na tela com a perspectiva de que ali também se pode aprender. Nosso entendimento, nessa análise, é o de que seria como transformar uma dificuldade de compreensão numa oportunidade de aprendizagem.

O último desses enunciados é decorrente do nosso questionamento sobre se a escola ajuda os alunos na escolha da língua estrangeira para o vestibular. É verdade que nesse enunciado está presente também uma representação da facilidade do espanhol para o brasileiro, especialmente vinculada à habilidade de compreensão leitora, que é o que se exige no vestibular, mas o que nos chama a atenção é que é dado ao espanhol um lugar específico na educação, um lugar de aprendizagem. Ademais, entendemos que pode ter havido um exagero na suposição de que “100%” dos estudantes escolheria essa língua, apesar de que dados⁸⁵ recentes do MEC apontam que majoritariamente os alunos (cerca de 60%) optam pelo espanhol no ENEM num comparativo com o inglês, apesar de que o índice de acertos em língua estrangeira é maior dos que fazem a prova de língua inglesa.

Para citarmos como exemplo mais específico e contextualizado, apresentamos os números do vestibular da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), uma das universidades públicas paranaenses, que ocorreu nos dias 17 e 18 de setembro de 2017, com vistas ao ingresso de novos alunos no primeiro semestre de 2018, ou seja, são dados atualíssimos. Dos 4646 candidatos inscritos, 2949 optaram por fazer a prova de espanhol e 1552 optaram por fazer a prova de inglês. Os percentuais podem ser visualizados no gráfico a seguir:

Gráfico 57 - Percentuais das línguas estrangeiras escolhidas no vestibular da UNICENTRO de 2017.

⁸⁵ Fonte: Microdados do ENEM. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>>. Acesso em: 04 set. 2017.



Fonte: Autoria própria.

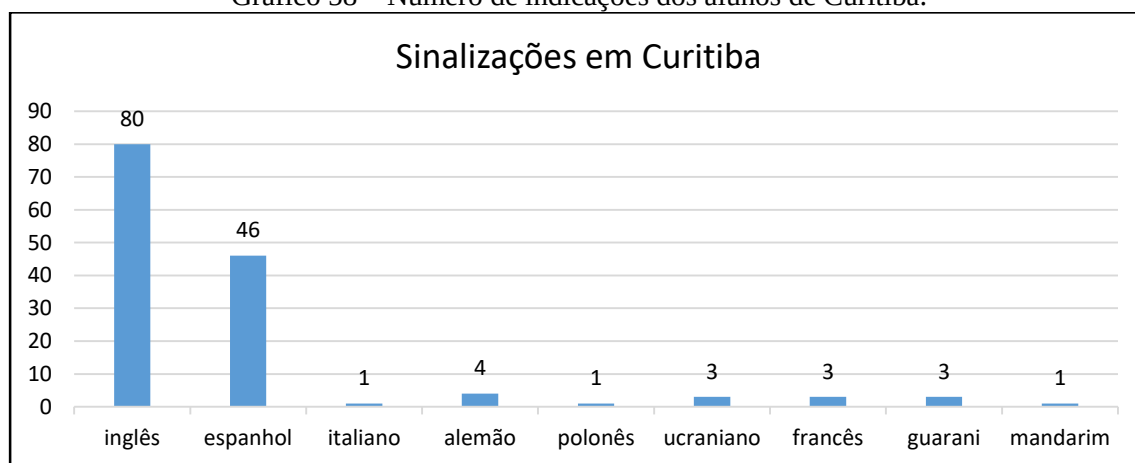
Diante desses números, de forma alusiva, entendemos que é provável que a maioria dos vestibulandos optem pelo espanhol nos vestibulares das outras universidades públicas paranaenses. Foram excluídos da nossa análise 145 vestibulandos (3,1%) porque estes não tiveram oportunidade de escolha, haja vista que os cursos para os quais eles se inscreveram no vestibular aceitam apenas o inglês ou o espanhol. São casos como o de Letras-Espanhol, por exemplo, ofertado na UNICENTRO, *Campus* de Irati, que exige que os vestibulandos façam a prova de espanhol no vestibular. Mas entre esses excluídos há um dado interessante: o curso de Ciência da Computação é o único curso que não é voltado para as línguas estrangeiras que restringe apenas ao inglês a opção de língua estrangeira no vestibular. Esse dado corrobora a nossa discussão acerca da representação que “encaixa” o inglês como língua da ciência, apresentada na terceira parte deste capítulo. Em consulta à coordenação do curso de Ciência da Computação, investigamos se havia algum registro em ata, ou alguma memória sobre essa decisão do Conselho Departamental de exigir que os vestibulandos façam a prova de inglês. O chefe atual do Departamento nos informou, via e-mail, o seguinte:

Perguntamos aos professores do Departamento de Ciência da Computação (DECOMP) sobre a decisão de direcionar para o inglês a prova de língua estrangeira no vestibular do curso de Ciência da Computação. Os professores lembram que essa discussão ocorreu e está registrado em ata, porém faz muito tempo, acredita-se que há uns 15 anos atrás.

Retomamos via telefone esse assunto com um dos docentes mais antigos desse curso e ele nos explicou que nunca ouviu qualquer tipo de indagação sobre essa decisão, pelo contrário, essa escolha departamental é tratada com naturalidade, sem margem para qualquer possibilidade de mudança ou discussão.

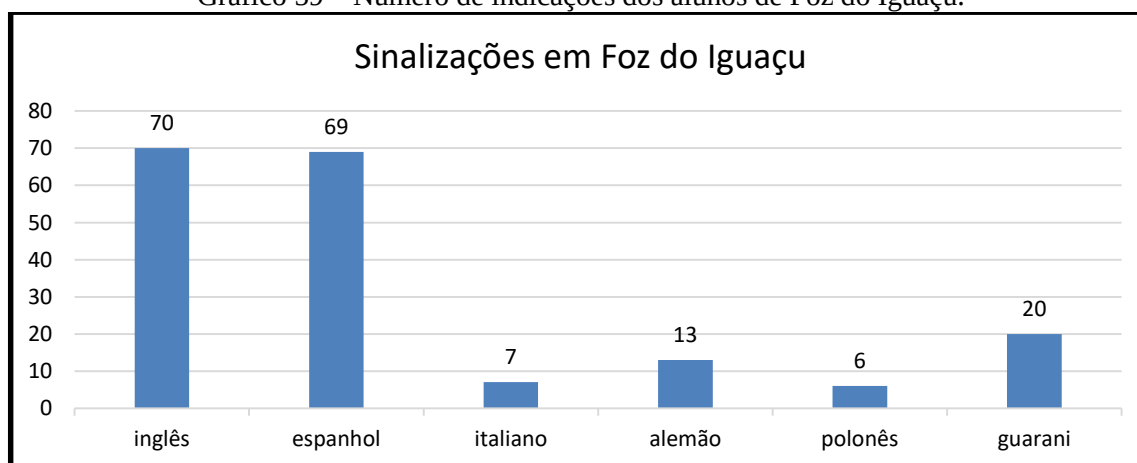
Nesse ponto, vale a pena acrescentarmos um outro elemento à análise: o lugar dado ao espanhol quando perguntamos, nos questionários, na opinião dos informantes, em qual(is) língua(s), além do português, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas. Para os alunos, perguntamos em relação à sua cidade (Curitiba, Foz do Iguaçu e Irati, respectivamente) e para os grupos de informantes dos adultos (pais de alunos, professores e diretores), perguntamos em relação ao Paraná. Os resultados estão apresentados nos gráficos a seguir:

Gráfico 58 – Número de indicações dos alunos de Curitiba.



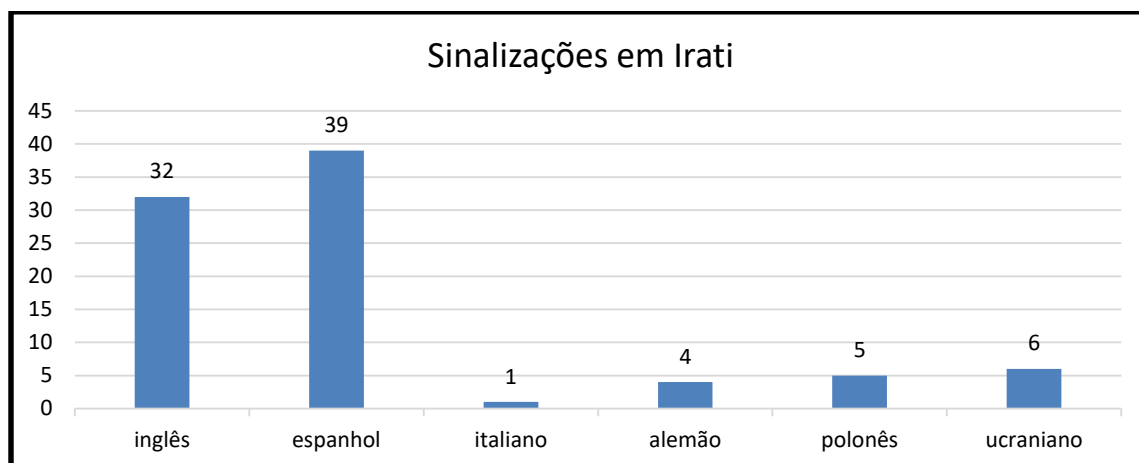
Fonte: Autoria própria.

Gráfico 59 – Número de indicações dos alunos de Foz do Iguaçu.



Fonte: Autoria própria.

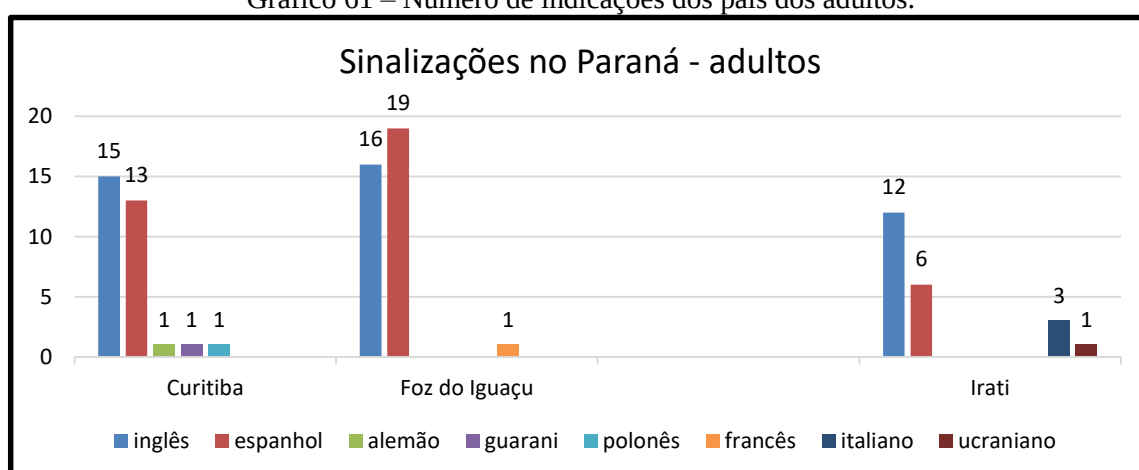
Gráfico 60 – Número de indicações dos alunos de Irati.



Fonte: Autoria própria.

Os resultados mostram que para os alunos de Curitiba o lugar de maior destaque deve ser dado ao inglês, como já havíamos previsto nas hipóteses iniciais da pesquisa. Já para os alunos de Foz do Iguaçu, o inglês e o espanhol ocupam lugares muito próximos, pois há um “empate técnico” no número de indicações. E em Irati, o espanhol recebe o maior número de indicações, resultado esse que acena para um lugar mais destacável para essa língua. Esses dados corroboram a nossa discussão acerca do lugar do espanhol quase equiparado (em alguns casos há uma comparação explícita) com o do inglês. Na sequência, apresentamos os resultados obtidos com as respostas do público adulto, composto por pais de alunos, professores e diretores das três escolas.

Gráfico 61 – Número de indicações dos pais dos adultos.



Fonte: Autoria própria.

Como se pode notar, os resultados mostram que em Curitiba e Foz do Iguaçu o inglês e o espanhol recebem praticamente o mesmo número de indicações. Em Irati, o espanhol recebe

a metade do número de indicações dado ao inglês. Esses dados nos ajudam a argumentar acerca do alcance destacável que o espanhol ocupa no imaginário dos paranaenses, tendo praticamente o mesmo *status* do inglês. O que merece ser mencionado é que os resultados dos informantes de Foz do Iguaçu se mantiveram parecidos numa comparação entre os alunos e o público adulto. Em Curitiba e em Irati, nesse tipo de comparação, os resultados foram diferentes. Para o público adulto de Curitiba, o espanhol e o inglês “caminham” lado a lado, já para os alunos o inglês recebe um lugar mais destacável. Em Irati ocorreu o contrário, pois os alunos dão ao espanhol um lugar privilegiado, inclusive superando o número de indicações dado ao inglês, e o público adulto concede ao espanhol a metade de indicações recebidas pelo inglês. Essa diferença constatada nos dá mais indícios de que estão agindo, especialmente em Irati, os efeitos da escolarização do espanhol. Porém, como não é nosso objetivo trabalhar com comparações entre os públicos das três escolas, não vamos nos aprofundar nessa discussão.

Em relação às outras línguas (além do espanhol e do inglês) mencionadas nos enunciados das entrevistas e nas respostas aos questionários, há na sexta parte deste capítulo uma discussão sobre a sua situação de minorização.

5.1.1 Fatos político-linguísticos que influem no *status* do espanhol no Brasil

A partir da década de 1980, com o fim de regimes ditatoriais, profundas transformações políticas ocorridas no Brasil e na América Latina agem significativamente nas relações entre as línguas portuguesa e espanhola. Essas mudanças convergem para uma tentativa de integração regional, pois aumenta a circulação de pessoas e bens culturais entre os países da América do Sul, principalmente. Acordos como o Tratado de Assunção (processo iniciado em 1985) que criou o MERCOSUL, em 26 de março de 1991, objetivam contribuir para essa integração, colocando as línguas em evidência, tentando a inserção do espanhol no Brasil e do português nos países vizinhos. Não queremos afirmar que nessa época já se tenha concretizado a integração regional e nem que o espanhol corria em paralelo com o inglês nessa disputa. Apenas estamos contextualizando o que viria depois a contribuir para as representações manifestadas pelos informantes na nossa pesquisa.

Outros elementos podem ter contribuído para que houvesse uma mudança na percepção sobre a língua espanhola, passando de uma ignorância com tons de ingenuidade sobre o seu funcionamento para uma representação de que é uma língua com *status* equiparável ao do inglês, por exemplo. Um desses elementos é a intensificação dos processos de inserção da

língua espanhola nos mais diversos meios motivada por uma nova proposta de um pan-hispanismo renovado que já se anunciava no início no século XX, conforme descreve Del Valle (2007) e que tem a Espanha como gestora dessa língua. Algumas ideias como a de língua como “pátria comum”, “desterritorializada”, “língua de encontro”, entre outras, foram reaproveitadas e difundidas principalmente pelo Instituto Cervantes, após sua implantação/fundação no Brasil a partir de 1998, órgão estatal espanhol que é componente central da política pan-hispânica para a difusão da língua espanhola no exterior. Convém mencionar que fatores comerciais e de rentabilidade financeira são elementos norteadores das políticas do Instituto Cervantes. Além dessas políticas mencionadas, o que nos parece ter incidido mais diretamente nas representações dos nossos informantes, inclusive por chegar mais ao grande público, é o papel das multinacionais espanholas presentes no Brasil e nos países vizinhos, como os bancos Santander e o Banco Bilbao Vizcaya Argentaria (BBVA), a empresa de transporte aéreo Iberia, a empresa de telecomunicações Telefônica, que além de serem parte das mesmas políticas pan-hispânicas, parecem representar uma “promessa” de que o espanhol pode significar uma “inserção no mundo”, um sinal de “sucesso” pessoal e profissional.

Além disso, na Espanha, a partir da aprovação da Constituição de 1978, foram sendo desenvolvidas um par de políticas linguísticas direcionadas para a planificação de *status* e do *corpus* do espanhol, além, é claro, de esforços que tentavam regular as línguas cooficiais das comunidades autônomas. Para Del Valle e Villa (2005, p. 199), “desde principios de los noventa, se diseñaron y pusieron en práctica proyectos de planificación del estatus del español. Los objetivos declarados de estas políticas se pueden condensar fundamentalmente en dos: la consolidación de la unidad de la lengua y su promoción internacional”⁸⁶. Para os mesmos autores, colocar a língua num *status* superior ao que se encontrava era uma das metas tanto da Real Academia Española (RAE) como do Instituto Cervantes, que estavam dispostos a dotar o espanhol de uma

imagen pública que sirva a su aceptación como lengua común de España – frente al constante cuestionamiento de su estatus por parte de los nacionalismos catalán, gallego y vasco – y a su afirmación como lengua de prestigio internacional – que persigue al todopoderoso inglés y desafía a las

⁸⁶ “desde principios dos noventa, se projetaram e puseram em prática projetos de planificação do *status* do espanhol. Os objetivos declarados destas políticas se podem condensar fundamentalmente em dois: a consolidação da unidade da língua e sua promoção internacional” (DEL VALLE & VILLA, 2005, p. 199, itálico do autor, tradução nossa).

viejas grandes lenguas de solera como el alemán y el francés⁸⁷ (DEL VALLE & VILLA, 2005, p. 200).

E para alcançar esse objetivo, um dos principais argumentos adotados pelas instâncias de fomento foi vincular o espanhol a um valor econômico, capaz de gerar riquezas, como se percebe nas palavras de Del Valle e Villa (2005, p. 201).

entre los objetivos prioritarios de las políticas lingüísticas que estamos describiendo están la incorporación del valor económico a la imagen pública del español (convencer a la gente, dentro y fuera del mundo hispánico, de que saber español es beneficioso) y la organización de un sector empresarial destinado a la explotación de este recurso⁸⁸.

Partindo dessa noção de língua como um produto a ser desenvolvido e vendido, as políticas linguísticas espanholas de promoção do idioma investiram em “novos mercados”, sendo o Brasil um dos mais promissores economicamente. Resultado do crescimento econômico espanhol do final dos anos 1980 e 1990, várias empresas multinacionais espanholas se instalaram no Brasil e ajudaram na promoção dessa língua no país. Toda essa “disposição” espanhola para inserir o espanhol no Brasil encontrou eco e ganhou força devido ao contexto político e econômico por que passou o nosso país no final dos anos 1990 e início dos 2000. Tratava-se de uma época em que havia indícios de melhorias nas áreas sociais e educacionais, por exemplo, motivadas pela chegada ao poder do governo petista, o qual nunca havia comandado o governo brasileiro.

Como mencionamos anteriormente, no capítulo 1, no início dos anos 2000, com a promulgação da lei do espanhol (Lei nº 11.161, de 2005), e todos os seus desdobramentos presenciados no Brasil, em que pesem os obstáculos e ingerências fruto de interesses diversos e contraditórios acerca da formação de professores e produção de materiais didáticos, por exemplo, houve um (in)esperado fortalecimento do espanhol no Brasil, especialmente porque se ampliou nas universidades a oferta de vagas e de habilitações em língua espanhola, assim como ocorreu publicação das OCEM do Ministério da Educação/SEB (2006) com um capítulo

⁸⁷ “imagem pública que sirva a sua aceitação como língua comum da Espanha – frente ao constante questionamento de seu *status* por parte dos nacionalismos catalão, galego e vasco – e a sua afirmação como língua de prestígio internacional – que persegue ao todo poderoso inglês e desafia às velhas grandes línguas de tradição como o alemão e o francês” (DEL VALLE & VILLA, 2005, p. 200, *itálico do autor, tradução nossa*).

⁸⁸ “entre os objetivos prioritários das políticas linguísticas que estamos descrevendo estão a incorporação do valor econômico à imagem pública do espanhol (convencer a todos, dentro e fora do mundo hispânico, de que saber espanhol é benéfico) e a organização de um setor empresarial destinado à exploração deste recurso” (DEL VALLE & VILLA, 2005, p. 201, *tradução nossa*).

específico sobre Conhecimentos de Espanhol, a inclusão do espanhol no PNLD⁸⁹ para as séries iniciais (do 6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental (PNLD, 2011) e para o Ensino Médio (PNLD, 2012), a criação do PEIF e, mais importante, a inclusão do espanhol na matriz curricular do Ensino Médio de muitas escolas brasileiras.

No que se refere às OCEM, o seu objetivo é o de “sinalizar os rumos que esse ensino deve seguir, o que faz com que tenham um caráter minimamente regulador, do contrário, não haverá razão em fazer tantos esclarecimentos, marcar posições teórico-metodológicas, sugerir caminhos de trabalho etc” (BRASIL, 2006, p. 127). Para González (2010, p. 29), as OCEM

constituíram-se, e ainda se constituem, portanto, na abertura de um caminho que terá de ser permanentemente revisto, reavaliado à medida que for sendo percorrido. Mas indica um rumo e esse rumo está diretamente relacionado a um determinado momento histórico e político, bem como a um momento da pesquisa no campo dos estudos da linguagem e da linguística aplicada.

No que diz respeito ao PEIF, uma mãe de aluno da escola fronteiriça (MEf) faz menção a ter participado de uma experiência diferente em relação ao espanhol. De acordo com essa informante, “*eu já tive uma palestra já em espanhol, lá no Porto Meira, essas escolas intercultural*”, o que mostra que o espanhol está inserido, por meio do PEIF, no plano de educação intercultural bilíngue.

Isso que tratamos como escolarização ou curricularização do espanhol, percebida nas representações dos informantes e decorrente dessa conjuntura de ações descritas acima, está fortemente ameaçada pelas políticas adotadas pelo Governo Federal desde 2016. Conforme já discutimos no capítulo 1, a lei que propõe a reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017), entre outras mudanças, revogou a Lei do Espanhol e deixou apenas o inglês como língua estrangeira obrigatória. Está no texto dessa Lei, no § 4º, do inciso IV, do Art. 35-A, o seguinte: “Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino” (BRASIL, 2017). A exclusividade dada ao inglês nessa reforma educacional vai na contramão do que propunha os PCN’s: “sem dúvida, a aprendizagem da Língua Inglesa é

⁸⁹ O PNLD é um programa do Governo Federal que objetiva auxiliar os docentes nas atividades pedagógicas por meio da distribuição de livros didáticos aos alunos da Educação Básica da rede pública de ensino.

fundamental no mundo moderno, porém essa não deve ser a única possibilidade a ser oferecida ao aluno” (BRASIL, 2000, p. 14).

Tratamos desse tema da reforma do Ensino Médio com os diretores das três escolas, para sabermos o que pensam sobre o assunto. Uma das informantes disse o seguinte quando perguntamos se havia alguma discussão acerca de excluir o espanhol da matriz curricular e incluir o inglês no seu lugar: *“não, nenhuma, nem se cogita a ideia”*. Já em outro caso, a postura da diretora é mais cautelosa/diplomática, seguidora de ordens: *“eu não sei, a proposta do governo é o inglês, né, que eles querem o inglês daí eu não sei se a gente vai pelo, vai ter que, eu acho que não vai ter escolha, né, vai ser direcionada, vai vir de lá, eu acho que a gente não vai ter muita saída pra escolher, né.”*. Esse enunciado vem logo após uma introdução esclarecedora: *“cada um puxa pro seu lado, né”*, mostrando que o papel do gestor da escola tem relevância fundamental nas políticas de adoção e de exclusão das línguas nas escolas. Citamos um outro enunciado que corrobora o que vimos dizendo: *“eu sou suspeita pra falar, né, porque eu sou do inglês”*, ou seja, nesse caso, não se cogita a ideia de contrariar aquilo que vem de cima, justamente porque há interesses particulares em jogo. O outro diretor não se posiciona claramente sobre a questão das línguas na reforma do Ensino Médio, apenas menciona que isso *“é uma briga tão desnecessária porque não é essas mudanças que vai melhorar o ensino no Brasil, não é isso”* e que, segundo ele, ainda vai demorar para que haja alguma alteração na matriz curricular das escolas paranaenses: *“essa mudança nova agora eu não conheço bem o teor, que pra ser implantado no Paraná eu não sei quando, acho que só daqui dois anos, que vão pensar em mexer em alguma coisa, por enquanto continua como está, sabe, não sei se algum estado para em 2018 já vai começar a implantar”*.

Não há como duvidar que os lugares ocupados pelas línguas são resultados de disputas políticas, assim como é preciso entender que o funcionamento das línguas e os seus lugares se dão em relação a outras línguas. Esses lugares estão em constante processo de reformulação, sejam por fatos político-linguísticos oficiais, como a proposta de um novo Ensino Médio, seja por políticas não institucionalizadas, como aquelas que ocorrem diariamente nas práticas linguísticas das pessoas. Nesse sentido, volta a ser atual o contido nas OCEM, quando menciona, por exemplo, que *“estamos diante de um gesto político claro e, sobretudo, de um gesto de política linguística, que exige uma reflexão acerca do lugar que essa língua [espanhol] pode e deve ocupar no processo educativo”* (BRASIL, 2006, p. 128). Se naquela época, em 2006, se exigia reflexão acerca do lugar do espanhol, o momento atual não é diferente.

Embora o cenário educacional e político brasileiro atual seja de muita incerteza, pois ainda não se sabe ao certo o que ocorrerá efetivamente nas escolas no que tange à reforma do

Ensino Médio, nossa percepção vai no sentido de que os esforços despendidos a favor do espanhol no Brasil não foram em vão e, portanto, modificaram o panorama das línguas estrangeiras no nosso país, fazendo com que a inércia histórica mencionada por Celada (2008) fosse descontinuada e fixando raízes sólidas capazes de dar futuros e promissores frutos.

De qualquer forma, e apesar desses retrocessos, o que deve prevalecer nessa discussão é o conjunto de políticas que colocaram o espanhol numa situação equiparada ao inglês e que estão presentes nas representações dos informantes, como vimos apresentando seus enunciados.

5.2 O espanhol como língua de leitura e o inglês como língua de comunicação oral

Passamos agora a analisar algo que nos pareceu relevante justamente porque nunca havíamos visto isso em outros estudos. Trata-se de uma representação que parece tender a qualificar o espanhol como língua de leitura e o inglês como língua de comunicação oral. É necessário aclarar que essas representações ocorrem em determinadas circunstâncias e por determinadas razões, mas é também necessário enfatizar que se trata de como essas línguas aparecem representadas nas respostas de muitos dos nossos informantes. Não é raro relacionar o espanhol como língua de cultura, principalmente em contraposição ao inglês como língua de negócios, como bem observou Sousa (2007), no seu estudo. Desse modo, apresentamos inicialmente dois enunciados para depois procedermos às análises. O primeiro deles surgiu numa situação em que perguntávamos sobre a preferência pela língua estrangeira para a realização de uma palestra. O segundo enunciado é oriundo de uma pergunta sobre qual língua estrangeira o aluno escolheria no vestibular ou no ENEM para a realização da prova.

AEc - se fosse falado seria em inglês, se fosse escrito, em espanhol.

AEc - Esse ano eu escolheria o inglês, porque eu percebi que o espanhol ele é muito, bastante interpretação de texto, e você tem que conhecer bastante as palavras, eles colocam outras palavras. No inglês é mais verbo, a interpretação de texto mesmo não é tão complexa assim como no espanhol, e acaba sendo mais fácil.

Imaginamos que podem estar agindo sobre essa representação do informante alguns efeitos da implantação do espanhol na matriz curricular das escolas. As próprias OCEM – Espanhol (BRASIL, 2006) sugerem um trabalho que se alinhe à formação do aluno como cidadão crítico e não apenas um sujeito que vai fazer provas de vestibular.

Na nossa sociedade, o conhecimento de Línguas Estrangeiras é muito valorizado no âmbito profissional, porém, no caso do ensino médio, mais do que encarar o novo idioma apenas como uma simples ferramenta, um instrumento que pode levar à ascensão, é preciso entendê-lo como um meio de integrar-se e agir como cidadão. Nesse sentido, o foco do ensino não pode estar, ao menos de modo exclusivo e predominante, na preparação para o trabalho ou para a superação de provas seletivas, como vestibular. Essas situações fazem parte da vida do aluno, mas não são as únicas, talvez nem sejam as principais e, acima de tudo, não se esgotam nelas mesmas. Tampouco pode reduzir-se a um conjunto de atos de fala aplicáveis às diferentes situações de comunicação pelas quais um indivíduo pode passar, como também se chegou a pensar em algum momento de aplicação mais radical do enfoque comunicativo (BRASIL, 2006, p. 147).

Ao dizer que “*a interpretação de texto mesmo não é tão complexa assim como no espanhol*” (AEC), isso pode ter a ver com que a presença do texto na aula de inglês, na nossa opinião, deve ser bem menor em relação à presença do texto em espanhol. E ainda, quando se menciona que “*no inglês é mais verbo*” (AEC), supomos que isso decorre das experiências e representações de que se ensina na escola apenas o verbo *to be*, como exemplificaram outros informantes que participaram deste estudo. Além disso, não é raro na aula de inglês o trabalho de conjugação verbal que propõe como exercício de “treinamento” a memorização de tabelas de verbos e o preenchimento de espaços vazios.

Ademais, analisamos que há uma certa ingenuidade do aluno em pensar que uma palestra proferida em inglês seria de fácil compreensão. Essa representação simplesmente não condiz com a realidade e a complexidade que é entender um falante palestrando em inglês, mas como estamos trabalhando com representações, essas não estão na ordem da comprovação e sim da própria existência. Além disso, a representação de que há muita dificuldade na interpretação de textos em espanhol está vinculada a uma falsa ideia de que para o brasileiro é muito difícil aprender outras línguas porque não sabe a língua portuguesa. Não é raro ouvir que os falantes de espanhol “respeitam” na fala as regras usadas para a escrita. Já no caso dos falantes de português, a representação corrente é a de que o brasileiro “não sabe” falar português, como dito por esta informante:

PEc - o que não ajuda a aprender o espanhol infelizmente é a nossa língua, porque o nosso estudante, ele não sabe a própria língua, então a partir do momento que eu não sei a minha língua, eu vou ter dificuldade numa segunda [...] Eles têm dificuldade no espanhol porque não sabem o português.

Essa representação é resultado da distância que há entre as normas linguísticas impostas pela gramática prescritiva, infelizmente ainda tão presente na escola brasileira e nos meios de comunicação de massa, e o uso da língua portuguesa na oralidade pelos falantes. Mas o que mais nos interessa aqui é demonstrar que se atribui ao espanhol um saber gramatical, um lugar de leitura e de conhecimento.

Nesse momento cabe um esclarecimento que julgamos necessário. Quando delimitamos quem seriam os grupos de informantes que participariam da pesquisa, pensamos que o grupo de alunos deveria ser formado por estudantes que haviam estudado o inglês no Ensino Fundamental e estivessem estudando o espanhol no Ensino Médio. A delimitação desse critério nos ajuda agora nas análises a termos depoimentos de informantes que têm essas experiências na aprendizagem das duas línguas, ou seja, relatam comparativamente aquilo que presenciaram e que estão presenciando na sua trajetória escolar. Seria incoerente, a nosso ver, investigar atitudes e representações de informantes, nesse caso os alunos, que tivessem contato com apenas uma dessas duas línguas, produzindo resultados não compatíveis com a experiência vivenciada por esses informantes.

Ademais, apresentamos outros enunciados que mostram que a língua inglesa está marcada por uma expectativa de “fala”, principalmente quando se justifica a necessidade de aprendizagem, aparece relacionada a supostas situações de comunicação oral, algumas delas em outros países, outras em empregos etc. Já a língua espanhola, em comparação, aparece mais relacionada à compreensão e à escrita. Os enunciados abaixo estão relacionados ao inglês como língua de comunicação oral.

PEr - alguma coisa eu diria que eu sei pronunciar em inglês, talvez coisas químicas, na, da minha área, mas dizer que eu fale fluentemente, não.
PEf - no caso somente o inglês, né, intermediário, comunicação, audição, e a nossa nacionalidade, o português.
PEr - o inglês, não fluentemente, mas deve ter alguns que conversam.
AEr- português, e já, eu estou aprendendo assim a falar inglês e agora, à noite, a gente está aprendendo o espanhol.
DEc - mas no Paraná tem muita gente que fala inglês, tem muita gente que fala alemão, tem muita gente que fala francês, italiano.
MEr- Você vai falar o português correto. Pergunta em inglês e algumas coisinhas. Que nem eu sempre brinco com a minha menina. Como é que é? Vai me fugir agora. O

nome que sempre era batido nas aulas e *the book is on the table* lá, que o livro está sobre a mesa era o que mais a professora repetia e daí e só.

Alguns termos são bastante frequentes quando se atribui imaginariamente ao inglês esse lugar de língua de comunicação oral, como fluência, pronúncia, fluentemente, conversa, fala, audição, comunicação. Não que esses termos não possam estar relacionados à escrita e à leitura, mas são mais contundentes no âmbito da oralidade. Já em relação ao espanhol, parece haver uma expectativa de compreensão, mais voltada para a leitura, como se pode notar nos enunciados apresentados a seguir.

PEr – [espanhol] mais fácil para os alunos, pra eles compreenderem.
AEf - então eu lendo aquilo ali em espanhol eu acho que eu posso entender mais, compreender mais, né, e com isso facilita mais a minha aprendizagem.
DEf - espanhol, mais fácil de você compreender, né.
PEf - no espanhol, acredito que seja mais fácil de compreender.
PEr - Pensando por esse motivo eu acho que em espanhol as pessoas compreenderiam bem mais. Que fosse em espanhol, porque a compreensão seria bem maior, bem maior.
AEC - procuraria colocar legenda, se não der a legenda em português, vai a de espanhol mesmo, eu tenho mais facilidade em ler e entender do que ouvir e entender línguas estrangeiras, então pra mim o ler é mais fácil que eu procuraria colocar a legenda e tal pra ler.
DEr - veja aquela língua que vocês vão se sair melhor, né, que vocês dominam mais, que tenha mais facilidade, porque de repente vocês (inaudível), isso pode ajudar, se você conseguir entender o espanhol ou uma língua, vai ajudar, né, então eles, a maioria, acho que todos, 100%, fazem adesão ao espanhol, por essa semelhança, né, da língua.

Uma das hipóteses para o surgimento dessa representação que tende a encaixar as línguas em domínios diferentes (oralidade e leitura) pode estar relacionada ao desenvolvimento de campanhas publicitárias de escolas de idiomas, especialmente aquelas que tratam a língua inglesa como o seu carro-chefe. A maioria dos *slogans* e propagandas dessas escolas de idiomas prometem que estudando em determinada escola o aluno **falará** inglês em tanto tempo, terá **fluência** na língua porque os professores são nativos, ou **falará** inglês fluentemente, entre outras marcas que aludem à oralidade.

Vejamos alguns exemplos que foram extraídos⁹⁰ das páginas web oficiais de algumas conhecidas escolas de idiomas: o primeiro exemplo que abordamos aqui é o da *Cultura Inglesa*. Essa escola, que é considerada a escola de idiomas mais antiga do Brasil, numa campanha publicitária atual de workshops de **conversação**, apresenta o seguinte slogan: “o inglês que você precisa do jeito que você quer”. No caso da *Wizard*, a maior escola de idiomas do mundo, com mais de 1200 escolas espalhadas em 740 cidades brasileiras, o slogan atual é “falar inglês também pode fazer parte da sua realidade”. A *Wise Up* também relaciona a oralidade no seu slogan: “Esteja pronto para as oportunidades. Fale inglês”. O *CCAA* adota uma alternância de código para chamar a atenção do público: “Quando você vê, *you are speaking*”. E para concluir, no *CNA*, que apresenta ao lado do nome a indicação de “inglês definitivo”, na descrição do curso para adultos, explica como o aluno aprende inglês: “No *CNA* você aprende a se comunicar em inglês fazendo, na sala de aula, o que você terá que fazer fora dela: se apresentar, pedir informações, fazer apresentações, ler notícias e escrever e-mails. Assim, o aprendizado se dá de forma significativa e natural”. Esses são apenas alguns exemplos de algumas escolas de idiomas que vinculam o inglês à oralidade.

Além dos casos mencionados acima relacionados às escolas de idiomas, citamos o *Paraná Fala Inglês* (PFI), programa do Governo Estadual criado em 2014 e que visa promover a internacionalização das instituições do ensino superior do Paraná, oferecendo várias opções de cursos de língua inglesa para docentes, alunos da graduação, pós-graduação e agentes universitários das universidades paranaenses, com vistas especialmente a que participem de mobilidade internacional. A proposta inicial do Governo se tratava de um programa mais amplo, chamado *Paraná Fala Línguas Estrangeiras*, mas até 2017 o que se viu concretamente foi apenas o PFI. E nesse exemplo percebemos mais uma vez a vinculação da língua inglesa à oralidade e não à escrita.

Outra explicação que para esse “fenômeno” da vinculação do inglês à oralidade e do espanhol à leitura diz respeito a que a “universalidade do inglês” carrega consigo a representação de que é uma língua de todos e de ninguém, sem cultura, sem sotaque (se é que se pode afirmar isso). Os termos *International English*, *Global English*, *World English*, *Common English* ou *General English* são bastante frequentes no âmbito acadêmico e, de acordo com Rajagopalan (2004, p. 11), dizem respeito a um inglês que “pertence a todas as pessoas (do mundo) que falam inglês, mas ele não é a língua nativa de ninguém”. O que se acredita, costumeiramente, é que o inglês é uma língua franca, capaz de permitir a comunicação entre

⁹⁰ Consulta feita no dia 15 de agosto de 2017.

qualquer falante do mundo, pois nela estariam misturados todos os tipos de sotaques, palavras, expressões etc.

Na página web da Cultura Inglesa, por exemplo, logo após anunciar que o inglês é o “idioma do mundo”, há uma descrição que dá conta de mostrar que essa língua é comum a todo o planeta. Segundo consta:

O inglês se mostra como um idioma comum a todo planeta. Sendo assim, uma vez que o domine você poderá comunicar-se com muitas pessoas ao redor do mundo. Primordial aos negócios, à tecnologia e demais elementos da globalização, essa língua é tida como comum a todas estas especificações [...] Pode parecer que o mundo caminha para sonho antigo do idioma universal. A língua franca da vez é inglês, que hoje está estabelecido solidamente como segundo idioma de eleição dos terráqueos, além de ser falado pelo império americano. Praticamente obrigatório no universo dos negócios, das ciências e da internet, trata-se sem dúvida de uma língua que, **se você não fala, devia falar** (CULTURA INGLESIA, 2016, negrito nosso).

Além de mostrar que o inglês é a segunda opção dos “terráqueos”, a língua da globalização, a citação acima mostra, mais uma vez, conforme destacamos ao seu final, uma estreita relação entre o inglês e o tema da oralidade. Para não parecer tanta ingenuidade nossa, cabe um parêntese nessa discussão: é aceitável que uma escola de idiomas que tem a língua inglesa como seu principal produto a ser ensinado/vendido acione essas representações de importância e universalidade relacionadas à língua inglesa. Se não o fizesse, aí sim seria estranho. E nesse mesmo parêntese cabe outra observação: o lugar dado ao espanhol nas escolas de idiomas é insignificante se comparado ao lugar dado ao inglês. E nessa observação parece estar claro o efeito das “leis do mercado financeiro”.

Numa tentativa de comparação, apesar de sabermos que se trata de instituições diferentes, entendemos esse tipo de propaganda apresentado acima também é adotado pelo Instituto Cervantes, por exemplo, em relação à língua espanhola, com uma toada um pouco mais abrangente, pois, no seu anúncio, não limita apenas ao aprendizado da língua e inclui a questão cultural na sua estratégia de marketing: “Estudar espanhol em nosso instituto não trata só de aprender o idioma, mas também dá a oportunidade de conhecer e descobrir as **diferentes culturas** do mundo hispânico” (INSTITUTO CERVANTES, 2017, negrito nosso). Como explicitado anteriormente, o Instituto Cervantes é um órgão público do Governo Espanhol responsável por difundir a língua e a cultura espanhola pelo mundo. Essa representação de que o espanhol é uma língua de cultura serviu e ainda serve como estratégia de marketing por escolas de idiomas, agências de turismo, entre outros.

Como se pode perceber, não são poucos os casos em que se vincula a língua inglesa à oralidade e, por isso, nossa proposta tem sido a de tentar argumentar, baseados em alguns casos, a origem dessa representação que atribui imaginariamente ao espanhol uma língua de leitura e ao inglês uma língua de comunicação oral. Apesar de termos argumentado anteriormente sobre a supremacia do espanhol nas escolhas para a realização de provas seletivas, como o vestibular e o ENEM, na nossa opinião essa construção argumentativa precisaria de mais elementos além do da “transparência” dessa língua com a portuguesa para que houvesse uma sustentação mais consistente desses lugares dados ao inglês e ao espanhol. Em vista disso, como não dispomos até o momento desses elementos, e isso requereria, talvez, uma investigação mais específica, preferimos tratar esses dados como possíveis hipóteses que justificariam tal representação, sem deixar de assinalar que a representação existe e foi manifestada nos enunciados dos informantes, apesar da dificuldade de indicar a sua origem.

5.3 Para a saúde, o espanhol. Para a ciência, o inglês: lugares diferentes para línguas diferentes

As últimas duas situações semi-hipotéticas (itens 13⁹¹ e 14⁹² do roteiro de entrevista) apresentadas aos informantes consistiam em indagar quais línguas seriam as preferidas em caso de não ser possível a comunicação em língua portuguesa. No exemplo do item 13, perguntávamos em qual língua o informante preferiria que fosse o atendimento médico ou odontológico, caso o profissional que o atendesse soubesse outras línguas menos o português. No caso do item 14, investigávamos sobre em qual língua um suposto palestrante famoso não falante do português deveria realizar suas palestras sobre meio ambiente no Paraná. Como se pode notar, uma das situações consistia numa conversa em particular, direcionada, face a face, e a outra consistia numa exposição pública, uma palestra com participantes variados, ou seja, duas situações com características diferentes de comunicação.

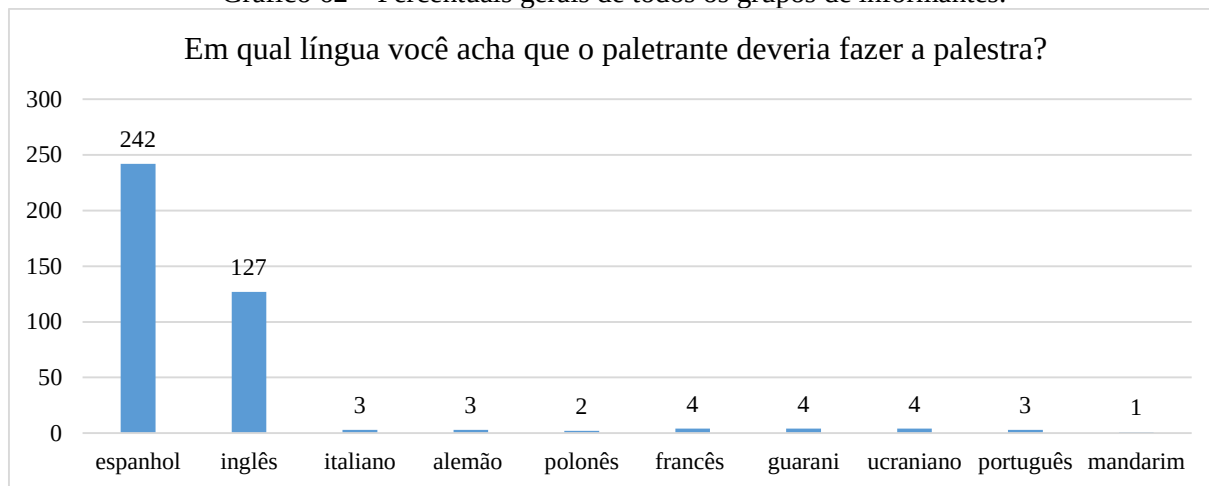
Nas respostas ao item 13, dos 29 entrevistados, 25 prefeririam que o atendimento fosse em espanhol, 3 prefeririam que fosse em inglês e 1 preferiria que fosse em francês, com manifestação de preferência pelo espanhol em segundo lugar. Já no item 14, dos mesmos 29

⁹¹ Se você necessitasse de um médico ou dentista e esse profissional não falasse português, mesmo assim você procuraria atendimento com ele? Em qual(is) língua(s) você preferiria que fosse a comunicação durante a consulta?

⁹² Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

participantes, 7 prefeririam que a palestra fosse em inglês, ou seja, mais que o dobro dos que optaram pelo inglês no item anterior. Em que pese esse aumento, o espanhol ainda figura como língua preferida, com 22 manifestações. Os números obtidos na parte quantitativa da amostra também mostraram preferência pelo espanhol no caso da palestra, como se pode visualizar no gráfico a seguir:

Gráfico 62 – Percentuais gerais de todos os grupos de informantes.



Fonte: Autoria própria.

Até aqui tratamos apenas de dados quantitativos, que não são os mais importantes para essa análise, na nossa opinião. Uma leitura superficial desses números acenaria para uma supremacia de preferências pelo espanhol em detrimento de outras línguas. Mas como aqui não cabe apenas a leitura superficial, passamos a analisar como os informantes articulam a sua preferência por uma ou outra língua.

Os enunciados referentes à preferência pelo espanhol no item 13 das entrevistas estão determinados por representações de que há uma maior facilidade na compreensão dessa língua por ser parecida com o português. Seguem alguns enunciados:

AEr - Acho que espanhol, porque é bem parecido com o português.
AEr - Em espanhol, porque daí eu ia entender mais, porque é parecido com o português.
AEf - procuraria na de espanhol, né, mais parecido com o português.
AEc - só que o espanhol por ser mais próximo ao português fica um pouco mais fácil, eu acho.
PEc - eu acho que o espanhol, porque eu acho que, uma que é mais fácil assim a similaridade da língua é mais fácil, eu acho que seria mais fácil de eu entender.

Como se pode notar, nos enunciados acima, e em tantos outros que não foram mencionados aqui, está explícita a representação de que a proximidade entre o espanhol e o português sugere que os informantes escolham em primeiro lugar a língua espanhola para o atendimento médico ou odontológico. A possível facilidade na compreensão foi manifestada por quase todos os informantes. Nessa questão, cabe um parêntese: não é de se estranhar que na comparação entre o espanhol e o inglês, ou entre o espanhol e o ucraniano, ou entre o espanhol e o guarani, um falante brasileiro imagine que é mais fácil compreender o espanhol e, portanto, prefira essa língua. O contrário, sim, causaria estranheza.

Ainda no que diz respeito ao item 13, citamos um ditado popular bastante comum (*Com saúde não se brinca*), usado especialmente para quando se quer alertar a alguém que se deve procurar atendimento médico por estar com algum sintoma ou problema de saúde. Citamos dois enunciados interessantes a esse respeito:

MEc - se eu falar que eu estou com dor de barriga e ele entender que eu estou com dor de cabeça, ele vai me dar um remédio errado.
DEr - [se fosse em espanhol] você não ia correr risco de vida ali, né.

Nesses exemplos, esse possível risco de vida e/ou de medicação errada decorre de uma provável incompreensão na comunicação entre médico e paciente ou entre dentista e paciente, conforme propunha a situação do item que estamos analisando. Imaginamos que deve ser angustiante, e até temeroso, principalmente para o paciente, a falta de entendimento daquilo que o médico ou dentista está falando, especialmente nessa condição em que o paciente já se encontra fragilizado e procura atendimento para resolver seu problema de saúde.

Esse tipo de situação proposta objetiva fazer com que o entrevistado se manifeste imediata e espontaneamente, sem profundas reflexões, acerca de uma cena visivelmente desconfortável, que ativa emoções e que exige uma manifestação de preferência, uma tomada de atitude, decorrente daquilo que as suas representações sobre as línguas o induzem a expressar. Isso não desqualifica a nossa argumentação de que as atitudes linguísticas estão mais vinculadas à parte quantitativa da amostra, vinculada sobretudo aos questionários da pesquisa.

Já no caso da palestra, tratada no item 14, comparativamente com o item anterior, diminui essa preocupação com a falta de compreensão, haja vista que muitos dos informantes supõem que os ouvintes não entenderiam a palestra, e mesmo assim acreditam que ela deve ser feita em língua inglesa. Merece ser destacada uma naturalidade de vários informantes em

responder que o palestrante *faria* a palestra em inglês, sendo necessário, nesses casos, retomar e explicar que não se trata disso, e sim, qual a preferência pela língua.

A título de exemplo, citamos estes dois enunciados, o primeiro deles é de um professor da escola fronteiriça (PEf) e o segundo é de um professor da escola rural (PEr): “*Ele falaria inglês, mas acredito **por ser o mais utilizado***”, “*Eu acho assim que as pessoas muitos procuram até pra compreender, se eu não me engano, hoje em dia, até tem, eu lembro que eu fui numa exposição que teve uma vez no MASP lá em São Paulo que era, tinha, era tudo em inglês mas você chegava com um aparelhinho, você colocava na frente e ele traduzia, eu acho que **por ser mais utilizado***” (itálico e negrito nossos).

Notamos que a escolha imaginária pelo inglês tem a ver com que seria uma língua mais procurada, por ser mais utilizada, então, as pessoas poderiam optar por ela mais para praticar, nesse caso, do que para garantir compreender o conteúdo da palestra. Além disso, essa escolha pode estar relacionada com a larga presença da língua inglesa nas ciências e, portanto, no caso de uma conferência internacional, logo se associa ao inglês, haja vista que é considerada uma língua internacional, com *status* superior às outras línguas e, portanto, como maior prestígio. Parece ocorrer, nessa perspectiva de análise, uma transposição de uma representação que percebe o inglês como a língua da ciência e, portanto, a língua que deve ser usada na palestra. Cabe frisar que mesmo supondo que grande parte do público não entenderia a palestra em inglês, essa língua foi a escolhida por alguns entrevistados. Essa naturalidade ao tratar do lugar das línguas se relaciona com a “saturação da consciência” (WILLIAMS, 1977 apud WOOLARD, 2007), conforme expomos no capítulo 3 desta tese. Vale citar também que alguns informantes mudaram de opinião quando foi retomada a pergunta e questionado sobre em qual língua haveria mais compreensão do público.

Esses enunciados apresentados até aqui explicam, em parte, quando mencionamos no subtítulo que *para a saúde, o espanhol e para a ciência, o inglês*⁹³, ilustrado, também, com o ditado popular de que *com saúde não se brinca*. É verdade que houve entrevistados que perguntaram se havia a possibilidade de não fazer a palestra, como nestes exemplos:

DEf - Tem a opção de não fazer? Se tem a opção de não fazer é não fazer.
MEf - ah, não tem, iria fazer o que com outra língua? São pouquíssimas as pessoas que conseguem falar.

⁹³ Não queremos em momento algum afirmar que não se faz ciência em outras línguas.

No exemplo da consulta médica ou odontológica, nos casos em que o informante mencionava o espanhol como primeira opção, às vezes, perguntávamos qual seria uma segunda opção de língua, caso não houvesse um profissional que pudesse atendê-lo em espanhol. Sobre isso, chama-nos a atenção estes enunciados:

AEr - daí eu nem consultava, não ia entender nada.
MEf - eu acho que eu voltava outro dia, esperava um pouquinho e voltava no outro dia, né, ah não.
MEr - pois olha, lembrando do jeito que a mãe falava em ucraniano, se ele falasse igual a mãe, eu estava vendida nos dois lados tanto no inglês quanto no ucraniano. É complicado.
DEf - se estivesse falando inglês não teria como, como é que eu vou me comunicar uma vez que eu não tenho nem ideia de inglês. Eu não tenho nem ideia, eu lembro a última vez que eu tive inglês foi no Ensino Médio ainda, quando eu estudava.
MEf - no inglês, eu entraria por gestos no inglês.
PEc - nenhuma das duas, esperaria o espanhol voltar, porque não ia dar certo.

Observamos nesses enunciados que além de os informantes escolherem a língua espanhola como primeira opção, esses não se dispunham a comunicar-se em outra língua, optando, por exemplo, por esperar que o médico ou dentista falante de espanhol voltasse do seu horário de almoço, por exemplo, ou optando por voltar ao posto de saúde ou hospital no dia seguinte. Lembremos que a situação colocada dizia respeito a uma necessidade de atendimento, e não a uma simples consulta de rotina, por exemplo.

Ainda sobre o item 13, vale mencionar que um dos informantes, mesmo sendo professor de língua inglesa, escolheria ser atendido por um profissional da área da saúde que falasse em espanhol. Não podemos afirmar com precisão essa escolha, mas hipotetizamos que sua fluência em língua inglesa não seja suficiente para ele “se arriscar” numa situação comunicativa tão importante como a que propúnhamos.

No que tange ao item 14, o da palestra, duas respostas de informantes de contextos diferentes (Irati e Foz do Iguaçu) e de grupo de informantes diferentes (aluno e professor) nos alertou para observarmos que alguns participantes manifestam em seus discursos uma representação de que o Estado do Paraná é diferente dos outros estados brasileiros. Vejamos estes exemplos:

AEr - para o Paraná só? o espanhol, né, porque é bem parecidão com o português. E SE FOSSE PARA O BRASIL? Se fosse para o Brasil inteiro acho que o inglês daí, né. E SE FOSSE SÓ EM GONÇALVES JÚNIOR: daí o espanhol, porque aqui a maioria só sabe espanhol, um pouco.

PEf - no Paraná? Ah, tem que ser espanhol, né, é. Vamos supor, depende da pessoa, a pessoa tem facilidade com o inglês, mas como a região aqui, é uma região como que a gente estava falando, de fronteira, então o espanhol aqui ele predomina bem mais, ele acaba predominando, não tem jeito, então às vezes não tem que olhar, vamos supor, o cara lá fala inglês, mas é só ele, mas a maior parte tem a fala do espanhol, então teria que ser o espanhol, né, creio que seria por esse lado, pelo todo, o contexto de modo geral. SE FOSSE NO BRASIL, NAS CAPITAIS: com certeza o palestrante ia falar em inglês. EXPLICO QUE NÃO SE TRATA DA NATURALIDADE DO INGLÊS: no Brasil todo? seria o inglês, não teria como. Acho que voltaria naquele aspecto da questão da maior quantidade de pessoas terem acesso à língua. Acho que não tem outra. **Olha, aí quando você chegar no Paraná você fala em espanhol.**

Nesses exemplos acima, os entrevistados fazem suas opções por palestras em espanhol no Paraná e em inglês para o restante do Brasil, como se no Paraná houvesse uma tendência a compreender mais a língua espanhola do que em outros estados brasileiros. Uma das justificativas para essa representação consiste no fato de o Paraná fazer fronteiras com a Argentina e com o Paraguai, ambos países que têm o espanhol como língua oficial. Além disso, um exemplo que foi mencionado nas entrevistas foi o fato de estar radicada no Paraná a UNILA, com sede em Foz do Iguaçu, instituição criada justamente para fortalecer a integração dos povos latino-americanos. Essa representação de uma presença maior do espanhol no Paraná pode ser decorrente dos processos de integração regional entre o Brasil e os países Sul-Americanos, como se percebe nestes enunciados:

PEf - você tem Argentina, as universidades que você, alguns alunos daqui saem do Brasil também para estudar na Argentina, para estudar no Paraguai, por exemplo, curso de Medicina, então, normalmente o espanhol está sendo muito influenciado agora, acredito que no Paraná, né, também o espanhol seja uma língua valorizada.

PEf - Até em relação à UNILA, como aqui tem a Universidade Latino-Americana, então, ela é integrada, então o espanhol, ela acaba sendo, com certeza vai acabar sendo uma segunda língua aqui pra cidade de Foz do Iguaçu, essa região de fronteira e também essa universidade que recebe todos os alunos que estão terminando o Ensino Médio de vários países da América Latina.

Acerca da indicação de uma ou de outra língua para que fosse feita a palestra (item 14), compete-nos apresentar o enunciado de um professor da escola da capital (PEc). Segundo esse informante, *“eu acho que o espanhol, eu acho que é mais fácil do público geral entender, né, pela proximidade da língua, depois o inglês, talvez se for só pra técnicos e tal, talvez o inglês fosse a mais adequada”*. Percebemos nesse enunciado uma diferenciação entre técnicos e público em geral, mostrando que, de acordo com essa representação, de maneira alusiva, haveria uma língua do conhecimento científico (inglês) e outra do conhecimento popular (espanhol), ou uma língua mais específica, para poucos conhecedores (técnicos) e a outra mais geral, mais próxima, de acesso mais amplo. Estão evidentes, portanto, dois tipos de aproximações às línguas, ou seja, para o inglês há um lugar de prestígio, de língua dominante, e para o espanhol, por ser a língua mais próxima do português, a língua possível, há um lugar da comunicação isolada, face a face.

Vale comentar, também, que para o item 13 foram dadas várias respostas relacionadas aos médicos cubanos, que trabalharam e trabalham no Brasil por ocasião do Programa Mais médicos, cuja cooperação se deu entre o Ministério da Saúde do Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Na nossa opinião, a recorrência desses enunciados se relaciona a uma experiência coletiva específica com a língua espanhola, uma vez que, de certo modo, para muitos brasileiros atendidos pelos profissionais cubanos, além de ter sido o primeiro contato com um falante nativo de espanhol, foi um momento de superação do preconceito que se criou em relação aos médicos cubanos, haja vista que foi bastante criticada a vinda deles para o Brasil. Um dos argumentos que pesava contra esses profissionais era a possível incompreensão da língua espanhola por parte dos brasileiros, argumento que foi logo desconstruído à medida que os atendimentos médicos foram sendo realizados.

5.4 Sei pouco, mas ele é bom pra tudo: representações sobre o inglês

É comum que se tente medir os conhecimentos das pessoas em relação às línguas. Para isso, existem as mais diversas formas de “encaixar” os falantes em determinados níveis. Citamos alguns, por exemplo: básico, intermediário, avançado, superior, entre outros. Principalmente no contexto do ensino de línguas estrangeiras, foram criados diversos tipos de exames, como o DELE, CELU (espanhol), TOEFL, IELTS (inglês), CELPE-BRAS (português), DALF (francês), entre outros, com classificações, tanto em nível oral quanto escrito, geralmente vinculados a cursos de idiomas e universidades. Podemos também citar os casos de proficiência exigida nos programas de pós-graduação, intercâmbios, mobilidades etc. O próprio Currículo Lattes, do CNPq, exige que ao cadastrar um novo idioma, o pesquisador assinale o seu nível de conhecimento (pouco, razoavelmente, bem) nas habilidades de leitura, fala, escrita e compreensão. Talvez em virtude dessas práticas, algo que apareceu com recorrência nas entrevistas foram formas de mensurar o quanto se sabe de inglês, mais do que em outras línguas, numa tentativa de, às vezes, justificar o tamanho ou a quantidade do seu saber. Seguem alguns exemplos:

MEr - inglês eu tive o tempo que eu estudei , digamos assim, foi mínimo o meu inglês, então não tenho muita.
PEr - alguma coisa eu diria que eu sei pronunciar em inglês.
AEr - aprendo um pouco de inglês.
AEr - desde o sexto ano foi inglês.
AEf - o inglês também sei falar algumas frases .
PEf- no caso somente o inglês, né, intermediário , comunicação, audição.
AEr - ia saber falar tipo já maisomeninho assim já, não bem, ia errar, mas errar é normal.

Essas tentativas de mensuração nos indicam que há, de fato, uma representação de que falta para esses informantes o desejado conhecimento/proficiência/fluência na língua inglesa e, portanto, não basta apenas dizer que conhece/sabe, é preciso justificar o quanto se sabe/conhece. Ademais, está presente nesses enunciados uma representação bastante recorrente de que, em se tratando de línguas estrangeiras, a escola pública regular não ensina mais do que “algumas frases”, “um pouco”, “o mínimo”, “maisomeninho”, entre outros. Mas, além disso, como já abordamos anteriormente, julgamos que o principal fator que pode explicar esta necessidade de mensurar o conhecimento do inglês é a representação de que essa língua é **a** língua

“importante”, de forma que é essa língua a que abriria os “caminhos do mundo”, a que permite uma comunicação verdadeiramente ampla, a que possibilita melhores postos no mercado laboral, a que permite usar qualquer dispositivo eletrônico sem maiores problemas e a que credencia a viajar para qualquer país sem se preocupar com o idioma local, entre outros. Outra hipótese defendida por nós é a de que o exercício da mensuração se faz necessário para esses informantes para criticarem o pouco que se aprende de inglês na escola pública regular, conforme representação recorrente na amostra que está sendo analisada. Não são poucos os estudos que dialogam com esse tema da insuficiência de aprendizagem do inglês nas escolas, os quais acenam para um cenário bastante caótico principalmente porque, por um lado, há uma tendência a culpar o professor pela não aprendizagem do seu aluno, como vimos em alguns enunciados na nossa pesquisa, por outro, se justifica essa não aprendizagem culpando o aluno pela falta de vontade e respeito em sala de aula. Aliado a isso, o número reduzido de aulas para o ensino de língua estrangeira quase sempre serve de justificativa quando o êxito esperado não se alcança.

No que diz respeito à representação que coloca o inglês como uma língua frustrante do ponto de vista de seu aprendizado na escola, é possível refletir, com base na nossa experiência na docência universitária em curso de Letras, que muitos alunos optam por fazer uma habilitação em língua espanhola porque não tiveram sucesso na aprendizagem de língua inglesa durante os anos da sua vida estudantil no Ensino Fundamental e Médio.

A essa altura das análises, é válido nos remetermos àquilo que expomos no capítulo 1 quando discutimos o “processo de desoficialização” das disciplinas de línguas estrangeiras na escola pública brasileira (RODRIGUES, F., 2012). Nosso entendimento é o de que essas tentativas de mensuração estão assentadas na representação de que na escola pública regular não se aprende língua estrangeira, representação essa que ao longo de décadas foi se consolidando e que afetou principalmente o inglês, a língua ensinada há mais tempo e em maiores proporções. Apesar de o eixo central do Guia de Livros Didáticos do PNLD (2011) prever que “é sempre importante lembrar que lugar de aprender línguas estrangeiras é na escola de educação básica” (BRASIL, 2010, p. 11), as representações sobre esse tema são contrárias. Para reforçar nossa argumentação, citamos o que aponta Monte Mór (2010, p. 577 baseada em UECHI, 2006): “a língua inglesa como língua estrangeira tem sido vista como uma ‘disciplina-problema’”. Além disso, a autora prossegue comentando que

Essas crenças ou percepções revelam que alunos, pais de alunos, professores, enfim, envolvidos no ensino público acreditam que a escola de educação

básica não se constitui o lugar no qual se aprende a língua inglesa; ou de que esse idioma só tem aprendizado eficaz fora da escola, na maioria das vezes em cursos de idiomas (MONTE MÓR, 2010, p. 577).

Sobre essa percepção de que a escola pública regular não é o lugar de aprender línguas estrangeiras, Costa (2011, p. 318) lamenta que

algumas secretarias estaduais de educação, ao fazerem parcerias com cursos particulares de idiomas para ministrar aulas de LE aos alunos da escola pública [...] ignoram o valioso papel construtivo da LE “como parte integrante da educação formal no ensino regular” (BRASIL, 1998, p. 41), sua função interdisciplinar e sua contribuição fundamental para a construção da cidadania.

É cabível lembrar, também, que essa representação do “fracasso” das línguas estrangeiras na escola regular é fruto da expectativa equivocada de que a escola deve ensinar a língua como se ensina em escolas de idiomas, como se fosse um fim em si mesmo. Não estamos afirmando que *como* se ensina línguas estrangeiras em escolas de idiomas é a maneira correta. O texto das OCEM é ilustrativo nessa questão:

o ensino da língua estrangeira, reiteramos, não pode nem ser nem ter um fim em si mesmo, mas precisa interagir com outras disciplinas, encontrar interdependências, convergências, de modo a que se restabeleçam as ligações de nossa realidade complexa que os olhares simplificadores tentaram desfazer; precisa, enfim, ocupar um papel diferenciado na construção coletiva do conhecimento e na formação do cidadão (BRASIL, 2006, p. 131).

Se por um lado está evidenciada essa necessidade de mensurar o tamanho do conhecimento de inglês, como expusemos acima, por outro lado se apresentam representações dos informantes relacionadas à utilidade dessa língua. Um dos enunciados que merece destaque é este de uma mãe de aluno da escola da fronteira (MEf): “*o inglês é bom pra tudo, né*”. Esse enunciado nos alertou para algo recorrente, a saber: a maioria dos informantes relaciona o inglês com o pronome indefinido *tudo*, que é antônimo de nada. Seguem alguns exemplos dessa relação:

PEr - tudo o que é bom vem dos EUA e tal.
PEf - porque tudo que a gente vê na internet está voltado ali pro inglês, sites, até nomes de sites são em inglês, <i>You tube</i> , <i>Facebook</i> , tudo , está tudo em inglês.

AEc - acho que a cultura norte-americana, conseqüentemente a língua, né, se você for ver músicas, livros, até coisas bobas do tipo frases assim tudo em inglês.
AEf - também assim uma coisa futura, porque tudo o que a gente for fazer em algum momento a gente vai usar o inglês, se a gente souber já é mais fácil.
PEr - Porque o inglês tem essa questão de pesquisa, o próprio Google, né, você coloca em inglês e vai achar tudo .
MEr - No mundo é o inglês. Tudo o que você vai abrir lá já tem o inglês junto, né.
MEf- acho que é o inglês. Tudo o que você vai ler é em inglês, né, os manuais, a maioria.
AEf- inglês. Porque ele está tudo, tudo escrito em inglês, assim vem de lá, eu acho, dos EUA, a maioria dos sites.

Essa representação de que **tudo** está em inglês ou de que ele é bom para **tudo** se alinha com a representação de que ele é uma língua universal, a língua hipercentral sobre a qual as outras orbitam na metafórica constelação linguística de Calvet (1999). E não há quem negue todo esse poderio da língua inglesa, inclusive há quem diga que o mundo caminha para um monolinguismo nessa língua. Mas por outro lado, como mencionamos anteriormente, há representações de que o inglês fracassa no seu ensino na escola pública brasileira, com falta de progressão nos conteúdos, com pouca possibilidade de fluência dos alunos nessa língua após alguns anos de estudo. Enunciados como “*Inglês não aprendi nada*” são bastante recorrentes e não causam espanto para quem os ouve. O que devemos esclarecer é que essas duas representações que estamos apresentando não se excluem uma em relação à outra, e que nem são contraditórias. Elas são resultados de experiências vivenciadas pelos informantes seja no ambiente escolar ou fora dele. No que diz respeito às representações sobre o inglês como língua que serve para tudo, apontamos que faltam critérios técnicos e específicos para que ocorra essa medição e atribuição de valor às línguas, assim como pensamos que a representação sobre a “insuficiência” do ensino do inglês na escola pública é resultado de um processo histórico que tende a não dar lugar às línguas estrangeiras. No entanto, o que se pode afirmar é que há, além das políticas linguísticas explícitas, marcas sutis e até um tanto quanto naturalizadas favoráveis ao inglês, como no caso apresentado a seguir.

O tratamento prestigioso dado ao inglês como *a língua estrangeira* fica evidente na página web da SEED-PR, na parte que trata dos conteúdos das línguas estrangeiras modernas, especialmente vinculadas ao Ensino Médio, quando inclui um link anunciando que, ao clicar

nele, o internauta acessará na íntegra as Diretrizes de Língua Inglesa (sic.)⁹⁴. No entanto, o referido link dá acesso às Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Estrangeira Moderna (PARANÁ, 2008), documento que orienta o trabalho com todas as línguas estrangeiras (alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês, mandarim, polonês e ucraniano) e não apenas uma. Além disso, nos últimos anos, a SEED-PR extinguiu setores administrativos destinados ao espanhol da sua estrutura organizacional e dos NRE's, fazendo com que os técnicos pedagógicos que atuavam nesses setores tivessem que voltar para as suas escolas onde estão lotados. A Secretaria também eliminou conteúdos da sua página web que veiculavam materiais para o ensino de língua espanhola na escola.

Baseado nos postulados sobre “hegemonia”, de Gramsci, e sobre *Habitus*, de Bourdieu, Lagares (2015) discute um pouco essa “naturalização” do lugar dados às línguas hegemônicas. Para ele,

Ao converter as consequências (a desigualdade social, de fato, entre as línguas) em causas, o liberalismo linguístico realiza uma inversão, oferece uma visão invertida da realidade, própria da ideologia (tal e como é entendida pelo Marxismo). Naturaliza as desigualdades e o lugar social que ocupam as línguas (e, portanto, os falantes) e, no extremo, acaba incorrendo em um certo “fatalismo”. Essa naturalização da desigualdade linguística pode ser associada à noção de “hegemonia” empregada por Gramsci, que a entende como uma espécie de “consentimento espontâneo” do conjunto da sociedade em relação à direção intelectual e moral dos grupos dominantes; esse consentimento alicerça a legitimidade do poder e produz as certezas do senso comum que se impõem a todos (LAGARES, 2015, p. 121).

E para dar tons de conclusão a este tópico, citamos um gesto de política linguística que, de certa forma, justifica o subtítulo usado nesta parte do capítulo: *Sei pouco, mas ele é bom pra tudo*. Esse gesto a que nos referimos é o programa Ciências sem Fronteiras, do Governo Federal, que, ao conceder bolsas de estudos, “busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional” (BRASIL, 2017)⁹⁵. Na sua primeira fase, a demanda por países como Espanha e Portugal foi tamanha que na sequência esses países não poderiam mais ser o destino dos estudantes. Dessa forma, ficou evidente o pouco conhecimento de inglês que possuem os universitários brasileiros. Mas, como “o inglês é bom pra tudo”,

⁹⁴ Link da página web a que nos referíamos: <<http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=142>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em 05 set. 2017.

principalmente para a ciência, o Governo Federal criou um novo programa para enfrentar o problema da falta de conhecimento dessa língua. Trata-se do Idioma sem Fronteiras, que tem como objetivo principal “promover ações em prol de uma política linguística para a internacionalização do Ensino Superior Brasileiro, valorizando a formação especializada de professores de línguas estrangeiras” (BRASIL, 2017)⁹⁶. E a exemplo do que ocorre no programa paranaense PFI, citado acima, o lugar de prestígio é dado ao inglês.

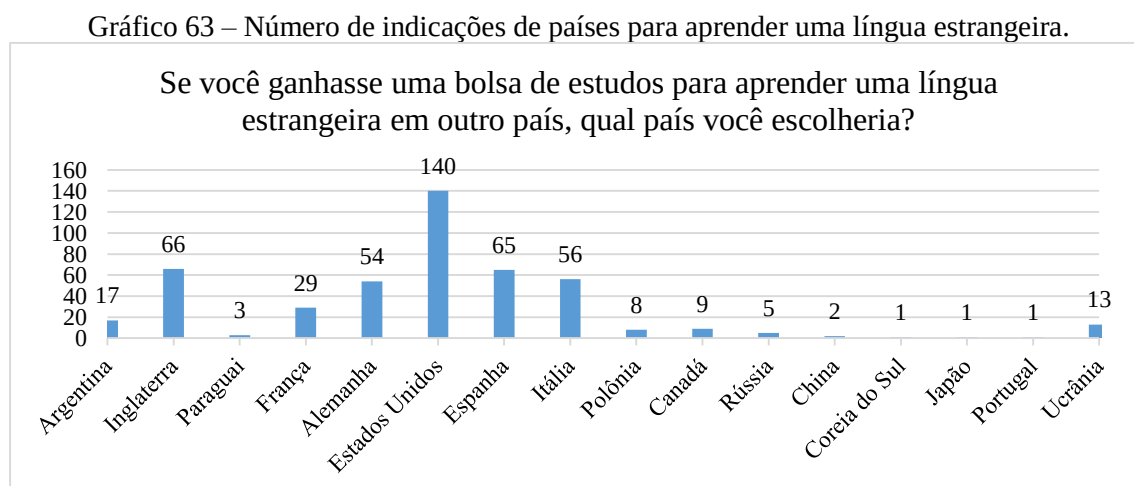
5.5 O mundo de portas abertas: diversidade de escolhas linguísticas

Merece nossa atenção a diversidade de respostas no item que tratava sobre o país preferido para viajar e aprender uma língua estrangeira, caso o informante tivesse essa oportunidade. Nas entrevistas, o maior número de menções (10) foi para os EUA. A Espanha recebeu a metade (5) das menções recebidas pelos EUA. Outros países citados pelos informantes foram os seguintes: Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Canadá, Grécia, Portugal, Ucrânia, Holanda, Noruega, Islândia, Jerusalém e Nova Zelândia. Houve também menções para Argentina, Paraguai e Cuba, mas não de preferência e sim de que se ouve falar de que alguém foi para esses países, ou para estudar ou para fazer compras. Atribuímos essa diversidade de preferências aos processos de globalização que diminuíram ou romperam barreiras e ao acesso à informação, de modo que são inúmeras as facilidades que se têm atualmente de investigar sobre os países, prever rotas, pesquisar quais línguas são faladas ali e quais os costumes das pessoas, assim como o clima, o custo de vida etc. Essa facilidade está atrelada, também, à internet, uma vez que esta favorece novas formas de comunicação, além de que é possível pesquisar e comprar passagens, fazer reservas em hotéis, entre outros.

Os motivos elencados para a escolha dos países também são bastante diversificados. Vão desde questões estéticas relacionadas à língua: “*Acredito que eu iria pra França, acho uma língua chique, diferente*”, passando por questões de buscar as raízes da família: “*A minha mãe falava bastante ucraniano*”, “*eu iria pra Itália, é como eu tenho descendente, eu sou meio descendente lá longe de italiano, poderia querer até, sei lá, ver ou conhecer um pouco lá das minhas raízes, coisa assim*”, “*É porque eu tenho parentes, família do meu marido moram lá, que foram pra lá, estão super bem, trabalhando e tudo, se eu pudesse também iria.*”, até escolher o país por questões afetivas: “*Mas eu sou apaixonada. Sou apaixonada pela cultura, pelo povo, por tudo ali*”.

⁹⁶ Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/programa-isf/entenda-o-isf>>. Acesso em: 05 set. 2017.

Essa diversidade de preferências foi expressada também pelos informantes nas respostas aos questionários, ou seja, na parte quantitativa da pesquisa. Além desses países já citados, nos questionários apareceram menções a outros países, como: Rússia, Polônia, Coreia do Sul, China e Japão. Os percentuais das respostas aos questionários podem ser visualizados no gráfico a seguir:



Fonte: Autoria própria.

A proporção dos números apresentados no gráfico é parecida com as respostas dos informantes nas entrevistas. No caso dos questionários, o número de indicações de preferência por países (EUA, Canadá e Inglaterra) de língua inglesa (215) é maior do que dobro de indicações de preferência por países (Argentina, Paraguai e Espanha) de língua espanhola (85). Países como Alemanha, França e Itália receberam um número expressivo de indicações. É preciso aclarar que esses resultados podem ser decorrentes das representações que valorizam os países ditos de primeiro mundo, desenvolvidos. Nesse particular, a comparação é pouco esclarecedora para a nossa análise, pois é apenas um indicativo numérico, uma vez que países como Argentina e Paraguai, por exemplo, não figuram entre as preferências para viajar e aprender uma outra língua segundo a representação dos brasileiros. Além disso, como se tratava supostamente de ganhar uma bolsa de estudos, com as despesas todas pagas, é possível que as escolhas tenham levado em conta o fator custo, isto é, viajar para onde custaria mais caro, uma vez que os valores seriam custeados pela bolsa. Nessa análise, viajar para os países vizinhos ao Brasil não seria uma opção atrativa para os informantes.

Vejamos a seguir o que dizem duas mães de alunos sobre esse tema:

MEr - bom, **pelo que eu vejo na tv** sempre falam bastante dos EUA, que é um país que tem mais, aí o que que eu vou dizer. França. Eu nunca parei pra analisar nesse caso, mas que **sempre comentam** de ir para os EUA, né.

MEf - **o povo fala nos EUA**, talvez, não sei, esses intercâmbios aí, de repente EUA, potência né.

Esses dois enunciados são representativos no sentido de explicitarem como as representações se constroem e são expressadas, advindas, nesse caso, de um sentido comum, sem que houvesse alguma reflexão sobre a vontade própria de escolher um país para aprender uma língua estrangeira. No primeiro enunciado, o que motiva a escolha pelo país é o que a informante **vê na tv**. No segundo, a escolha decorre daquilo que **o povo fala**. Nos dois casos se manifestam representações sobre aquilo que **mais se vê** e **mais se ouve**, isto é, a quantidade de informações que qualificam os EUA como um país desenvolvido, uma potência, que recebe um número significativo de intercambistas, certamente age na hora de os informantes manifestarem suas preferências. Como se pode notar, não está explícita em nenhum dos dois enunciados uma vontade própria de ir para os EUA, mas a reprodução das vontades da maioria.

Nesse ponto, vale a pena citar o que Raiter (2003) chama de sentido comum. Para este autor,

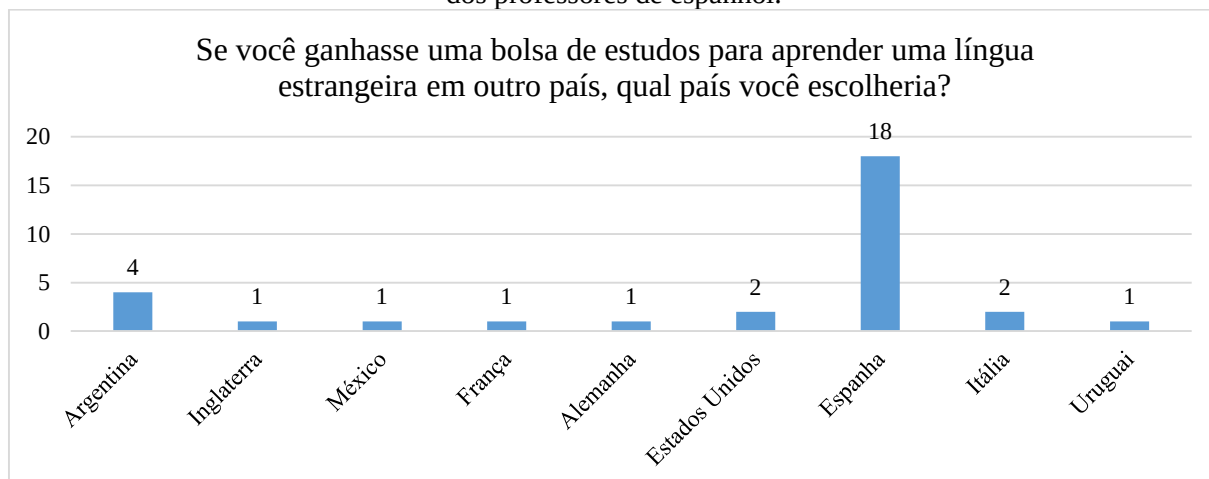
sentido común refiere al conocimiento acrítico o sin fundamento racional-científico, social o colectivamente distribuido. Utilizado muchas veces despectivamente, las verdades del sentido común no son perogrulladas, pero su afirmación o defensa no supone autoridad académica, ni otro conocimiento que el dado por la edad y la experiencia. Nuestras sociedades aceptan la posibilidad de equivocación de parte de quien no tiene conocimientos siempre que la verdad violada no se encuentre en el sentido común, porque está al alcance de todos (RAITER, 2003, p. 112)⁹⁷.

Voltando à análise do item que trata da viagem a outro país, merece ser explicitado que se trabalharmos apenas com as respostas dos informantes do grupo dos professores de espanhol não necessariamente vinculados às três escolas (aqueles que responderam o questionário *on*

⁹⁷ “sentido comum refere ao conhecimento acrítico ou sem fundamento racional-científico, social ou coletivamente distribuído. Utilizado muitas vezes com desprezo, as verdades do sentido comum não são obviedades, mas sua afirmação ou defesa não supõe autoridade acadêmica, nem outro conhecimento que o dado pela idade e a experiência. Nossas sociedades aceitam a possibilidade de equívocos da parte de quem não tem conhecimentos sempre que a verdade violada não se encontre no sentido comum, porque está ao alcance de todos” (RAITER, 2003, p. 112, tradução nossa).

line), os resultados dos questionários são bastante diferentes se compararmos com os resultados de todos os grupos de informantes, como se pode visualizar no gráfico a seguir:

Gráfico 64 – Número de indicações de países para aprender uma língua estrangeira somente do grupo dos professores de espanhol.



Fonte: Autoria própria.

Seguindo a mesma lógica comparativa entre as indicações para os países de língua inglesa e para os de língua espanhola adotada anteriormente, entendemos que os números são extremamente favoráveis ao espanhol, com vinte e quatro indicações (Espanha, Argentina, Uruguai e México) contra apenas três indicações para os países de língua inglesa (EUA e Inglaterra). Esses resultados, apesar de expressivos, não causam estranheza, pelo menos para nós, haja vista que há uma tendência de os professores de espanhol quererem viajar para países onde essa língua é falada, especialmente com objetivos de aprimoramento profissional e satisfação pessoal. Nesse caso, fica evidente a preferência por viajar à Espanha, com quatro vezes mais indicações do que recebeu a Argentina, que ficou em segundo lugar.

5.6 Os lugares das línguas em situação de minorização

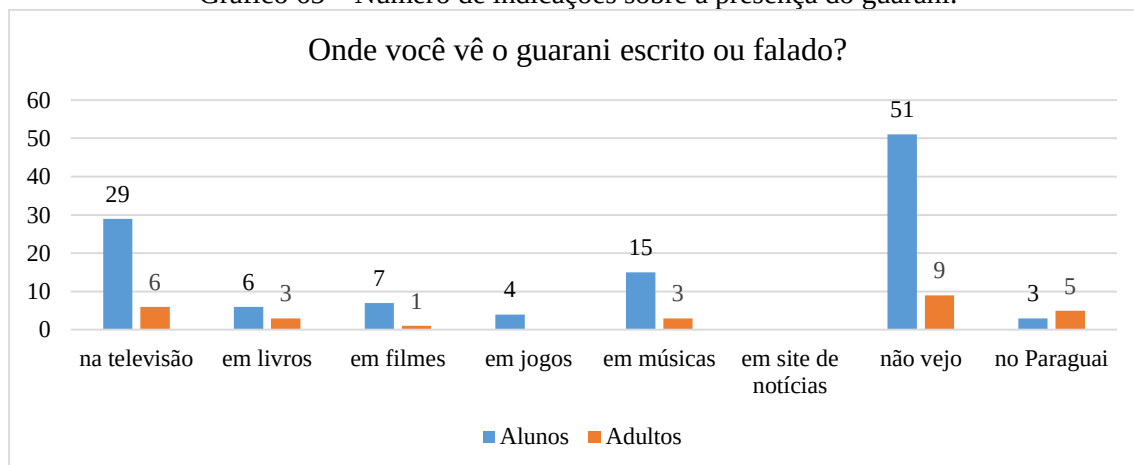
Neste item, fazemos referência a atitudes e representações relacionadas ao guarani e às línguas de imigração, especialmente o ucraniano, nos contextos da escola fronteiriça e da rural, respectivamente. Os lugares dados a essas línguas, no imaginário dos paranaenses, e que se pode depreender ao analisar as suas representações, são de “marginalidade” se comparados aos lugares atribuídos ao inglês e ao espanhol, por exemplo. É claro que essas línguas possuem um

estatuto diferente entre elas, pois, nos moldes que propomos a pesquisa, o guarani não é uma língua constitutiva do cenário linguístico brasileiro. Ela foi pensada no nosso estudo como uma língua de contato com o português na fronteira do Brasil com o Paraguai, língua que é cooficial (ao lado do espanhol) naquele país e é falada por grande parte da sua população, além de ser uma das línguas oficiais do MERCOSUL. Já as línguas de imigração, sobretudo a ucraniana, no contexto da escola rural, mantém uma relação de contato com o português dentro do país, ou seja, é falada no ambiente familiar e religioso por alguns membros da comunidade rural investigada. Nesse particular, vale fazer um alerta: em que pese trabalharmos com contato entre línguas, não é nosso propósito explorar essa área da Sociolinguística, nomeando seus precursores, definindo termos, explicando conceitos, entre outros. O que nos cabe é argumentar que, se há uma situação de minorização linguística, é porque há relações de contato desiguais entre línguas e seus falantes. Nesse sentido, o contato linguístico aqui é tratado porque entendemos que o lugar dado às línguas é decorrente das representações que os falantes têm dos outros falantes e das outras línguas. Para Ponso (2017, p. 186), o

estatuto das línguas em contato depende igualmente da natureza das relações sociais que se estabelecem, ao longo do tempo, entre sujeitos sociais e étnicos, seus códigos culturais e sistemas de valores linguísticos, habilidades, portanto, que os capacitam a construir padrões identitários. As identidades linguísticas dos sujeitos, assim, definem-se sempre em relação a um Outro e não são entidades fixas, mas construções discursivas fluidas, temporárias e historicamente determinadas.

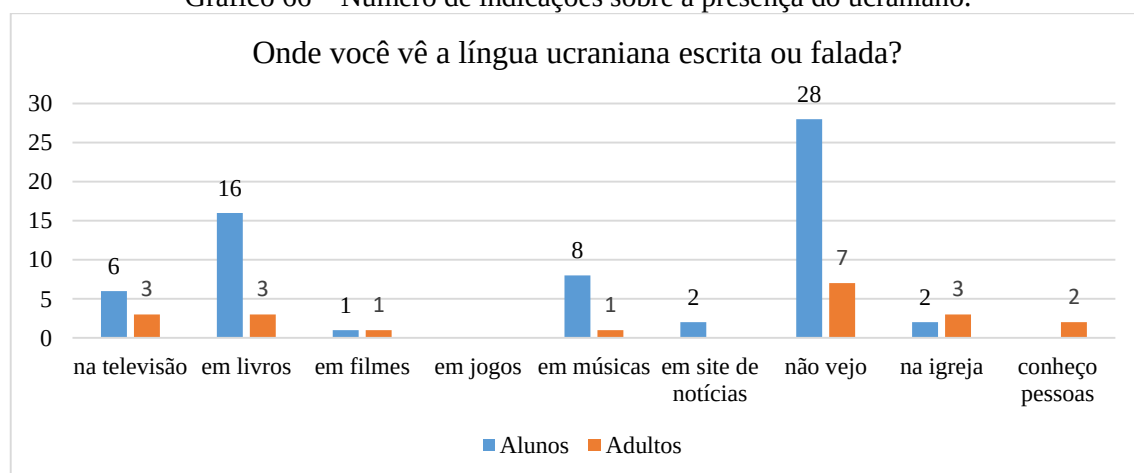
No primeiro capítulo desta tese fizemos referência, mesmo que de forma resumida, à diversidade linguística brasileira, de modo que são faladas em território nacional mais de duzentas línguas, entre autóctones e alóctones. A maioria dessas línguas vive em situação de minorização, ou seja, sem que a elas seja dado o devido valor e espaço. Isso decorre de um processo histórico que tentou e tenta manter a língua portuguesa como a única língua oficial do Brasil. No caso do ucraniano e do guarani, os números demonstram que, por um lado, são línguas constitutivas do imaginário paranaense, pois há diversas indicações de que os informantes **veem** essas línguas e, por outro, está explícito que são línguas em situação de minorização. Vejamos os números contidos nos dois gráficos apresentados a seguir:

Gráfico 65 – Número de indicações sobre a presença do guarani.



Fonte: Autoria própria.

Gráfico 66 – Número de indicações sobre a presença do ucraniano.



Fonte: Autoria própria.

Tanto no caso do ucraniano como do guarani, percebemos um número significativo de indicações de informantes que **não veem** o guarani, em Foz do Iguaçu, e o ucraniano, em Irati. Isso é um dado que confirma uma das nossas hipóteses de que essas são línguas que estão em situação de minorização, conforme as representações dos informantes⁹⁸. Aqui vale um

⁹⁸ No que diz respeito às representações sobre o guarani, cito uma casualidade que não constitui o *corpus* da pesquisa e que ocorreu no período em que escrevíamos esta parte do capítulo: enquanto lavava a louça do almoço, no feriado de 7 de setembro, eu ouvi numa emissora de rádio, num programa de humor,

esclarecimento: se o guarani ocupa um lugar desprestigiado para os informantes que participaram da nossa pesquisa, isso não significa que no Paraguai ele esteja em situação de minorização. Pela leitura que fazemos dos números apresentados nos últimos dois gráficos, fica também bastante evidente o lugar dessas duas línguas, em seus respectivos contextos. Para oito informantes de Foz do Iguaçu, de forma espontânea, ou seja, sem que houvesse essa alternativa de resposta no questionário, o lugar do guarani é o Paraguai. No caso de Irati, cinco pessoas manifestaram espontaneamente que o lugar do ucraniano é a igreja. Como mostramos anteriormente, se por um lado essas línguas estão em situação de minorização, por outro, não se pode negar que elas figuram entre as línguas presentes no imaginário dos paranaenses, seja no contato interno com o português, no caso do ucraniano, seja no contato fronteiriço entre os dois países, no caso do guarani.

Outro dado que merece ser explorado é a diferença entre duas gerações, a de adultos (com média de idade de 40 anos) e a de alunos (com média de idade de 15 anos), no que diz respeito ao número de indicações no item *não vejo o guarani/não vejo o ucraniano*. Não são poucos os estudos que mostram que, no Brasil, está havendo, geração após geração, uma redução na conservação de elementos culturais trazidos pelos imigrantes, entre eles as línguas em situação de minorização. No caso da fronteira, o fato de brasileiros jovens manifestarem que não veem o guarani se alinha com a representação de que, naquela região, o guarani é colocado na condição de “marginalidade”, se comparado às outras línguas, como o inglês, o português e o espanhol.

Para ilustrar essa nossa argumentação de que essas línguas, mesmo em situação de minorização, são constitutivas do imaginário paranaense, citamos dois enunciados⁹⁹ nos quais os informantes manifestam explicitamente a representação de que as duas deveriam ser mais valorizadas. O primeiro desses enunciados foi proferido por um aluno da escola rural (AEr). Segundo ele, “*Já o ucraniano é um idioma regional que nós que pertencemos e deveríamos dar*

os radialistas fazendo comentários sobre a Independência do Brasil e tecendo críticas acerca da colonização portuguesa, citando que Portugal não é um país atrativo e que nem mesmo a língua herdada dos portugueses é bonita. Nessa discussão, os locutores compararam o português ao francês. Disseram eles que na França até mesmo as crianças faveladas (sic.) são mais bonitas porque estão na favela falando em francês, enquanto que no Brasil, os *faveladinhos (sic.) falam em carioca com guarani*. Essa representação que atribui ao guarani um tom de inferioridade e de feiura (que é o contrário da boniteza do francês) é a manifestação clara de que o lugar dessa língua é a margem, acionando para isso uma representação de que é na favela, na periferia, que ela tem lugar. Se aciona, também, uma representação de que é apenas no Rio de Janeiro onde se encontram as favelas brasileiras.

⁹⁹ É oportuno esclarecer que esses dois enunciados foram escritos de forma espontânea pelos dois informantes no campo dos questionários destinado a justificativas e comentários. A consigna era a seguinte: *Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.*

valor, por ser nossa cultura”. O segundo enunciado foi emitido¹⁰⁰ por um chefe de NRE. Para esse informante, *“O guarani deveria ser ensinado no Brasil pelo valor identitário que possui”*. Nos dois enunciados há marcas de valorização dessas línguas atreladas à questão identitária e cultural.

Esse argumento de que as línguas em situação de minorização devem ser valorizadas por uma questão cultural e identitária é o que tem dado o tom nas discussões sobre políticas linguísticas a favor dessas línguas. Aliás, diga-se de passagem, essas políticas linguísticas muito têm contribuído para diminuir os preconceitos que pesam sobre as línguas em situação de minorização e seus falantes. Payer (2006, p.194), ao tratar das línguas de imigração, especialmente do italiano no Estado do Espírito Santo, sustenta que

O modo como as línguas estrangeiras se colocam como presença a ser administrada no processo de configuração da Nação Brasileira conduz à consideração de que essa presença, silenciada através da afirmação da língua nacional, teve um papel estruturante, de relevo mais fundamental do que fazem crer as narrativas da memória oficial.

Especificamente no contexto das línguas de imigração, no Centro-Sul do Estado do Paraná, o Núcleo de Estudos Eslavos (NEES), órgão interdepartamental vinculado à UNICENTRO, *Campus* de Irati, desenvolve ações em parceria¹⁰¹ para dar visibilidade à cultura eslava. Entre os objetivos do NEES estão:

Agrupar pesquisadores e extensionistas para, numa ação conjunta, ampliar as discussões em torno da temática eslava;
Desenvolver atividades extensionistas, vinculadas a ações de pesquisa e ensino, que possibilitem a promoção da visibilidade da cultura eslava na região de abrangência da UNICENTRO.
Despertar o interesse das comunidades eslavas sobre a necessidade e importância de mapear seu patrimônio cultural;
Registrar alguns elementos do patrimônio linguístico por meio de dados orais e escritos – montagem do banco de dados Variação Linguística de Fala Eslava – Varlinfe;
Documentar e difundir os saberes e modos de fazer, as formas de se expressar, os rituais, as brincadeiras, o idioma, as crenças, entre outros aspectos culturais e linguísticos da cultura eslava (NEES, 2017).

¹⁰⁰ A emissão desse enunciado ocorreu no questionário *on line*, na parte destinada a comentários.

¹⁰¹ O NEES mantém parceria com vários órgãos e instituições nacionais e internacionais. Entre essas parcerias estão algumas universidades polonesas e ucranianas, como a Universidade de Varsóvia, a Universidade da Silésia, a Universidade de Kielce, a Universidade Pedagógica Nacional Mykhailo Petrovich Dragomanov, a Universidade Nacional Oles Honchar, para citar algumas.

Além disso, devemos fazer referência novamente às inúmeras iniciativas de políticas linguísticas que culminaram na cooficialização de línguas. Atualmente, no Brasil, são línguas oficiais ao lado do português onze línguas, espalhadas em dezessete municípios e sete estados brasileiros, como citamos no capítulo 1.

Cabe destacar que estamos cientes de que preservar um patrimônio cultural como são as línguas em situação de minorização não é uma tarefa fácil, principalmente se levarmos em conta o que Oliveira (2013, s/p.) assinala: “o Brasil tem uma triste tradição de políticas de destruição do patrimônio linguístico nacional”, ou seja, não é da natureza das políticas linguísticas brasileiras a preservação de línguas em situação de minorização em nosso país. Além disso, como menciona Rodrigues, L. (2012, p. 370).

O *status* econômico é, sem dúvida, o fator mais relevante na manutenção ou substituição linguística. Nos lugares onde os falantes da língua minoritária possuem um *status* econômico relativamente baixo, há uma forte tendência a substituir sua língua pela língua majoritária.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme está em seu sítio eletrônico¹⁰², é um órgão responsável por

preservar a diversidade das contribuições dos diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira e seus ecossistemas. Esta responsabilidade implica em preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para a atual e as futuras gerações (IPHAN, 2014).

São vários os patrimônios materiais e imateriais preservados com o auxílio do IPHAN, porém, muitos patrimônios estão sucumbindo à configuração de sociedade do século XXI. Um elemento importante para ser colocado em discussão quando o assunto é conservação de línguas em situação de minorização são os “direitos linguísticos”. Hamel (2003, p. 51) menciona que, coletivamente, os direitos linguísticos versam sobre o direito “de manter sua identidade e alteridade etnolinguística. Cada comunidade deve poder ‘estabelecer e manter escolas e outras instituições educativas, controlar o currículo e ensinar nas suas próprias línguas’”.

Não é demais apontarmos que essas discussões acerca das línguas em situação de minorização contribuem para o desenvolvimento de uma consciência de que não é frutífera a naturalização das hegemonias linguísticas. Nesse sentido, citamos um fragmento do texto de

¹⁰² Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 25 set. 2017.

Silva (2017, p. 7), que elucida um pouco certas naturalizações dos lugares que ocupam as línguas.

Ao aceitar a inevitabilidade de as línguas majoritárias – particularmente as nacionais – serem as únicas passíveis (e desejáveis) de assumirem funções e posições normativas em dada estrutura social, os discursos hegemônicos acabam por legitimar não só a superioridade inquestionável das línguas dominantes e todo o valor simbólico de mais adequadas à modernização que elas já carregam, como também os processos sócio-históricos e sociopolíticos de dominação colonial e pós-colonial, os quais, como sabemos, tiveram na língua e em sua discursivização um dos principais meios de legitimação. Tais discursos se revelam problemáticos, na medida em que o resultado de um processo histórico é tomado como algo natural e, portanto, inevitável e irreversível na contemporaneidade – não há espaço para pensar que outras línguas possam ocupar um *status* de legitimidade social, já que este é e sempre será o lugar do inglês, do espanhol, do francês...

Seguindo essa mesma perspectiva, mas com preocupações mais voltadas para os contextos de sala de aula em contextos multilíngues, Unamuno (2003, p. 57) pontua que

la existencia de más de una lengua en nuestras aulas puede considerarse un recurso muy interesante para “hacer lengua”: nos permite trabajar *como lingüistas*, contrastar formas y usos verbales (entre lenguas y entre dialectos diferentes de una misma lengua), describir y explicar su funcionamiento social, comparar la manera de comunicarse de diversas culturas, etc. También nos permite incidir sobre las actitudes hacia las lenguas, incentivando el interés hacia ellas y promoviendo una actitud positiva hacia el multilingüismo. Este tipo de actitudes (contrarias a aquellas que tienen los que creen que la diversidad lingüística dificulta la comunicación) favorece el aprendizaje y el respecto a los demás. Las lenguas, como bienes culturales, son transmisibles y acumulables, se pueden adquirir sin que esta adquisición comporte renuncia alguna. Por ello, son elementos importantísimos en los procesos de integración¹⁰³ (itálico da autora).

Como se nota nas palavras da autora, há uma defesa explícita do plurilinguismo, de modo que se enriquece o trabalho docente (e do linguista) quando há mais de uma língua ou dialeto na escola. No entanto, como a história nos mostra, com fatos recentes de decisões

¹⁰³ “a existência de mais de uma língua em nossas aulas pode considerar-se um recurso muito interessante para ‘fazer língua’: nos permite trabalhar *como linguistas*, contrastar formas e usos verbais (entre línguas e entre dialetos diferentes de uma mesma língua), descrever e explicar seu funcionamento social, comparar a maneira de comunicar-se de diversas culturas, etc. Também nos permite incidir sobre as atitudes sobre as línguas, incentivando o interesse sobre elas e promovendo uma atitude positiva em relação ao multilinguismo. Este tipo de atitudes (contrárias àquelas que têm os que creem que a diversidade linguística dificulta a comunicação) favorece a aprendizagem e o respeito aos demais. As línguas, como bens culturais, são transmissíveis e acumuláveis, se podem adquirir sem que esta aquisição comporte renúncia alguma. Por isso, são elementos importantíssimos nos processos de integração” (UNAMUNO, 2003, p. 57, itálico da autora, tradução nossa).

políticas, há uma tendência maior à exclusão das línguas na escola a favor de uma língua hegemônica.

5.7 Representações sobre o plurilinguismo paranaense

Para fazer, de certa forma um contraponto com as análises apresentadas na parte anterior deste capítulo, nesta parte analisaremos as atitudes e representações dos informantes sobre o plurilinguismo paranaense e como eles analisam o quadro da oferta de línguas nas escolas. Colocaremos em evidência alguns enunciados que julgamos representativos, os quais advieram, principalmente, das respostas dadas pelos informantes ao item 3¹⁰⁴ do roteiro de entrevistas. O que merece ser destacado inicialmente é que quase todos os informantes avaliam como necessário o aumento da oferta de línguas estrangeiras nas escolas paranaenses. Os motivos para esse aumento são variados e serão melhor explorados na sequência. Por exemplo, no enunciado a seguir, um aluno da escola fronteiriça (AEf) acena o seguinte:

AEf - bom, eu acho assim que devia ter mais, eu acho que são assim muito importantes pra quem quer sair pra fora do país, tentar uma faculdade fora, eu acho que as escolas deveriam adotar mais, ter mais línguas diferentes, mais culturas.

Como se pode notar, esse informante concorda com a adoção e oferta de mais línguas na matriz curricular e atribui a uma possível saída do país para estudar, fazer um curso superior. Compete-nos, também, aclarar que o informante vincula as línguas às culturas, o que supõe uma representação positiva no sentido de não olhar as línguas somente como instrumentos de comunicação e amontoados de regras gramaticais. Essa representação sugere que o aluno percebe as línguas nas escolas como parte de um processo que contribui para a formação dos alunos enquanto cidadãos que atuam em sociedade.

No enunciado a seguir, o informante expressa sua posição em relação à oferta de línguas estrangeiras na matriz curricular.

¹⁰⁴ Quantas e quais línguas você acha que são ensinadas nas escolas do Paraná? O que você pensa sobre isso? Deveriam aumentar/diminuir esse número de línguas? Por quê? Quais deveriam ser substituídas/excluídas/incluídas?

PEc - eu acho pouco, eu acho que devia ter mais, tinha que ter, tinha que ter. A língua é porta aberta pra uma outra cultura, né, então falta.

O argumento utilizado por esse informante é significativo, pois entende a língua como sendo uma *porta aberta pra uma outra cultura*, enunciado este que se relaciona com o anterior e que vai mais além, pois usa a metáfora da porta que se abre, que possibilita adentrar em novas culturas por meio da língua, isto é, não se limita a perceber a língua como um instrumento de comunicação.

Na sequência, o informante adota no seu discurso uma posição de paridade entre as duas línguas estrangeiras mais ofertadas nas escolas paranaenses.

AEr - Acho que tinha que ter inglês e espanhol à noite, pra todo mundo.

No seu entendimento, tanto o inglês como o espanhol deveriam compor o quadro de disciplinas que os alunos “da noite”, ou seja, do Ensino Médio, deveriam cursar. Esse enunciado é representativo do ponto de vista das disputas que ocorrem entre os que defendem a oferta de uma dessas línguas e os que defendem a outra. Na nossa opinião, esses esforços deveriam ser no sentido de lutar a favor de que essas duas (e outras) línguas estivessem presentes no currículo das escolas. Os três enunciados apresentados a seguir se alinham com isso que comentamos:

MEr - Eu acho que até seria bom se tivesse mais, né, opção, por (sic) hoje em dia, né, os idiomas, né, as crianças, né, depois no futuro, né. Eu acho que seria interessante, né, ter mais línguas, né.

AEc - bom, eu acho que quanto mais, melhor [...] mas podia ter mais língua também, é interessante, o francês seria legal, outras línguas [...] como eu já disse, quanto mais melhor.

DEc - não sei, eu acho que deveria ser mais, devia ter pelo menos mais umas duas, né, só tem duas, devia ter pelo menos mais umas duas, pelo menos o francês e o italiano, eu vejo assim, devia ter pelo menos mais umas duas.

Como se pode notar, os enunciados acima convergem para uma mesma representação de que há necessidade de se ter mais línguas presentes nas escolas. Nossa proposta de colocar três enunciados em sequência, que apontam no mesmo sentido, é para mostrar que informantes pertencentes a grupos diferentes, nesses casos representados por uma mãe de aluno da escola

rural (MEr), um aluno da escola da capital (AEc) e o diretor da escola da capital (DEc), respectivamente, se posicionam a favor do plurilinguismo nas escolas, independentemente do lugar e da relação que mantém com a escola.

O enunciado que se apresenta adiante nos possibilita uma reflexão acerca do papel que o ensino de línguas poderia/deveria exercer nas escolas públicas.

PEf - se vai colocar as duas, espanhol e inglês, coloca de tal a tal ano espanhol e de tal a tal ano inglês, ou optativa, agora sem, não dá, porque vai fazer muita falta mais pra frente e aí a pessoa vai ter que buscar outros recursos, com dinheiro e tudo mais, então é uma coisa boa pra ser aproveitada porque é de graça.

Chama-nos a atenção para o fato de o informante acionar na sua resposta a questão financeira que está implicada no ensino de línguas. De modo claro, o informante se preocupa com o que pode acarretar se aos alunos não for oportunizada a possibilidade de aprender línguas na escola. Isso porque haverá um custo (e alto, diga-se de passagem) se esses alunos quiserem aprender uma língua fora da escola. Aqui se abre possibilidade para diversas análises, seja no tocante à gratuidade (de graça) do ensino de línguas na escola pública, seja no que diz respeito ao papel das línguas estrangeiras na escola, entre outros caminhos para analisar. Mas o que selecionamos para fazer algumas considerações é esta atitude do informante: “sem, não dá”. Esse fragmento é representativo do ponto de vista de que por mais que se tente desarticular o ensino de línguas na escola pública, dando às línguas, às vezes, lugares marginais na organização escolar, seja no horário das aulas, seja nas condições básicas de infraestrutura e de respeito, há uma representação de que é preciso lutar pelas línguas estrangeiras e empunhar a bandeira de que “sem, não dá”.

E para concluir essa parte das análises, apresentamos um enunciado de uma mãe de aluno da escola da capital (MEc) que contribui para entendermos que a representação da necessidade de luta pelas línguas estrangeiras nas escolas é legítima, haja vista que, se não houvesse outros motivos, estamos tratando de um contexto marcado pelo plurilinguismo.

MEc - ah, no Paraná é, no Paraná, é uma Europa, né, eu falo que o Paraná é, é um pedaço da Europa, porque quando eu mudei de São Paulo pro Paraná, eu achei que eu estava num outro país, é, é, porque é muita diferença, né, não que em São Paulo a gente não tenha isso, mas os costumes são muito diferentes, a forma, o vocabulário é diferente. Às vezes eu chamava algo

de um nome e eles usavam outro. Até eu descobri o que eles estavam querendo dizer, eu levava um tempo. Então eu acredito que poloneses, eu convivi com gente que falava polonês, alemão, o italiano, né, o que mais? assim que eu convivi, nesses quinze anos que eu morei ali em Cascavel, né, tinha o pessoal do Sul, né, do Rio Grande do Sul que também tinha um outro vocabulário, mesmo interno. É um vocabulário do pessoal daquela região, né. É um vocabulário diferente. Então eu percebo assim no Paraná existem várias formas, né, diferente de São Paulo, eu percebo. Eu fui criada em São Paulo, mas era diferente.

Esse enunciado é representativo em vários aspectos. Um deles é a representação da diversidade linguística, seja no sentido de línguas diferentes ou no de variantes da língua portuguesa. Mas acima de tudo, ele é representativo porque mostra claramente que a informante possui uma experiência real com plurilinguismo, que pode parecer uma representação exagerada e com tons de ingenuidade, mas está manifestada e não cabe nosso questionamento.

Nosso objetivo com essa discussão sobre o plurilinguismo paranaense foi o de colocar em evidência uma representação que de certa forma se contrapõe com o que tratamos na parte anterior sobre as línguas minorizadas. Para tanto, selecionamos enunciados representativos de diferentes grupos de informantes e de diferentes contextos paranaenses. Concluímos que estão agindo sobre as representações dos informantes uma tendência a valorizar o plurilinguismo nas escolas, ou seja, querem que o poder público desenvolva políticas para inserção das línguas na matriz curricular e para a sua valorização nas escolas. Os motivos são variados e os que mais se sobressaem são aqueles que relacionam as línguas às possibilidades de desenvolvimento cultural e de sair do país para estudar fora. Além disso, ficou nítida a preocupação de que os alunos devem aproveitar a oportunidade de aprender línguas na escola regular, pois se não for assim, terão que custear os gastos com recursos próprios se quiserem aprender línguas fora da escola.

A nosso ver, é possível analisar que, com base nos enunciados apresentados sobre as línguas minorizadas e sobre o plurilinguismo paranaense, de maneira simultânea há uma certa negação de uma realidade linguística existente no Estado e uma reafirmação de uma suposta diversidade que, obviamente, não corresponde com o real. Nesse sentido, a denominação “uma Europa” é significativa.

Palavras finais do capítulo

A modo de conclusão, é oportuno destacar que buscamos analisar ao longo deste capítulo os lugares que as línguas ocupam no imaginário dos paranaenses. Para isso, fomos apresentando enunciados e números que expressam atitudes e representações sobre esses lugares. É válido esclarecer que algumas representações presentes nas respostas dos informantes, assim como resultados quantitativos acerca de determinado tema, já foram objeto de outros estudos e, por isso, não dedicamos espaço a elas por já terem sido pesquisadas e aprofundadas em outros momentos. Não se trata, portanto, de desprezar regularidades presentes na nossa amostra, apenas optamos por discutir aquelas regularidades que nos pareciam menos exploradas.

A título de exemplo, citamos que a representação de que o inglês é uma língua universal, mais falada, é recorrente nos nossos dados e já foi devidamente explicada e analisada por outros estudiosos. Outra representação que se fez presente foi a de que o espanhol é uma língua fácil, e, nesse caso, resolvemos mostrar que apesar de aparecer a representação da facilidade, preferimos priorizar a relativização dessa facilidade e a falta de ingenuidade observada nos enunciados sobre esse tema. Outra representação que não ganhou destaque nas nossas análises por não ser o foco da nossa interrogação, mas que não minimizamos a importância deste problema, é a de que o brasileiro não sabe falar português, conforme expressa neste enunciado: *“eu só falo o português, mal, mal, muito mal, como eu sou professor de exatas, então falo errado, às vezes, ainda, né, e escrevo errado, isso sem problema nenhum, mas consegui passar no concurso”*. Faraco (2013) assinala que essa representação de que o brasileiro não sabe falar português é herdada. Segundo ele,

No fundo, essa situação é herança, de um lado, da sociedade colonial radicalmente dividida econômica, social e culturalmente. Essa divisão se manifestou também, como não podia deixar de ser, na língua constituindo a polarização do português brasileiro entre as variedades usadas pelos estratos sociais melhor situados econômica e culturalmente e as chamadas variedades populares que se tornaram alvo de pesado estigma. De outro lado, essa situação de ter duas normas em conflito é efeito da cultura do colonizado. O desejo de ser europeu e “civilizado” (desejo muito forte no século XIX no segmento social, econômica e culturalmente melhor situado) nos levou a *desmerecer nosso próprio modo culto de falar e escrever*. O que era diferente passou a ser visto como “errado” e a intelectualidade mais conservadora no Segundo Império passou a defender a necessidade de seguirmos a sintaxe típica dos escritores do Romantismo português (FARACO, 2013, p. 388-389, *itálico nosso*).

Além disso, em que pese ter aparecido em vários relatos dos informantes esta representação, optamos por não dedicar tanto espaço nas discussões para os equívocos de

inclusão do português em uma sequência de estrangeiridade, como quando perguntamos qual é a língua mais parecida com a sua. Nesses casos, quando se responde que o português de Portugal é mais parecido, de forma espontânea, sem que se desse essa opção de resposta, trata-se de uma percepção de especificidade dentro da própria língua, isto é, os informantes que fizeram essas menções são conscientes de que há diferenças entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE). Como exemplo, citamos três enunciados a esse respeito:

PEf - a mais parecida? Português de Portugal.
AEf - tem o português de Portugal também.
AEc - eu acho que o português, o português de Portugal.

E para finalizar essa discussão, citamos um enunciado de um professor da escola da capital (PEc) que nos chamou a atenção, mas que como apareceu apenas uma vez na nossa amostra, não entendemos que seria o suficiente para uma indagação. O referido enunciado atribui ao PE uma distância maior em relação ao PB do que se compararmos o PB com o espanhol. Segundo esse informante, “a mais parecida é o espanhol, porque o português de Portugal se você for ver, meu Deus do céu, não dá pra entender quase nada, já a nossa, o espanhol é parecido”.

E para concluir este capítulo, apresentamos uma citação de González (2011), que ao tratar das memórias do espanhol no Brasil, em certa medida, resume o que vimos mostrando sobre os lugares das línguas. Para a autora,

Espero/amos, portanto, que mesmo não deixando de reconhecer a importância que o espanhol possa ter e de fato tem no cenário mundial, ao menos neste momento da história (já que nada para a história é definitivo, exceto como registro de um momento), ele possa continuar sendo, **no Brasil e para o Brasil**, também a língua dos antepassados de muitos, a língua dos nossos muitos vizinhos, de aquém e de além mar, efetivamente pluricêntrica e gostosamente multifacetada, como é a nossa própria língua portuguesa; que ele possa continuar a ser uma língua de acesso a bens culturais, língua de fruição, de deleite; que permita estreitar laços para além dos interesses comerciais; e que possa conviver com as outras com as quais divide espaços, tanto geográficos quanto políticos e sociais” (GONZÁLEZ, 2011, p. 147-148, negrito da autora).

Concordamos plenamente com as palavras da autora e afirmamos que nossa expectativa e anseio é que o espanhol e as outras línguas ocupem lugares de convivência harmoniosa, que

representem espaços para o deleite e para o acesso a bens materiais e imateriais e, por fim, que em cada língua seus falantes possam fazer fruir seus argumentos, ideias e sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tentamos indagar lugares que as línguas ocupam no imaginário dos paranaenses. Para alcançar esse objetivo, lançamos mão de instrumentos e procedimentos oriundos da sociolinguística para compor a fundamentação teórica e o *corpus* da pesquisa. As análises do *corpus* nos levaram a concluir que há uma certa relativização no que diz respeito à facilidade do espanhol para os informantes, e que essa relativização é decorrente, segundo a nossa argumentação, do processo de escolarização que passou essa língua nas últimas duas décadas. Concluímos também que o espanhol aparece imaginariamente mais relacionado a situações de leitura e o inglês a situações de comunicação oral. Além disso, ficou evidente, também, no nosso estudo, que o espanhol é a língua possível para o brasileiro, que em supostos casos de necessidade comunicativa se apela a essa língua na falta do português, assim como é a língua estrangeira de preferência para quem faz exames seletivos como o vestibular e o ENEM, por exemplo. Percebemos nos dados, ademais, que o inglês aparece como uma língua que “serve para tudo”, que é a língua da ciência e que a escola não é o lugar de aprender essa língua, apesar de que se manifeste nos enunciados dos informantes uma posição favorável ao aumento da oferta de línguas estrangeiras na matriz curricular das escolas. Além disso, a análise do *corpus* nos possibilitou mostrar que os informantes veem o Paraná como um Estado plurilíngue e que as línguas minorizadas oscilam entre a negação da sua existência e a reafirmação de uma suposta multiplicidade. Essas conclusões estão assentadas nas análises que fizemos das atitudes e representações linguísticas manifestadas pelos informantes que participaram da pesquisa e a nossa discussão se ancora em fatos político-linguísticos que foram sendo apresentados ao longo da argumentação. É necessário enfatizar que os dados da nossa pesquisa revelaram muitas contradições acerca dos lugares que as línguas ocupam no imaginário dos informantes. E essas contradições são resultado de políticas linguísticas e educacionais também contraditórias.

Afirmar precisamente qual é o lugar (no singular) das línguas (e especialmente do espanhol) no imaginário dos paranaenses é uma tarefa árdua, quase impossível. E essa impossibilidade nasce justamente porque os lugares que as línguas ocupam no imaginário das pessoas são relativos e diversos, a depender de como essas opiniões são abordadas. Além disso, esses lugares são resultados de circunstâncias e processos de implantação histórica, como a inserção escolar do espanhol no Brasil. E porque esses processos são contraditórios e coexistem com circunstâncias anteriores é que não é possível pensar *um* único lugar. No caso particular do espanhol, ele ocupa lugares diferentes porque assume papéis diferentes, ora como língua

“combatente” ao monopólio e hegemonia do inglês, por exemplo, ora como língua a ser “combatida”, por representar uma dificuldade de emergência de línguas e culturas em situação de minorização. Sendo assim, apoiamo-nos em Del Valle e Villa (2005, p. 224) para assinalar que

el español juega un rol ciertamente complejo: por un lado, como lengua internacional que es, sus defensores la ofrecen como posible contrapeso a la hegemonía del inglés y afirman la necesidad de crear en torno a ella un espacio de lealtad (una comunidad lingüístico-cultural) capaz de resistir la embestida de aquél y de lo que representa; por otro lado, y de nuevo por ser lengua internacional, los defensores del español legitiman su estatus y extensión con argumentos predominantemente utilitarios y mercantilistas casi idénticos a los esgrimidos en la promoción del inglés. Y aquí se encuentra precisamente una de las principales trampas discursivas que encierra la defensa del español: usar la amenaza del inglés como coartada para imponer un cierre de filas en torno al español que, como con el inglés, sirva unos intereses económicos y políticos muy concretos (los mismos en realidad), y que dificulte la emergencia de culturas lingüísticas alternativas.¹⁰⁵

No que tange à relativização da facilidade do espanhol para o brasileiro, concluímos que a proximidade tipológica e genética entre o português e o espanhol não se traduz instantaneamente e de forma ingênua em facilidade, como se traduzia até pouco tempo atrás. Tentamos mostrar que as representações sobre o espanhol passaram de uma língua de “competência espontânea”, que não merecia aprendizagem porque “era muito fácil”, parecida com o português, a uma língua que requer aprendizagem ou que causa expectativa de aprendizagem, ou seja, a imagem sobre o espanhol passa de um *status* de língua não merecedora de estudo para um *status* de língua a ser estudada e aprendida, chegando em alguns casos a ser equiparada com a língua inglesa em termos de importância e extensão. Atribuímos essa mudança de representação aos efeitos do processo de curricularização que passou o espanhol na escola brasileira, motivado principalmente pela já revogada Lei nº 11.161/2005, que, apesar das dificuldades enfrentadas para a sua efetivação, propunha a oferta obrigatória do espanhol

¹⁰⁵ “o espanhol desempenha um papel certamente complexo: por um lado, como língua internacional que é, seus defensores a oferecem como possível contrapeso à hegemonia do inglês e afirmam a necessidade de criar em seu entorno um espaço de lealdade (uma comunidade linguístico-cultural) capaz de resistir à investida daquele e do que representa; por outro lado, e novamente por ser língua internacional, os defensores do espanhol legitimam seu status e extensão com argumentos predominantemente utilitários e mercantilistas quase idênticos aos difundidos na promoção do inglês. E aqui se encontra precisamente uma das principais armadilhas discursivas que encerra a defesa do espanhol: usar a ameaça do inglês como desculpa para impor uma proteção em torno do espanhol que, como com o inglês, sirva a uns interesses econômicos e políticos muito concretos (os mesmos na realidade), e que dificulte a emergência de culturas linguísticas alternativas” (DEL VALLE & VILLA, 2005, p. 224, tradução nossa).

na matriz curricular e a matrícula facultativa para o aluno do Ensino Médio. Essa implementação do espanhol no sistema escolar brasileiro deu lugar sobretudo a experiências reais de contato com essa língua no meio escolar.

Sobre o espanhol ter sido apontado como língua de leitura em comparação ao inglês como língua de comunicação oral, nossa conclusão se apoia em elementos que tendem a relacionar o inglês à oralidade e selecionamos como mote da discussão os *slogans* de algumas escolas de idiomas e programas institucionais de órgãos públicos a nível nacional (Inglês sem fronteiras, por exemplo) e estadual (Paraná fala inglês, por exemplo) que vinculam a propaganda dos cursos de idiomas a um “falar bem”, “ser fluente”, entre outros, relacionando claramente essa língua à oralidade. Nesse item, nossa conclusão também se apoia no fato de que é mais comum, do nosso ponto de vista, o trabalho com a leitura do texto escrito na aula de língua espanhola e o trabalho com conjugações verbais na aula de língua inglesa. Argumentamos, também, que a vinculação do inglês à oralidade pode estar relacionada a uma noção de inglês “sem sotaque”, “sem cultura”, “de todos e de ninguém”, em comparação com a relação estabelecida do espanhol como uma “língua de cultura”. Os resultados do item que tratava sobre uma suposta palestra em língua estrangeira, em comparação com os resultados do item que tratava sobre uma consulta médica ou odontológica, corroboraram a nossa argumentação que vincula o inglês a um lugar de oralidade e nos deram elementos para concluir, também, que ao inglês se atribui um lugar hegemônico como a língua da ciência, mesmo que, no caso da palestra, a compreensão seja limitada para os espectadores se o palestrante falasse em inglês. Isto é, na comparação apresentada por nós com base nos resultados, há uma tendência a preferir que a palestra seja em inglês mesmo que não se compreenda nada daquilo que o palestrante fale, porque seria uma ocasião de “praticar” para supostas experiências de comunicação oral em um “mundo” a ser alcançado.

No que diz respeito às línguas em situação de minorização, sobretudo o guarani e o ucraniano, línguas com as quais trabalhamos mais diretamente, elas compõem o imaginário dos paranaenses nas regiões onde estão mais presentes, no Oeste e no Centro-Sul do Paraná, respectivamente. Porém, o lugar dado a elas não é de centralidade. Se por um lado se valoriza o plurilinguismo nas escolas e se assume que há diversidade linguística no Paraná, por outro, é comum (os números a essa interrogação mostraram claramente isso) dizer que não se vê essas línguas, seja faladas ou escritas, colocando, quem sabe, numa condição de invisibilidade e de pouca importância. Em relação ao ucraniano, os resultados evidenciaram que há um sentimento de pertença à cultura trazida pelos imigrantes, sentimento esse especialmente manifestado pelos informantes adultos e que reforça os resultados de outras investigações que mostraram que, não

apenas em se tratando de línguas eslavas, geração após geração, tem havido uma constante diminuição na conservação dos elementos culturais trazidos de além-mar. E apenas para não deixar de mencionar, o principal motivo para a não conservação dessas línguas de imigrantes está marcado pela representação de que essas línguas não são sinônimo de *status* e, portanto, não representam sinais de ascensão social, deixando transparecer que ainda ecoam as políticas nacionalistas adotadas no Brasil desde as primeiras décadas do século passado.

A análise das políticas linguísticas oficiais implantadas neste século nos mostra duas posições ideológicas bastante claras em relação ao ensino de línguas no Brasil. Por um lado, podemos citar iniciativas políticas (tímidas e contraditórias) a nível federal que visavam a integração regional no Sul do continente, com uma tendência à valorização do espanhol nos governos petistas de Lula e Dilma Rousseff. De outro lado, há elementos que nos dão pistas de que parece estar vigente no Brasil um projeto de governo (surgido de um golpe de Estado, em 2016) que desqualifica qualquer tipo de integração com os nossos vizinhos, priorizando a língua inglesa em detrimento de qualquer projeto que valorize o plurilinguismo. E pior que isso, se é que dá pra afirmar assim, há um projeto de governo que dá mostras claras e recorrentes a favor da privatização dos sistemas de ensino público no Brasil, desprezando a formação dos alunos enquanto cidadãos críticos e transformando a educação numa competição entre pessoas e instituições, desfavorecendo as mais “fracas”, ranqueando e premiando as “melhores”, especialmente aquelas que são mais “produtivas” e atingem as metas estabelecidas, algo típico de uma lógica mercantilista vigente.

É verdade que no que se refere às línguas em situação de minorização há políticas linguísticas localizadas e específicas que tentam fortalecer essas línguas e culturas, como no caso da cooficialização de línguas em diversos municípios brasileiros e nas ações desenvolvidas pelo NEES em prol das línguas e culturas eslavas no Centro-Sul do Paraná, por exemplo, conforme descrevemos na parte em que tratamos das representações sobre as línguas em situação de minorização, no capítulo 5 desta tese. Mas, na nossa opinião, isso tem sido pouco. Não são suficientes essas ações com vistas à preservação se levarmos em conta a riqueza que representa o plurilinguismo e que infelizmente tem sido apagado com políticas totalizadoras e pouco preocupadas com a manutenção da diversidade linguística. E se tem sido pouco não é por falta de vontade de pesquisadores e defensores do plurilinguismo. Nossa experiência tem nos mostrado que é por falta de investimento financeiro e de pessoal, pois os financiamentos de projetos dessa natureza são cada vez mais restritos e limitados.

Apesar de estarmos presenciando um quadro bastante pessimista em relação às políticas educativas, isso não significa que se deve “baixar a guarda” e deixar que as poucas políticas

linguísticas favoráveis ao espanhol (e às outras línguas em situação de minorização) que ainda sobraram sejam abandonadas. Pelo contrário, é hora de manter-se alerta e buscar alternativas (políticas, inclusive e principalmente) para que não haja um retrocesso maior ainda do que já ocorreu com a proposta de um novo Ensino Médio, por exemplo. O que não se pode desconsiderar é que a proposta de obrigatoriedade e especificação do inglês como a única língua estrangeira no Ensino Médio já causa impacto direto nos cursos de Letras-Espanhol, uma vez que sem vislumbrar um mercado de trabalho promissor, muitos alunos começam a evadir-se desses cursos¹⁰⁶. Os próximos impactos que podem sofrer as universidades nesse quesito são, por exemplo, possíveis fechamentos de habilitações em língua espanhola.

As conclusões a que chegamos com a realização deste trabalho e as interpretações que fizemos não se pretendem definitivas e estanques, pois abrem espaço para outras interpretações e outras análises. Como é de se esperar, apresentamos nesta tese aquilo que julgamos ser a contribuição que esta pesquisa pode dar de novidade à ciência na área dos estudos da linguagem e, para tanto, tivemos que deixar de lado um volume significativo de material que poderia ser analisado e, quem sabe, nos levado a outros caminhos, talvez já percorridos por outros pesquisadores. Nesse sentido, selecionamos justamente aquilo que encontramos de novidade e sobre o qual as regularidades de aparição na amostra nos chamaram mais a atenção. Ressaltamos os cuidados que tivemos com os aspectos metodológicos da pesquisa, mas principalmente enfatizamos a adoção de instrumentos que se destacam sobretudo pela originalidade da maioria dos itens apresentados aos informantes, com micro cenas semi-hipotéticas que almejavam indiretamente a reflexão sobre os lugares das línguas e a imediata tomada de decisão, fazendo com que as atitudes e as representações fossem manifestadas naquele momento. Além disso, os três contextos escolhidos para a realização do estudo, com suas particularidades e contradições, e a variedade de grupos de informantes que participaram da pesquisa nos ajudam a reafirmar que nesta tese há algo novo, que foi planejado e executado seguindo os preceitos éticos e científicos, que é um trabalho que não apresenta a resposta final para uma interrogação, mas que se soma a outros trabalhos feitos com seriedade e comprometimento com a ciência na área onde ele se insere.

Os métodos e procedimentos adotados nos pareceram adequados para aquilo que propúnhamos, apesar de entendermos que o fato de termos um número tão ampliado de informantes e de termos elaborado e aplicado instrumentos relativamente extensos para os

¹⁰⁶ Essa afirmação não se baseia em dados de outras instituições, mas na alusão do que presenciamos no curso de Letras-Espanhol da UNICENTRO.

objetivos da pesquisa, possa ter dificultado nossa seleção no que diz respeito a que deveríamos privilegiar para compor a tese. É válido apontar que alguns itens dos questionários não produziram dados significativos para as análises, justamente porque eles estavam ali para servirem de aproximação dos informantes ao conteúdo principal da pesquisa, que foram abordados nos outros itens. A nosso ver, foi um empecilho ter seguido à risca as recomendações e normas da SEED-PR e do COMEP para a aprovação do projeto de pesquisa, conforme descrevemos detalhadamente na metodologia desta tese. O tempo gasto com esses trâmites impactou diretamente na execução do trabalho de campo, de modo que certamente poderia ter havido um aprofundamento maior nas análises se a burocracia não tivesse consumido tanto tempo e esforço.

Entre as limitações da pesquisa, apontamos, por exemplo, que não foi possível argumentar com tanta precisão sobre a diversidade de países indicados para uma viagem ao exterior com fins de aprender uma língua estrangeira. Ou melhor, a diversidade de escolhas e os motivos elencados não nos possibilitaram concluir precisamente quais foram os lugares dados às línguas nesse particular. Por outro lado, entendemos que esse tipo de limitação decorre do formato da pesquisa com que trabalhamos, pois como garantimos o anonimato dos informantes, não tínhamos possibilidade clara de um novo encontro para esclarecer dúvidas advindas das respostas dadas a determinados itens. No que se refere aos itens do questionário objetivo que dispunham de alternativas que iam de *concordo totalmente* a *discordo totalmente*, os percentuais obtidos não nos ajudaram a construir argumentações consistentes, haja vista que não achamos adequado atribuir numericamente pesos a essas alternativas de resposta, especialmente quando perguntamos, por exemplo, sobre o prestígio que as línguas têm no Brasil, no Paraná e nas cidades onde realizamos a pesquisa de campo, por isso esses itens especificamente não constituem a parte central deste estudo.

É válido observar também que a nossa proposta em termos de estrutura da tese sempre foi a de colocar textualmente aquilo que mais se apresentava como significativo. Sendo assim, evitamos ao máximo o enchimento de páginas somente para contar, por exemplo, sobre o nascimento da Sociolinguística, resenhar seus principais autores, entre outros, porque entendemos que isso já está devidamente apresentado ao público que lerá este texto. Ademais, não nos preocupamos em explicar citações bibliográficas e enunciados dos informantes que por si só já são autoexplicativos, ou seja, evitamos contar parafrasticamente aquilo que já havia sido contado anteriormente. Isso não quer dizer que não há diálogo entre o saber construído e a interpretação que fazemos dos dados.

Seguindo essa perspectiva de apresentação de um texto resumido, no primeiro capítulo pinçamos para análise alguns poucos fatos político-linguísticos representativos de alguns momentos históricos que passaram, na nossa opinião, os sistemas de ensino regular e as línguas no Brasil, com certa ênfase para a língua espanhola enquanto disciplina escolar e para o contexto paranaense. Imaginamos que possa ter sido compreensível para o leitor a linha cronológica ali explicitada e a importância desse capítulo para a contextualização das ações político-linguísticas executadas ao longo da história e que refletem, a maioria delas, nos dias de hoje.

No segundo capítulo, também de forma bastante resumida, apresentamos alguns conceitos, limites e noções sobre atitudes, representações e políticas linguísticas, temas centrais para uma breve fundamentação teórica do trabalho. Foi necessário, nesse capítulo, observar que há relações entre estereótipos, crenças, atitudes, representações, preconceitos, imaginários e ideologias, de forma que são conceitos e temas que se cruzam e se inter-relacionam mutuamente. Foi necessário, também, e nesse caso por uma questão de fundamental importância conceitual e metodológica, apresentar os trabalhos fundadores dos estudos sobre atitudes e representações linguísticas, uma vez que preferimos nos “arriscar” e trabalhar de forma inédita, até onde chega o nosso conhecimento, com os dois termos simultaneamente, lado a lado, mesmo sabendo que isso nos causaria bastante dificuldade, especialmente porque são termos abstratos, que apresentam complexidade nas suas definições, e foram usados ao longo da história com significados diversos, a depender do objeto de estudo e da área de conhecimento em que se inserem, se na Psicologia ou na Linguística, por exemplo. Uma opção que julgamos “mais fácil” seria escolher apenas um dos termos e resenhar os principais trabalhos desenvolvidos na área. Essa não foi a nossa opção, porque entendemos que dessa forma não contemplaria a abrangência do nosso estudo.

No capítulo 3, expusemos os aspectos metodológicos que utilizamos para o desenvolvimento da pesquisa. Ali fizemos a descrição dos instrumentos e dos procedimentos adotados, assim como oferecemos uma descrição detalhada da tramitação do projeto de pesquisa na SEED-PR e no COMEP. Ainda, descrevemos os grupos de informantes e os três contextos onde estão localizadas as três escolas cujos informantes estão vinculados. Está presente também nesse capítulo a metodologia adotada para a transcrição das entrevistas e para a análises dos dados, assim como informamos sobre o armazenamento dos materiais que deram origem ao *corpus* da pesquisa.

No quarto capítulo, apresentamos uma descrição dos resultados da parte quantitativa da amostra. Nessa seção, que não se propunha analítica, selecionamos alguns itens dos

questionários e os descrevemos, a maioria deles em blocos temáticos, objetivando, nesse caso, colocar comparativamente as línguas. Como os números por si só não nos deram materialidade suficiente para construirmos uma argumentação consistente sobre que lugares a língua espanhola ocupa no imaginário de paranaenses, ampliamos a amostra com dados qualitativos advindos das entrevistas.

O último capítulo desta tese é onde o leitor encontrará aquilo que consideramos o cerne do trabalho de investigação. Foi nesse lugar onde construímos argumentos, analisamos dados, criamos hipóteses e fizemos inferências sobre os resultados quantitativos e qualitativos que constituem a amostra. Nesse capítulo, apresentamos sete partes que, de certa forma, se relacionam entre elas e que dão conta de responder, do nosso ponto de vista, à interrogação principal da pesquisa: que lugares a língua espanhola ocupa em relação a outras línguas no imaginário de paranaenses? Os resultados expostos nessa seção mostraram que lugares são esses e foram resumidos e apresentados ao longo destas considerações finais.

Julgamos importante mencionar que esta pesquisa foi desenvolvida justamente no mesmo período em que houve uma das mais significativas mudanças em relação ao lugar das línguas estrangeiras no Ensino Médio brasileiro. A revogação da Lei do Espanhol e a determinação do inglês como única língua estrangeira obrigatória nas escolas marcam um momento histórico que possivelmente ocasionará desdobramentos inclusive nas representações sobre os lugares das línguas. Dessa forma, como sugestão para próximos trabalhos, indicamos uma investigação que objetive demonstrar quais são/foram os impactos da Lei nº 13.415/2017 (que dispõe sobre a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral) em relação aos lugares dados concretos às línguas, sobretudo à língua espanhola. No caso da nossa pesquisa, não podemos afirmar com precisão se essa mudança recente na lei influiu decisivamente nas atitudes e representações dos informantes. Por um lado, poderíamos pensar que sim, que as respostas aos nossos questionamentos tiveram já alguma relação com as alterações propostas pelo Governo Federal. Por outro lado, como a revogação da Lei nº 11.161/2005 e a especificação da língua inglesa como obrigatória nas escolas foi tão pouco colocada em discussão, sobretudo porque se deu muita visibilidade à discussão sobre as exclusões das disciplinas de Sociologia e Educação Física, imaginamos que as atitudes e as representações manifestadas pelos informantes na nossa pesquisa não sofreram impactos da nova legislação vigente.

E para finalizar, agora sem mais delongas, concluo que foi um prazer imenso ter realizado esta pesquisa que aqui se apresenta na forma de tese de Doutorado.

REFERÊNCIAS¹⁰⁷

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas em contato no interior paranaense. Projeto coordenado pela autora. Cascavel: UNIOESTE, 2008.
- ALLPORT, Gordon. **La naturaleza del prejuicio**. Buenos Aires: Editorial Eudeba, 1977.
- ARNOUX, Elvira Narvaja de. Desde Iguazú: mirada glotopolítica sobre la integración regional. In: FANJUL, Adrián Pablo; CASTELA, Greice da Silva (Orgs.). **Línguas, políticas e ensino na integração regional**. Cascavel: Gráfica ASSOESTE e Editora, 2011. p. 39-64.
- BALTHAZAR, Luciana Lanhi. **Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região**. 2016. 298 f. Tese (Doutorado em letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016.
- BARROS, Cristiano; COSTA, Elzimar; GALVÃO, Janaina. **Dez anos da “Lei do Espanhol” (2005-2015)**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2016.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- BRASIL. **Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931**. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19890.htm>. Acesso em: 04 out. 2017.
- _____. **Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm>. Acesso em 04 out. 2017.
- _____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 04 out. 2017.
- _____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- _____. **Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005**. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm>. Acesso em: 04 out. 2017.
- _____. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2006.

¹⁰⁷ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

_____. **Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010.** Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12189.htm>. Acesso em: 04 out. 2017.

_____. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Trata de pesquisas e testes em seres humanos e atualiza a Resolução 196. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.

_____. **Medida provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016.** Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm>. Acesso: 19 jun. 2017.

_____. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 19 jun. 2017.

CALVET, Louis-Jean. **Pour une écologie des langues du monde.** Paris: Plon, 1999.

_____. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

_____. **Por uma ecoloxía das línguas do mundo.** Tradução de Alfredo Iglesias Diéguez. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2004. p. 149-188.

_____. **As políticas linguísticas.** Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CARTA DE BH. 2008. Disponível em: <<http://hispanistacapixaba.blogspot.com.br/2008/10/carta-de-belo-horizonte-sobre-o-ensino.html>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CELADA, María Teresa. **O espanhol para o brasileiro:** uma língua singularmente estrangeira. 2002. 277 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002. Disponível em: <http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/Tese_MaiteCelada.pdf> Acesso em: 05 ago. 2017.

_____. Versiones de Babel - memoria de la otra lengua en la propia, In: CELADA, María Teresa; MAIA GONZÁLEZ, Neide (Coord. dossier). Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño, **SIGNOS ELE**, n. 1-2, dez. 2008. Disponível em: <<http://p3.usal.edu.ar/index.php/ele/article/view/1379>> Acesso em: 10 ago. 2017.

COOPER, Robert L. **La planificación lingüística y el cambio social**. Tradução de José María Perazzo. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CULTURA INGLESA. **Inglês: o idioma do mundo**. 13 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.culturainglesacuritiba.com.br/ingles-o-idioma-do-mundo/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

DAHER, Maria del Carmen F. González. Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 19, p. 287-303, 1998. Número Especial.

DALINGHAUS, Ione Vier. **Alunos brasiguaios em escola de fronteira Brasil/Paraguai: um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS**. 2009. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, 2009.

DAMIANA, Bruna. Poder e supremacia: a venda do ensino de língua inglesa como língua estrangeira no Brasil. **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlft/tomo_1/77.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

DEL VALLE, José; VILLA, Laura. Lenguas, naciones y multinacionales: las políticas de promoción del español en Brasil. **Revista da ABRALIN**, v. 4, n. 1 e 2, p. 197-230, 2005.

_____. (Ed.). **La lengua, ¿patria común? ideas e ideologías del español**. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2007.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: _____. **Vida e obra** (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FANJUL, Adrián Pablo. **Português e Espanhol: línguas próximas sob o olhar discursivo**. São Carlos: Claraluz, 2002.

_____. São Paulo: o pior de todos. Quem ganha e o que se perde com a (não) introdução do espanhol na escola pública paulista. In: CELADA, Maria Teresa; _____. NOTHSTEIN, Susana. **Lenguas en un espacio de integración: acontecimientos, acciones, representaciones**. Buenos Aires: Biblos, 2010. p. 185-207.

_____. CASTELA, Greice da Silva (Orgs.). **Línguas, políticas e ensino na integração regional**. Cascavel: Gráfica ASSOESTE e Editora, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. Entrevista concedida a Lúcia F. Mendonça Cyranka. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 3, n. 2, p. 387-393, jul./dez. 2013.

FARAH, Audrey Lilian Souza; GUIL, Chico; PHILIPPI, Silvio José. **Irati 100 anos**. Curitiba: Editora Arte, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

FLAMENT, Claude. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 173-186.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

GONZÁLEZ, Neide Maia. Português brasileiro y español: lenguas inversamente asimétricas. In: CELADA, María Teresa; GONZÁLEZ, Neide Maia (Coord. dossier). Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileiro, **SIGNOS ELE**, n. 1-2, dez. 2008. Disponível em: <<http://p3.usal.edu.ar/index.php/ele/article/view/1394>> Acesso em: 10 maio 2017.

_____. Políticas públicas y enseñanza de Español como Lengua Extranjera en Brasil: desafíos para su implementación. **Signo & Seña**, v. 20, p. 21-32, 2009.

_____. Iniciativas para a implantação do espanhol: a distância entre o discurso e a prática. In: BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins (Coord.). **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 25-54. (Coleção Explorando o Ensino, v. 16).

_____. Desejos, crenças e projetos que marcam o percurso do ensino de E/LE no Brasil. In: FANJUL, Adrián Pablo; CASTELA, Greice da Silva (Orgs.). **Línguas, políticas e ensino na integração regional**. Cascavel: Gráfica ASSOESTE e Editora, 2011. p. 131-151.

_____. A importância da formação inicial e continuada na atual conjuntura da implantação do ensino de espanhol nas escolas brasileiras. In: BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins (Org.). **Se hace camino al andar: reflexões em torno do ensino de espanhol na escola**. 1. ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. p. 15-21.

GRAGOATÁ. Publicação dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, 2012. Organização do n. 32: Mônica Maria Guimarães Savedra e Xoán Carlos Lagares.

GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste. Pour la glottopolitique. **Langages**, n. 83, p. 5-34, 1986.

HAMEL, Rainer Henrique. Direitos linguísticos como direitos humanos: debates e perspectivas. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de (Org.). **Declaração universal dos direitos linguísticos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003. p. 47-80.

_____. Las cuatro fronteras de la identidad lingüística del español: lengua dominante y dominada, lengua fronteriza y lengua internacional. **IV Congreso Internacional de la Lengua Española**. Rosario, Argentina, 2004. Disponível em: <http://congresosdelalengua.es/rosario/mesas/hamel_r.htm> Acesso em: 07 jun. 2017.

_____. El campo de las ciencias y la educación superior entre el monopolio del inglés y el plurilingüismo: Elementos para una política del lenguaje en América Latina, **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 52, n. 2, p. 321-384, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v52n2/a08v52n2.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

HANKS, Willian F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Tradução de Anna Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra, Renato Cabral Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.

HAUGEN, Einer. Planning in modern Norway. **Antropological Linguistics**, v. 3, n. 1, 1959.

HILGEMANN, Clarice. **Mitos e concepções linguísticas do professor em contextos multilíngues**. 2004. 159 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira**: leituras. São Paulo: Thomson Learning Edições, 2006.

INSTITUTO CERVANTES. **Cursos de Espanhol**. Disponível em: <http://curitiba.cervantes.es/br/cursos_espanhol/cursos_espanhol.htm>. Acesso em: 28 ago. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em <www.iphan.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2014.

JACUMASSO, Tadinei Daniel. **Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas**: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, 2009.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tomaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 121-137.

KLOSS, Heinz. **Research possibilities on group bilingualism**: a report. Québec: CIRB, 1969.

KULIKOWSKI, Maria Zulma M.; GONZÁLEZ, Neide T. Maia. Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**, IX, Brasília: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil, 1999. p. 11-19.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAGARES, Xoán Carlos. Ensino do espanhol no Brasil: uma (complexa) questão de política linguística. IN: NICOLAIDES, Christine et al. (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013a. p. 181-198.

_____. O espaço político da língua espanhola no mundo. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, SP, v. 2, n. 52, p. 385-408, jul./dez. 2013b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v52n2/a09v52n2.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2017.

_____. Liberalismo linguístico e nacionalismo espanhol. In: PAVLOSKI, Evanir; FRAGA, Letícia. (Orgs.). **Linguagem, identidade e subjetividade no breve século XX: diálogos do VII CIEL**. Blumenau: Nova Letra, 2015. p. 117-138.

LAGORIO, Consuelo Alfaro. Políticas lingüísticas: historia, estado y región. In: FANJUL, Adrián Pablo; CASTELA, Greice da Silva (Orgs.). **Línguas, políticas e ensino na integração regional**. Cascavel: Gráfica ASSOESTE e Editora, 2011. p. 14-37.

LAMBERT, Wallace. **A social psychology of bilingualism**. v. 23, n. 2, p. 91-109, 1967.

LAMBERT, Willian W.; LAMBERT, Walace E. **Psicologia social**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

_____. **Psicologia social**. Tradução de Dante Moreira Leite. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

LEDESMA, Maria Rita Kaminski. **Evolução histórica da educação brasileira: 1549- 2010**. Guarapuava: Ed. da UNICENTRO, 2010.

LIPPMAN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles. (Org.). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1972.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

MARENCO, Luiz. Pra o meu consumo. In: **Pra o meu consumo**. USA Discos, 2005. 1 CD. Faixa 02.

MARIANI, Bethania. Políticas e colonização linguística. **Letras**, Santa Maria, n. 27, p. 73-82, 2003.

MARTÍNEZ, Juan González. Metodología para el estudio de las actitudes lingüísticas. In: **Actas del XXXVII Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL)**. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2008. p. 229-238.

MAZZARA, Bruno. **Estereotipos y prejuicios**. Madrid: Acento Editorial, 1999.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTE MÓR, Walkyria. A formação de professores e alunos na sociedade digital: políticas e práticas educacionais no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. In: FRADE, Isabel

Cristina Alves da Silva et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010. p. 577-594. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

MORELLO, Rosângela (Org.). **Leis e línguas no Brasil**: o processo de cooficialização e suas potencialidades. Florianópolis: IPOL, 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Madrid: Cátedra, 1998.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.

NICOLAIDES, Christine et al. (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

NÚCLEO DE ESTUDOS ESLAVOS. Disponível em: <<http://www2.unicentro.br/nees/>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. As línguas brasileiras e os direitos linguísticos. In: _____. **Declaração universal dos direitos linguísticos**: novas perspectivas em políticas linguísticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003. p. 7-12.

_____. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies Brésil**, n. 7, 2009, p. 19-26. Disponível em: <<https://gerflint.fr/Base/Bresil7/gilvan.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____; ALTENHOFEN, Cléo V. O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tomaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 187-216.

_____. Um atlântico ampliado: o português nas políticas linguísticas do século XXI. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 53-73.

_____. **Línguas como patrimônio imaterial**. Disponível em: <<http://vertendopalavras.blogspot.com.br/2013/07/linguas-como-patrimonio-imaterial.html>>. Acesso em: 03 out. 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). **Política linguística na América Latina**. Campinas, SP: Pontes, 1988.

_____. (Org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORREDA, José Maria. **História em debate**. Irati: Editor José Maria Orreda, 1999.

PARANÁ. **Resolução SEED 973, de 11 de março de 2016**. Institui, na forma desta Resolução, os procedimentos de solicitação para realização de pesquisa científica nas

unidades vinculadas à Secretaria de Estado da Educação. Disponível em: <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtoAno.do?action=exibir&codAto=154125&indice=2&totalRegistros=1006&anoSpan=2016&anoSelecionado=2016&mesSelecionado=0&isPaginado=true>>. Acesso em: 05 out. 2017.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica: língua estrangeira moderna**. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Dia a Dia Educação. **Ensino Médio**. Disponível em: <<http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=141>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

PARAQUETT, Marcia. As dimensões políticas sobre o ensino da língua espanhola no Brasil: tradições e inovações. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise. (Orgs.). **Espaços linguísticos: resistências e expansões**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 115-146.

PAYER, Maria Onice. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. São Paulo: Escuta, 2006.

PEREIRA, Stella Maris Meira da Veiga. **Programa de escolas interculturais bilíngues de fronteira: integração e identidade fronteiriça**. 2014. 147 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014.

PEREIRA, Telma; COSTA, Débora. Representação linguística: perspectivas práticas e teóricas. **Gragoatá**, Niterói, n. 32, p. 171-188, 1. sem. 2012.

PETITJEAN, Cécile. **Représentations linguistiques et plurilinguisme**. Thèse de doctorat des Université de Provence et de Neuchâtel, spécialité Sciences du langage. 2009. Disponível em: <http://doc.rero.ch/lm.php?url=1000,40,4,20100224121740CN/Th_Petitjean.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

PICANÇO, Deise Cristina de Lima. **História, memória e ensino de espanhol (1942-1990): as interfaces do ensino da língua espanhola como disciplina escolar a partir da memória de professores, métodos de ensino e livros didáticos no contexto das reformas educacionais**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

PONSO, Letícia Cao. Situação minoritária, população minorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 42, p. 184-207, jan./abr. 2017.

RAITER, Alejandro. **Lenguaje y sentido común**. Buenos Aires: Biblos, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. The concept of ‘World English’ and its implications for ELT. **ELT Journal**, v. 58, 2. ed., p. 111-117, apr. 2004.

_____. O ensino de línguas estrangeiras como uma questão política. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise. (Orgs.). **Espaços linguísticos: resistências e expansões**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 15-24.

ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva.

Polifonia, v. 8, n. 08, p. 01-19, 2004. Disponível em:

<<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132/896>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

RODRIGUES, Fernanda Castelano. **Língua viva, letra morta**: obrigatoriedade e ensino de espanhol no arquivo jurídico e legislativo brasileiro. São Paulo: Humanitas, 2012.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. Atitude, imaginário, representação e identidade linguística: aspectos conceituais. **Cadernos do CNLF – Anais do XVI CNLF**, v. XVI, n. 04, t. 1, p. 362-372, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/tomo_1.pdf>.

Acesso em: 20 set. 2017.

SANÉ, Abdou. **A política sociolinguística do Brasil**: uma visão política do falar interétnico. 2002. 69 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2002.

SCHNEIDER, Maria Nilse. **Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul**. 2007. 261f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Julia Izabelle da. O debate sobre direitos linguísticos e o lugar do linguista na luta dos sujeitos falantes de línguas minorizadas: quem são os protagonistas? **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982017005010102&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 set. 2017.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Ensino de língua portuguesa na região de Blumenau no contexto do ensino secundário: uma reflexão sobre o período histórico marcado pela 1ª Campanha de Nacionalização do Ensino. In: VON BORSTEL, Clarice Nadir; DAMKE, Ciro (Orgs.). **Bilinguismo, discurso e ensino**. São Carlos: Pedro & João, 2015. p. 311-334.

SIMÃO, Angélica Karim Garcia. **O que crer (não) quer dizer**: multiplicidade de vozes na manifestação de crenças e estereótipos de estudantes de tradução de língua espanhol. 2008. 183 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Representações e estereótipos sobre a tradução português/espanhol. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 1, n. 53, p. 243-257, jan./jun. 2014.

SOUSA, Greice de Nóbrega e. **Entre línguas de negócios e de cultura**. Sentidos que permeiam a relação do brasileiro com a língua inglesa e a espanhola. 2007. 149 p. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.

SOUZA, Henry Daniel Lorencena. La reforma de la enseñanza media y la muerte de la pluralidad lingüística en la educación brasileña. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de; RODRIGUES, Luana Ferreira (Orgs.). **Atas do VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Florianópolis: UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina e AUGM Associação de Universidades Grupo Montevideu – Núcleo Educação para a Integração, 2017. p. 284-299.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

UNAMUNO, Virginia. **Lengua, escuela y diversidad sociocultural**: hacia una educación lingüística crítica. Barcelona: Editorial Graó, 2003.

VAN DIJK, Teun A. Semántica del discurso e ideología. **Discurso & Sociedad**, v. 2, n. 1, p. 201-261, 2008. Disponível em: <[http://www.dissoc.org/ediciones/v02n01/DS2\(1\)Van%20Dijk.html](http://www.dissoc.org/ediciones/v02n01/DS2(1)Van%20Dijk.html)>. Acesso em: 28 jun. 2011.

VARES, Luiz Paulo Pilia. Fronteiras culturais. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais**: Brasil – Uruguai – Argentina. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

WOOLARD, Kathryn A. La autoridad lingüística del español y las ideologías de la autenticidad y del anonimato. In: DEL VALLE, José (Ed.). **La lengua, ¿patria común? Ideas e ideologías del español**. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2007. p. 129-142.

ANEXOS – CADERNO DA TESE

ANEXO A – Roteiro de entrevista

Quantos anos você tem?

Onde você nasceu?

Mora aqui há quanto tempo?

1. Qual(is) línguas você fala? Onde/como as aprendeu?
2. Quantas e quais línguas você acha que são faladas/usadas no Paraná?
3. Quantas e quais línguas você acha que são ensinadas nas escolas do Paraná? O que você pensa sobre isso? Deveriam aumentar/diminuir esse número de línguas? Por quê? Quais deveriam ser substituídas/excluídas/incluídas?
4. Na sua opinião, qual língua é mais valorizada no mundo? E no Brasil? E no Paraná? Por quê? E qual seria a mais desvalorizada? no mundo? E no Brasil? E no Paraná? Por quê?
5. Se você tivesse a oportunidade de viajar para outro país para aprender outra língua, qual país você escolheria? Por quê?
6. Por ordem de prioridade, quais línguas seriam indispensáveis/obrigatórias para todo aluno?
7. Por ordem de prioridade, quais línguas são as mais importantes para sua comunicação através dos computadores?
8. Em qual língua está configurado o seu computador? O que você faria se tivesse que usar outra língua ao invés dessa (do português) no seu computador?
9. Qual atitude você tomaria se a partida de futebol do seu time preferido (ou da seleção brasileira) estivesse sendo transmitida em outra língua? Exemplificaria: espanhol, inglês, francês, ucraniano... Assistiria ouvindo a transmissão em outra língua? Qual? Por quê?
10. Na sua opinião, no Paraná, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
E no Brasil?
11. Em que língua seus pais falavam com você quando você era criança?
12. Na sua opinião, qual é a língua mais parecida com a sua?
13. Se você necessitasse de um médico ou dentista e esse profissional não falasse português, mesmo assim você procuraria atendimento com ele? Em qual(is) língua(s) você preferiria que fosse a comunicação durante a consulta?
14. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante

famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

Observação: Caso queira fazer comentários sobre alguma pergunta ou algo que eu não tenha perguntado, fique à vontade.

ANEXO B – Modelo de questionário – Irati – alunos

Idade: _____ anos.	Sexo: () Masc () Fem

1. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Irati por aulas de **língua ucraniana**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

2. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Irati por aulas de **língua inglesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

3. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Irati por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

4. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Irati por aulas de **língua espanhola**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

5. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Irati por aulas de **língua ucraniana**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

6. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Irati por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

7. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **inglês**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém para alterar o idioma
☐ tento usar assim mesmo	☐ procuro uma configuração para alterar o idioma
☐ desligo o computador	☐

8. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **espanhol**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém para alterar o idioma
☐ tento usar assim mesmo	☐ procuro uma configuração para alterar o idioma
☐ desligo o computador	☐

9. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **ucraniano**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém para alterar o idioma
☐ tento usar assim mesmo	☐ procuro uma configuração para alterar o idioma
☐ desligo o computador	☐

10. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua inglesa**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

11. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua espanhola**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

12. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua ucraniana**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

13. Se a tua escola te oferecesse uma bolsa de estudos com as despesas todas pagas para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

☐ Argentina	☐ Estados Unidos
☐ Inglaterra	☐ Espanha
☐ Ucrânia	☐ Itália
☐ Alemanha	☐

14. Na sua opinião, aqui em Irati, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ inglês	☐ ucraniano
☐ espanhol	☐ polonês
☐ italiano	☐
☐ alemão	☐

15. Na sua opinião, aqui no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ inglês	☐ ucraniano
☐ espanhol	☐ polonês
☐ italiano	☐
☐ alemão	☐

16. Onde você vê a **língua inglesa** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

17. Onde você vê a **língua espanhola** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

18. Onde você vê a **língua ucraniana** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

19. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você estuda atualmente na sua escola e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de estudar que não tem aqui na escola?

Você estuda	Gostaria de estudar
☐ espanhol	☐ espanhol
☐ inglês	☐ inglês
☐ italiano	☐ italiano
☐ alemão	☐ alemão
☐ polonês	☐ polonês
☐ ucraniano	☐ ucraniano
☐	☐

20. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

21. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

22. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

23. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **ucraniano**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **ucraniano**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **ucraniano**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, a sua escola foi contemplada com uma conferência internacional sobre meio ambiente e ela será ministrada por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer a palestra?

☐ espanhol	☐ polonês
☐ inglês	☐ ucraniano

☐ italiano	☐
☐ alemão	☐

33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

☐ espanhol	☐ polonês
☐ inglês	☐ ucraniano
☐ italiano	☐
☐ alemão	☐

Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou *facebook*).

ANEXO C – Modelo de questionário – Foz do Iguaçu – Alunos

Idade: _____ anos.	Sexo: () Masc () Fem

1. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de **guarani**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

2. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de **língua inglesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

3. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

4. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de **língua espanhola**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

5. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de **guarani**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

6. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

7. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **inglês**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém para alterar o idioma
☐ tento usar assim mesmo	☐ procuro uma configuração para alterar o idioma
☐ desligo o computador	☐

8. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **espanhol**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém para alterar o idioma
☐ tento usar assim mesmo	☐ procuro uma configuração para alterar o idioma
☐ desligo o computador	☐

9. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **guarani**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém para alterar o idioma
☐ tento usar assim mesmo	☐ procuro uma configuração para alterar o idioma
☐ desligo o computador	☐

10. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua inglesa**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

11. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua espanhola**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

12. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **Guarani**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

13. Se a tua escola te oferecesse uma bolsa de estudos com as despesas todas pagas para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

☐ Argentina	☐ Estados Unidos
☐ Inglaterra	☐ Espanha
☐ Paraguai	☐ Itália
☐ Alemanha	☐

14. Na sua opinião, aqui em Foz do Iguaçu, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ inglês	☐ guarani
☐ espanhol	☐ polonês
☐ italiano	☐
☐ alemão	☐

15. Na sua opinião, aqui no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ alemão	☐ italiano
☐ guarani	☐ inglês
☐ polonês	☐
☐ espanhol	☐

16. Onde você vê a **língua inglesa** escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

17. Onde você vê a **língua espanhola** escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

18. Onde você vê o **guarani** escrito ou falado? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

19. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você estuda atualmente na sua escola e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de estudar que não tem aqui na escola? Pode marcar mais de uma resposta.

Você estuda	Gostaria de estudar
☐ italiano	☐ polonês
☐ inglês	☐ guarani
☐ espanhol	☐ italiano
☐ alemão	☐ alemão
☐ polonês	☐ espanhol
☐ guarani	☐ inglês
☐	☐

20. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente

☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

21. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

22. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

23. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **guarani**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **guarani**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **guarani**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, a sua escola foi contemplada com uma conferência internacional sobre meio ambiente e ela será ministrada por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer a palestra?

☐ guarani	☐ polonês
☐ inglês	☐ italiano
☐ alemão	☐
☐ espanhol	☐

33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

☐ espanhol	☐ polonês
☐ inglês	☐ guarani
☐ italiano	☐
☐ alemão	☐

Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou *facebook*).

ANEXO D – Modelo de questionário – Curitiba – Alunos

Idade: _____ anos.	Sexo: () Masc () Fem

1. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Curitiba por aulas de **língua inglesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

2. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas de Curitiba por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

3. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Curitiba por aulas de **língua espanhola**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

4. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas de Curitiba por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

() concordo totalmente	() discordo parcialmente
() concordo parcialmente	() discordo totalmente

5. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **inglês**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

() não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	() peço ajuda a alguém
() tento usar assim mesmo	() desligo o computador
() procuro um lugar para alterar o idioma	()

6. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **espanhol**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

7. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua inglesa**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

8. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua espanhola**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

9. Se a tua escola te oferecesse uma bolsa de estudos para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

☐ Argentina	☐ Estados Unidos
☐ Inglaterra	☐ Espanha
☐ Paraguai	☐ Itália
☐ França	☐ Polônia
☐ Alemanha	☐

10. Na sua opinião, aqui em Curitiba, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ inglês	☐ ucraniano
☐ espanhol	☐ francês
☐ italiano	☐ guarani

☐ alemão	☐
☐ polonês	

11. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você estuda atualmente na sua escola?

☐ espanhol	☐ francês
☐ inglês	☐ guarani
☐ italiano	☐ ucraniano
☐ alemão	☐
☐ polonês	

12. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de estudar que não tem aqui na escola?

☐ espanhol	☐ francês
☐ inglês	☐ guarani
☐ italiano	☐ ucraniano
☐ alemão	☐
☐ polonês	

13. Onde você vê a **língua inglesa** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

14. Onde você vê a **língua espanhola** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

15. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

16. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

17. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

18. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

19. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

20. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

21. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

22. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

23. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

24. Imagine a seguinte situação: num sorteio, a sua escola foi contemplada com uma conferência internacional sobre meio ambiente e ela será ministrada por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer a palestra?

☐ espanhol	☐ francês
☐ inglês	☐ guarani
☐ italiano	☐ ucraniano
☐ alemão	☐
☐ polonês	

25. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

☐ espanhol	☐ francês
☐ inglês	☐ guarani
☐ italiano	☐ ucraniano
☐ alemão	☐
☐ polonês	

Caso queira justificar alguma resposta ou fazer comentários, use este espaço.

ANEXO E – Modelo de questionário – Irati – adultos

Idade: _____ anos.	
Sexo: ☐ Masculino	☐ Feminino
Formação: ☐ Superior ☐ Médio	☐ Fundamental ☐ Fundamental incompleto
Público: ☐ Pai ou mãe de aluno/a	☐ Diretor/a de escola
☐ Professor/a de _____	

1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção por coluna.

Você conhece	Gostaria de conhecer
☐ espanhol	☐ alemão
☐ inglês	☐ ucraniano
☐ italiano	☐ italiano
☐ alemão	☐ espanhol
☐ português	☐ polonês
☐ ucraniano	☐ inglês
☐ polonês	☐ francês
☐	☐

2. Na sua opinião, **no Paraná**, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ inglês	☐ ucraniano
☐ espanhol	☐ francês
☐ italiano	☐ polonês
☐ alemão	☐

3. Na sua opinião, **no Brasil**, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ alemão	☐ ucraniano
☐ francês	☐ inglês
☐ polonês	☐ italiano
☐ espanhol	☐

4. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **língua ucraniana**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente

☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **língua inglesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **língua espanhola**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **língua ucraniana**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

9. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

10. Se você ganhasse uma bolsa de estudos para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

☐ Argentina	☐ Estados Unidos

☐ Inglaterra	☐ Espanha
☐ Paraguai	☐ Itália
☐ França	☐ Polônia
☐ Ucrânia	☐
☐ Alemanha	☐

11. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **inglês**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

12. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **espanhol**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

13. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **ucraniano**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

14. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua espanhola**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

15. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua ucraniana**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

16. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua inglesa**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

17. Onde você vê a **língua ucraniana** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

18. Onde você vê a **língua inglesa** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

19. Onde você vê a **língua espanhola** escrita ou falada?

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

20. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

21. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

22. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

23. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o **ucraniano**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **ucraniano**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **ucraniano**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

☐ espanhol	☐ francês
☐ inglês	☐ ucraniano
☐ italiano	☐ polonês
☐ alemão	☐

33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

☐ ucraniano	☐ polonês
☐ italiano	☐ alemão
☐ inglês	☐ francês
☐ espanhol	☐

Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).

ANEXO F – Modelo de questionário – Foz do Iguaçu – adultos

Idade: _____ anos.	
Sexo: () Masculino	() Feminino
Formação: () Superior () Médio	() Fundamental () Fundamental incompleto
Público: () Pai ou mãe de aluno/a	() Diretor/a de escola
() Professor/a de _____	

1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção por coluna.

Você conhece	Gostaria de conhecer
() espanhol	() alemão
() inglês	() guarani
() italiano	() italiano
() alemão	() espanhol
() português	() polonês
() guarani	() inglês
() polonês	() francês
()	()

2. Na sua opinião, **no Paraná**, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

() inglês	() guarani
() espanhol	() francês
() italiano	() polonês
() alemão	()

3. Na sua opinião, **no Brasil**, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

() alemão	() guarani
() francês	() inglês
() polonês	() italiano
() espanhol	()

4. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **guarani**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **língua inglesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **língua espanhola**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **guarani**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

9. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

10. Se você ganhasse uma bolsa de estudos com as despesas todas pagas para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

☐ Argentina	☐ Estados Unidos
☐ Inglaterra	☐ Espanha
☐ Paraguai	☐ Itália
☐ França	☐ Polônia
☐ Ucrânia	☐
☐ Alemanha	☐

11. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **inglês**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

12. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **espanhol**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

13. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **guarani**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

14. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua espanhola**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

15. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **guarani**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

16. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua inglesa**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

17. Onde você vê o **guarani** escrito ou falado? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

18. Onde você vê a **língua inglesa** escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

19. Onde você vê a **língua espanhola** escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

20. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

21. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

22. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

23. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o **guarani**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **guarani**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **guarani**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

() espanhol	() francês
() inglês	() guarani
() italiano	() polonês
() alemão	()

33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

() guarani	() polonês
() italiano	() alemão
() inglês	() francês
() espanhol	()

Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

[illegible]

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).

ANEXO G – Modelo de questionário – Curitiba – adultos

Idade: _____ anos.	
Sexo: () Masculino	() Feminino
Formação: () Superior () Médio	() Fundamental () Fundamental incompleto
Público: () Pai ou mãe de aluno/a	() Diretor/a de escola
() Professor/a de _____	

1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção por coluna.

Você conhece	Gostaria de conhecer
() espanhol	() alemão
() inglês	() guarani
() italiano	() italiano
() alemão	() espanhol
() português	() polonês
() guarani	() inglês
() polonês	() francês
() ucraniano	() ucraniano
() francês	()
()	

2. Na sua opinião, **no Paraná**, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

() inglês	() guarani
() espanhol	() francês
() italiano	() polonês
() alemão	()
() ucraniano	

3. Na sua opinião, **no Brasil**, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

() alemão	() guarani
() francês	() inglês
() polonês	() italiano
() espanhol	() ucraniano
()	

4. Na sua opinião, **em Curitiba**, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

☐ alemão	☐ guarani
☐ francês	☐ inglês
☐ polonês	☐ italiano
☐ espanhol	☐ ucraniano
☐	

5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **língua inglesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua espanhola** nas escolas paranaenses por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **língua espanhola**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de **língua inglesa** nas escolas paranaenses por aulas de **língua portuguesa**. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

9. Se você ganhasse uma bolsa de estudos com as despesas todas pagas para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

☐ Argentina	☐ Estados Unidos

☐ Inglaterra	☐ Espanha
☐ Paraguai	☐ Itália
☐ França	☐ Polônia
☐ Ucrânia	☐
☐ Alemanha	☐

10. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **inglês**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

11. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o *Facebook* e tudo nele está em **espanhol**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ não tenho conta ativa no <i>Facebook</i>	☐ peço ajuda a alguém
☐ tento usar assim mesmo	☐ desligo o computador
☐ procuro um lugar para alterar o idioma	☐

12. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua espanhola**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

13. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em **língua inglesa**. Qual a sua atitude diante dessa situação?

☐ tento assistir assim mesmo e compreender a narração	☐ deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
☐ procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português	☐ desligo a televisão

14. Onde você vê a **língua inglesa** escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

15. Onde você vê a **língua espanhola** escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

☐ na televisão	☐ em músicas
☐ em livros	☐ em sites de notícias
☐ em filmes	☐
☐ em jogos	☐ não vejo

16. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

17. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

18. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

19. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

20. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

21. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

22. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **inglês**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

23. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **espanhol**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

24. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o **português**.

☐ concordo totalmente	☐ discordo parcialmente
☐ concordo parcialmente	☐ discordo totalmente

25. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

ANEXO H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Entrevista

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Colaborador(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Línguas na educação paranaense**”, sob a responsabilidade de **Tadinei Daniel Jacumasso**, que irá investigar o lugar que as línguas ocupam nas escolas do Paraná. Tal estudo se justifica considerando que há no Paraná uma diversidade de línguas usadas por seus falantes e as escolas são lugares legitimados onde circulam essas línguas.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo COMEP/UNICENTRO.

DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO

emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, COMEP-UNICENTRO

Número do parecer: 1.351.309

Data da relatoria: 04/12/2015

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: Ao participar desta pesquisa o(a) senhor(a) concederá uma entrevista e nela serão abordados temas referentes às línguas usadas por seus falantes paranaenses. A entrevista será gravada em áudio e depois será transcrita. Lembramos que a sua participação é voluntária, o(s) senhor(a) tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado a entrevista sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

2. RISCOS E DESCONFORTOS: O estudo apresenta riscos mínimos, mas caso aconteça algum dano ou desconforto aos participantes, o pesquisador Tadinei Daniel Jacumasso se responsabilizará e garantirá medidas necessárias, a partir de encaminhamentos, para solucionar o problema.

3. BENEFÍCIOS: A pesquisa poderá gerar como benefícios uma discussão em torno da valorização do ensino de línguas nas escolas, além da promoção de uma agenda, junto ao órgãos competentes, de discussões que tratem da construção de políticas linguísticas efetivas de inserção e valorização de línguas.

4. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações que o(a) senhor(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por meio da entrevista serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum, nem quando os resultados forem apresentados.

5. ESCLARECIMENTOS: Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos

utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Tadinei Daniel Jacumasso

Endereço: Rua Antonio Valenga, 20. Irati/PR.

Telefone para contato: Residencial: (42)3422-8322; Celular: (42)9924-9704

6. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: Caso o(a) senhor(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira por isso.

7. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO: Se o(a) senhor(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, em duas vias, sendo que uma via ficará com você.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Irati/PR, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante / Ou Representante legal

Assinatura do Pesquisador

ANEXO I – Termo de Assentimento para criança e adolescente - Alunos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEP COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP

Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “**Línguas na educação paranaense**”. A direção da sua escola permitiu que você participasse.

Queremos saber o lugar que as línguas ocupam nas escolas do Paraná.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 14 a 17 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na sua escola, onde as crianças responderão a um questionário na forma impressa com vinte e cinco perguntas de múltipla escolha. O preenchimento do questionário é considerado seguro, mas caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (42)3422-8322 ou (42)99924-9704, do pesquisador Tadinei Daniel Jacumasso.

Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização desta pesquisa, principalmente a valorização do ensino de línguas nas escolas.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

Quando terminarmos a pesquisa, os resultados serão publicados em meios de divulgação adequados à temática.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo COMEP/UNICENTRO.

DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO

Emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, COMEP-UNICENTRO

Número do parecer: **1.351.309**

Data da relatoria: 04/12/2015

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa **Línguas na educação paranaense**.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

O pesquisador tirou minhas dúvidas.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Irati, _____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador

ANEXO J – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Questionário - Adultos
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Colaborador(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Línguas na educação paranaense**”, sob a responsabilidade de **Tadinei Daniel Jacumasso**, que irá investigar o lugar que as línguas ocupam nas escolas do Paraná. Tal estudo se justifica considerando que há no Paraná uma diversidade de línguas usadas por seus falantes e as escolas são lugares legitimados onde circulam essas línguas.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo COMEP/UNICENTRO.

DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO

emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, COMEP-UNICENTRO

Número do parecer: 1.351.309

Data da relatoria: 04/12/2015

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: Ao participar desta pesquisa, o(a) senhor(a) completará um questionário na forma impressa com trinta e três perguntas de múltipla escolha. Lembramos que a sua participação é voluntária, o(s) senhor(a) tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado o preenchimento do questionário sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

2. RISCOS E DESCONFORTOS: O estudo apresenta riscos mínimos, mas caso aconteça algum dano ou desconforto aos participantes, o pesquisador Tadinei Daniel Jacumasso se responsabilizará e garantirá medidas necessárias, a partir de encaminhamentos, para solucionar o problema.

3. BENEFÍCIOS: A pesquisa poderá gerar como benefícios uma discussão em torno da valorização do ensino de línguas nas escolas, além da promoção de uma agenda, junto aos órgãos competentes, de discussões que tratem da construção de políticas linguísticas efetivas de inserção e valorização de línguas.

4. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações que o(a) senhor(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por meio do preenchimento do questionário serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum, nem quando os resultados forem apresentados.

5. ESCLARECIMENTOS: Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Tadinei Daniel Jacumasso

Endereço: Rua Antonio Valenga, 20. Irati/PR.

Telefone para contato: Residencial: (42)3422-8322; Celular: (42)9924-9704

6. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: Caso o(a) senhor(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira por isso.

7. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO: Se o(a) senhor(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, em duas vias, sendo que uma via ficará com você.

=====

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelo pesquisador, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Irati/PR, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante / Ou Representante legal

Assinatura do Pesquisador

ANEXO K – Modelo de convite enviado aos pais

CONVITE

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **Línguas na Educação Paranaense**. Sua participação será concedendo uma entrevista ao coordenador da pesquisa, Tadinei Daniel Jacumasso, em data e local previamente agendados. O tempo médio da entrevista é de 20 minutos. A sua participação é voluntária.

No Colégio Estadual Barão do Rio Branco, a primeira fase da pesquisa ocorreu em dezembro de 2016, quando houve a aplicação de um questionário. Nesta fase, alunos, pais de alunos, professores da escola e a direção participarão concedendo entrevistas.

As entrevistas poderão ser feitas nos dias 04, 05, 06, 07 e 08 de abril de 2017.

Contatos do Pesquisador: Fone: (42) 9 9924-9704 E-mail: tadinei@hotmail.com

Corte aqui-----

Por favor, assinale o dia e o horário para a realização da entrevista e peça para seu (sua) filho(a) entregar esta parte do convite na escola.

	04/04	05/04	06/04	07/04	08/04	Local da entrevista
Manhã						
Tarde						
Noite						

Contatos do participante:

Fones: () _____ ou () _____

E-mail: _____

ANEXOS – CD-ROM

ANEXO L –	Transcrições das entrevistas	276
ANEXO M –	Resultados dos questionários	343

ANEXO L – Transcrições das entrevistas

CÓDIGOS DOS INFORMANTES OU ENTREVISTADOS
DEr- Diretora da Escola rural
AEr- Aluno da Escola rural
AEr- Aluno da Escola rural
MEr- Mãe de aluno da escola rural
MEr- Mãe de aluno da escola rural
PEr- Professor da escola rural
AEr- Aluno da Escola rural
AEr- Aluno da Escola rural
PEr- Professor da escola rural
DEf- Diretora da Escola da fronteira
PEf- Professor da escola da fronteira
MEf- Mãe de aluno da escola da fronteira
MEf- Mãe de aluno da escola da fronteira
AEf- Aluno da Escola da fronteira
AEf- Aluno da Escola da fronteira
AEf- Aluno da Escola da fronteira
AEf- Aluno da Escola da fronteira
PEf- Professor da escola da fronteira
PEf- Professor da escola da fronteira
AEc- Aluno da Escola da capital
AEc- Aluno da Escola da capital
AEc- Aluno da Escola da capital
AEc- Aluno da Escola da capital
PEc- Professor da escola da capital
PEc- Professor da escola da capital
PEc- Professor da escola da capital
MEc- Mãe de aluno da escola da capital
DEc- Diretora da Escola da capital
MEc- Mãe de aluno da escola da capital
PALAVRAS ESCRITAS EM MAIÚCULAS: FALA DO ENTREVISTADOR

Quantos anos você tem?
DEr- 45
AEr- 14
AEr- 14
MEr- 42
MEr- 44
PEr- 41
AEr- 14
AEr- 14
PEr- 32
DEf- 35
PEf- 23
MEf- 38
MEf- 35
AEf- 17
AEf- 15
AEf- 15
AEf- 15
PEf- 29
PEf- 30
AEc- 16
AEc- 16
AEc- 18
AEc- 16
PEc- 33
PEc- 60
PEc- 49
MEc- 56
DEc- 61
MEc- 48
Onde você nasceu?

DEr- Irati- Gonçalves Junior
AEr- Irati
AEr- Irati
MEr- interior de Irati - Cadeado grande
MEr- Irati
PEr- Irati
AEr- Irati
AEr- Irati
PEr- Prudentópolis
DEf- Foz do Iguaçu
PEf- Minas Gerais, São João Del Rei
MEf- Foz do Iguaçu
MEf- Foz do Iguaçu - Pérola do Oeste
AEf- Santa Terezinha do Itaipu
AEf- Foz de Iguaçu
AEf- Santa Terezinha
AEf- São Paulo
PEf- Dois vizinhos
PEf- Rio de Janeiro
AEc- Curitiba
AEc- Curitiba - morou em Londrina por cinco anos
AEc- Curitiba
AEc- Curitiba, morou 2 anos em Campo Grande
PEc- Sinop, no Mato Grosso
PEc- Curitiba
PEc- Ribeirão Preto
MEc- Curitiba
DEc- São Jorge do Ivaí, PR
MEc- São Paulo, Santo André
Mora aqui há quanto tempo?
DEr- sempre

AEr- sempre
AEr- sempre
MEr- desde os seis meses mora na comunidade
MEr- sempre
PEr- sempre
AEr- sempre
AEr- sempre
PEr- 8 anos
DEf- um ano em Curitiba
PEf- 9 anos que mora no Paraná
MEf- sempre
MEf- 18 anos
AEf- sempre
AEf- sempre
AEf- sempre (confuso)
AEf- sempre
PEf- sempre morou em Foz
PEf- 5 anos
AEc- sempre
AEc- sempre, menos cinco anos
AEc- sempre
AEc- sempre, menos 2 anos
PEc- mora há 1,5 ano e meio em Curitiba
PEc- mais de trinta
PEc- 30 anos
MEc- morou cinco anos em Londrina
DEc- 26 anos
MEc- em Curitiba mora há dois anos. ABC paulista, 15 anos em Cascavel, Curitiba
1. Qual(is) línguas você fala? Onde/como as aprendeu?

DEr- eu tenho o ucraniano que eu sei ler e cantar, o português e o inglês, que eu sou formada em inglês, adoro, né, o inglês, nossa, queria aprimorar essa língua, mas falta de oportunidade a gente não consegue, né.
AEr- português, e já, eu estou aprendendo assim a falar inglês e agora, à noite, a gente está aprendendo o espanhol.
AEr- português, (avós falavam ucraniano). (não tem vontade de aprender ucraniano).
MEr- na verdade, só português, né, inglês eu tive o tempo que eu estudei, digamos assim, foi mínimo o meu inglês, então não tenho muita.
MEr- só o português mesmo
PEr- na verdade, como diz, falar mesmo é o português, eu não sei se pra frente você vai perguntar de escrever ou ler, na verdade seria a questão do português mesmo, alguma coisa eu diria que eu sei pronunciar em inglês, talvez coisas químicas, na, da minha área, mas dizer que eu fale fluentemente, não.
AEr- eu falo só o português, é, aprendo um pouco de inglês e de espanhol, agora estou aprendendo espanhol, porque eu comecei Ensino Médio, né, mas é mínima coisa assim, bem pouquinho, tipo, sei lá. Acho que espanhol é um pouco mais fácil que o inglês, mais fácil, tipo mais parecido com o português.
AEr- olha, nós “aprendimo” espanhol agora, e desde o sexto ano foi inglês.
PEr- fluentemente assim só o português. Eu, na época que eu fazia o seminário, nós tínhamos curso de inglês, espanhol, italiano, francês e alemão. Então, assim, durante quatro anos, entre nós, no seminário, era tipo meio forçado a utilizar essas línguas pra conversar. Depois que eu saí do seminário, saí em 2006, como é difícil você encontrar gente que converse com você, então, tipo, eu perdi o costume de conversar.
DEf- eu sou professora de espanhol, então como eu estou na direção há um tempinho já, faz muito tempo que eu não dou aula de espanhol, mas eu acho que eu me viro bem no espanhol.
PEf- inglês, né, que é fluente, francês é básico pro intermediário e espanhol bem básico mesmo, quase nada.
MEf- falo português, mais ou menos. Eu fiz esse curso de CELEM, eu cheguei a fazer o de espanhol, fiz o de espanhol, tenho, né, certificado, tudo né, mas. Eu achei bem interessante, bem legal. A didática que a professora usou foi bem, a gente aprendia, era bem prazeroso, quando eu fiz eu achei muito legal, valeu muito a pena. POR QUE OPTOU PELO ESPANHOL? tinha o inglês também, mas eu achei [o espanhol] mais fácil, eu achei mais fácil.
MEf- só o português

AEf- português, o espanhol, o guarani sei algumas palavras, o inglês também sei falar algumas frases, sei o significado delas bem certinho e o libanês são só três palavrinhas mesmo, mas é mais o português e o espanhol que eu uso no dia. SE USA MAIS O PORTUGUÊS OU ESPANHOL: os dois batem mesmo ali porque eu trabalho ali com a fronteira e vem o, não só argentinos como paraguaio, boliviano, vem bastante árabe ali também. (continua)
AEf- fluentemente só o português mesmo. SOBRE O ESPANHOL: ah, eu acho interessante, gosto assim do sotaque, acho interessante.
AEf- eu falo brasileiro, o espanhol, e sei um pouco de algumas outras línguas. QUAIS? Eu sei um pouco de inglês, sei um pouco do árabe, só que são poucas palavras, não são muitas que eu sei. ONDE APRENDEU ESPANHOL: espanhol eu aprendi na escola e com a tia, que é argentina. AS OUTRAS: eu aprendi um pouco na escola e na internet, porque eu vou pesquisando e vou aprendendo.
AEf- eu só falo português, mas estou aprendendo espanhol no CELEM aqui da escola.
PEf- só o português, tentei fazer inglês tudo, mas não foi pra frente.
PEf- no caso somente o inglês, né, intermediário, comunicação, audição, e a nossa nacionalidade, o português.
AEc- eu falo português, sei um pouquinho de espanhol e estou aprendendo inglês (Avó falava em espanhol). Inglês não aprendi nada.
AEc- só o português. Já estudei espanhol e inglês.
AEc- eu falo português, um pouco de espanhol e um pouco de inglês.
AEc- português e um pouco de espanhol e inglês, mais de ler e interpretar, não consigo falar direito.
PEc- olha, eu não falo fluentemente, então, as que eu vou falar: que eu falo espanhol, que eu fiz o curso de espanhol pelo <i>Fisk</i> e inglês que eu também fiz pelo <i>Fisk</i> , e a língua portuguesa.
PEc- também não fluentemente o inglês e eu dou aula de espanhol, então o espanhol.
PEc- só a minha
MEc- eu só falo português, mas eu tenho contato com outras: essas outras é o espanhol e o inglês (rede social).
DEc- eu só falo o português, mal, mal, muito mal, como eu sou professor de exatas, então falo errado, às vezes, ainda, né, e escrevo errado, isso sem problema nenhum, mas consegui passar no concurso, (conta do concurso) aí faz um esforço medonho na hora de escrever.
MEc- eu falo português, mas assim, meu marido ele já é mais estudado, e ele acaba estudando por conta própria, né, então ele fala até o hebraico ele fala, é, ele gosta de ler, de falar, né, ele gosta, ele fala inglês, ele fala espanhol, ele fala um pouco de francês e ele fez mestrado, então

ele estudou bastante, eu não sou muito de estudar línguas, eu sou da área de artes, então a minha área é outra, é música, é outro tipo de estudo que me interessa.

2. Quantas e quais línguas você acha que são faladas/usadas no Paraná?

DEr- nossa, muitas, né, envolvendo indígenas e tudo? Umas, sei lá, umas cinquenta ou mais, sei lá, não tenho conhecimento.

AEr- acho que só o português, né.

AEr- sei lá, umas cinco, três. QUAIS? Espanhol, inglês, outra eu sei lá.

MER- Bom, eu sei que tem bastante gente que fala o ucraniano, o polonês eu não sei, já falam que também o polonês, mas vê falar mesmo o polonês eu acho que até eu não sei se eu vi uma pessoa trocando uma ideia, mas o ucraniano era bastante, que a mãe era ucraniana, então sempre tinha o pessoal que vinha de Curitiba na igreja ali, então trocava as ideias tudo em ucraniano daí eu ficava vendida, não sei de nada. Inglês, espanhol, o que mais? Eu acho que esses é os mais. Alemão já também falam em alemão, mas ver falar eu também não vi.

MER- puxa, são várias, né, bom, tem o ucraniano, né, o alemão, polonês, eu acho que é isso, né, mais ou menos que eu sei.

PER- eu acho que pelo menos, eu acho que pelo menos três, o português mesmo, e talvez o inglês e espanhol talvez, na minha concepção, né.

AEr- ah, sei lá, a maior parte português, e acho que inglês, é, acho que português só, só se inglês, não tenho a mínima ideia.

AEr- acho que mais o inglês e o espanhol, acho que é o mais comum.

PER- ah, tem muitas né, no Paraná umas sete ou oito línguas com certeza, né, porque tem ucraniano, o alemão, polonês, tem italiano, francês, né, com certeza, tem bastante, acho que mais no Norte deve ter, o inglês, não fluentemente, mas deve ter alguns que conversam. Acho que as mais faladas são essas.

DEf- é o ucraniano, pra nós aqui é muito comum o árabe, tem alguma colônia alemã também que fala? Mas eu acho que são umas duas ou três.

PEf- bom, deve ser mais de cem, não sei, porque tem dialetos, acho que vai contar também pessoas de fora que vêm pra cá, pra morar aqui, né, os haitianos aqui, não sei, eu chutaria mais de cem.

MEf- no Paraná eu acho que são muitas, né, espanhol, português, acho que inglês, deve ter mais algumas aí porque é uma mistura de povo.

MEf- são várias né, ah, o espanhol, né, que é mais falado, que a gente mais, mas, que nem aqui em Foz mesmo, a gente tem várias, tem quantos árabes, tem inglês, tem japonês, coreano, chinês, tem de tudo, né. A minha mãe mora no Paraguai, então eu vivo muito lá também. Ela fala em português. Meu pai é libanês, só fala libanês, muito mal o português. Eu tenho pouca convivência assim com ele, porque eu quase não vejo, assim a gente entra em contato por causa da rede social, *Whats app*, mas ele fala bem mal, bem mal. Tem um irmão meu também que ele veio pro Brasil agora, faz três meses, agora ele está conseguindo já a falar o português, então a gente, às vezes, pra conversar, a gente usa tradutor no *Google*, entra lá e traduz quando está conversando, né, que é mais fácil, às vezes, do que se entender falando, tem coisas que a gente não entende bem, então a gente escreve e traduz. (Segue contando como se comunica com o irmão e o pai).

AEf- português, mesmo né, o espanhol, o inglês nem tanto, né, porque eu não sei muito bem, eu não conheço muito bem essa área de, os gringos ainda não sei como funciona, mas eu acho que seria o espanhol, o português, são os mais fortes, e o libanês que está alcançando ali, né, porque está vindo muitos árabes pra cá, né, desde que eu trabalho ali na loja, ali onde eu trabalho, dá pra perceber que vem muito árabe. POR QUÊ: as guerras nos países deles lá, eles acham que aqui é bem mais melhor do que no país deles, eles vem cá, né, eles não deixam do país deles, mas eles vêm pra cá, abrem comércio aqui, comércio grande, principalmente eu acho que os quatro maiores *shopping* ali do Paraguai, se eu não me engano, não, os dois maiores *shopping* ali do Paraguai, que tem ali, os donos são de árabes, se eu não me engano, eu acho que é por causa pra se evoluir e crescer na vida, batalhar como todo mundo.

AEf- nossa! Eu acho assim que se for da região mesmo eu acho que só o português, mas como tem, principalmente aqui em Foz do Iguaçu, tem bastante turistas, aí tem inglês, tem espanhol, tem diversas línguas.

AEf- bom, aí eu acho que são várias porque muitos turistas vêm pra cá, mas eu acho que os mais importantes que são falados aqui são o espanhol e o inglês.

AEf- umas duas. QUAIS? Espanhol, daí que eu sei porque os meus vizinhos tudo falam assim e português, não sei outra. (Vizinhos argentinos).

PEf- ah, eu acredito, no Paraná, só? umas cinco, mais, ah nunca parei pra pensar, pode ser o castelhano que nós temos aqui na fronteira, é o inglês, o português por si próprio, francês, acho que as mais conhecidas são, tem a do árabe também que é bastante utilizada, que nós temos aqui na região, acredito que é essas.

PEf- no Paraná? ah, eu não tenho essa informação, se eu puder dar um chute aproximado, eu posso falar, mas sem nenhum dado estatístico comprovado. Olha, aqui no Paraná eu vou colocar

pra você então umas três línguas, aproximadamente, que é o espanhol, por causa da região de fronteira, né, o português do Brasil e o turismo, também como aqui é muito forte, acredito que o inglês também deva influenciar de alguma forma.
AEc- nossa, ah, eu acho que vai de pessoa, assim, tem famílias que falam alemão, acho que são muitas línguas assim, porque tem bastante, tipo vieram muitos imigrantes pra cá, então eu acho que são muitas. Eu diria bem mais do que 10.
AEc- não faço ideia, sei que são muitas, mas eu não faço ideia. Polonês, alemão, italiano, mais ou menos essas, as europeias, né, tupi-guarani, as línguas indígenas, né, basicamente essas, eu acho.
AEc- no Paraná, eu acho que, eu já vi português, inglês e um pouco eu acho de japonês por causa que tem um lugar aqui perto que falam, mas eu acho que só. Espanhol eu não tenho certeza.
AEc- eu chutaria umas quatro. O português, o inglês, o espanhol e a terceira eu chutaria o alemão.
PEc- eu acredito que duas, né, no ensino obrigatório, que é o espanhol e o inglês ou o espanhol ou inglês, né, eu acredito que sejam duas. De onde eu vim eram duas, duas possibilidades. QUADRO: eu acho que deve permanecer como está, mas a carga-horária deveria aumentar, né, eu acredito que a carga-horária não seja suficiente, né, pra você aprender toda a questão da gramática, não só a língua, não só falar fluentemente, mas também a questão gramatical é muito importante, eu acredito que tinha que ser aumentado essa hora pro professor. ESTRUTURA: eu acho que desde o início as duas, tanto o inglês quanto o espanhol, isso, porque é, querendo ou não, hoje são duas línguas que é, super necessárias, em todo lugar que você vai você sempre tem as duas opções, se você vai viajar, mesmo que seja dentro do teu país, né, você vai olhar as placas de aeroportos, por exemplo, tem as duas opções, né, então eu acho que tinha que ter as duas desde a base mesmo.
PEc- ah, várias, porque nós temos muitas pessoas de outras regiões aqui né, então nós temos o bosque alemão, tem a praça do Japão, né, temos várias pastelarias que quando você vai comprar um pastel a pessoa te atende em português e fica conversando entre eles, eu já vi isso várias vezes, e eles ficam conversando em japonês entre eles. Temos também a Santa Felicidade, que é a região dos italianos, então Curitiba ela está cheia de outras línguas. QUANTAS: eu creio que inglês, espanhol, japonês, italiano, alemão, ah, tem o ucraniano também, tem o bosque ucraniano, ah, eu acho que dá perto de dez, né, etnias, que o pessoal que vem pra cá, infelizmente o brasileiro ele, se ele muda, ele perde as suas origens por conta própria, né, e o pessoal que vem pra cá ele não perde as suas origens, ele conserva, no núcleo dele, mas ele conserva, então ele

fala a nossa língua socialmente, profissionalmente, mas no núcleo ele conserva, tanto a língua quanto a cultura, e eu acho isso muito, muito, muito. Infelizmente não é o que ocorre no Brasil. No Brasil, podendo acabar com a cultura.
PEc- eu acho que o espanhol, né, lá na fronteira, talvez um pouco de inglês, talvez ucraniano em algumas regiões, né.
MEc- ah, eu não tenho ideia, mas talvez umas quatro. Na minha opinião seria o inglês, o espanhol, algum dialeto, alguma coisa de índio, né, indígena e eu não tenho certeza, mas eu sei que talvez seja o francês. Eu falei quatro, eu tenho dúvida se o coreano, né.
DEc- ah, eu acho, quantas eu não sei, mas no Paraná tem muita gente que fala inglês, tem muita gente que fala alemão, tem muita gente que fala francês, italiano. Eu moro em Santa Felicidade, é um bairro italiano, polonês e alemães e tal, então certamente lá eles falam muito, sabe, não assim publicamente, com certeza em casa eles. Então acredito que no Paraná, pelo menos umas, sei lá, umas dez línguas é falada. Japonês, tem muito japonês no Paraná, na região de Londrina, porque o Paraná foi colonizado por muita gente assim que são descendente de europeu ...
MEc- ah, no Paraná é, no Paraná, é uma Europa, né, eu falo que o Paraná é, é um pedaço da Europa, porque quando eu mudei de São Paulo pro Paraná, eu achei que eu estava num outro país, é, é, porque é muita diferença, né, não que em São Paulo a gente não tenha isso, mas os costumes são muito diferentes, a forma, o vocabulário é diferente. Às vezes eu chamava algo de um nome e eles usavam outro. Até eu descobri o que eles estavam querendo dizer, eu levava um tempo. Então eu acredito que poloneses, eu convivi com gente que falava polonês, alemão, o italiano, né, o que mais? assim que eu convivi, nesses quinze anos que eu morei ali em Cascavel, né, tinha o pessoal do Sul, né, do Rio Grande do Sul que também tinha um outro vocabulário, mesmo interno. É um vocabulário do pessoal daquela região, né. É um vocabulário diferente. Então eu percebo assim no Paraná existem várias formas, né, diferente de São Paulo, eu percebo. Eu fui criada em São Paulo, mas era diferente.
3. Quantas e quais línguas você acha que são ensinadas nas escolas do Paraná? O que você pensa sobre isso? Deveriam aumentar/diminuir esse número de línguas? Por quê? Quais deveriam ser substituídas/excluídas/incluídas?
DEr- acho que umas cinco né, contando, sei lá, o que a gente ver falar, espanhol, inglês, ucraniano, né, cada comunidade tinha autonomia pra escolher, né, não sei se tem outras, francês, né, talvez, em algumas escolas específicas, mas eu não tenho bem o conhecimento de quantas, umas quatro ou cinco, né. QUADRO: eu acho que é relativo, né, cada um puxa pro seu lado, né.

Eu sou formada em inglês, eu vou puxar pro inglês, porque eu acho uma língua mundial, outros, né, espanhol, mas eu acho que deveria oferecer quanto mais números era melhor, ter pelo menos duas opções, né, duas escolhas, se for como o CELEM, né, que tinha, então oferecer uma e em contra-turno outra, né, pra ele ter mais chances, oportunidades, também o espanhol e inglês eu acho que as duas são, né, são muito importante. SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO: eu não sei, a proposta do governo é o inglês, né, que eles querem o inglês daí eu não sei se a gente vai pelo, vai ter que, eu acho que não vai ter escolha, né, vai ser direcionada, vai vir de lá, eu acho que a gente não vai ter muita saída pra escolher, né. SE MUDA PARA O PRÓXIMO ANO: não, continua o espanhol, continua porque a facilidade pra eles também, né, e daí eles têm contato com o Ensino Fundamental o inglês e eles peçam o espanhol no Ensino Médio. SE DEVERIA PERMANECER ASSIM: eu sou suspeita pra falar, né, porque eu sou do inglês, eu torço pra ter o meu padrão aqui, no ano que eu ia ter o meu padrão aqui, acabaram mudando pra espanhol, então eu fui assim prejudicada nesse sentido, tive que me deslocar daqui, do meu lugar, assim, quando eu acreditei que eu ia ter minhas aulas aqui eu tive que ir pra cidade, né, então assim, essas andanças, foram 23 anos de andança, eu já queria ficar no local onde estava aqui, eu acho que eles tinham que ver a questão do professor, né, se tem professor formado, né, na localidade, se tem na escola, eu acho que pra facilitar, né, também, de repente você traz um professor de fora que ele não fica aqui, que ele não tem essa continuidade do trabalho, então a gente começou no Ensino Fundamental e podia aprimorar a língua no Ensino Fundamental (Médio) e assim acaba rompendo, talvez seria bom essa sequência, que a gente vê as experiências de outros colégios que têm a mesma língua no Fundamental e no Médio, acontece essa sequência e eles conseguem ter uma boa fluência lá do inglês ou do espanhol, né, mesmo assim, então que fosse uma língua do Fundamental ao Médio continuando porque senão fica nem uma nem outra e podia ser aparte, em contra-turno, uma outra língua, dá mais uma opção pra eles ter as duas, isso é importante também, eu acho assim.

AEr- eu acho que é o inglês e o espanhol, né. QUADRO: eu acho que deveria sim haver uma aprofundação melhor, né, assim ser mais aprofundado, não ser tantas, mas ser assim mais aprofundado tipo assim na matéria, né, porque a gente um dia vai precisar dessas línguas no futuro, né, para um trabalho, né. Então eu acho que devia não ser muitas, mas ser um trabalho assim bem aprofundado no colégio. QUAIS? Eu acho que deveria ser o inglês, o espanhol. Eu acho que as duas só, que a gente ocupa bastante.

AEr- em todas as escolas? duas, inglês e espanhol. QUADRO: Acho que tinha que ter inglês e espanhol à noite, pra todo mundo. E SE TIVESSE QUE ESCOLHER ENTRE INGLÊS E ESPANHOL: espanhol.

MER- eu acho que só seria o inglês e o espanhol, além do português. Eu acho que essas são as únicas, até hoje que eu vi. MAIS LÍNGUAS? Eu acho que deveria de ter coisas a mais, né. Você veja simplesmente você sai falando quê? Você vai falar o português correto. Pergunta em inglês e algumas coisinhas. Que nem eu sempre brinco com a minha menina. Como é que é? Vai me fugir agora. O nome que sempre era batido nas aulas e *the book on the table* lá, que o livro está sobre a mesa era o que mais a professora repetia e daí e só. Eu acho assim que teria que ter um curso de inglês específico daí assim que acompanhasse assim, de repente até dos pequeninhos, porque quando é pequeno que é mais fácil de ensinar, né. O inglês e o espanhol principalmente, né, é essas duas mais que eu acho. SE FOSSE SÓ UMA: eu acho que o inglês que é mais procurado sempre. Pelo menos é o que eu vejo falar, né. Não, porque eu acho assim que o inglês, você vai pros EUA é o inglês, né. Eu acho que o mais pedido mesmo né, é o inglês. O espanhol já é mais, eu acho que já fica em segundo plano, pelo que eu vejo, até do tempo que eu estudei também, né, antes era mais o inglês, depois um único ano que eu tive o espanhol, né. Só que eu também acho bem interessante.

MER- português e inglês, né e poucas o espanhol, né, que entrou agora também né. AQUI É? Aqui é de manhã inglês e à noite espanhol. O PENSA SOBRE ISSO? Eu acho que até seria bom se tivesse mais, né, opção, por hoje em dia, né, os idiomas, né, as crianças, né, depois no futuro, né. Eu acho que seria interessante, né, ter mais línguas, né. SE FOSSE PARA O FILHO ESCOLHER: ah, geralmente falam o espanhol porque é parecido com o português, mas eu acho que o inglês, né.

PER- eu acho que conforme a grade seria o português, língua portuguesa mesmo e daí o inglês mesmo ou senão o espanhol, que está pra sair agora. Eu acho que talvez mesmo pela, por uma questão de até de globalização e tal, talvez seria mesmo a nossa língua mãe, o português, né, a questão do inglês, né, e questão do espanhol pela questão do MERCOSUL. A questão, por exemplo, de francês, alemão, seria alguma coisa mais específica se alguém quisesse assim no sentido de viajar, na intenção de viajar, eu diria, mas eu acho que basicamente seriam as três. Você essa possibilidade de você aprender a falar muito bem e a escrever muito bem o português, o inglês e o espanhol, sim, essas três.

AER- acho que duas, né, por causa que no Ensino Fundamental a gente aprende inglês e, tipo no Ensino Médio a gente aprende o espanhol. O QUE PENSA: Acho que deveria ser só uma língua, né, tipo que nem o inglês, que é língua mundial, né. Eu acho que daí a gente aprendia mais, aprofundava mais naquilo. Que nem muda do Ensino Fundamental para o Médio daí tipo a gente que para no inglês que a gente estava aprendendo, começou aprender, daí a hora que começa o Ensino Médio eles mudam, daí tipo a parte que pula pro espanhol daí você já não lembra mais

do inglês, tipo você lembra menos já, por causa que se continuasse estudando inglês você ia saber, tipo você ia aprender mais, até o terceiro ano, nossa, ia saber falar tipo já maisomeninho assim já, não bem, ia errar, mas errar é normal. Eu preferia que fosse uma só, que daí a gente ia aprender mais, tipo as duas assim a gente aprende muito pouquinho. Pra mim eu prefiro o inglês.

AEr- eu acho que só inglês e o espanhol também. Eu acho que deveria ser desde o sexto ano, sabe, até o terceiro do Ensino Médio, uma língua só, sabe, tipo do sexto até o nono a gente aprendeu uma, daí tipo podia ter continuado até o terceiro sabe pra gente aprender bem. PODERIA SER OU INGLÊS OU ESPANHOL: sim. Eu acho importante para o futuro, as línguas.

PEr- que eu conheço, no colégio público ou privado? Envolve os dois? SIM. Eu acho que todas essas línguas são ensinadas, porque quando eu estava em Curitiba nós tínhamos aula de francês e italiano, entendeu? eu acho que deve ter alguma comunidade que ensina alemão, com certeza, ucraniano em Prudentópolis eles ensinam, então além do inglês e do espanhol, acho que mais essas três línguas que são ensinadas. Na minha opinião eu acho que se são ensinadas essas outras línguas além do espanhol e do inglês, que são línguas necessárias, eu acho que é mais pra recuperar a tradição cultural, né, e eu acho isso muito importante. Eu acho que essas língua é que representam mais tipo o Paraná, né, são as línguas que representam o Paraná. Eu acho que são mais pra recuperar, nesse sentido. SOBRE O QUADRO ATUAL: eu acho que pra eles está muito bom porque mesmo assim, se colocar mais línguas pra eles se torna complicado. Você pega um colégio do interior, por exemplo, a maior parte dos alunos aqui, eles terminam o Ensino Médio e não vão pra faculdade. Aqui alguns falam polonês, alguns falam ucraniano, você, ainda alguns, sabe, então mais pra recuperar a cultura deles mesmo, né

DEf- só o inglês e o espanhol. AQUI NA ESCOLA: o inglês e o espanhol. O inglês no Fundamental, o espanhol no Médio e CELEM das duas línguas. O QUE ACHA? Essencial, e se a gente tivesse profissionais que entendessem as outras, eu com certeza tentaria trazer essas outras línguas pra cá. Eu acho muito bonito o italiano, só que a dificuldade de implantar um curso como esse, por exemplo, eu poderia pedir o CELEM de italiano, mas e quem que seria o profissional pra trabalhar, uma vez que nós não temos nenhuma universidade que gradue profissionais pra essa língua? E aí aqui não teria o profissional porque o Estado só deixa que seja graduado. SOBRE A OFERTA NA GRADE: Na grade, na grade eu acho complicado, uma vez que pra você tirar de outras disciplinas também, uma vez já está apertado, eu acho que principalmente para o Ensino Médio é uma carga-horária irrisória o número de aulas de línguas pra eles, só que, que outra disciplina teria que tirar pra colocar um outra língua além da que já

tem na matriz? SE HÁ DISCUSSÃO SOBRE TIRAR O ESPANHOL E COLOCAR O INGLÊS: não, nenhuma, nem se cogita a ideia.

PEf- inglês, espanhol, eu sei. Eu sei que tem algumas cidades pequenas que tem alemão, eu não me lembro, era alemão, polonês, eu acho que era alguma coisa assim, polonês, até onde eu lembro, não sei se tem outras, mas sei que alemão e polonês eu já vi em algum edital, em alguma coisa assim, bem nas cidadezinhas pequenas, né. ENSINO REGULAR, O INGLÊS E O ESPANHOL: eu acho importante, né, só que o ruim é que não dá aquela importância tão grande, até, não sei se pela direção ou pelos alunos ou pela cultura já instaurada ali, né, que eles acabam vendo como, ah, é só mais uma, não reprova, eu já ouvi várias vezes, não reprova, inglês não reprova, mas assim é importante, porque além de ser uma matéria igual às outras, né, da base curricular, também faz parte de provas como o ENEM, vestibular pede, e também pra você se diferenciar, né, no mercado de trabalho, a gente costuma falar isso e tem aquela parte também da neurociência, né, que fala de estimular o cérebro e tudo mais isso. ORGANIZAÇÃO DAS LÍNGUAS NA ESCOLA: eu acho complicado porque devia ser na verdade uma coisa única pra todo mundo, se vai colocar as duas, espanhol e inglês, coloca de tal a tal ano espanhol e de tal a tal ano inglês, ou optativa, agora sem, não dá, porque vai fazer muita falta mais pra frente e aí a pessoa vai ter que buscar outros recursos, com dinheiro e tudo mais, então é uma coisa boa pra ser aproveitada porque é de graça, se a gente for pensar, né, por exemplo, o CELEM é um curso de inglês que é praticamente um curso particular porque não tem muitos alunos, pelo menos na minha sala e é de graça, então é uma coisa que não devia ser deixado pro lado, é uma coisa importante.

MEf- eu acho que nas escolas, eu acho que seria o português, né, o inglês e o espanhol, na minha humilde opinião eu acho que seriam essas. Na verdade, eu acho que deveria aumentar a quantidade de horas, não sei, um pouco mais, pra que os alunos saiam aprendendo realmente, possam sair lá e ajudar alguém, a entender o que alguém fala. Eu acho que é pouco o que eles aprendem aqui. Eu acho que deveria ensinar o que ensina já aqui, mas aumentar, aumentar não sei, a quantidade de horas, a maneira de trabalhar, eu acho que deveria primeiro melhorar o que já tem. SOBRE A ORGANIZAÇÃO: eu acho que é mais fácil pros alunos, porque na verdade tipo na nossa escola eles têm, que faz o Ensino, é o Fundamental tem o inglês e eles podem fazer o espanhol como CELEM, como segunda língua, né, e vice-versa, eu acho interessante e vai de cada pessoa, de cada aluno, mas eu acho interessante essa parte.

MEf- eu acho que só o português e o espanhol, né. É inglês e espanhol, desculpe. QUADRO DAS LÍNGUAS: Acho que é importante as duas. Ah, eu acho interessante tanto uma como a outra. O espanhol é muito bom pra gente aqui, né, por essa região, porque o Paraguai e a

Argentina, tudo aqui é espanhol e o inglês também, o inglês é bom pra tudo, né. Eu até queria que o meu filho fizesse um curso a mais de inglês, por enquanto ainda não, mas ele vai fazer. Ele fez inglês agora até o nono ano, né, então agora que ele vai começar o contato com o espanhol. Ele já conhece bastante por causa da casa da minha mãe, então ele tinha os amiguinhos lá que falavam. Então o inglês foi mais difícil de ele começar, mas ele gostou muito. EM QUE LÍNGUA SE COMUNICA COM OS AMIGOS: eles se entendem. Algumas coisas assim ele tenta, quando eles não conseguem falar, mas lá a maioria já tem também um portunhol, então daí eles se entendem.

AEf- o português, o espanhol e o inglês. O português é o mais aprofundado, o espanhol e o inglês eu acho, acho não, eu tenho certeza que é mais básico só nas escolas públicas, agora nas escolas particulares aí já é outros quinhentos né, bem dizer (...). QUADRO GERAL: hoje é ensinado o básico, ali o inglês e o espanhol. Eu acho que devia ser mais aprofundado isso, tanto o inglês como o espanhol, assim como o português, mas o inglês e o espanhol eu acho que devia ser o fundamental pela, principalmente o espanhol pelas nossas fronteiras, a Argentina e o Paraguai, eu acho que é bem bacana, seria bem bacana ali ser bem aprofundado porque muitos alunos têm interesse, mas não têm condições de pagar um curso particular. Eu acho que as escolas públicas ali, né, deviam dar essa oportunidade aí de um espanhol e inglês mais avançado, mais, é, ser trabalhado mais em sala de aula.

AEf- o inglês e o espanhol, principalmente. QUADRO: Eu acho que deveria sim ser as duas, só que de um jeito mais rígido pra gente aprender mesmo, porque assim coisas que passam do Fundamental do quinto ano até o nono ano é coisa básica que a gente vai, a gente aprende, a gente, como é que eu posso dizer, a gente não conhece, a gente não tem conhecimento, a gente tem memória aí é uma coisa que eu acho que deveria ser mais rígido, mas eu acho interessante, legal.

AEf- eu falo que nas escolas do Paraná o básico é o espanhol e o inglês, que eles ensinam, e que são as línguas básicas, porque em várias escolas que eu já estudei dentro do Paraná foi sempre o básico o espanhol e o inglês. QUADRO: bom, eu acho assim que devia ter mais, eu acho que são assim muito importantes pra quem quer sair pra fora do país, tentar uma faculdade fora, eu acho que as escolas deveriam adotar mais, ter mais línguas diferentes, mais culturas.

AEf- duas nas escolas públicas, é inglês e espanhol. QUADRO: ah, deixa eu ver aqui, pensar um pouco, ah, essas línguas eu acho que está bom, porque são meio que principais, ultimamente são as que mais faladas, daí eles estão querendo preparar os alunos pra saber um pouco.

PEf- nas escolas públicas? só espanhol e inglês, o básico, e o português, né, mas fora essas, na rede pública. QUADRO: Eu acredito que seria interessante o curso do CELEM mesmo, não só

o inglês ou só o espanhol, aqui nós temos o espanhol, né, mas o francês seria legal pra eles estarem conhecendo, a da fronteira aqui mesmo que nós temos os paraguaios, pra eles conhecerem a língua. PERGUNTO SE ELA SE REFERE AO ESPANHOL OU AO GUARANI: o guarani, porque o espanhol já tem né, através do CELEM, mesmo porque por educação básica é difícil você aprender, porque é poucas aulas.

PEf- nas escolas só o espanhol, espanhol. Aqui em Foz do Iguaçu, o espanhol, no Ensino Médio. Como que eu trabalho só com o Ensino Médio, então. No Fundamental eu acho que eles estudam um pouco de inglês também, né, um pouco da língua inglesa. Como eu trabalho com o Ensino Médio somente, primeiro, segundo e terceiro ano. SE TRABALHA EM OUTRA ESCOLA: mais três. Todas têm o espanhol, é, exatamente. QUADRO: em relação à região de fronteira, aqui a escola, temos aqui a tríplice fronteira, Paraguai, Argentina, então no caso seria interessante você pegar o espanhol durante toda a vida estudantil do aluno. Sem você, por exemplo, trabalhar com uma disciplina língua inglesa no Ensino Fundamental depois você mudar depois pro espanhol no Ensino Médio, né, isso aí iria ajudar com certeza o aluno a ter uma noção maior do próprio, da própria língua em si, ia ter um aprendizado bem melhor, sem precisar estar mudando. Até em relação à UNILA, como aqui tem a Universidade Latino-Americana, então, ela é integrada, então o espanhol, ela acaba sendo, com certeza vai acabar sendo uma segunda língua aqui pra cidade de Foz do Iguaçu, essa região de fronteira e também essa universidade que recebe todos os alunos que estão terminando o Ensino Médio de vários países da América Latina. VISÃO LOCAL DE FOZ. NO PR: tendo uma visão do Paraná, aí no caso, acredito eu, e no caso, tanto o inglês quanto o espanhol seriam as principais línguas que seria necessárias pra um bom desenvolvimento, acredito seria da melhor forma possa ser isso.

AEc- assim, tipo efetivamente ou no CELEM? NA GRADE e NO CELEM: eu acho que umas seis, sete línguas, por aí. Ah, o inglês, o espanhol, o italiano, francês, alemão, acho que é isso. NA GRADE: acho que são duas: inglês e espanhol. QUADRO: eu acho que tinha que ser melhor trabalhada, sabe, porque não adianta nada, igual eu tive inglês no Fundamental inteiro e só aprendi tipo o verbo *to be* tipo o tempo inteiro, então assim eu acho que tinha que ser melhor trabalhado, mesmo, não adianta nada você ver várias coisas e não aprender nada. MAIS LÍNGUAS? Eu acho que devia, mas eu acho que o professor também tinha que estar empenhado e os alunos, é meio complicado. NO VESTIBULAR: eu acho que escolheria o espanhol porque é mais perto e é mais garantido que eu vá melhor.

AEc- ah, eu acho que somente as mundialmente, que seria o inglês e o espanhol mesmo. Existem outras que eu já ouvi reportagens sobre, que tem uma escola que ensina, eu acho que uma língua indígena, mas no geral, só inglês e espanhol. QUADRO: eu acho que como o ensino não é, não

é, a gente não está aqui pra aprender, mas sim pra sair com um emprego, pra continuar com o Capitalismo, né, eu acho que seria fundamental o inglês e o espanhol mesmo, principalmente o inglês porque é uma questão curricular, né, se você for fazer alguma entrevista do tipo de trabalho ou algum curso, intercâmbio, etc, vai ser de países que falam a língua inglesa, então eu acho que são essas realmente. SE CONCORDA COM A ESTRUTURA DO CAPITAL: não, com certeza não, Capitalismo mata, né, eu acho isso muito triste, não gosto disso, não sei como funcionaria, mas Capitalismo não dá certo, não concordo. SE TEM ALGUMA POLÍTICA PRA MUDAR: não, a gente só contribui pra isso, né, porque se a gente não se submete a gente morre. SE DISCUTE ISSO COM COLEGAS: sim, sim, eu tenho só amigos esquerdistas, a maioria, então são discussões políticas contra tudo isso, né, sobre como tipo atualmente, porque isso é um aspecto muito egoísta, egocêntrico do ser humano, então são discussões baseadas em política, egoísmo e egocentrismo. POLÍTICAS PÚBLICAS RECENTES: é aquele negócio, a economia tem que funcionar, não importa o que seja feito pra isso, não importa se a gente tem que morrer antes de se aposentar, não importa se a gente tenha que sair do Ensino Médio como robózinhas, não importa, tem que continuar funcionando pra economia ficar bem pro Brasil ter uma economia boa, não concordo, com certeza. POLÍTICAS ESTADUAIS: no estadual eu sei apenas sobre os professores, né, que é a minha realidade e também não concordo, minha mãe é professora inclusive e essa questão da carga-horária deles, de tirar hora-atividade, como a gente vai ter um bom ensino sendo que não tem uma preparação pra isso? Sendo que tem que tirar do tempo deles que eles têm em casa pra isso? MUDANÇA NO ENSINO MÉDIO – INGLÊS OBRIGATÓRIO: não concordo porque é tão diversificado, né, não é nossa realidade, a gente vive na América do Sul, né, nós somos latinos, por que que devemos falar inglês? Mas aquela história, né, temos que continuar porque se não tiver o inglês a gente não é qualificado, a gente não está bem, então.

AEc- eu acho que o espanhol e o inglês e, bom, tem aquele outro negócio lá, que falaram que tem, que você pode pedir mais línguas, né, mas eu não tenho certeza. QUADRO: Eu acho que, deixe eu pensar, acho, sei lá, nenhuma especial assim que eu tenha certeza. QUADRO: bom, eu acho que quanto mais, melhor. QUAIS? Eu não tenho certeza, mas eu acho que tipo inglês deveria ser ensinada desde criança também, mas podia ter mais língua também, é interessante, o francês seria legal, outras línguas. FRANCÊS: porque eu acho que, bonito o jeito de falar. POR QUE O INGLÊS DESDE CRIANÇA: por causa que é uma língua universal, né. ESTRUTURA: eu acho que não devia ter parado com o inglês, eu acho que devia ter continuado também, se fosse acrescentar alguma coisa, podia acrescentar o espanhol, não precisava tirar o

inglês, né. ESPANHOL NO ENSINO FUNDAMENTAL: também, seria uma boa também, como eu já disse, quanto mais melhor.
AEC- eu ia falar do CELEM, eu sei do CELEM que tem, que são cursos que dão, que dão cursos de línguas, que daí dá espanhol, dá italiano, dá francês, dá alemão. O inglês é ensinado na sala de aula e que eu lembro só. QUADRO: eu acho que deviam colocar, mas os professores tinham que, por exemplo, eu tive, desde a quinta série, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, eu só tive sempre a mesma coisa de matéria, sempre tive tipo o verbo <i>to be</i>, sempre, nunca troquei a matéria, então tipo o que que é, eu acho certo, eu acho que deveria ter pelo menos mais uma, ter duas línguas e os professores serem mais capacitados pra poder ensinar mais, fazer realmente a pessoa aprender a língua, não só ver o básico, ir avançando com o decorrer do tempo. SEGUNDA LÍNGUA: espanhol ou alemão, tipo até mesmo mandarim. NO ENSINO MÉDIO: eu acho que a mesma coisa, a gente tem só o espanhol, a progressão também, é um pouco mais do que no Fundamental, mas mesmo assim é meio ruim, mas também devia ter duas, que daí seria o inglês, o espanhol e o inglês. SOBRE A PROGRESSÃO: maior do que no inglês, sim. Eu pelo menos eu tive no colégio, tinha uma progressão maior no espanhol do que no inglês.
PEC- eu acredito que o inglês primeiro, depois o espanhol, né, que são faladas, embora aqui nós tenhamos muitos imigrantes, que seria, que tem muita gente que vem da Argentina, né, que você vê por aí, então eu acredito que ainda é o inglês e depois o espanhol.
PEC- então, eu considero várias por conta do CELEM, né, então na grade curricular do Estado são duas, com o inglês e o espanhol, mas tem o CELEM, só ali no Colégio Estadual, no Pedro Macedo, tem inglês, francês, alemão, se eu não me engano tem até Japão lá, o japonês agora, né. No Estadual, ali se eu não me engano, também estão querendo implantar o mandarim, então o CELEM de colégios grandes ele oferta não só o inglês e o espanhol, ele oferta outras, né, mas na grade curricular do Estado apenas inglês e espanhol. QUADRO: olha, aqui infelizmente o Estado finge que tem a língua estrangeira, né, o professor teria que ter mais tempo, duas aulas por semana é muito pouco, né, hoje nós estamos vivendo um descaso tanto da educação por parte dos pais quanto dos governantes, e do próprio aluno, né (segue falando da indisciplina dos alunos e dos problemas da educação). SOBRE AS LÍNGUAS: teria que ter as duas na grade, eu considero as duas importantes, por que só uma e outra, uma no Ensino Fundamental e outra no Ensino Médio? Não, eu creio que desde o Básico teria que ser as duas.
PEC- eu acredito que duas, é o inglês e espanhol, né, essas é que estão pelo menos na grade. Francês também, não sei se tem escola com francês, mas de um modo geral tem francês, tem inglês, CELEM's oferecem né. QUADRO: eu acho pouco, eu acho que devia ter mais, tinha que

ter, tinha que ter. A língua é porta aberta pra uma outra cultura, né, então falta. ESTRUTURA: eu acho que fica muito, você aprende, mas não consegue dominar a língua, eu acho que tem alguma coisa errada na instrumentalização, na forma, não sei, e essa ênfase no inglês eu acho interessante até por causa da, que é a língua mais usada, né, termo técnico e tal, e o espanhol eu não sei nem se vai ser tirado, né, é importante, né, é importante a escola ter uma opção é importante, mas tem alguma coisa errada, porque não se sai falando ou sabendo pelo tanto de tempo, né. A noção fica básica, né.

MEC- o inglês e o espanhol, que eu acho que são as que estão no currículo, né. QUADRO: eu já vejo assim, por exemplo, no currículo como tem essas duas, o inglês e o espanhol, então eu já acho que o aluno deveria optar o que que ele deseja, né, mas na minha opinião deveria ter mais línguas, principalmente por causa da cidade de Curitiba, porque a gente percebe, né, que existem outras pessoas aqui que são imigrantes, às vezes a gente vai numa lanchonete, que nem eu frequento uma, daí eles estão falando ali, eu não sei se é chinês, se é, mas eles estão se comunicando, então a gente vê que é necessário, eu acho, mais línguas. QUAIS OUTRAS? Tirando essas duas, eu acho que seria o francês, daí aqui como em Curitiba, o pessoal ali que a gente não sabe identificar direito se eles são árabes, se eles são turcos, seria a língua deles e tem muita lanchonete, né, de, eu não sei se é coreano ou chinês, seria mais pra esse pessoal, que eu noto que mora na cidade.

DEC- bom, nas escolas do Estado, eu vejo que tem o Centro de Línguas, né, o CELEM, que tem francês, tem italiano, não sei se tem o japonês, mas acho que tem, e aí tem o espanhol e o inglês, né, e, mas nas escolas particulares, dependendo das regiões, né, ah, tem o alemão também no CELEM tem, então acredito assim que, pelo menos, umas dez, pelo menos, dez línguas, né, é ensinado nas escolas, nas particulares. E NAS PÚBLICAS? Essa grade curricular que nós temos hoje, essa matriz curricular que eles chamam, ou é o espanhol ou é o inglês, espanhol e inglês. Não sei se tem algum lugar que tem italiano, que tudo é oferecido isso no CELEM, sabe, e por exemplo você tem, ou você coloca o espanhol ou o inglês e aí você tem o CELEM, tem algumas escolas, aqui no Colégio Estadual que tem o Centro de Línguas lá que tem várias, tem várias línguas. QUADRO: não sei, eu acho que deveria ser mais, devia ter pelo menos mais umas duas, né, só tem duas, devia ter pelo menos mais umas duas, pelo menos o francês e o italiano, eu vejo assim, devia ter pelo menos mais umas duas. A estratégia que a SEED tem é se oferecer o CELEM, mas o CELEM normalmente é assim, se você ofertar o inglês no Ensino Médio você tem a opção de o aluno frequentar a língua espanhola, né, o espanhol, através do CELEM, só que o problema, isso é nosso, aqui da escola do Barão, por exemplo, que os alunos não vêm em contra-turno, sabe, então nós já tivemos, por exemplo, o inglês no contra-turno, já tivemos

italiano também, mas os alunos não vêm, você começa com vinte alunos e daqui a pouco tem quatro ou cinco, sabe, eles não vêm, mas essa briga por causa de aumento de carga-horária é uma briga grande mesmo, mas como o Estado do Paraná está tentando fazer, por exemplo, um período integral, sabe, com o período integral, a carga-horária é bem maior, aí quem sabe vai ser possível colocar mais algumas línguas e sem prejuízo dessa briga por causa de disciplina, sabe. (fala do período integral e de problemas na educação). NOVO ENSINO MÉDIO: essa mudança nova agora eu não conheço bem o teor que pra ser implantado no Paraná eu não sei quando, acho que só daqui dois anos, que vão pensar em mexer em alguma coisa, por enquanto continua como está, sabe, não sei se algum estado para em 2018 já vai começar a implantar, sabe, essa nova reforma do Ensino Médio, sabe, não sei, mas eu vejo assim, é uma briga tão desnecessária porque não é essas mudanças que vai melhorar o ensino no Brasil, não é isso, tem que ter conscientização das famílias e também uma melhor capacitação dos professores, sabe, não adianta você mudar um monte de coisas, fazer a reforma no ensino se você não tiver pais conscientes, sabe, que cobrem dos seus filhos e professores preparados e até comprometidos com a educação, pode mudar o que for, se não tiver isso, não adianta, e é logico que tudo isso depende de recurso (segue falando dos problemas da educação).

MEC- o inglês, e eu acho que é muito mal ainda ensinado, não é uma coisa muito, que dá uma boa base, eu não acho que dá uma boa base, mas ensina, e o espanhol, né. Eu acho até que deve ter comunidade que tem o alemão. ... QUADRO: eu acho que por obrigação, se fosse obrigação assim, eu acho que tinha que ensinar todas se pudesse, que nem a ali na divisa do Paraná ali com a Argentina, que ali em Foz, né, ali o espanhol é muito importante, eu acho que as crianças ali não têm nem o espanhol ali, né, então eu acho que deveria ter sim, e eles aprendem muito fácil, né, então deveria ter, a partir do momento que você tem na escola, há o interesse de aprender, então eu acho que deveria ser obrigatório. O espanhol principalmente porque é a nossa divisa, fala-se o espanhol, então eu acho que o espanhol tinha que ter nas escolas.

4. Na sua opinião, qual língua é mais valorizada no mundo? E no Brasil? E no Paraná? Por quê? E qual seria a mais desvalorizada? no mundo? E no Brasil? E no Paraná? Por quê?

DEr- ah, o inglês, né. NO BRASIL: no Brasil eu acho que o espanhol e o inglês, né, juntos, os dois, é, o brasileiro ainda é, dá valor pras duas, né, porque acha interessante por causa do comércio, né, do intercâmbio que eles têm, né, comercial, mas eu acho que, não vejo assim prioridade pra uma pra outra, né, a diversidade é muito grande, né, de todas as línguas. NO

PARANÁ: não sei dizer, também acho que as duas, Paraná e Brasil, acho que fica meio junto, né, não tem como distinguir, né, espanhol ainda, né, e o inglês. POR QUE ESSA DUAS: pelo comércio, acho que pelo contato, né, entre os povos, intercâmbio comercial, talvez seria uma maneira assim de turismo, tudo isso, né, facilita, eles incentivam pra, tem outros interesses, né, por trás, né, não só. DESVALORIZADA: acho que a indígena, hoje em dia, porque nem estão aí pros índios, nem valorizam, o que eles podiam aprimorar, talvez, né, incentivar entre eles, né, pra manter essa cultura, não por essa imposição que vem lá de anos, talvez seria interessante, mas pela diversidade de línguas que eles dominam. Nós temos os ciganos aqui, e eles também têm a língua deles, mas só entre eles, eles não podem ensinar pra ninguém, eles falaram que é só entre eles que eles se, podem passar e ainda para alguns membros, nem todos (conta sobre os ciganos).

AEr- o inglês (mundo), o português (BRA), o português (PR). Ah, eu acho porque as pessoas, assim, elas não valorizam tanto querer aprender, né, tipo que nem as pessoas tanto no interior como na cidade, às vezes, não têm o tempo, né, assim, pra conseguir, tipo, aprofundar no curso, alguma coisa assim, né. Eu acho que é isso.

AEr- no mundo? acho que o espanhol, né. NO BRASIL: não é o português. Inglês. NO PARANÁ: português. Porque todo mundo que conheço fala português. NO BRASIL: acho que que fala inglês e espanhol. Português não é muito. DESVALORIZADA: nunca pensei nisso.

MEr- bom, eu vou continuar no inglês, porque, que nem diz aquele, nos lugares que eu vejo, que cada um tem que saber falar o inglês. Vai pra fora, acho que era a França, que eu tinha um colega que tinha comentado em ir pra França, tinha que ter o inglês e ele não tinha o inglês, então eu acho que seria o inglês, não sei também agora. No Brasil é o português, e no Paraná também.

MEr- eu acho que é o inglês, né (no mundo). NO BRASIL? Eu fico perdida, né, que era o inglês também, só que agora tiraram, que nem do Ensino Médio, que tinha o inglês também, então não sei te responder muito essa pergunta. E NO PR? Nas escolas? Pode ser o português?

PEr- com certeza o inglês, NO BRASIL? No Brasil talvez na questão de manuais mesmo seria o inglês, mesmo. Eu acho no sentido de manual de *software*, manual de equipamento que o de praxe seria o inglês por, às vezes, a tradução é muito mal feita, isso que é o problema. E NO PR? No Paraná eu continuo com o inglês. Eu acho que talvez por uma questão histórica, né, das influências, lá, desde antigamente, você se espelhava muito nos EUA, tudo o que é bom vem dos EUA e tal, e você, outros países comercializar ou ter essa questão de você procurar mesmo, por exemplo, o menu de programa de computador em inglês, o mais certo seria o português, né, mas não tem, você tenta o espanhol, o espanhol fica meio estranho, então vai no inglês mesmo.

E a questão mesmo de, como diz, até digamos da imponência de você ler ou falar inglês, né. Eu digo até a questão do inglês americano, não o britânico. Tem gente que fala o britânico e a pessoa acha estranho, que está mais acostumado com o americano, mesmo, o americanizado mesmo, ou melhor, o norteamericanizado. Que afinal de contas nós somos, né, também americanos. LÍNGUA DESVALORIZADA: eu acho que talvez, se for ver, a questão do latim, que o pessoal comentava que é só mais advogado.

AEr- acho que é o inglês, o português (BRA), português (PR). Tipo se a gente for fazer uma faculdade, que nem a gente queira, faz uma faculdade e vai pra outro país, tem que saber o inglês, é o que eu acho, sei lá. Eu queria fazer faculdade de informática, de engenharia de *software*.

AEr- o inglês, o inglês (BRA), brasileiro, português (PR). POR QUE O INGLÊS É MAIS VALORIZADO NO MUNDO? por ele ser uma língua mundial, quase todo mundo fala. NO PR O PORTUGUÊS: porque todo mundo fala, todo mundo desde que nasceu aprendeu essa língua e o inglês, tipo a maioria das pessoas, tipo os idosos eles não tiveram essa oportunidade de aprender, né.

PER- espanhol. Eu acho que espanhol e inglês, acho que devem ser (MUNDO). E NO BRASIL? Acho que é o espanhol, espanhol. Espanhol é bem valorizado. NO PARANÁ: acho que o espanhol, acho que deve estar em primeiro. Se torna mais por causa da oferta do governo, porque daí os alunos já têm essa oferta, né, e hoje vários países que também estão utilizando o espanhol, também se torna uma língua, assim, mais fácil para os alunos, pra eles compreenderem. As pessoas também buscam por ser uma língua que segue mesma linha do português né, então daí fica mais fácil. Muito mais fácil eles aprender o espanhol do que o inglês. Com certeza, né, nossa!, o alemão é complicado, eu pelo menos um pouco que eu aprendi de alemão, nossa! É complicadinho. O italiano também é uma língua que não é tão complicada pra você aprender, o francês não é complicado, mas muita gente não se adapta ao francês, eu acho, na minha opinião assim. DESVALORIZADA: o inglês as pessoas não dão valor, mesmo sendo necessária, muitos não dão valor. Na minha opinião, muito hoje, na questão dessa mudança do Ensino Médio de diminuir carga-horária, então eles estão começando a cortar um pouco lá. Na grade o inglês permanece. O espanhol eu acho que não permanece por muito tempo. Eu acho que isso é ruim pros alunos, porque eu acho que seria necessário que eles aprendessem o inglês e o espanhol, pelo menos, pelo menos as duas línguas. O inglês você utiliza em quase todo lugar do mundo que você vai, e o espanhol, nossa!, quantos países falam, que utilizam a língua!

DEf- inglês (MUNDO), E NO BRASIL: ainda o inglês, E NO PARANÁ: o Paraná é um pouco complicado, tem vários cantos aí, se for pensar por região, é complicado, nossa região aqui é o

espanhol. Nossa região o espanhol é bem quisto porque eles veem como facilidade pros outros dois países por perto, mas se você olhar pra região de Curitiba, o ucraniano é importante, se você olhar pra outra região, o alemão e assim por diante, depende da região. O Paraná é meio mesclado a língua. POR QUE É O INGLÊS: Fama, modinha, eu acho que é porque todo mundo vê como uma oportunidade, ah um dia eu quero ir não sei pra onde, e se eu falar inglês, eu falo em qualquer parte do mundo. LÍNGUA DESVALORIZADA: Guarani. Nós brasileiros conhecemos que existe a língua guarani, mas se você for olhar outra região, não vão nem saber que existe, nós conhecemos e sabemos que existe a primeira língua no Paraguai, Paraguai é como a segunda língua, primeira língua, nunca sei definir ali. Mas eu acho bacana, só não, eu acho bacana o guarani, só que aqui não é valorizada, mesmo sendo vizinha ela não é valorizada. SOBRE ALUNOS PARAGUAIOS: Os alunos paraguaios eles vêm todos alfabetizados em guarani, alfabetizados em guarani e em espanhol, inclusive eu peguei um aluno no Ensino Médio que veio do Paraguai e ele não sabia nada em português. Pra minha disciplina, que era espanhol, era excelente, eu lembro dessa situação porque eu também dava português pra mesma turma, aí ele sempre ia otimamente comigo no espanhol e péssimo em português porque não sabia nada. Foi quase que uma alfabetização pra ele. Então a gente tem muito aluno de lá que vem sem saber português. Eles sabem guarani e espanhol.

PEf- no mundo? Em quantidade ou importância? IMPORTÂNCIA. De importância eu acho que é o inglês, porque tudo que a gente vê na internet está voltado ali pro inglês, sites, até nomes de sites são em inglês, *You tube, Facebook*, tudo, está tudo em inglês, e elas acabam surgindo dali mesmo, e acaba se tornando uma coisa popular, eu acho, na minha opinião, que eu mais vejo, na verdade é o inglês. NO BRASIL? Não sei. Eu fico entre o português e o inglês, não sei porque como eu não tenho muito contato com o espanhol, não sei de muitos dados assim e eu acabo ficando na dúvida, mas eu fico entre o português e o inglês.

MEf- eu acho que seria o inglês (MUNDO), E NO BRASIL: eu acho que seria o inglês também, E NO PR? Eu acho que deve ser o inglês. Ah, acho que é a língua, não sei, acho que é a língua mais falada no mundo, eu acho. Se não é a mais é uma segunda ou terceira, mas eu acho que é o inglês. DESVALORIZADA? Existe isso? Acho que então o português, porque só fala o português aqui e em Portugal e, não sei, de repente o português, é mais difícil também.

MEf- acho que é o inglês, né. E NO BRASIL: também, né. POR QUÊ? Ah, não sei. É o que todo mundo pensa: ai meu Deus, eu tenho que falar inglês, tenho que aprender inglês porque é mais mundialmente conhecido, eu acho que é o inglês, né. DESVALORIZADO: eu acho que o português é o menos, né, porque você vê em vários países você tem o espanhol e o português é só aqui, né, tem o português de Portugal, mas é diferente, então eu acho que é a nossa. Eu vejo

pouca gente querendo aprender o português, né, eu vejo pelos meus irmãos, né, assim, eles não se interessaram pelo português, tem um que fala francês, espanhol, tem, ele fala inglês, a maioria é inglês, a maioria deles.

AEf- acho que o inglês, né. NO BRASIL: o português é mais valorizado aí. NO PARANÁ: o inglês e o espanhol, ENGANO, o português e o espanhol. POR QUÊ? Pelas fronteiras, porque assim tem muitos lugares que eu sei que depois que, eu já estou dois anos de empresa praticamente, ali, na loja, e eu vou em comércio ali pela Vila Portes onde que as pessoas deviam saber o espanhol, pelo menos, e não sabem. No *shopping*, por exemplo, aqui de Foz, entrou uns argentinos lá e eu estava numa loja lá dentro lá e (INAUDÍVEL), não a senhora tem que ficar na fila, porque eles estavam cortando a fila, porque não tinha nenhuma indicação, tinha indicações, mas em português e os argentinos não estavam entendendo e eles cortaram a fila e teve que vir segurança pra afastar eles e tal e eu estava junto com a minha mãe nesse dia, só que eu não sabia explicar pra eles como é que tinham que fazer. Minha mãe já explicou na hora. Foi muito rápido o que ela falou e os argentinos compreenderam e agradeceram ela, né, e foram certinho na fila e aguardaram, e os seguranças, assim, ficaram de cara, né, principalmente eu fiquei de cara, numa loja grande como é, né, e não ter funcionário adequado falando fluentemente o espanhol, né, principalmente o inglês, né.

AEf- acho que o inglês. NO BRASIL: o espanhol, eu acho. Não, não, eu acho que é o português, no Brasil, e aí a segunda seria o espanhol. NO PARANÁ: eu acho que continuaria na mesma grade. POR QUÊ? Aqui em Foz do Iguaçu, principalmente, acho que devido à fronteira, né, porque aí vem bastante gente principalmente com língua espanhola. LÍNGUA DESVALORIZADA: acho que o espanhol mesmo, porque eu não sei se ele é tão valorizado assim, né, acho que o espanhol.

AEf- a inglesa. NO BRASIL: a espanhola. NO PARANÁ: a espanhola. POR QUÊ? Porque nós fazemos fronteiras com países que falam espanhóis, então é mais conhecida, vem mais espanhóis pra cá, pessoas que falam mais em espanhol, então é mais valorizada. E POR QUE O INGLÊS NO MUNDO? Porque assim, é muitos lugares pra onde as pessoas, países diferentes, a maioria fala inglês, é uma língua que todo mundo fala é o inglês. UMA LÍNGUA DESVALORIZADA: o latim, eu acho uma língua muito interessante, eu gosto muito do latim, então eu falaria o latim. PERGUNTO SE JÁ ESTUDOU LATIM: algumas vezes, na internet.

AEf- eu acho que é o inglês porque a gente vê assim diariamente. NO BRASIL: sem ser a nossa? Ah, acho que a nossa. UMA SEGUNDA LÍNGUA: inglês, é o que eu acho, do meu ponto de vista. NO PARANÁ: não sei. EM FOZ: o espanhol. LÍNGUA DESVALORIZADA: ah, eu acho que ninguém daqui fala japonês.

PEf- é o inglês. NO BRASIL: a nossa. E no PARANÁ: no Paraná a nossa. POR QUÊ? Porque é o nosso meio de comunicação. O INGLÊS NO MUNDO: por causa dos americanos. Porque acho que, assim, todo mundo tem a vontade de falar inglês pra ir pros EUA, né, pra viajar. O inglês pra eles é o principal, por isso que na minha opinião é o importante.

PEf- ah, sem dúvida nenhuma é o inglês, né, com certeza, é. Acredito pela influência, né, pela influência da própria cultura americana, né, às vezes nós deixamos um pouco de seguir a nossa própria cultura e vamos seguir uma cultura estrangeira, então mediante a isso, o inglês acabou se tornando né essa língua universal. NO BRASIL: No Brasil? seria o inglês mesmo, é, seria o inglês, com certeza. NO PARANÁ: No Paraná você tem essa dupla realidade, você tem tanto o espanhol quanto o inglês, porque, por ser uma região de fronteira, você tem Argentina, as universidades que você, alguns alunos daqui saem do Brasil também para estudar na Argentina, para estudar no Paraguai, por exemplo, curso de Medicina, então, normalmente o espanhol está sendo muito influenciado agora, acredito que no Paraná, né, também o espanhol seja uma língua valorizada.

AEc- eu acho que o inglês, acho que por ser mais falado assim, as pessoas dizem que é mais fácil de aprender, então eu acho que ele é mais valorizado. NO BRASIL: eu também acho que é o inglês, as pessoas acham que, ah, o português, ah, tipo, vamos deixar de lado. E NO PARANÁ: no Paraná eu acho que também é a mesma coisa assim.

AEc- o inglês, porque os EUA é a maior potência, né, tem poder sobre muitos países, então isso faz com que a gente copie muita, o brasileiro tem essa mania de copiar muito a cultura norte-americana, então, e as negociações também são assim entre países, né, acho que por isso. NO BRASIL: acho que a cultura norte-americana, conseqüentemente a língua, né, se você for ver músicas, livros, até coisas bobas do tipo frases assim tudo em inglês. NO PARANÁ: no Paraná eu acho que também, não tão a nível nacional, não tão forte quanto a nível nacional, mas também, né, porque aqui as raízes falam mais alto, entre aspas, mas está se perdendo isso ao longo do tempo. SOBRE ESSA PERDA: é triste, né, porque é consequência do que está acontecendo no mundo, só que está se perdendo uma cultura, né, a cultura sulista, por exemplo, tem a ver com isso, sobre os italianos, sobre os poloneses, sobre os alemães e está se perdendo e a gente está se tornando, é aquele negócio, a gente está se tornando uma imagem de um americano, a gente quer se tornar americano a qualquer custo, não importa. DESVALORIZADA: eu acho eu o grego, latim. São línguas que, e ainda não são tão desvalorizadas, pois existem muitas línguas, né, mas as que eu conheço seriam essas.

AEc- eu acho que é o inglês, né, porque é universal e todo mundo devia saber falar. NO BRASIL: bom, pra mim assim seria o português porque, né, eu moro nessa região, mas só que

também nunca fui pra nenhum lugar que falasse outra língua, mas a minha irmã também não está nesse lugar e já está em outra língua lá. ONDE ELA ESTÁ? Está na Colômbia. E NO PARANÁ: eu acho que é o português, porque aqui todo mundo fala português. LÍNGUA DESVALORIZADA: eu acho que línguas indígenas, tipo tupi-guarani, que quase ninguém procura saber.

AEc- inglês, por fatos históricos e pela sociedade (inaudível). NO BRASIL: no Brasil, o espanhol, por ser América Latina, por causa dos próprios países que são, tirando o português, pelos próprios países que são, são basicamente vizinhos do Brasil, assim, seria a Argentina, Colômbia e tal, essa galera, assim geralmente eles falam espanhol, então por esse motivo eu acho que seria a segunda língua mais falada no Brasil. NO PARANÁ: no Paraná, no Paraná, eu acho que seria o inglês, pelo que eu vi já das pessoas assim, o que mais falam é o inglês. Não vi muitas do espanhol. DESVALORIZADA: seria, tirando as línguas dos indígenas, os aborígenes, de povos assim eu chutaria o pessoal da África, assim que o pessoal não dá tanta ênfase, assim não dão continuidade na língua, nós, o próprio Brasil não se importa com isso, pelo que eu vejo, eu acho que essa galera é mais desvalorizada assim.

PEc- acredito que ainda o inglês, acho que questão cultural, acho que as pessoas nem pensam muito nisso, já falam logo o inglês, mas não pensa assim que talvez o espanhol seja mais, pode ser que seja mais falada. NO BRASIL: o inglês. NO PARANÁ: o inglês também. DESVALORIZADA: nossa, uma língua desvalorizada, eu acho que seria o latim, acho que já foi muito importante, agora não é mais, línguas desvalorizadas, talvez, eu acho, assim, nada que seja uma língua europeia vai ser valorizada, eu já penso nesse sentido, né, quais são as valorizadas? Ah, seria o italiano, o alemão, o francês, né, o inglês e o espanhol, tirando essas eu acho que as pessoas não dão muito atenção pras demais.

PEc- infelizmente é o inglês, por que que eu digo infelizmente? Porque o mundo está mudando, então você veja, você fez espanhol, né, posso te chamar de você? *Puedo tutear?* O espanhol é a segunda língua mais falada, então o que que acontece, se você vai num aeroporto, ou se você vai fazer uma compra internacional e você não tem o domínio do inglês e você perguntar pra pessoa: *hablas español?* Pronto, já estou, digamos assim, na minha fala estrangeira (inaudível). Então a língua espanhola ela já é a segunda mais falada, não é o inglês, né, e então eu não sei, o problema é que eu acho que criou-se um estereótipo que antigamente, né, ir para fora era o *must*, ir para os EUA, ter um curso lá fora, o inglês sempre foi muito valorizado, né, mas só que o mundo está mudando, o mundo está mudando e as coisas também estão mudando, e nós somos sete, é sete, nós somos vizinhos de sete países que falam espanhol, então a obrigação seria nós termos o espanhol como obrigatoriedade e eles terem o português como obrigatoriedade, não só

nós o espanhol, né, e tem o MERCOSUL que o Brasil também faz parte, então parece assim que os governantes não percebem a mudança que está tendo e infelizmente o nosso aluno ele acha que o inglês é que é o *point* da história, o inglês é que é o *must* de tudo, mas eu tenho que ter os dois, o inglês e o espanhol. DESVALORIZADA: primeiro que eu não considero nenhuma língua desvalorizada, esse eu acho uma pergunta até meio assim, não vou usar o substantivo, acho que todas as línguas devem ser valorizadas, eu, sinceramente, eu não teria assim uma língua desvalorizada.

PEc- é o inglês, porque ela é a mais utilizada né, em literatura, literatura técnica principalmente, é meio uma língua universal. NO BRASIL: estrangeira? Eu acho que o inglês. NO PARANÁ: difícil. Não sei. Eu acho que o inglês também, pelo menos é o que é cobrado de empresas e tal, a maioria pede inglês, né, ou, às vezes, espanhol, dependendo da região, às vezes, até o espanhol é mais importante.

Mec- que é mais valorizada é o inglês, eu acho. É, porque eu acho assim que é mais valorizada, que dizem, né, que pela gramática, que é mais fácil de estudar, né, e porque é uma língua, eu acho, assim, universal, que tem que usar o inglês pra muitas situações, até esses jovens que estão estudando, tudo, né, por exemplo, se eles quiserem fazer um intercâmbio fora do Brasil, né, acho que é mais nesse sentido. NO BRASIL: no Brasil não tenho assim uma ideia, sabe, mas eu vejo também que o espanhol está bem, né, vamos dizer que no Brasil talvez o espanhol, então. NO PARANÁ: no Paraná eu vou colocar o espanhol também, por causa da fronteira lá. DESVALORIZADA: acho que seria dos índios, né.

DEc- eu acho que é o inglês, mais é falado, eu acho o inglês. NO BRASIL: você fala além do português? Eu também acho que é o inglês. NO PARANÁ: também acho que é o inglês. É porque, sei lá, eu não sei porque, é que normalmente quem fala inglês parece que ele pode viajar o mundo inteiro que vai conseguir se virar, sabe, de uma maneira ou de outra.

Mec- é o inglês, porque eu acho que o inglês predomina, né, qualquer país que você for eu acho que o inglês é que predomina. NO BRASIL: é o inglês, eu acredito que seja o inglês. NO PARANÁ: não, no Paraná é mais o alemão, eu acho, eu acho que o alemão tem mais força. POR QUE O INGLÊS É MAIS VALORIZADO? Eu acho que por causa dos EUA que tem esse valor, né, e acaba os jovens querendo aprender o inglês e acham que isso vai abrir uma porta de serviço, uma porta, fica mais fácil, né, porque a partir do momento que você tem uma língua que seria universal, você acaba tendo mais condições depois de ser bem-vindo, de ser bem aceito, em qualquer lugar que você for, que nem teve a Copa, eu acho que a língua predominante eu acho que foi o inglês, as pessoas que trabalharam como voluntário tiveram que estudar línguas e foi o inglês acho que a língua que predominou. DESVALORIZADA: não, acho que não existe isso,

acho eu todas têm o seu papel de importância. Inglês é mais valorizada porque ela se torna universal, mas eu acho que não tem uma língua que seja menos valorizada, todas têm o seu valor.

5. Se você tivesse a oportunidade de viajar para outro país para aprender outra língua, qual país você escolheria? Por quê?

DEr- Ah, EUA. Um ano eu queria ficar lá, pra aprender, era o meu sonho, sempre foi, daí quando eu tinha a oportunidade de ir, com o governo, né, ele favorece, né, seis meses pra gente ir, a minha mãe disse “não, eu não vou ficar com os teus filhos”. Eram pequenos, né, então agora eles já estão na faculdade. Penso que um dia eles possam ir. Vou incentivar bastante.

AEr- EUA, eu acho que, a gente já comentou em sala de aula, que é um país assim que eles assim dão mais valorização às línguas, né, assim são mais aprofundados.

AEr- Espanha. PARA APRENDER? Espanhol. E UMA SEGUNDA OPÇÃO? Os EUA. PARA APRENDER? Inglês. POR QUÊ? Porque eu acho uma das duas mais interessantes que tem. Em um monte de lugar fala isso.

MER- bom, pelo que eu vejo na tv sempre falam bastante dos EUA, que é um país que tem mais, aí o que que eu vou dizer. França. Eu nunca parei pra analisar nesse caso, mas que sempre comentam de ir para os EUA, né. Tanto que teve uns estudantes que vão pra estudar pra padre, vão para os EUA. Aí eu não sei, eu nunca parei para analisar assim, por outro lado. A FILHA: eu acho que talvez pro futuro dela eu deixaria (...) oportunidade para ser alguém na vida. Paraguai é próximo, Argentina também não é tão longe, mas eu não sei assim. A gente ouve falar mais Paraguai pra quem vai fazer compra, pra estudo, até hoje, bom, teve uma pessoa que foi estudar pra Medicina no Paraguai. Aí falam que pra Cuba, também tem muita chance de ir pra fazer Medicina, só que esse não é o futuro que ela quer, né, ela queria, na verdade, Artes Cênicas, então daí, o que que eu vou dizer nessa altura? Eu vou continuar então nos EUA, ahã, é que daí já teria lá nos EUA já entra o inglês e o ucraniano também tem bastante, tem bastante ucraniano lá também, então eu acho que já seria mais puxado.

MER- De repente pra Ucrânia, lá, pra aprender o ucraniano. A minha mãe falava bastante ucraniano, só que eu aprendi, mas muito pouco. Acho interessante. EM RELAÇÃO AO FILHO: longa pausa. Sei lá, pelo que a gente vê, né, o inglês mesmo, né, na minha opinião, mais oportunidade, é uma língua mais falada, assim pelo que eu vejo, vários países, né, que tem, né o inglês.

PER- eu acho que talvez, por influência de um professor lá de Ponta Grossa, que eu tive contato lá com ele, falecido, infelizmente, né, talvez acho que pra Barcelona, mesmo pra aprender espanhol mesmo. Pra aprender espanhol mesmo. No sentido da própria questão de lá, né, no sentido de, como diz, ter contato, eu digo assim, não no sentido de viajar, no sentido de até fazer estudos em Química, em Engenharia, porque lá é forte nessa parte, teria que ser, no meu ver, teria que se falar o espanhol, ou mesmo até o castelhano, ou até o catalão que eles dizem, por uma questão até de respeito. Que eu vejo que tem que ter respeito para com o país, né, seria muito fácil eu chegar lá e começar a falar inglês, mas e o respeito para a pessoa? Nesse sentido que entendo como línguas, né. Se eu prezo, por exemplo, ensinar a linguagem de Química para os alunos, eles têm que seguir regras, então na minha disciplina eu quero que eles escrevam a linguagem certa, então nos outros países, eu tenho essa, digamos essa percepção, ou essa ingenuidade, que deveria ser valorizada, e daí conforme a situação, se englobasse mais pessoas, ou um encontro multi, multinacional, ou multi país, daí seria o inglês, né o básico, o essencial, mas aquele inglês de termos mais técnicos, pensando em Química. No dia a dia seria outra coisa. Talvez mesmo a questão mesmo do, do, do, do EUA, EUA mesmo, aprender inglês, mesmo, aprender mesmo falando, como diz, né.

AER- eu escolheria EUA, porque é o país mais desenvolvido, né

AER- EUA, por causa do inglês, porque eu acho que é o mais valorizado de todos.

PER- Eu iria pra Grécia, eu queria aprender grego, é, grego, por gostar de Filosofia, por gostar de Filosofia. Eu já fui pra Roma, sabe, eu gosto muito, né, e daí por os meus pais serem italianos, porque eu gosto bastante do italiano, mas o que eu queria mesmo era aprender a falar grego.

DEF- pra outro país eu queria ir para a Espanha, eu gostaria muito de ir para a Espanha. Italiano, gosto muito do italiano, eu acho que talvez até pela semelhança, né.

PEF- Alemanha, ou pra França para aprimorar o francês, ou pra Itália. Na verdade, eu gosto de estudar línguas, eu só não tenho muito, muita afinidade com o espanhol, eu não sei, eu não sei, acabou meio que se tornando uma barreira, assim, que eu não consigo. Não sei, eu tenho que quebrar essa barreira. Eu gostaria de ir para a Inglaterra, pro Canadá, porque a gente estuda bastante, né, e fica curioso pra saber, principalmente a Inglaterra por questão de história, né, da bagagem cultural.

MEF- não sei. Acho que EUA para falar inglês. Talvez. Não tenho muitas pretensões, não, mas acho que seria o inglês, mesmo. PERGUNTO QUAL SUGESTÃO DARIA AOS FILHOS: eu acho que, não sei, será que, o povo fala nos EUA, talvez, não sei, esses intercâmbios aí, de repente EUA, potência né.

MEf- EUA, eu queria aprender o inglês. É porque eu tenho parentes, família do meu marido moram lá, que foram pra lá, estão super bem, trabalhando e tudo, se eu pudesse também iria. Não vou, porque eu tenho a minha família aqui e não largo de jeito nenhum. O FILHO: nenhum. Eu tenho vontade de ir pra Grécia, pra passear.
AEf- EUA. O inglês que eu acho que é o principal hoje, né. E o meu sonho é ir conhecer a Disney, então acho que os EUA, pra aprender o inglês, POR QUE? porque vai me ajudar no trabalho, né, principalmente em hotéis, né, que precisa das línguas, é, não só em hotéis, né, assim como outros ali que, você ter uma língua a mais no teu currículo eu acho que te garante mais no teu trabalho né, ou seja, garante o teu emprego e caso você não conseguir manter esse emprego, você vai conseguir outro mais facilmente. E hoje está difícil com essa crise.
AEf- seria o sotaque de Portugal e Orlando, nos EUA. PARA APRENDER? o inglês e o espanhol, não, o português de Portugal mesmo. Pra Orlando nos EUA pra aprender melhor o inglês. SE GOSTA DO SOTAQUE PORTUGUÊS: gosto, bastante, acho muito legal. E PRA ORLANDO POR ALGUMA RAZÃO ESPECÍFICA? Pra brincar. INGLÊS: eu acho que é uma língua é interessante assim que, não sei, é muito, muito usado, muito falado. PENSANDO NO FUTURO OU PESSOAL: também assim uma coisa futura, porque tudo o que a gente for fazer em algum momento a gente vai usar o inglês, se a gente souber já é mais fácil.
AEf- Espanha, é um país que eu sempre gostei, e é uma língua também assim que eu sempre gostei de falar, então eu viajaria para Espanha.
AEf- Canadá. Inglês. Eu vejo as pessoas falando bem de lá, né, porque eu assisto bastante vídeo, e tem parente também, os meus pais são, tem parente na Itália, na Alemanha, nos EUA, bem separados assim.
PEf- pra aprender? (Pausa). Acredito que eu iria pra França, acho uma língua chique, diferente. Inglês?! Mas pra França, sim, seria minha primeira opção.
PEf- Outro país? Nova Zelândia, Nova Zelândia. Ó, Nova Zelândia, ali, nós, ali tem uma cultura muito grande, né, na Nova Zelândia, então você ... o inglês, o inglês lá é a língua principal, né, e a cultura do local também isso me atrai muito, então acho que seria o principal Nova Zelândia e ia aprender a falar inglês. Acho que seria o principal pra mim.
AEc- Olha, eu sou apaixonada pela Itália, mas acho que seria EUA. Porque, ah, eu acho que, pelo menos aparenta ter um desenvolvimento melhor assim, aparentemente. E O ITALIANO SERIA POR CONTA DE? Ah, de tudo, eu acho muito bonita a língua... a cultura, tudo, eu acho tudo muito maravilhoso, eu sou apaixonada.
AEc- Holanda ou Noruega. PARA APRENDER QUAIS LÍNGUAS? Acho que na Holanda é o holandês mesmo e na Noruega eu acho que é o alemão, uma coisa assim, não tenho certeza. Eu

acredito porque, ou Islândia também, desculpe, mas é porque são países que atualmente eu vejo como exemplos, entre aspas, seriam lugares bons pra se viver, não tem algo específico.

AEc- eu acho que pra França, como eu já disse, eu acho bonito.

AEc- Eu até iria, por exemplo, para a Inglaterra, para aprender o inglês, iria para a Alemanha para aprender o alemão e acharia muito legal ir para a Itália, até mesmo pela minha escolha de profissão. Assim iria lá e tal pra aprender a língua e eu gosto do italiano também. QUAL PROFISSÃO? Arquitetura. Pela arquitetura histórica, pelos estilos históricos, renascença, assim toda a parte de arte assim seria uma boa influência pra minha profissão. RETOMO A PERGUNTA E A ITÁLIA PASSA A SER O DESTINO. Acho que seria a Itália, assim primeira opção. Acho que compraria (a passagem) mais para a Itália por o próprio ambiente e tal, tipo eu acho um ambiente mais prazeroso, assim a Itália, natureza e tudo assim, mais prazeroso do que na Inglaterra. A Inglaterra seria mais por tipo aquele motivo empresarial assim. VESTIBULAR: Eu escolhi o espanhol o ano passado, eu também fiz o ENEM e escolhi o espanhol. Esse ano eu escolheria o inglês, porque eu percebi que o espanhol ele é muito, bastante interpretação de texto, e você tem que conhecer bastante as palavras, eles colocam outras palavras. No inglês é mais verbo, a interpretação de texto mesmo não é tão complexa assim como no espanhol, e acaba sendo mais fácil. Vou escolher talvez o inglês (no ENEM). NO VESTIBULAR: Eu tentaria manter a mesma linha de línguas do ENEM. Escolheria inglês.

PEc- Eu iria pra Alemanha pra aprender o alemão porque na minha, é, como eu quero fazer o doutorado, as minhas principais áreas de estudo, as principais bibliografias estão em alemão, mas por esse motivo, mas eu entendo que eu tenho que melhorar muito mais o meu inglês pra poder fazer o alemão, então por isso também eu considero a importância do inglês nesse sentido.

PEc- Olha, eu sou apaixonada pela Espanha, Madrid. Iria pra Grécia, então, assim, apesar de, ah você já faz espanhol, porque Espanha, Madrid? Mas eu sou apaixonada. Sou apaixonada pela cultura, pelo povo, por tudo ali.

PEc- Ai, eu acho que eu iria pra França, ou pra Itália. Eu gosto muito. Eu tenho noções. Eu fiz dois anos de francês, fiz dois anos de espanhol e noção de inglês, então, mas eu iria pra França, pra aprender francês.

MEc- bom, isso já é bem pessoal, né, mas eu gostaria de visitar a França. PERGUNTO SE SÓ PARA VISITAR OU PARA APRENDER FRANCÊS; não, nos dois sentidos, turisticamente e até uma das coisas que eu gostaria de aprender francês, tanto que eu me inscrevi o ano passado pra fazer francês, mas daí aconteceu um problema familiar lá com a minha mãe e eu não pude fazer a matrícula, sabe, daí não fiz porque perdi, mas eu gostaria de aprender essa língua. É porque eu gosto, né, às vezes eu escuto alguma música, né, e daí a maneira de eles falar. Eu acho

bonito, sabe, o francês. É uma coisa pessoal mesmo. FILHA: país eu não sei especificar bem o qual, mas seria algum da Europa ou um que eu já ouvi falar que valoriza bastante esses jovens que estudam e tudo é o Canadá, que tem oportunidade pros jovens.... O professor de espanhol dela falou que ela tem facilidade para línguas. Seria mais o inglês e o espanhol, mas ia depender dela.

DEc- Eu iria pra Itália, é como eu tenho descendente, eu sou meio descendente lá longe de italiano, poderia querer até, sei lá, ver ou conhecer um pouco lá das minhas raízes, coisa assim. FILHO: ah, meu filho ele gosta muito, ele fala muito na Espanha, ele fala muito na Espanha, até por causa dos times de futebol que acompanha e tal, mas ele fala muito na Espanha.

MEc- ah, iria pra, como diz meu marido, nós iríamos os dois lá pra Jerusalém. É o nosso sonho de um dia conseguir até uma vaga de emprego pra lá e morar pra lá, pra aprender o hebraico, pra viver aquele mundo, e aprender mesmo a língua. A gente até, meu marido como ele gosta muito de estudar, a gente tem, eu acho que é no *Face (Facebook)*, que ele tem uma moça que ela dá aula de hebraico e ele acompanha essa moça. Ele mostra sempre pra mim, mostra pras minhas meninas. Então a gente procura, às vezes, na hora do almoço usar uma palavra, né, pra se comunicar.

6. Por ordem de prioridade, quais línguas seriam indispensáveis/obrigatórias para todo aluno?

DEr- tirando o português? Ah, eu acho que o português, o inglês, o espanhol. Eu acho que essas duas, né, eu não tenho como separar, eu vejo, porque a língua deles, a da cultura deles, nem todo mundo vai aceitar, o ucraniano, por exemplo, não posso dizer que o ucraniano porque nem todo mundo vai aceitar, o alemão, né, o holandês, então, mas essas duas eu acho que é indispensável.

AEr- o inglês

AEr- o espanhol e o inglês. SE FOSSE SÓ UMA: espanhol

MEr- eu acho que que nem aqui tem bastante esses, os poloneses, né, ucraniano, ucraniano eu não sei se pelo fato da mãe ser ucraniana, se tivesse como trazer o ucraniano pro colégio, pra ensinar as crianças, eu acho que eu daria força. Que o ucraniano eu, não sei, acho que pelo fato da mãe mesmo, ser, de ter sido ucraniana e falar muito bem o ucraniano, então eu puxo muito pelo ucraniano também em relação a isso. O ucraniano, daí o inglês, que já tem, né, e também eu acho que é essencial, porque se você tem o inglês você vai pra mais longe. O espanhol, que sempre está, pelo que eu, pelo tempo que eu estudei e tudo então foi essas duas línguas, né, o espanhol e o inglês, então eu acho que teria que ter nas escolas, mas é que nem eu comentei, já

desde pequenininho, pra ir, sair do colégio na oitava série, digamos assim, falando duas ou três línguas bem falado.
MER- a questão do interior que nem eu não sei agora como é que está. Antes as crianças sofriam a parte que eles vinham falando a mesma língua dos pais deles, acho que Itaparã tem bastante disso ainda, né, que criança vai pra escola, né, e não sabe o português, né, vem falando, né, a língua deles. Então, acho que as escolas do interior talvez pudessem trabalhar desde o começo tipo uma língua que já da descendência deles, né, tipo o ucraniano que tem mais, o polonês. CADA COMUNIDADE QUE PUDESSE ESCOLHER A LÍNGUA? É, escolher ali, ter uma opção. E EM GONÇALVES JUNIOR QUAL SERIA? Aqui o que tem mais é polonês. E O UCRANIANO? Também, o polonês e o ucraniano, mas eles são quase que parecidos, é pouca diferença de língua, né.
PER- No Brasil, como a gente diz, é o nosso português, mesmo, mas estrangeira, eu acho, eu colocaria ainda a questão do inglês, mesmo. E SEGUNDO LUGAR? O espanhol. Porque o inglês tem essa questão de pesquisa, o próprio <i>Google</i> , né, você coloca em inglês e vai achar tudo. Agora se você consegue interpretar ou traduzir é outra história, mas você, você, você encontra.
AER- eu acho que o inglês. SEGUNDA OPÇÃO: espanhol
AER- o inglês e o espanhol.
PER- acho que o espanhol e o inglês novamente, continua sendo indispensável, ainda mais por o mercado de trabalho hoje é exigente. Hoje se você vai pra uma cidade maior, pega Curitiba, São Paulo, até Ponta Grossa, muitas empresas já estão exigindo que ele saiba o básico do inglês, né, o básico do inglês e espanhol acho que seja bem necessário.
DEF- claro que pra mim é o espanhol. É o espanhol, é o inglês, italiano, alemão, eu acho que só.
PEF- português, óbvio, creio que o espanhol por causa da fronteira, aqui no caso, né, o inglês e talvez o chinês, o árabe, caso ele queira fazer parte ali de uma empresa, por exemplo, no Paraguai ou aqui mesmo, é um diferencial respeitado aqui. Eu digo respeitado por causa da quantidade de chineses e árabes que vivem aqui.
MEF- acho ainda que seria o inglês, SEGUNDO LUGAR: aí no caso, nós moramos no Brasil, português, né.
MEF- eu acho que deveria aprender o inglês. SEGUNDA LÍNGUA: o espanhol, pra gente aqui, na fronteira, pra quem já fala português.
AEF- olha, obrigatório ali mesmo e indispensável é o português, né, muita gente que mora aqui e não fala o português fluentemente, nem eu, falo fluentemente assim, mas falo errado, principalmente eu que estou aprendendo, não aprendendo, mais é assim, aprendeu só que

conforme vive, convive no meio das pessoas ali que não tiveram estudo e acaba se aprofundando, no trabalho assim tem que ter uma língua mais formal, né, bem dizer, tanto como o espanhol e o português, que são os principais, mas é isso aí, não sei muito o que dizer. ALÉM DO PORTUGUÊS: português e o espanhol.
AEf- indispensável eu acho que seria o inglês e o espanhol. Primeiro português, né, tem gente que não sabe falar nem português direito. Português, inglês e o espanhol.
AEf- eu falo assim que o indispensável seria o alemão, que é muito difícil de aprender, que pouca gente fala o alemão e o italiano (CONFUSO, RETOMO). Eu falo que as obrigatórias seriam o inglês e o espanhol.
AEf- inglês. Eu acho mais importante. OUTRA OPÇÃO: espanhol
PEf- pra todo aluno? eu vou pensar como Foz do Iguaçu sendo uma cidade turística, né, vários visitantes: inglês, espanhol, francês, italiano, tudo entraria, né, seria os importantes. PRIORIDADE: acredito que pelo inglês, porque o inglês é o mais utilizado e mais conhecido, né.
PEf- pra todo aluno? seria o inglês e o espanhol. Nessa ordem de prioridade, primeiro o inglês por causa da cultura que já estabelecida, né, e em segundo lugar o espanhol. ALGUMA OUTRA? Olha, pra você ter uma questão de comunicação, o inglês e o espanhol, ele conseguiria viajar pra vários países, até pra fazer intercâmbio, né, até porque se ele for, vamos dar um exemplo aqui, se for pra Alemanha, né, os alemães também aprendem a falar inglês também, então não seria é, não seria uma dificuldade tão grande a comunicação, claro que você estando no meio, você iria aprender essa terceira língua, mas pra você ter o primeiro contato, né, de comunicação, acho que seria o principal, já que foi estabelecido, né, porque tem outras línguas também que tanto algumas entidades, né, algumas faculdades, algumas universidades, várias instituições de ensino elas trabalham encima do esperanto e o esperanto como língua universal, que seria um misto de todas as línguas, não sei se o senhor já ouviu falar. SIM, então, acredito que o esperanto também seria uma saída, mas teria que ser adotado por todos os países, né, porque vamos supor, aqui no Brasil, a bandeira do esperanto ela é muito bem levantada, agora se você pegar outros países, você não tem tanto, né, essa língua sendo levada em consideração, então fica difícil de conseguir essa linguagem universal se só um país está levando em consideração. Teria que ter um acordo político, por exemplo, bota entre aspas aí, um protocolo de Quioto, né, pra língua, e aí sim, - não, vamos, tudo bem que a pessoa vá aprender a falar o inglês, mas vamos acrescentar então o esperanto, eu acho que seria uma questão, mas não seria só no Brasil, teria que ser em toda a região, né, toda a região do mundo, né, que eu digo. QUEM DETERMINARIA ISSO: é, porque o que acontece, na verdade o movimento ele tem como

surgir de baixo pra cima, mas requer, requer muito esforço e toda a sociedade ela sempre procura a lei do menor esforço, então é difícil você conseguir um movimento dessa forma, agora quando a sociedade recebe uma ordem, né, as pessoas são tão automáticas que elas acatam isso de uma forma natural, então você quando impõe, ah, quem mandou? Ah, de cima mandou, então vamos fazer, então acaba criando essa, essa, mandou, fez, não mandou, então eu não vou fazer nada, mesmo que esteja precisando, mas não tem essa realidade, por isso que às vezes você vê um ou outro levantando uma bandeira de unificação, mas como ele está aqui embaixo, as pessoas não dão muita atenção pra pessoa porque, o certo seria você criar a consciência das pessoas porque aí você cria uma base e essa base ela sobe, então você não fica esperando que venha de cima pra poder mudar uma realidade, você consegue mudar a partir do momento que você muda primeiro as pessoas, mas como eu falei, requer trabalho e trabalho ninguém quer.

AEc- ah, eu acho que inglês. Português primeiro, óbvio, tem que saber, aí o inglês e o espanhol. eu acho que no mínimo deveriam ser essas três.

AEc- infelizmente o inglês, espanhol. Talvez o alemão, francês. Acho que esses assim.

AEc- acho que inglês, se você morar no Brasil eu acho que português e, como eu acho que as três maiores são o inglês, o português e o espanhol. PRIORIDADE: INGLÊS OU PORTUGUÊS? Não, primeiro tem que ser a língua do seu lugar, de onde você mora, depois você aprende as outras.

AEc- tirando o português, o inglês e o espanhol, porque são as três línguas mais faladas no mundo, assim, digamos, são basicamente as línguas universais. Onde você for, o português não é tanto, mas o inglês e o espanhol, onde você for se você falar inglês ou espanhol, o pessoal vai entender, o pessoal vai responder, então tipo seriam esses três.

PEc- infelizmente eu acredito que o inglês por causa das exigências, veja, se você vai fazer uma prova de doutorado, tem lugar que não aceita o espanhol ainda, eu acho que deveria, eu fiz o espanhol, aí quando eu vou fazer a prova de proficiência eu não posso escolher o espanhol em algumas instituições, é só o inglês e o francês ou inglês e o alemão, então infelizmente, por esses motivos, eu acredito que os alunos, se fosse pra optar, eu optaria pelo inglês, embora eu fiz espanhol, eu fiz um curso de espanhol, eu acho que o espanhol é extremamente importante.

PEc- teria que ser o espanhol e o inglês.

PEc- ah, é difícil dizer, né, obrigatória? Pra uma finalidade de vida, eu acho que todo mundo tem que ter noção de inglês, sabe, pra você usar na vida. Agora pra aluno, eu, eu não uso, né, outra língua, né, não uso, não uso bibliografia em outra língua, então pro aluno em si, agora pra se virar lá, eu acho que eles tem que ter uma noção boa de inglês.

Mec- então eu acho que seria, eu vou colocar quatro, eu vou colocar até uma que eu não citei, mas essa língua eu acho que dependendo do que o jovem estudar, essa língua é bem importante. Seria o inglês, espanhol, francês e alemão.
DEc- fora o português? Ah, eu acho que o inglês, aqui o espanhol, o italiano, francês, mais ou menos isso, e o alemão, logo em seguida.
Mec- é o inglês e o espanhol. Não acho que tenha diferença entre inglês e espanhol, acho que tem que ser as duas.
7. Por ordem de prioridade, quais línguas são as mais importantes para sua comunicação através dos computadores?
DEr- português e inglês, né.
AEr- o inglês e o espanhol
AEr- o inglês, porque bastante gente escolhe o inglês pra conversar com as pessoas, daí falam inglês.
MEr- o inglês e o espanhol, né, no momento que você pega ali um, entra nalguma coisa ou é o espanhol ou é o inglês, o ucraniano também tem algumas coisas.
MEr- o português mesmo, né. No mundo é o inglês. Tudo o que você vai abrir lá já tem o inglês junto, né.
PEr- então nesse caso, como é mundial, eu entendo no inglês, no sentido de, o inglês, daí o espanhol e daí, talvez, conforme a comunidade que você se relaciona, o nosso português ou até português de Portugal, porque afinal de contas lá o português lá é Europa. A gente brinca com eles, mas eles são Europa.
AEr- pra mim o português, NO MUNDO: eu acho que daí o espanhol, sei lá. Depende da pessoa que a gente vai conversar também, né. Porque tem pessoa que não sabe português, né, tipo daí o espanhol, o inglês é a língua mundial, sei lá, deve saber né.
AEr- acho que o inglês ou o espanhol. O espanhol porque eu acho mais fácil de aprender
PEr- português, espanhol e um pouco de italiano, assim que eu preciso de bastante coisa, assim por ordem, português, espanhol, e o inglês está em quarta opção, só em últimos casos, se for necessário, mas daí tem que sentar com um dicionáriozinho, algumas palavras que eu não conheço. Me viro, com o espanhol e o italiano eu consigo me virar.
DEf- ah, o inglês.

PEf- acho que o inglês mesmo, se você for entrar, por exemplo, em jogos <i>on line</i> , a maioria é em inglês, a não ser que você esteja numa comunidade ali do Brasil, aí você vai jogar com jogadores brasileiros, mas, no geral, o inglês.
MEf- computadores, inglês
MEf- acho que é o inglês. Tudo o que você vai ler é em inglês, né, os manuais, a maioria.
AEf- diversas, português, o espanhol, inglês. Eu principalmente, eu era, antes eu era <i>gamer</i> , ficava 24 horas no computador, não trabalhava, né, ainda, e tinha amigos fora do mundo, né, fora do mundo, fora do país, né, tinha amigo que era lá do Canadá.
AEf- também inglês.
AEf- eu mesmo, através dos computadores, eu uso ou espanhol ou português.
AEf- inglês. Porque ele está tudo, tudo escrito em inglês, assim vem de lá, eu acho, dos EUA, a maioria dos sites
PEf- No Brasil? o português, todo mundo entende. NO MUNDO: português e inglês, pode ser duas?
PEf- através dos computadores? Ó, primeiro, hoje em dia, vários programas eles já estão sendo colocados também na língua portuguesa, né, na nossa língua mãe, mas agora como eu falei da questão cultural, o inglês ele também vez trazendo toda essa parte de computadores, né, as teclas que você vai usar de atalho são teclas em inglês, por exemplo, se você vai dar um procurar, né, você vai dar um CTRL F, que é <i>CTRL Find</i> , você não vai dar um CTRL P, né, nem o arquivo em PDF ele vai reconhecer o comando, pode tentar que ele não reconhece, agora o CTRL F ele reconhece, então é uma coisa que já vem de fora, então a gente acaba se adaptando ao que já vem, né, não tenta construir aqui o nosso, aí cria esse problema.
AEc- eu acho que o inglês, por ser uma língua universal.
AEc- o inglês, sim, porque todo o sistema, se você for fazer HTML é inglês, então é o inglês.
AEc- bom, eu acho que devia ser inglês, porque se você for conversar com alguém de outro país (inaudível) porque grande parte das redes sociais também tem bastante (inaudível) em inglês, né.
AEc- português e inglês. Inglês, eu uso bastante o inglês.
PEc- o inglês, espanhol. Só o inglês e o espanhol. Nesse momento, só essas duas, os dois tem a mesma prioridade, teriam a mesma prioridade.
PEc- eu creio eu o espanhol e o português.
PEc- inglês
MEc- inglês e espanhol
DEc- ah, o inglês.

MEC- o inglês, geralmente é o inglês e o espanhol, sempre tem as duas versões, mas eu acho que o inglês ele predomina.

8. Em qual língua está configurado o seu computador? O que você faria se tivesse que usar outra língua ao invés dessa (do português) no seu computador?

DEr- eu ia ter que aprender porque daí ia ser difícil, né. SE ESTIVESSE TUDO EM ESPANHOL: daí eu ia ter que procurar, estudar e me aperfeiçoar.

AEr- português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: tentaria. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: também, também. Tentaria continuar.

AEr- português, SE TIVESSE QUE USAR OUTRA LÍNGUA: eu ia procurar o *Google* pra traduzir o que que estava escrito. SE PROCURARIA MUDAR PARA O PORTUGUÊS: Se fosse bastante gente eu ia tentar mudar, se fosse só uma pessoa, procurava no *Google*. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: se eu fosse tentar estudar espanhol pra frente, ia deixar em espanhol, senão eu ia mudar para o português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: ia mudar na hora.

MER- está em português. Eu ia procurar o tradutor, né, porque senão eu não ia pra frente. O ucraniano eu ia me vender de vez porque eu vejo as escritas ali, mas eu não decifro nada. Tanto que antes tempo a mãe dava aula de ucraniano pras crianças e eu acompanhava, mas eu nunca soube montar as palavras. O inglês alguma coisa, mas ainda é pouco. Talvez o espanhol, pelo espanhol eu ainda me ache um pouquinho mais, eu acho que o espanhol eu acho que ainda me saia com alguma coisa, mas diferente eu acho que o inglês não.

MER- está em português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: ia ficar sem saber o que fazer, né. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: é, daí alguma coisa já entendia, mas acho que se perde, né, bastante, né. SE ESTIVESSE EM UCRANIANO: piorou.

PER- na verdade é assim, como eu tenho *Windows* e *Linux*, o *Windows*, na medida do possível, deixo, tento deixar todo ele em português do Brasil, mas na questão do *Linux*, eu preferi já deixar tudo em inglês, mesmo, inglês americano, que é mais fácil, no sentido de configurar os comandos e tal é mais fácil de entender, o pensamento mesmo, mas pra mim, basicamente estando em inglês é tranquilo, eu me viro, não tem problema. SE FOSSE EM INGLÊS: tranquilo, entendo. SE FOSSE EM ESPANHOL: na verdade, eu diria que no espanhol é mais, mais que eu decorei a posição dos menus, na verdade. Como eu já trabalho desde, desde muito tempo, com, não só com o *Windows*, desde a época lá do *MS DOS* e tal, eu já sei de cor a posição dos menus, então, tanto é que, por exemplo, às vezes, que eu digo que preciso usar algum

programa estilo, por incrível que pareça, sem ser <i>hacker</i> , russo ou até em chinês, mandarim, você vai pela posição para mudar de idioma, então você vai memorizando.
AEr- português. Eu ia configurar para o português. Ah, sei lá, daí ficaria em inglês. Ah, daí eu ia mudar para o espanhol, né.
AEr- está em português. Eu acho que eu procurava a opção de mudar a língua. INGLÊS: Acho que eu ia procurar o dicionário. ESPANHOL: tentaria.
PEr- português. Utilizaria normalmente se estivesse em outra língua.
DEf- De casa está em espanhol. Do trabalho está em português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: eu ia ter, eu acho, um <i>Google</i> tradutor instalado, qualquer coisa assim, mas teria que ter um tradutor instalado. Tentaria mudar o idioma. Se tivesse possibilidade de trocar é claro que eu trocaria.
PEf- em inglês, menos o celular, não sei, acho que é preguiça, mas o resto tudo é em inglês. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: já aconteceu e eu me virei, por exemplo, uma vez o meu celular estava em chinês, só que aí você acaba decorando, né, onde que está cada botão, então foi tranquilo, mas um pouquinho difícil foi na hora de ir lá em configurações, eu não lembrava muito bem, mas acabei lembrando, mas é acaba que como é uma coisa que a gente usa muito, o computador, celular, televisão, então a gente vai por memória ali de associação, né, mas a gente vai se virando, por exemplo, eu já peguei um jogo pra jogar no <i>play station</i> que estava em japonês, fui testando, clicando aqui, ah não dá, volta, vai pra lá, vai pra cá, então é, você tem que testar primeiro né.
MEf- está em português, mas sempre tem alguma coisa em inglês, sempre. SE ESTIVESSE TUDO EM INGLÊS: eu ia pegar meu celular e ia no <i>Google</i> , <i>Google</i> tradutor. PRA MUDAR PARA O PORTUGUÊS: mas claro, a gente é pouco esperta.
MEf- PERGUNTA NÃO FEITA.
AEf- está em espanhol, porque eu acho, assim, como eu não sou mais tão ligado, assim, no computador porque eu não tenho muito tempo, né, mas como eu sei de cabeça, assim, que eu fiz cursos também de informática, montagem e manutenção de computadores, eu sei então o que que é ali, então eu lendo aquilo ali em espanhol eu acho que eu posso entender mais, compreender mais, né, e com isso facilita mais a minha aprendizagem. SE O COMPUTADOR ESTIVESSE EM INGLÊS: saberia igual, saberia igual pelo, não saberia traduzir ali, mas saberia pela, porque eu sei de mente cada local onde está ali que eu precisar, por memorização, se eu precisar entrar ali nas configurações do computador, eu vou saber, mesmo tendo qualquer língua.

AEf- português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: tentaria entender, caso eu não conseguisse, eu mexeria bastante pra achar como mudar pro português. SE NÃO TIVESE ESSA OPÇÃO: eu ia vender o computador. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: ah, espanhol é mais fácil né, aí espanhol a gente entende um pouquinho melhor. SE VENDERIA: aí não, continuaria usando.
AEf- aí depende, porque muitas vezes eu uso o espanhol, mas está configurado em português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: bom, eu ia procurar a mudar a língua, pra uma que eu entendo mais fácil: o espanhol, é o mais fácil de mudar.
AEf- português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: ah, arrumaria, eu mudaria o idioma. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: ah, aí é fácil pra entender, eu usaria um pouco para aprender um pouco mais, né, que eu estou fazendo curso.
PEf- português. Ah, quando aparece alguma coisa em inglês eu já vou lá no tradutor. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: ah, eu vou no tradutor porque a gente não tem noção, né, até pra formar frase, alguma palavrinha ou outra a gente até compreende, mas a frase em si é só no tradutor. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: eu ia no tradutor também e isso que o espanhol é mais fácil, né, até que tem umas palavras assim que mais puxa pro português, você dá uma enganada ali, mas o tradutor eu também utilizaria.
PEf- o meu está configurado em português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: eu usaria, eu usaria, eu usaria. Se eu tivesse internet, eu usaria a internet e o <i>Google</i> tradutor pra poder auxiliar. É claro que no começo ia demorar um pouco pra você ver todos os comandos, aí depois de um mês utilizando, já estaria interiorizado. Agora se não tivesse internet, com certeza eu tentaria primeiro jogar o português, mas se não conseguisse eu ia usar o inglês do mesmo jeito, não tem problema. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: COM INTERNET: eu ia pro <i>Google</i>, eu ia procurar um tradutor pra conseguir. SEM INTERNET: é, sem internet, se eu olhasse pra máquina e não estivesse entendendo nada, eu teria que, com certeza pegar um dicionário pra mim tentar acompanhar o comando que está aparecendo na tela pro que eu quero fazer, agora como a gente já tem uma noção, né, do computador, a gente não é a primeira vez que está entrando em contato com a máquina, a gente tem uma noção básica do que o comando está pedindo, a posição onde você vai clicar, onde que não deve, né, sabe o que que vai fechar, onde você vai abrir, quantos cliques que você vai dar, então tendo essa visão geral você vai se norteando, mesmo que por osmose tentando encontrar, né, o que, a resposta que você quer. Acredito que dê pra fazer dessa forma, é claro que vai levar um tempo maior, mas você consegue ir se encaminhando perfeitamente. Se você abrir o computador e tiver todo em árabe, por exemplo, né, se tiver em árabe, nossa, imagina, em grego, latim, você vai olhar, você sabe a posição do que que tem que fazer, você não vai entender nada do que está escrito, mas você vai

conseguir abrir o programa, não é isso, e você vai conseguir abrir esse programa, esse programa, normalmente, sempre tem um tradutor dentro dele automático, no <i>word</i> , por exemplo, você consegue fazer essa conversão automático ali.
AEc- está em inglês, está tudo em inglês pra aprender e tudo mais. SE ESTIVESSE EM OUTRA LÍNGUA: eu acho que ia me bater um pouco, mas aí eu ia ficar pesquisando no <i>Google</i> o que que significa cada coisa. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: ah, seria um pouquinho mais fácil, usaria normalmente, eu acho que seria mais difícil, mas usaria.
AEc- está configurado em português. SE ESTIVESSE EM OUTRA LÍNGUA: ia tentar entender alguma coisa, se fosse uma língua muito desconhecida ia ser falha certa, mas ia tentar.
AEc- está em português. SE ESTIVESSE EM OUTRA LÍNGUA: depende a língua, mas só que provavelmente eu tentaria arrumar, né. EM INGLÊS: bom, ou esqueceria de arrumar ou arrumaria. SE FOSSE EM ESPANHOL: eu conseguiria usar, tranquilo, eu conheço bem de computador, aí seria fácil mudar de língua, é, eu tentaria usar normalmente. FRANCÊS: eu acho que eu também tentaria mudar para o português, qualquer língua eu acho que mudaria para o português por causa que eu tenho mais facilidade.
AEc- está em português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: sossegado, eu daria meu jeito, tipo eu entenderia as coisas mais por lembrança e prática de mexer geralmente, então eu não ia ter tanta dificuldade, mas pra ler as coisas assim eu daria meu jeito pra entender, mas sossegado. SE CONTINUARIA OU MUDARIA O IDIOMA: eu até continuaria, até tentaria trocar, pra ficar mais fácil, tem aquela preguiça, mas eu tentaria mudar, se não desse, eu continuaria e ia aprendendo mais sobre a língua. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: também, a mesma coisa.
PEc- inglês, tudo em inglês. SE ESTIVESSE EM OUTRA LÍNGUA: teria que buscar, né, ficaria curiosa pra saber o que que está passando ali, ou tentaria configurar novamente pro inglês, que é o que eu estou mais adequada a entender e a gente tem que contar com a possibilidade, por exemplo, que tem situações que é só o inglês, né, veja, se você vai usar um <i>software</i> , eu uso, você está falando de computador, né, eu uso, mas se eu vou usar um <i>software</i> de Matemática, geralmente já está em inglês, não tem nem outra possibilidade de estar em outra língua. O <i>autocad</i> que, às vezes, a gente usa pra fazer um desenho, ele já está em inglês, então é uma questão de costume mesmo, se aparecesse em outra língua, eu não sei nem o que fazer, tentaria buscar a configuração original, ou uma outra versão. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: Ah, seria muito mais fácil pra mim, pelo menos, sim, usaria, usaria em espanhol.
PEc- inglês, ele veio já configurado e eu não consegui mudar, daí ficou, mas aquela história, nós professores sabemos que temos que passar pelos nossos, digamos assim, obstáculos procurando, né, já o nosso aluno, ele eu não sei o que ele faria, mas ele não iria querer passar por esse

obstáculo, então você usando em inglês, tem tantos sites que você pode fazer a tradução, até ajudou um pouco no inglês, eu considero assim meio enfadonho por conta de, às vezes, você está com pressa, você quer fazer uma coisa e está ali inglês e você tem que ficar procurando no tradutor, mas também ao mesmo tempo ajuda pra que você não vá esquecendo, porque a língua estrangeira se você não fala a língua estrangeira, se você não usa a língua, você vai esquecendo. SE ESTIVESSE EM OUTRA LÍNGUA: primeiro eu tentaria verificar o porquê, né, e se não tivesse um motivo técnico, eu tentaria mudar, e se não desse pra mudar eu ia trabalhar usando o tradutor.

PEc- português. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: tem que traduzir, né, é põe o tradutor, né, se não vier um “traduzir a página”, né, tem que se virar, tem que ir buscar. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: eu acho que espanhol eu tenho uma noção melhor, mas também precisaria ajuda. SE ESTIVESSE EM FRANCÊS: eu também precisaria ajuda. Olha, eu primeiro ia tentar mudar o idioma, né, mas não deligaria o computador, eu ia tentar entender, né, ver o que estão falando, né.

MEc- ele está no português, mas eu uso, às vezes, o *Google*, lá o tradutor. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: não sei, mas eu tentaria traduzir, tentaria, eu só sei que não ia ser fácil, mas eu ia tentar traduzir. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: a mesma coisa, só que daí pra mim, pessoalmente, já seria mais fácil.

DEc- o meu está configurado em português, mas tem muitas coisas que vem, que está em inglês, que a gente, às vezes, não entende e tal, mas está em português, depois vem o inglês. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: se eu não pudesse traduzir ele, colocava lá um tradutor pra língua portuguesa, eu ficaria perdido. Eu ia procurar ajuda. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: eu teria mais facilidade que o inglês, é, eu teria mais facilidade que o inglês, o espanhol parece que, eu talvez entenderia mais do que o inglês, algumas palavras, né. SE ESTIVESSE EM ITALIANO: eu entenderia algumas coisas, assim como no espanhol, seria um pouquinho mais fácil do que o inglês, pra mim, né.

MEc- português e tem lá o tradutor, constante. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: ah, aperta o botãozinho do tradutor, ponho no tradutor, e aí quando ele não traduz, que às vezes tem páginas que ele não traduz, aí começa o desespero, aí você começa a buscar a solução. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: eu não sei se tem o tradutor pra espanhol, deve ter, né, geralmente o meu está ligado no inglês, mas o espanhol eu acho que é um pouco mais fácil, né, só que assim, é mais fácil e não é, porque tem palavras que não tem sentido nenhum em relação ao nosso, não tem ligação, né, então ele se torna às vezes, um pouquinho mais difícil, mas eu acho que o espanhol é mais fácil, não sei se é porque a gente vê muito superficial, é que eu vivi ali naquela fronteira,

eu vivi pro lado da Argentina, todo final de semana a gente ia de final de semana passava lá na Argentina, então parece que a gente convivia um pouco mais com aquele som. Puerto Iguazu.

9. Qual atitude você tomaria se a partida de futebol do seu time preferido (ou da seleção brasileira) estivesse sendo transmitida em outra língua? Exemplificaria: espanhol, inglês, francês, ucraniano... Assistiria ouvindo a transmissão em outra língua? Qual? Por quê?

DEr- ah, inglês sim, né, nossa, eu ia até gostar, eu ia valorizar, mas se fosse uma outra eu ia tentar colocar legenda lá. ESPANHOL: eu acho que eu ia assistir porque eu admiro muito o espanhol, assim, não tem muitas palavras assim que, eu via as meninas, a gente já fez curso junto, né, nossa, e daí a gente vê as apresentação, viu as apresentação dos trabalhos em espanhol, assim, muito interessante, né. A gente, é interessante ver as palavras, conhecer alguma coisa diferente, acho assim que eu ia gostar. UCRANIANO: ah, também ia gostar, nossa. ALEMÃO: Ah, alemão já é complicado, eu acho muito difícil essa língua, né. FRANCÊS: talvez pelo meu tio lá, mas eu não entendo muito, quando eles vêm pra cá, eu tenho uma família que mora, meus tio que mora na França, daí quando vem a gente aprende muitas palavras, né, depois quando eles vão, a gente tenta até falar igual, fica parece aquele sotaque, a gente começa quer imitar, né, até no português, assim, puxar, contagia, né.

AEr- ah, eu tentaria descobrir tudo, tipo tentar entender mais ou menos o que está passando pra continuar

AEr- eu ia procurar outra língua, tipo o português. SE NÃO TIVESSE O PORTUGUÊS: ia deixar no espanhol. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: ia ter que assistir em inglês, né, não ia ter outra escolha, só ia ver as imagens mesmo.

MER- não gosta de jogo. Mudaria de canal.

MER- acho que eu não ia assistir, porque daí não tem né, não ia entender nada. Desligaria a tv.

PER- com certeza eu ia estranhar, eu ia estranhar, porque como diz, eu ainda não fui, não estou acostumada a ouvir, na verdade, a ouvir no sentido só de ouvir. A gente é acostumado, por exemplo, a ouvir, digamos, um filme geralmente em inglês, né, dos EUA, e pelo menos uma legenda, ou em português ou em espanhol, por incrível que pareça. Por que que eu gosto de legendado? O inglês normal, para sentir, digamos, a própria, a própria, digamos, performance ou atuação dos artistas, que cada um tem a sua atuação própria e a questão da legenda em português ou em espanhol no sentido de eu, de eu não precisar traduzir. Eu sinto a emoção e já vejo mais ou menos, eu particularmente, porque as traduções em português geralmente pecam,

né, e se perde um pouco a magia. Com certeza eu até acho que deixaria no mudo mesmo, só pra ver o visual.
AEr- sei lá, nunca aconteceu isso comigo. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: eu ia desligar a televisão. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: ah, daí tipo, um pouco, daí o espanhol já é parecido com o português, daí já ia entender mais. SE ESTIVESSE EM UCRANIANO: ah, daí não ia entender nada.
AEr- acho que eu ia achar um tradutor pra me ajudar, porque ia ser difícil de eu conseguir. Se tivesse para escolher as línguas, eu deixaria para o espanhol. Se estivesse em espanhol deixaria assim.
PEr- assistiria o jogo normalmente, deixaria normal pra escutar, porque, por exemplo, o que eu aprendi de inglês, a maior parte foi assistindo filmes com legenda, então daí vendo eles falando. ESPANHOL, ITALIANO: espanhol sossegado.
DEf- em espanhol sim, em inglês não. SE ESTIVESSE EM OUTRAS LÍNGUAS: também não. Ia assistir outra coisa. Não continuaria vendo as imagens.
PEf- não continuaria porque eu não gosto de futebol, mas caso eu gostasse de futebol, eu continuaria, porque é, por exemplo, acontece quando está passando aqueles esportes, né, de inverno, aí eu coloco na tv e aí está passando a narração em inglês, eu continuo porque é uma coisa legal e a gente acaba aprendendo vocabulário, né, só se a coisa me agradar, mesmo, senão eu mudo pra outra.
MEf- a gente ia tentar, né, eu ia ficar assistindo e ia tentar, né, mas a hora que saía o gol a gente ia saber.
MEf- SE TIVER EM INGLÊS: eu desligo, eu não gosto de futebol mesmo. SE FOSSE NOVELA: vai pelas imagens. SE ESTIVESSE EM ESPANHOL: aí é mais fácil, daí eu entenderia. SE FOSSE EM GUARANI: nossa! Daí eu ia diminuir o volume, é muito complicado o guarani, bem difícil.
AEf- prestaria bastante a atenção no jogo porque é o mais interessante na hora ali, mas prestaria bastante a atenção também na língua, né, no jeito que é falado, apesar que não dá muito, não dá pra acompanhar, principalmente o canal paraguaio, eu não consigo acompanhar eles ali, mas eu acho que eu prestaria bastante atenção no jogo e na língua, do jeito que está falando o narrador. SE ESTIVESSE EM INGLÊS: seria um pouco mais complicado. Tentaria deixar uma legenda. Então prestaria atenção no jogo, mas não prestaria atenção na língua. Deixaria o som para dar mais emoção. SE ESTIVESSE EM GUARANI: ah, daí fica meio complicado, porque o guarani é fogo, mas deixaria com som, normal, normal.

AEf- eu tentaria compreender pelas imagens, por exemplo, se for inglês eu não vou entender muito, se for em espanhol vai mais ou menos, mas tentaria compreender mais pelas imagens. Em espanhol deixaria com som, porque é mais fácil.
AEf- bom, assim, eu normalmente acompanho futebol pelo passo-a-passo depois na internet, mas se eu estivesse assistindo e estivesse em outra língua, eu ia procurar um jeito de gravar e depois achar a tradução.
AEf- ficaria nervoso, porque eu não entendo nada. Não sei o que eu faria. Continuaría assistindo com som porque a gente consegue identificar, às vezes, pela visão o que que ele está falando mais ou menos.
PEf- não tem legenda? NÃO. Eu continuaria assistindo, ia continuar assistindo, ia ficar só observando pra ver se eu entendia alguma coisa até pelo gesto, né.
PEf- se estivesse em outra língua? Eu vou responder com um fato que, de um livro que eu li, chama-se (conta a história do livro, fala que o arquétipo/contexto do futebol te dá a informação). RESPOSTA: eu continuaria ouvindo, até porque isso seria um estímulo pra mim estar aprendendo uma outra língua, vamos supor que eu viajei pro Japão, né, eu sei o contexto que passa o jogo de futebol, mas que eu vou continuar escutando pra mim facilitar o aprendizado ali, né, eu não vou desligar a televisão, porque senão eu vou estar no Japão e não querendo aprender japonês.
AEc- eu ia ficar de cara, ia ficar bem triste, ah, eu ia assistir do mesmo jeito porque eu gosto de futebol, mas, ah, os comentários não ia dar pra entender muito.
AEc- acho que eu desligaria. Talvez porque futebol não me interessa, mas se fosse alguma coisa interessante eu acho que eu tentaria entender.
AEc- eu assistiria normal.
AEc- procuraria colocar legenda, se não der a legenda em português, vai a de espanhol mesmo, eu tenho mais facilidade em ler e entender do que ouvir e entender línguas estrangeiras, então pra mim o ler é mais fácil que eu procuraria colocar a legenda e tal pra ler.
PEc- olha, eu, se for uma língua que eu conheça ou que eu pelo menos teria facilidade em ouvir e entender, né, mesmo que não seja fluentemente, eu deixaria, se fosse essas duas: o inglês e o espanhol, que é mais comum pra mim, agora se fosse outra eu já não sei.
PEc- eu procuraria entender, qual língua fosse, procuraria entender.
PEc- num filme eu assisto, porque dentro do contexto eu vou tentar entender, mesmo que não tivesse legenda. Até um ponto vai, depois se você ver que você não acompanha, aí você desiste, mas eu acho que dá pra, por exemplo, vai muito assim, por exemplo, de inglês você tem noção, então alguma coisa você pega, pega o contexto da imagem e tal, tenta juntar. ... acho que em

alemão eu não ia assistir, porque eu não tenho familiaridade, ia ficar muito difícil pra mim, essas que tem familiaridade, eu acho que eu ainda ia buscar alguma coisa, como, às vezes, acontece, né.
MEC- SE FOSSE EM INGLÊS: duas possibilidades, né, ou eu ia tentar assistir, aí assistiria, mas daí dependendo, daí eu iria ver que não ia conseguir entender, daí infelizmente não ia poder assistir. SE FOSSE EM ESPANHOL: eu acho que daí eu assistiria e ia entender o conteúdo parcialmente, mas mesmo assim ia ter ali algumas falas, algumas coisas que iam ficar dúvida. SE FOSSE EM FRANCÊS: ah, daí não né, porque francês, embora eu goste, o francês é uma língua que eu sei que não é muito fácil, daí teria que estudar mesmo.
DEc- INGLÊS: bom, eu ia tentar transformar isso em português, se não fosse possível, eu ia ficar assistindo o jogo, mas eu não ia entender (diminuiria o volume). ESPANHOL: eu deixaria o volume, porque eu ia entender alguma coisa. ITALIANO: também, eu ia entender alguma coisa.
MEC- eu continuaria assistindo. Isso acontece muito no <i>You tube</i> (conta que vê vídeos em russo para ver imagens, crochês, acompanha a mão de quem está fazendo, etc).
10. Na sua opinião, no Paraná, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
E no Brasil?
DEr- como tem bastante turismo, né, eu acho que espanhol, inglês, porque outros né, não ia entender. Deveria ser as duas. (português, inglês, espanhol). Por causa do turismo, de outros, né, intercâmbio dos povos, né, essa circulação, né, então eu acho interessante, né, valorizar, né, quem vem de fora.
AEr- inglês, inglês. MAIS ALGUMA? Não, não. NO BRASIL: também.
AEr- em espanhol, né, eu acho que é mais fácil, é parecido com o português. Se for fora do Paraná, acho que tinha que ser em inglês, né, inglês ou espanhol. NO BRASIL: português e espanhol.
MER- vou continuar no inglês e no espanhol, né, porque se alguém vem, se é de fora, com certeza vem falando inglês. Se não é o inglês é o espanhol, então daí teria que ter em outras línguas junto, né, porque se a pessoa vem de fora, dá uma olhada assim, e agora está o quê? Uma única língua que de repente a pessoa não entenda. Teria que ter em inglês e em espanhol, teria que ser mais bem sinalizado, né. SE FOSSEM SÓ DUAS LÍNGUAS: O PORTUGUÊS E o inglês.

Deveria ser assim meio que por toda parte, porque é que nem eu comento: se não é o português é o inglês, que eu acho que por mais que tenha uma pessoa, digamos um espanhol, que fala em espanhol, ele, a segunda língua dele, eu deduzo, na minha opinião, que é o inglês, né. Eu acho assim que a maioria das pessoas, digamos assim, que eu vou citar pelo que a gente via esses estrangeiros que vinham pra igreja ali, então, o deles se não fosse o ucraniano, seria o inglês, mas eles falavam daí entre eles no inglês, então daí pelo conhecimento que eu tenho seria o inglês.
MER- ah, eu acho que nas cidades grandes seria interessante, né, mais, tem mais pessoas de outros países que vêm, né. IRATI: acho que por ser uma cidade pequena, sei lá. UCRANIANO: seria só se fosse para os mais antigos, né, porque os novos, sei lá, é poucos, né, que entendem.
PER- que é uma tendência mesmo, como diz a gente buscando essa socialização com várias cultura,s teria que ser na língua mãe, mesmo, e inglês, se fosse possível. No Paraná também, porque afinal de contas né, o Paraná como, como diz, como um Estado com várias, com várias possibilidades, sempre tem, né, estrangeiro estar visitando, então seria interessante pelo menos o inglês, né. NA TERCEIRA POSIÇÃO: volta o espanhol, ainda continuo com o espanhol.
AER- português, espanhol e inglês. DÚVIDA, TITUBEIA. Estou me confundindo já. CONCLUI QUE A SEGUNDA LÍNGUA SERIA O ESPANHOL.
AER- acho que as mesmas que estão ou no espanhol. Português, espanhol, inglês.
PER- espanhol e o inglês. Português, espanhol e o inglês, nessa ordem. NO BRASIL: eu acho que deveria acrescentar o francês, eu acho que tem muito turista francês que vem pra cá. POR QUE A ORDEM? Por ser a América Latina, são vários os países que utilizam o espanhol, então eu acho que é isso, por esse motivo.
DEF- inglês e espanhol. NESSA ORDEM? Não, espanhol e inglês. E O PORTUGUÊS TAMBÉM? O português acho que não, ah, também, porque tem gente de fora, eu morando numa cidade turística, também, deveria ter o português. Na verdade, as nossas placas já estão, inclusive o árabe, tem umas placas que vão lá para as Cataratas, tem umas placas de sinalização que estão em português, espanhol, inglês e árabe. No Natal principalmente, que daí eles colocam os enfeites de Natal nessas línguas. NO BRASIL: eu acho que as mesmas, português, inglês, espanhol.
PEF- eu acho que no português e no inglês. Não sei. Acaba que todo lugar assim que você vai de diferente tem a língua nativa e o inglês. Justamente por aquele negócio que eu te falei, né, que eu acho que é a língua mais falada porque em vários lugares que eu já fui, por exemplo, em Buenos Aires, tinha placas em inglês e placas em espanhol, assim, pelo menos algumas que eu me lembre, então eu acho que seria isso, alguns vídeos que eu já vi também de pessoas fazendo

<i>tour</i> por Israel, por exemplo, é que eu assisto bastante, estava na língua nativa e no inglês, aqui em Foz é mais importante ainda, inglês por causa do turista, né, o espanhol também, mas eu acho que, não sei, eu acho que eles, não sei se seria meio semelhante assim uma coisa com a outra, não sei se eu vou falar besteira né, mas eu acho que o português e o inglês. NO BRASIL: a mesma coisa.
MEf- aqui a gente tem bastante turista, né, então, pelo menos eu acho que português, inglês, espanhol. NO BRASIL: aí teria que ser mais, né, no Brasil todo, mas acho que essas línguas já são suficiente, já dá pro povo tentar se localizar.
MEf- eu acredito que inglês, o espanhol é tão importante aqui, mas são tantas línguas aqui né. SE FOSSE COLOCAR UMA PLACA NA FRENTE DA ESCOLA: português e inglês. E acrescenta o espanhol. NO BRASIL: português e inglês. Espanhol não. Ordem indiferente.
AEf- o inglês, né, que é o <i>STOP</i>, pra parar, que é o principal. Ah, o inglês, o português e o espanhol. NESSA OREDEM? Principalmente o português em primeiro lugar, o inglês e depois o espanhol, porque hoje o pessoal, até mesmo se você vai numa autoescola, você vai reconhecer pelo inglês, né, a maioria das placas, não, a maioria não, só uma que é <i>STOP</i>, pra parar. NO BRASIL: eu acho que seria bem mais melhor assim, o português, o inglês e o espanhol.
AEf- eu acho que deveria estar nas três: português, inglês e espanhol, as principais. Nessa ordem. NO BRASIL: também, é, acho que não deveria mudar. FOZ DO IGUAÇU: aqui em Foz do Iguaçu eu acho que deveria priorizar o espanhol. Espanhol, português e inglês.
AEf- eu falo que deveria estar na nossa língua oficial, que é como elas estão, mas não só na nossa como em línguas diferentes, porque, às vezes, tem muita gente que não entende a nossa língua. QUAIS? Bom, como aqui é um país de fronteira com países de língua espanhola, eu falo que o espanhol, o inglês. NO BRASIL: acho que sim, que como um todo deveria ter as três línguas porque são as três línguas mais conhecidas. As pessoas que vem de fora iriam saber.
AEf- o espanhol. OUTRA OPÇÃO: inglês. O espanhol e inglês, né, ultimamente. São línguas assim mais faladas, tipo universal, todo mundo deve saber. NO BRASIL: eu acho também.
PEf- português, inglês e espanhol. BRA, PR e FOZ.
PEf- olha, normalmente, as placas de trânsito elas são universais, né, normalmente, elas são universais, a gente volta de novo na simbologia, a simbologia acaba sendo universal, mas agora se for uma coisa escrita. Pra mim teria que estar na língua mãe, no caso o português. MAIS ALGUMA: acho que não teria a necessidade de você, você poderia ter aqui no Paraná a língua espanhola também sendo indicada nas placas de informação, tanto o português quanto o espanhol, né, acho que essas duas línguas seria o suficiente já pro Paraná. NO BRASIL: nas três, espanhol, inglês e o português. EM QUE ORDEM: primeiro o português, aí o inglês e

depois o espanhol em terceiro. POR QUE A ORDEM? Por caráter de massa, né, de maior quantidade de pessoas, né, que você tem acesso à língua, como está a nível de Brasil, em primeiro lugar, você está no Brasil, então a população brasileira tem que saber pra onde está indo, né, se localizar, e aí depois a, tendo uma visão mundial, o inglês é a língua mais falada, então daí teria o inglês, uma questão de proporção, né, eu acho que essa seria a lógica principal.

AEc- eu acho que pelo menos no inglês, igual agora provável na Copa teve algumas placas que foram mudadas, acho que deveria ter mesmo. MAIS ALGUMA: ah, talvez o espanhol porque tem bastante argentino aqui do lado. NO BRASIL: eu acho que também, mas eu acho que a pessoa primeiro tem que aprender bem o português, sabe.

AEc- as que estão hoje. Não acredito muito que o Paraná seja um lugar muito visitado por falantes de inglês, mas acho que também poderia ser acrescentada alguma língua indígena, porque a gente vê bastante, né, indígena em Curitiba, então. ORDEM: eu acho que seria português, alguma língua indígena e daí inglês e espanhol. Quatro línguas. NO BRASIL: eu acho que varia muito da localização, né, o norte principalmente deveria valorizar mais a língua indígena, como eu disse, mas pra cá, talvez em Santa Catarina, mais línguas como, por exemplo, o alemão que tem até vilas que são, é colônias alemãs, então acho que depende muito.

AEc- acho que português e inglês. MAIS ALGUMA: Em trânsito não, mas só que em aeroporto devia ter mais línguas. NO BRASIL: AS MESMAS: eu acho que sim, porque se ela for considerada como universal, então sim.

AEc- eu acho que não seria necessário colocar o inglês e o espanhol porque o inglês é a língua mais falada no mundo, então até mesmo os espanhóis que vêm aqui eles vêm falando o inglês, então seria manter tipo geralmente todas as placas assim em inglês também, em português e inglês, nessa ordem. NO BRASIL: eu acho que sim, só que daí pra outras partes poderiam trocar, colocar um pouco mais de inglês, um pouco mais de espanhol e, no mais, manter essas de português, inglês e espanhol. SE FOSSE CONTRATADO PARA DAR A PALAVRA FINAL NO PARANÁ: colocaria português e inglês. NO BRASIL: ainda colocaria em português e inglês, porque o Brasil inteiro ele tem assim uma taxa de turismo muito grande, então não teria mudança.

PEc- deveriam estar em português, inglês e espanhol. ORDEM: não necessariamente. Português primeiro, e se vai ser inglês ou espanhol, ou espanhol, inglês, não necessariamente. Pode ser português em primeiro, claro, que é a nossa língua, né, da nossa região, do nosso país, então, se vai estar depois em espanhol primeiro ou inglês, indiferente. SE TIVESSE SIDO CONTRATADA PARA FAZER O LAYOUT: então seria inglês e espanhol. NO BRASIL: mesma coisa.

PEc- elas já estão, né, português, inglês e espanhol, mas por essa grande etnia que nós temos aqui poderiam ter em japonês, italiano, alemão, eu acho que ficaria bem interessante, mas daí também eu acho que seria um gasto enorme pra prefeitura o tamanho das placas, porque nós temos uma grande etnia aqui, mas nessa ordem que está hoje está tranquilo: português, inglês e o espanhol. NO BRASIL: também. Para mim eu acho que a ordem não interfere na valorização da língua, eu não considero. Ah, está inglês então ela é melhor que o espanhol ou ela está português é melhor que o inglês. Eu acho que a ordem, digamos, ela está pela ordem cronológica do mundo: a nossa língua, o inglês sempre foi mais importante e daí a segunda que é o espanhol.

PEc- eu acho que o português, ah, eu acho que sim. ALGUMA OUTRA? Talvez lá na fronteira você precise de uma, do espanhol, do inglês, mas eu não sei, aqui eu não sei se a placa de trânsito, eu acho que não, eu acho que não haveria necessidade. AEROPORTOS: ah, aeroporto é outra história, né, aeroporto, eu estou pensando em trânsito, mas aeroporto, rodoviária você tem que ter: inglês, né, que é a língua que a maioria domina, em espanhol pela nossa proximidade aqui com os vizinhos, né, mas no aeroporto, sim, rodoviária, sim. E SERIA PORTUGUÊS: espanhol e inglês. NESSA ORDEM? Não, o inglês primeiro. NO BRASIL: eu acho que também, porque eu acho que mesmo, o inglês é meio que todo mundo busca ter essa noção, né, então geralmente o turista tem, né, a noção do inglês.

MEc- eu acho que deveria estar em português, mas eu noto que tem placas que estão em outras línguas, principalmente em inglês. Eu acho que algumas situações, que nem vamos dizer assim, placas de trânsito, indicação de local, por exemplo, Ópera de Arame, Parque Barigui, eu acho interessante manter no português, no inglês, poderia ter também, não precisaria ser só inglês, poderia também acrescentar uma outra língua. QUAL OUTRA LÍNGUA: eu também continuo achando que seria o espanhol. NO BRASIL: eu acho que talvez, eu não conheço assim o Brasil, o nordeste do Brasil, a gente tem uma noção e tal, mas eu acho que assim, as capitais principais, Porto Alegre, São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, etc, eu acho que já são assim, e eu acho que em outras partes do Brasil não é, mas eu acho que como é tudo agora muito adiantado, nós estamos numa fase da internet, globalização, então eu acho que deveria ser em todo o Brasil, principalmente nas capitais, né, e as cidades assim mais importantes.

DEc- eu acho que deveria ter português, inglês, espanhol, italiano, pelo menos umas quatro, né. (nessa ordem). NO BRASIL: mesma coisa.

MEc- pois é, pra mim em português, mas pra quem vem de fora deve ser muito difícil, né, porque se ele não sabe muito bem o português, ele fica completamente perdido, então eu acho que tinha que ter o português e uma língua universal, né, seria talvez o inglês, que tivesse as duas porque geralmente quem vai viajar, ela já vai com o inglês, com certeza, né, e aí ficaria mais fácil pra

ela se locomover, não precisaria tanto de uma ajuda de uma outra pessoa. SE FOSSE COLOCAR MAIS UMA LÍNGUA: o espanhol, porque nós estamos muito perto dos nossos vizinhos aí que precisam de língua espanhola. NO BRASIL: tem lugar que é mais o alemão, tem lugar que é o polonês, então daí, mas eu acho que o inglês, geralmente quem está viajando, quem está passeando, o inglês ele acaba sendo o básico, né,

11. Em que língua seus pais falavam com você quando você era criança?

DER- português e ucraniano. Muita coisa eu aprendi em ucraniano entre eles, os dois falando, daí eles começavam a falar, agora vamos em ucraniano pra vocês aprenderem e assim a gente foi, a leitura também a gente foi lendo junto, né, aprendendo em casa assim, hoje a gente canta na igreja, reza, a oração, a oração era só ucraniano, depois que eu vim pra escola que eu comecei a rezar em português e achava estranho, então até hoje assim você reza um pouco em português e um pouco em ucraniano, né, você não consegue separar mesmo, né, só o português, acho que não fica completo se você não rezar em ucraniano, sabe. SE A REZA NAS DUAS LÍNGUAS TEM O MESMO APELO: parece que você, você, como diz, se concentra mais, né, você parece que está mais, a tua fé está ali mais ligada na tua língua que você aprendeu, na oração que você aprendeu no começo, né. Acho que é cultura, né, já vem isso no sangue, né, vem na. MANUTENÇÃO DO UCRANIANO: tem se perdido, se perdeu, né, infelizmente está se perdendo, até assim a resistência da gente na igreja, eu vejo assim que, nós fizemos, tentamos colocar, esses tempos atrás, faz tempo que outras igrejas já ucranianas tem a missa em português, já aportuguesaram, lá, né, Irati, por exemplo, mas aqui o padre até trouxe os livros em português, muito tempo atrás, uns dez anos atrás, e a gente não, não quis mudar, porque eu achei interessante assim a gente manter, até assim é uma questão, até os jovens, né, falaram, ah, mas ficar aportuguesando, vamos rezar na nossa língua, né, e esses tempos o padre fez uma, uma missa em português aqui, mas aquela missa pra mim não foi aquela missa, sabe, não era aquilo, sabe que, assim a gente não conseguiu, parece que eu fui embora assim, sabe, eu saí assim como se eu não tivesse, uma coisa assim que estava faltando, né, que não foi na nossa língua, não foi na língua ucraniana. Então é uma coisa assim que vem, a gente desde pequeno, de repente você tirar, você se sente como sem braço, né, uma coisa assim que você está enraizado ali, eu disse pro padre assim: olha, infelizmente, ó, essa missa não foi a mesma, não adianta, vamos continuar no ucraniano. NA ESCOLA: a gente percebe, percebe bastante isso. Então eu sempre digo assim que o professor de pré, de primeiro ano, deveria ser o melhor linguista, né, pra ensinar eles assim a desde o começo a entender essa diversidade que vem, trazem mesmo, né, a cultura, a

convivência, né, na família, traz esses traços que daí é difícil, né, o professor de português tem que fazer um trabalho diferenciado com eles, né, porque ainda trazem. Temos uma menina no nono ano que ela traz muito assim, é muito forte essa presença que a gente consegue ver da língua, do polonês, assim, essa influência que ela não consegue ainda aprender o português assim, é muita dificuldade, eu acho que tem traços assim, todas as etnias trazem alguns traços de dificuldade, vem da, é herança cultural, dá pra perceber.

AEr- português, a avó sabe o polonês, ela tentou me ensinar, mas eu não consegui. A mãe sabe alguma coisa. (Tem vontade de aprender polonês). (Optaria pelos EUA à Polônia).

AEr- português

MEr- a mãe falava em ucraniano, às vezes, alguma coisa. Digamos que algumas palavrinhas mínimas a gente até entendia, assim, mas a minha irmã mais velha ela sabia mais do que eu, porque daí como ela era mais velha daí a mãe falava mais, né, em ucraniano, daí já comigo já não foi tanto assim. ENTRE OS PAIS: Não porque o pai é alemão, né, e a mãe era ucraniana, então daí o pai não entendia *niente*, que nem dizia aquele, não entendia nada em ucraniano. Então se quisesse vender ele podia vender e ele não sabia. E OS AVÓS: era o ucraniano, né, que eles eram estrangeiros, acho que já vinha o ucraniano da parte do dido e da baba, né. SOBRE AS LÍNGUAS NA IGREJA: AS CELEBRAÇÕES SÃO: meio a meio, né, então já não está sendo mais só o ucraniano porque muita gente não entende em ucraniano, então daí, né, agora eles já têm a parte que eles fazem em ucraniano e tem uma parte que é o brasileiro, já pro português, pro pessoal mais novo, digamos, que não entende em ucraniano para participar da missa. O VALOR DA ORAÇÃO NAS DUAS LÍNGUAS: Acho que é a mesma coisa, que nem a mãe dizia: Deus é um só independente da língua que você fala. Só que o ucraniano é muito mais bonito, sinceramente, quando, digamos assim, que quando a mãe ia rezar missa, que a gente acompanhava a missa, então a mãe cantava a missa toda em ucraniano, tinha as partes em portu, em brasileiro, em português, mas o ucraniano, que ela puxava os hinos ucranianos, nossa!!!, era muito lindo, desde o Pai Nosso e a Ave Maria em ucraniano não tem igual. Eu posso rezar o Pai Nosso e a Ave Maria ali é uma coisa, mas o ucraniano é bem diferente, é mais, digamos assim, que dá um tcham a mais. MANUTENÇÃO DO UCRANIANO: cada vez se perdendo mais. Relato do caso do padre novo, que é brasileiro e se criou em igreja polaca. Nem foi para os EUA para estudar para ser padre. Era polaco e não vai ser ucraniano verdadeiro. (Igreja de 100 anos).

MEr- português. A minha mãe falava em ucraniano, meu pai era alemão, né, mas o meu pai não falava em alemão. Meu falecido vô falava bem em alemão, tinha os amigos dele lá e tudo. Meu vô falava, contava história, mas a gente não levava muito a sério, era criança, bem que podia ter

se interessado e aprendido, né, falar um pouco, né. Não. A minha mãe era ucraniana e o meu pai era alemão, então. Não. Eu entendo assim, mas muito pouco. (participa na Igreja evangélica).
PEr- na verdade, basicamente o português mesmo, se bem que meu pai algumas coisas ele falava em italiano, sabe, mas pouca coisa, e minha mãe teoricamente era pra saber alguma coisa em holandês, mas ela não transmite assim. Mais no sentido de brincadeiras, de rezar e tal, não assim como diz fluente.
AEr- português, meus avós também. (Descendência de holandeses. Falavam holandês. A única que ouviu é alemão. Frequenta a igreja de alemães).
AEr- brasileiro. Meu vô só falava um pouco de ucraniano, mas não era todo o tempo, sabe, era só para me ensinar umas palavras. NA IGREJA: é em ucraniano e em português. No ucraniano a gente fica meio perdida.
PEr- a minha mãe sabia pouca coisa do italiano, muito pouca coisa. O meu pai, por ser polonês, muito pouca coisa, então eu aprendi só o português quando eu estava em casa, só o português mesmo. ENTRE OS PAIS: só o português, agora os pais dos meus pais daí já utilizavam a língua deles, materna deles. Um dos meus avós conversava em italiano comigo. Assim, a minha avó falava algumas palavras em polonês, mas não utilizava o tempo todo, mais era pra falar palavrão, eles utilizam muito pra falar palavrão, e é o que a gente mais aprendeu.
DEf- sempre português. (Descendência de italiano e alemão, mas nunca conversaram.)
PEf- português, português, português
MEf- português
MEf- a minha mãe não fala. A minha mãe conversava muito com a minha vó em alemão. SE A VÓ CONVERSAVA EM ALEMÃO COM A ENTREVISTADA: só pra xingar, quando fazia as coisas errada ela xingava em alemão. SE OS AVÓS FALAVAM EM ALEMÃO: só em alemão. Até os 18 anos eu morei lá onde eles moravam, até os 14, na verdade, porque depois o meu vô faleceu. Entre eles, eles só conversavam em alemão, comigo era em português.
AEf- ah, o português, português. SE A MÃE ARGENTINA FALAVA EM ESPANHOL: não porque eu não me interessava, ela falava assim algumas palavras em espanhol eu não me interessava muito porque eu achava pra mim que não ia precisar disso aí, não ia precisar, até mesmo metia a boca, batia boca não, retrucava os professores de espanhol falando que isso aí era só um porém, era uma matéria a mais que tinha que ter no Ensino Médio, né, e no Ensino Fundamental, só que hoje com a mente mais elevada, né, bem dizer, eu vejo que eu preciso, eu preciso porque eu tive que aprender na marra, não queria aprender antes e tive que aprender agora na marra.
AEf- português, todos português.

AEf- português. A vó fala em italiano. Sabe um pouco de italiano.
AEf- português
PEf- em português. Os avós falavam em italiano, mas com a gente era em português.
PEf- português, só português.
AEc- português, e por causa da minha avó, espanhol um pouco.
AEc- português. Português. Avós falavam polonês e italiano
AEc- português, português, com a avó acho que foi polonês.
AEc- português normal,
PEc- meus pais sempre falaram português. Os meus avós eles são alemães e eles nos ensinavam a contar até dez, era muito comum você ouvir expressões em alemão. Minha mãe é professora de inglês, né, ela fez <i>Fisk</i> também depois que eu fiz com ela até, então a gente sempre conversava, mas isso depois de grande assim. (memória de algumas palavras em alemão). PERGUNTO SE A RELAÇÃO DO DOUTORADO COM A LITERATURA EM ALEMÃO PODE TER ALGUMA INFLUÊNCIA DE FAMÍLIA: olha, eu sempre tive vontade de aprender por causa da família, mas, depois, assim, coincidiu mesmo das bibliografias serem em alemão, então teve mais uma necessidade, porque é uma língua difícil, eu a considero mais difícil que as demais, né, que eu tenho contato, e agora eu me vejo assim obrigada realmente a entender o alemão, mas claro, por dentro também feliz por, sei lá, resgatando alguma coisa.
PEc- meus pais: português, mas o meu avô, que eu sou polonês com italiano, ele falava polonês comigo, pena que ele faleceu quando eu ainda era muito jovem, eu lembro apenas de uma palavra. ENTRE OS AVÓS: polonês.
PEc- português, português. Meus avós comigo português, os meus avós paternos eu não conheci, mas eles eram espanhóis, falavam galego, eram da Galícia, que é um dialeto, né. O meu pai falava, mas não comigo. (considera importante ter aprendido pelo menos espanhol porque é da identidade cultural da gente). Uma coisa que é interessante, a minha avó materna ela falava toda erradinho, sabe, de português, então, assim, a gente sabia que estava errado, na época, assim, achava feio e tal, hoje eu lembrando, eu tenho saudade do jeitinho da pessoa falar. EXEMPLO: ah, ela falava sodade, ela trocava o L pelo R, sabe, e daí aquilo era dela, do meio dela, uma pessoa do interior, da roça, né, então isso aí a gente teve contato, né, não assimila, mas teve contato.
MEc- português, mas a minha família por parte da minha mãe, são descendentes europeus. Avó veio da Ucrânia.
DEc- italiano, não, algumas coisas, mais em português.
MEc- a minha mãe falava um pouco de italiano porque meu avô falava em italiano com ela.

12. Na sua opinião, qual é a língua mais parecida com a sua?
DEr- muitas coisas é, o espanhol, né, eu acho assim que ele, interessante, né, tem muitas palavras que são parecidas, né, eu acho assim a semelhança, né, por isso que os alunos fazem a opção no vestibular também de espanhol, né, por ser muito parecida com o português, mas muitas vezes eu falo pra eles: engana, cuidado, né. Porque não é tudo, né, então não sei a gramática como é que é, a gente não estudou o espanhol. SE A ESCOLA AJUDA NA ESCOLHA DA LÍNGUA NO VESTIBULAR: sempre a gente diz, né, veja aquela língua que vocês vão se sair melhor, né, que vocês dominam mais, que tenha mais facilidade, porque de repente vocês (inaudível), isso pode ajudar, se você conseguir entender o espanhol ou uma língua, vai ajudar, né, então eles, a maioria, acho que todos, 100%, fazem adesão ao espanhol, por essa semelhança, né, da língua.
AEr- o espanhol
AEr- espanhol
MEr- tem o português de Portugal, né, que dizem, eu vendo televisão eles falando nas novelas, eu acho que é mais próxima. OUTRA: Eu acho que ainda um que puxa assim, que eu acompanho mais, eu acho que é o espanhol, né, que se você prestar a atenção você ainda se acha nas palavras, o que eles estão falando ou mesmo uma leitura ou vídeo que daí você está assistindo ele assim, alguma coisa você pega mais.
MEr- é o espanhol, né, eu acho.
PEr- por a questão do entendimento, eu entendo o espanhol, por certas coisas, né, assim. Ou talvez pelo jeito que eu acabei, na verdade, eu acabei estudando, porque a minha formação sempre foi inglês, inglês, inglês até o Ensino Médio, não tinha essa possibilidade de inglês e espanhol, né, aí foi um questão mesmo de gosto mesmo de aprender alguns termos em espanhol, assim traduções.
AEr- espanhol
AEr- espanhol, eu acho.
PEr-
DEf- espanhol.
PEf- francês, francês, depois que eu comecei estudar eu notei uma semelhança bem grande. SE A SEMELHANÇA COM O PORTUGUÊS AJUDA A APRENDER FRANCÊS: totalmente. Até a questão da gramática, né, é bem parecida, então é uma coisa de assimilar até o inglês, o

espanhol, creio que saber pelo menos mais uma língua ajuda a entender as outras, é o que eu geralmente falo para os meus alunos, né.
MEf- talvez o português de Portugal. ALGUMA OUTRA? Ah, tem um outro país, mas não lembro. OUTRA, MENOS O PORTUGUÊS: eu acho que o espanhol, é mais parecido.
MEf- espanhol
AEf- ah, o espanhol, né
AEf- o espanhol, né, ah, surgiu uma dúvida do espanhol e do guarani, mas eu acho que é o espanhol, pelo modo de escrita, talvez, não sei te dizer especificamente, mas eu acho que é isso.
AEf- o espanhol, porque assim eu acho que é uma língua que tem muito origem do nosso português, porque origem lá do latim, né, e elas são muito parecidas, as duas, é a língua mais fácil de aprender, na minha opinião é o espanhol.
AEf- espanhol. ah, tem umas palavras parecidas, outras tem, se fala igual, mas tem sentido diferente, mas eu acho mais fácil o espanhol porque ele é mais parecido, tem o português de Portugal também. SE A PROXIMIDADE AJUDA: ajuda um pouco
PEf- o espanhol. ah, eu acredito porque algumas palavras se pareçam no você falar, no soar da palavra, se pareça bastante e acho, acredito que seja mais fácil de compreender. SE A PROXIMIDADE AJUDA: Confunde, mas acredito que ajude também, nós falamos muito o portunhol, né, aqui na fronteira, acredito que ajude sim.
PEf- a mais parecida? Português de Portugal. LÍNGUA ESTRANGEIRA: Inglês, eu acho. Não, não, o espanhol, é o espanhol, nossa, sem dúvida, o espanhol. A PROXIMIDADE AJUDA? Ajuda, ajuda, ajuda, né, tem essa semelhança, um dos motivos da construção da UNILA, por exemplo, foi a semelhança entre o português e o espanhol, tanto que você tem alunos, vamos dar um exemplo, da Colômbia que chegam só falando espanhol e aos poucos, às vezes, em questão de um mês eles estão bem familiarizados com a língua portuguesa, sem problema nenhum, ali eu digo na UNILA, então eles conseguem se adaptar de uma forma bem tranquila.
AEc- eu acho que o português, o português de Portugal. Ah, o espanhol, ah, eu acho que é bem próximo. SE AJUDA A APRENDER: eu acho que sim, eu acho que acaba confundindo em algumas coisas, mas eu acho que é bem mais fácil de você aprender. Eu vejo assim no geral as pessoas se dão melhor assim por causa de ser uma língua parecida.
AEc- espanhol. A PROXIMIDADE AJUDA: acho que sim, sim.
AEc- acho que espanhol ou latim. AJUDA: sim, facilita, né, que algumas palavras são parecidas e algumas outras não, né. Às vezes pode ajudar e pode piorar, né, também. Ajuda, eu acho, a memorizar umas palavras ajuda.

AEc- eu acho que seriam as línguas mais próximas do latim, então seria o espanhol, o italiano, seriam as línguas mais próximas do latim, então seriam as mais parecidas com a minha. AJUDA: ajuda, ajuda um pouco, interpretação, ajuda a ouvir de uma forma diferente, por exemplo, o pessoal fala porque tem palavras em espanhol que são, são escritas de uma forma e pronúncia é outra, então me ajuda a ter uma diferença de letra, de palavra, de entonação, de linguagem, ajuda bastante.
PEc- espanhol. AJUDA: não necessariamente, porque assim a gente tem muitos termos em espanhol que não tem o mesmo significado pra nós e isso o aluno, às vezes, pode achar, pensando como aluno, talvez do Ensino Fundamental, talvez o aluno pode ter esse pensamento, que é mais fácil assimilar, mas não é tão fácil, a língua espanhola ela é complexa como a nossa também é, nós temos os tempos verbais, eles também têm vários tempos verbais, né, então eu não vejo dessa forma, que é mais fácil.
PEc- a mais parecida é o espanhol, porque o português de Portugal se você for ver, meu Deus do céu, não dá pra entender quase nada, já a nossa, o espanhol é parecido, mas não tanto, então sempre nas minhas primeiras aulas eu trago assim umas quatro ou cinco frases bem diferentes que se o aluno não tiver conhecimento ele não tem como entender o que está sendo falado. AJUDA: ela ajuda em partes, o que não ajuda a aprender o espanhol infelizmente é a nossa língua, porque o nosso estudante, ele não sabe a própria língua, então a partir do momento que eu não sei a minha língua, eu vou ter dificuldade numa segunda (cita o exemplo de <i>muy</i> e <i>mucho</i>). Eles têm dificuldade no espanhol porque não sabem o português.
PEc- ah, eu acho o espanhol parecido, eu acho o espanhol mais parecido com a nossa, mesma raiz e tudo, eu acho bem parecido. Acho bem fácil até da gente aprender, né, porque está na mesma raiz, mais fácil até que o francês. O francês tem a mesma raiz, mas é mais complicadinho. Italiano também, né. Italiano eu tentei, mas falei: não, não quis. Eu acho muito bonito o italiano, sabe, acho lindo, mas aí pra aprender, eu falei: não, estou muito velha pra isso.
MEc- eu acho, é falado do latim, né, que o português vem do latim, mas eu acho que assim, duas, dois idiomas que eu acho que ainda dá pra, né, seria o espanhol e o italiano também dá pra. AJUDA: eu acho que facilita, ajuda bem.
DEc- mais parecida? na minha opinião, mais parecida? Eu acho, pra mim, italiano, pra mim é italiano, embora eu goste bastante do francês, sabe, eu gosto muito do francês (conta que estudou francês na escola básica).
MEc- seria o espanhol. AJUDA: eu acho que sim, porque eu acabo ouvindo e aí eu tenho interesse.

13. Se você necessitasse de um médico ou dentista e esse profissional não falasse português, mesmo assim você procuraria atendimento com ele? Em qual(is) língua(s) você preferiria que fosse a comunicação durante a consulta?
DEr- eu ia preferir, pra entender bem, né, a situação, podia ser espanhol, né, que eu acho que espanhol a gente ia entender mais, ia ser mais semelhante que você não ia correr risco de vida ali, né, depende alguns termos até de inglês, a gente, às vezes, da ciência, da Medicina, a gente não ia entender, né, talvez, né, e o espanhol a gente poderia se comunicar mais, acho que fluentemente, sei lá, ia entender melhor, né. (fala dos médicos cubanos). SEGUNDA OPÇÃO: o inglês, né, pra eu ter certeza, né. Se não dominasse o português, né. E O UCRANIANO: ah, sim, poderia ser, também (fala da diferença do ucraniano).
AEr- sim, espanhol. SITUAÇÃO: de espanhol.
AEr- acho que sim, né. Acho que espanhol, porque é bem parecido com o português, entenderia mais. SE NÃO TIVESSE A OPÇÃO DO ESPANHOL: daí eu nem consultava, não ia entender nada. COM AS OPÇÕES INGLÊS E UCRANIANO: acho que em nenhuma, pois não ia entender nada. SE ESTIVESSE COM MUITA DOR: daí eu entrava no inglês, eu acho que eu ia no inglês.
MER- pois olha, aqui a gente teve o médico cubano, né, então daí, e era muito bom e a gente entendia bem. Então eu acho que, é eu esqueci dos cubanos meio em tudo né. E eles estavam aqui, o médico atendeu três anos aqui no postinho, né, então olha que pra mim ele foi melhor do que muito médico brasileiro. O que tinha no início era mais enrolada a língua, mas a gente conseguia se entender com ele. OPÇÕES DE SALA: eu acho que eu entraria no espanhol. SEGUNDA OPÇÃO: pois olha, lembrando do jeito que a mãe falava em ucraniano, se ele falasse igual a mãe, eu estava vendida nos dois lados tanto no inglês quanto no ucraniano. É complicado.
MER- sim, espanhol, que nem tinha os cubanos aqui, eles falavam, entendia, eles falavam meio arrastado, mas. SITUAÇÃO DAS OPÇÕES: entraria no espanhol. UCRANIANO OU INGLÊS: ah, eu ia, nem que fosse por aceno lá, eu ia, talvez até no ucraniano, né, que alguma palavra você entende.
PEr- sim, tentaria me comunicar um pouco em inglês, alguma coisa assim, né. Talvez se ele conversasse um pouco em espanhol pra mim seria um pouco melhor no sentido de falar espanhol, agora depende do lugar tem que ser em inglês, então seria ou tentar falar ou escrever. SITUAÇÃO: o espanhol, se bem que, às vezes, o espanhol é traiçoeiro, certas palavras não são aquilo que a gente pensa. Às vezes, o pessoal tem aquelas brincadeiras que eles dizem, né, que

pra nós, por exemplo no português seria uma, um palavrão, uma palavra marota, pra eles é, é que eu não sei agora a pronúncia, acho que é pra ônibus, né, que eles brincam, né, que parece palavrão pra gente e vice-versa. Se bem que como a gente é latino, a gente usa expressões, né, bem próprias aqui que para uma pessoa estrangeira, principalmente a questão dos europeus, acho que eles devem achar estranho.
AEr- sei lá, ah, procuraria, pois. Em espanhol, porque daí eu ia entender mais, porque é parecido com o português.
AEr- sim se ele fosse bom, sim. Espanhol, porque é o que eu mais entendo, o mais aproximado do português.
PEr- eu procuraria, se não tivesse a opção, sim, com certeza. QUAL LÍNGUA: espanhol, mais fácil de você compreender, né. SEGUNDA OPÇÃO: italiano; TERCEIRA: aí eu iria pro inglês.
DEf- espanhol. Se estivesse falando espanhol, normal, tranquilo, se tivesse falando inglês não teria como, como é que eu vou me comunicar uma vez que eu não tenho nem ideia de inglês. Eu não tenho nem ideia, eu lembro a última vez que eu tive inglês foi no Ensino Médio ainda, quando eu estudava.
PEf- com um pouco de receio. Dependendo da situação, se for uma emergência, aí eu procuraria e tentaríamos com gesto. COLOCO A SITUAÇÃO: PRIMEIRA OPÇÃO: inglês, SEGUNDA OPÇÃO francês. Prefere espanhol ao guarani.
MEf- depende da necessidade. Se desse pra esperar eu esperava, eu esperava. AS OPÇÕES: Espanhol, SE FOSSE OUTRA (INGLÊS OU GUARANI): eu acho que eu voltava outro dia, esperava um pouquinho e voltava no outro dia, né, ah não.
MEf- espanhol. SITUAÇÃO: eu iria no espanhol que eu entenderia. SEGUNDA OPÇÃO: no inglês, eu entraria por gestos no inglês. Alemão e libanês não entenderia.
AEf- dependendo da língua dele, né. SITUAÇÃO: procuraria na de espanhol, né, mais parecido com o português. SEGUNDA OPÇÃO: tentaria atendimento com o inglês e por último caso com o guarani. (Dá exemplos do guarani e do libanês).
AEf- tentaria, né. A língua mais fácil de eu entender. Eu continuo batendo que eu acho que é o espanhol. SEGUNDA OPÇÃO: guarani.
AEf- bom, aí ia depender muito da língua que ele falasse, mas eu preferiria o espanhol se ele não soubesse português. SEGUNDA OPÇÃO: na que fala inglês. E GUARANI POR ÚLTIMO: é porque eu entendo bem poucas coisas do guarani. OUTRA LÍNGUA: O italiano, porque é uma língua que eu entendo com muita facilidade, é como uma terceira língua pra mim.

AEf- sim, se eu precisasse, sim. Espanhol. SEGUNDA OPÇÃO: no guarani, não guarani, espera aí, eu estou lembrando da minha tia que fala, daí é bem complicado o guarani. Eu acho que iria no inglês, né, que eu entendo algumas palavras.
PEf- só tenho essa opção? Se eu só tivesse esse dentista e eu precisasse muito, procuraria sim, mas se eu tivesse outra opção de outro profissional eu ia no outro. PREFERÊNCIA: no espanhol, acredito que seja mais fácil de compreender. SEGUNDA OPÇÃO: eu iria no inglês. ÚLTIMA OPÇÃO: Guarani eu acho que é o mais difícil. Conta um caso de um acidente com um aluno que foi atendido pelo médico cubano. Entra na dúvida e sai pior.
PEf- se precisasse procuraria, com certeza. Aí no meu caso particular seria o inglês. SITUAÇÃO DAS SALAS: eu entraria, se você tem as duas? E não tem internet? (fica em dúvida) Acho que seria o inglês, com opção de escolha? Inglês, é acho que eu tentaria.
AEc- acho que espanhol, sim. Acho que seria mais fácil. SITUAÇÃO: o espanhol seria mais fácil de falar.
AEc- em espanhol, sim, porque tanto, agora pensando tanto em inglês e espanhol o problema é que eles falam muito rápido, por isso que o entendimento é lerdo, seria assim, né, só que o espanhol por ser mais próximo ao português fica um pouco mais fácil, eu acho. SITUAÇÃO: espanhol
AEc- eu acho que seria espanhol, porque é mais parecida, né, eu acho que na fala eu conseguiria falar melhor, por causa que inglês eu não sou muito bom. SEGUNDA OPÇÃO: inglês, porque eu conseguiria entender mais.
AEc- sendo o melhor na área, ou mais requisitado, ou o que o pessoal mais recomenda e o meu grau de necessidade, sim, eu daria um jeitinho de, QUAL LÍNGUA: eu tentaria no inglês. SITUAÇÃO: eu entraria no inglês, pra mim é mais fácil.
PEc- espanhol, então. Sim, ahã. OUTRA OPÇÃO: inglês.
PEc- o espanhol, já fui até atendida por um e, assim, foi gratificante ficar falando com ele em espanhol. SITUAÇÃO ENTRE INGLÊS E ALEMÃO: nenhuma das duas, esperaria o espanhol voltar, porque não ia dar certo.
PEc- ah, se eu precisasse, sim, né, eu acho que o espanhol, porque eu acho que, uma que é mais fácil assim a similaridade da língua é mais fácil, eu acho que seria mais fácil de eu entender. SITUAÇÃO (entre inglês e francês): ah, eu acho que eu ficaria no francês. SITUAÇÃO (entre inglês e alemão): ah, o inglês.
MEc- acho que sim, se eu soubesse, por exemplo, eu vou consultar com um médico que, vamos dizer, um lugar de confiança assim, um hospital ou uma clínica, né, sim, QUAL LÍNGUA:

espanhol. SITUAÇÃO: espanhol. Em segundo lugar seria o inglês e, claro, a última opção seria que fala o francês.
DEc- ah, procuraria, sem problema, porque não precisa falar muito, eu precisava que ele me passasse um diagnóstico em português evidentemente, mas a questão, ele não precisaria falar muito. SITUAÇÃO: eu ia procurar o francês. SEGUNDA OPÇÃO: aí o espanhol. Depois o italiano e depois o inglês, inglês eu acho que é o que menos eu domino.
MEc- é, eu acho que sim porque mesmo que ele não fale a mesma língua que eu, mas ele está preparado, ele foi formado pra exercer a profissão e a profissão naquele caso é em relação à saúde, mas só que tem que ter uma comunicação, eu iria arrumar uma forma de me comunicar com ele pra gente se entender, porque a comunicação é tudo, se eu falar que eu estou com dor de barriga e ele entender que eu estou com dor de cabeça, ele vai me dar um remédio errado, então eu iria fazer de tudo pra tentar me comunicar com ele. SITUAÇÃO: eu iria no espanhol. OUTRA OPÇÃO: no italiano. Porque meu vocabulário de infância é mais fácil eu me comunicar com ele.
14. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?
DEr- acho que pra todo mundo entender, chegar semelhante é o espanhol, né, pra tirar proveito, né, pra todo mundo aproveitar, não adianta eu trazer um palestrante que ninguém entenda nada, né. É, entenderia melhor e seria mais proveitoso, né.
AEr- eu acho que é, como ele vai nas escolas, deveria ser o inglês.
AEr- para o Paraná só? o espanhol, né, porque é bem parecidão com o português. E SE FOSSE PARA O BRASIL? Se fosse para o Brasil inteiro acho que o inglês daí, né. E SE FOSSE SÓ EM GONÇALVES JUNIOR: daí o espanhol, porque aqui a maioria só sabe espanhol, um pouco.
MER- pois olha, para poder entender esse povo de fora é bem complicado. Digamos assim, agora que lembrei do doutor de Cuba, eu acho que o português dele já estava bem próximo do nosso. Então era pouca coisa que, às vezes, ele falava que a gente acabava não entendendo, né, só que, na verdade, assim, ele falando mesmo a língua dele eu nunca vi, eu também eu fico vendida agora, porque como eu vou saber qual jeito que eles vão falar, né. Eu vou no Espanhol pra frente, que daí eu acho que no espanhol é mais fácil de entender.

MER- espanhol, é, porque tem palavras que é meio parecido, né, com o português, né, e acho que daí o pessoal entenderia, né, isso né os mais atuais, jovens, agora se fosse para o pessoal mais antigo, né, qualquer língua, fosse o ucraniano, polonês, de repente eles iam entender, agora a gente que não sabe.
PER- aí eu acho que por uma questão dos alunos em geral e pensando que possivelmente talvez o interesse maior, tanto no sentido de transmitir como de receber informação seria então no Ensino Médio a questão do espanhol, por vir sendo trabalhado e pra até pra gente mesmo o espanhol, você consegue como diz, visualizar na cabeça, o inglês talvez o pessoal já se perdesse no começo, porque eu já tive umas experiências durante a minha graduação que, em São Paulo, em São Carlos, e de escutar palestra em inglês, só a questão visual, a questão demonstrativa até que vai, mas a fala em si se torna cansativa e você se desfoca por uma questão mesmo de eu não ter a fluência de conversa. CONTINUA FALANDO SOBRE VESTIBULAR E ... E VÊ COM PROBLEMA A EXCLUSÃO DO ESPANHOL, POIS SE ESSA MODA PEGA, QUÍMICA TAMBÉM PODE SAIR DA GRADE.
AER- pra mim eu preferiria espanhol, sei lá, cada um tem o seu gosto
AER- espanhol, por ser parecido com o português, porque ele é tipo mais aproximado com as palavras do português. O inglês ele já muda totalmente, né.
PER- acho que o inglês, o inglês, porque é uma das línguas mais utilizadas nos dias de hoje, mais é por esse motivo mesmo. Eu acho assim que as pessoas muitos procuram até pra compreender, se eu não me engano, hoje em dia, até tem, eu lembro que eu fui numa exposição que teve uma vez no MASP lá em São Paulo que era, tinha, era tudo em inglês mas você chegava com um aparelhinho, você colocava na frente e ele traduzia, eu acho que por ser mais utilizado, então, as pessoas procurariam mais. SOBRE A COMPREENSÃO EM INGLÊS: não seria. Pensando por esse motivo eu acho que em espanhol as pessoas compreenderiam bem mais. Que fosse em espanhol, porque a compreensão seria bem maior, bem maior.
DEf- espanhol, espanhol, pra todas as escolas. SEGUNDA OPÇÃO: inglês. OU NÃO? Tem a opção de não fazer? Se tem a opção de não fazer é não fazer.
PEf- temos tradutores, não, pra isso. NÃO TEMOS ESSA OPÇÃO: Inglês, inglês justamente porque aqui em Foz até que o nível de espanhol pode até ser um pouco mais assim falado, procurado, mas nível de Paraná, creio que o inglês, porque nem todos, né, tem fluência, o pessoal da Argentina, do Paraguai.
MEf- espanhol então, mas ainda é bem complicado o espanhol, ainda mais se é um espanhol lá da Argentina, que o espanhol daqui é tudo diferente, eles falam mais cantado, mais corrido, você fica assim, alguma coisa você pega, outra coisa não, é complicado, eu já tive uma palestra já em

espanhol, lá no Porto Meira, essas escolas intercultural, eu achei que, eu vou lá, vou entender alguma coisa. Meu Deus do Céu!!! ... espera, volta, eu não entendia, achava muito rápido, se fosse falar assim: não, tal e tal. Teve uma hora que eu falei assim: fala pra ela falar mais devagar senão, eu saí meio. Então a gente fala que o espanhol é mais fácil, mas na verdade ele não é mais fácil, se a pessoa já fala rápido, não adianta, você acha que sabe, mas você não sabe, na verdade você fica perdido igual.

MEf- nossa, é complicado. Aqui que só entenderiam o espanhol, mas mesmo assim pra uma palestra é complicado, né, pros alunos entenderem. Eu acho que espanhol. SEGUNDO LUGAR: ah, não tem, iria fazer o que com outra língua? São pouquíssimas as pessoas que conseguem falar.

AEf- espanhol, por ser mais parecido com o português. Eu acharia bom se tivesse um tradutor ali, né, porque muitas pessoas ali, principalmente as pessoas mais de idade, né, pessoas idosas, que não tenham estudo seria um pouco mais difícil de compreender o espanhol né, eu acharia bom ter um tradutor ali por perto, mas se acaso não tivesse, aí tentasse o argentino ali, a pessoa que está falando espanhol que tentasse falar um pouco em português, mas se não conseguisse ali, que falasse o espanhol mesmo.

AEf- acho que ele deveria fazer na língua dele mesmo e levar uma tradutora. No Paraná isso? Espanhol. Língua mais apropriada, digamos assim, por ser mais parecida com o português pra entender, você pode não entender uma palavra, mas quando fala na frase você compreende.

AEf- bom, aí eu falo que é dependente de cada um que estava na sala, mas em minha opinião, pra mim, o espanhol. Porque assim é uma língua que eu aprendi já desde pequena, e é uma língua que me interessa muito e é, eu acho que é mais fácil a comunicação entre as pessoas que falam espanhol.

AEf- ele sabe falar qualquer outra língua? SIM, MENOS PORTUGUÊS. O espanhol. Fica mais fácil da pessoa compreender um pouco, né, o que ele fala. SEGUNDA LÍNGUA: inglês ia ser complicado, português de Portugal ele fala? FALA. Então esse daí.

PEf- por ser no Brasil deveria ser português. Deveria ter um tradutor. Ele falaria inglês, mas acredito por ser o mais utilizado.

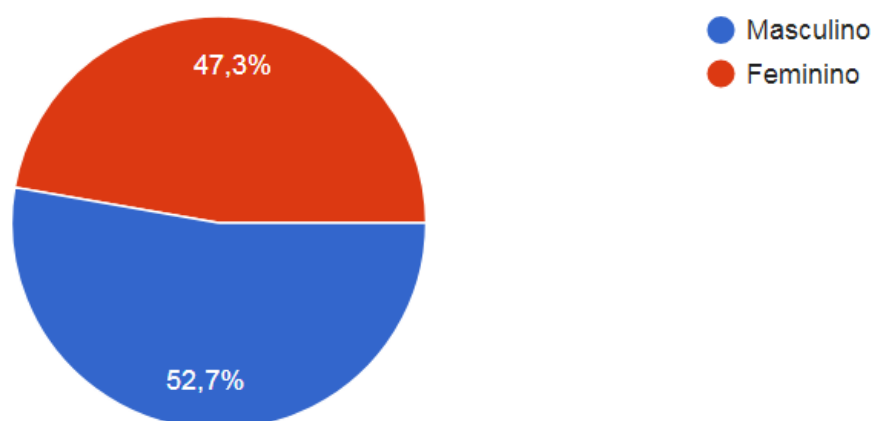
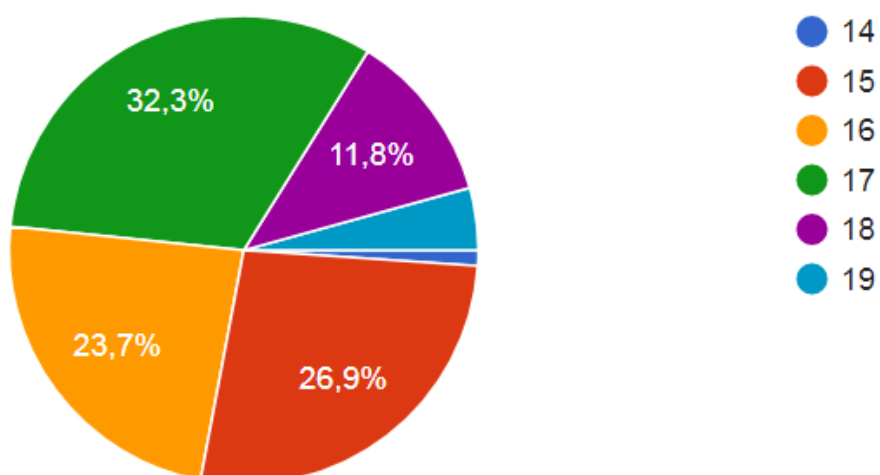
PEf- no Paraná? Ah, tem que ser espanhol, né, é. Vamos supor, depende da pessoa, a pessoa tem facilidade com o inglês, mas como a região aqui, é uma região como que a gente estava falando, de fronteira, então o espanhol aqui ele predomina bem mais, ele acaba predominando, não tem jeito, então às vezes não tem que olhar, vamos supor, o cara lá fala inglês, mas é só ele, mas a maior parte tem a fala do espanhol, então teria que ser o espanhol, né, creio que seria por esse lado, pelo todo, o contexto de modo geral. SE FOSSE NO BRASIL, NAS CAPITAIS: com

certeza o palestrante ia falar em inglês. EXPLICO QUE NÃO SE TRATA DA NATURALIDADE DO INGLÊS: no Brasil todo? seria o inglês, não teria como. Acho que voltaria naquele aspecto da questão da maior quantidade de pessoas terem acesso à língua. Acho que não tem outra. Olha, aí quando você chegar no Paraná você fala em espanhol.
AEc- acho que inglês, porque é a língua universal, muita gente sabe, eu acho que seria melhor. SE A COMPREENSÃO SERIA MELHOR AQUI NA ESCOLA: é aí eu já acho que não. Tipo pensando assim mais no geral, assim, acho que seria o inglês, mas acho que se for pensar mais específico, aí seria o espanhol. Tipo no colégio eu acho que assim pra Ensino Médio eu acho que a maioria seria pro espanhol, seria mais fácil
AEc- acho que inglês, porque querendo ou não o inglês é uma língua mundial, né, então eu acho que é por isso, porque se você, pelo que eu vejo, que eu conheço do exterior que são apenas por filmes, séries e livros, é, sempre falam inglês, se tem um italiano que quer conversar com sei lá, uma pessoa que fala espanhol, espanhol nem tanto, mas sei lá, árabe por exemplo, eles vão conversar em inglês, acho que por isso.
AEc- bom, se ele for falar aqui eu seria melhor na língua de origem, do local. NÃO HÁ ESSA POSSIBILIDADE: então seria melhor inglês, por causa que eu acho que é uma língua que todo mundo aprendeu, né, quer dizer, quase todo mundo, mas enfim.
AEc- eu chutaria que ele iria falar em inglês. EXPLICO A PERGUNTA: seria o inglês, o inglês por ser uma língua pelo que eu acho pra ouvir ela é mais simples, mais fácil de você ouvir e entender. O espanhol pra mim é mais fácil ler e entender, então o inglês, falar a língua inglesa é mais tranquilo, então se ele ir na escola, apresentar em inglês para as pessoas, as pessoas acabam entendendo, pode não ser todo mundo, mas uma parte entende. (Se fosse falado seria em inglês, se fosse escrito, seria em espanhol)
PEc- pode ser o inglês, pensando num maior número de pessoas, não sei. PERGUNTO SE ASSIM A COMPREENSÃO SERIA MELHOR: não, o espanhol, o espanhol. A compreensão seria melhor em espanhol. SE FOSSE A CONTRATANTE: o espanhol, porque eu acho que as pessoas talvez compreenderiam melhor, embora assim eu já tive um professor que era peruano e não é tão fácil também você entender, né, porque eles falam mais rápido, então até você entender alguns termos técnicos, que é diferente do nosso, leva um tempo, mas seria muito mais fácil pra eu entender o espanhol do que o inglês mesmo assim, que são línguas mais próximas, né.
PEc- pela proximidade da nossa língua, o espanhol, e depois o inglês.

PEc- eu acho que o espanhol, eu acho que é mais fácil do público geral entender, né, pela proximidade da língua, depois o inglês, talvez se for só pra técnicos e tal, talvez o inglês fosse a mais adequada.
MEc- aí não sei. Eu acho que dependendo, né, do palestrante, acho que ele, no caso, talvez falasse inglês, mas eu, na minha opinião, pra mim, é pessoal, lógico que eu preferia que ele falasse em espanhol. Mas eu acho que nesse caso talvez ele falasse em inglês. POR QUE PREFERE QUE FOSSE EM ESPANHOL? eu acho que seria melhor justamente por causa da facilidade que eu tenho com a língua, que eu tenho mais facilidade pra entender assim.
DEc- espanhol, porque daí iam entender mais, eu acho que eu entenderia mais, sabe.
MEc- eu acho que no inglês, porque eu acho que inglês todo mundo alguma noção a pessoa tem, o brasileiro é, alguma noção por mínima que é dada na escola ele tem, alguma coisa ele consegue captar. Já o alemão é muito difícil, eu acho, não sei aqui Paraná, mas fora do Paraná eu acho que qualquer palavra que for falada em alemão eu acho que a pessoa não consegue identificar, é mais difícil, então ou é espanhol ou é inglês, eu já vou sempre pro inglês.
Observação: Caso queira fazer comentários sobre alguma pergunta ou algo que eu não tenha perguntado, fique à vontade.
DEr- eu achei muito interessante, eu acho que todas as questões são bem instigantes, né, bem elaboradas e deu uma visão assim que às vezes a gente não para pra pensar...
AEr- eu acho que não, só assim, eu achei bem interessante e gostei muito de participar da entrevista.
AEr- para que vai servir essa entrevista?
MER- pergunta se respondeu certo e o melhor país para a filha viajar
MER- achei assim interessante essas questões de idioma, né, de língua, né, a gente não para pra pensar, pra, da diversidade que tem, e é importante, né. Acho que é isso.
PER- sugeriria o inglês para o vestibular. No espanhol certos termos podem enganar. REFORMA NO EM: opção de escolha entre espanhol e inglês. (Preocupado porque como o espanhol saiu, Química também pode sair. Fala sobre tradução de Química em inglês).
AEr-
AEr- pergunta se eu vou ser professor.
PER- Qual é a tua formação? Fala do uso e da conservação do ucraniano. Relata casos de alunos que chegam à escola sem falar ucraniano.
DEf- acho que não, não tem comentário, não.

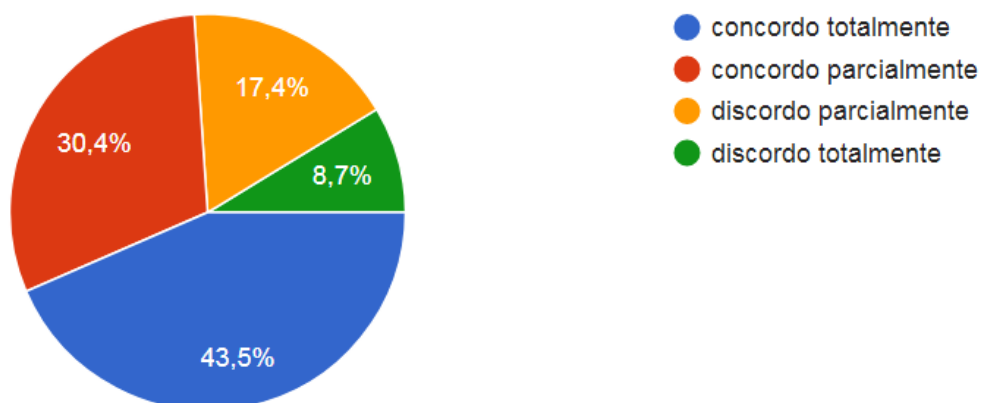
PEf- não. Me interessa muito, na verdade, na área de pesquisa, eu acho interessante, eu achei legal a pesquisa, mas é, eu queria saber qual é o tema, o que que seria abordado. Pareceu que eu puxei sardinha para o inglês, mas não sei, não consigo pensar de outro jeito.
MEf- tudo certo, a gente já fez uma vez com um professor nosso aqui, mas a dele foi mais pesada. Esse tema é mais interessante, mas leve. O tema dele era mais pesado.
MEf- no município, e aqui escola também, pra gente, como é fronteira, a gente tem muito problema com os que vêm do Paraguai e da Argentina. Eu já recebi vários alunos, principalmente no município, que eu sou professora do município também desses alunos e eles tem uma dificuldade bem grande e tem professor que não entende isso. (15,30') RELATA UM CASO DE INCOMPREENSÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA. FALTA UMA ATENÇÃO (política) MAIOR PARA COM OS ALUNOS QUE VEM DE FORA.
AEf- não, a princípio seria só isso aí, não tenho muito o que perguntar.
AEf- eu acho que é só isso mesmo, porque as línguas, principalmente aqui em Foz do Iguaçu, devido à fronteira e ser um lugar de muito turismo, eu acho que seria importante a gente priorizar essas duas línguas mesmo, o espanhol e o inglês, e o guarani, né, que agora, o espanhol, o inglês e o guarani, três línguas, porque é importante que às vezes a gente está passando na rua e vem outra pessoa conversar com a gente e a gente não entende, seria interessante.
AEf- qual língua você preferiria?
AEf- por que você está fazendo essa pesquisa?
PEf-. Não, não tenho nenhuma pergunta.
PEf- o ruim é que fica nessa dicotomia do inglês e do espanhol.
AEc- não sei, eu gostei, achei legal, diferente. Ah, achei legal porque essas coisas não acontecem normalmente sabe de virem perguntar pra estudantes, geralmente quando vem alguém perguntar é porque está oferecendo alguma coisa, ah, tipo, estou oferecendo um curso, é sempre assim, nunca quer saber a opinião do aluno, eu acho isso legal.
AEc- não tenho.
AEc- só isso.
AEc- perguntou se estou fazendo especialização em linguística.
PEc- só isso mesmo.
PEc- pediu para que eu explicasse a “língua desvalorizada”.
PEc- o que você está tentando com a tua tese?
MEc- a entrevista é pra te ajudar na tua pesquisa de?
DEc- perguntou se vou dar algum retorno pra escola e se vai influenciar

Mec- acho que deveria ser mais cobrado, fica uma matéria meio solta nas escolas, é muito superficial.

ANEXO M – Resultados dos questionários**Respostas de CURITIBA – ALUNOS****Total: 94 participantes****SEXO**
(91 respostas)**IDADE**
(93 respostas)

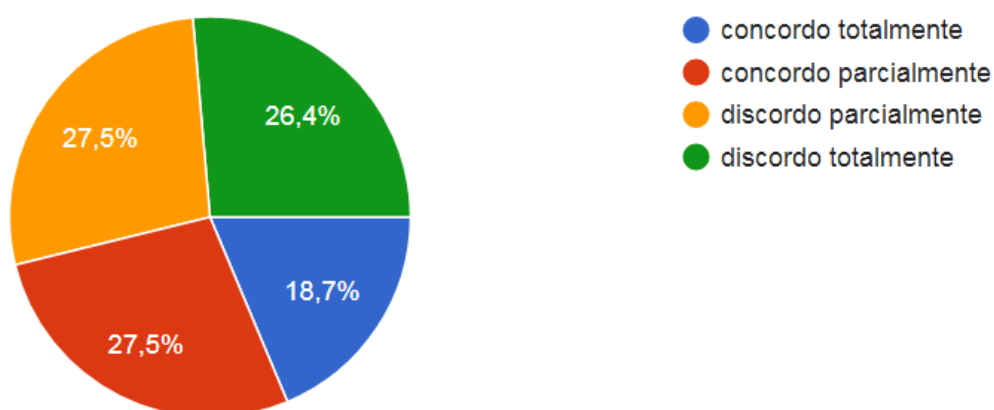
1. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Curitiba por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(92 respostas)



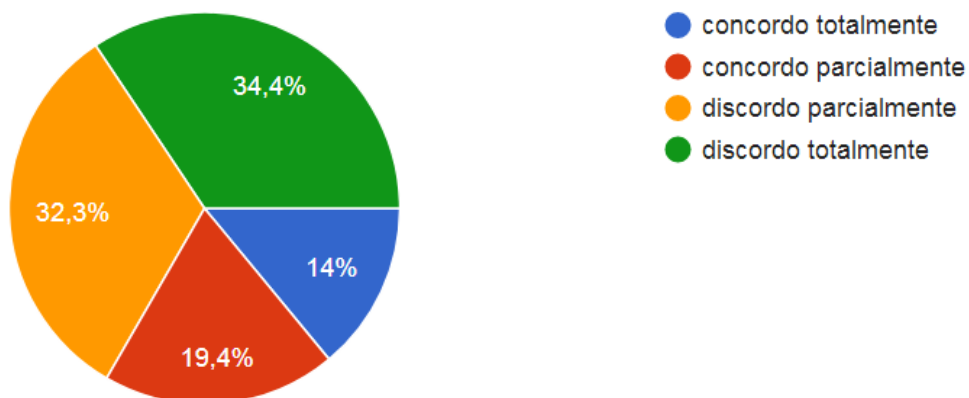
2. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Curitiba por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(91 respostas)



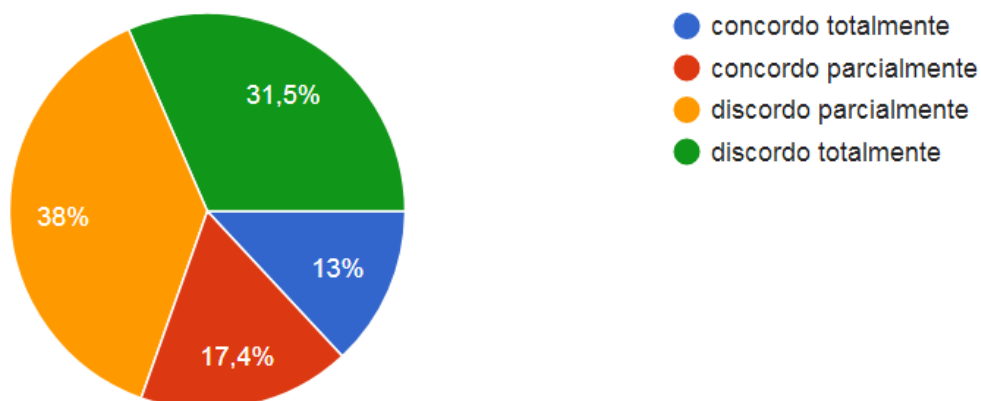
3. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Curitiba por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(93 respostas)



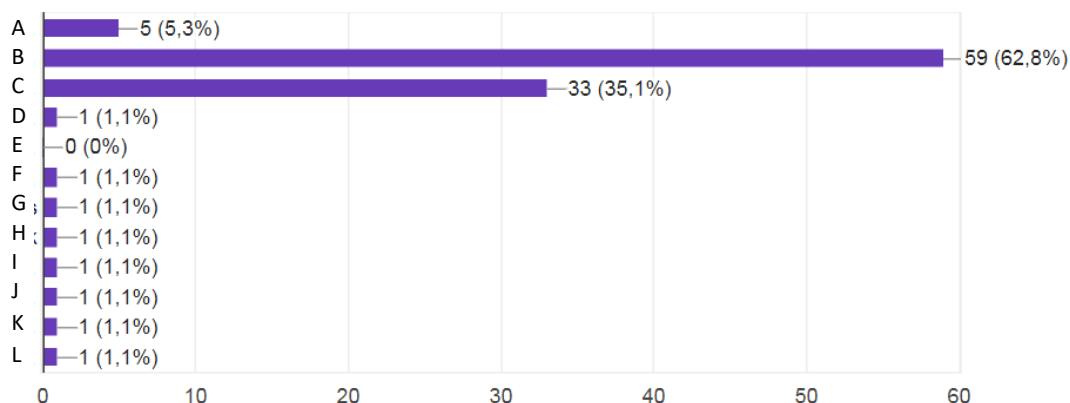
4. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Curitiba pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Curitiba por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(92 respostas)



5. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(94 respostas)



A – Não tenho conta ativa no Facebook

B – Tento usar assim mesmo

C – Procuro um lugar para alterar o idioma

D – Peço ajuda a alguém

E – Desligo o computador

F – AJO COM NORMALIDADE, POIS SOU FLUENTE

G – eu sei inglês

H – uso o facebook

I – Eu falo inglês fluente

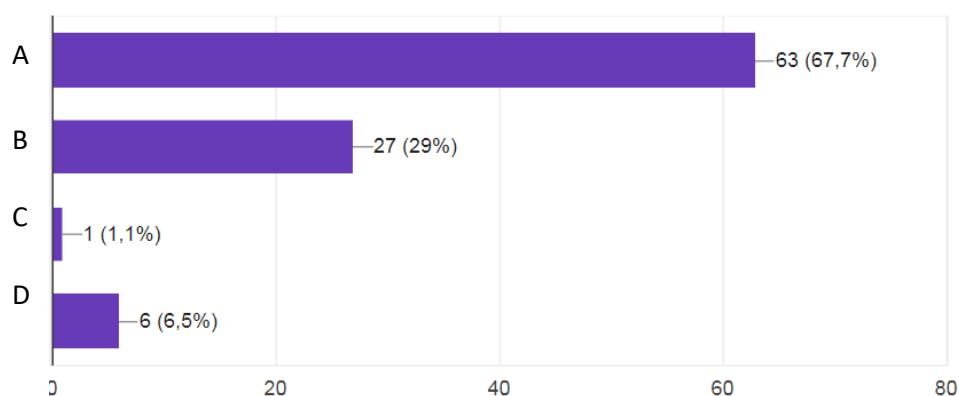
J – Meu face já é em inglês

K – meu facebook é em inglês

L – eu entro no league of legends

7. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(93 respostas)



A – tento assistir assim mesmo e compreender a narração

B – procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português

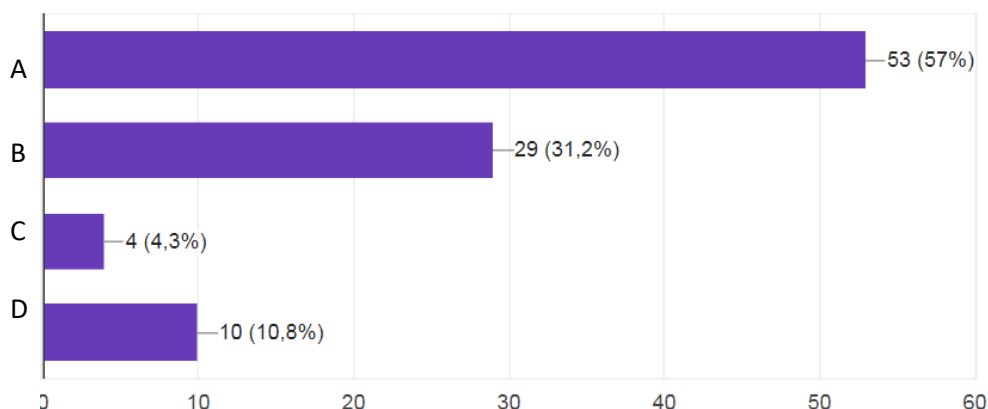
C – deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens

D – desligo a televisão

8. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(93 respostas)

A – tento assistir assim mesmo e compreender a narração



B – procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português

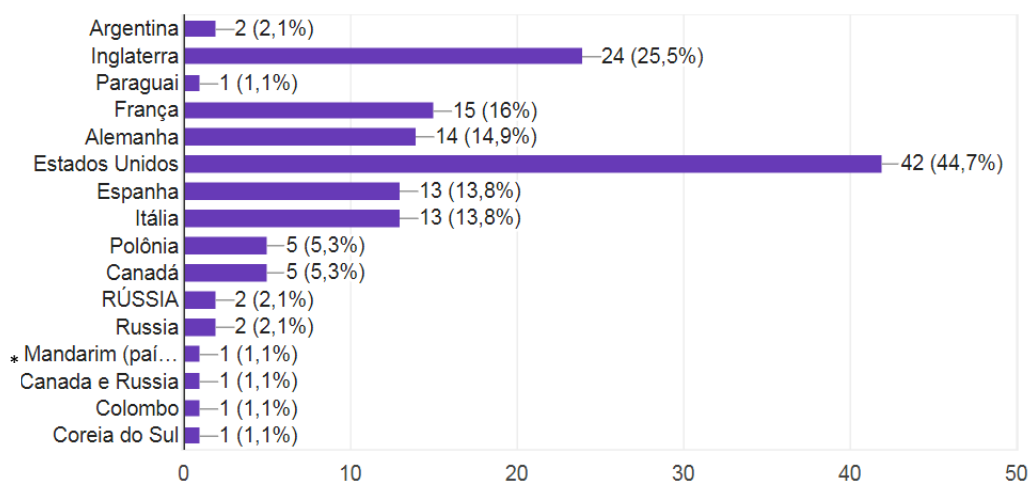
C – deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens

D – desligo a televisão

9. Se a tua escola te oferecesse uma bolsa de estudos para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

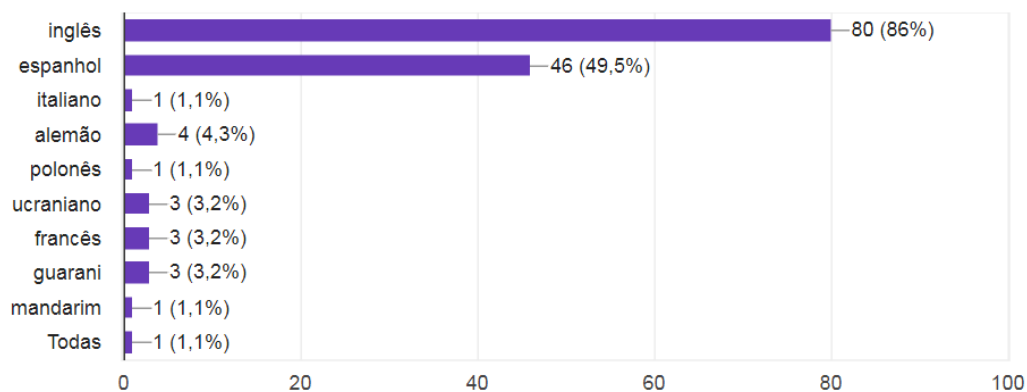
(94 respostas)

*Mandarim (país dos cagalhoes)



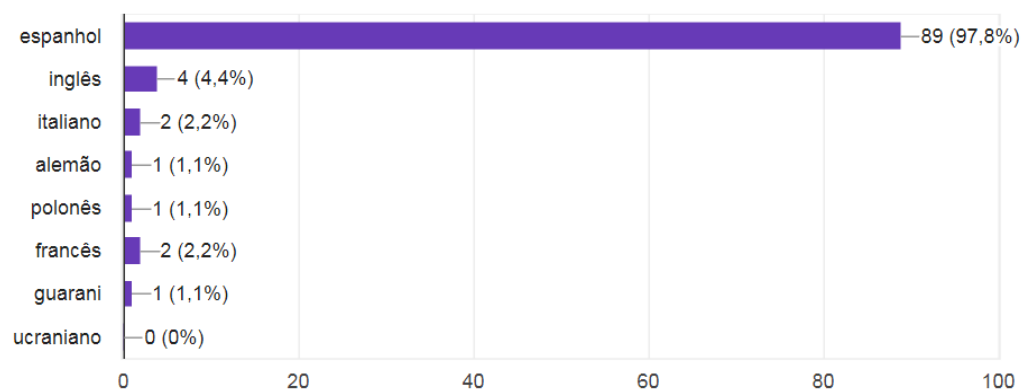
10. Na sua opinião, aqui em Curitiba, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

(93 respostas)

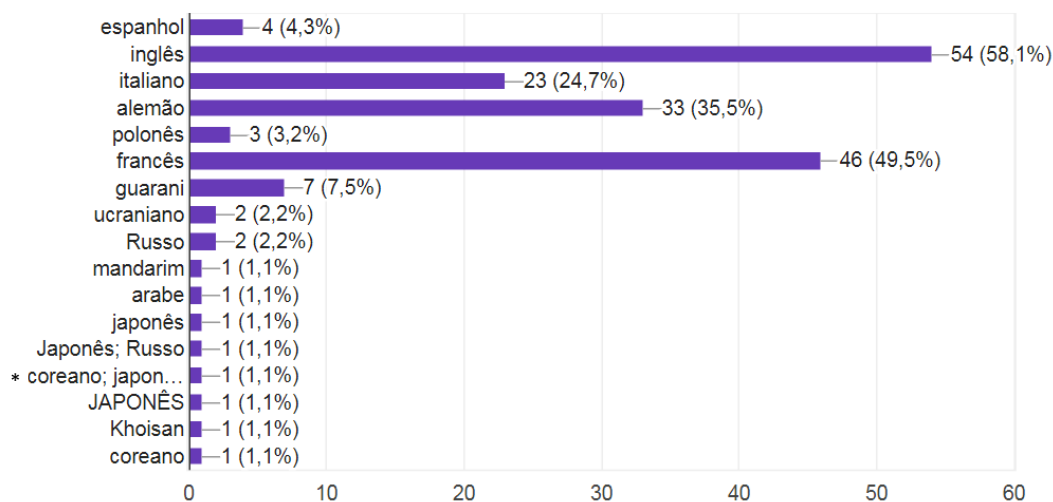


11. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você estuda atualmente na sua escola?

(91 respostas)

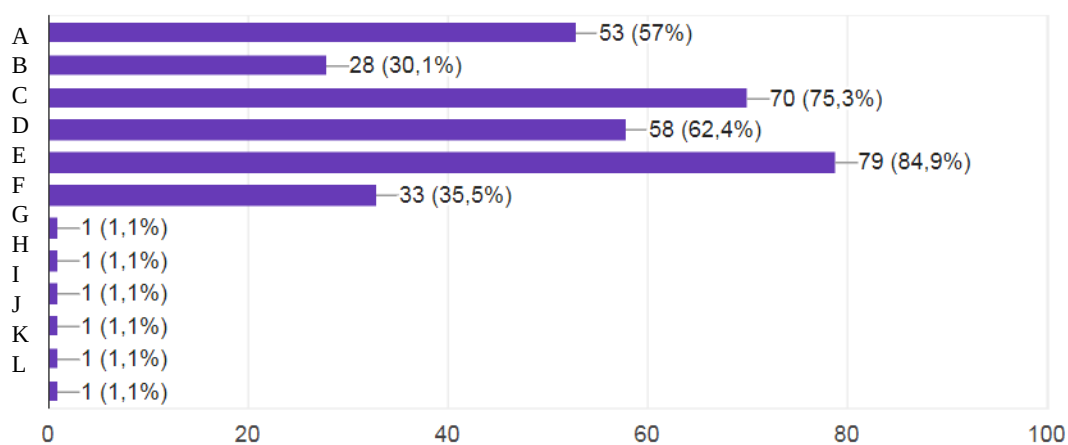


12. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de estudar que não tem aqui na escola? (91 respostas)



*coreano; japonês; mandarim

13. Onde você vê a língua inglesa escrita ou falada? (93 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

H – ANUNCIOS DE CAIXAS

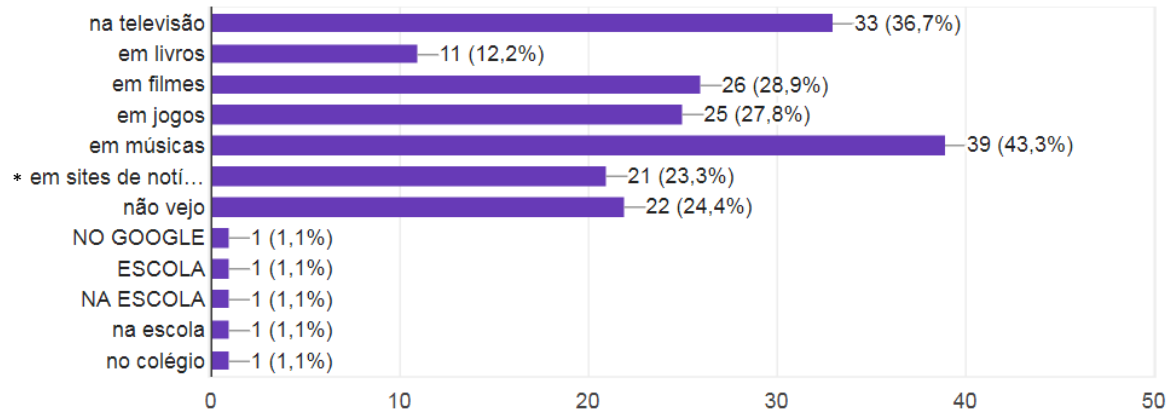
I – Conversas on-line

J – vários meios de comunicação

K – EM SÉRIES

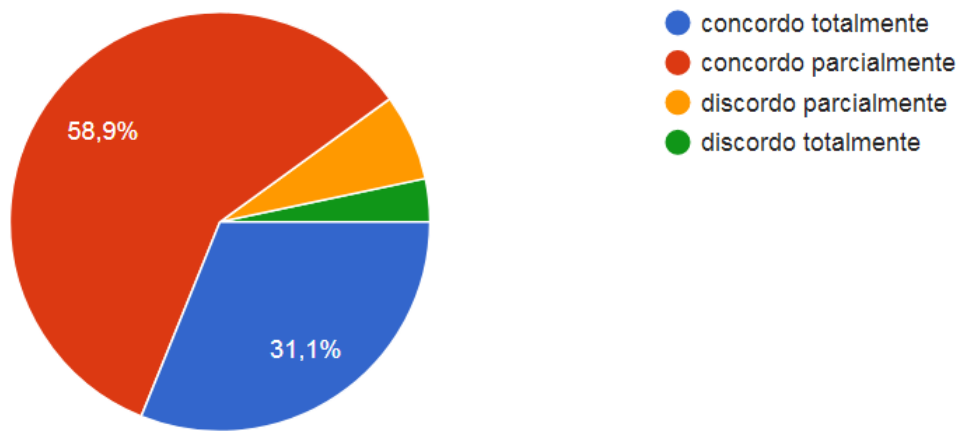
L – músicas

14. Onde você vê a língua espanhola escrita ou falada?
(90 respostas)



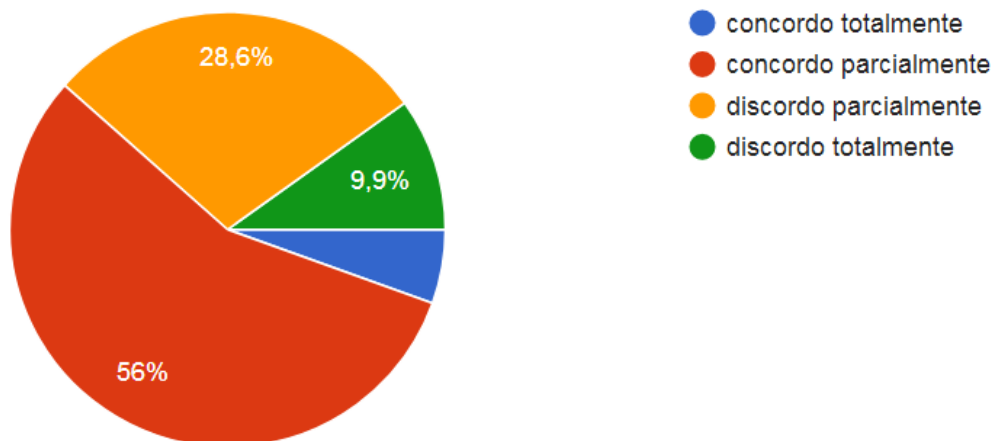
*em sites de notícias

15. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o português.
(90 respostas)

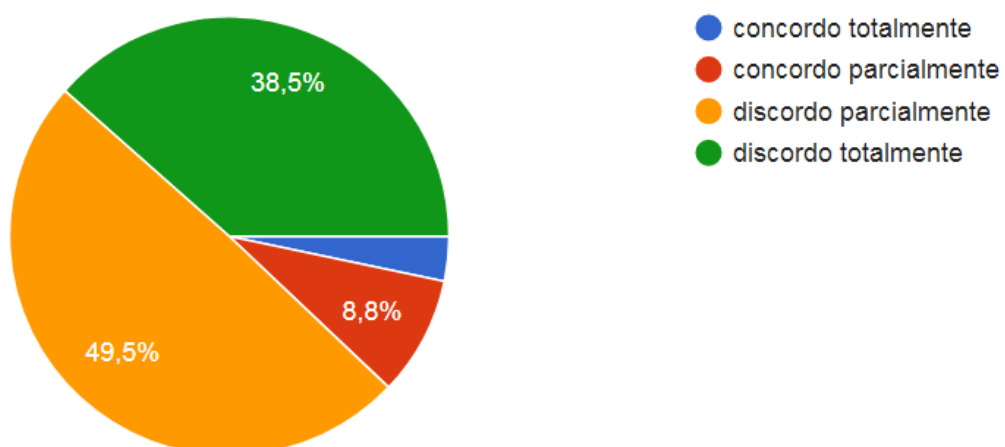


16. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(91 respostas)

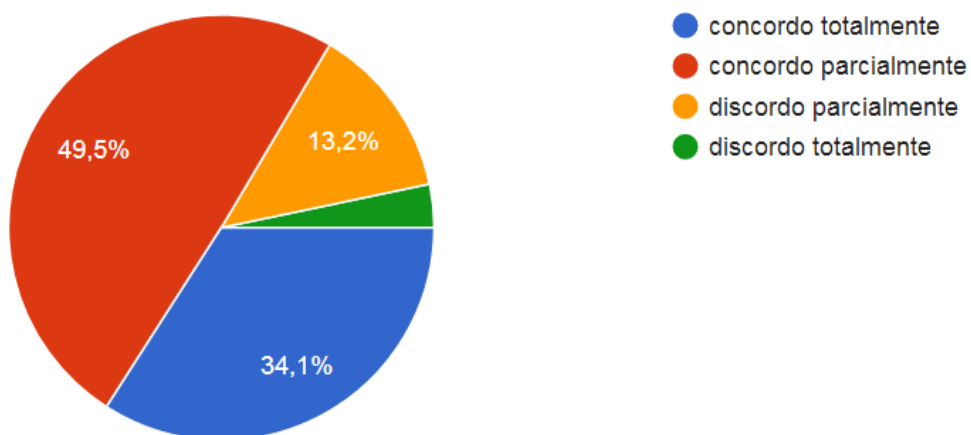
**17. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.**

(91 respostas)

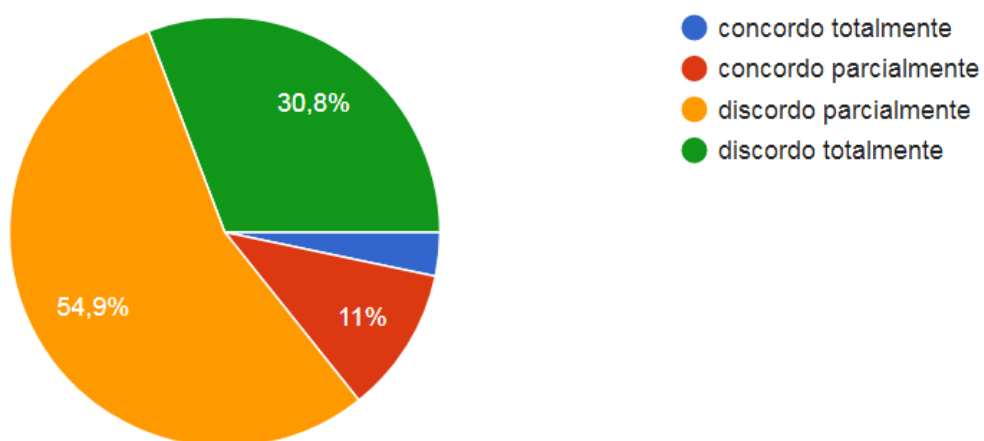


18. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o português.

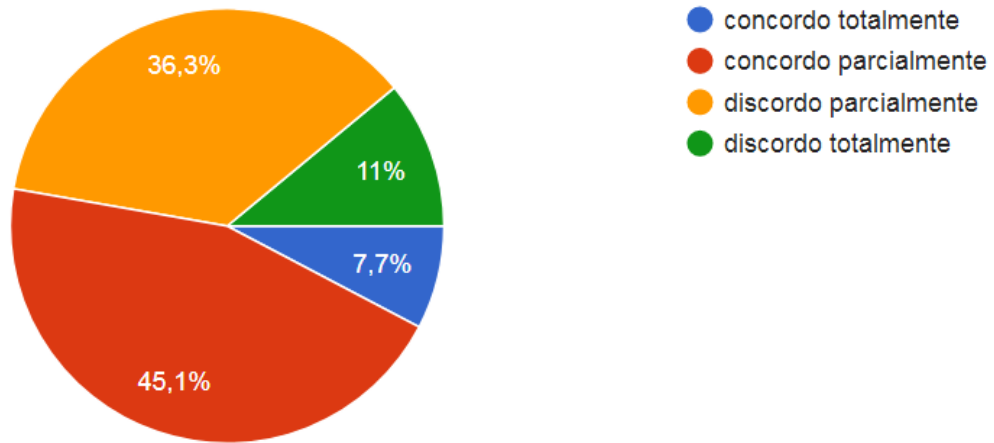
(91 respostas)

**19. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.**

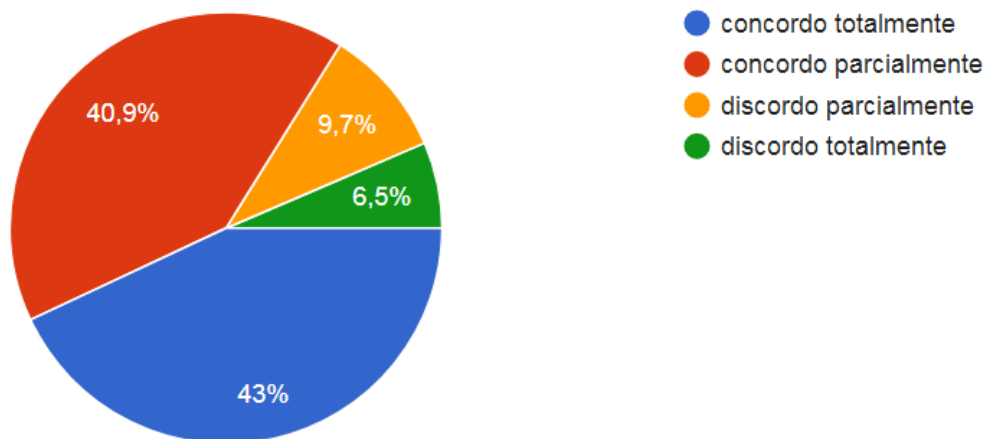
(91 respostas)



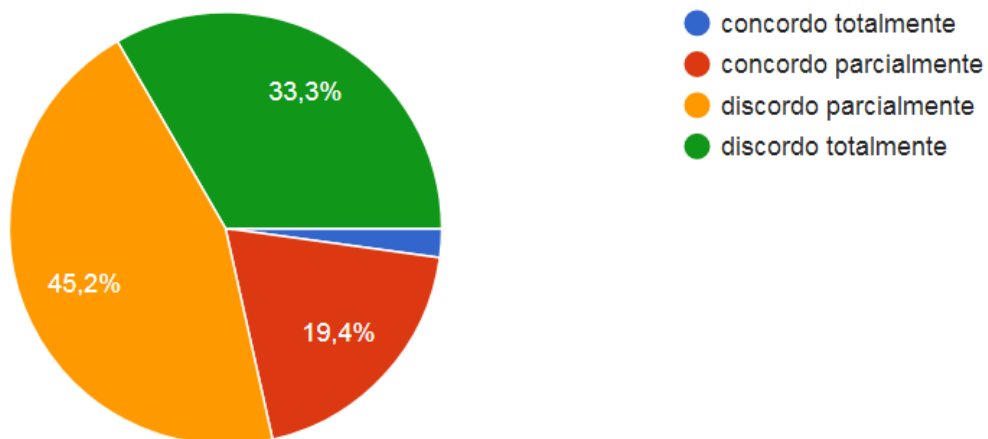
20. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(91 respostas)



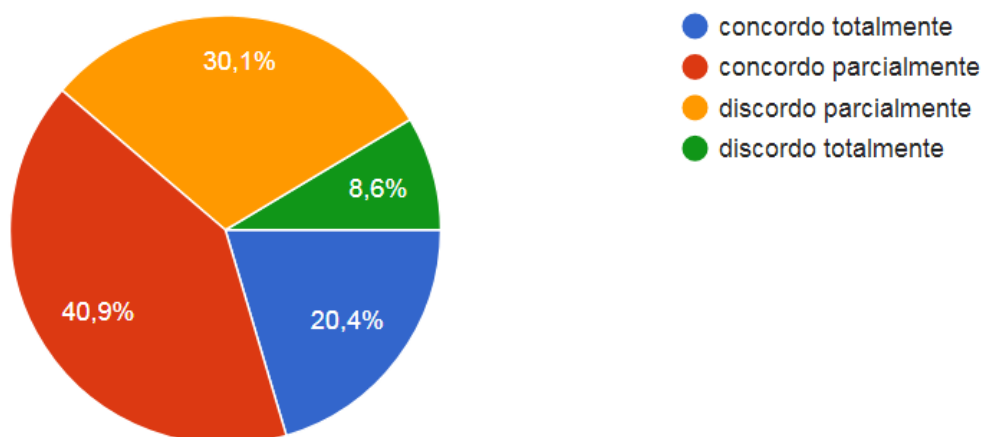
21. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o português.
(93 respostas)



22. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(93 respostas)

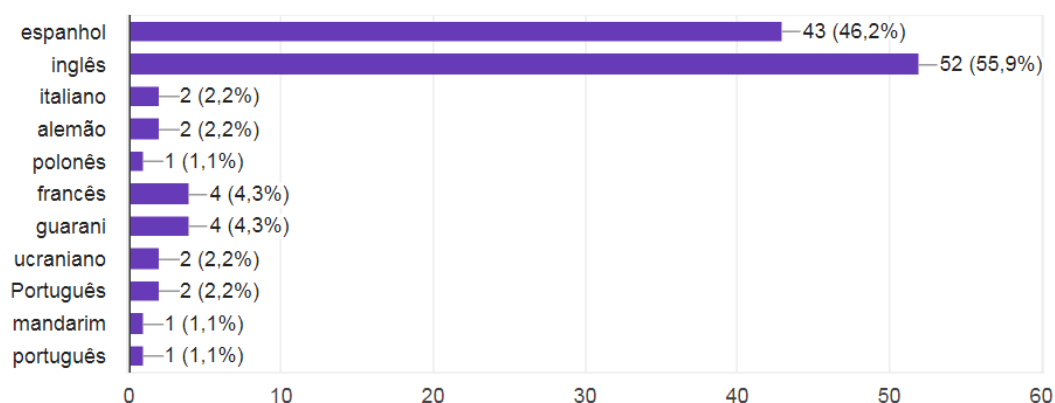


23. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(93 respostas)



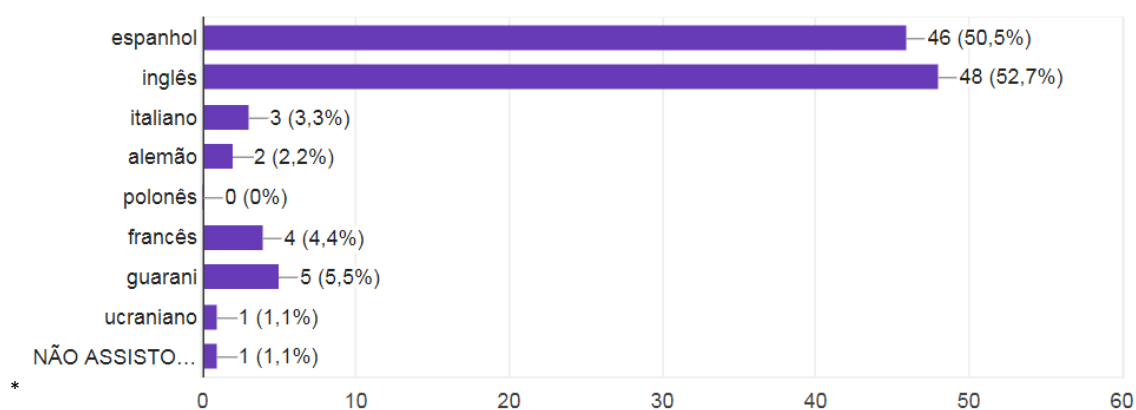
24. Imagine a seguinte situação: num sorteio, a sua escola foi contemplada com uma conferência internacional sobre meio ambiente e ela será ministrada por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer a palestra?

(93 respostas)



25. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

(91 respostas)



*NÃO ASSISTO FUTEBOL

Caso queira justificar alguma resposta ou fazer comentários, use este espaço.

(15 respostas)

1- TENHO O DESEJO DE APRENDER O IDIOMA ALEMÃO OU RUSSO. 2- Os idiomas nativos do Brasil deveriam ser estudados e falados. TODAS AS QUESTÕES COM A ALTERNATIVA GUARANI - POR SER UM DOS IDIOMAS NATIVOS DO BRASIL, ESTUDADO E FALADO POR TODOS.

Para ver o meu Vascão até em arabe eu assito.

haveria que ter espanhol e inglês nos colegios.

5. porém usaria do mesmo jeito.

Discordo que a língua que tem maior prestígio é o português, porque para nós nos darmos bem em empregos etc nós precisamos de um curso de inglês ou qualquer outra língua.

peessoas de fora, principalmente as que falam ingles devem aprender o básico do portugues, não sou obrigada a falar a lingua deles no meu pai.

OBS. NÃO GOSTO DE FUTEBOL.

Acho importante aprendermos um pouco de cada língua para melhorarmos nossa comunicação.

Além de acreditar que nenhuma matéria de línguas estrangeiras deveria ser obrigatória, penso também que apenas deveria haver acréscimo, e não exclusão entre preferências entre uma língua e outra. Assim, a motivação dos alunos seria majoritárias, já que apenas participariam os que assim desejassem, garantindo a variedade.

Mesmo com nossa participação no Mercosul, fazendo parte da América Latina, onde a maioria é falante de espanhol, não creio que valorizemos essa língua. Diversas pessoas diriam que é uma língua pobre, se comparada ao próprio português.

Senti falta do mandarim nas opções, ela é a língua mais falada no mundo, acho que deveriam oferecer ela nas escolas, nem que fosse em um contra-turno.

Sobre a questão (13) eu procuro ler e viver o inglês. Sobre o prestígio de línguas estrangeiras em Curitiba, PR, BR, creio que um país que foi colonia e tem imigração é facil de ver.

Sou falante da língua inglesa.

Na opção 22 e também na 23 poderiam ter a opção "NÃO COMPANHO FUTEBOL"

Como eu não gosto de futebol as alternativas 23, 22 não podem ser devidamente respondida.

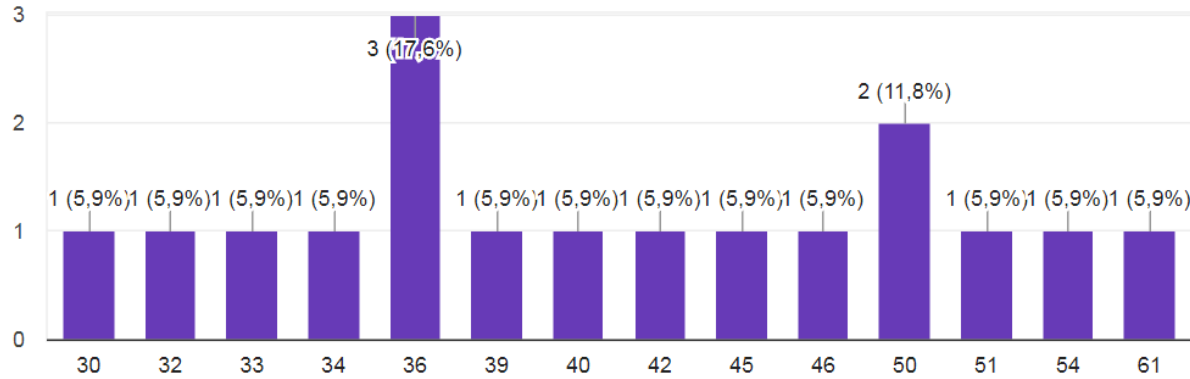
Respostas de CURITIBA – PAIS, PROFESSORES E GESTORES

Total: 18 participantes

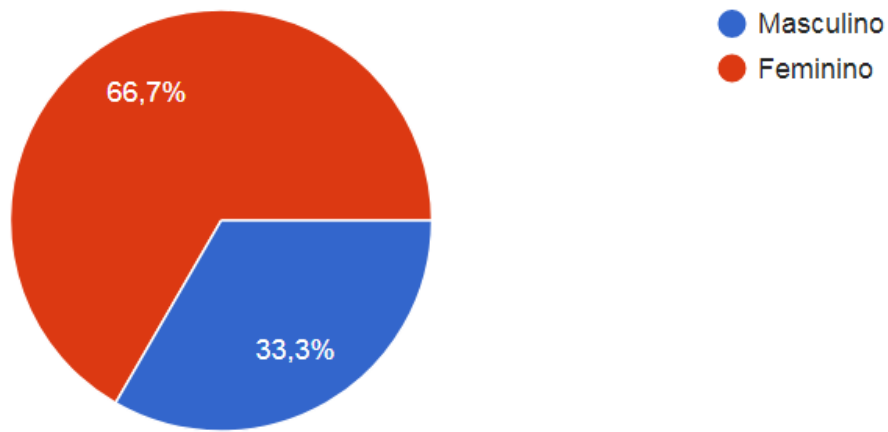
Concorda em participar da pesquisa?
(18 respostas)



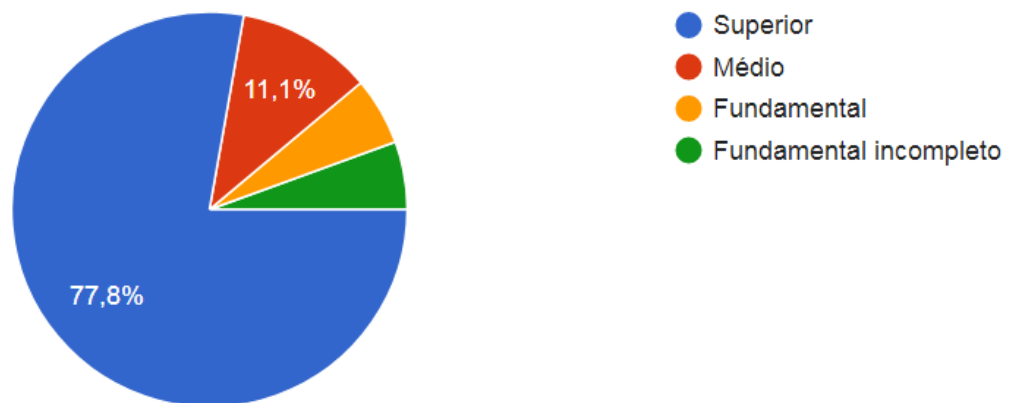
IDADE
(17 respostas)



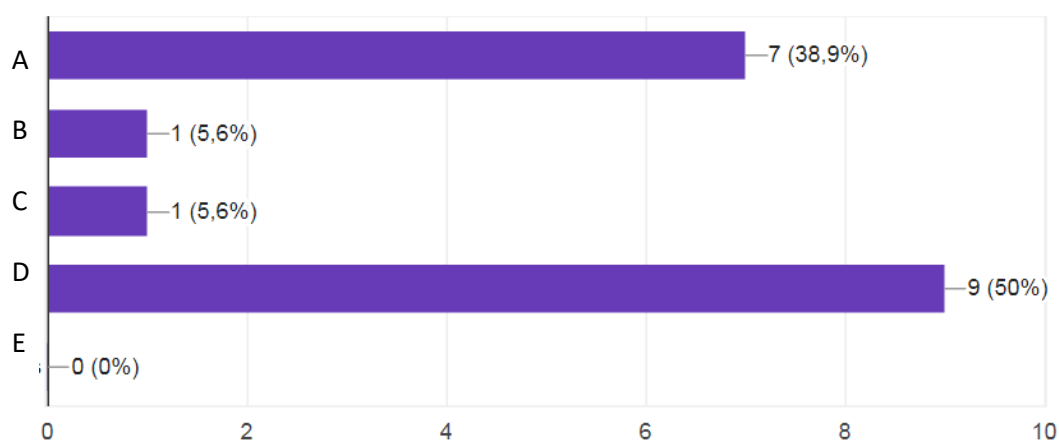
SEXO
(18 respostas)



FORMAÇÃO
(18 respostas)



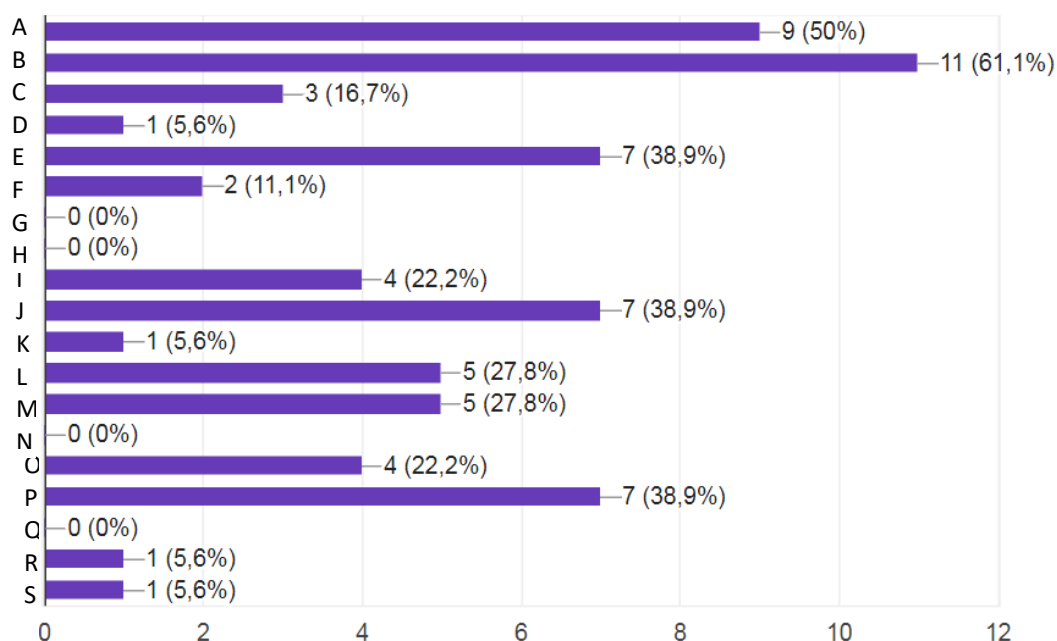
PÚBLICO (18 respostas)



A – Pai ou mãe de aluno/a
B – Diretor/a de escola
C – Professor/a de espanhol

D – Professor/a de outra disciplina
E – Outros

1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção por coluna. (18 respostas)

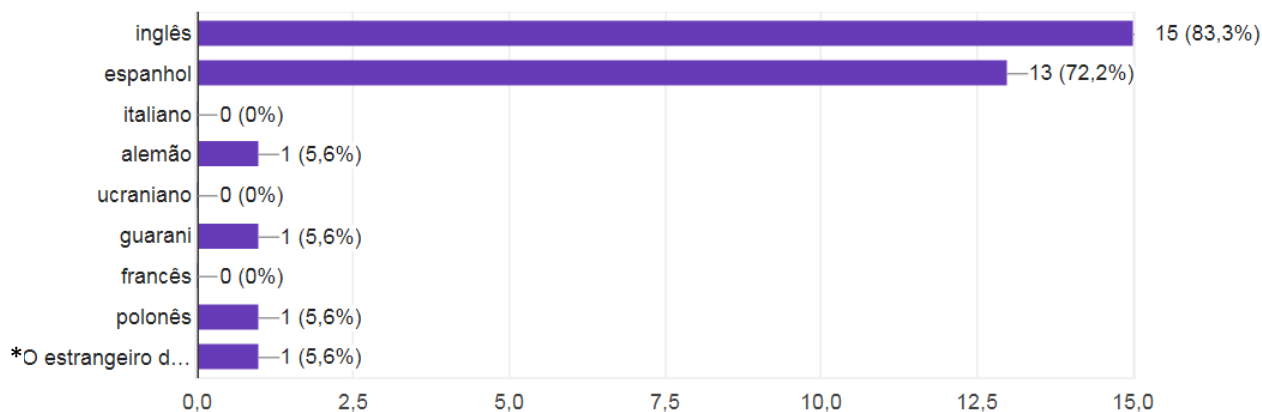


A – Conhece espanhol
B – Conhece inglês
C – Conhece italiano
D – Conhece alemão
E – Conhece português
F – Conhece guarani
G – Conhece polonês

H – Conhece ucraniano
I – Conhece francês
J – Gostaria de conhecer alemão
K – Gostaria de conhecer guarani
L – Gostaria de conhecer italiano
M – Gostaria de conhecer espanhol
N – Gostaria de conhecer polonês

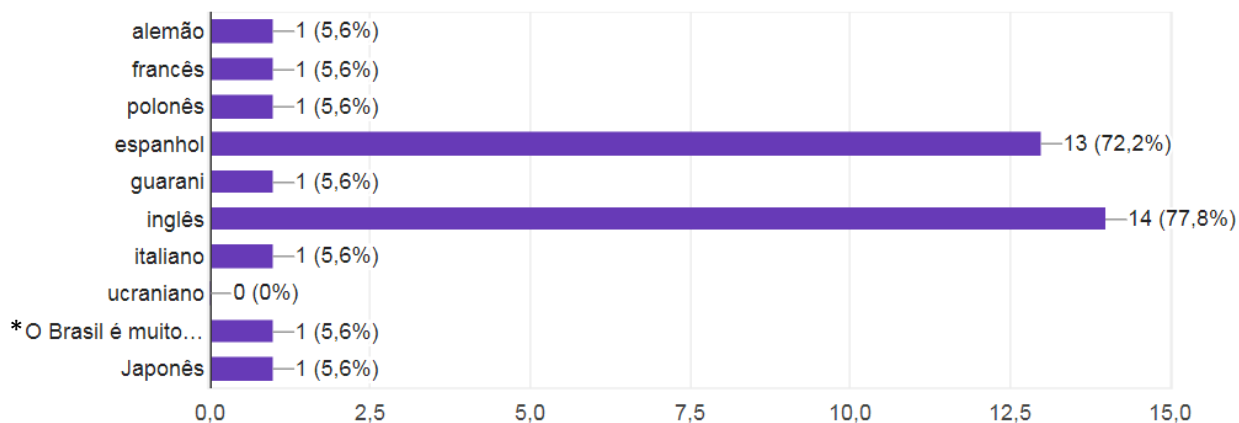
O – Gostaria de conhecer inglês
P – Gostaria de conhecer francês
Q – Gostaria de conhecer ucraniano
R – japonês
S – japonês; russo

2. Na sua opinião, no Paraná, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(18 respostas)



*O estrangeiro deve se adaptar

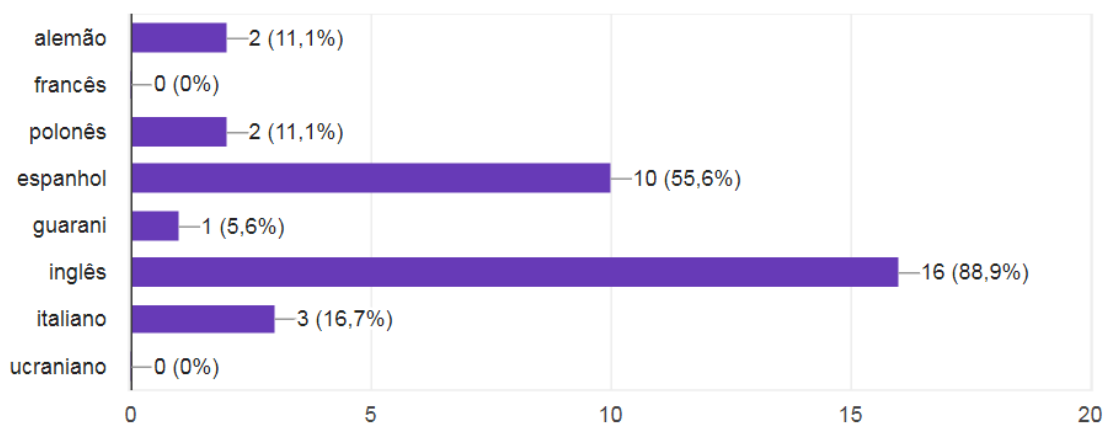
3. Na sua opinião, no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(18 respostas)



*O Brasil é muito grande e diversificado, talvez outra língua fosse necessário dependendo da região.

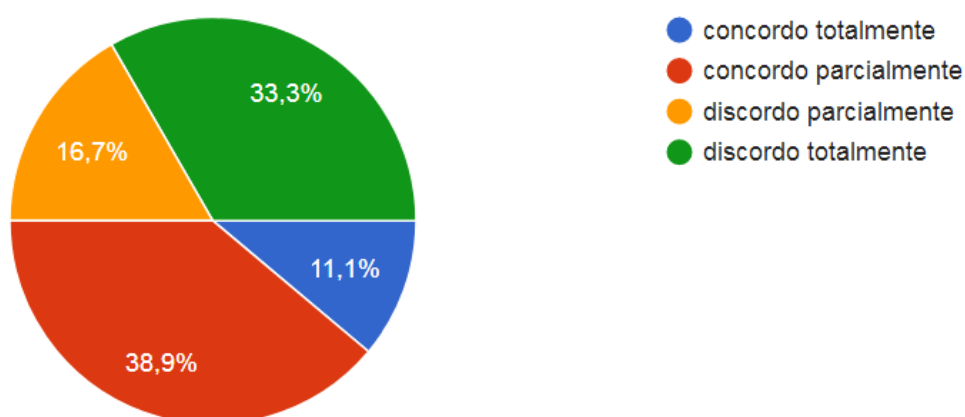
4. Na sua opinião, em Curitiba, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

(18 respostas)



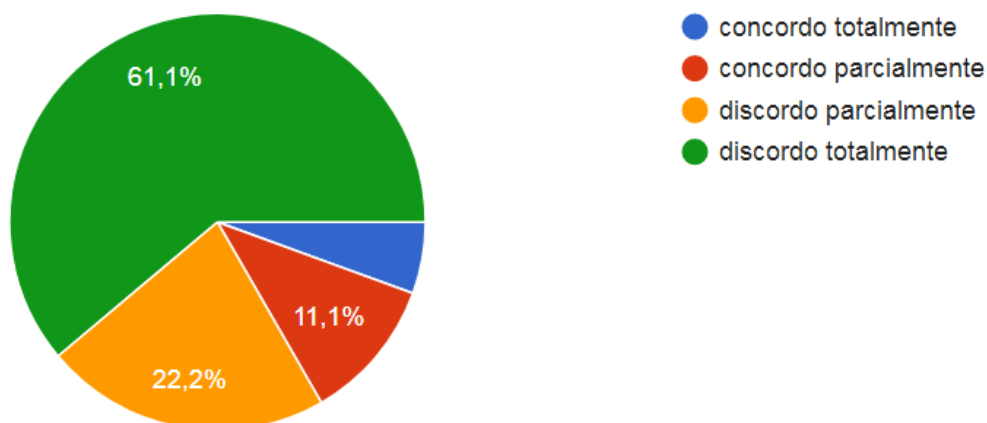
5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(18 respostas)



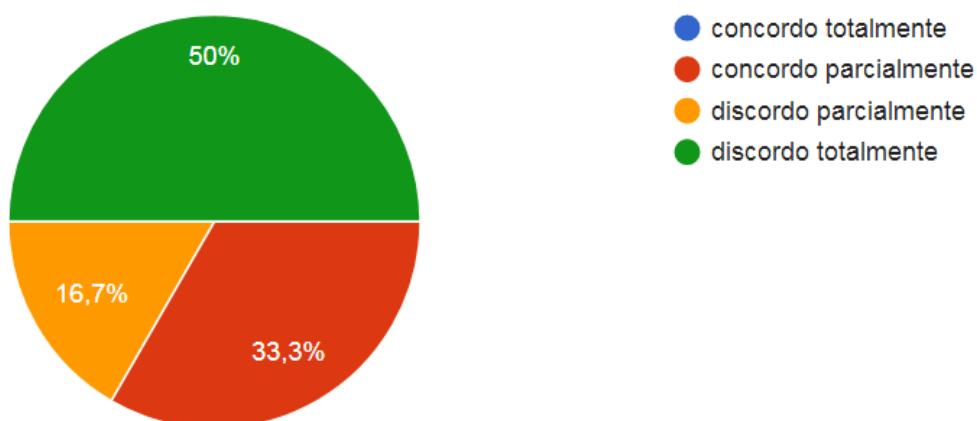
6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(18 respostas)



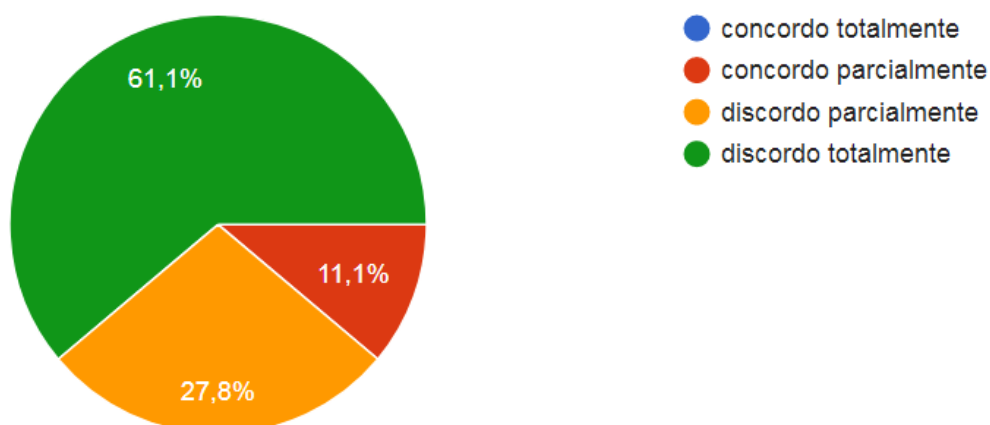
7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(18 respostas)



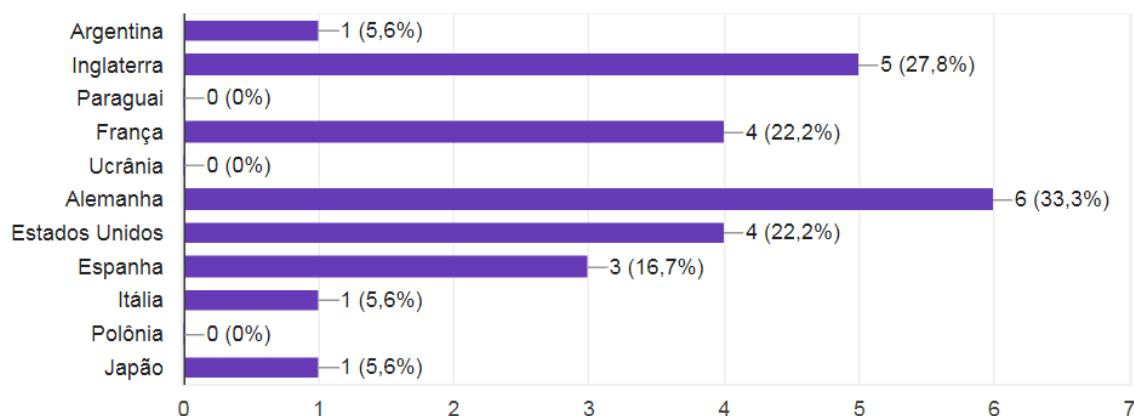
8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(18 respostas)



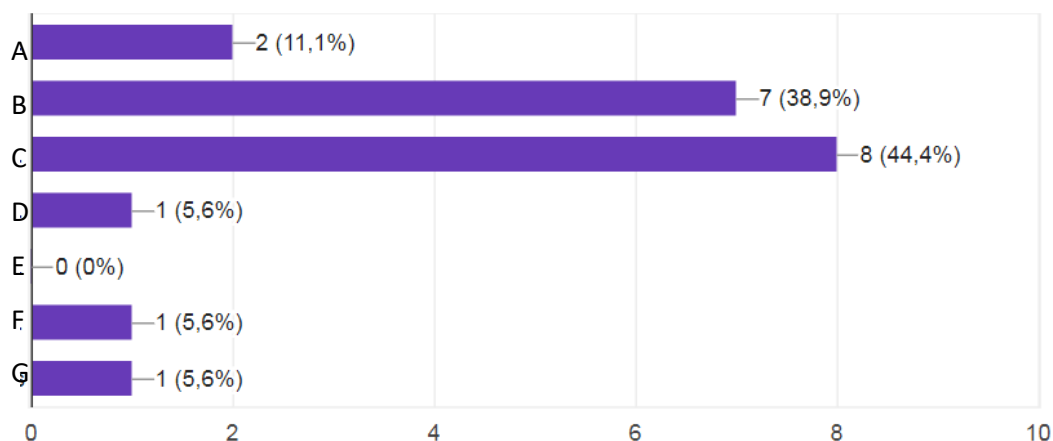
9. Se você ganhasse uma bolsa de estudos com as despesas todas pagas para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

(18 respostas)



10. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(18 respostas)

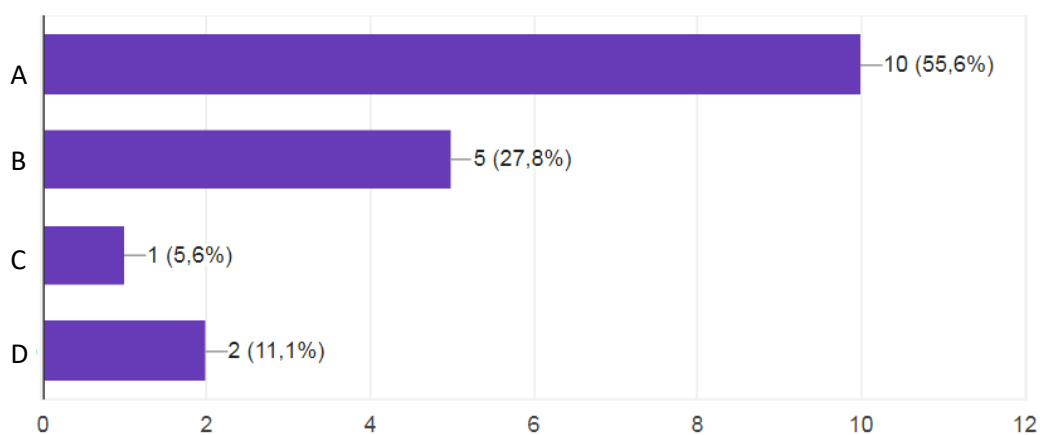


A – Não tenho conta ativa no Facebook
 B – Tento usar assim mesmo
 C – Procuro um lugar para alterar o idioma
 D – Peço ajuda a alguém

E – Desligo o computador
 F – procuro entender o idioma
 G – leio em inglês

12. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

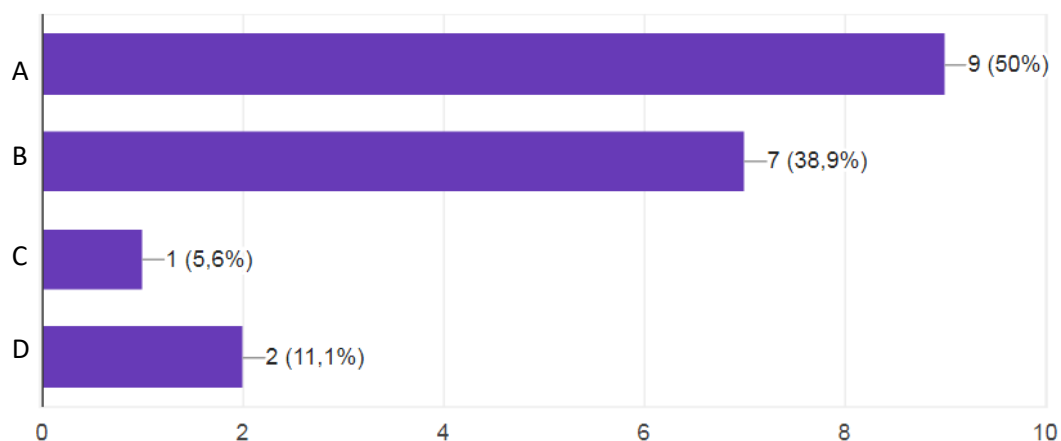
(18 respostas)



A – tento assistir assim mesmo e compreender a narração
 B – procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
 C – deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
 D – desligo a televisão

13. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(18 respostas)



A – tento assistir assim mesmo e compreender a narração

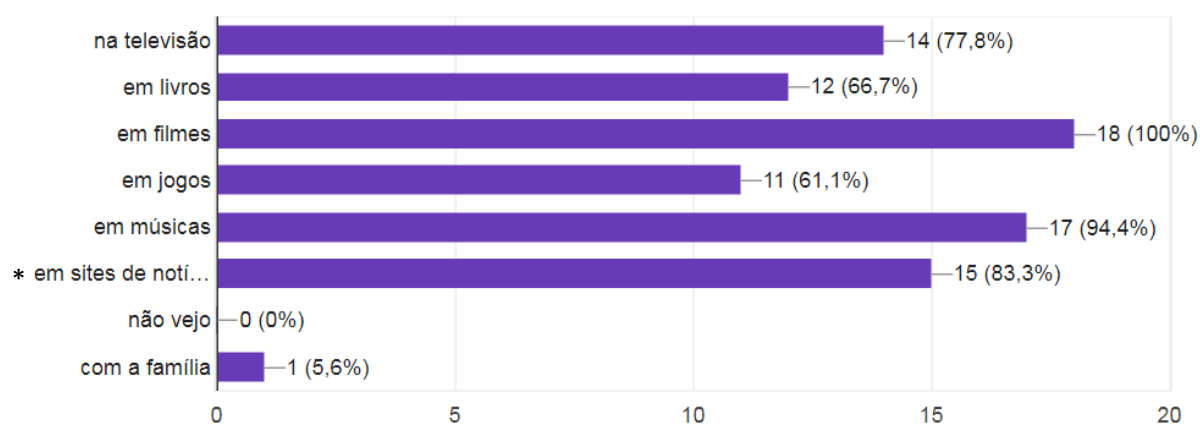
B – procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português

C – deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens

D – desligo a televisão

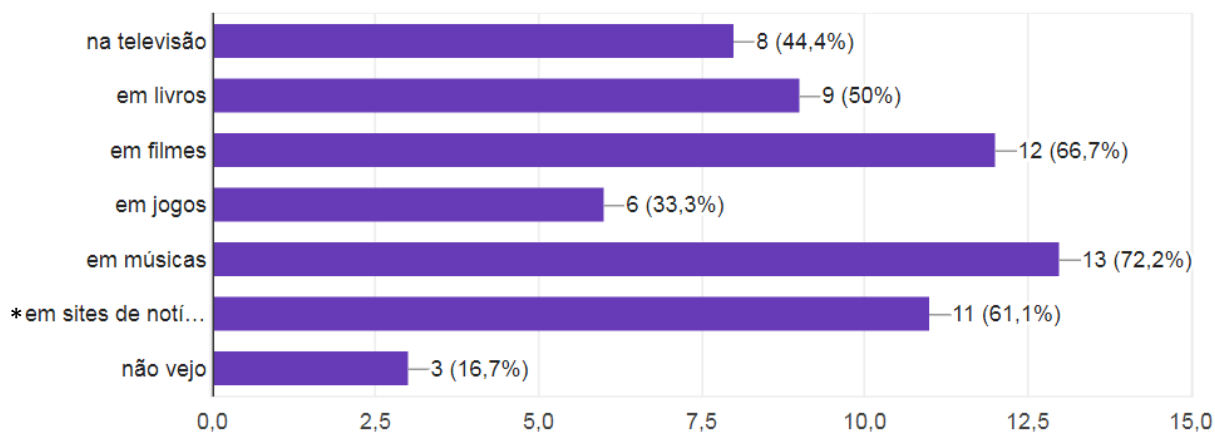
14. Onde você vê a língua inglesa escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

(18 respostas)



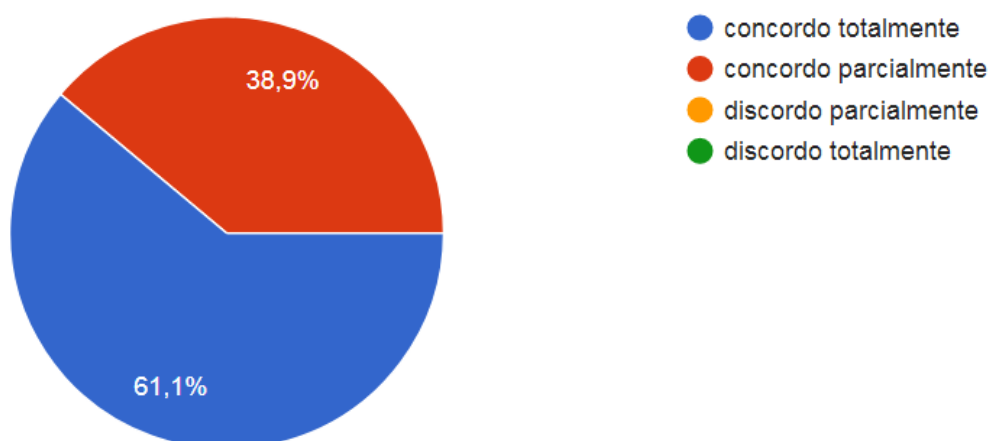
*em sites de notícias

15. Onde você vê a língua espanhola escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.
(18 respostas)



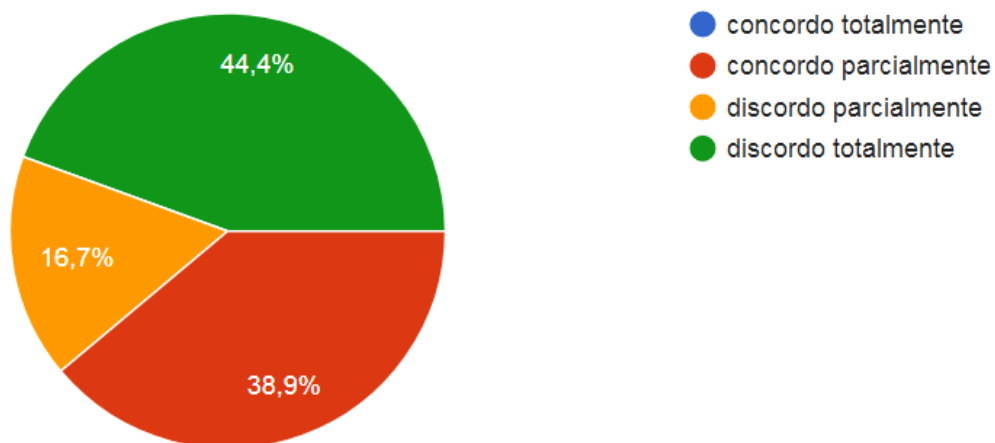
*em sites de notícias

16. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o português.
(18 respostas)

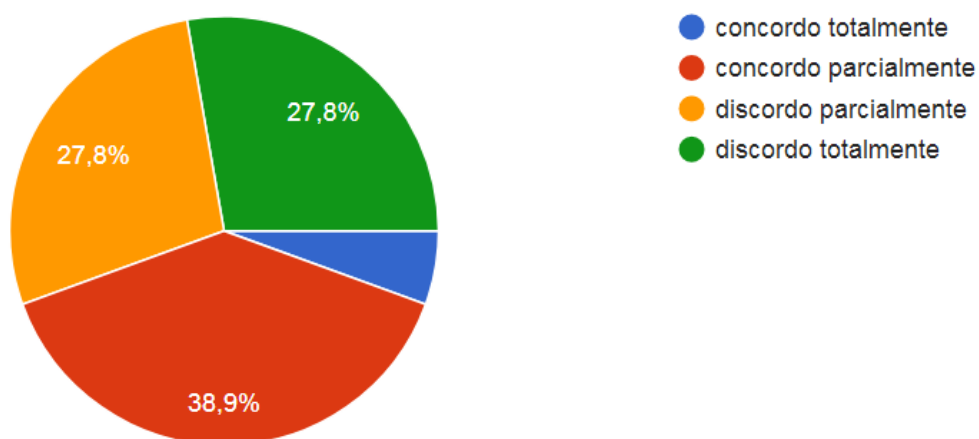


17. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

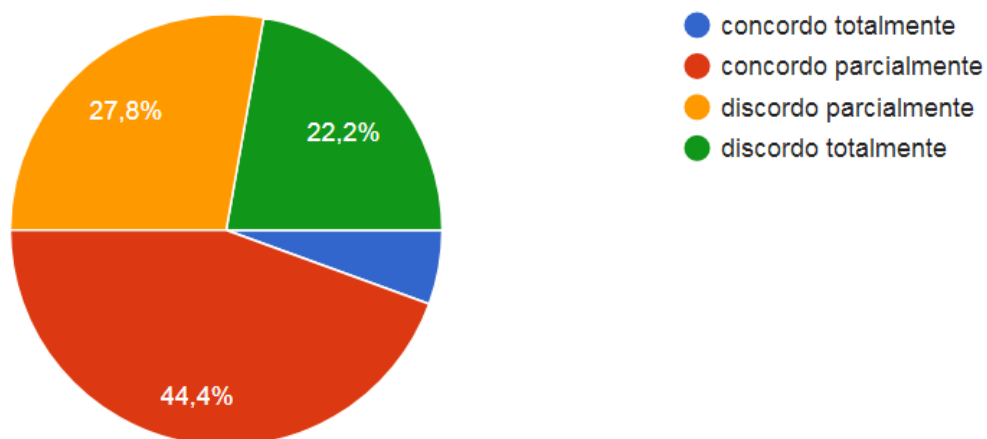
(18 respostas)

**18. Em Curitiba, a língua que tem maior prestígio é o inglês.**

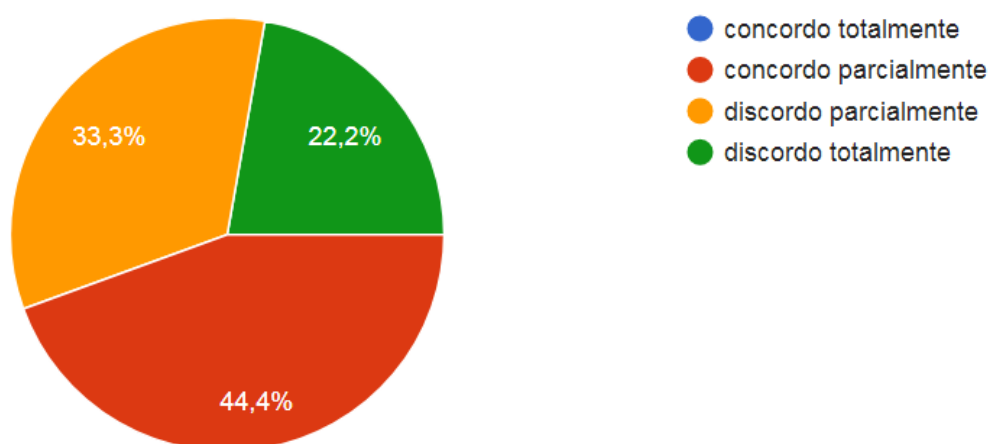
(18 respostas)



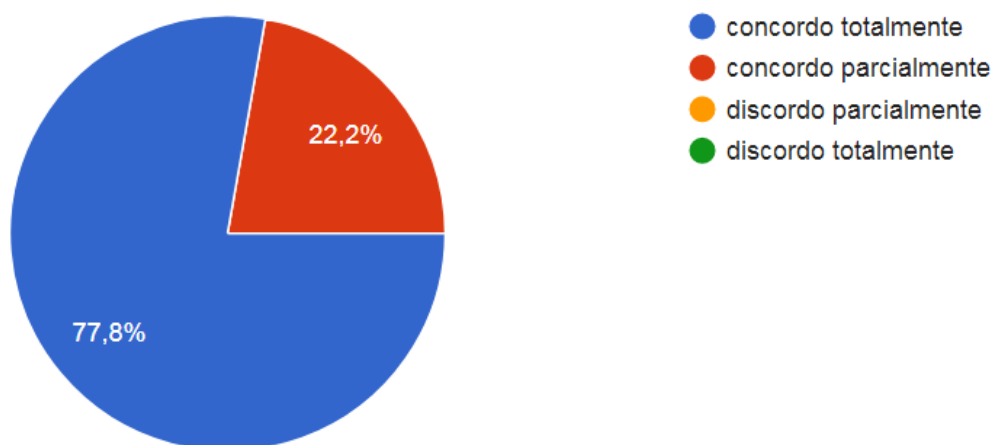
19. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(18 respostas)



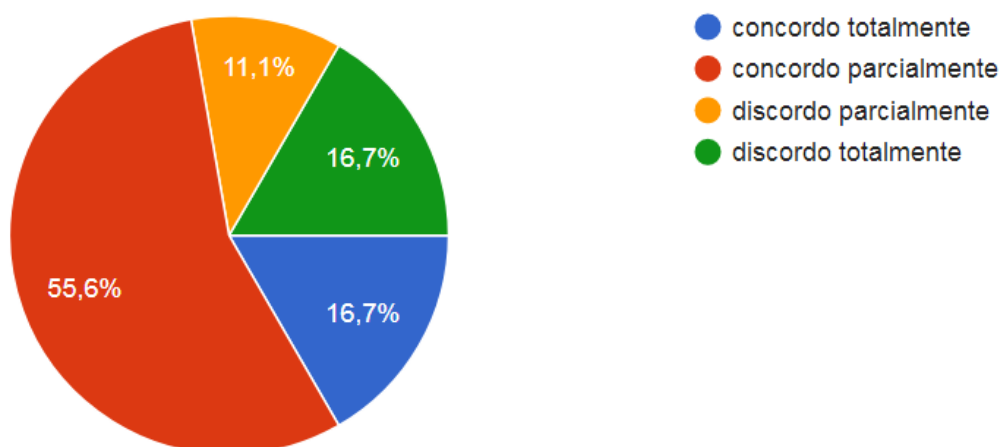
20. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(18 respostas)



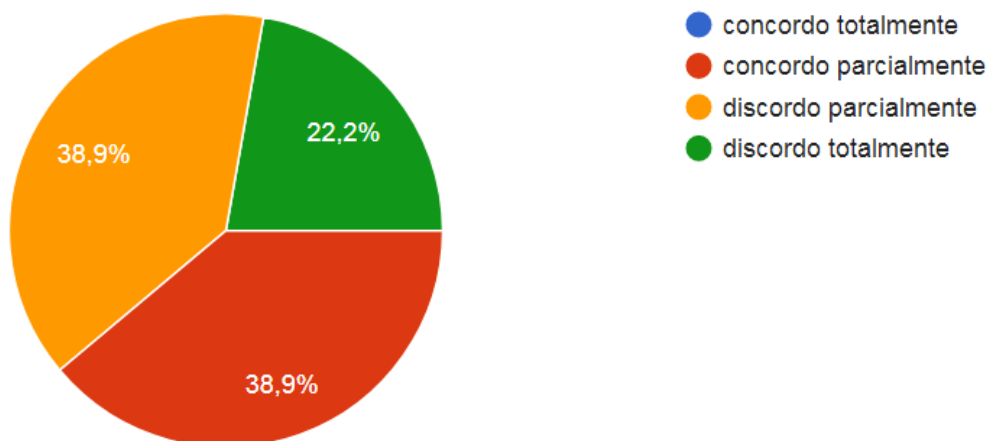
21. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o português.
(18 respostas)



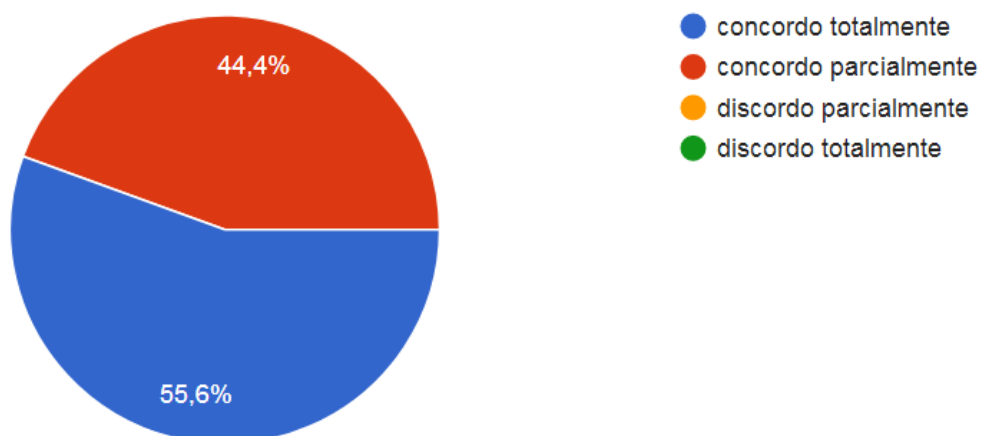
22. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(18 respostas)



23. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(18 respostas)

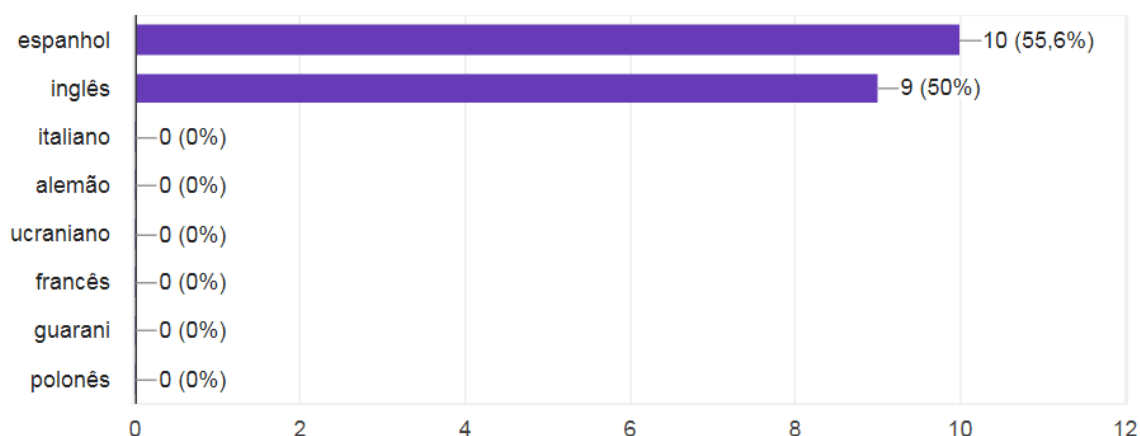


24. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o português.
(18 respostas)



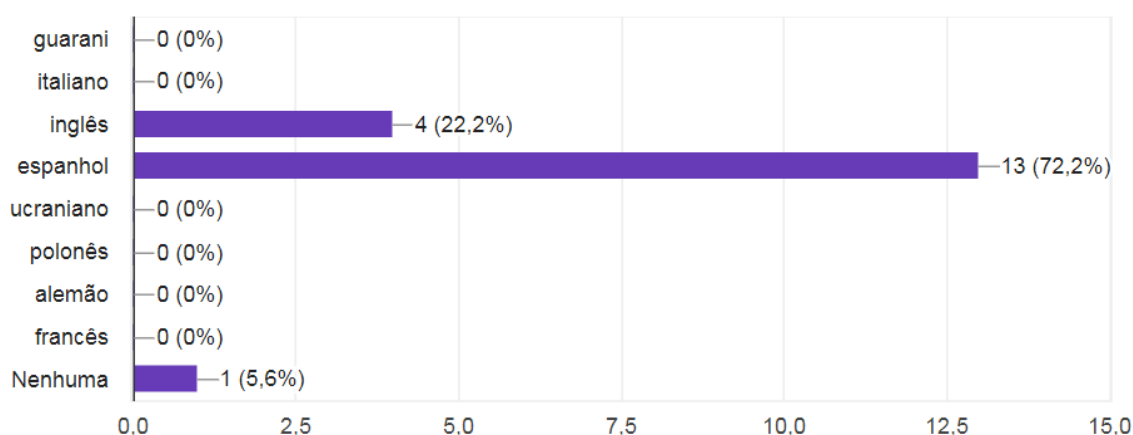
25. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

(18 respostas)



26. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

(18 respostas)



Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.
(4 respostas)

Como sou fluente em inglês algumas respostas tenderam para essa língua por ser mais fácil para mim de me comunicar.

O termo prestígio em algumas questões ficou um pouco vago. Qual é o sentido? A importância que as pessoas dão ao idioma? Facilidade de comunicação? Status? Hierarquia social?

A língua Espanhola muito útil no dia de hoje, pois uma língua de fácil conhecimento, quase todos o compreendem.

Obs.: Algumas placas em Curitiba e Região já estão no inglês também...

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).
(6 respostas)

xxxxxxxxx@yahoo.com.br

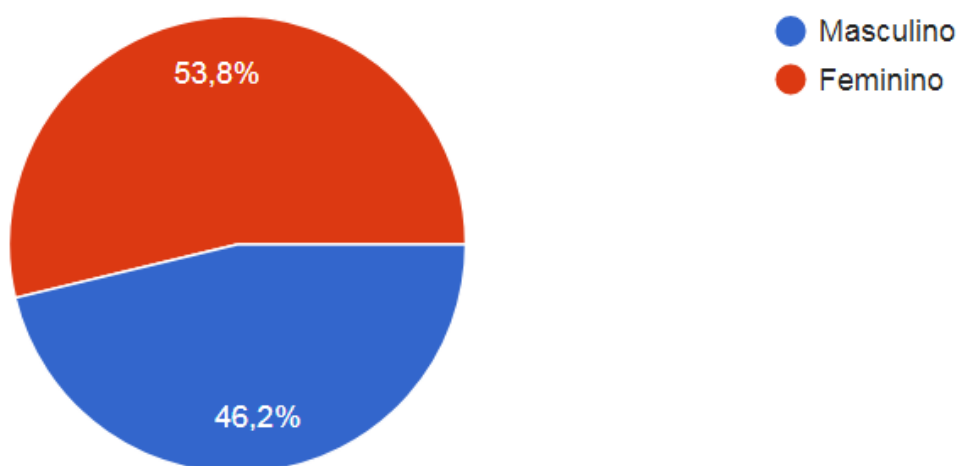
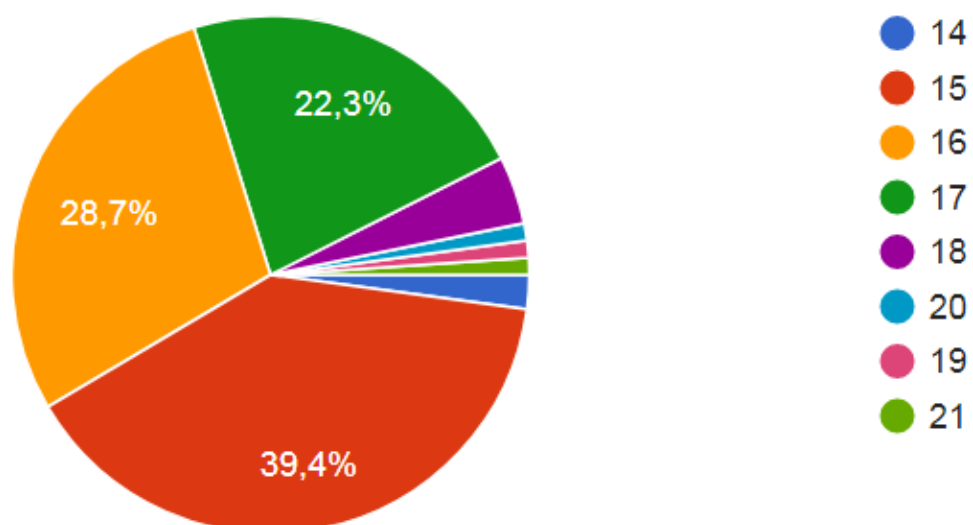
xxxxxxxxxxxxxx@gmail.com

xxxxxxxxxxxxxx @gmail.com

xxxxxxxxxxxxxx @hotmail.com

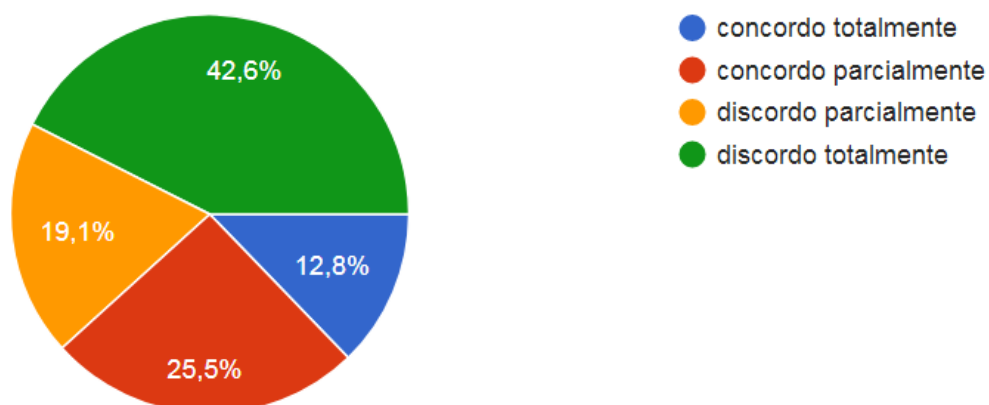
xxxxxxxxxxxxxx @hotmail.com

Facebook. xxxxxxxx xxxxxxxx@gmail.com

Respostas de FOZ DO IGUAÇU – ALUNOS**Total: 96 participantes****SEXO**
(93 respostas)**IDADE**
(94 respostas)

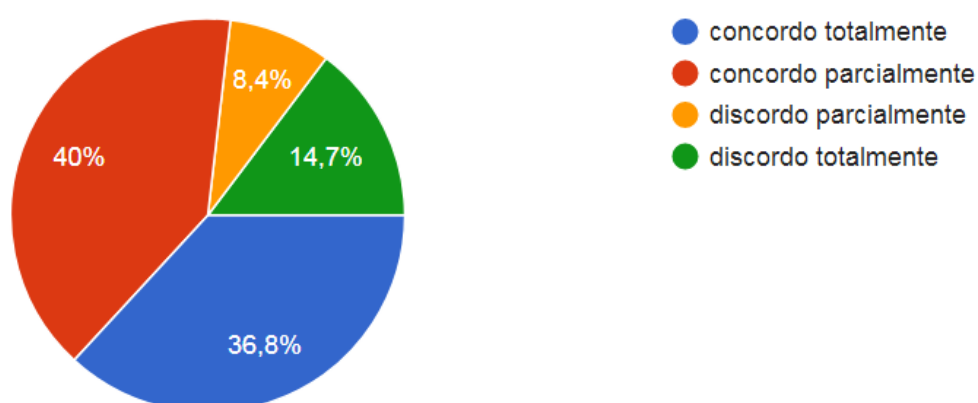
1. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(94 respostas)



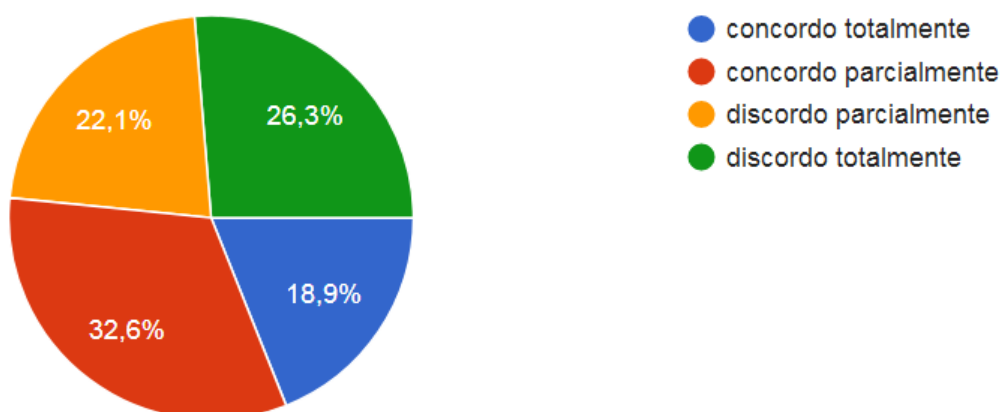
2. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(95 respostas)



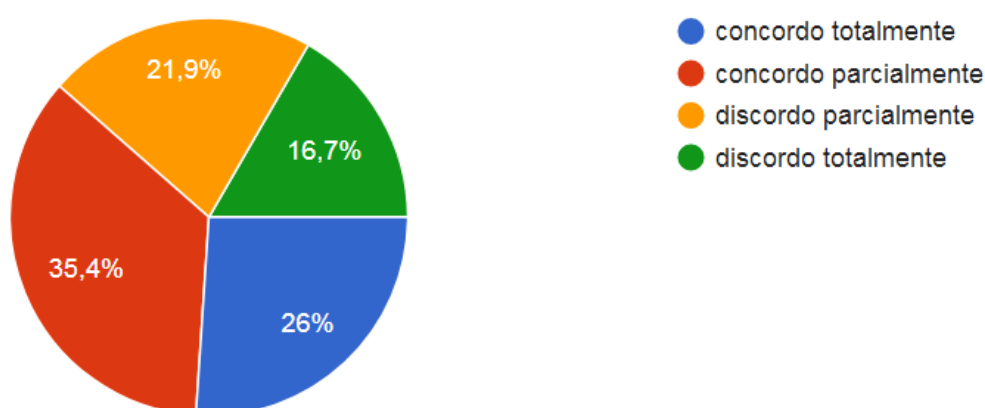
3. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(95 respostas)



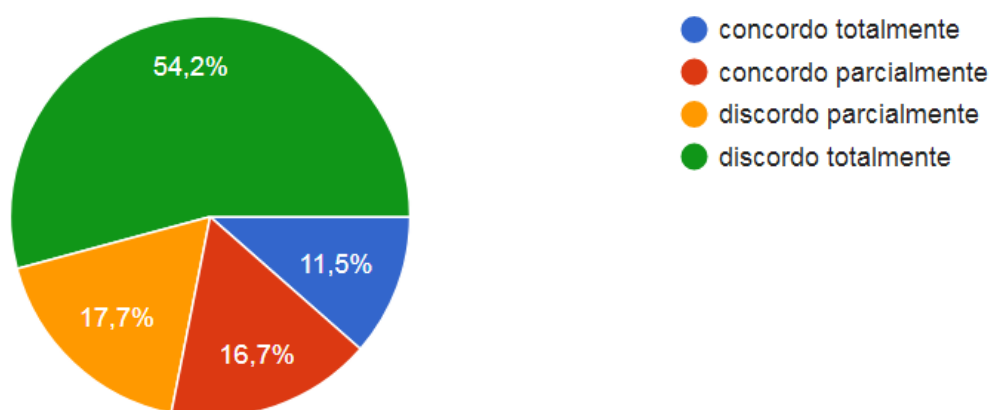
4. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(96 respostas)



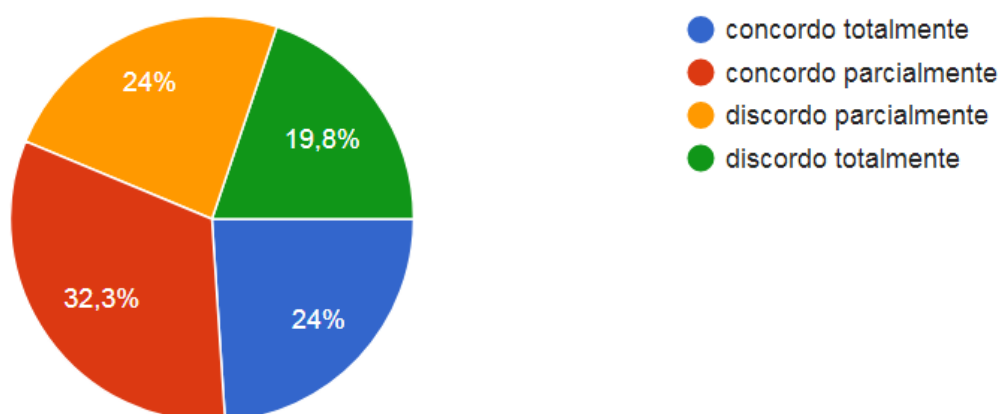
5. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(96 respostas)



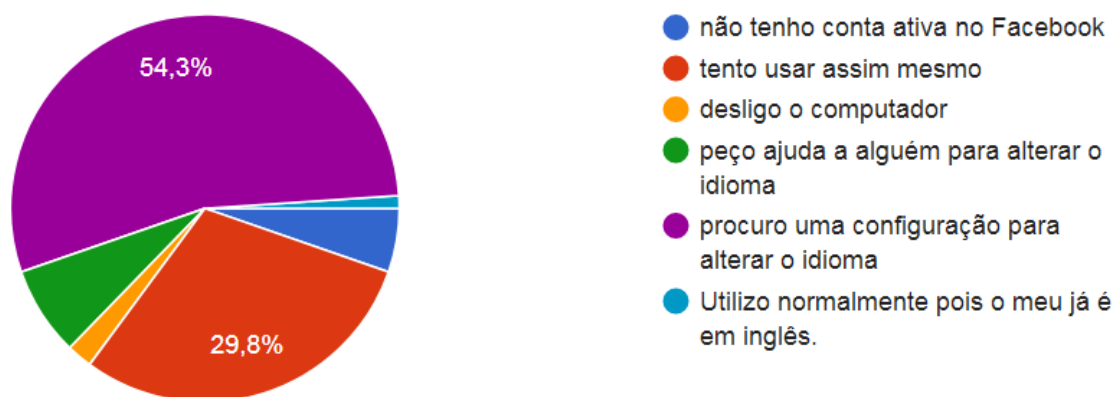
6. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Foz do Iguaçu por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(96 respostas)



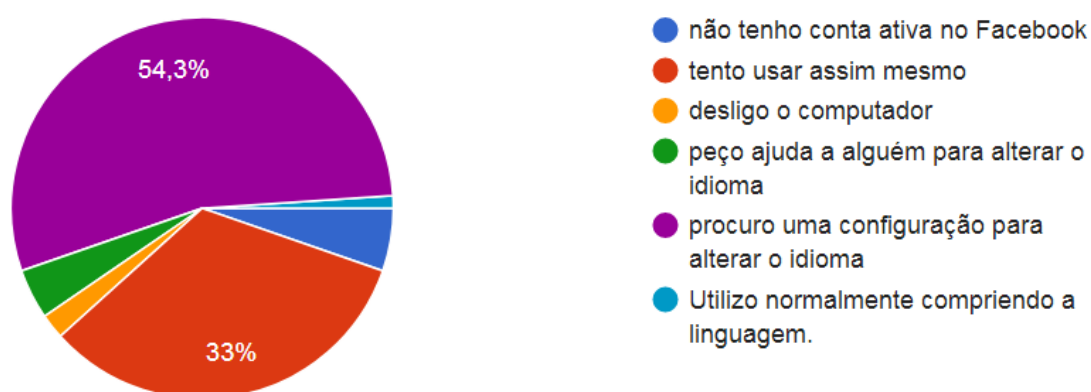
7. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(94 respostas)



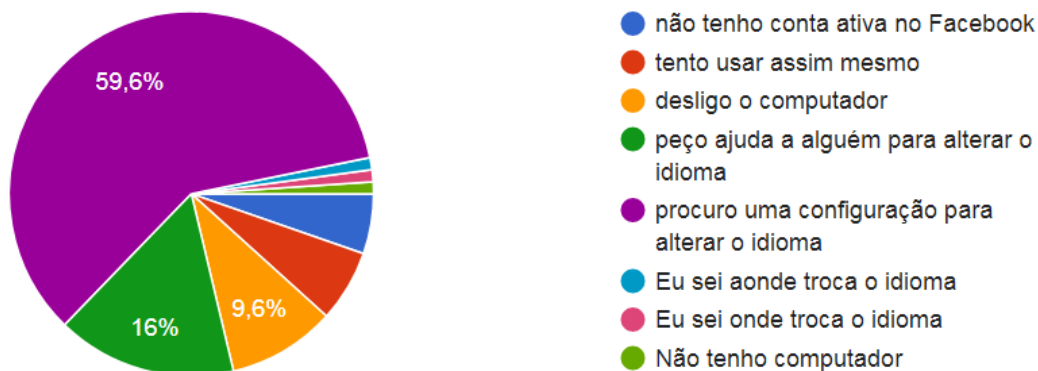
8. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em espanhol. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(94 respostas)



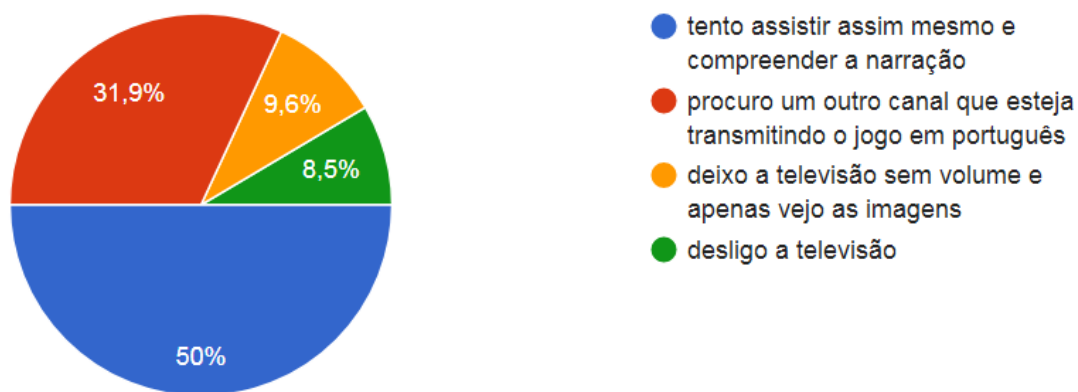
9. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(94 respostas)



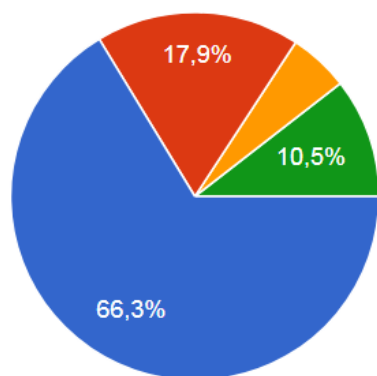
10. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(94 respostas)



11. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

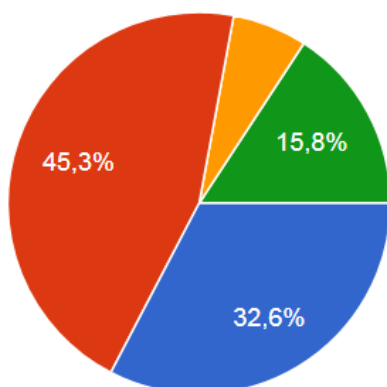
(95 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

12. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em Guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?

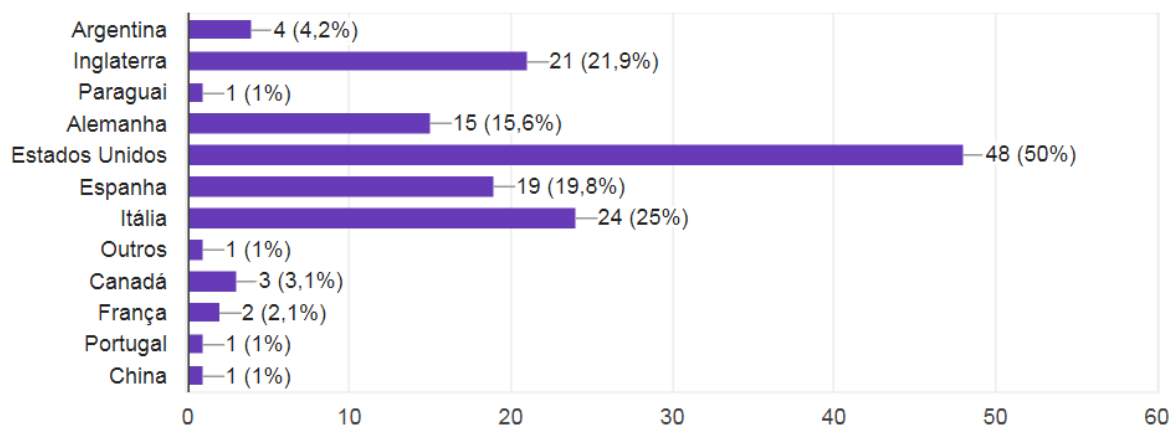
(95 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

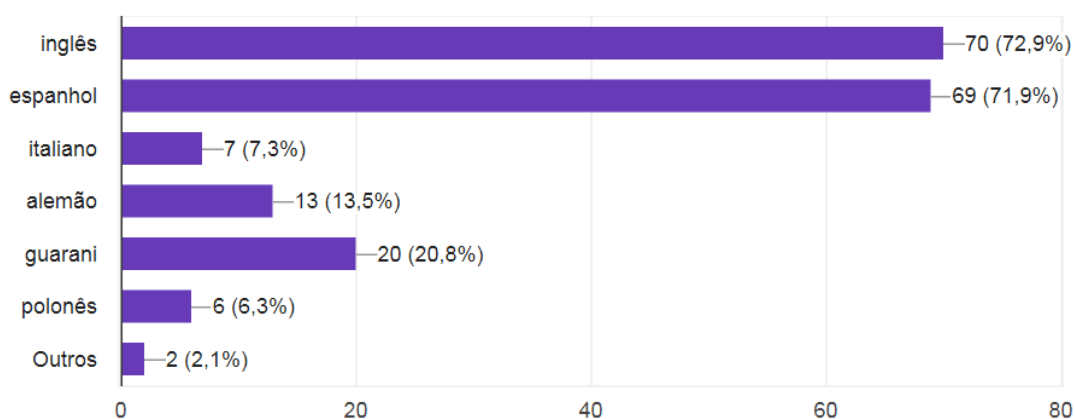
13. Se a tua escola te oferecesse uma bolsa de estudos com as despesas todas pagas para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

(96 respostas)



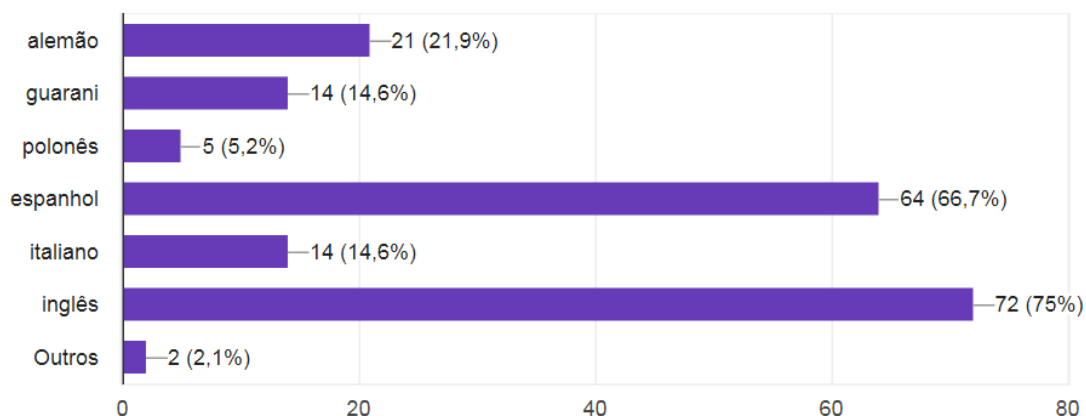
14. Na sua opinião, aqui em Foz do Iguaçu, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

(96 respostas)



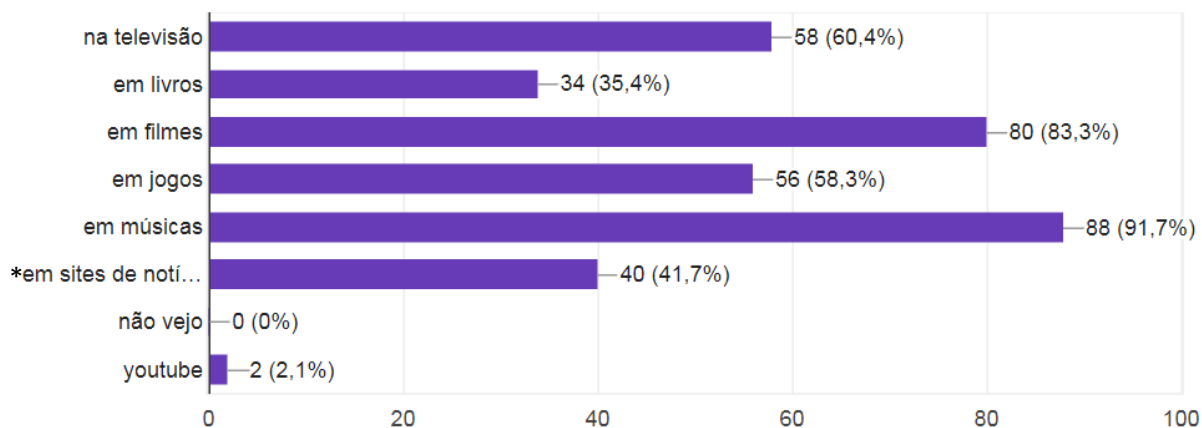
15. Na sua opinião, aqui no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

(96 respostas)



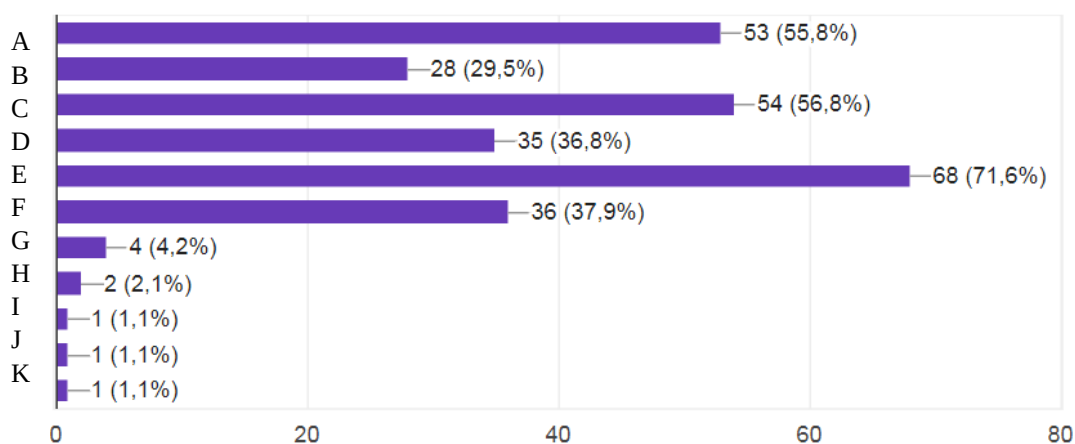
16. Onde você vê a língua inglesa escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.

(96 respostas)



*em sites de notícias

17. Onde você vê a língua espanhola escrita ou falada? Pode marcar mais de uma resposta.
(95 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

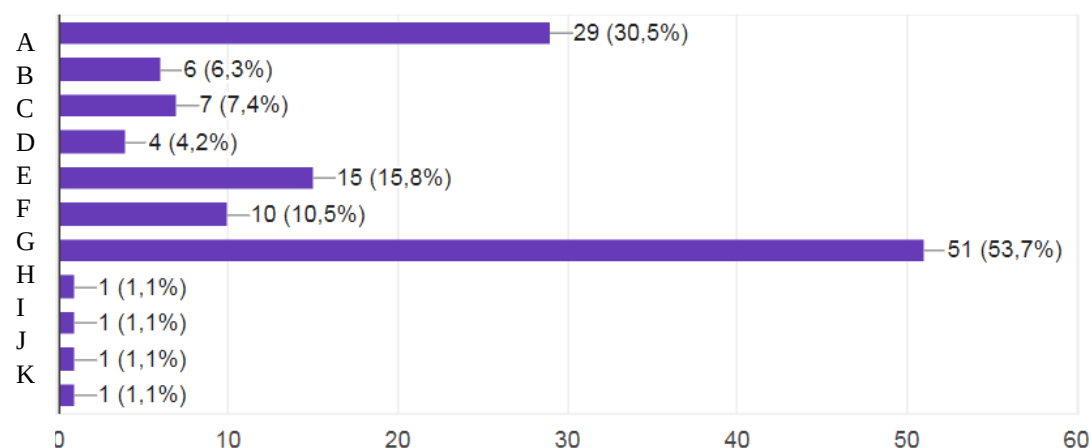
H – internet

I – na escola

J – em estabelecimentos

K – APPS DO CELULAR

18. Onde você vê o Guarani escrito ou falado? Pode marcar mais de uma resposta.
(95 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

H – Quando vou no Paraguai

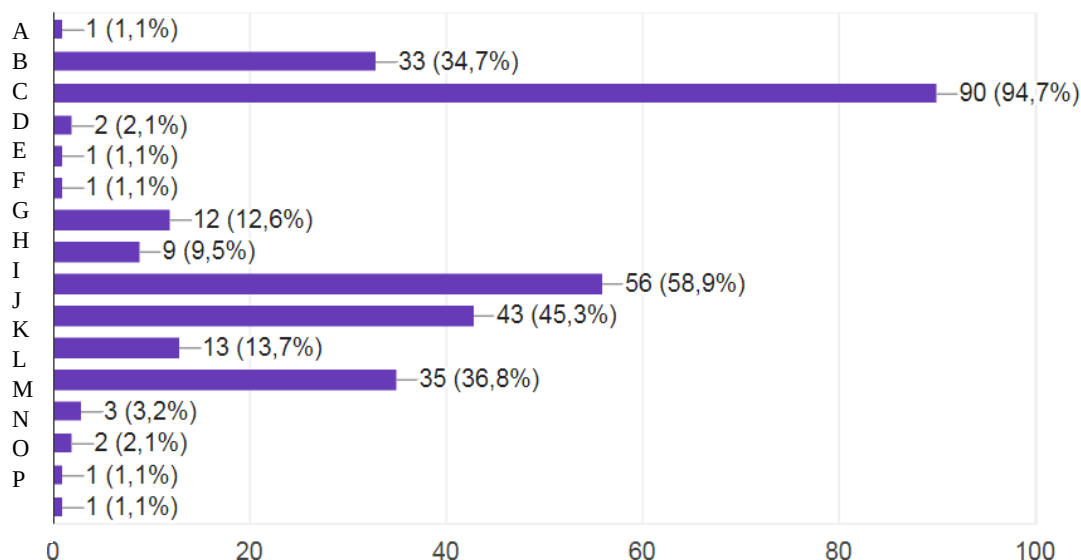
I – no paraguai

J – no Paraguai

K – outras pessoas falando

19. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você estuda atualmente na sua escola e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de estudar que não tem aqui na escola? Pode marcar mais de uma resposta.

(95 respostas)



A – Estuda italiano

B – Estuda inglês

C – Estuda espanhol

D – Estuda alemão

E – Estuda polonês

F – Estuda guarani

G – Gostaria de estudar polonês

H – Gostaria de estudar guarani

I – Gostaria de estudar italiano

J – Gostaria de estudar alemão

K – Gostaria de estudar espanhol

L – Gostaria de estudar inglês

M – Gostaria de estudar francês

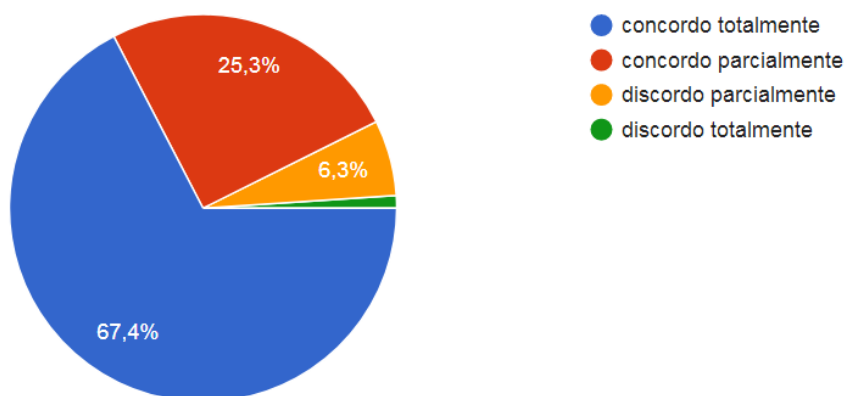
N – Gostaria de estudar Mandarim

O – Gostaria de estudar Finlandes

P – japones

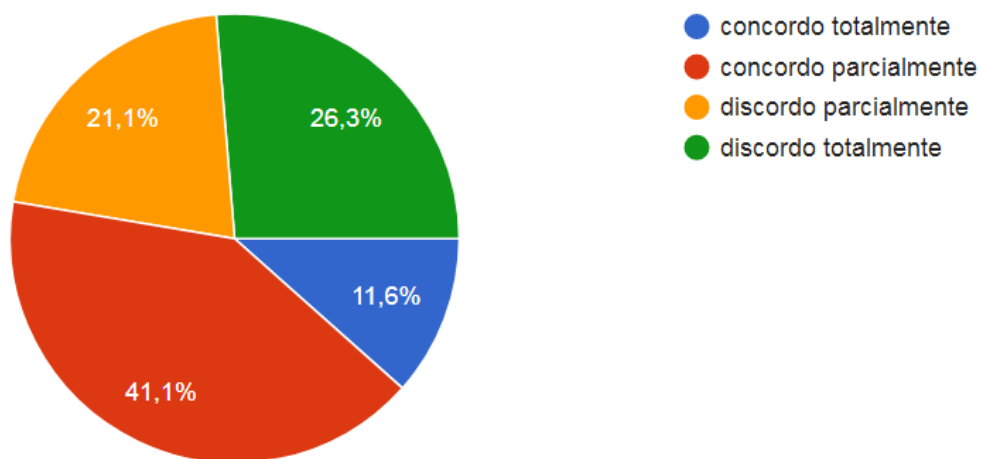
20. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o português.

(95 respostas)

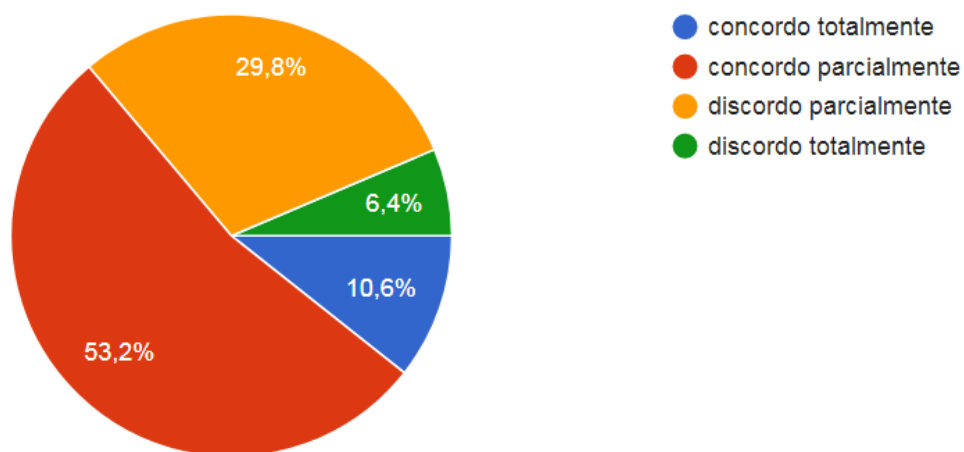


21. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

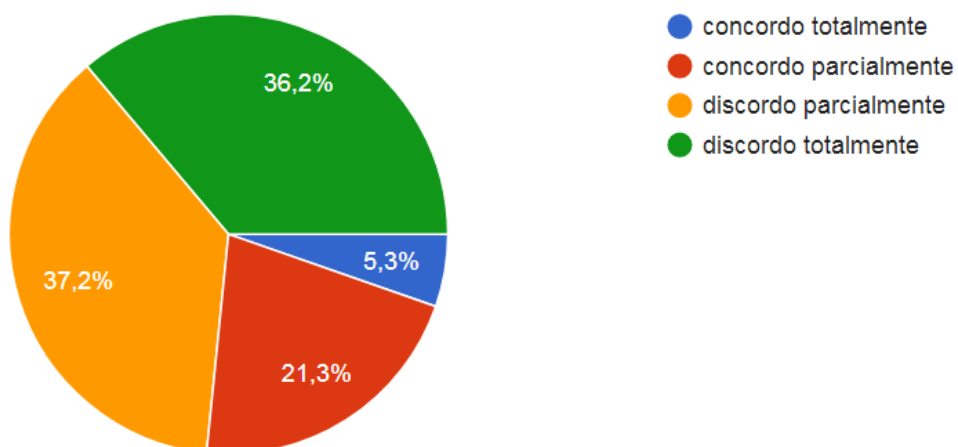
(95 respostas)

**22. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.**

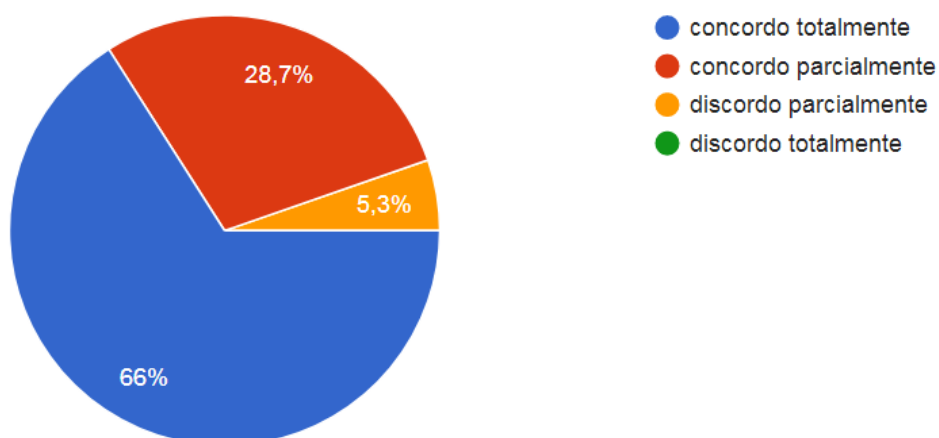
(94 respostas)



23. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o guarani.
(94 respostas)

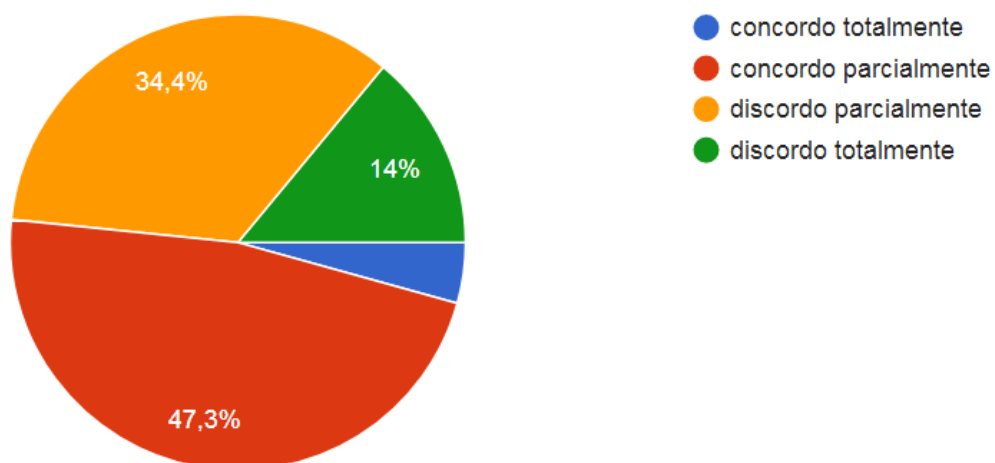


24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o português.
(94 respostas)

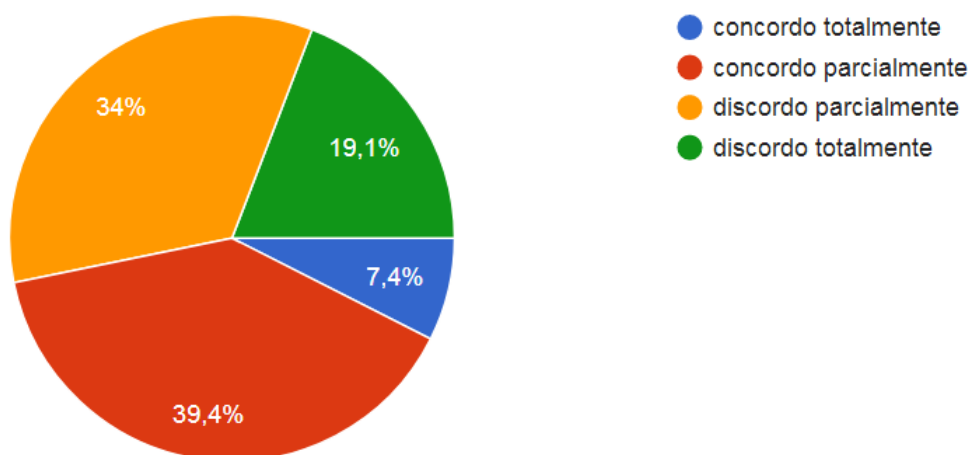


25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

(93 respostas)

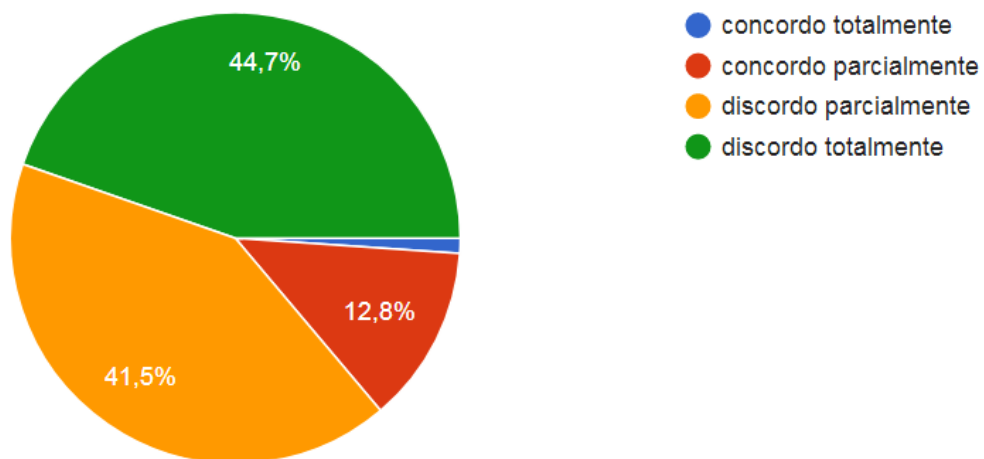
**26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.**

(94 respostas)

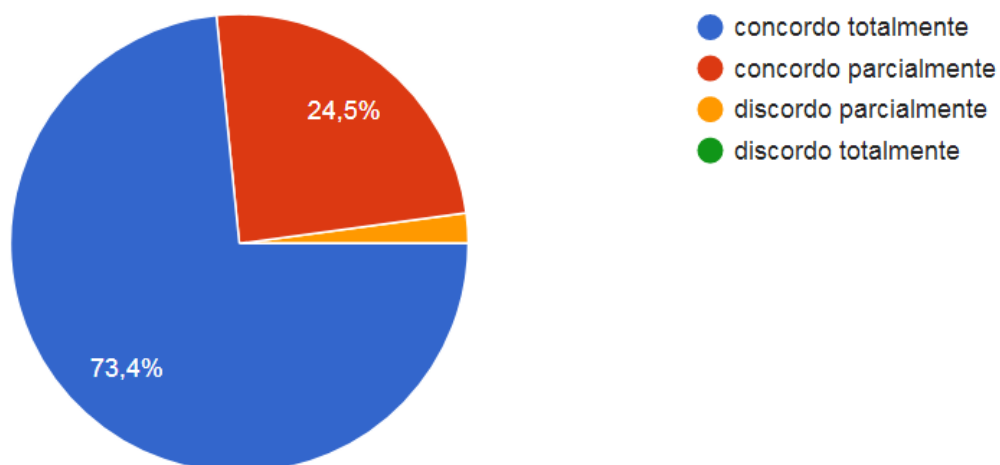


27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o guarani.

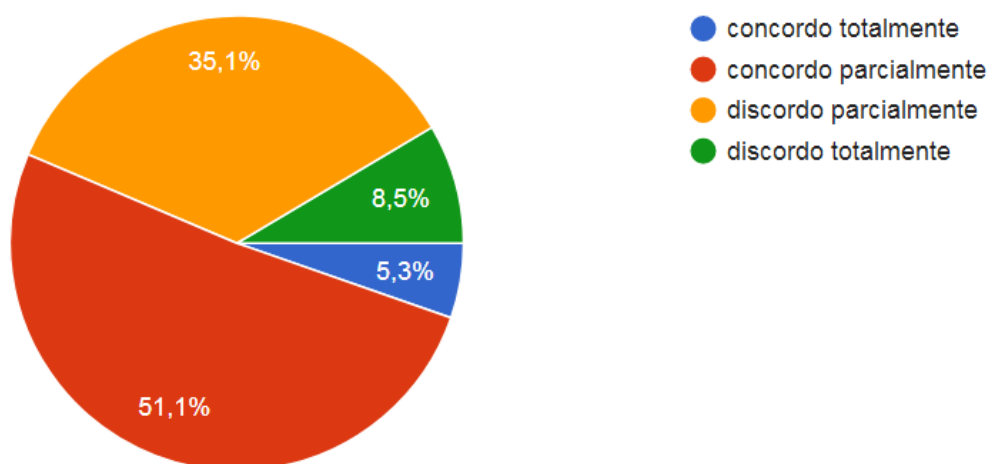
(94 respostas)

**28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o português.**

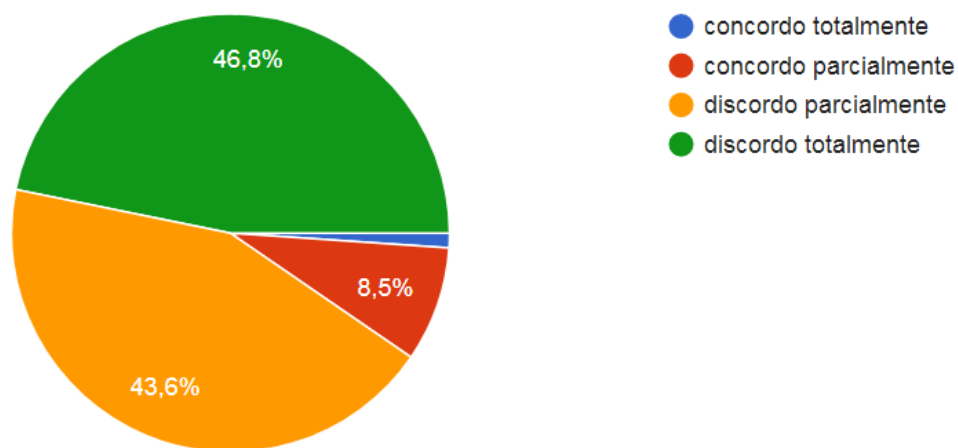
(94 respostas)



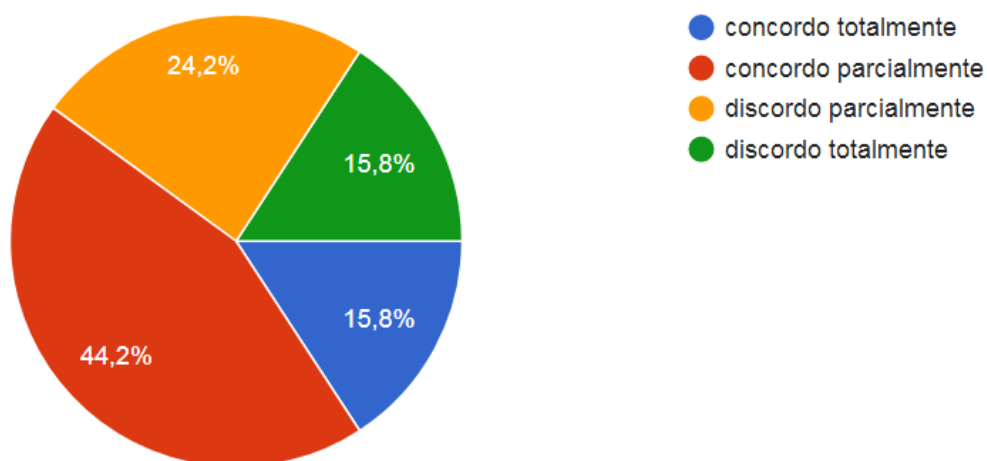
29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(94 respostas)



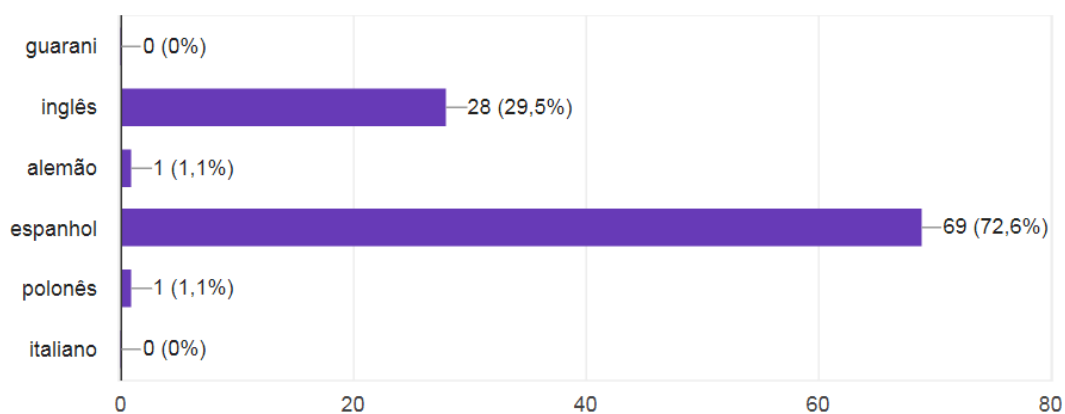
30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o guarani.
(94 respostas)



31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(95 respostas)

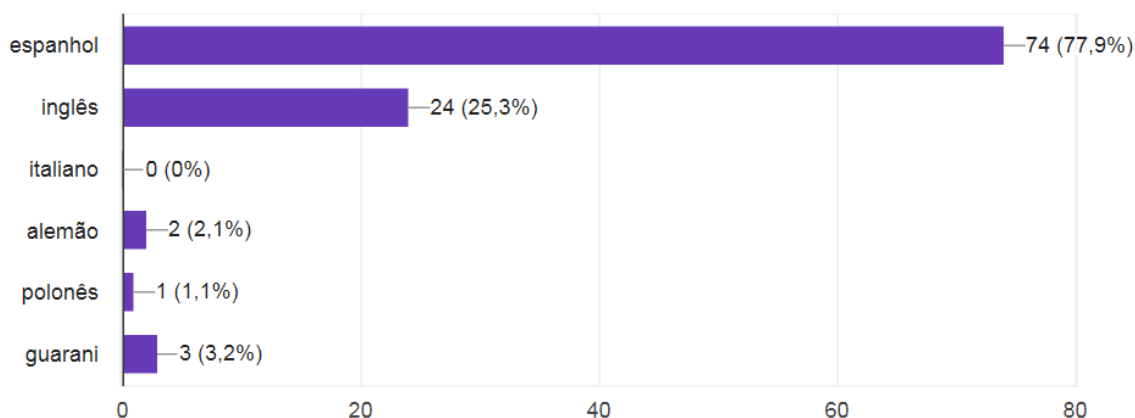


32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, a sua escola foi contemplada com uma conferência internacional sobre meio ambiente e ela será ministrada por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer a palestra?
(95 respostas)



33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

(95 respostas)



Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

(6 respostas)

Hoje em dia o inglês e o Espanhol são muito mais importante do que o Guarani e por esse motivo que nos colegios de Foz do Iguaçu não dão tanto espaço para o Guarani.

Acho que para melhorar nossos idiomas não devemos trocar um por outro, e sim acrescentar mais aulas orais e praticas e profissionais competentes e que sejam compreensivos! Obrigada!

Eu acho que o Brasil deveria investir mais na educação de línguas proporcionando multiplas escolhas como mandarim, ingles, italiano, frances, alemão e espanhol.

Eu acho que o Brasil deveria investir mais na educação de línguas, proporcionando multiplas escolhas e bolsas de estudo para fora do Brasil.

Hoje em dia o Espanhol e o inglês são as línguas mais praticadas, usadas na nossa cidade, por isso não faz tanta importância o Guarani etc.

Estou certo de que o inglês é uma língua essencial para ser estudada e aprendida.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).

(31 respostas)

xxxxxxxx@outlook.com 11-11111111 ou xxxxxxxxxx

xxxxxxxx @hotmail.com

xxxxxxxx @outlook.com ou facebook xxxxxxxx

xxxxxxxx @gmail.com

xxxxxxxx @gmail.com

11111111

xxxxxxxx @hotmail.com

11111111

facebook: xxxxxxxx

11111111

Facebook: xxxxxxxx

11111111 11111111

xxxxxxxx @hotmail.com 11111111

xxxxxxxx @gmail.com facebook: xxxxxxxx

xxxxxxxx @gmail.com

xxxxxxxx @outlook.com, xxxxxxxx

xxxxxxxx @hotmail.com

Muito obrigado

xxxxxxxx @hotmail.com

xxxxxxxx @hotmail.com

xxxxxxxx (facebook)

11111111

xxxxxxxx

11111111 facebook: xxxxxxxx

11111111 email: xxxxxxxx @hotmail.com

11111111 xxxxxxxx

facebook - xxxxxxxx, telefone - 11111111

11111111 e-mail: xxxxxxxx @gmail.com

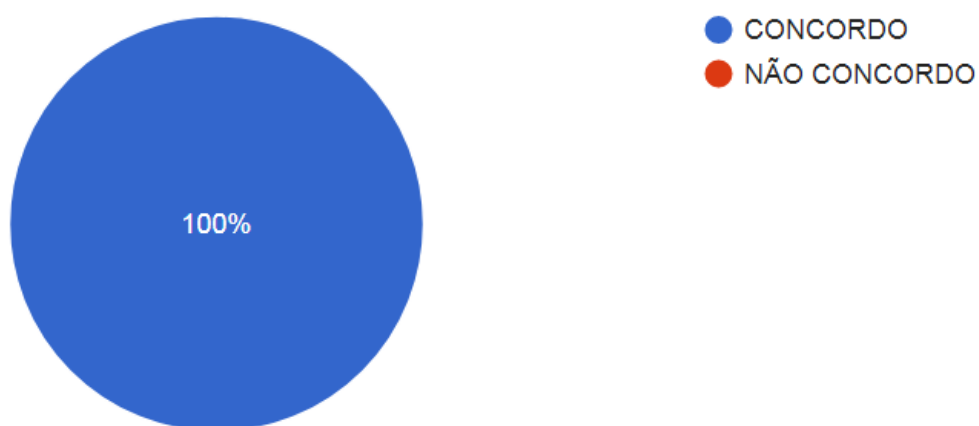
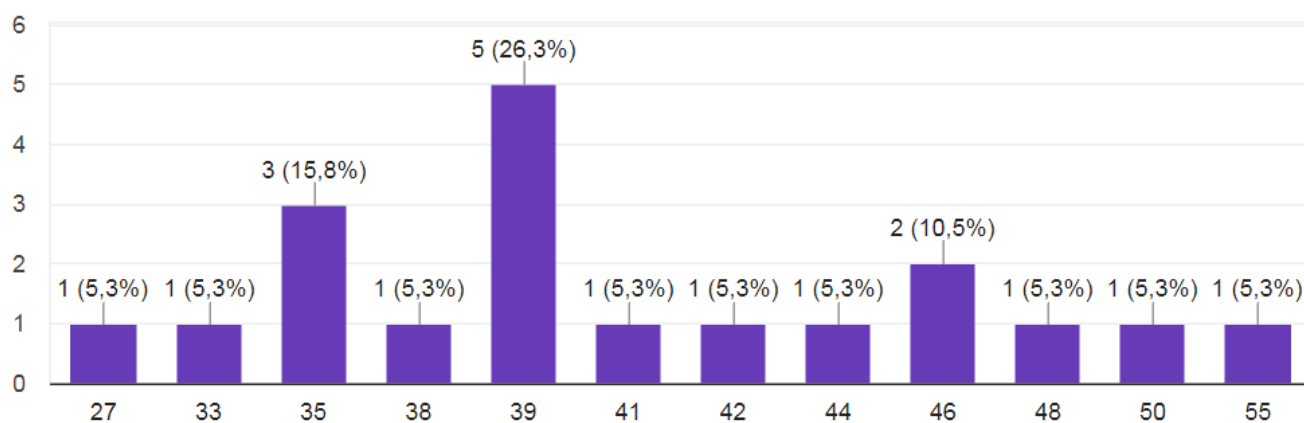
xxxxxxxx @hotmail.com

xxxxxxxx @hotmail.com

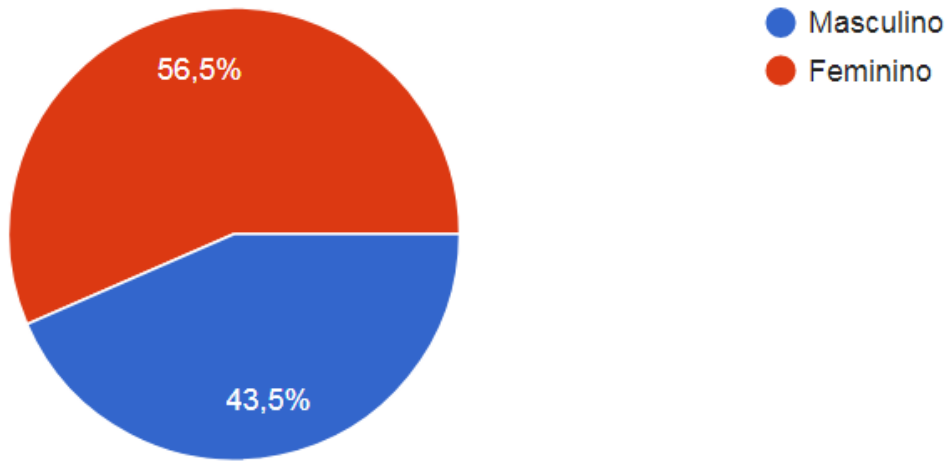
xxxxxxxx Facebook

Respostas de FOZ DO IGUAÇU – PAIS, PROFESSORES E GESTORES**Total: 23 participantes****Concorda em participar da pesquisa?**

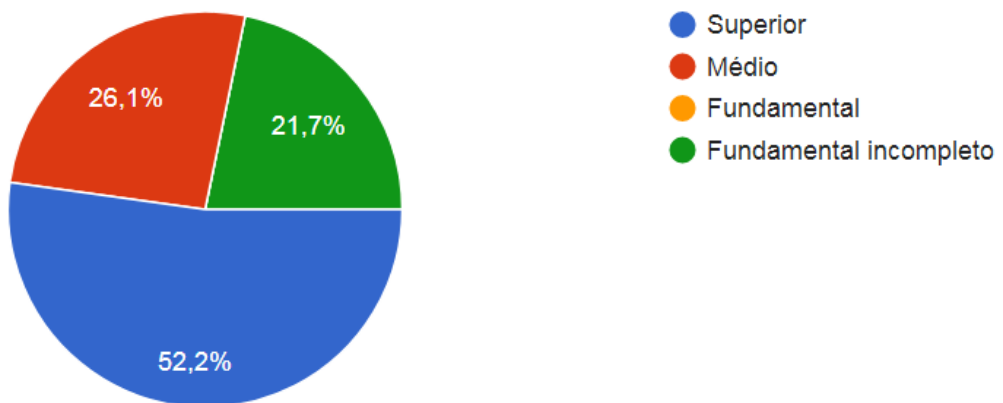
(23 respostas)

**IDADE**
(19 respostas)

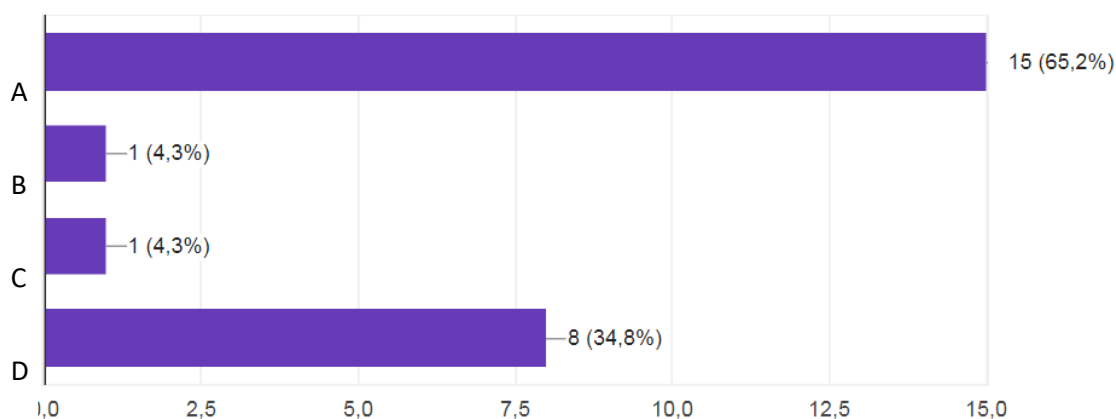
SEXO
(23 respostas)



FORMAÇÃO
(23 respostas)



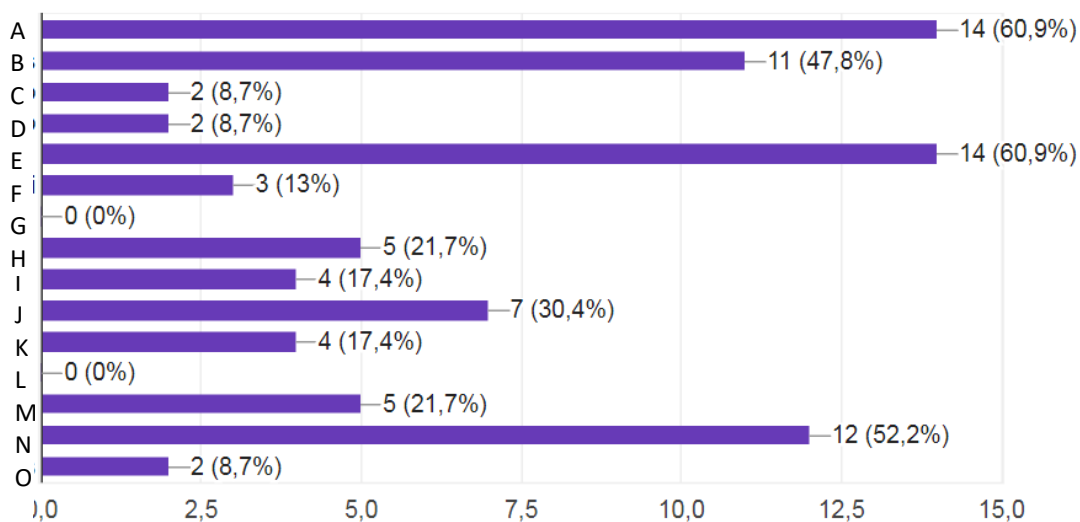
PÚBLICO
(23 respostas)



A – Pai ou mãe de aluno/a
B – Diretor/a de escola

C – Professor/a de espanhol
D – Professor/a de outra disciplina

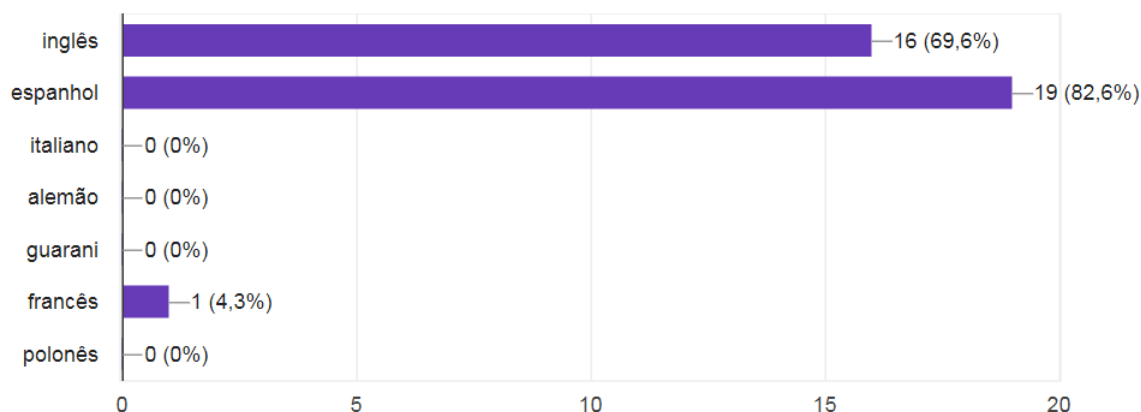
1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção por coluna.
(23 respostas)



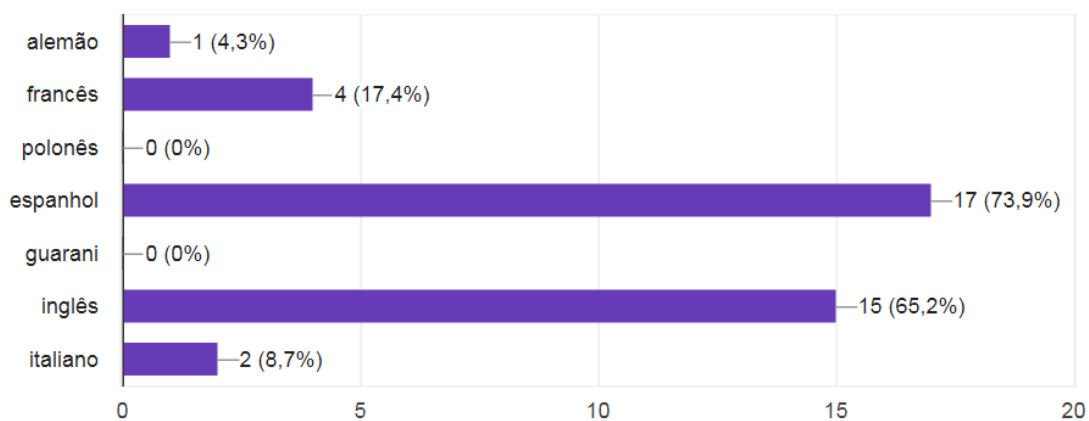
A – Conhece espanhol
B – Conhece inglês
C – Conhece italiano
D – Conhece alemão
E – Conhece português
F – Conhece guarani
G – Conhece polonês
H – Gostaria de conhecer alemão

I – Gostaria de conhecer guarani
J – Gostaria de conhecer italiano
K – Gostaria de conhecer espanhol
L – Gostaria de conhecer polonês
M – Gostaria de conhecer inglês
N – Gostaria de conhecer francês
O – Conhece francês

2. Na sua opinião, no Paraná, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(23 respostas)

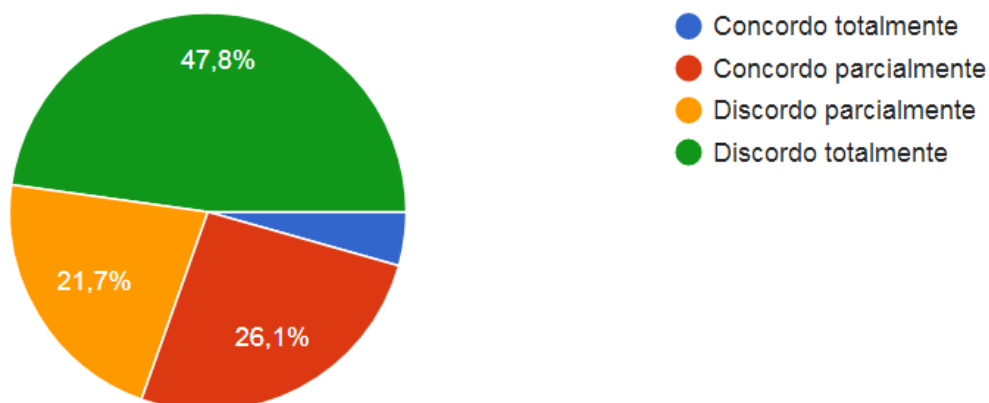


3. Na sua opinião, no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(23 respostas)



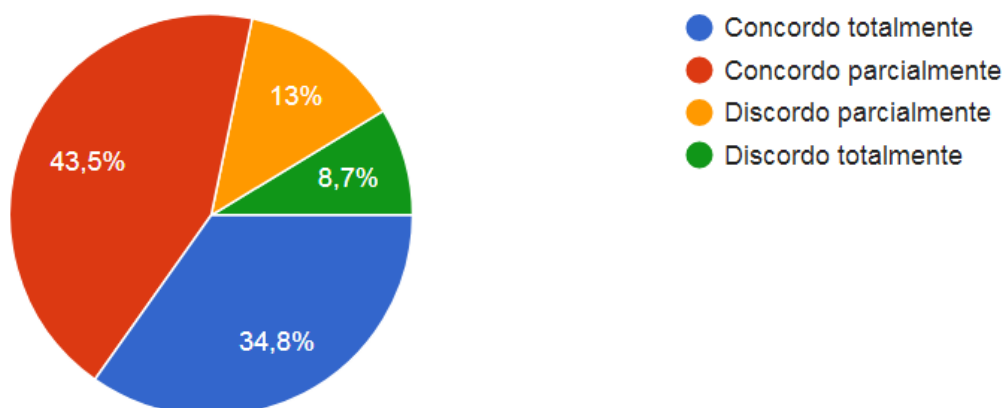
4. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(23 respostas)



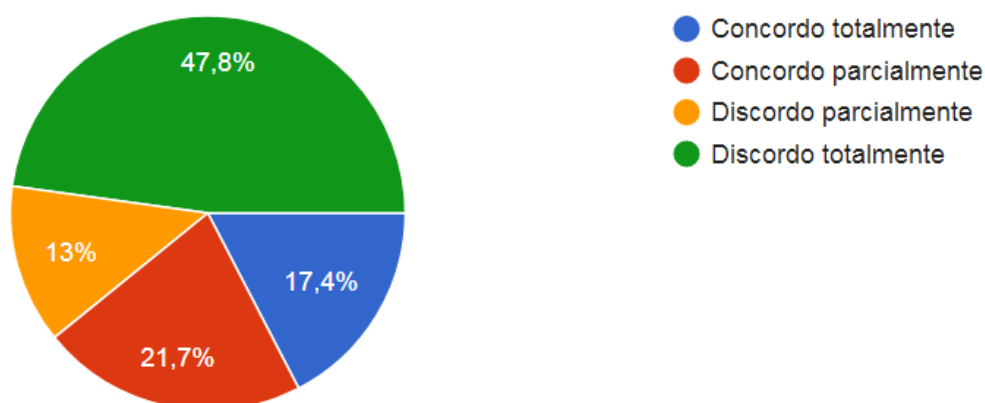
5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(23 respostas)



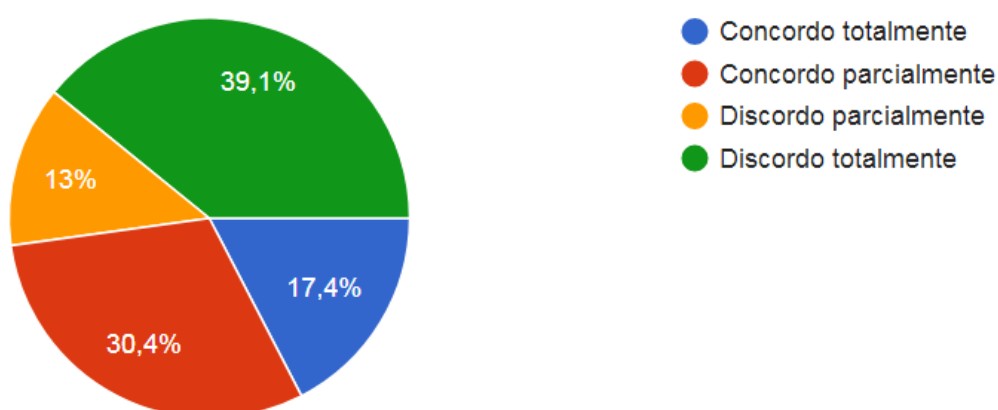
6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(23 respostas)



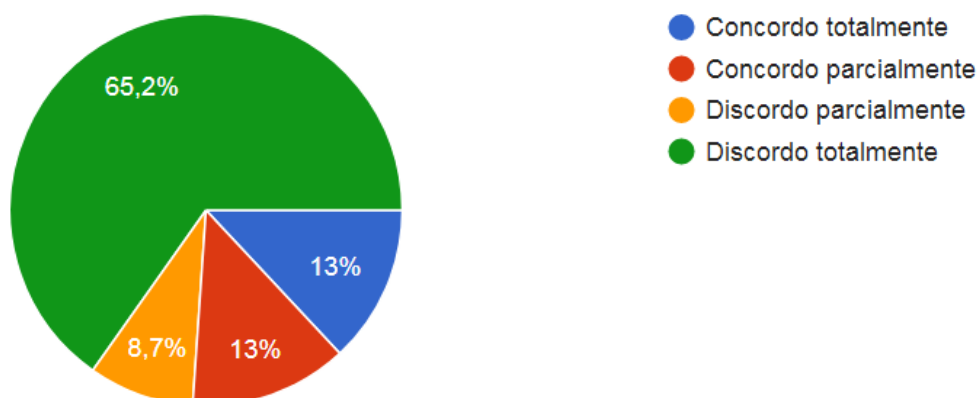
7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(23 respostas)



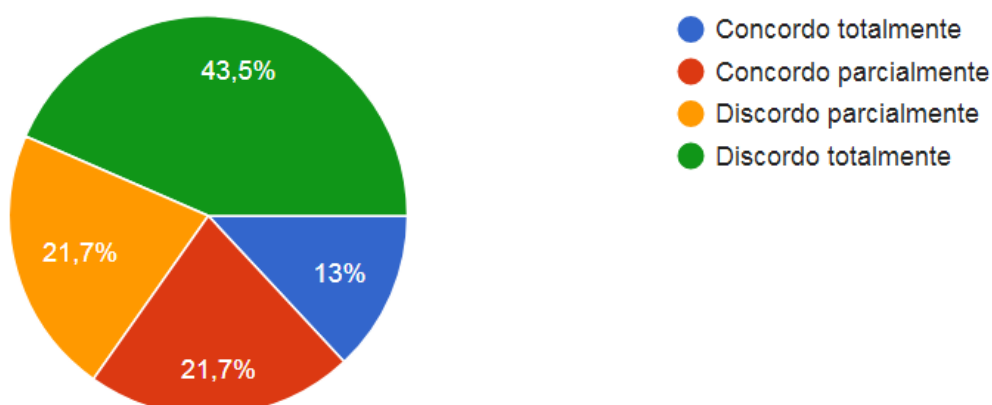
8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(23 respostas)



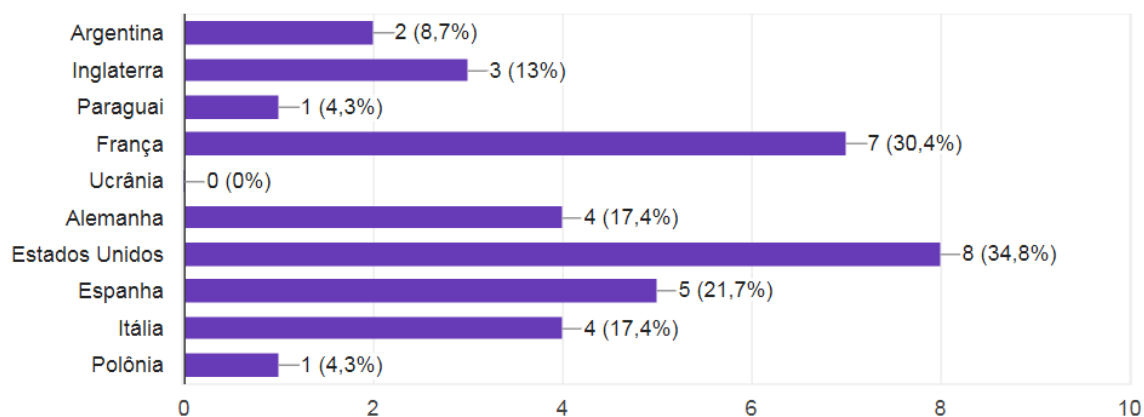
9. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(23 respostas)



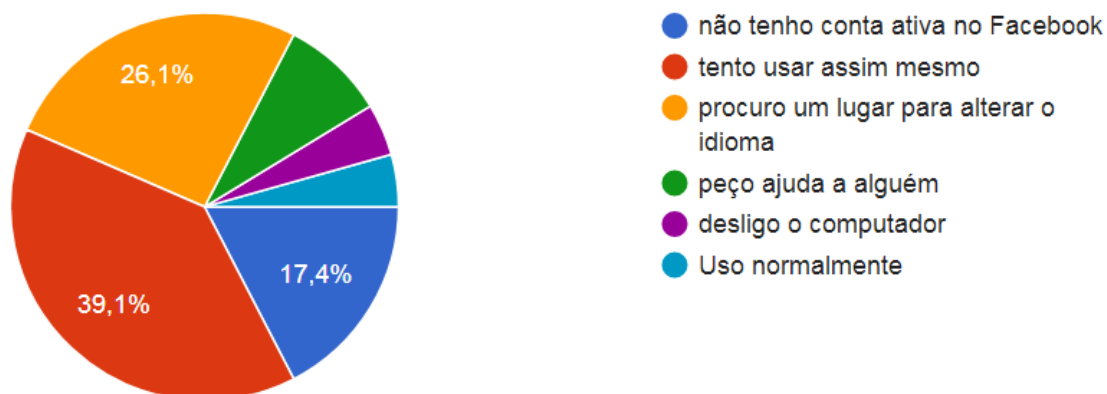
10. Se você ganhasse uma bolsa de estudos para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

(23 respostas)

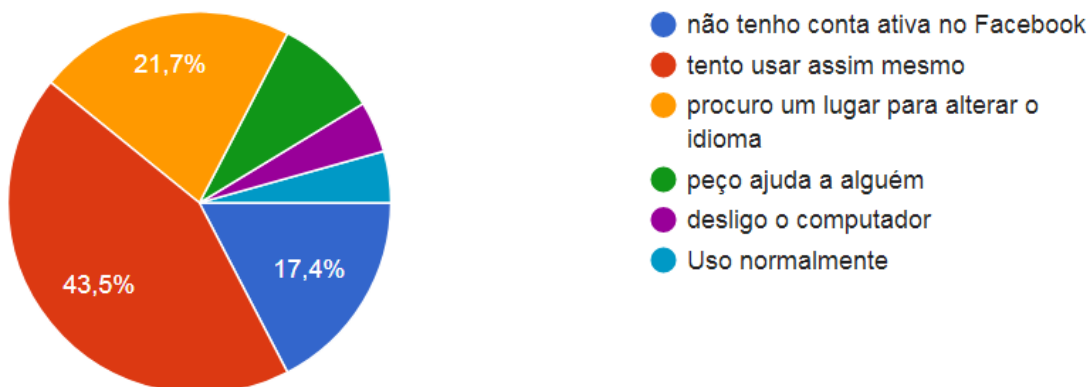


11. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(23 respostas)



12. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em espanhol. Qual a sua atitude diante dessa situação?
(23 respostas)

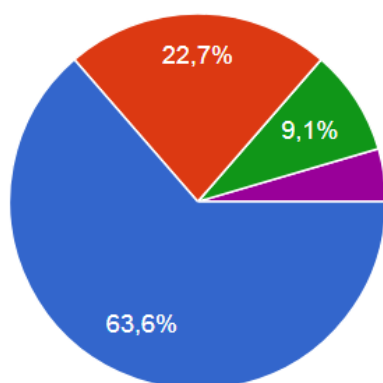


13. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?
(23 respostas)



14. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

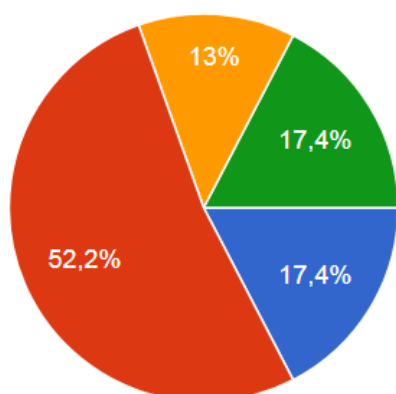
(22 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão
- Assisto normalmente

15. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?

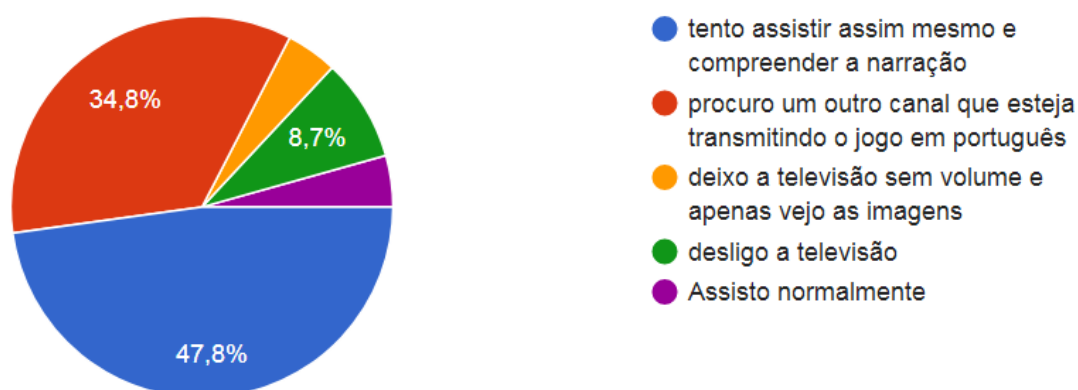
(23 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

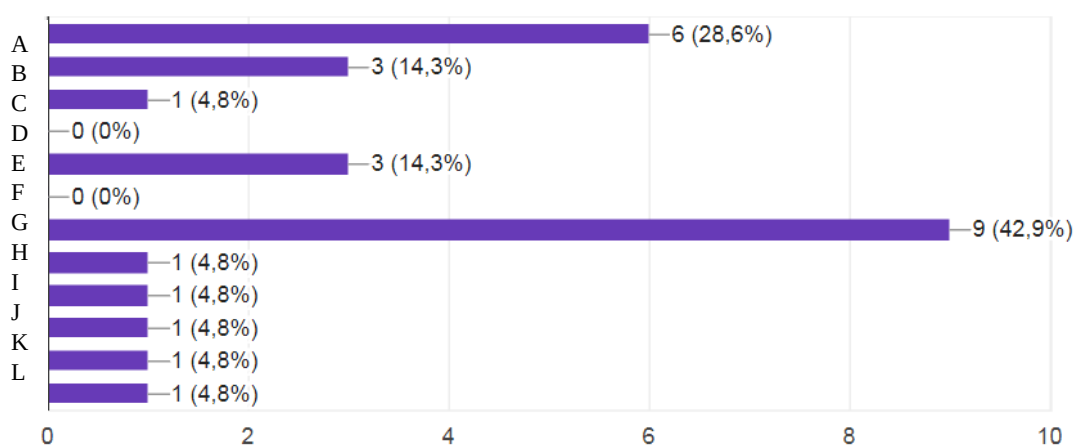
16. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(23 respostas)



17. Onde você vê o guarani escrito ou falado?

(21 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

H – Costumo ir ao Paraguai

I – Falado: quando vou ao Paraguai

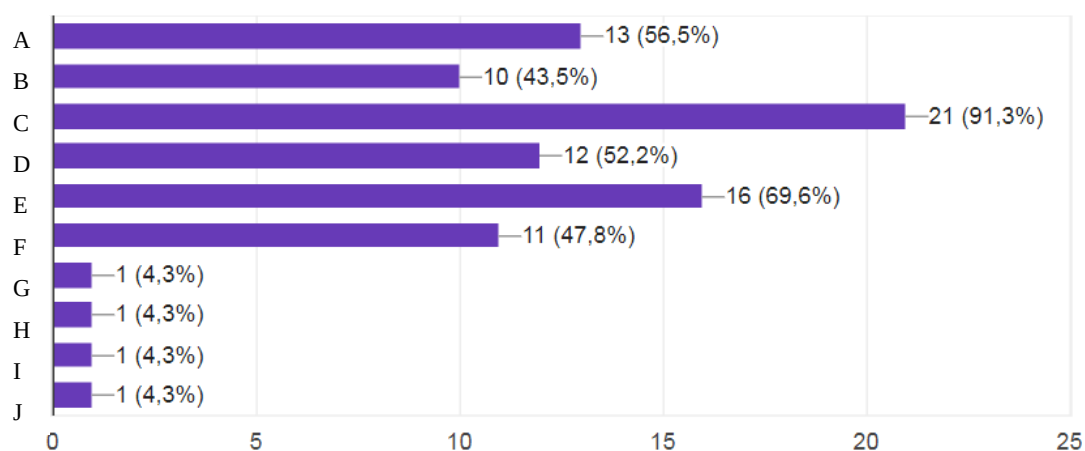
J – Quando vou ao Paraguai

K – Cidade Del Este

L – No Paraguai

18. Onde você vê a língua inglesa escrita ou falada?

(23 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

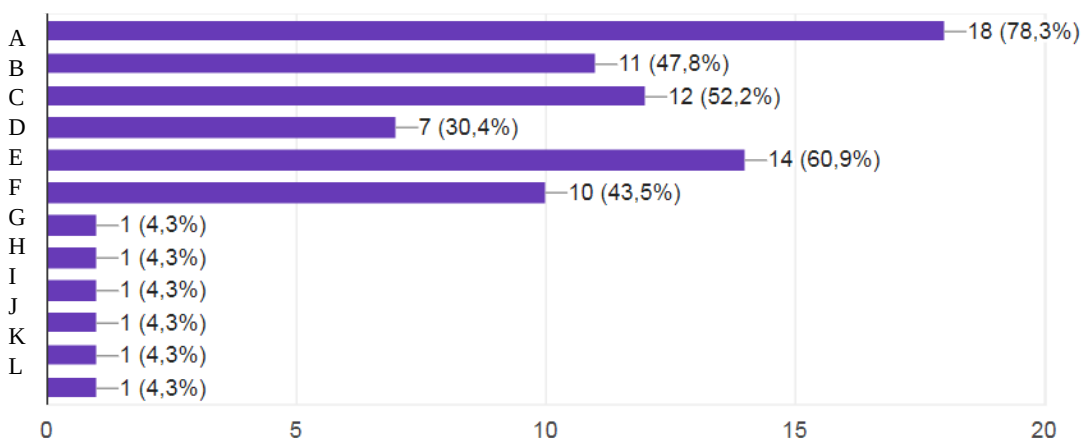
H – Artigos científicos e redes sociais

I – Placas da cidade

J – Em casa

19. Onde você vê a língua espanhola escrita ou falada?

(23 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

H – Artigos científicos e redes sociais

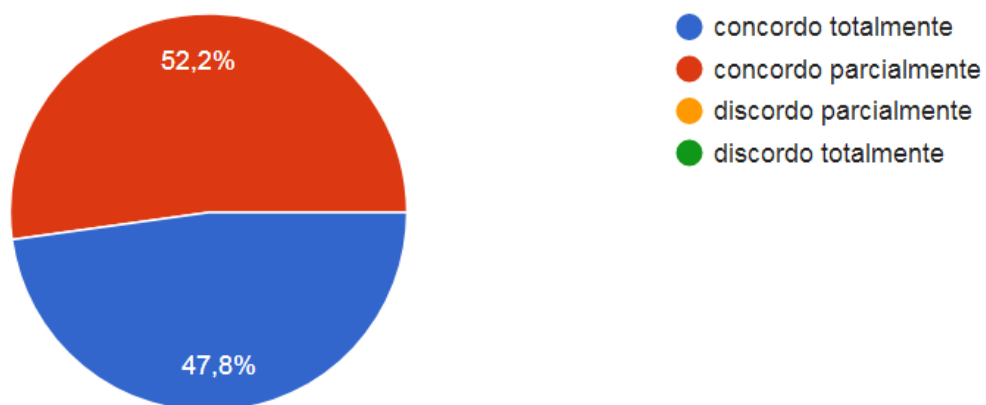
I – Placas da cidade

J – Em Foz do Iguaçu e Tríplice Fronteira

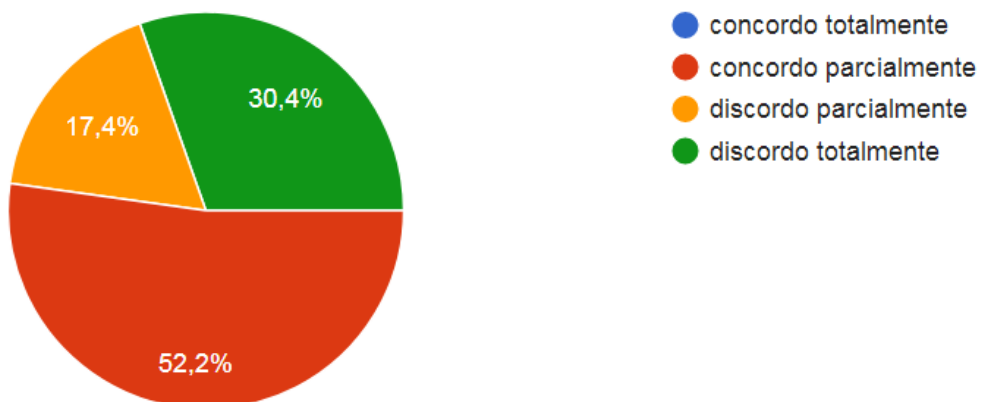
K – Nas ruas, Paraguay

L – Na Argentina e Paraguai

20. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o português.
(23 respostas)

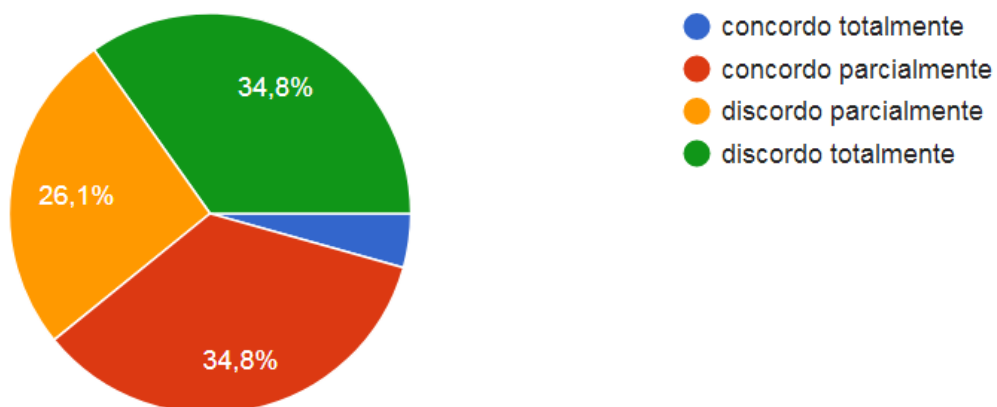


21. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(23 respostas)



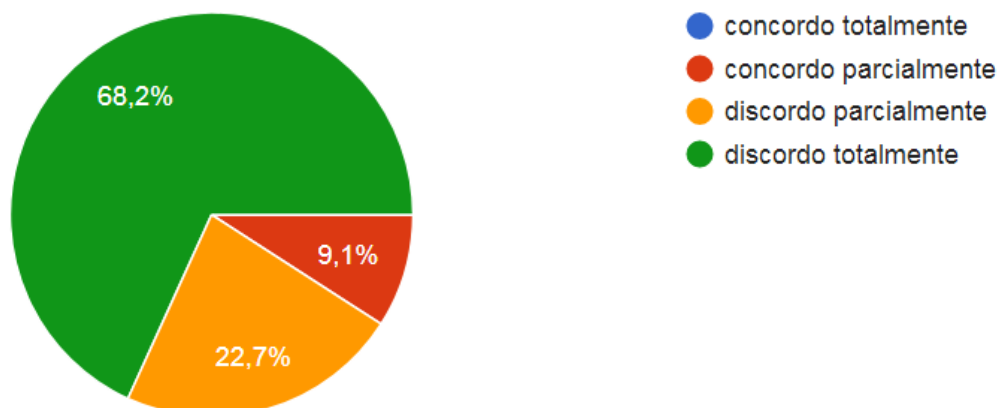
22. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(23 respostas)



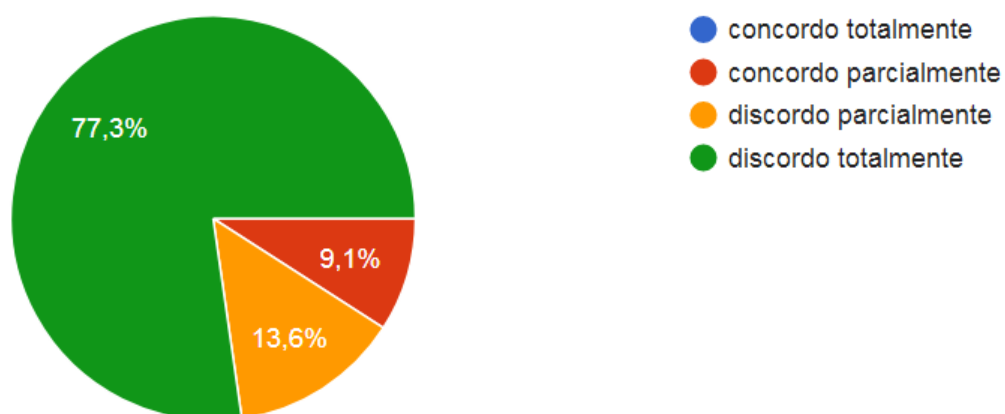
23. Em Foz do Iguaçu, a língua que tem maior prestígio é o guarani.

(22 respostas)



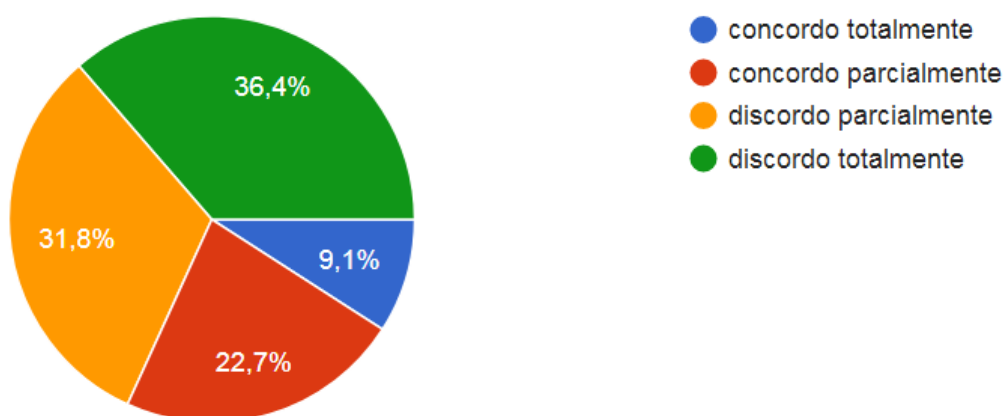
24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o guarani.

(22 respostas)



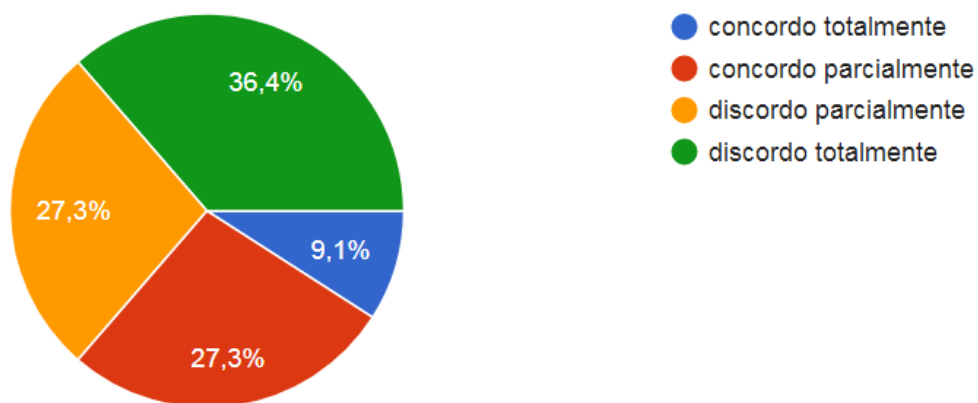
25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(22 respostas)



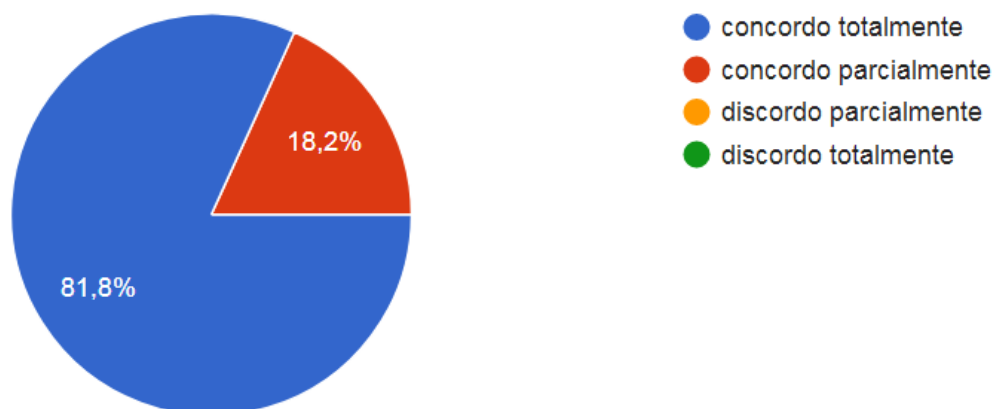
26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

(22 respostas)



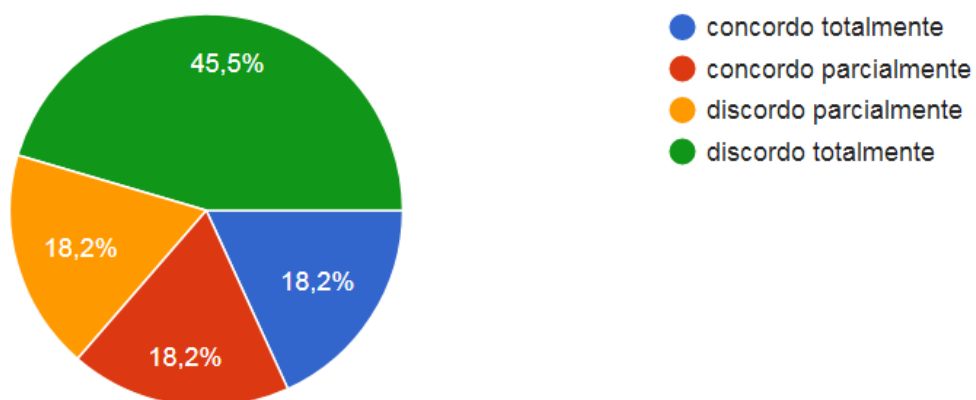
27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o português.

(22 respostas)



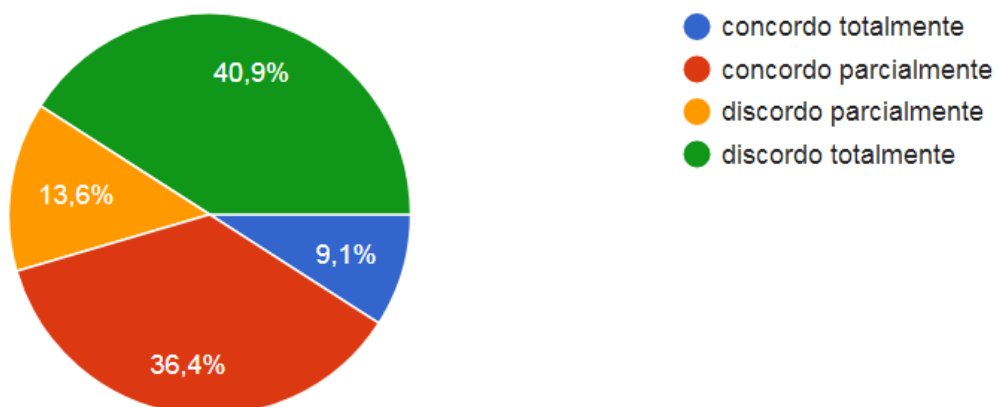
28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(22 respostas)



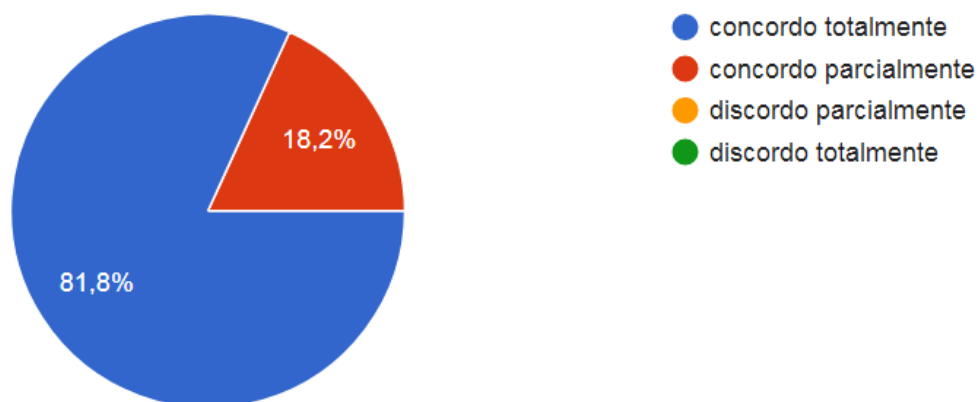
29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

(22 respostas)



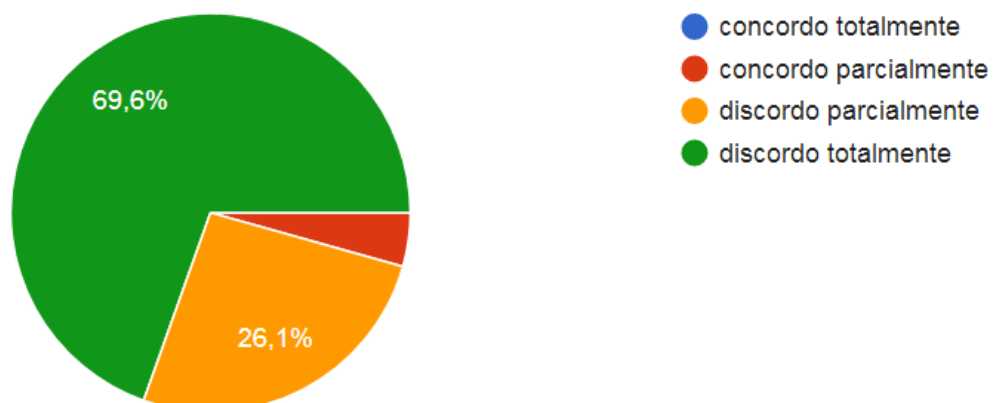
30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o português.

(22 respostas)



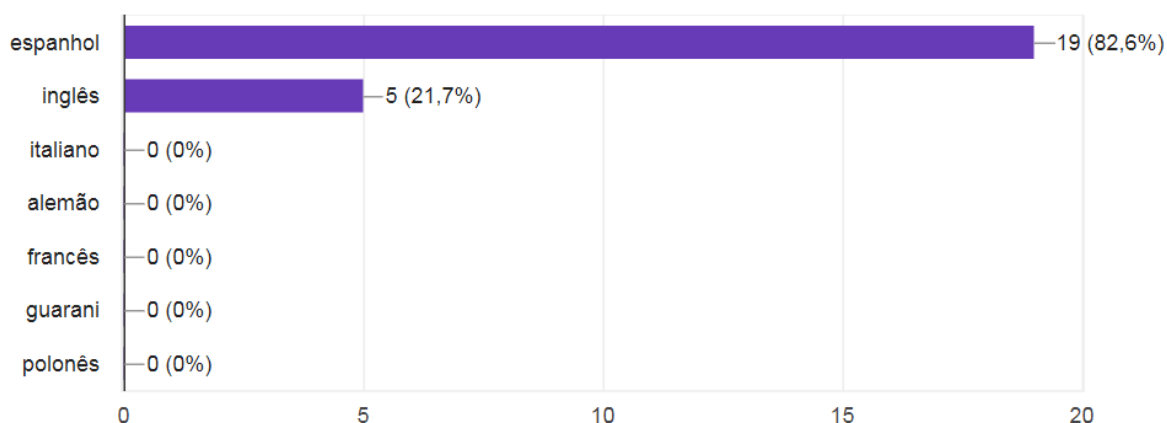
31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o guarani.

(23 respostas)



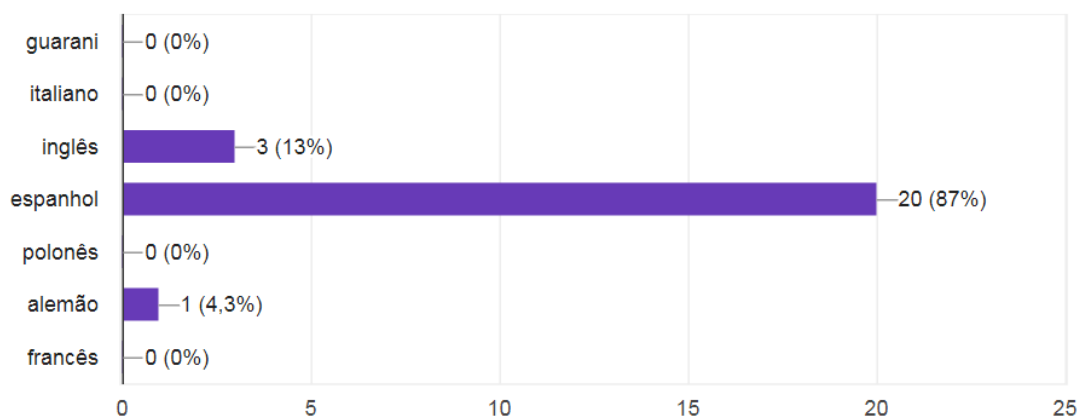
32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

(23 respostas)



33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

(23 respostas)



Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.
(4 respostas)

Sobre o prestígio dos idiomas citados: o português mostra-se distintivo tanto da classe social quanto do nível de instrução de um brasileiro. A internet possibilitou que muitos conseguissem comunicar-se em um idioma estrangeiro mesmo sem conhecer seus fundamentos, mas o nível de domínio do idioma português costuma limitar os contextos nos quais a comunicação em idioma estrangeiro será possível.

Sabe-se que o guarani em nossa região deveria ser muito mais utilizado, mas percebo que poucos ainda o utilizam.

Em uma tríplice fronteira e por ser uma cidade turística fica difícil escolher uma determinada língua, em todos os espaços turísticos e hotéis, ouve-se vários idiomas sendo necessários o conhecimento de novas línguas principalmente o Guarani.

A língua Inglesa é a mais falada no mundo, depois vem o Espanhol. por isso é interessante que além do Português, seja ensinado essas duas línguas. No Paraguai fala-se Espanhol misturado com guarani e na Argentina fala-se o Espanhol com dialeto Castelhana.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).
(8 respostas)

xxxxxxxxx@gmail.com

xxxxxxxxx @gmail.com

xxxxxxxxx @hotmail.com

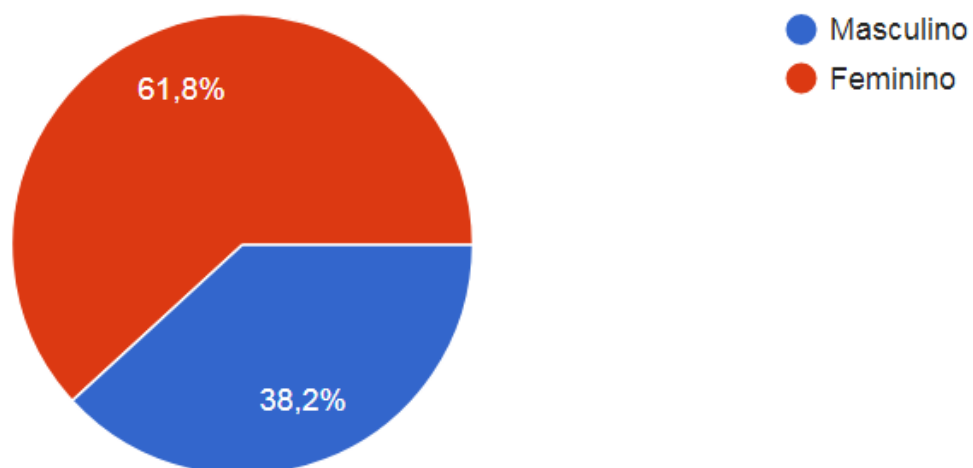
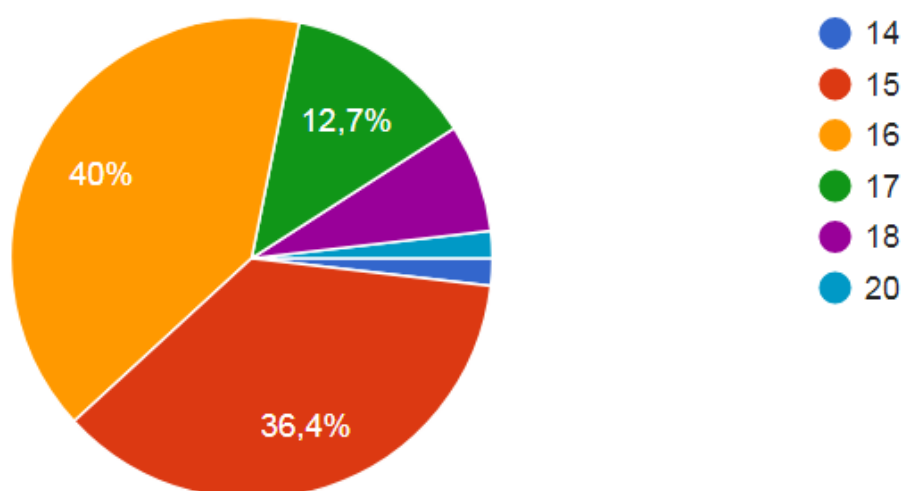
xxxxxxxxx @yahoo.com.br

xxxxxxxxx @hotmail.com

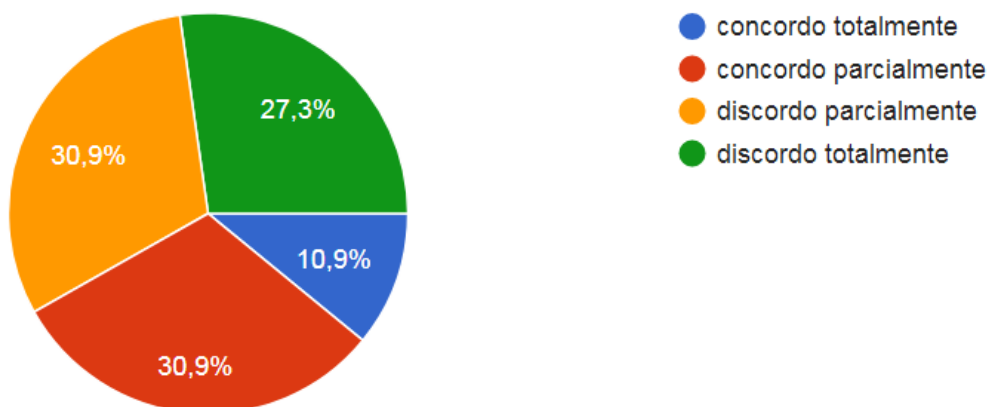
xxxxxxxxx @hotmail.com

xxxxxxxxx @hotmail.com ou 1111-1111 whats.

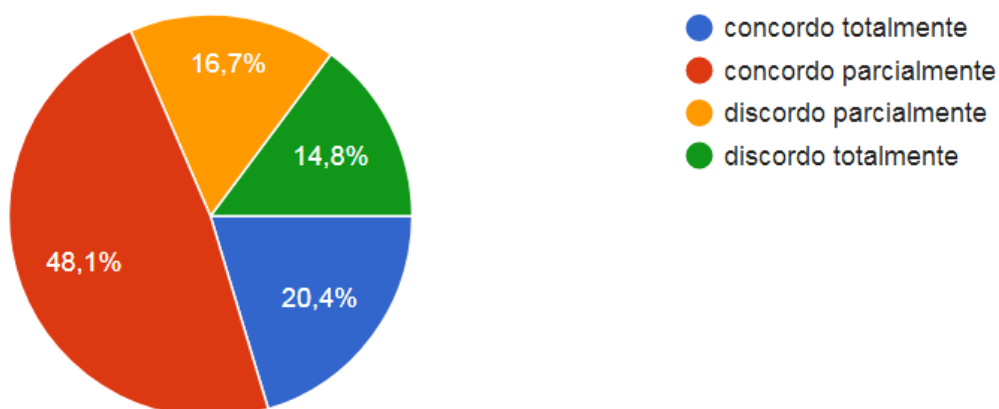
(11)-1111-1111 Qual é o sentido da pesquisa?

Respostas de IRATI – ALUNOS**Total: 55 participantes****SEXO**
(55 respostas)**IDADE**
(55 respostas)

1. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Irati por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?
(55 respostas)

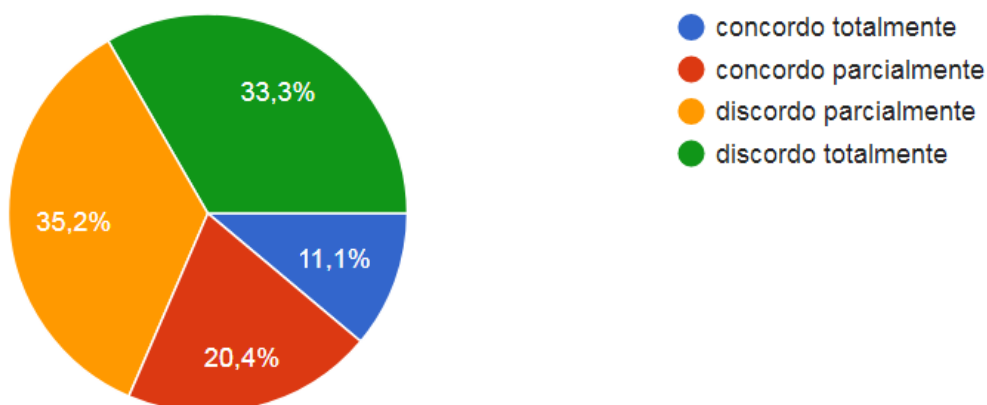


2. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Irati por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?
(54 respostas)



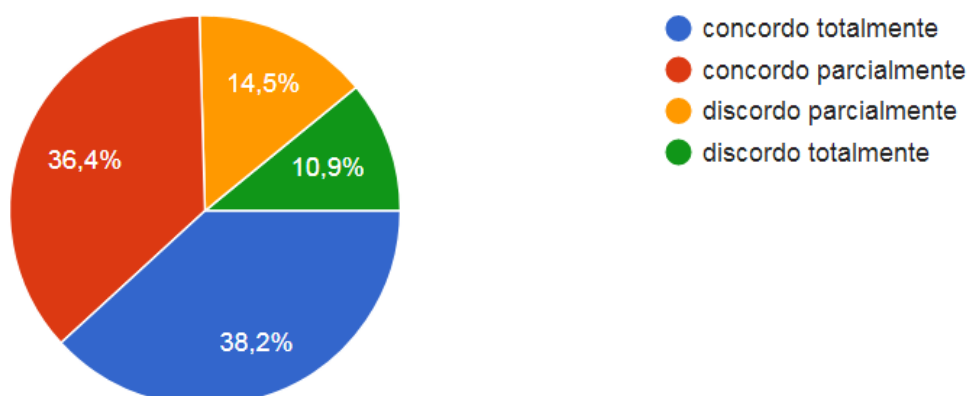
3. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas de Irati por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(54 respostas)



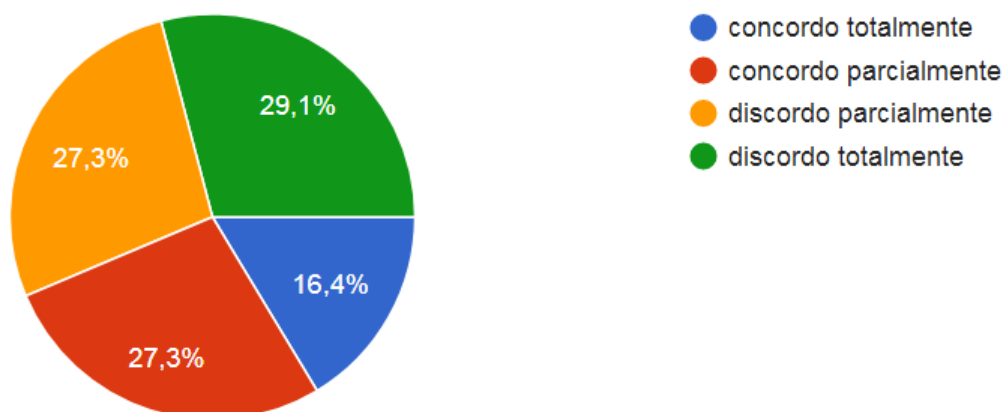
4. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Irati por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(55 respostas)



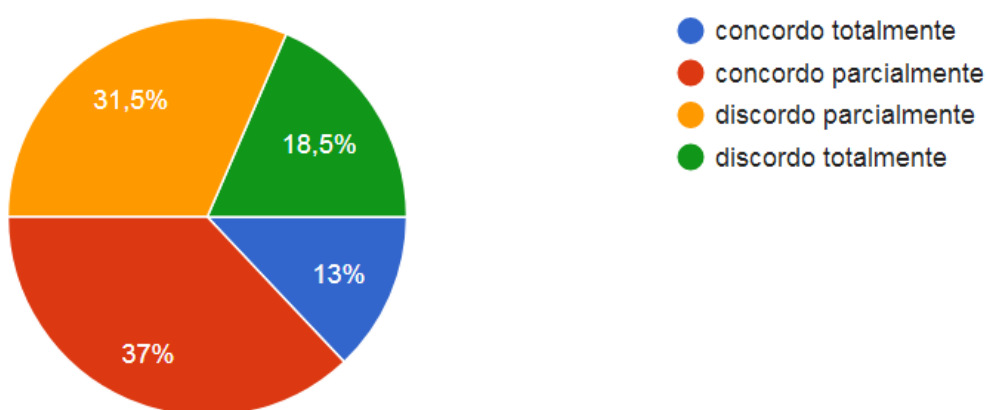
5. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Irati por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(55 respostas)



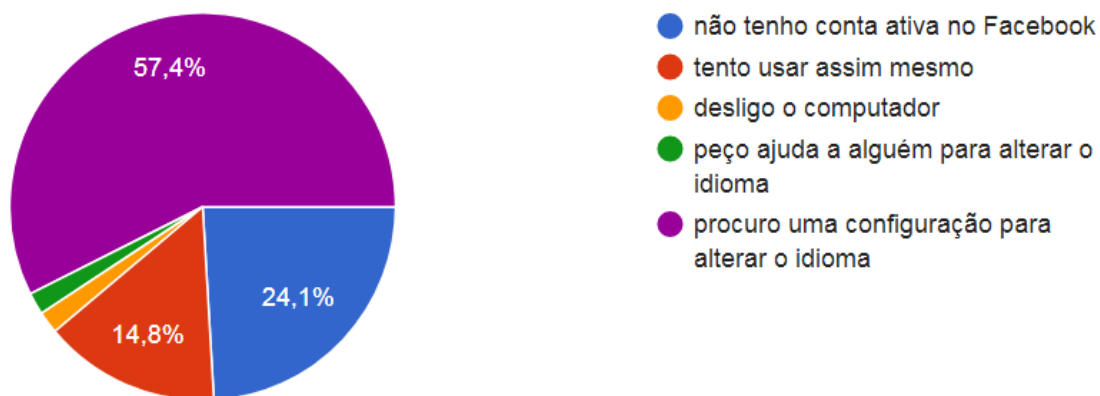
6. Imagine a seguinte situação: o/a diretor/a da sua escola ou o/a chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas de Irati por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(54 respostas)



7. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(54 respostas)



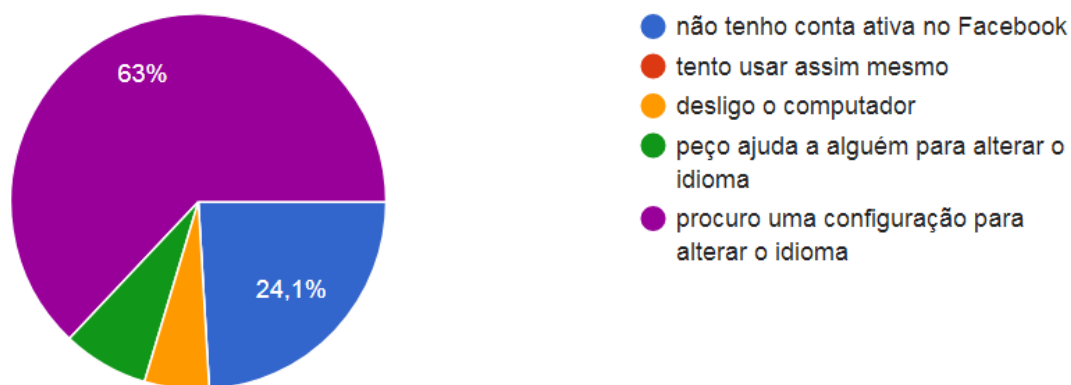
8. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em espanhol. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(54 respostas)



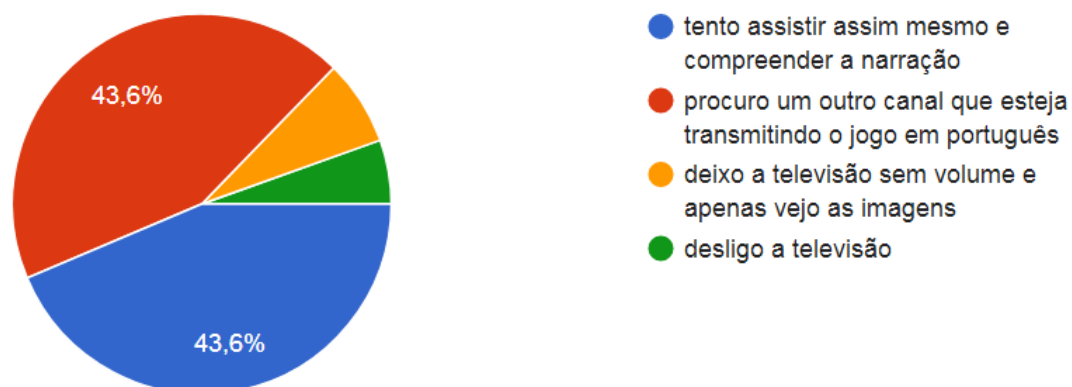
9. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em ucraniano. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(54 respostas)



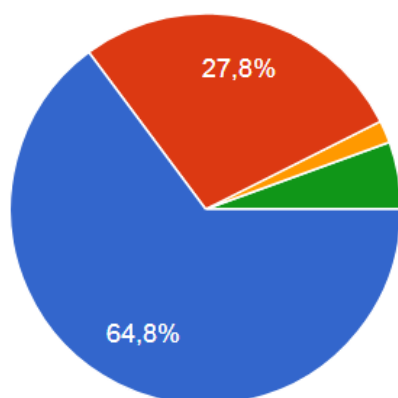
10. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(55 respostas)



11. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

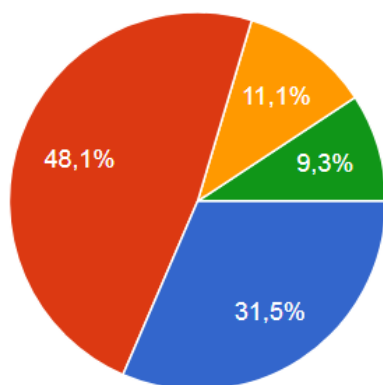
(54 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

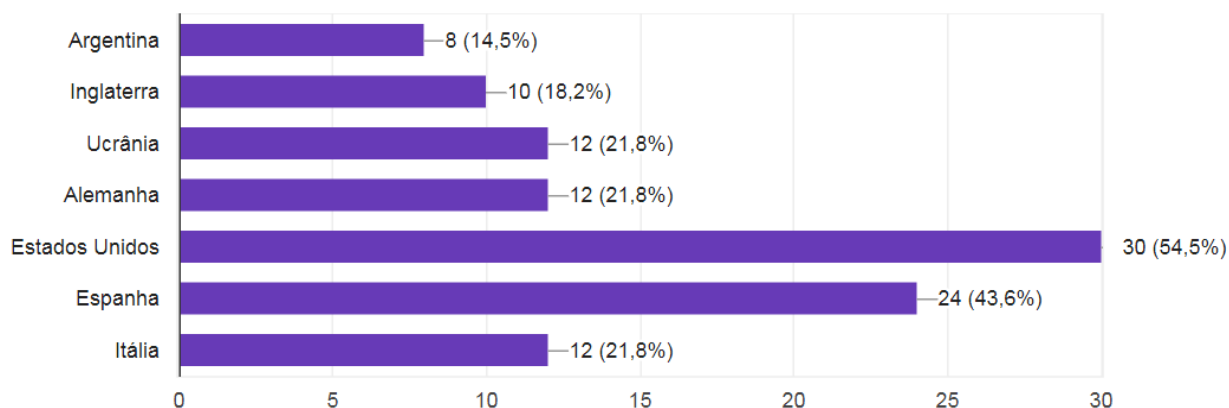
12. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua ucraniana. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(54 respostas)

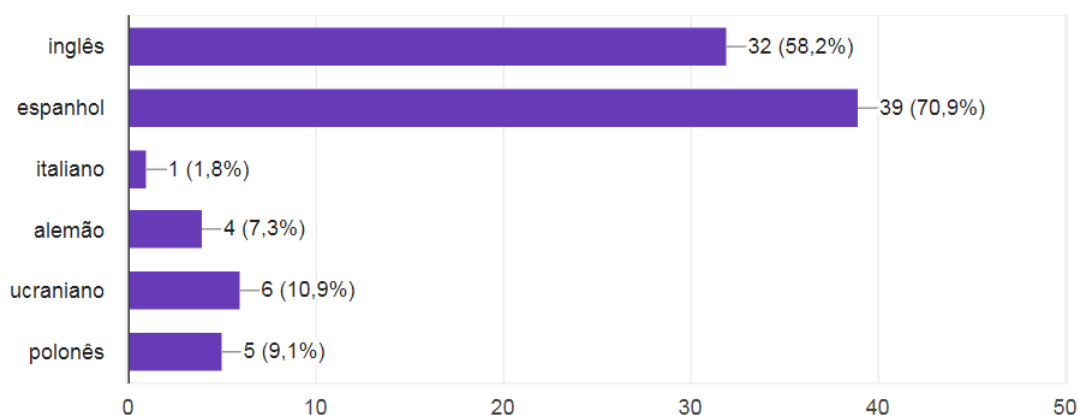


- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

13. Se a tua escola te oferecesse uma bolsa de estudos com as despesas todas pagas para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?
(55 respostas)

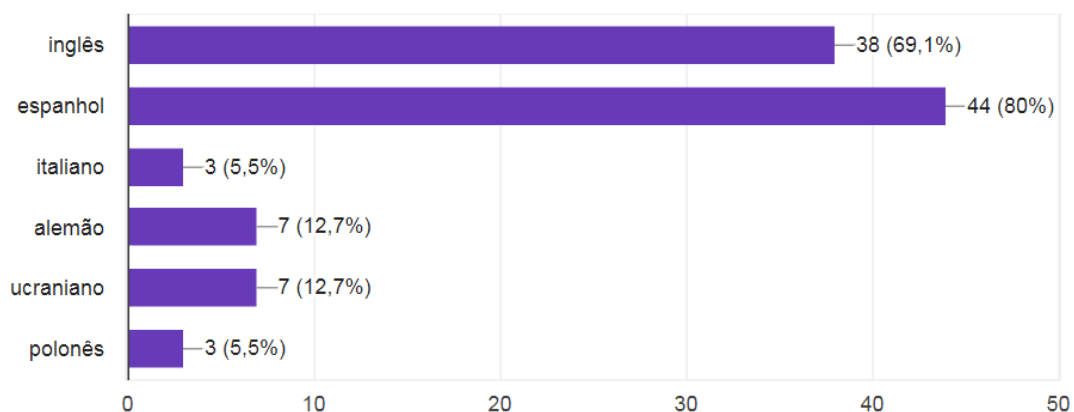


14. Na sua opinião, aqui em Irati, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(55 respostas)



15. Na sua opinião, aqui no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

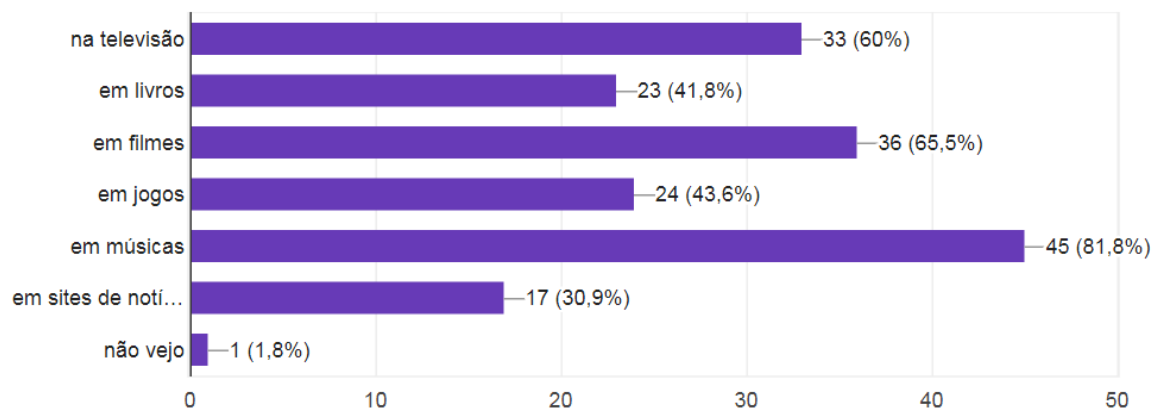
(55 respostas)



16. Onde você vê a língua inglesa escrita ou falada?

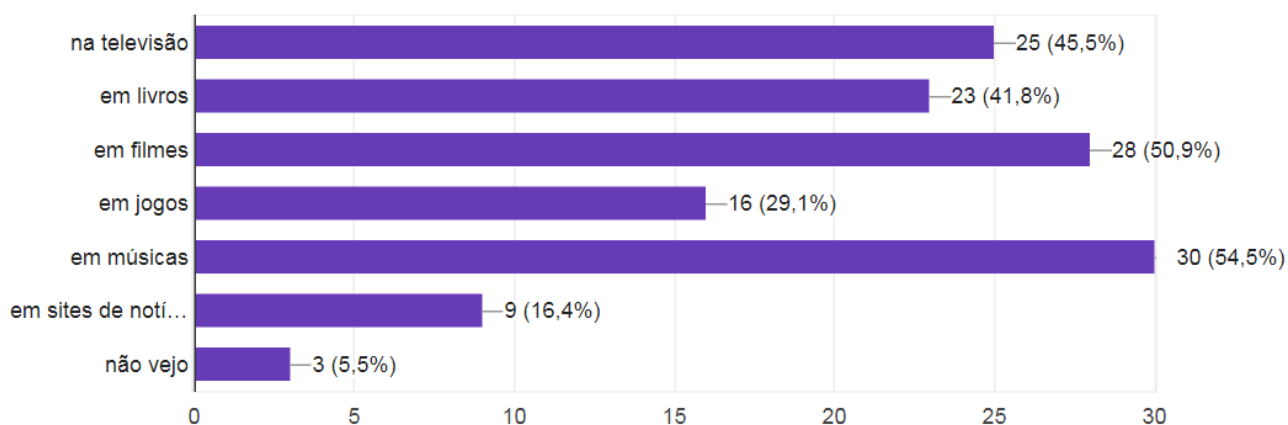
(55 respostas)

*em sites de notícias



17. Onde você vê a língua espanhola escrita ou falada?

(55 respostas)

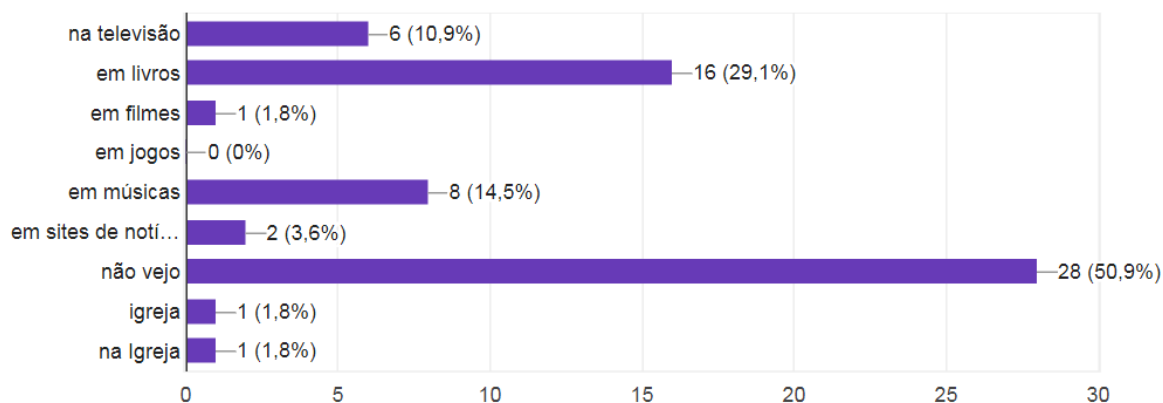


*em sites de notícias

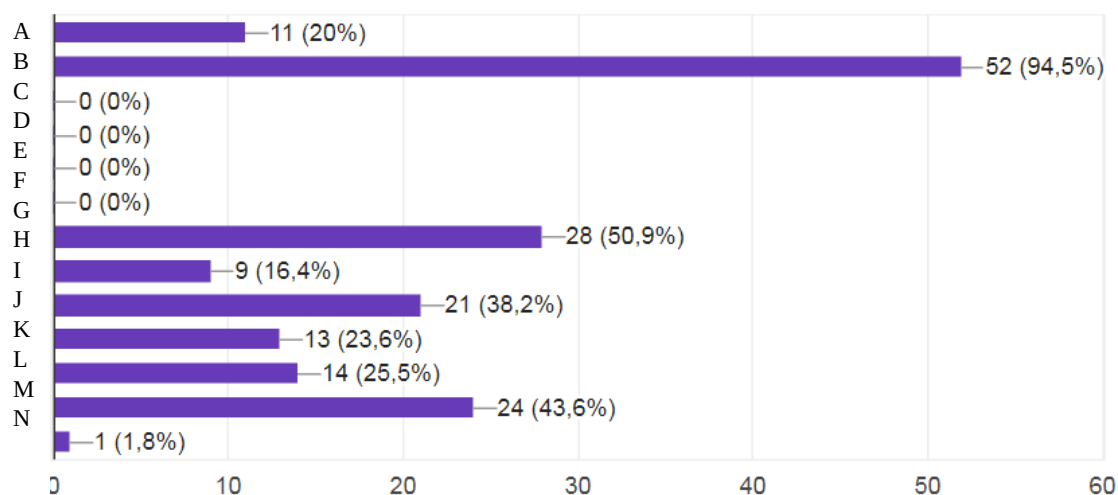
18. Onde você vê a língua ucraniana escrita ou falada?

(55 respostas)

*em sites de notícias



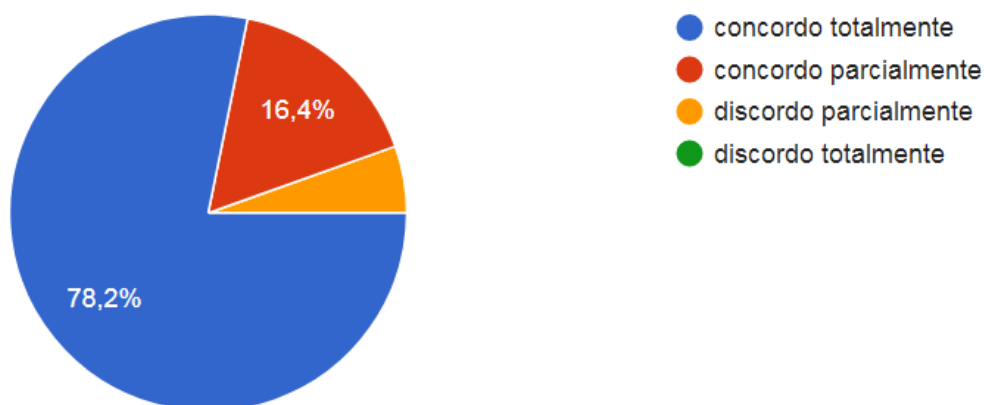
19. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você estuda atualmente na sua escola e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de estudar que não tem aqui na escola?
(55 respostas)



A – Estuda inglês
B – Estuda espanhol
C – Estuda italiano
D – Estuda alemão
E – Estuda polonês
F – Estuda ucraniano
G – Gostaria de estudar inglês

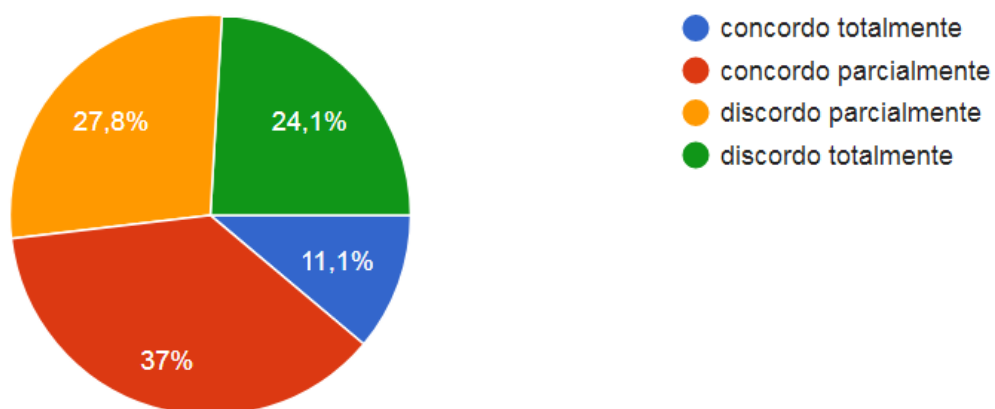
H – Gostaria de estudar espanhol
I – Gostaria de estudar italiano
J – Gostaria de estudar alemão
K – Gostaria de estudar polonês
L – Gostaria de estudar ucraniano
M – Nenhuma

20. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o português.
(55 respostas)

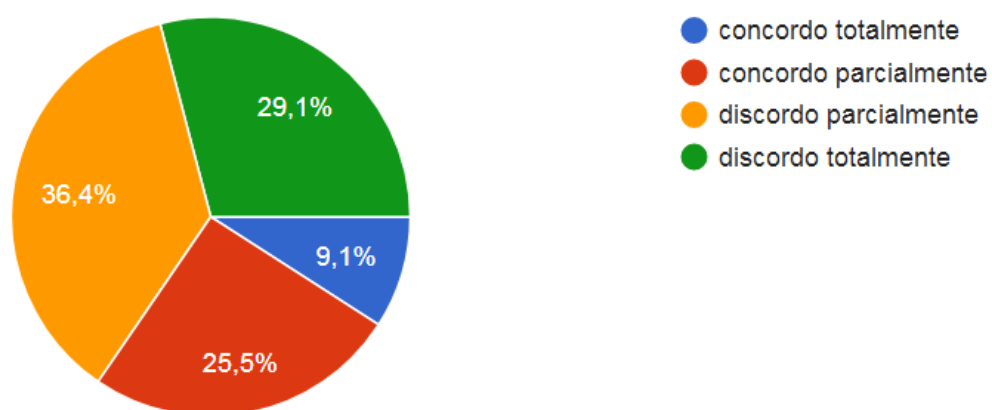


21. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(54 respostas)

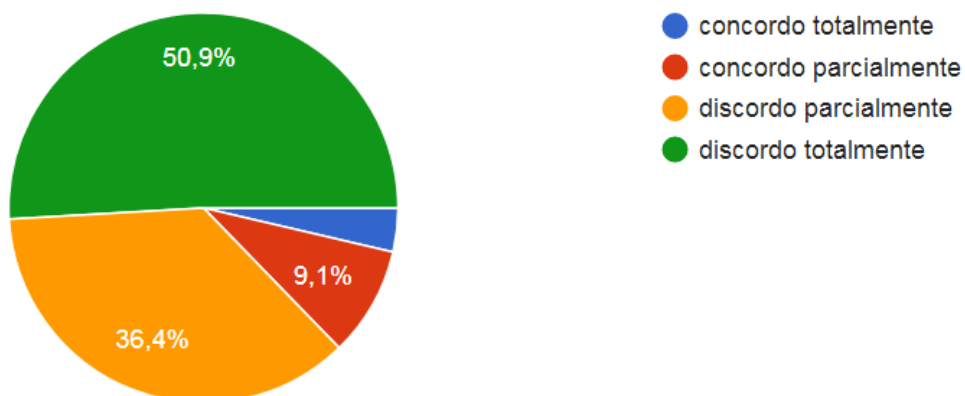
**22. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.**

(55 respostas)



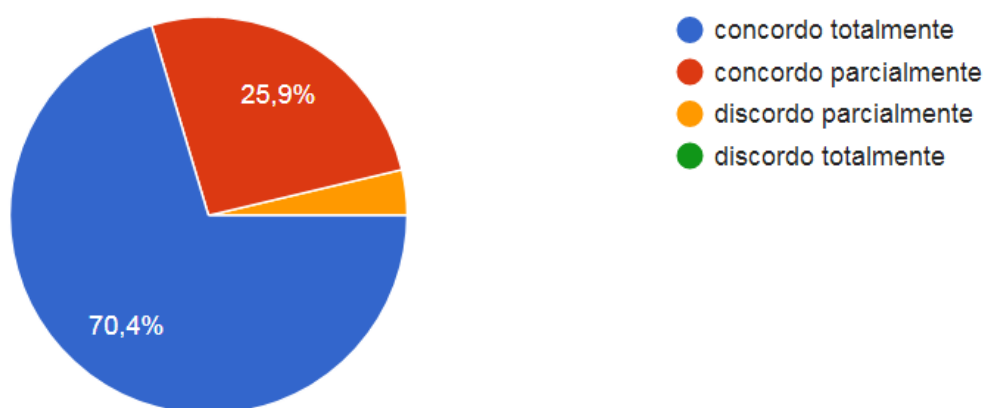
23. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

(55 respostas)



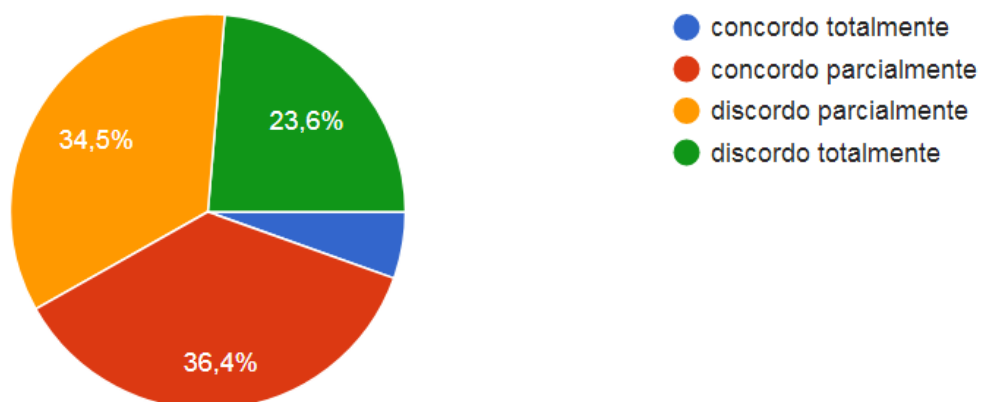
24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o português.

(54 respostas)

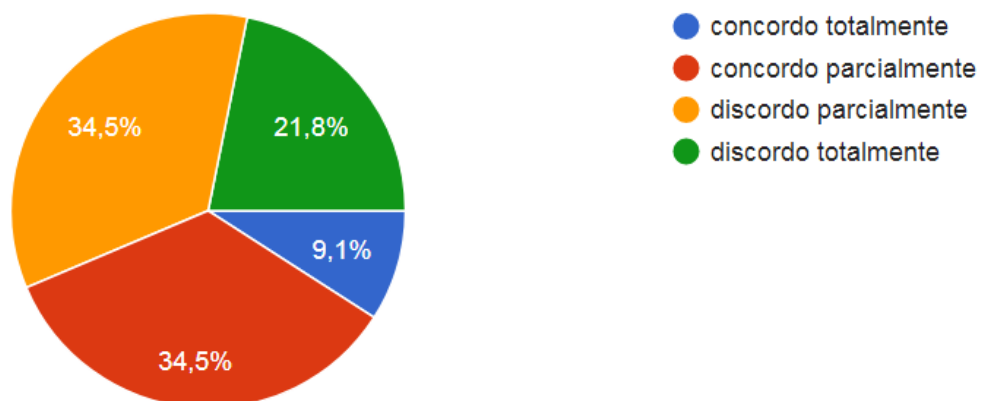


25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

(55 respostas)

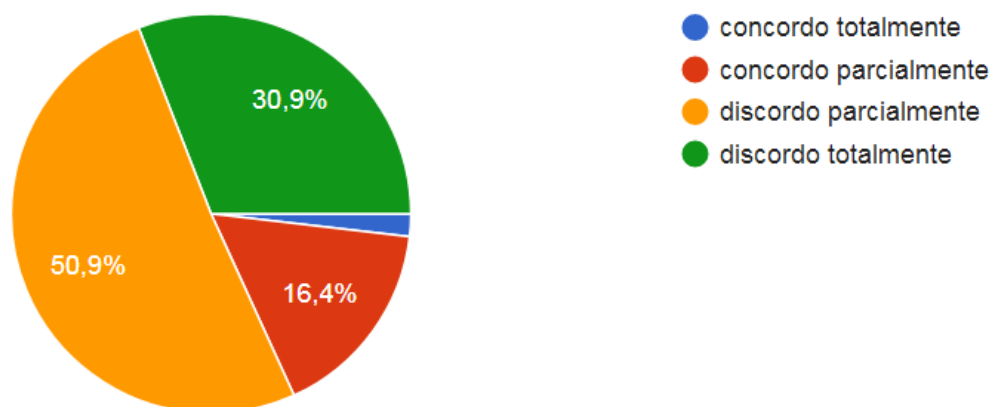
**26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.**

(55 respostas)

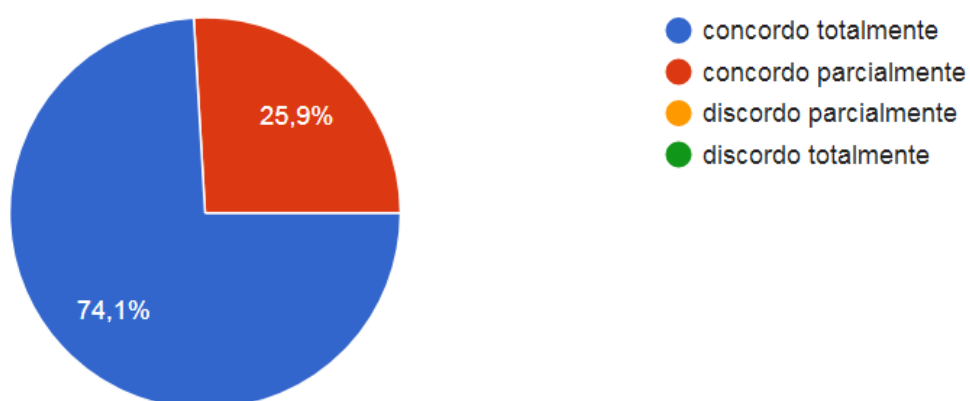


27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

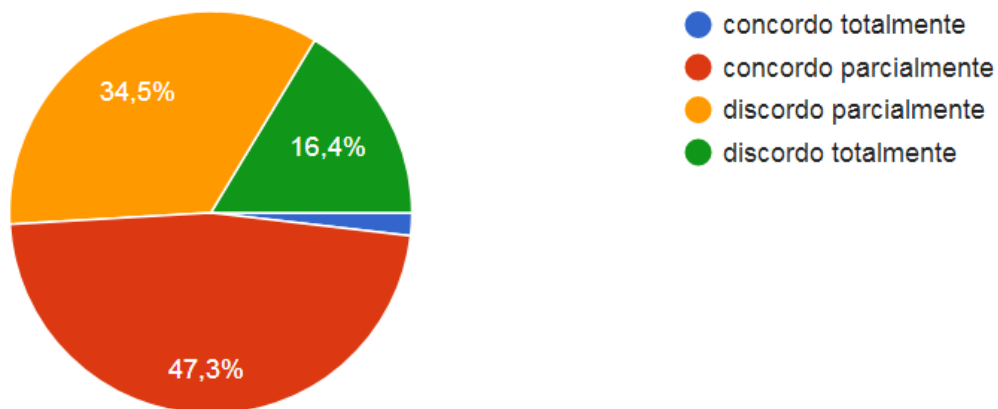
(55 respostas)

**28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o português.**

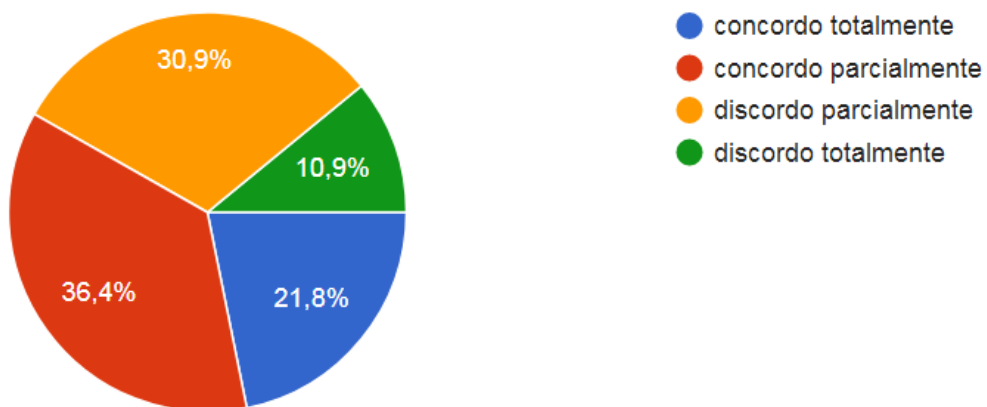
(54 respostas)



29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(55 respostas)

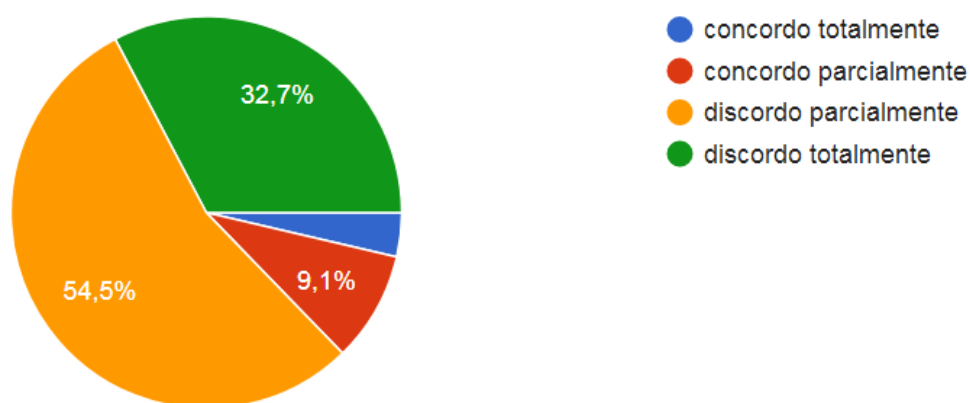


30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(55 respostas)



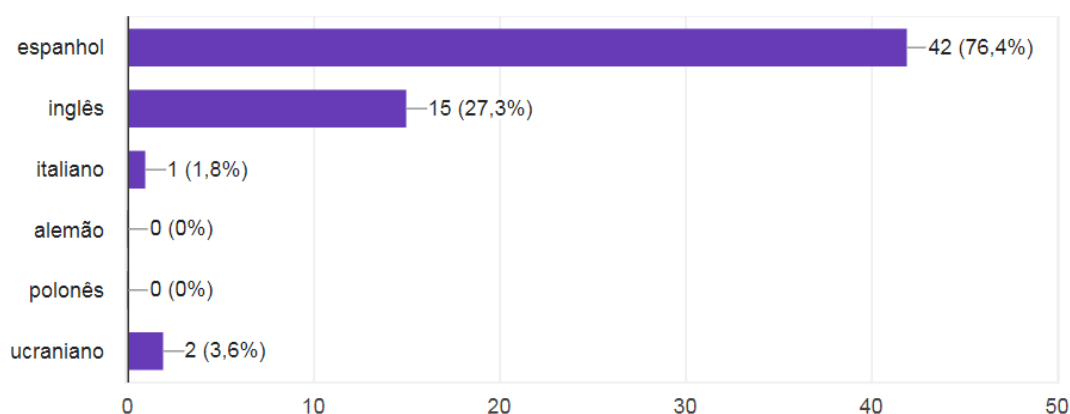
31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

(55 respostas)



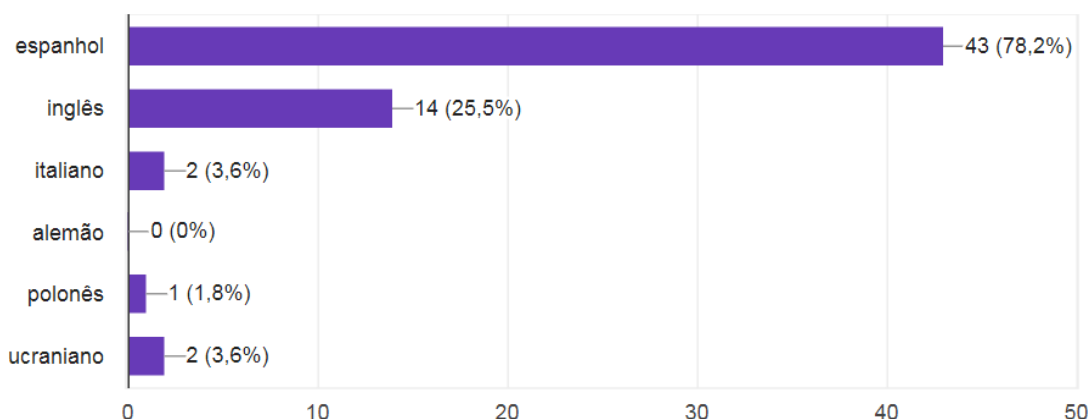
32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, a sua escola foi contemplada com uma conferência internacional sobre meio ambiente e ela será ministrada por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer a palestra?

(55 respostas)



33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

(55 respostas)



Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

(6 respostas)

Não quero comentar nada.

Comentário sobre a pergunta número 6: Não acho legal pois os alunos não terem a base de como é a língua inglesa.

Hoje na grade do ensino médio há o espanhol, mas prefiriria o inglês porque está língua é mundial, todos falam e é importante que nós formandos do terceiro ano que estamos saindo do colégio saibamos falar e escrever fluentemente o inglês, até houve aulas de inglês, mas foram insuficientes para o bom aproveitamento do idioma. Já o ucraniano é um idioma regional que nós que pertencemos e deveríamos dar valor, por ser nossa cultura.

As respostas sobre línguas não têm como dar uma resposta bem correta, por causa que em cidades, as culturas adotam outras línguas, como na religião, como ucraniana, e alemão.

(2) Eu adoro estudar o inglês, e tenho me esforçado muito para isso. Agradeço-lhe pela oportunidade. Obrigada.

Sem comentarios...

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).

(12 respostas)

xxxxxxx xxxxxx (facebook)

FACEBOOK: xxxxxxxx xxxxxxxx

11 11111111

11 11111111, 11 11111111

xxxxxxx @gmail.com / 11111111

xxxxxxx @gmail.com

xxxxxxx @gmail.com FB: xxxxxxxx xxxxxxxx

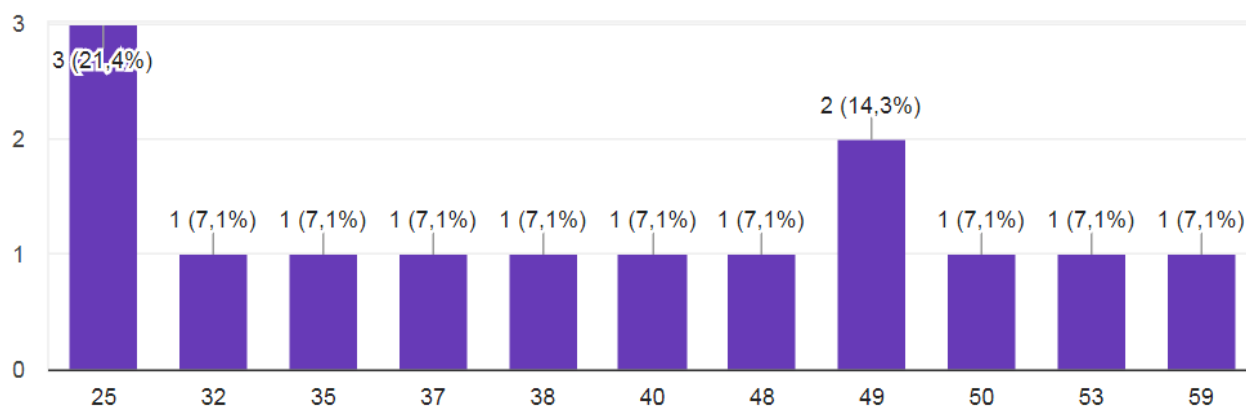
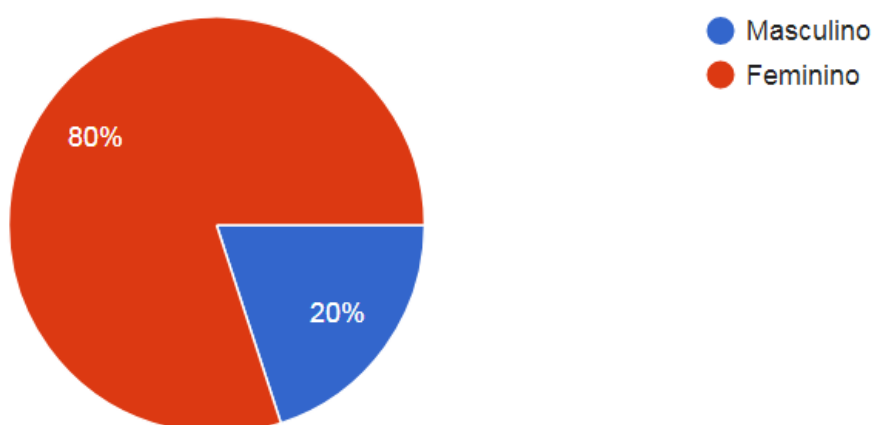
xxxxxxx xxxxxxxx

11 11111111 xxxxxxxx xxxxxxxx

11 11111111

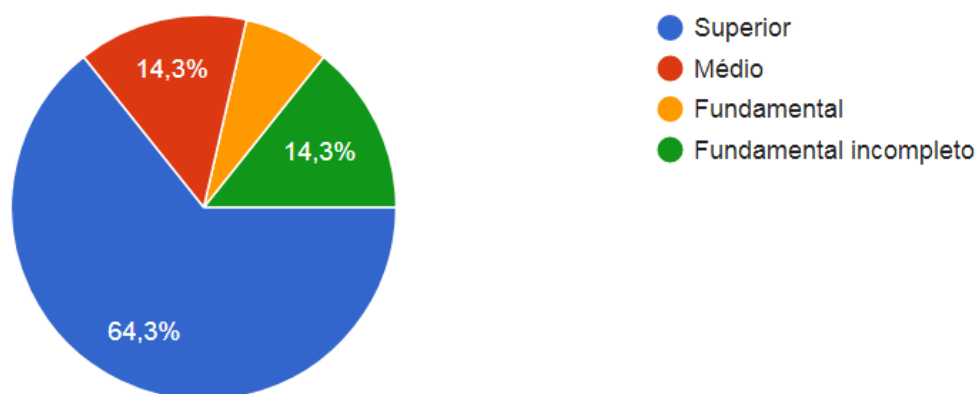
11 11111111

Facebook = xxxxxxxx xxxxxxxx

Respostas de IRATI – PAIS, PROFESSORES E GESTORES**Total: 15 participantes****IDADE**
(14 respostas)**SEXO**
(15 respostas)

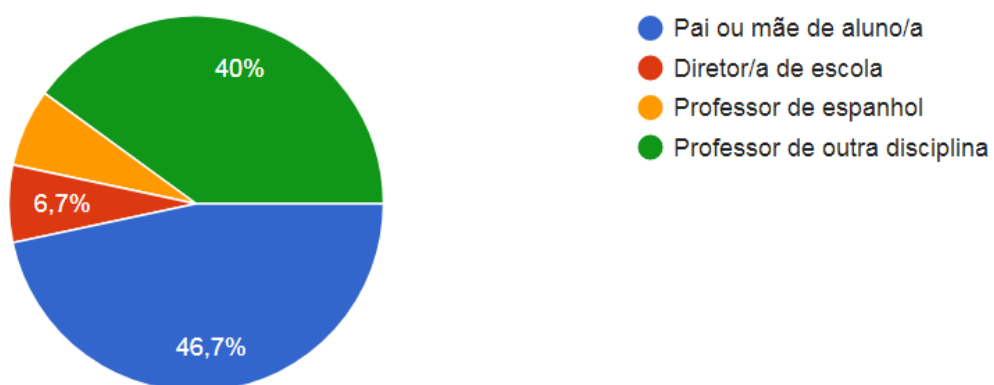
FORMAÇÃO

(14 respostas)



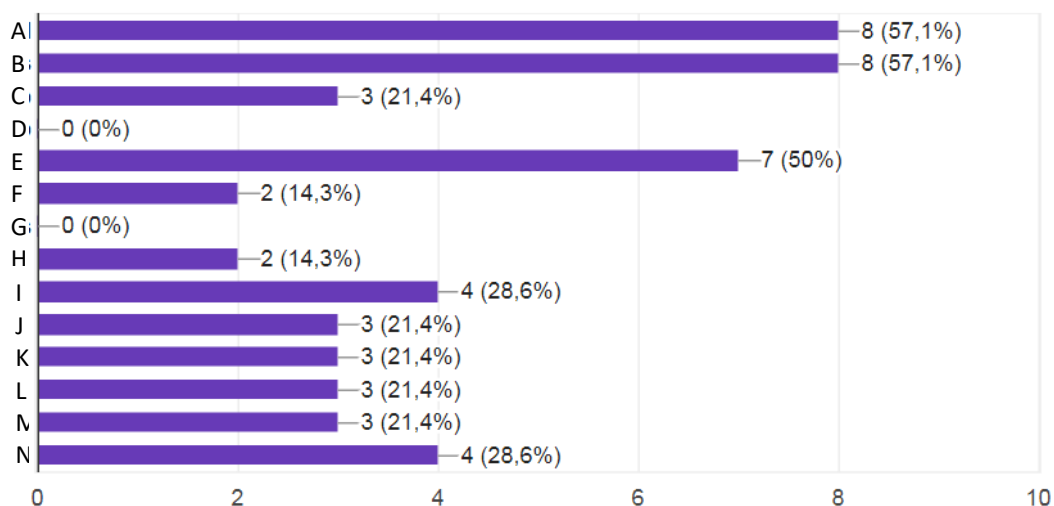
PÚBLICO

(15 respostas)



1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção por coluna.

(14 respostas)

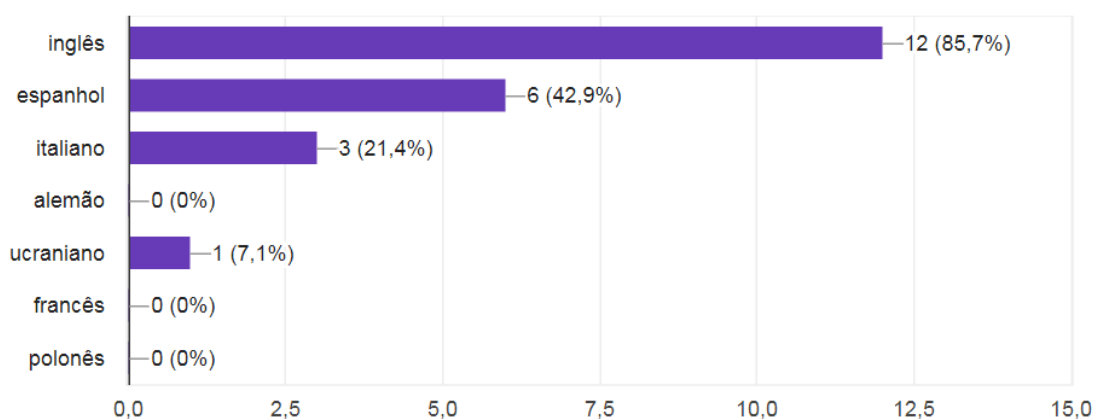


A – Conhece espanhol
B – Conhece inglês
C – Conhece italiano
D – Conhece alemão
E – Conhece português
F – Conhece ucraniano
G – Conhece polonês

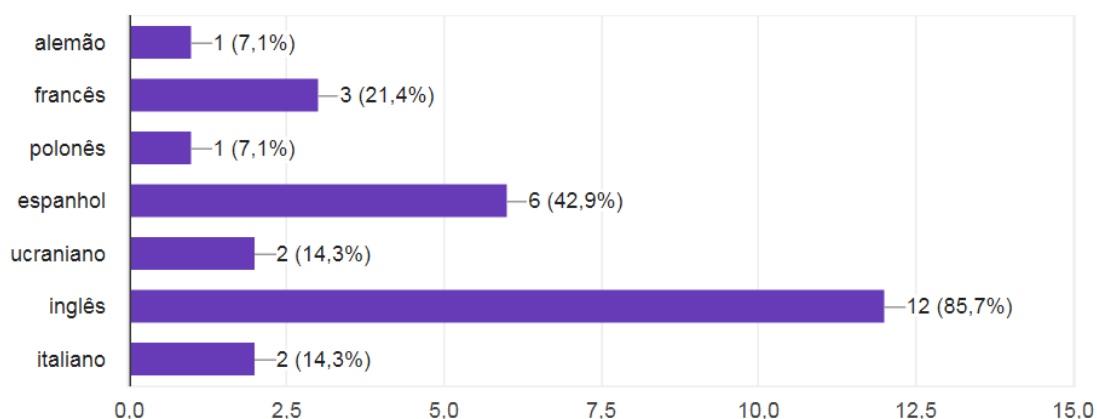
H – Gostaria de conhecer alemão
I – Gostaria de conhecer ucraniano
J – Gostaria de conhecer italiano
K – Gostaria de conhecer espanhol
L – Gostaria de conhecer polonês
M – Gostaria de conhecer inglês
N – Gostaria de conhecer francês

2. Na sua opinião, no Paraná, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

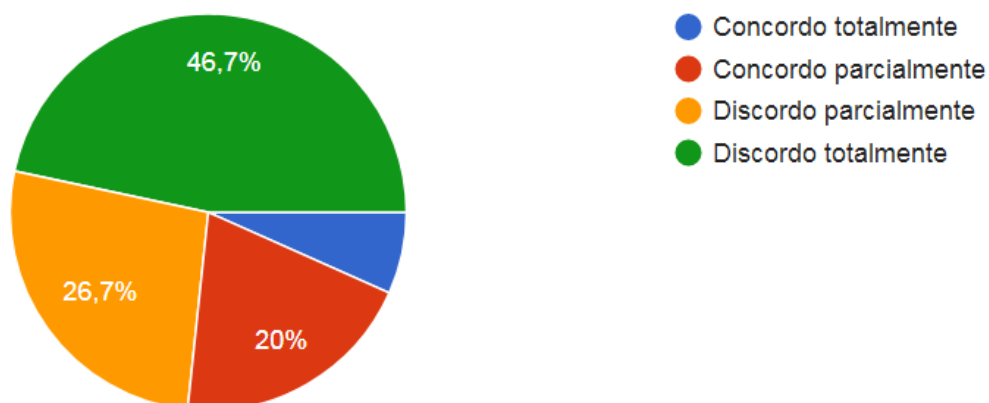
(14 respostas)



3. Na sua opinião, no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(14 respostas)

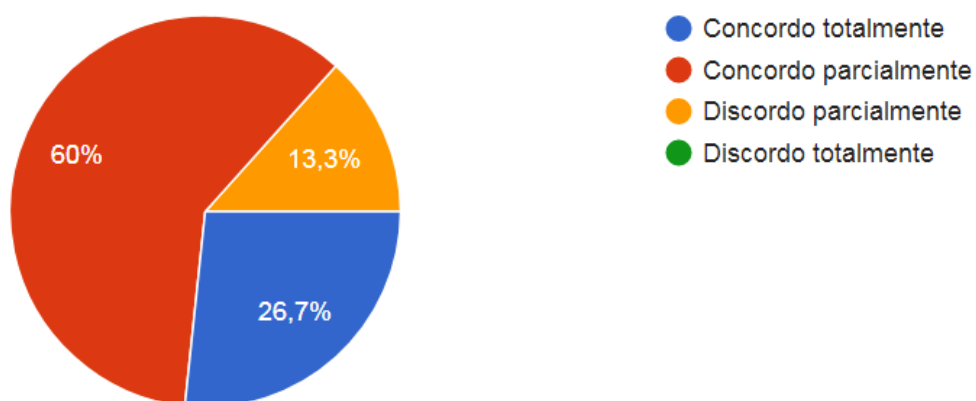


4. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?
(15 respostas)



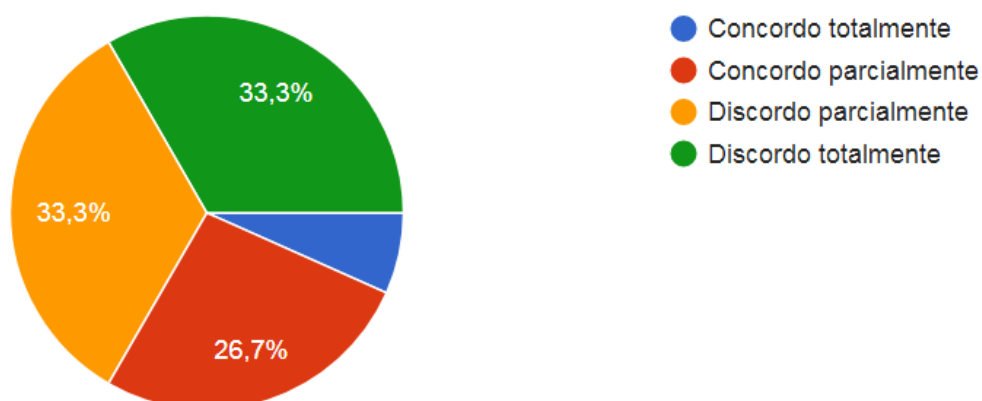
5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(15 respostas)



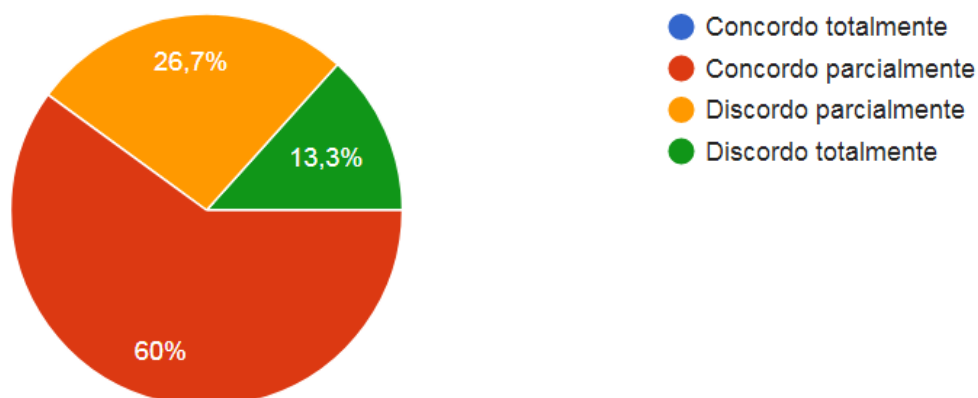
6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(15 respostas)



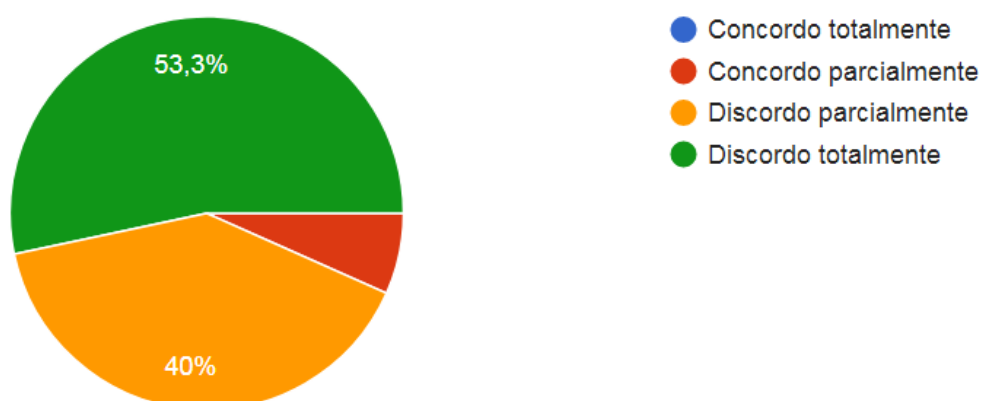
7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(15 respostas)



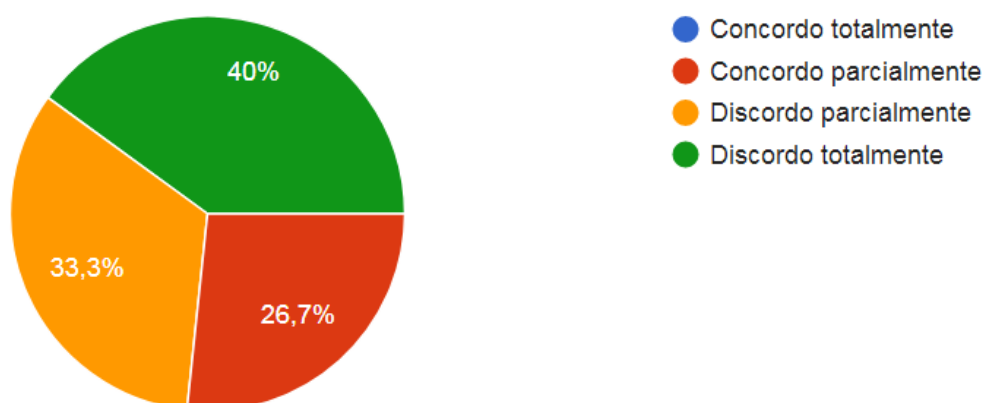
8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(15 respostas)



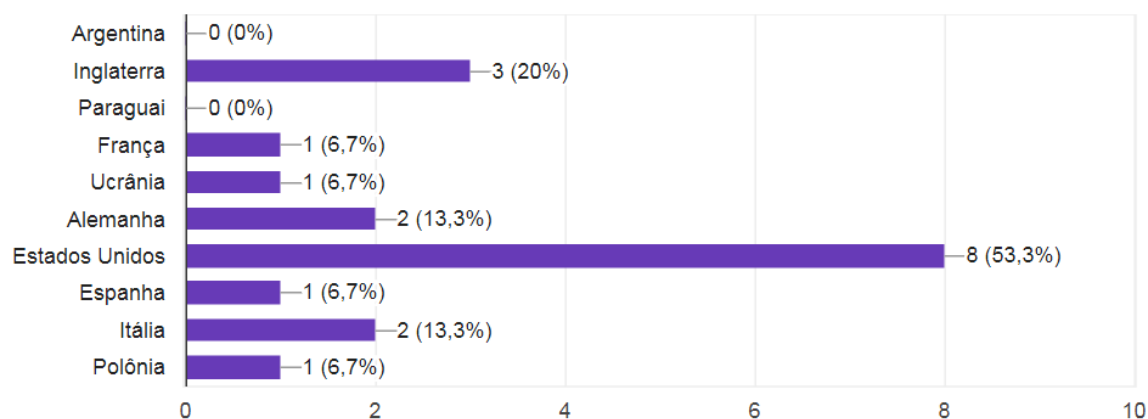
9. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(15 respostas)



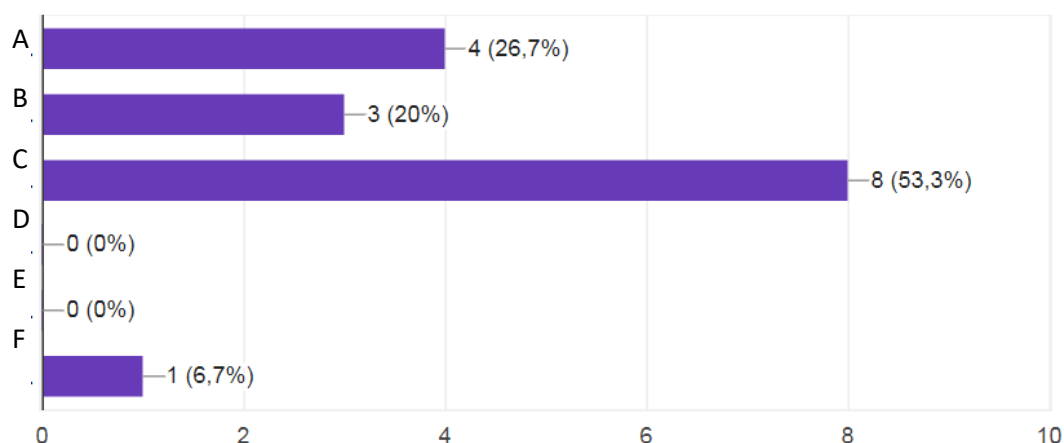
10. Se você ganhasse uma bolsa de estudos para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

(15 respostas)



11. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(15 respostas)



A – não tenho conta ativa no Facebook

B – tento usar assim mesmo

C – procuro um lugar para alterar o idioma

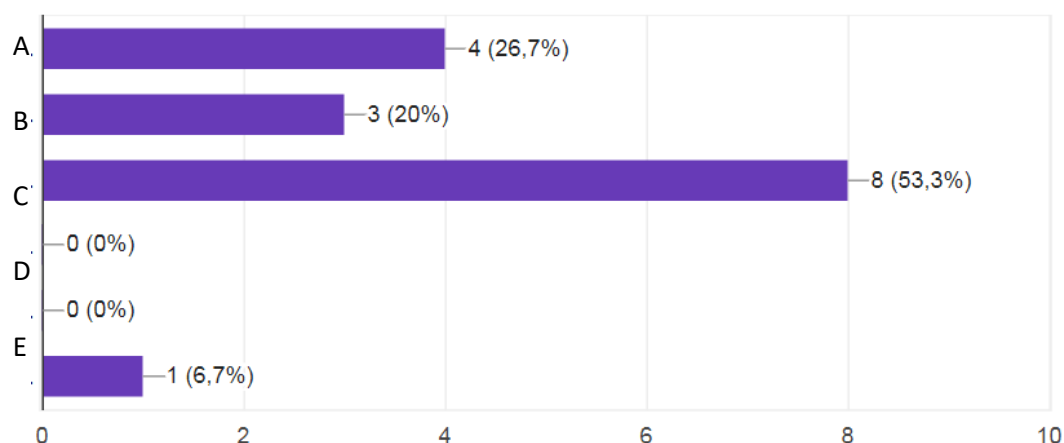
D – peço ajuda a alguém

E – desligo o computador

F – Conheço o suficiente da língua inglesa p/ usar a ferramenta

12. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em espanhol. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(15 respostas)



A – não tenho conta ativa no Facebook

B – tento usar assim mesmo

C – procuro um lugar para alterar o idioma

D – peço ajuda a alguém

E – desligo o computador

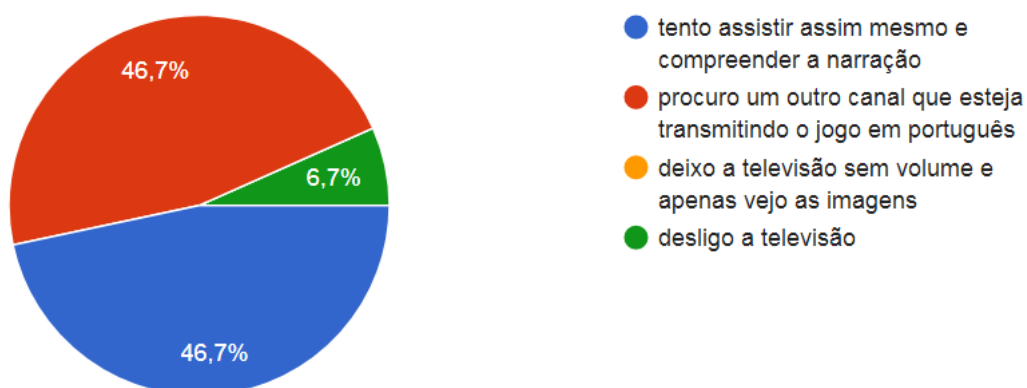
13. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em ucraniano. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(15 respostas)



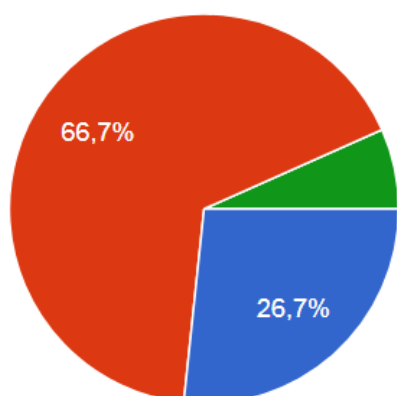
14. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(15 respostas)



15. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua ucraniana. Qual a sua atitude diante dessa situação?

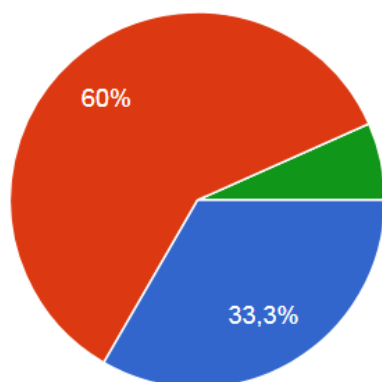
(15 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

16. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

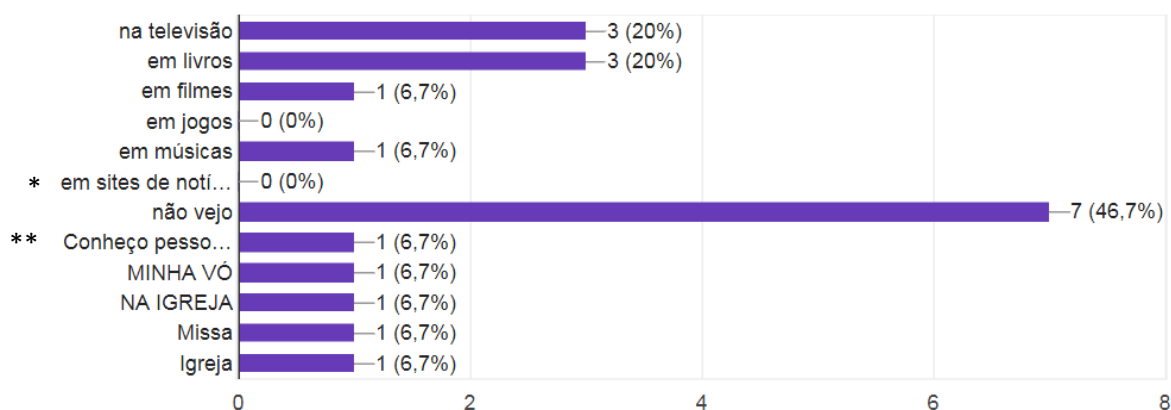
(15 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

17. Onde você vê a língua ucraniana escrita ou falada?

(15 respostas)

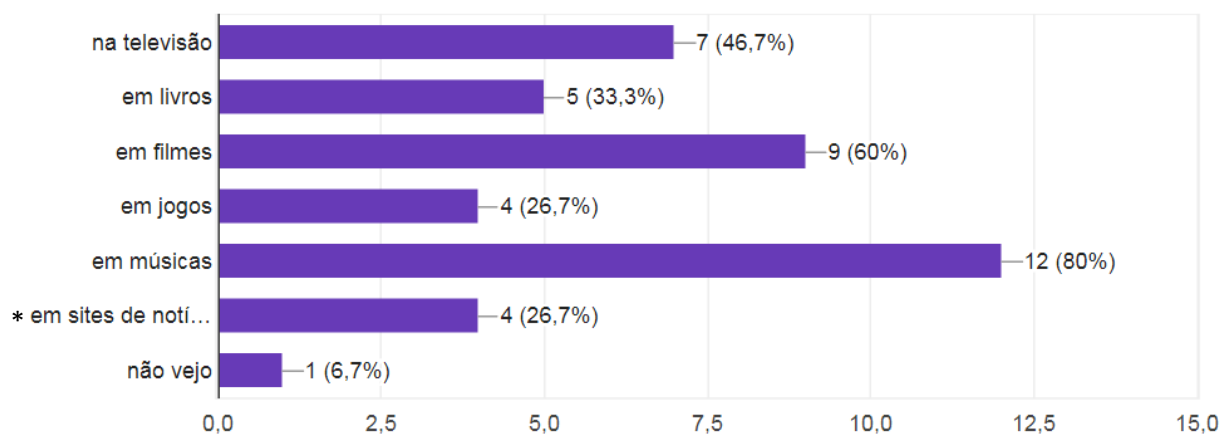


* em sites de notícias

** Conheço pessoas que falam

18. Onde você vê a língua inglesa escrita ou falada?

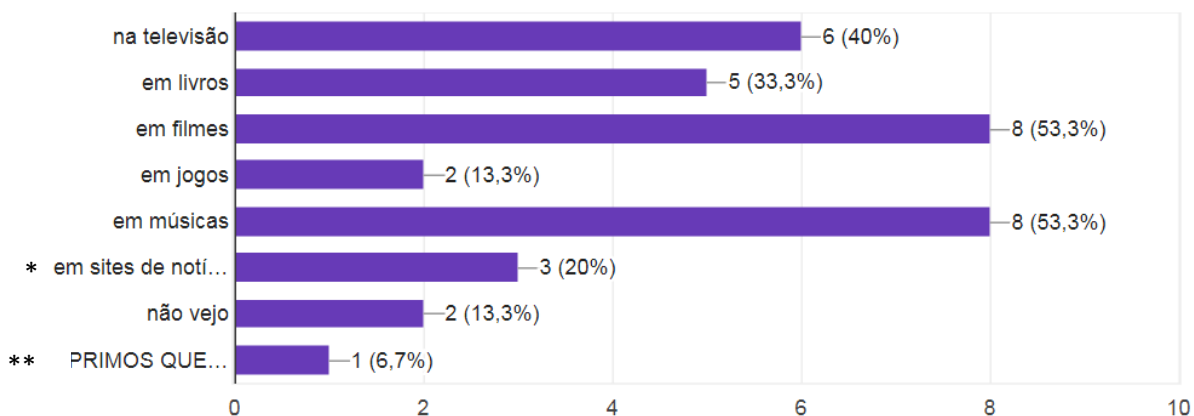
(15 respostas)



* em sites de notícias

19. Onde você vê a língua espanhola escrita ou falada?

(15 respostas)

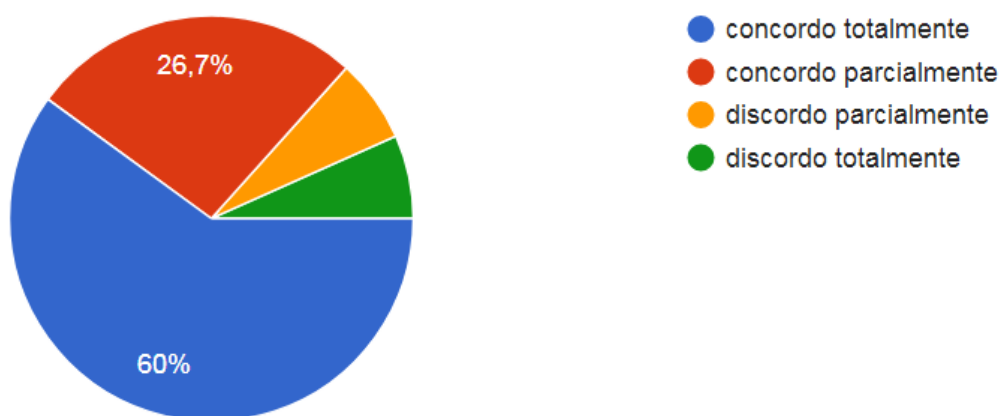


* em sites de notícias

** PRIMOS QUE MORAM NA ESPANHA

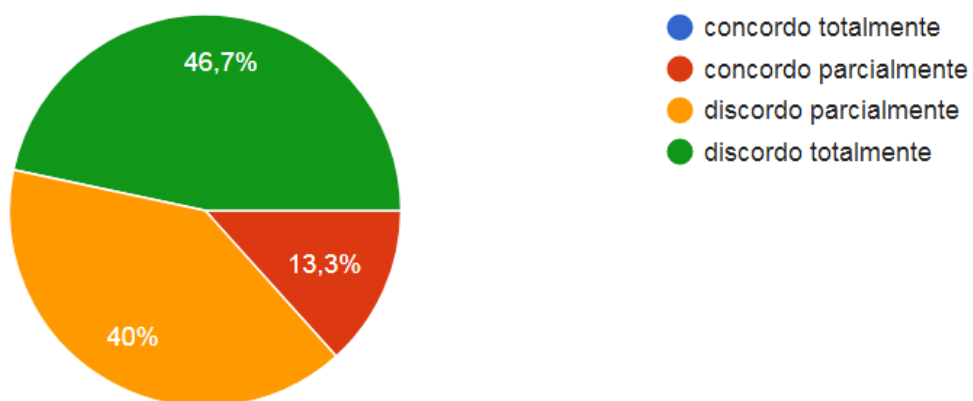
20. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o português.

(15 respostas)



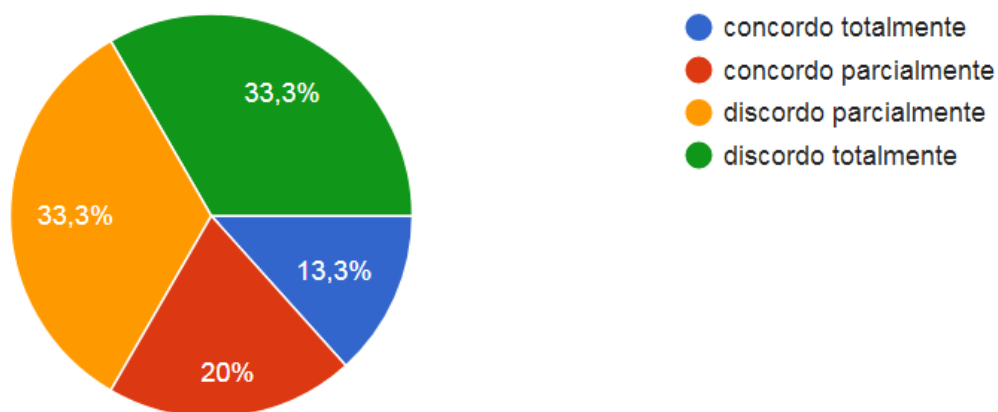
21. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

(15 respostas)



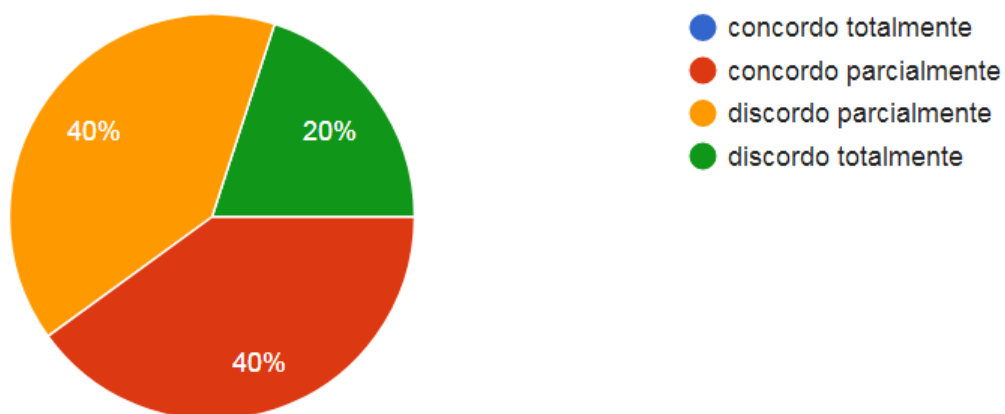
22. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(15 respostas)



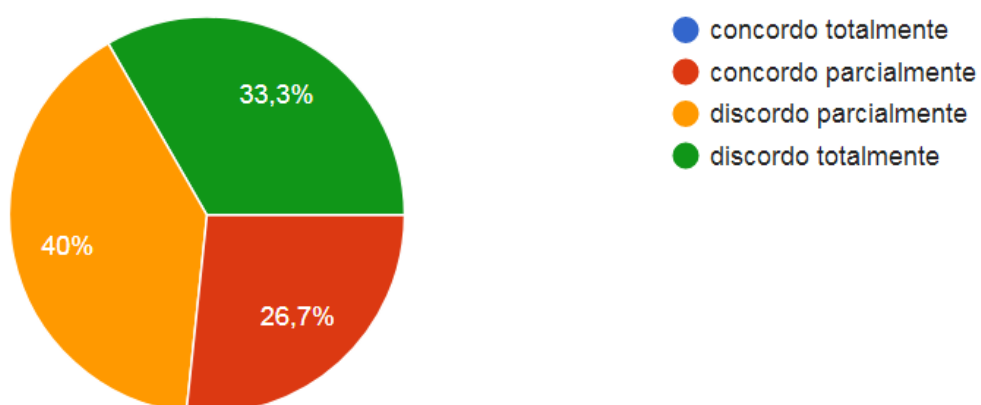
23. Em Irati, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

(15 respostas)

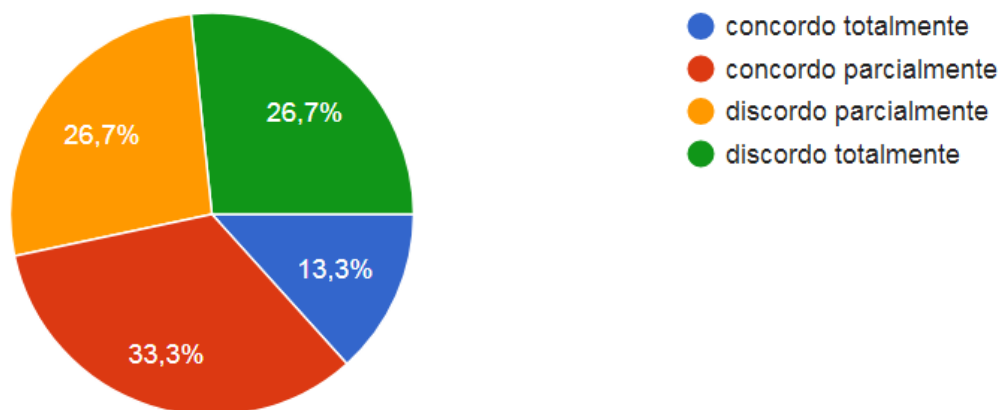


24. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

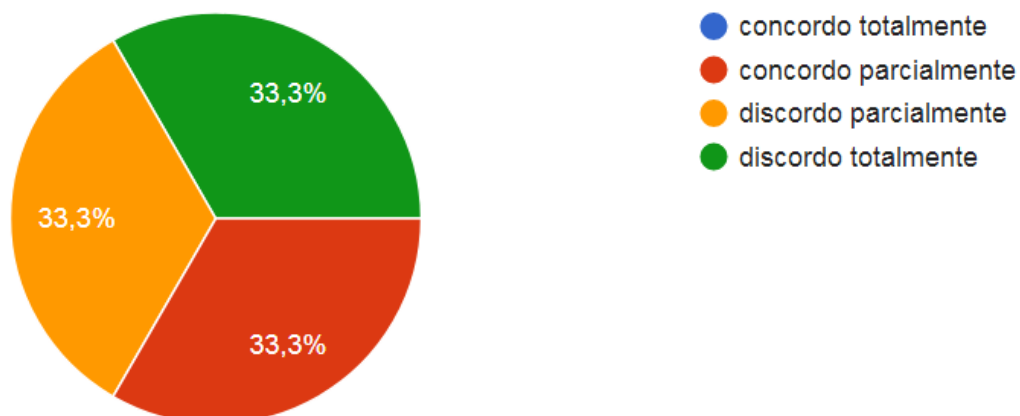
(15 respostas)



25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(15 respostas)

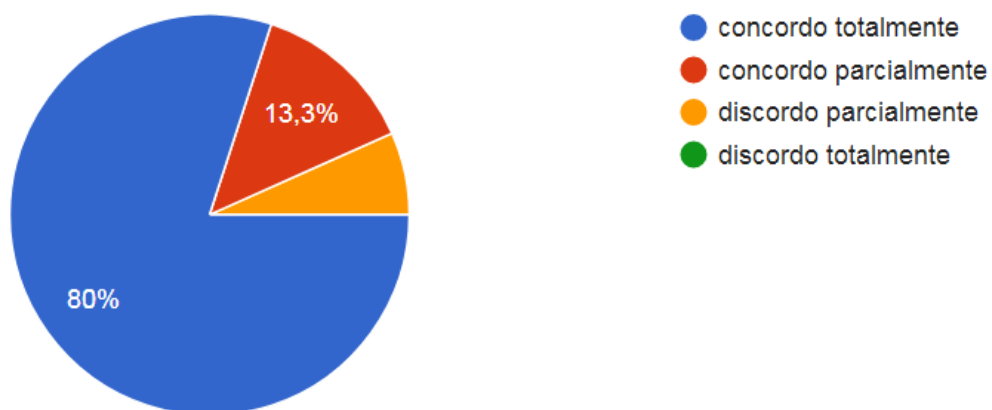


26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(15 respostas)



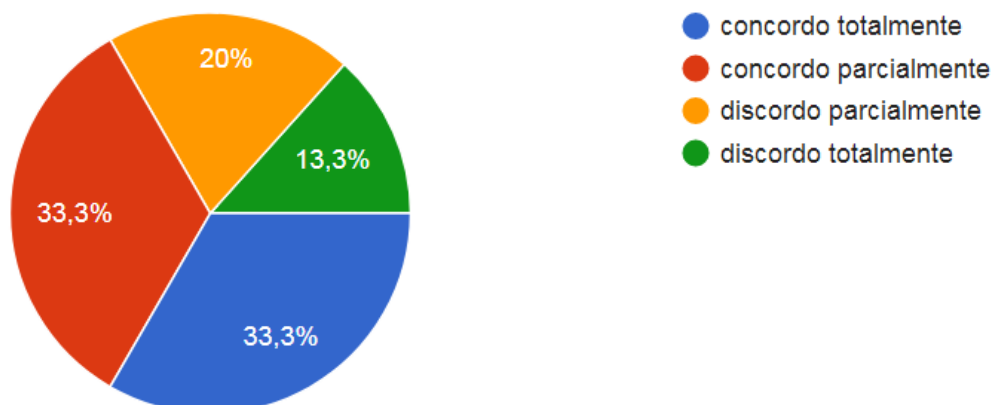
27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o português.

(15 respostas)



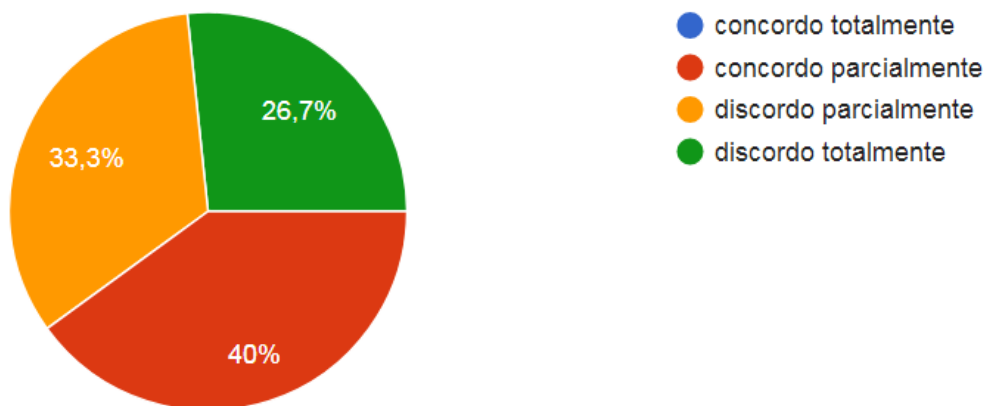
28. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(15 respostas)



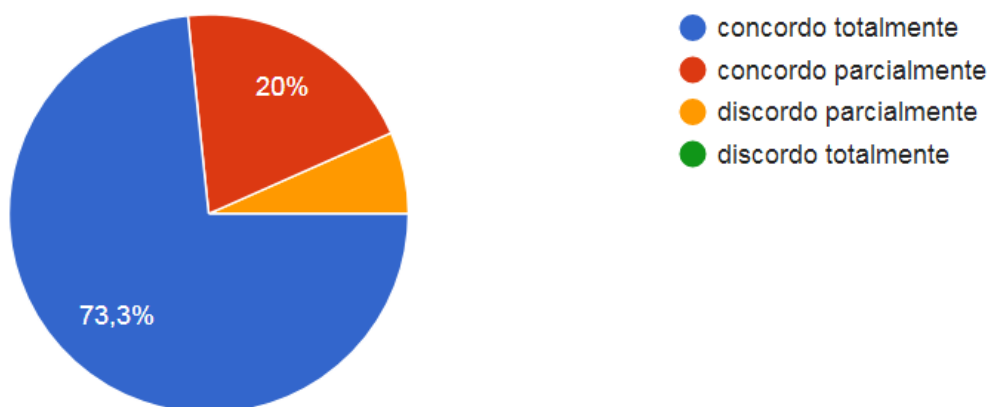
29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

(15 respostas)



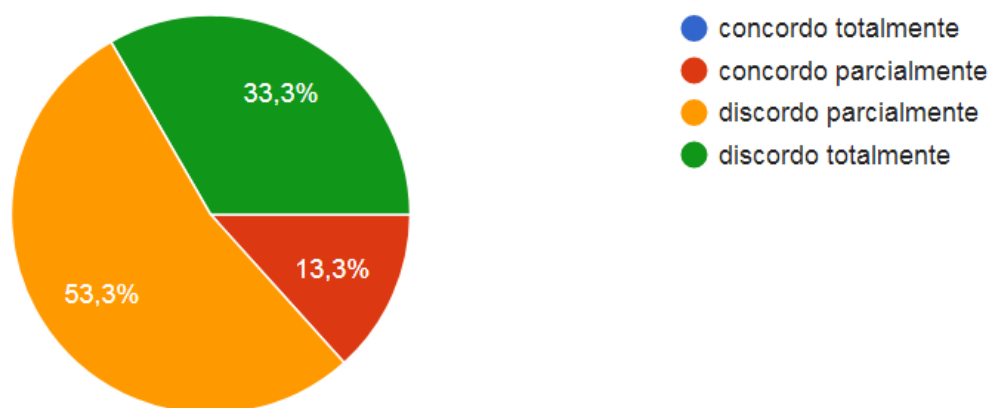
30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o português.

(15 respostas)



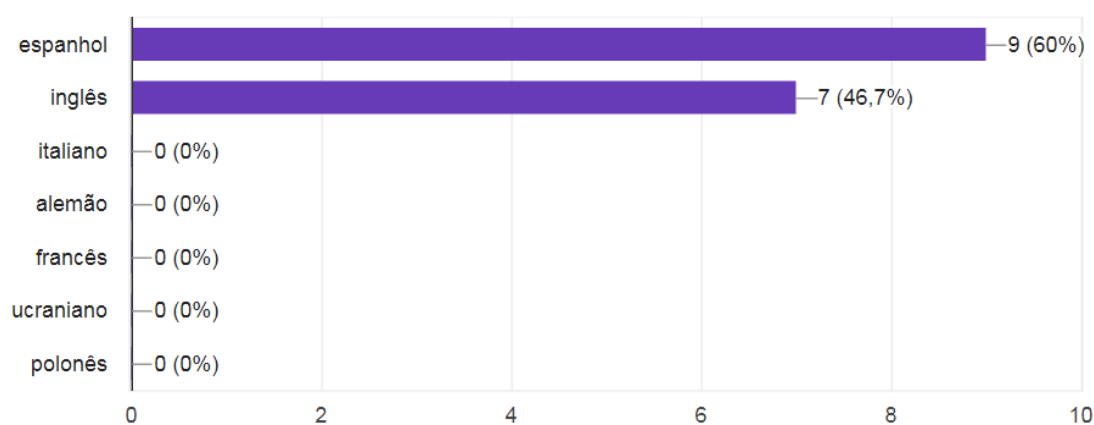
31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

(15 respostas)



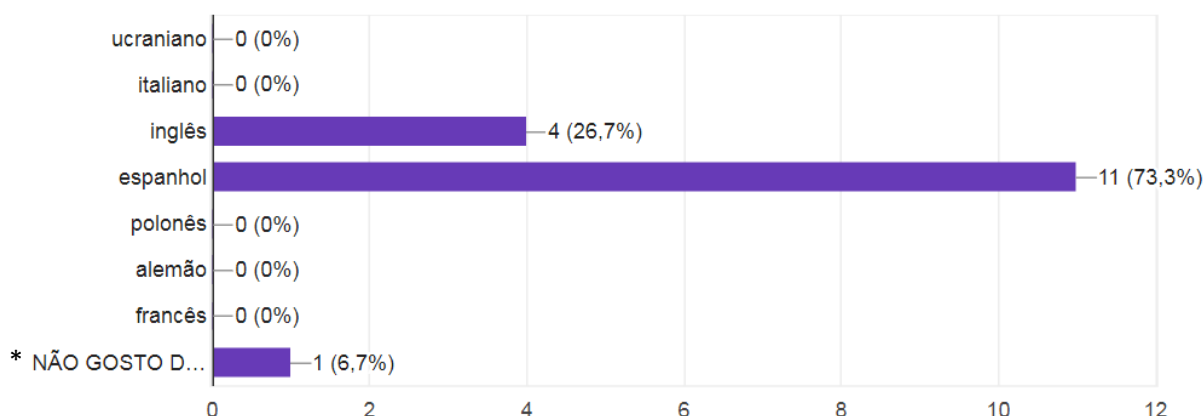
32. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?

(15 respostas)



33. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

(15 respostas)



*NÃO GOSTO DE FUTEBOL

Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

(2 respostas)

Penso que a escolha da língua estrangeira deve-se justificar pelo maior número de falantes no mundo. Claro que o ideal seria aprender mais línguas, mas, não havendo tal possibilidade, aprender a que atenda as necessidades específicas de cada um.

Em nossa cidade não há muita oportunidade do estudo de outra língua fora inglês e espanhol.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).

(6 respostas)

xxxxxxx@seed.pr.gov.br 11 11111111

xxxxxxx@hotmail.com

11111111

XXXXXX@IBEST.COM.BR

XXXXXX@YAHOO.COM.BR

xxxxxxx@seed.pr.gov.br

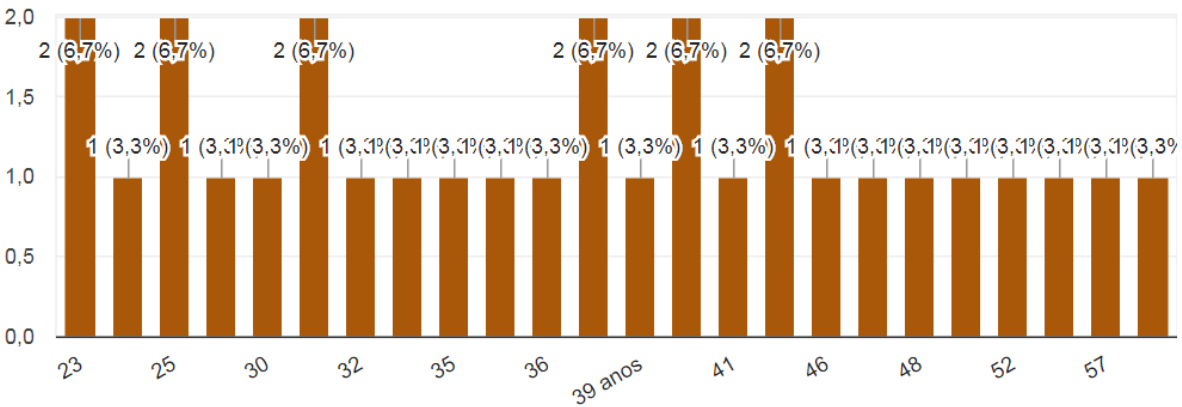
Respostas de PROFESSORES(AS) DE LÍNGUA ESPANHOLA DO PARANÁ

Total: 31 participantes

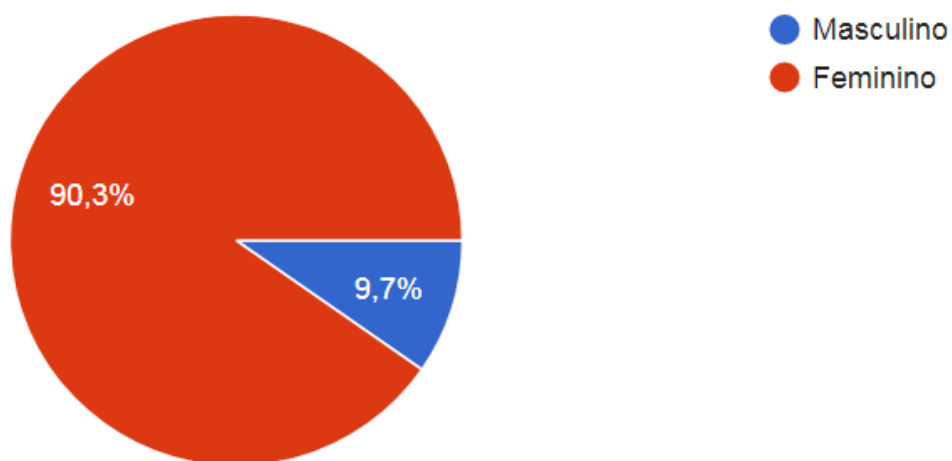
Concorda em participar da pesquisa?
(31 respostas)



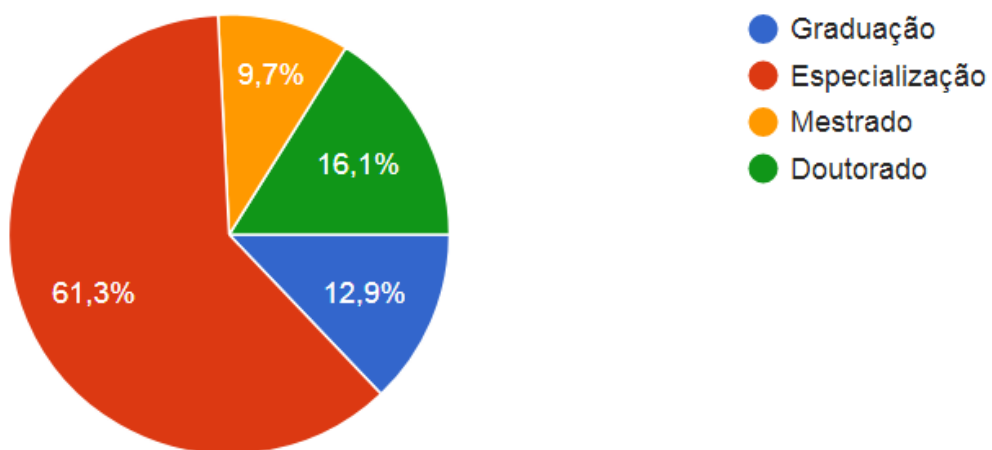
IDADE
(30 respostas)



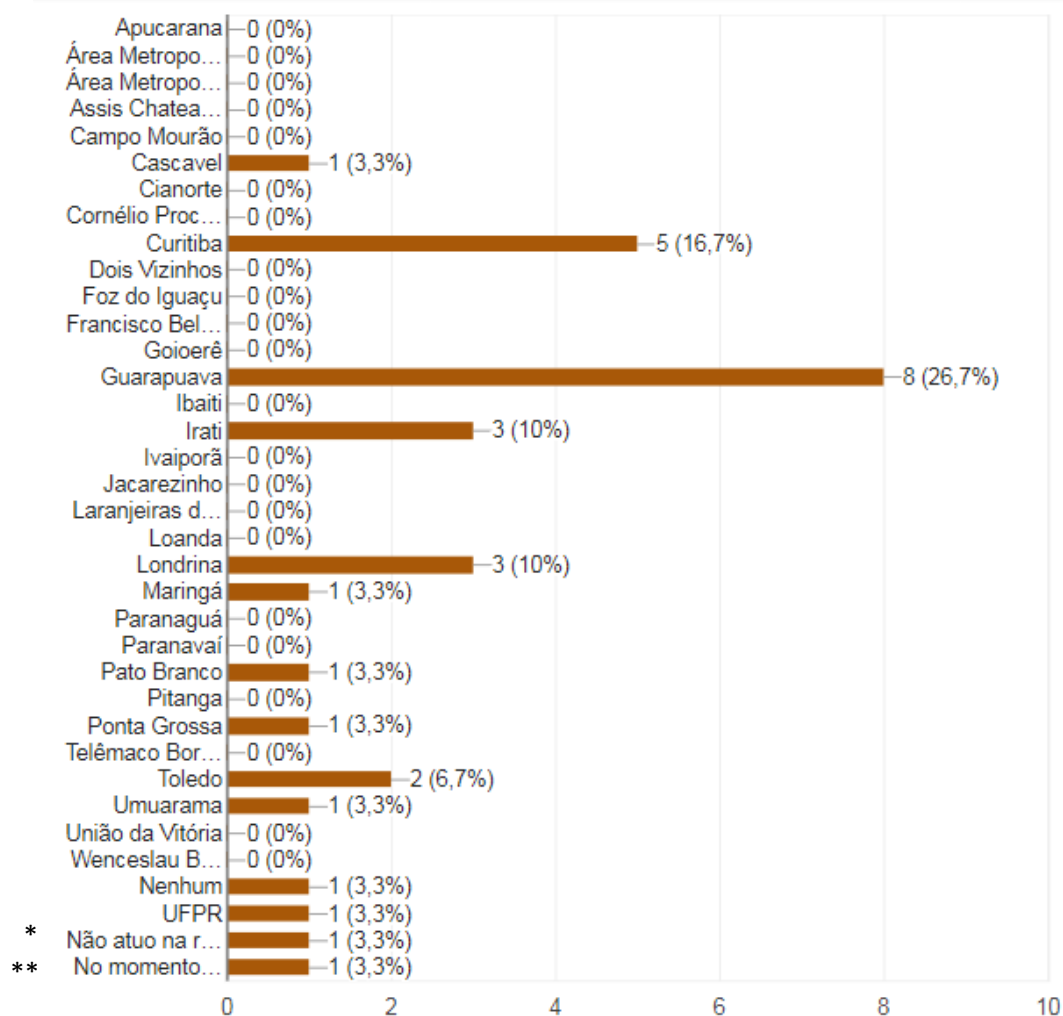
SEXO
(31 respostas)



FORMAÇÃO
(31 respostas)



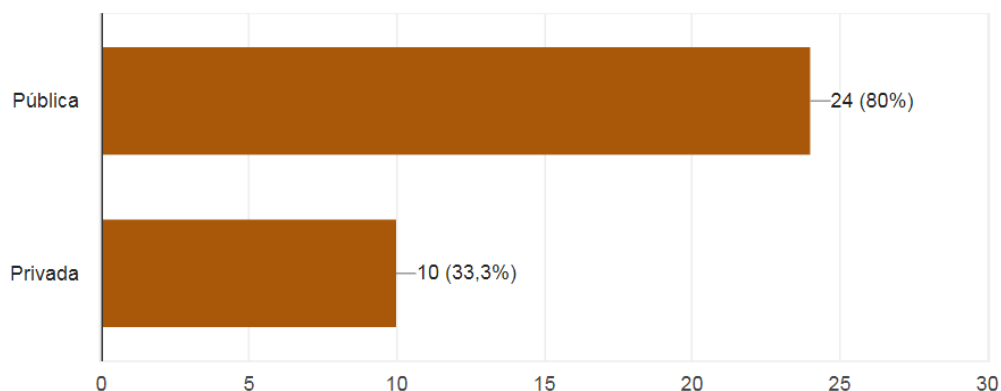
Vinculado(a) atualmente ao Núcleo Regional de Educação de:
(30 respostas)



* Não atuo na rede básica de ensino

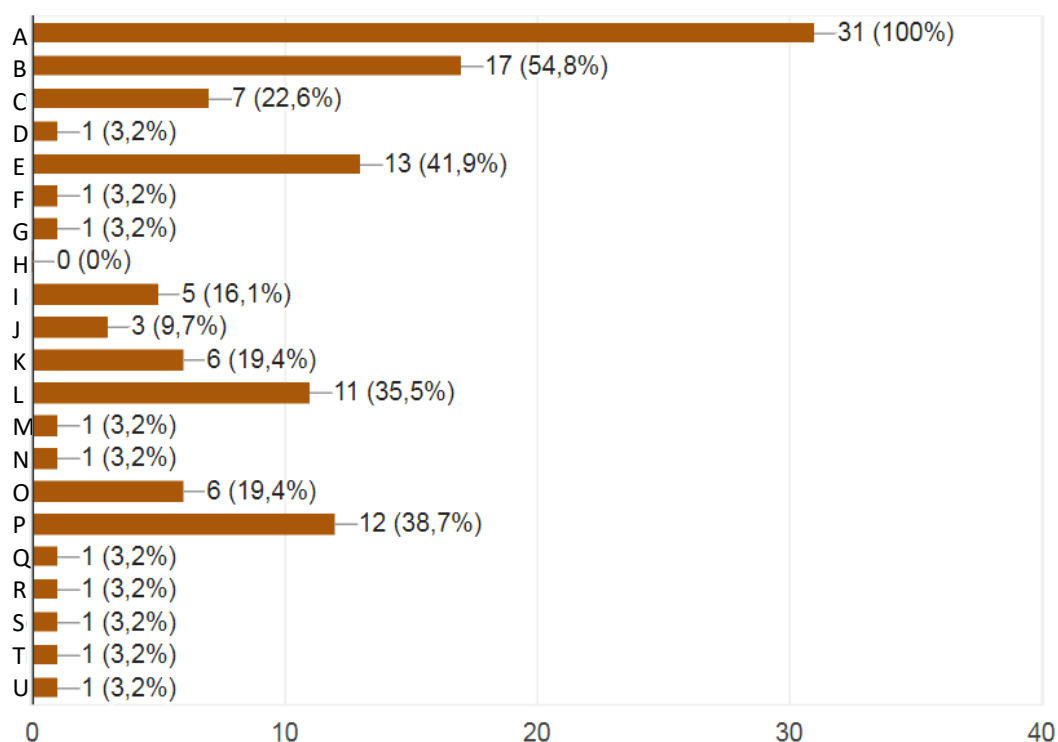
** No momento apenas fazendo Mestrado

Atua na rede:
(30 respostas)



1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) você conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção.

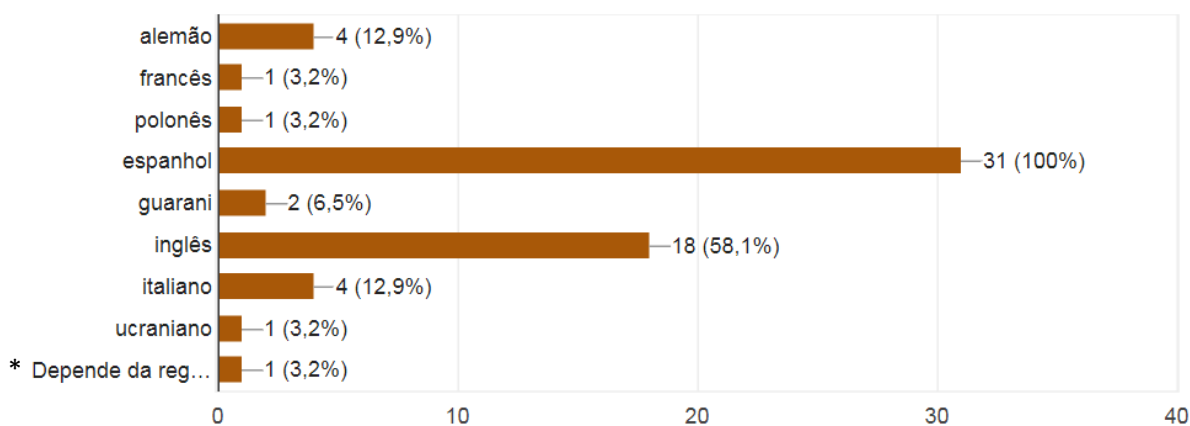
(31 respostas)



A – Conhece espanhol
 B – Conhece inglês
 C – Conhece italiano
 D – Conhece alemão
 E – Conhece português
 F – Conhece guarani
 G – Conhece polonês
 H – Conhece ucraniano
 I – Conhece francês
 J – Gostaria de conhecer alemão
 K – Gostaria de conhecer guarani

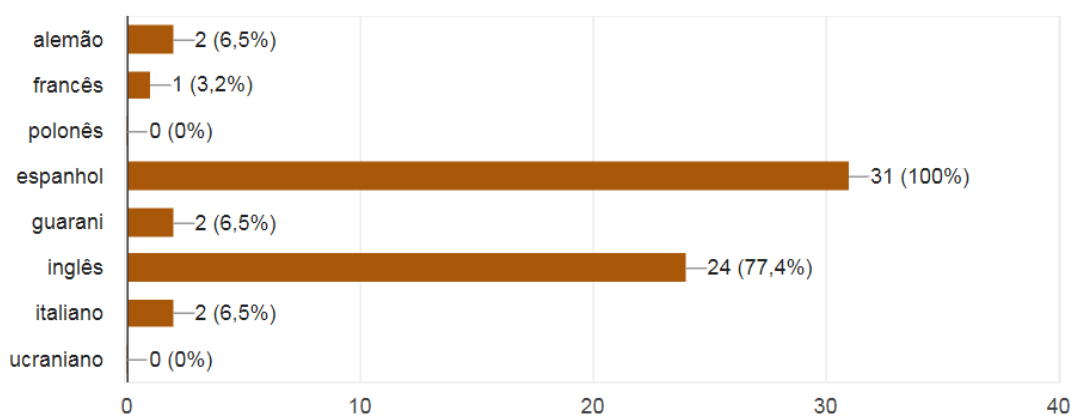
L – Gostaria de conhecer italiano
 M – Gostaria de conhecer espanhol
 N – Gostaria de conhecer polonês
 O – Gostaria de conhecer inglês
 P – Gostaria de conhecer francês
 Q – Gostaria de conhecer ucraniano
 R – japonês, rumano, árabe
 S – Russo
 T – Mandarim
 U – Japonês

2. Na sua opinião, no Paraná, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(31 respostas)



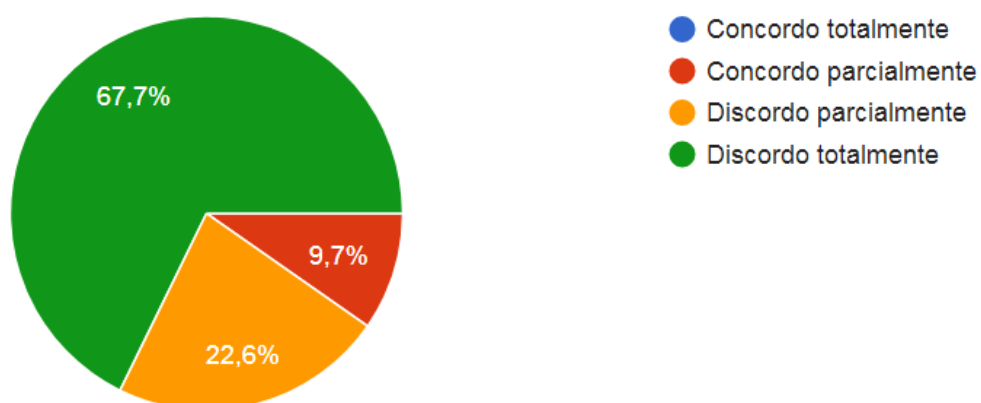
* Depende da região

3. Na sua opinião, no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(31 respostas)



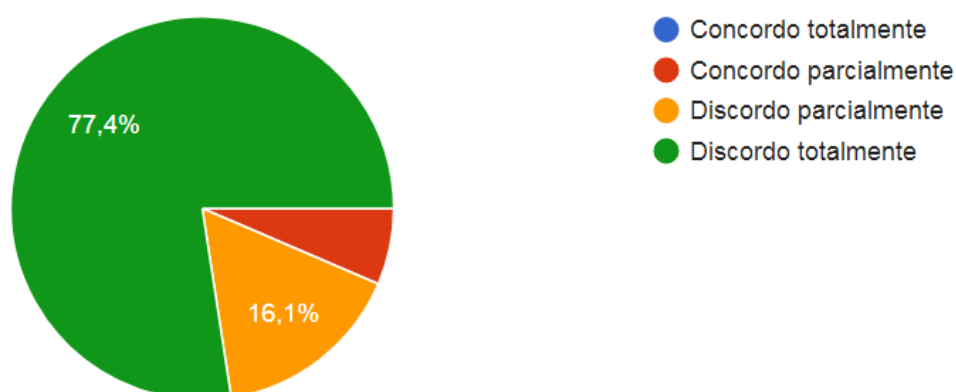
4. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(31 respostas)



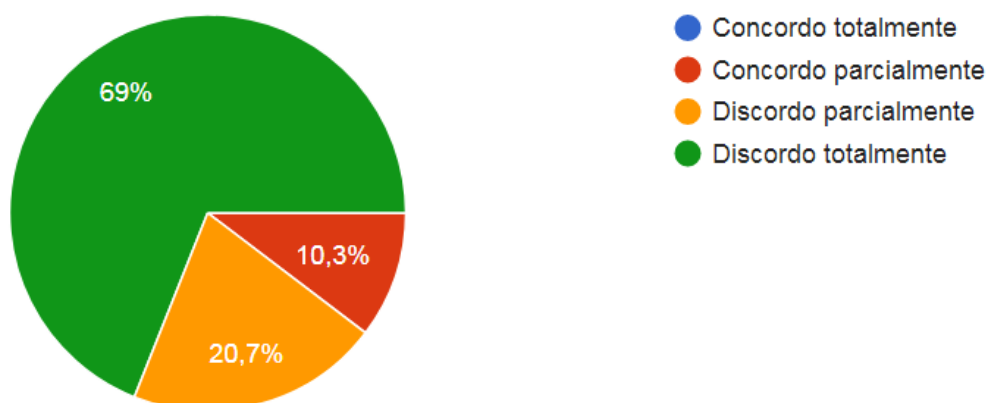
5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(31 respostas)



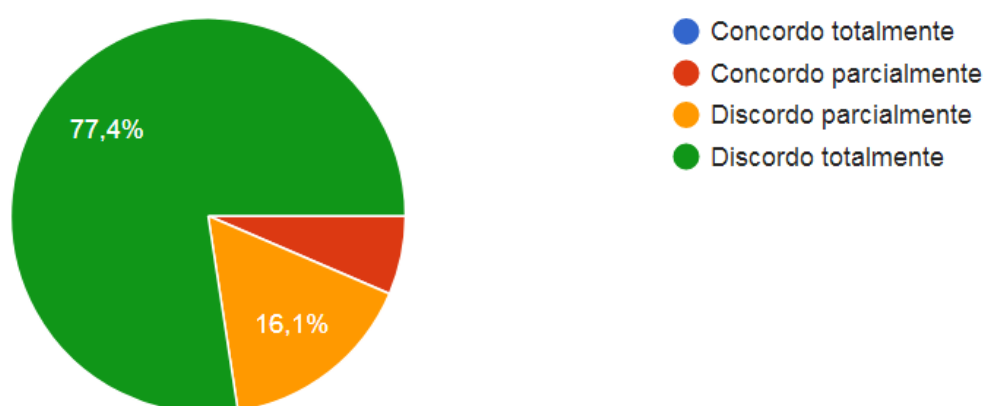
6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por mais aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



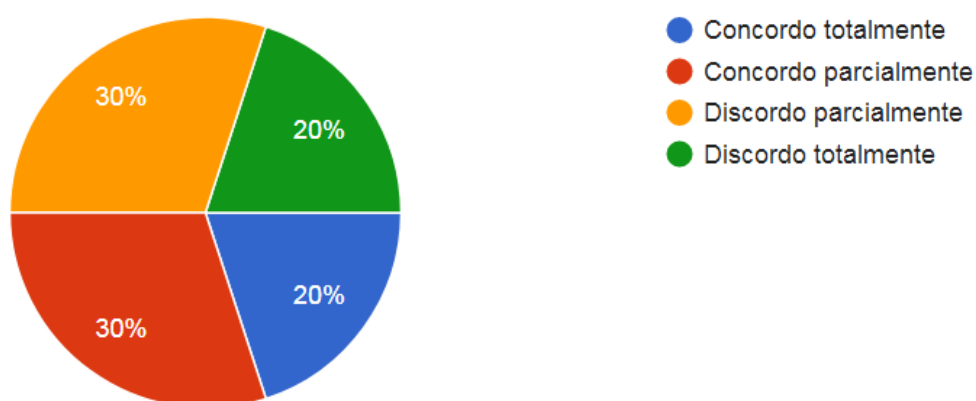
7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(31 respostas)



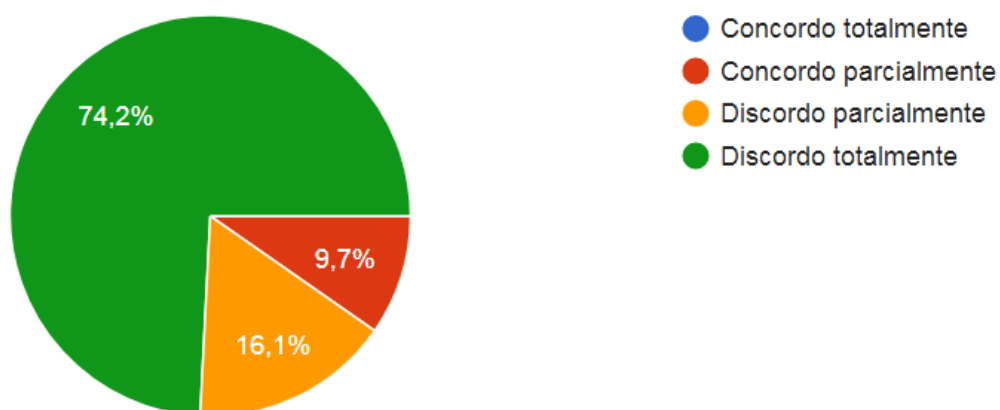
8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(30 respostas)



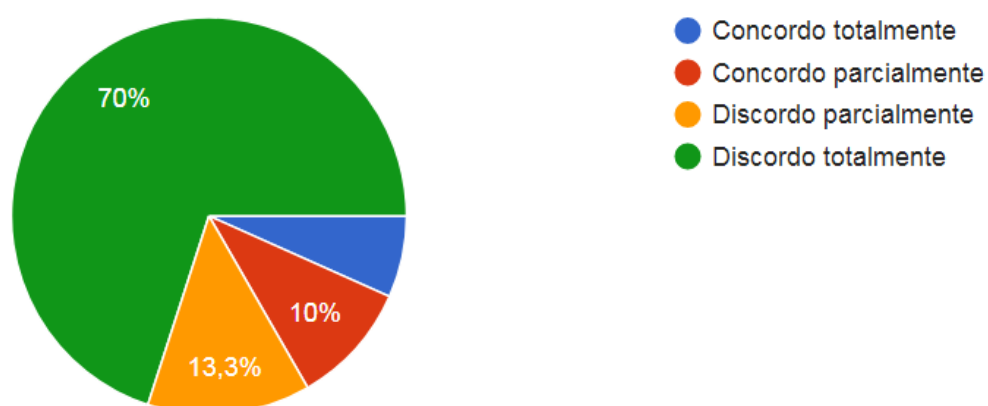
9. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(31 respostas)



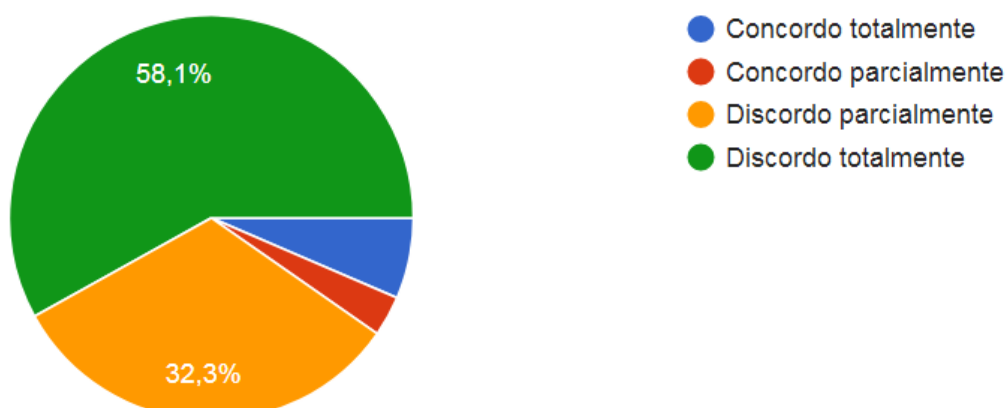
10. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(30 respostas)



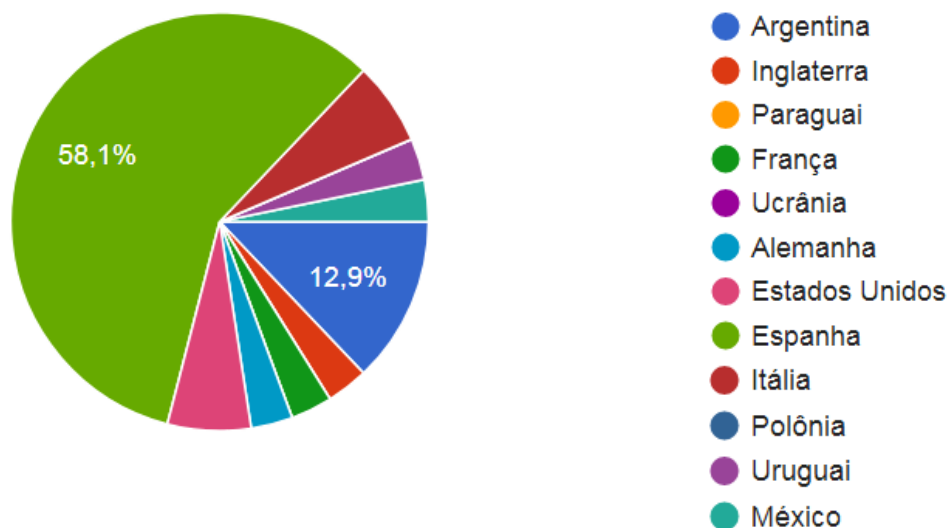
11. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por mais aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(31 respostas)



12. Se você ganhasse uma bolsa de estudos para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

(31 respostas)



13. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



14. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em espanhol. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



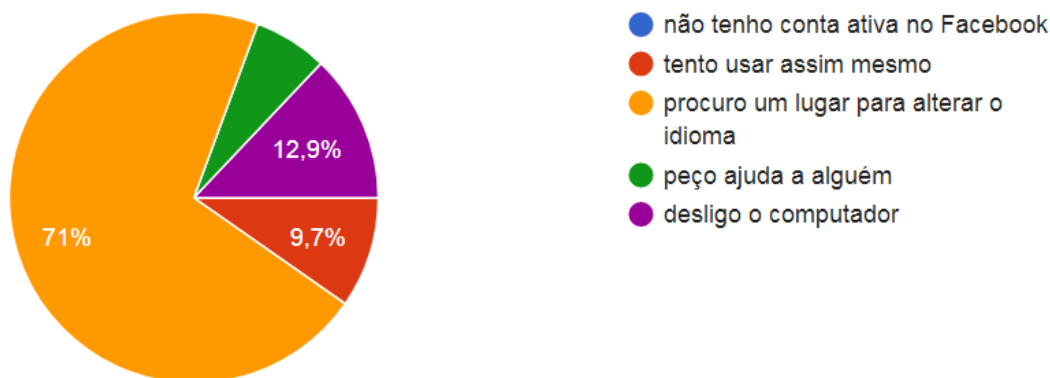
15. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



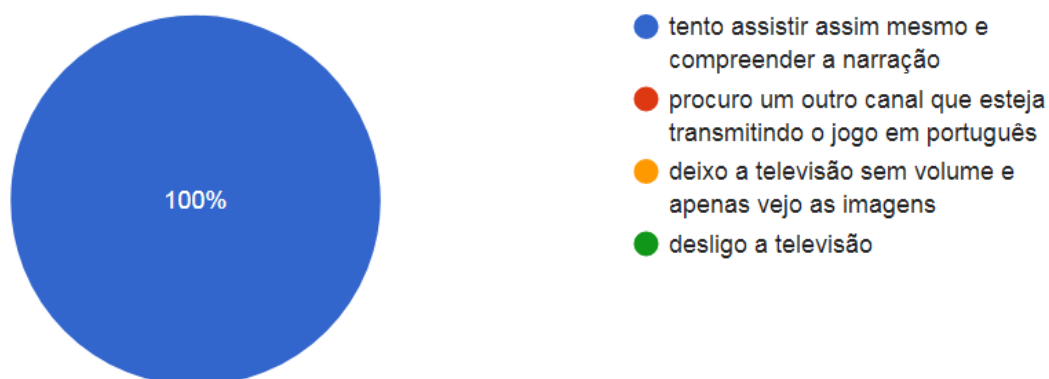
16. Imagine a seguinte situação: você liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em ucraniano. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



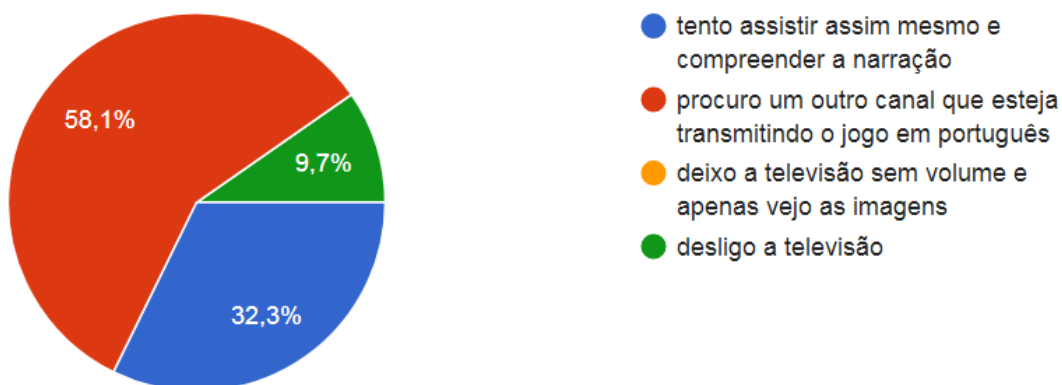
17. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



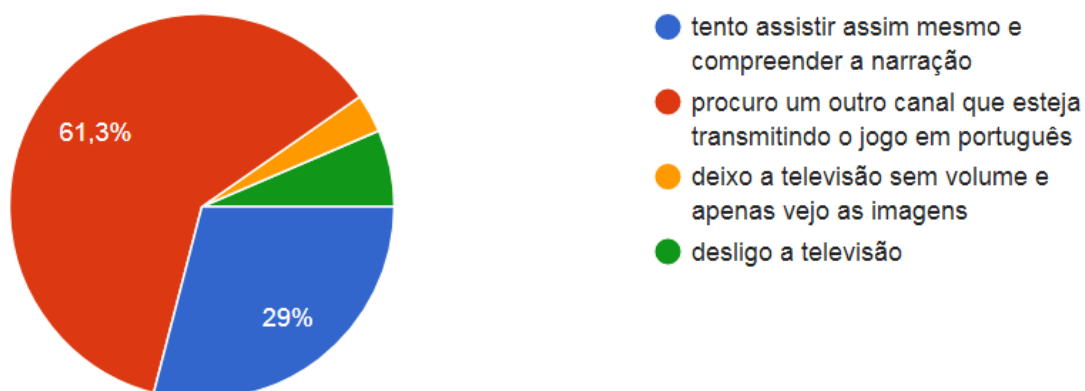
18. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua ucraniana. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



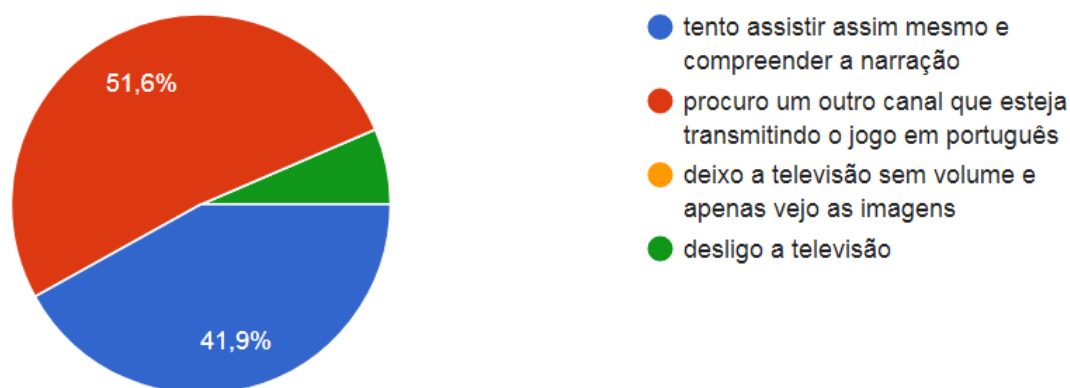
19. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



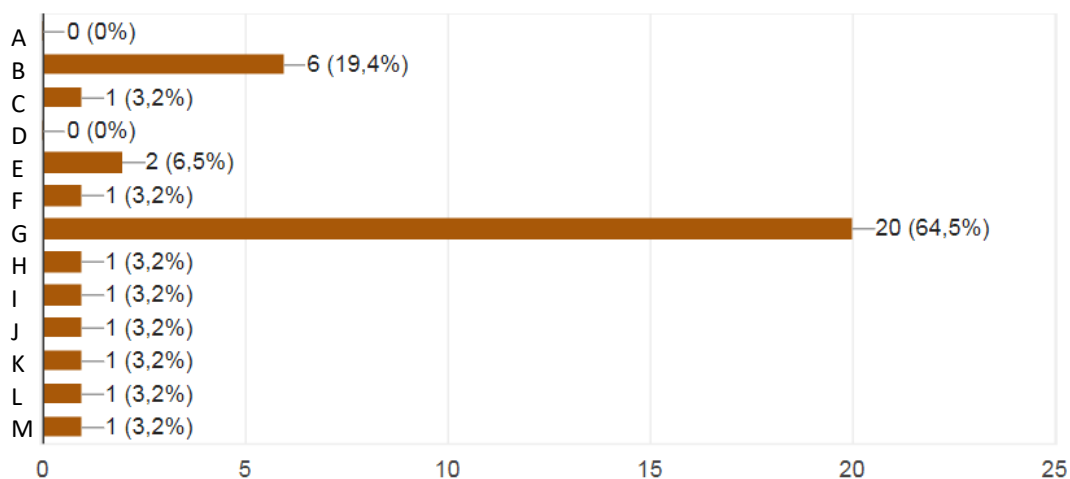
20. Imagine a seguinte situação: você liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

(31 respostas)



21. Onde você vê o guarani escrito ou falado?

(31 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

H – Não sei responder essa questão

I – no Paraguai

J – Nomes de cidades

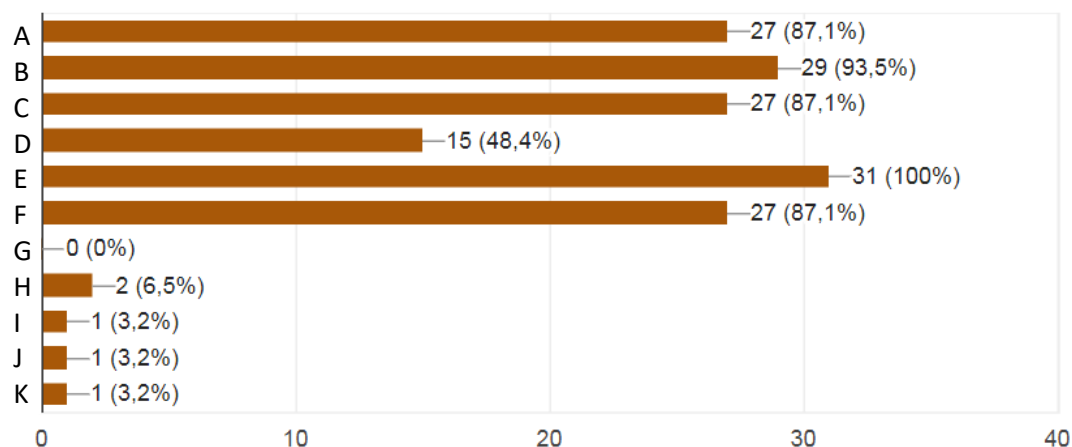
K – Em sites sobre a língua e cultura guarani, principalmente paraguaios

L – Em Foz do Iguaçu - falado

M – em visitas ao Paraguai

22. Onde você vê o espanhol escrito ou falado?

(31 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

H – Nas aulas que ministro

I – placas em países vizinhos

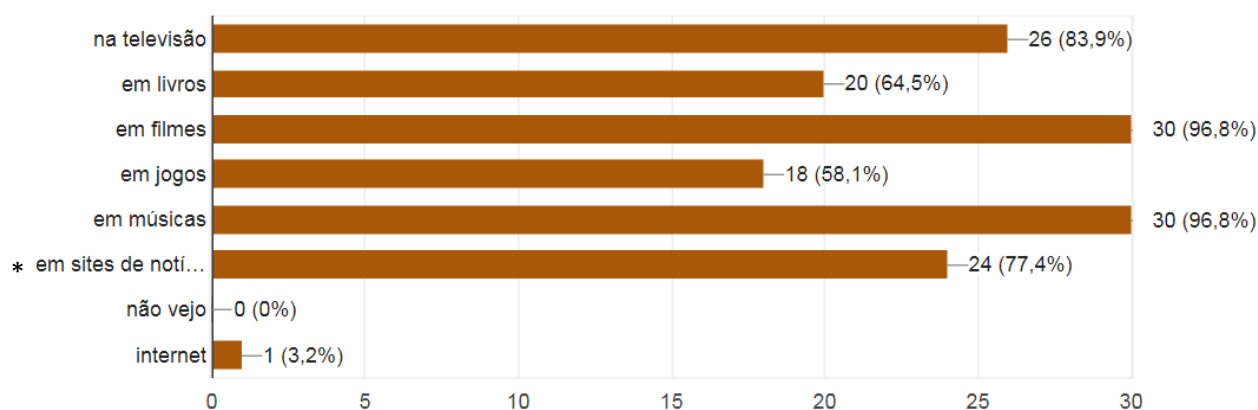
J – em aeroportos

K – Aulas

23. Onde você vê o inglês escrito ou falado?

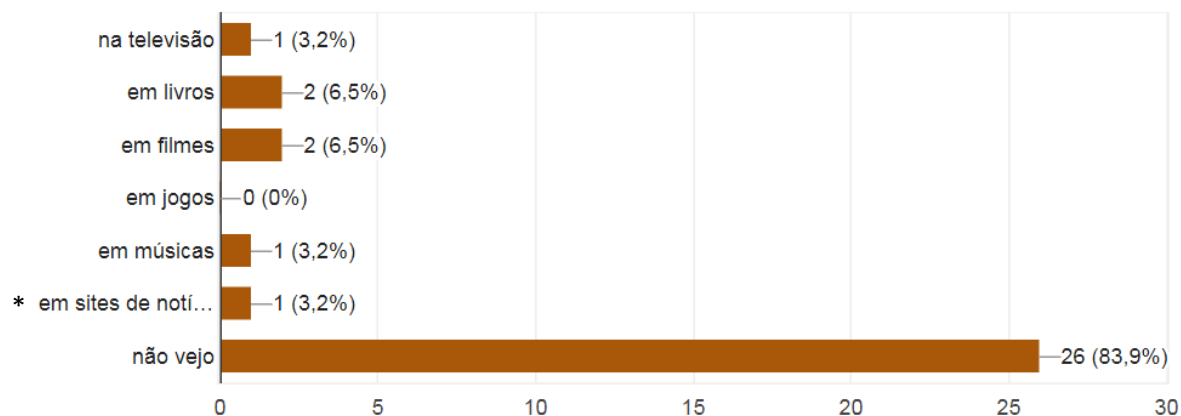
(31 respostas)

* em sites de notícias



24. Onde você vê o ucraniano escrito ou falado?

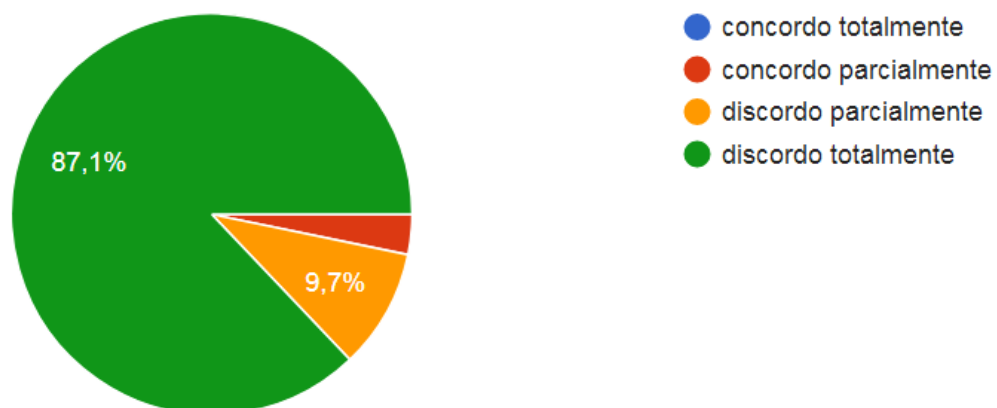
(31 respostas)



* em sites de notícias

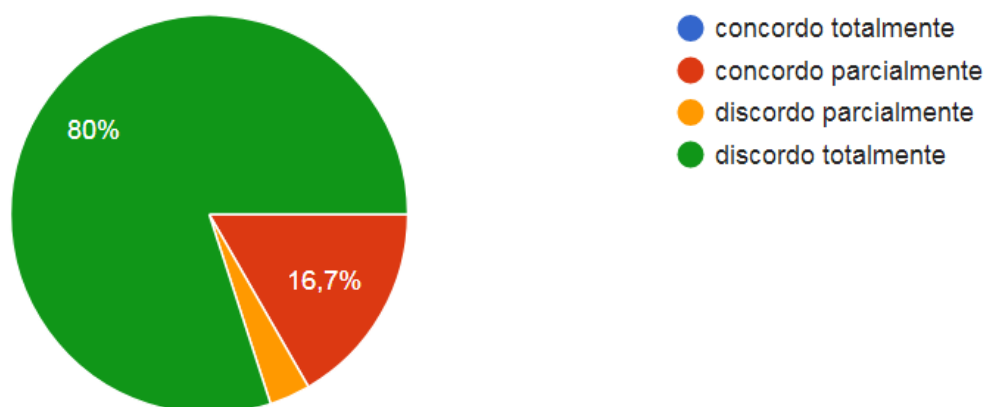
25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o guarani.

(31 respostas)



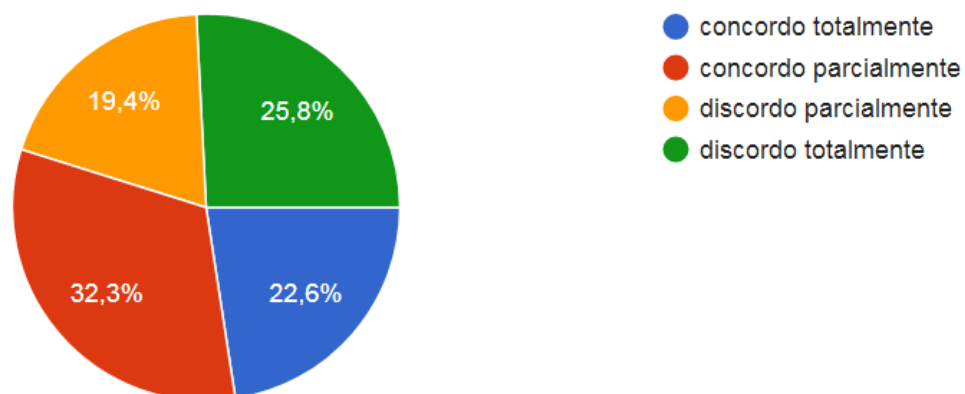
26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

(30 respostas)



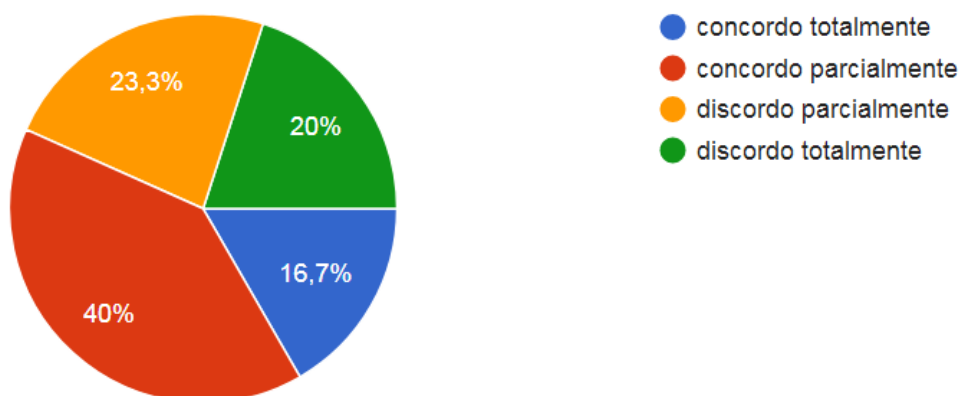
27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

(31 respostas)

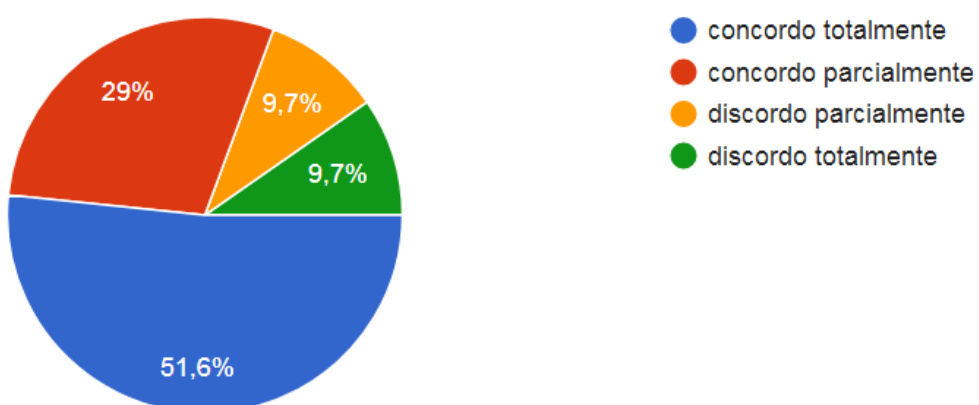


28. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.

(30 respostas)

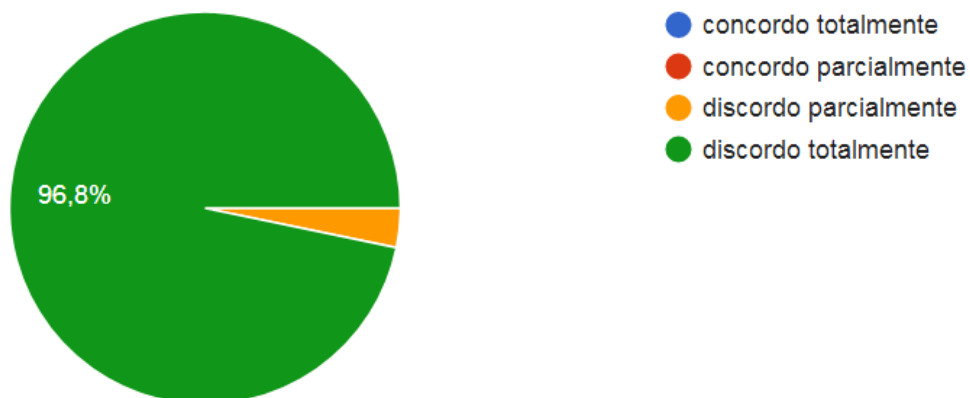
**29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.**

(31 respostas)



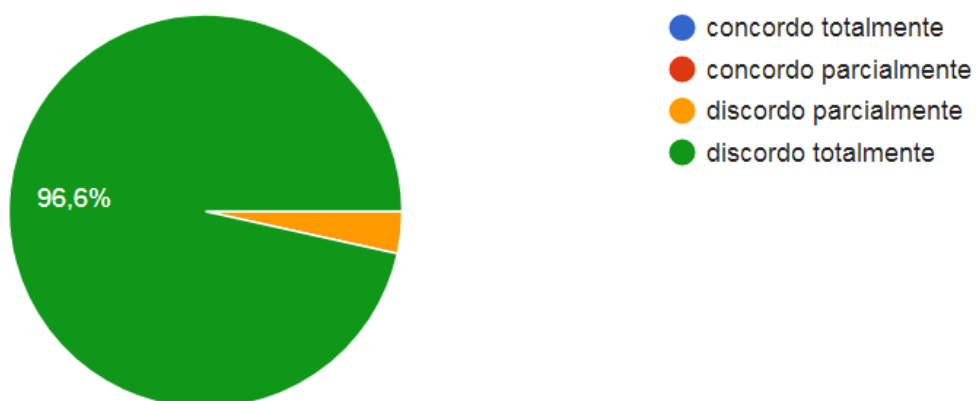
30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o guarani.

(31 respostas)

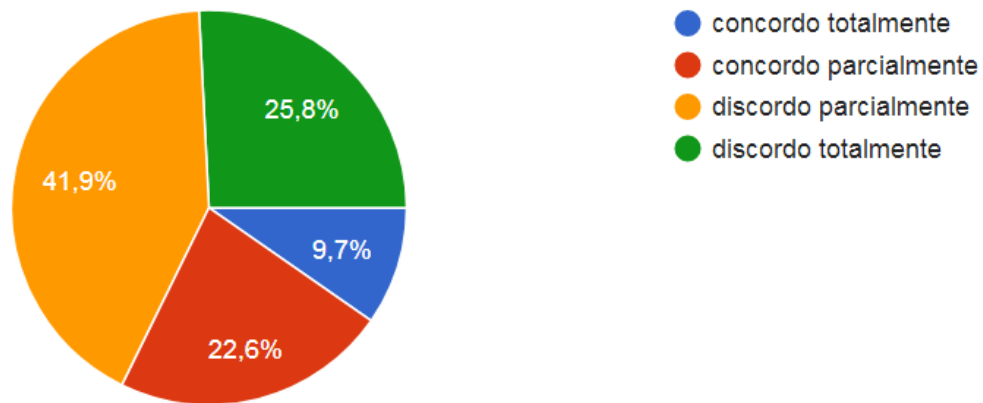


31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

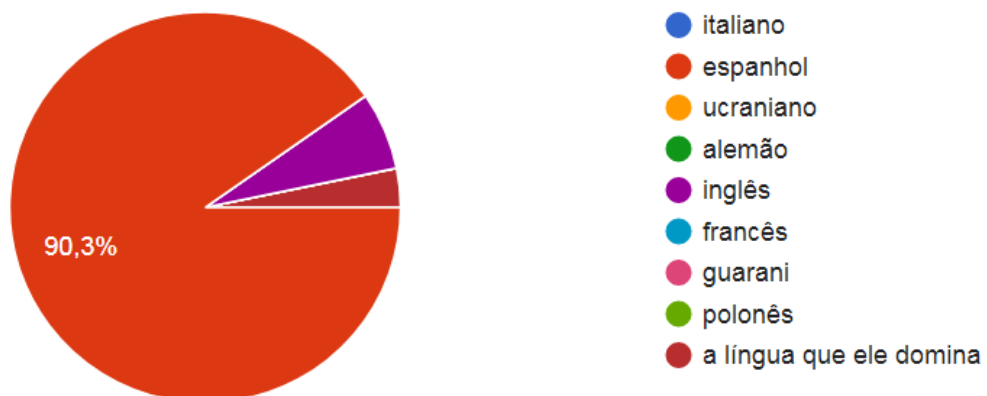
(29 respostas)



32. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.
(31 respostas)

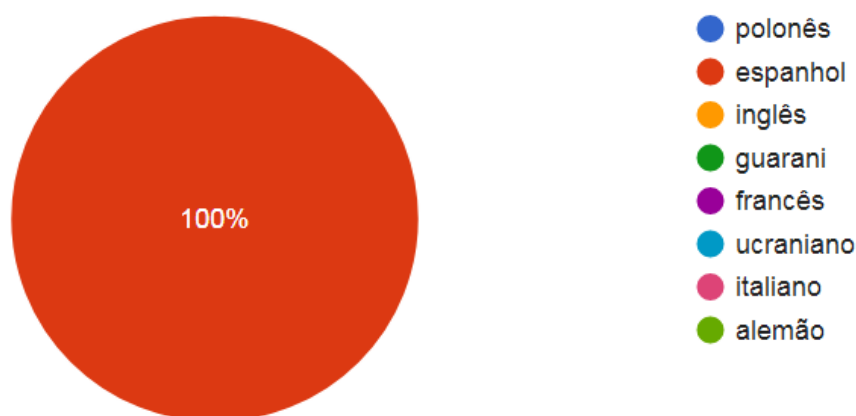


33. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua você acha que ele deveria fazer as palestras?
(31 respostas)



34. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo você preferiria ouvir a transmissão?

(31 respostas)



Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

(9 respostas)

Fazer valer a lei de 2005, referente ao aprendizado da língua espanhola

Hay algunas preguntas que para mí no tienen mucho sentido porque no formo parte de la red de enseñanza. Soy profesor nativo de español, con formación y experiencia de varios años en diferentes países y me dedico a dar clases de español en empresas, clases particulares, preparación de concursos, etc. Asimismo, el año pasado me asocié a la APEEPR con la intención de tener acceso a más información de cómo funciona el español en Paraná ya que aquí vivo desde hace unos pocos años.

Em relação ao ensino de línguas no Paraná deveria ocorrer maior oferta para os estudantes, ou seja, um ensino com mais abrangência. Quanto ao espanhol trata-se também de uma questão política dada a posição geográfica que o Brasil se encontra. As perguntas sobre maior oferta da língua portuguesa acho desnecessário, considerando a carga horária que já ocupa nos ensinos.

Acho que o Brasil deveria valorizar mais o espanhol, já que todos os países da América Latina o tem como língua mãe.

As perguntas de número 25 a 32 parecem-me mal formuladas. A língua que tem maior prestígio no Brasil (no Paraná ou qualquer estado) é o português, pois provavelmente 95% das pessoas não conhece outra língua. Creio que a pergunta deveria se referir à língua ESTRANGEIRA com maior prestígio.

A compreensão do idioma espanhol é facilitada pela proximidade com o português. Além de ser um esporte muito apreciado em países hispanofalantes o que permite um intercâmbio interessante de impressões sobre jogo.

Por ser a língua mais falada pelos países vizinhos, facilita muito a interação

Nas perguntas 13 e 14 meu facebook está ora em inglês ora em espanhol e isso me ajuda a conhecer um pouco mais essas línguas.

O Brasil, como país fronteiro de muitas países hispanohablantes, tem essa maior facilidades em comunicar-se com o idioma espanico ou castelhano.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso você tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).

(12 respostas)

xxxxxxx@yahoo.com.br

xxxxxxx @hotmail.com

Sí, por favor: xxxxxxx @gmail.com

xxxxxxx @gmail.com

xxxxxxx @gmail.com

contato@ xxxxxxx.com.br

xxxxxxx @hotmail.com <https://www.facebook.com/xxxxxxx>

xxxxxxx @yahoo.com.br

xxxxxxx @gmail.com

xxxxxxx @gmail.com

xxxxxxx @yahoo.com.br

xxxxxxx @hotmail.com face? xxxxxx xxxxx (xxxxxxx) Cel/Wtz: 11 11111111

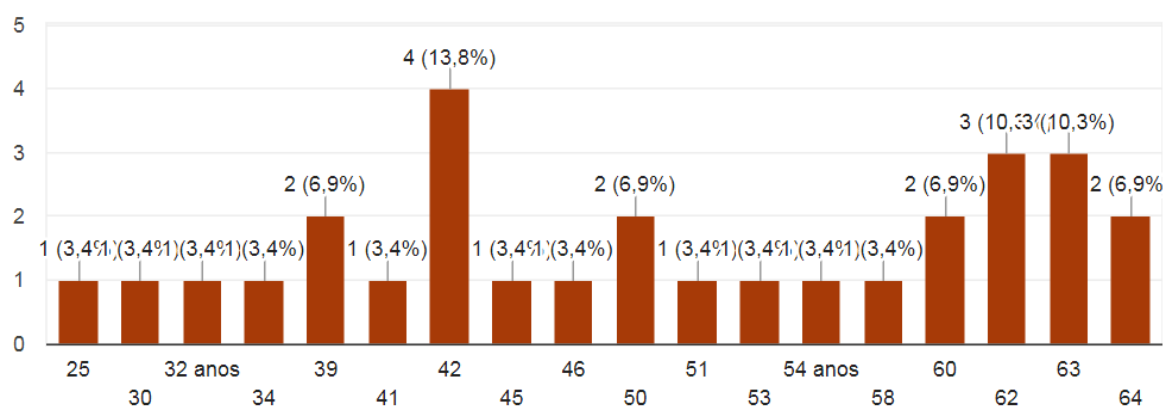
Respostas de CHEFES DE NRE DO PARANÁ

Total: 29 participantes

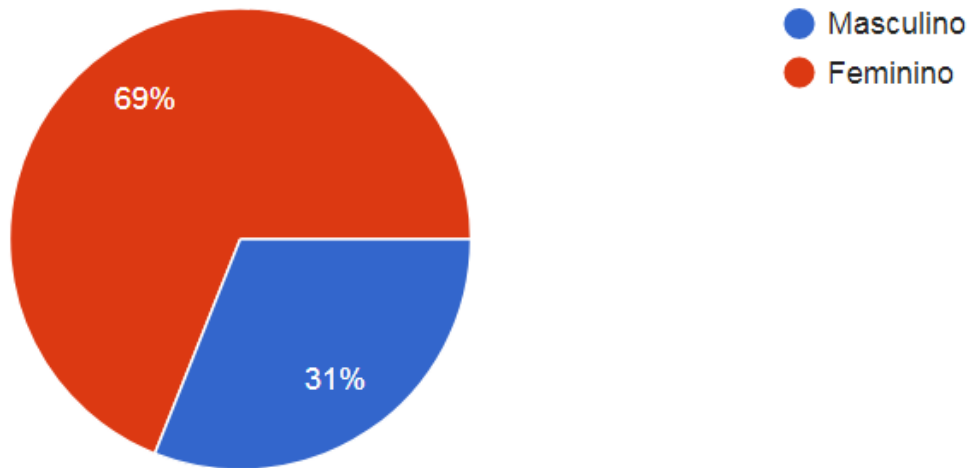
Concorda em participar da pesquisa?
(29 respostas)



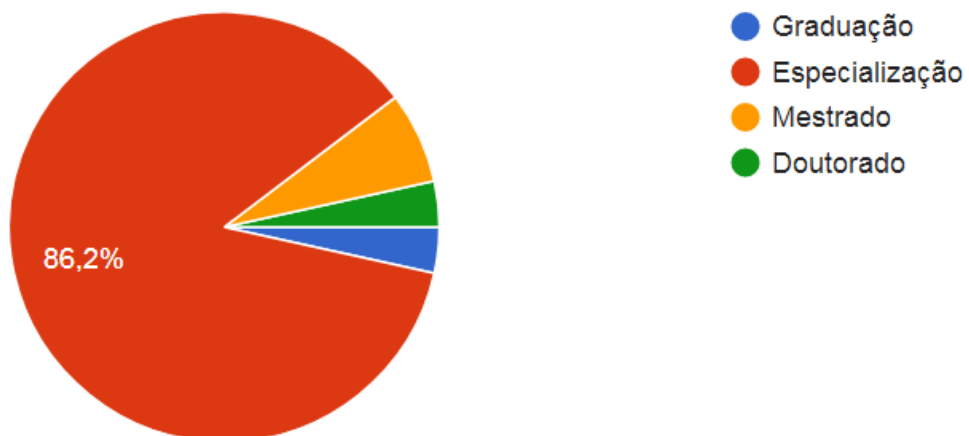
IDADE
(29 respostas)



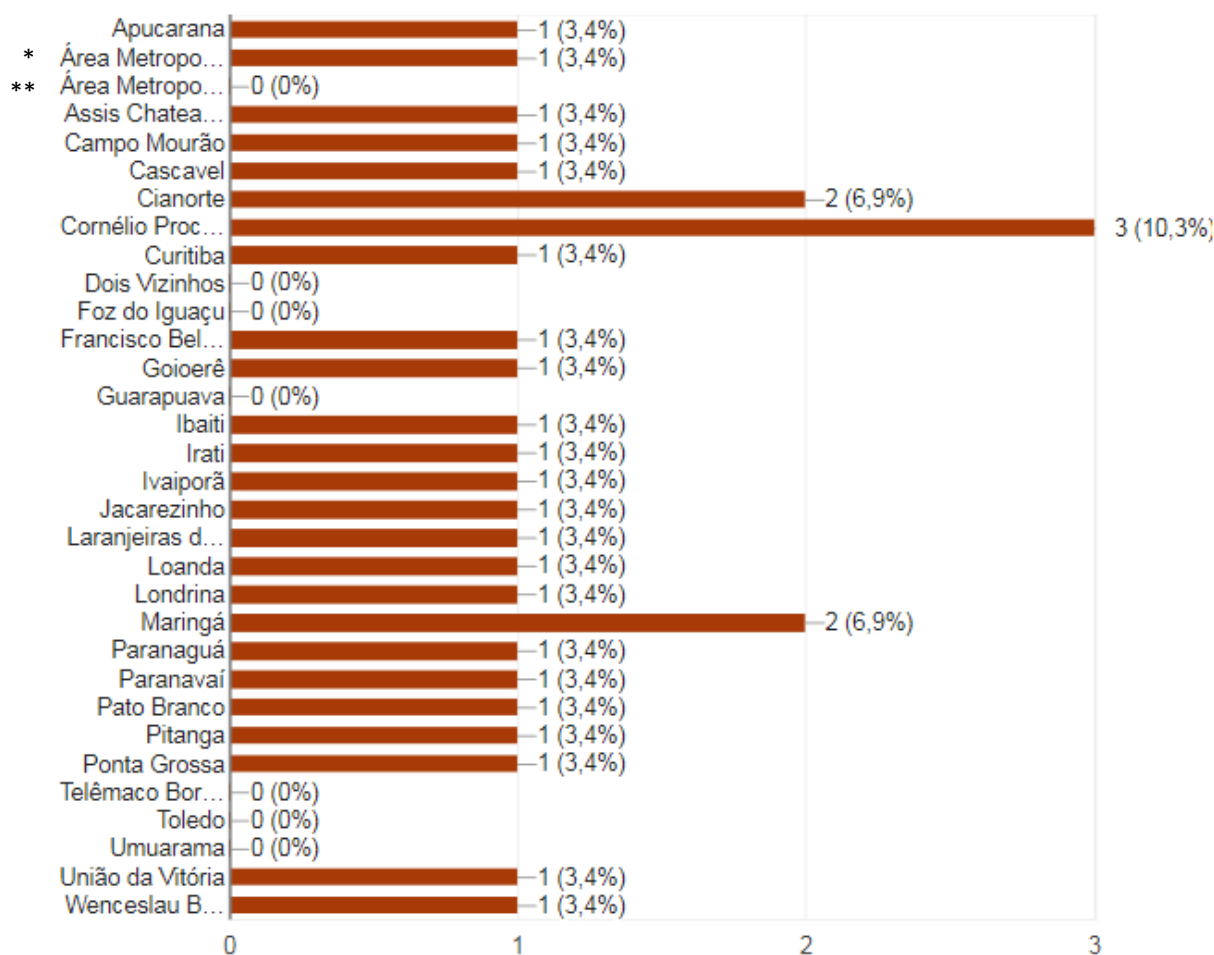
SEXO
(29 respostas)



FORMAÇÃO
(29 respostas)



Chefe do Núcleo Regional de Educação de:
(29 respostas)

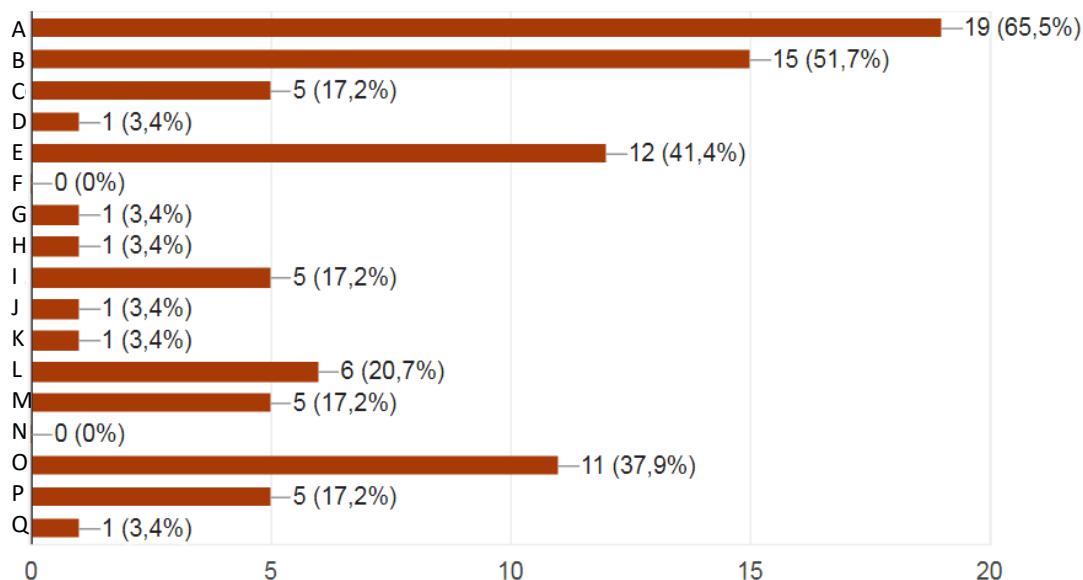


* Área Metropolitana Norte

** Área Metropolitana Sul

1. Qual(is) língua(s) estrangeira(s) o(a) senhor(a) conhece e qual(is) língua(s) estrangeira(s) você gostaria de conhecer? Pode marcar mais de uma opção.

(29 respostas)



A – Conhece espanhol

B – Conhece inglês

C – Conhece italiano

D – Conhece alemão

E – Conhece português

F – Conhece guarani

G – Conhece polonês

H – Conhece ucraniano

I – Conhece francês

J – Gostaria de conhecer alemão

K – Gostaria de conhecer guarani

L – Gostaria de conhecer italiano

M – Gostaria de conhecer espanhol

N – Gostaria de conhecer polonês

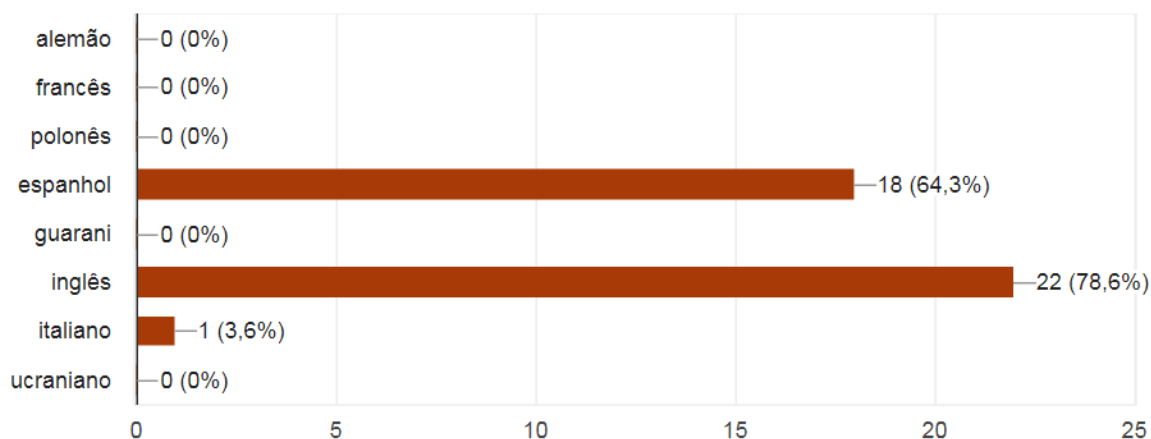
O – Gostaria de conhecer inglês

P – Gostaria de conhecer francês

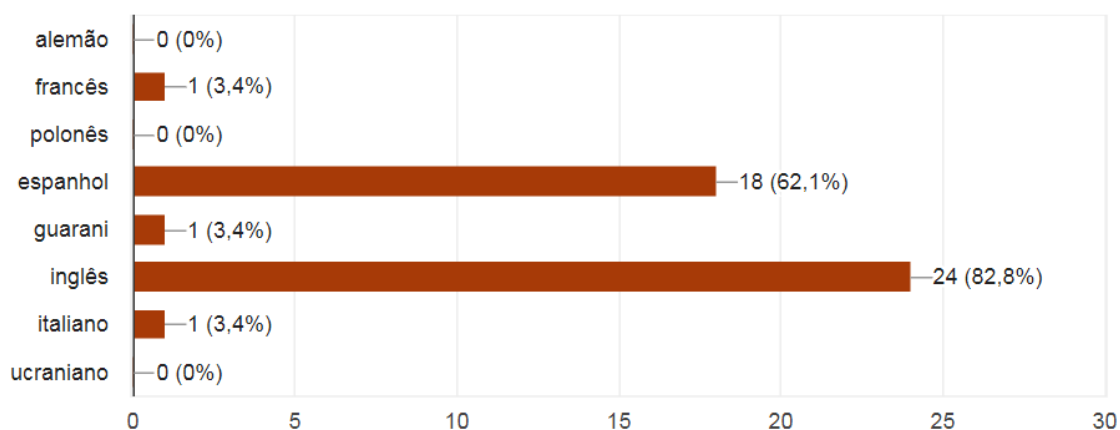
Q – Gostaria de conhecer ucraniano

2. Na sua opinião, no Paraná, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?

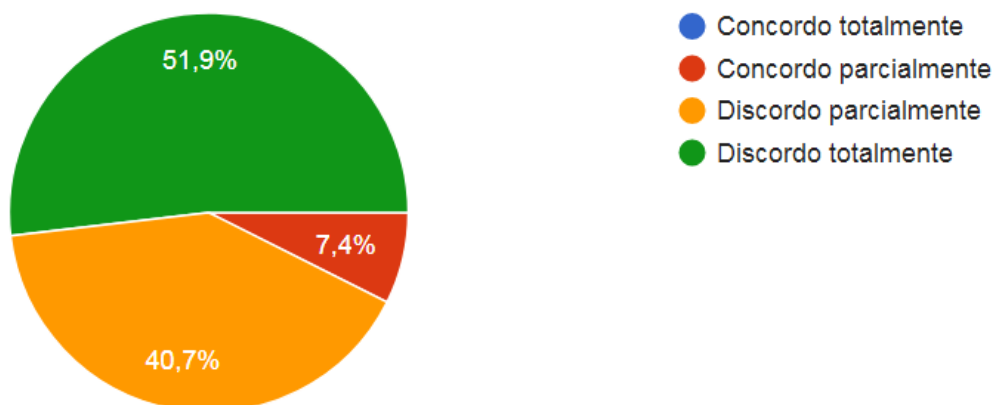
(29 respostas)



3. Na sua opinião, no Brasil, as sinalizações visuais (placas de trânsito, placas indicadoras de lugares públicos etc.) deveriam estar escritas em qual(is) língua(s), além do português?
(29 respostas)

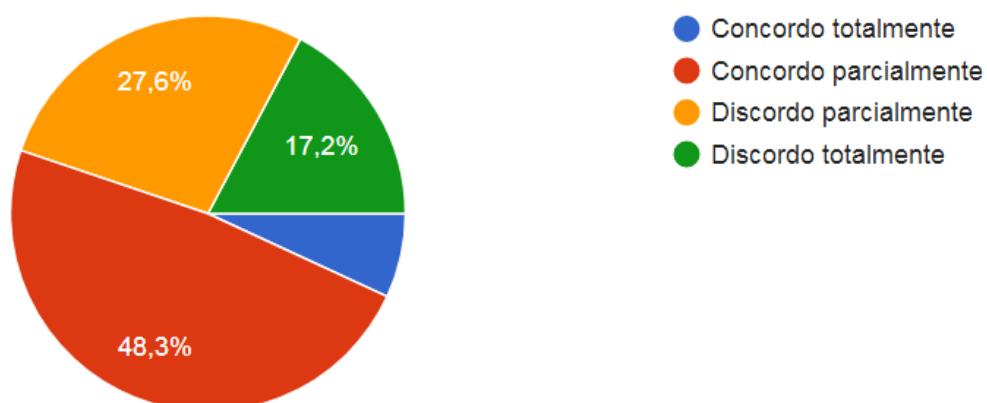


4. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?
(27 respostas)



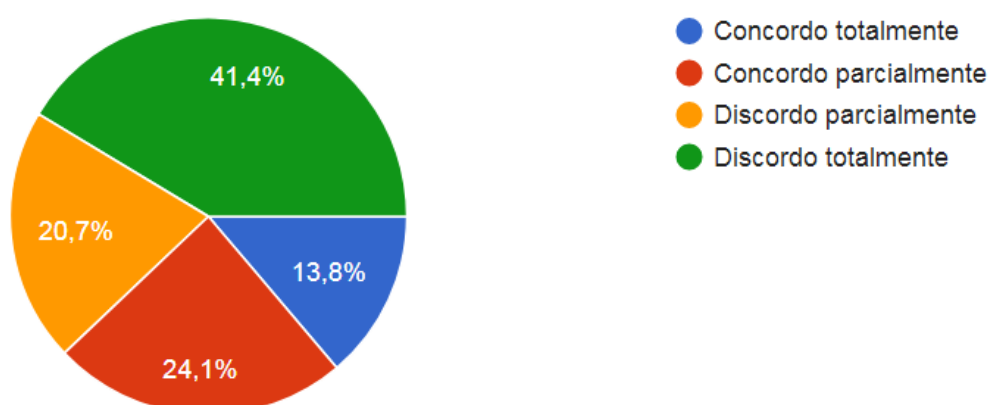
5. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua inglesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



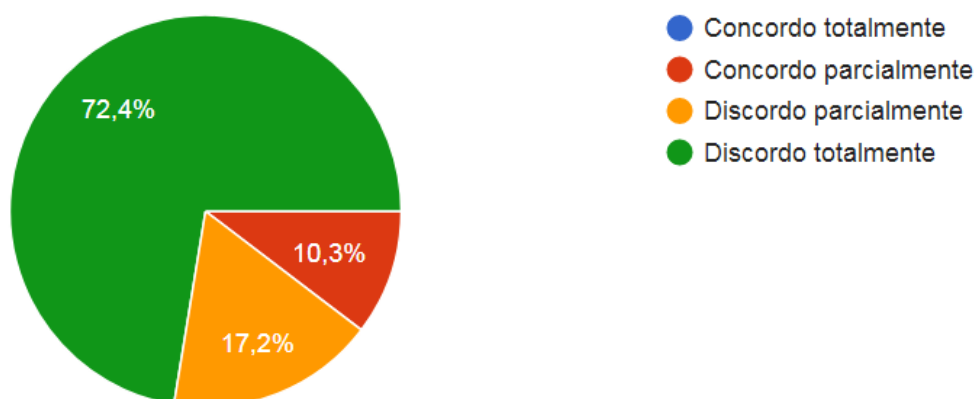
6. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por mais aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



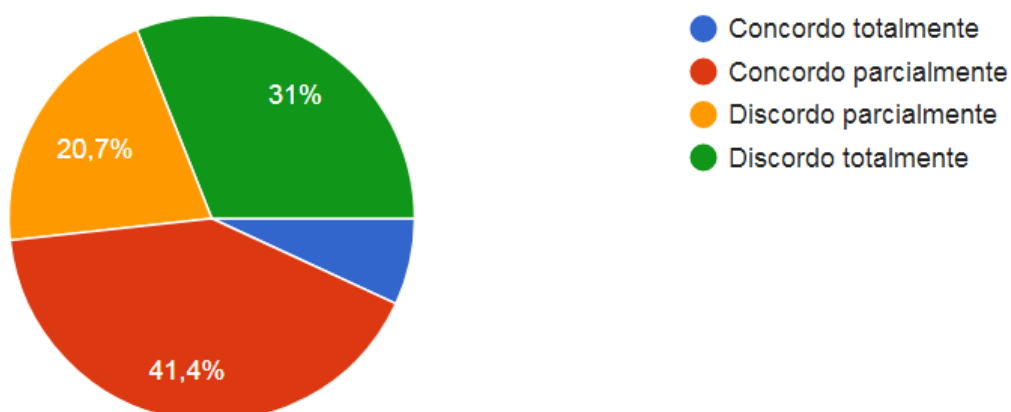
7. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua espanhola nas escolas paranaenses por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



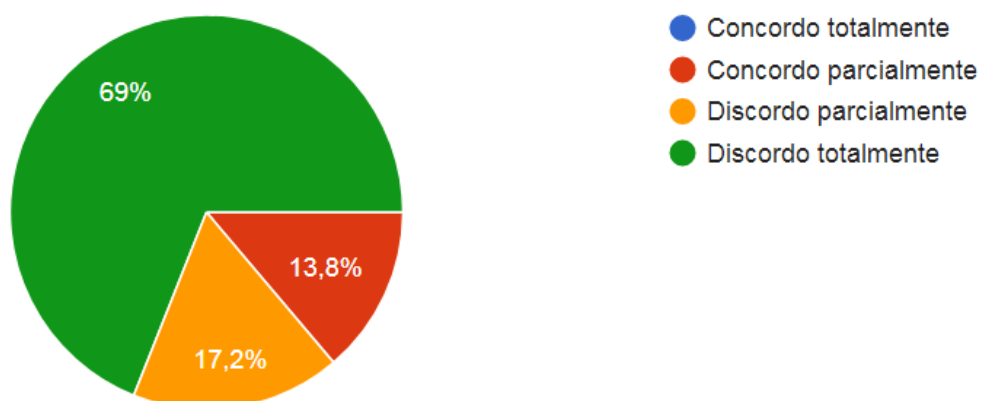
8. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua espanhola. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



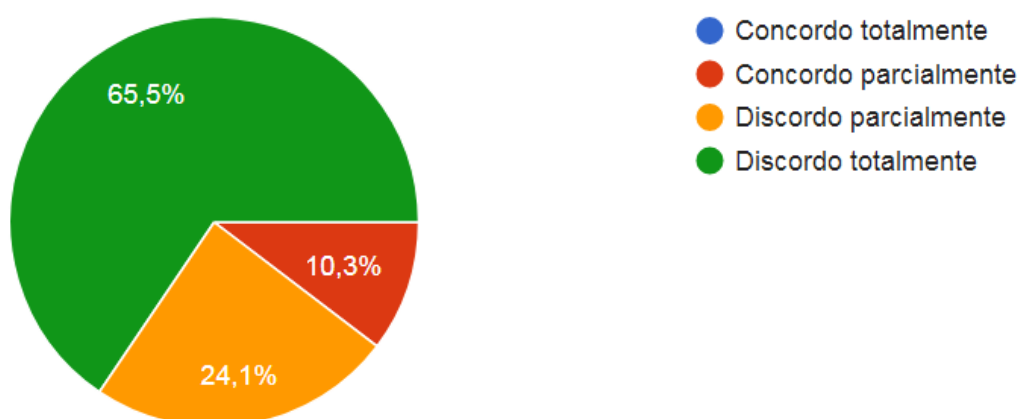
9. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua ucraniana. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



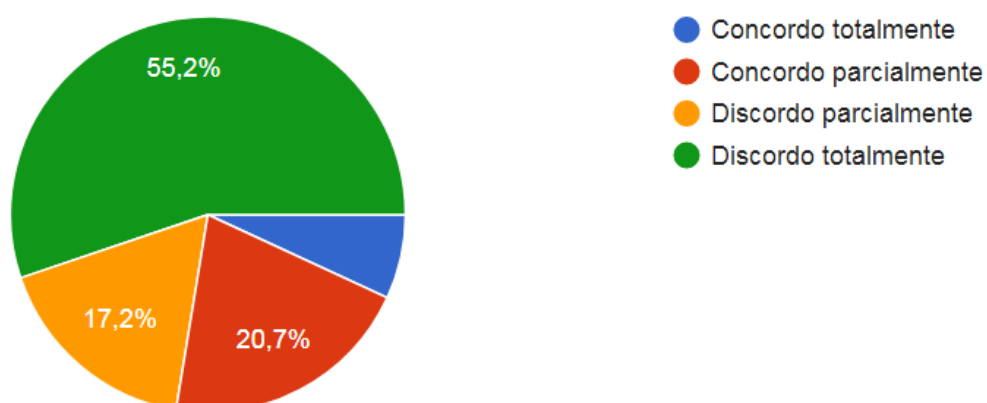
10. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de guarani. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



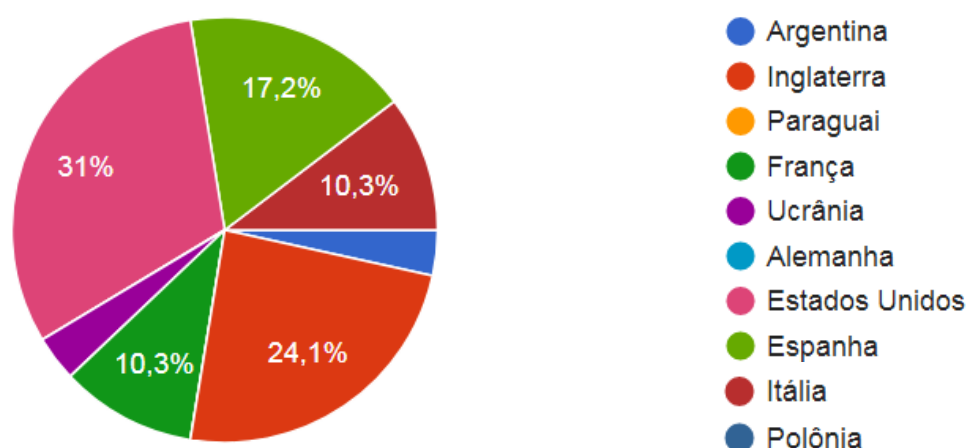
11. Imagine a seguinte situação: o(a) secretário(a) estadual de educação do Paraná pretende propor a substituição das aulas de língua inglesa nas escolas paranaenses por aulas de língua portuguesa. Qual a sua opinião sobre essa substituição?

(29 respostas)



12. Se o(a) senhor(a) ganhasse uma bolsa de estudos para aprender uma língua estrangeira em outro país, qual país você escolheria?

(29 respostas)



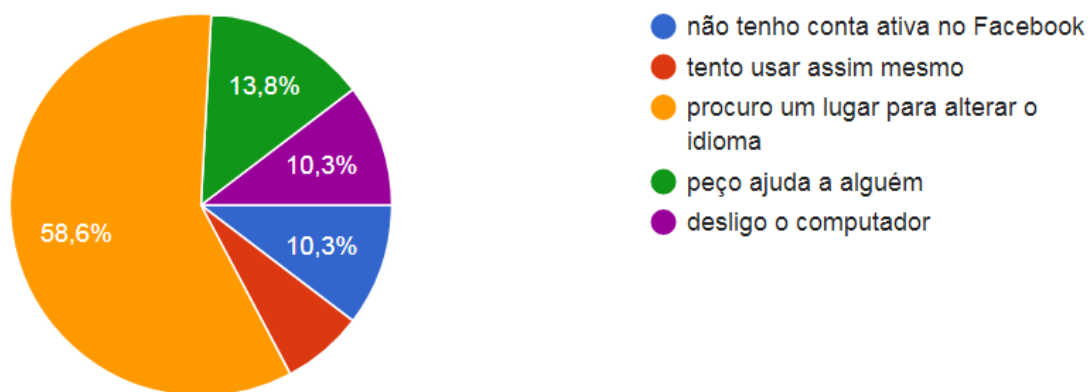
13. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em inglês. Qual a sua atitude diante dessa situação?
(29 respostas)



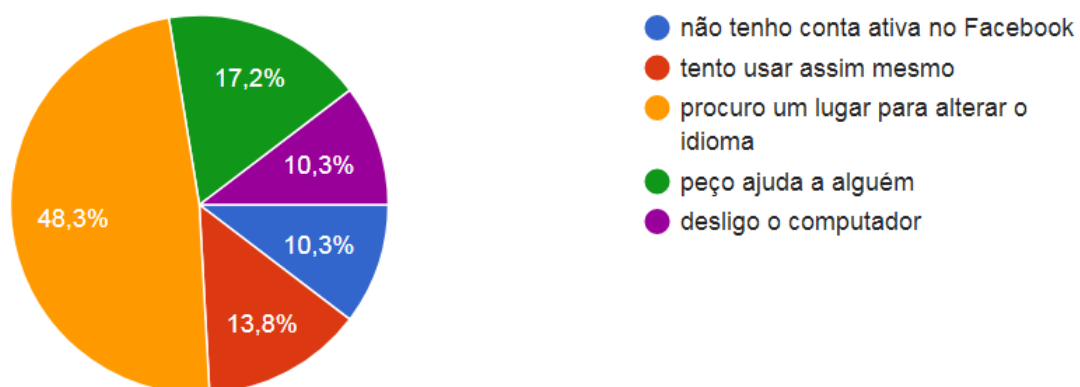
14. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em espanhol. Qual a sua atitude diante dessa situação?
(29 respostas)



15. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?
(29 respostas)

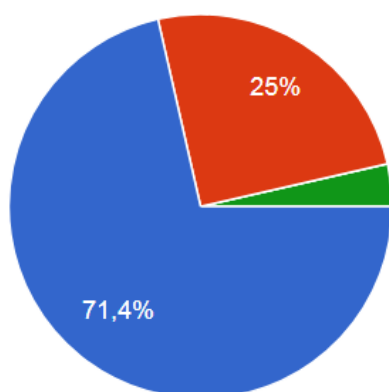


16. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga o seu computador para acessar o Facebook e tudo nele está em ucraniano. Qual a sua atitude diante dessa situação?
(29 respostas)



17. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua espanhola. Qual a sua atitude diante dessa situação?

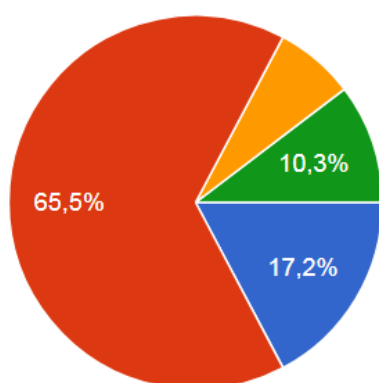
(28 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

18. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua ucraniana. Qual a sua atitude diante dessa situação?

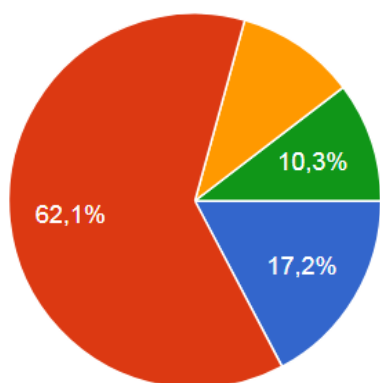
(29 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

19. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em guarani. Qual a sua atitude diante dessa situação?

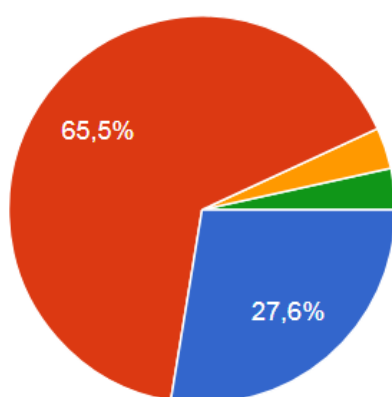
(29 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

20. Imagine a seguinte situação: o(a) senhor(a) liga a sua televisão para assistir a um jogo de futebol do seu time favorito e a transmissão está sendo feita em língua inglesa. Qual a sua atitude diante dessa situação?

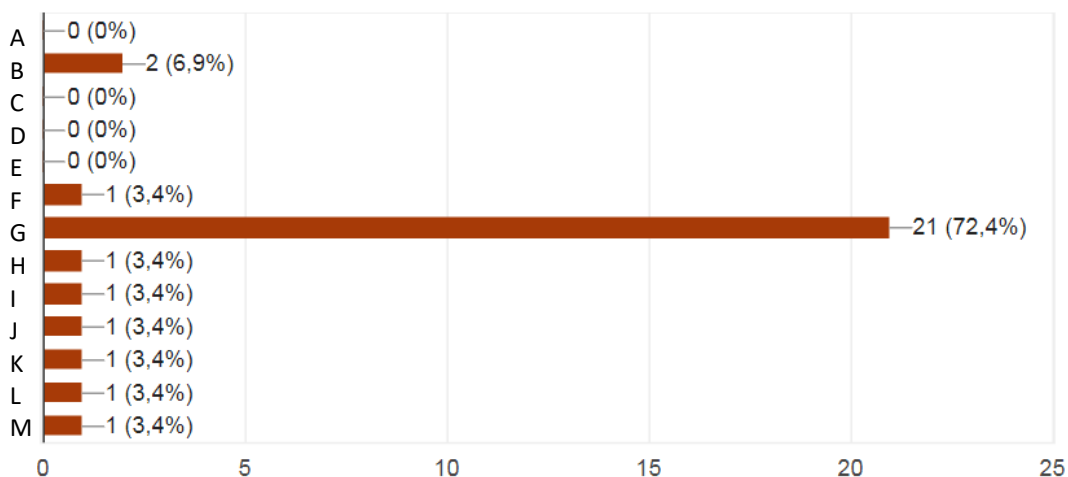
(29 respostas)



- tento assistir assim mesmo e compreender a narração
- procuro um outro canal que esteja transmitindo o jogo em português
- deixo a televisão sem volume e apenas vejo as imagens
- desligo a televisão

21. Onde o(a) senhor(a) vê o guarani escrito ou falado?

(29 respostas)



A – na televisão

B – em livros

C – em filmes

D – em jogos

E – em músicas

F – em sites de notícias

G – não vejo

H – Escolas Indígenas

I – algumas palavras que herdamos culturalmente

J – escolas indígenas

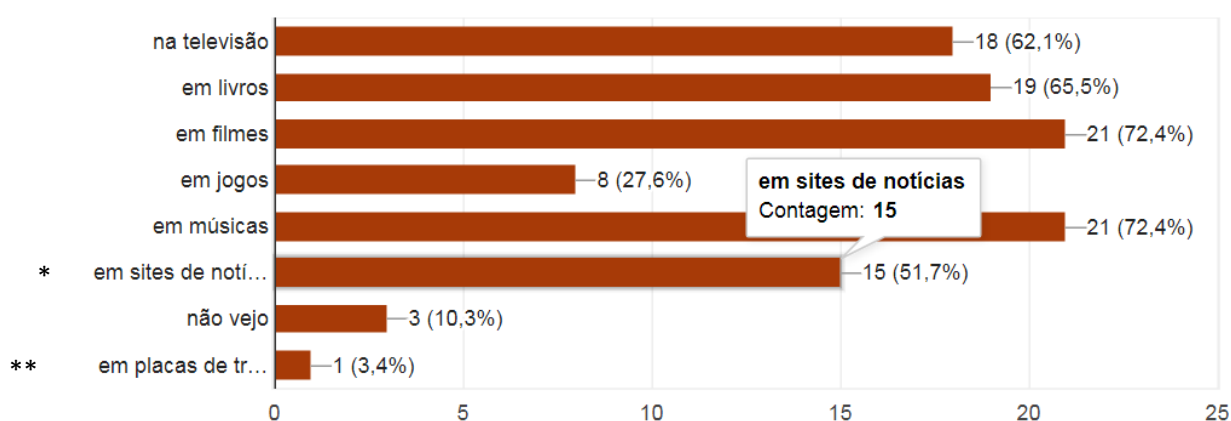
K – nas escolas indígenas do nosso NRE

L – escola indígena

M – Na minha cidade temos duas aldeias nas quais falam a língua citada acima

22. Onde o(a) senhor(a) vê o espanhol escrito ou falado?

(29 respostas)



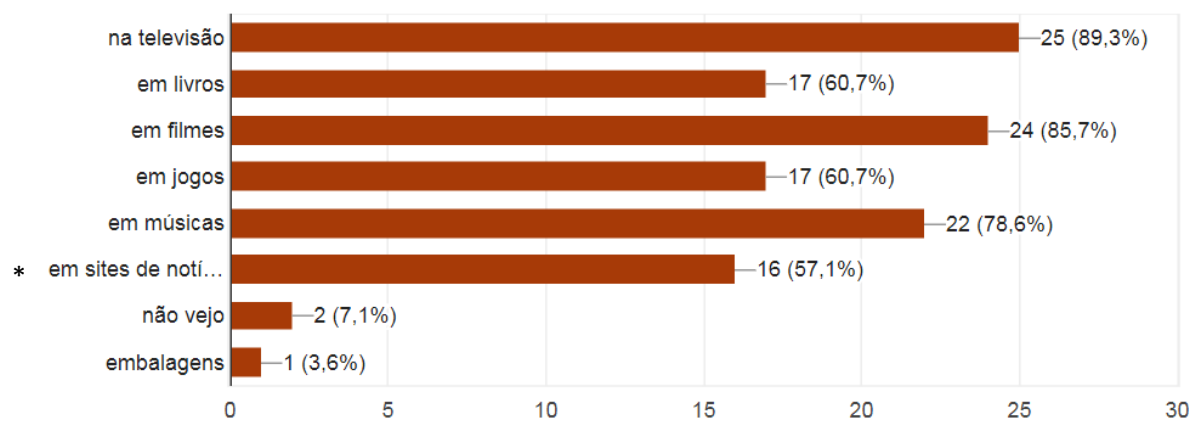
* em sites de notícias

** em placas de trânsito; embalagens de produtos

23. Onde o(a) senhor(a) vê o inglês escrito ou falado

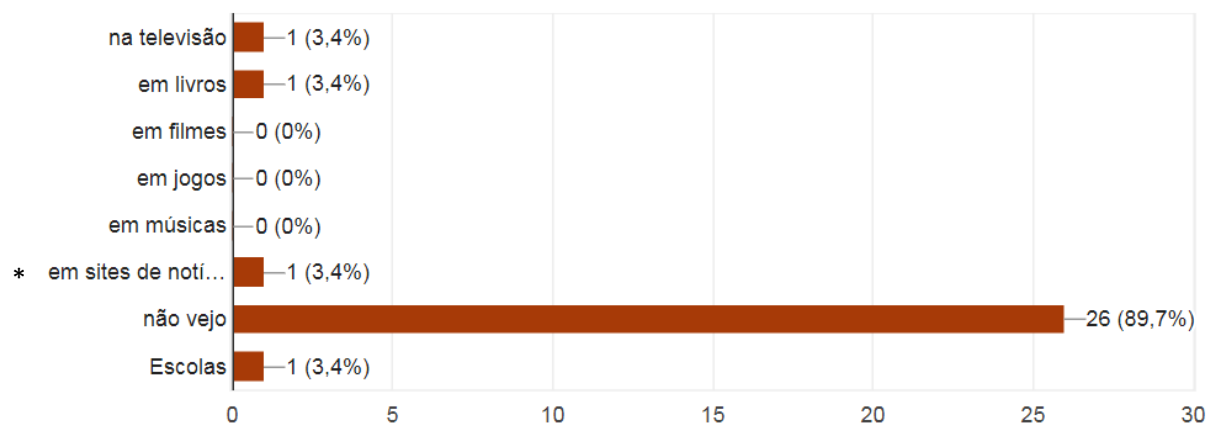
(28 respostas)

* em sites de notícias



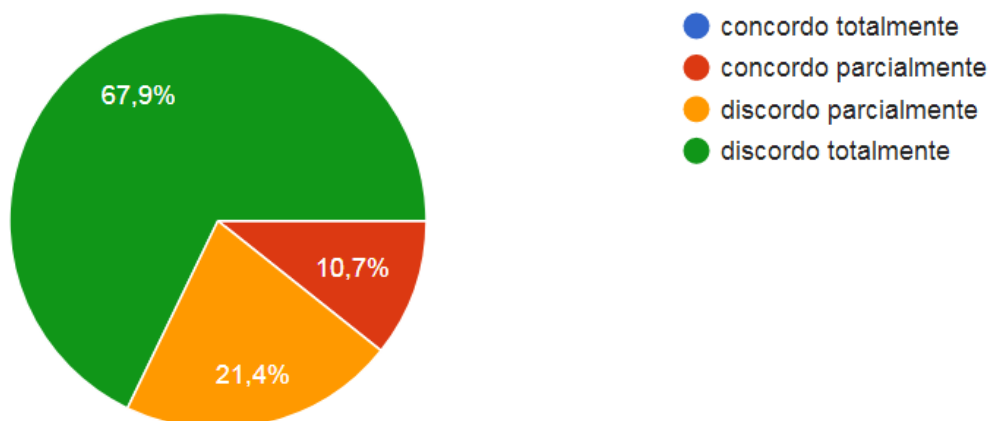
24. Onde o(a) senhor(a) vê o ucraniano escrito ou falado?

(29 respostas)

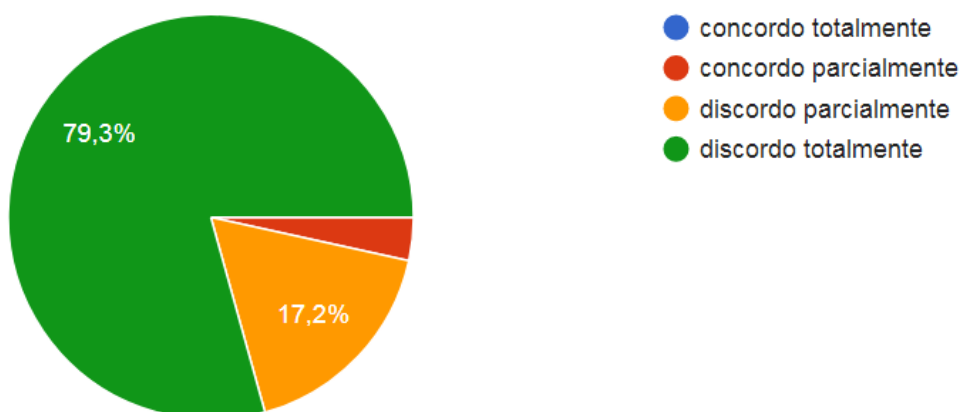


* em sites de notícias

25. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o guarani.
(28 respostas)

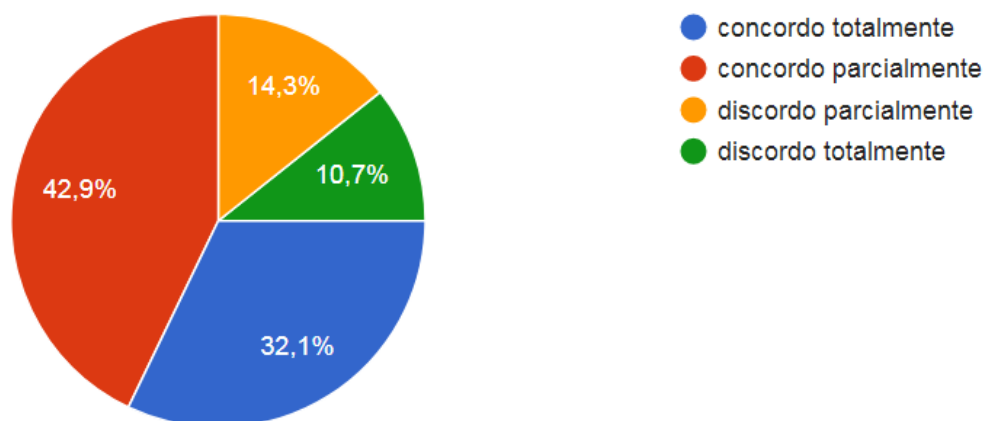


26. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.
(29 respostas)

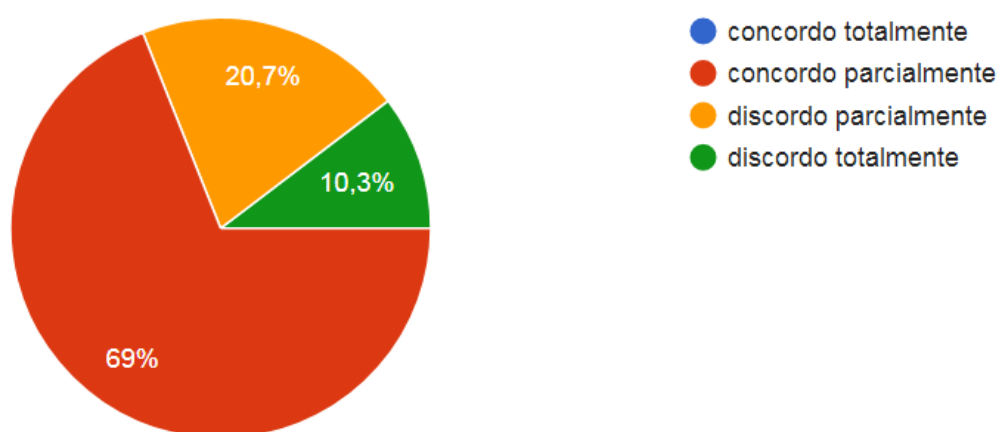


27. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o inglês.

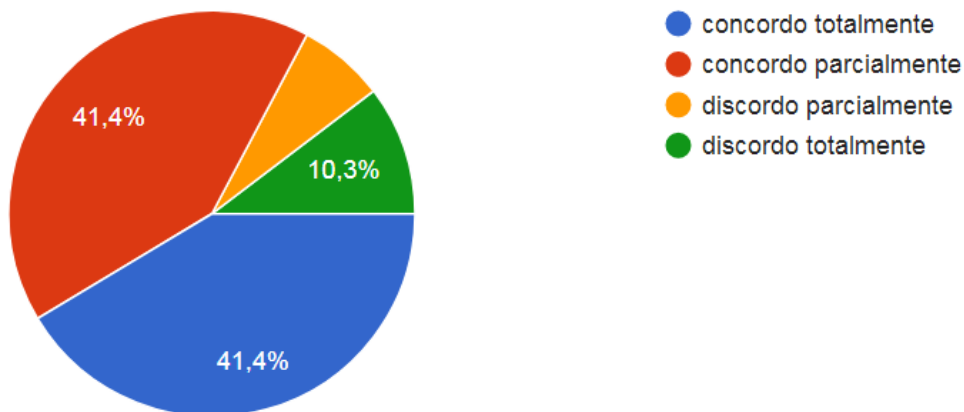
(28 respostas)

**28. No Paraná, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.**

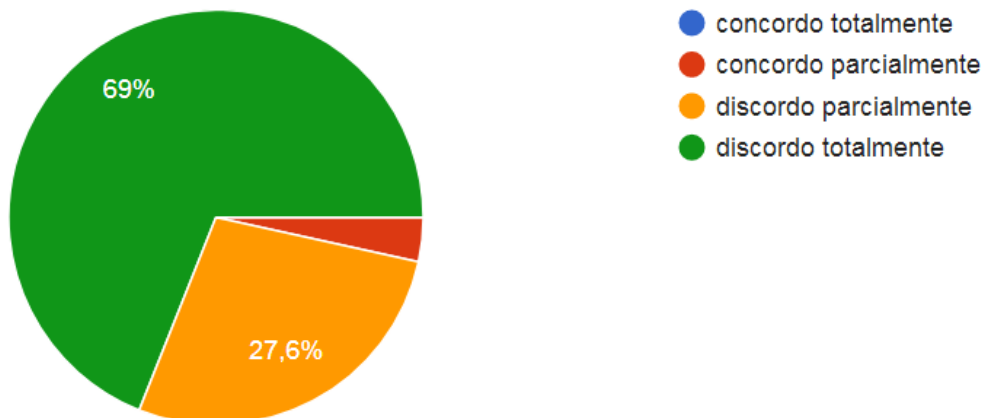
(29 respostas)



29. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o inglês.
(29 respostas)

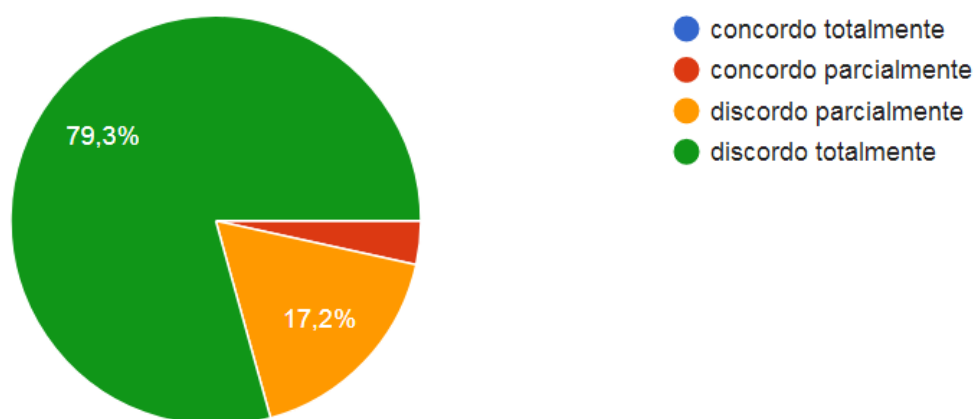


30. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o guarani.
(29 respostas)

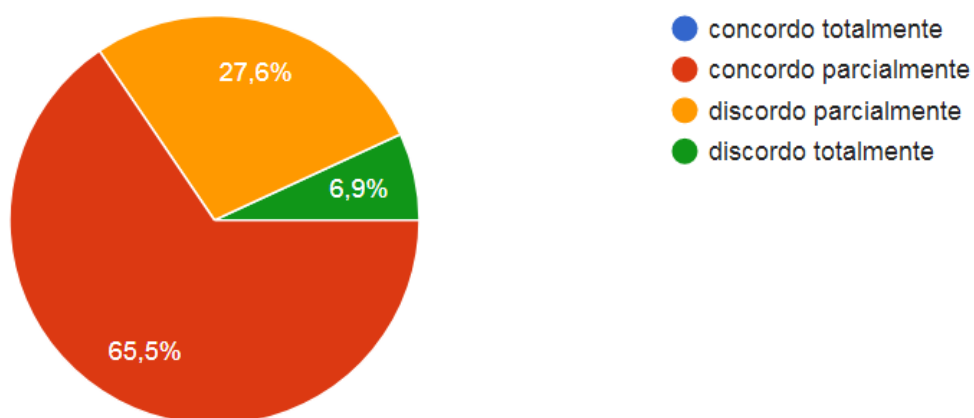


31. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o ucraniano.

(29 respostas)

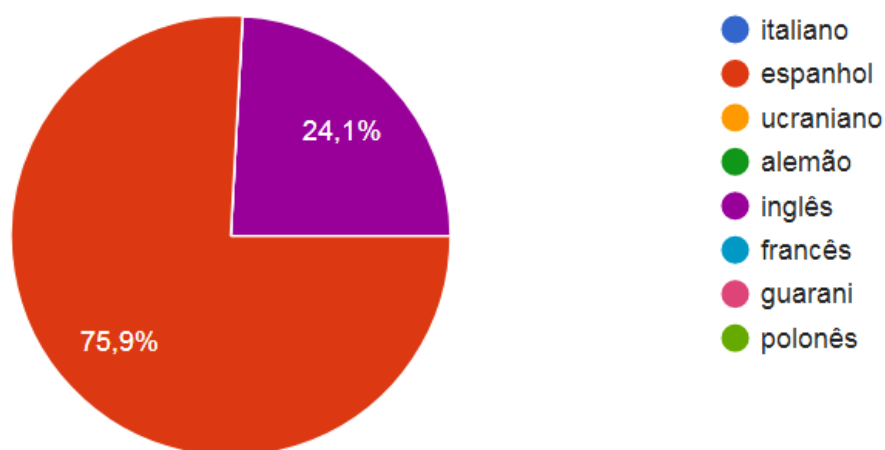
**32. No Brasil, a língua que tem maior prestígio é o espanhol.**

(29 respostas)



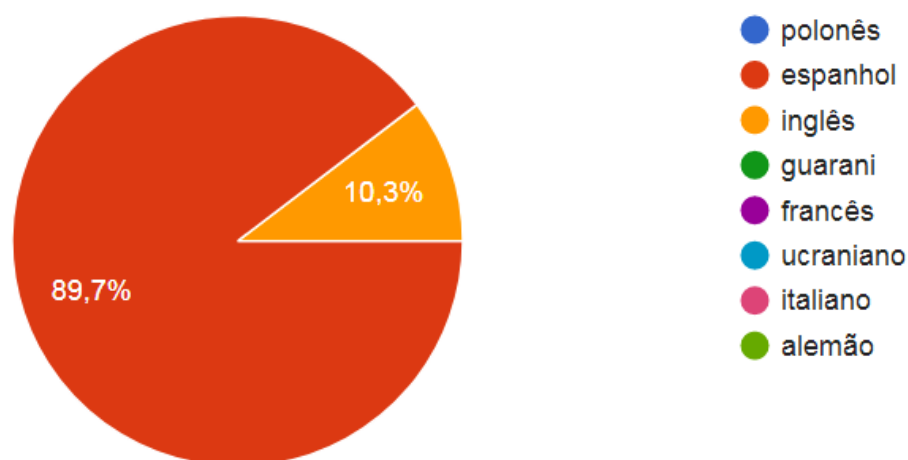
33. Imagine a seguinte situação: num sorteio, o Paraná foi contemplado com uma série de conferências internacionais sobre meio ambiente e elas serão ministradas por um palestrante famoso que não é falante de português. Nesse caso, em qual língua o(a) senhor(a) acha que ele deveria fazer as palestras?

(29 respostas)



34. Sabe-se que o futebol é o esporte mais popular no Brasil e a seleção brasileira de futebol é motivo de paixão para muitos brasileiros. Imagine que, por algum motivo específico, não é possível ouvir em português a transmissão de uma partida da seleção brasileira de futebol. Na sua opinião, em qual das línguas abaixo o(a) senhor(a) preferiria ouvir a transmissão?

(29 respostas)



Caso queira justificar alguma(s) resposta(s) ou fazer comentários, use este espaço.

(7 respostas)

A preponderância da utilização da língua inglesa é perceptível em todos os seguimentos.

Faço referência a Língua Polonesa pois já residi e estudei na Polônia.

O NRE de Paranaguá tem sob sua jurisdição algumas Escolas de Educação Indígena em determinadas aldeias. A maioria da etnia guarani e uma da etnia kaingang.

Muito interessante sua pesquisa. O guarani deveria ser ensinado no Brasil pelo valor identitário que possui.

Em várias respostas sinalizei "concordo parcialmente" mtendo em vista o local, a região onde ela é aplicada.

Acredito que o espanhol e o inglês são essenciais para nossos jovens. Por isso, gostaria que o ensino de línguas fosse mais valorizado nas escolas. Em especial, o espanhol visto que o nosso país faz divisa com tantos países hispano-falantes.

As discordâncias quanto a oferta de línguas diferentes, se deve ao fato de não haver profissional qualificado para ministrar as aulas.

Um questionário como este, às vezes, não traduz o porquê de certas respostas. Desse modo, caso o(a) senhor(a) tenha interesse em participar de outra fase desta pesquisa, por favor, escreva abaixo um contato (e-mail ou telefone ou facebook).

(4 respostas)

xxxxxx@xxxxxx.com

xxxxxx@gmail.com

xxxxxx@hotmail.com

xxxxxx@hotmail.com